

AUTOR BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TERRY GOODKIND



A ALMA DO FOGO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

– As chamas criaram bolhas na carne dela, até que o grito saindo com toda força dos seus pulmões soou como o lamento das almas perdidas no mundo dos mortos. Dalton ficou dormente, observando, só então percebendo que as mãos dele estavam segurando sua cabeça, e ele também estava gritando... –

A Espada da Verdade
A Alma do Fogo



TERRY GOODKIND

Título original:
Soul of the Fire

Tradução não oficial:
Eduardo A. Chagas Jr (edujr@ibest.com.br)

Formatação e capa:
LeYtor

CAPÍTULO 1



– O que deve estar incomodando as galinhas? – Richard falou.

Kahlan encostou mais contra o ombro dele.

– Talvez agora o seu avô esteja perturbando elas também. – Quando ele não respondeu, ela levantou a cabeça, olhando para o rosto dele na luz fraca da fogueira. Ele estava observando a porta. – Ou talvez elas estejam irritadas porque mantivemos elas acordadas a maior parte da noite.

Richard sorriu e beijou a testa dela. O leve cacarejar do outro lado da porta havia cessado. Sem dúvida as crianças da aldeia, ainda brincando na celebração do casamento, assustaram as galinhas de seu poleiro favorito no muro baixo do lado de fora da Casa dos Espíritos. Ela falou isso.

Leves sons de risadas distantes, conversas, e cantoria flutuavam dentro do tranquilo santuário deles. O cheiro de varetas de bálsamo que sempre eram queimadas na lareira da Casa dos Espíritos misturava-se com o odor de suor gerado com a paixão, e ao aroma doce apimentado de pimentas e cebolas assadas. Kahlan observou a luz do fogo refletindo nos olhos cinzentos dele durante um momento antes de deitar nos seus braços para ser embalada suavemente nos sons dos tambores e marimbas. Raquetes subiam e desciam por sulcos talhados nas marimbas ocas em forma de sino, produzindo uma estranha melodia fantasmagórica que espalhava-se através da solidão da Casa dos Espíritos em seu caminho até os

campos, dando as boas vindas na celebração para os espíritos ancestrais.

Richard esticou-se para o lado e pegou um pedaço redondo achatado do Pão de Tava da bandeja que Zedd, seu avô, havia levado para eles.

– Ainda está quente. Quer um pouco?

– Ficou entediado com sua nova esposa tão cedo, Lorde Rahl?

A risada de Richard fez surgir um sorriso nos lábios dela.

– Nós realmente estamos casados, não estamos? Não foi apenas um sonho, foi?

Kahlan adorava a risada dele. Tantas vezes ela rezou aos bons espíritos para que ele pudesse rir novamente, para que os dois pudessem.

– Apenas um sonho que se realizou. – ela murmurou. Ela desviou a atenção dele do Pão de Tava para dar um beijo longo.

A respiração dele acelerou enquanto agarrava ela em seus braços fortes. Ela deslizou as mãos pelos músculos suados dos largos ombros para esfregar os dedos nos seus cabelos enquanto gemia na boca dele.

Foi aqui, na Casa dos Espíritos do Povo da Lama, em uma noite que agora parecia a vidas de distância, que ela percebeu pela primeira vez que estava apaixonada por ele, mas precisava manter seus sentimentos proibidos em segredo. Foi durante aquela visita, depois da batalha, esforço, e sacrifício, que eles foram aceitos dentro da comunidade desse povo distante. Em uma outra visita, foi aqui na Casa dos Espíritos, depois que Richard realizou o impossível e quebrou o feitiço da proibição, que ele a pediu em casamento. E agora eles finalmente passaram a noite de seu casamento na Casa dos Espíritos do Povo da Lama.

Embora tivesse sido por amor e apenas por amor, o casamento deles também era uma união formal de Midlands e D'Hara. Se tivessem casado em qualquer uma das grandes cidades de Midlands,

o evento sem dúvida teria sido um espetáculo de esplendor sem paralelo. Kahlan tinha experiência com esplendor. Essas pessoas ingênuas entendiam a sinceridade e as razões simples para que eles desejassem o casamento. Ela preferia o casamento alegre que tinham celebrado entre pessoas ligadas a eles em seus corações, do que um frio espetáculo.

Entre o Povo da Lama, que viviam nas dificuldades das planícies das terras selvagens, uma celebração assim era uma rara oportunidade de reunir a alegria, para festejar, para dançar, e para contar histórias. Kahlan não conhecia nenhum outro caso em que um forasteiro fosse aceito como Povo da Lama, então um casamento assim era um acontecimento sem precedentes. Ela suspeitou que isso se tornaria parte da cultura deles, a história repetida em futuras reuniões por dançarinos vestidos com elaboradas roupas feitas com grama e peles, seus rostos pintados com máscaras de lama preta e branca.

– Realmente acredito que você está se aproveitando de uma garota inocente com seu toque mágico. – ela o provocou, sem fôlego. Estava começando a esquecer o quanto as pernas dela estavam fracas e cansadas.

Richard girou, deitando de costas para recuperar o fôlego.

– Você acha que deveríamos ir lá fora e ver o que Zedd está planejando?

Brincando, Kahlan bateu levemente nas costelas dele com a costa da mão.

– Ora, Lorde Rahl, acho que você está mesmo entediado com a sua nova esposa. Primeiro as galinhas, depois o Pão de Tava, e agora o seu avô.

Richard estava observando a porta novamente.

– Sinto o cheiro de sangue.

Kahlan sentou.

– Provavelmente algum gamo trazido por um grupo de caça. Se realmente houvesse algum problema, Richard, nós saberíamos. Temos pessoas montando guarda. Na verdade, toda a aldeia está de olho em nós. Ninguém poderia passar pelos caçadores do Povo da Lama sem ser visto. Pelo menos haveria um alarme e todos saberiam a respeito.

Ela não tinha certeza se ele ao menos tinha escutado. Estava imóvel como rocha, sua atenção concentrada na porta. Quando os dedos de Kahlan deslizaram subindo no braço dele e sua mão pousou suavemente no seu ombro, seus músculos finalmente relaxaram e ele virou para ela.

– Você tem razão. – o sorriso dele foi como um pedido de desculpas. – Acho que não estou conseguindo relaxar.

Durante quase toda sua vida, Kahlan havia trilhado os corredores do poder e autoridade. Desde uma tenra idade ela foi disciplinada na responsabilidade e obrigação, e ensinada sobre as ameaças que sempre estavam em sua sombra. Ela estava bastante forte para encarar tudo isso quando foi convocada para liderar a aliança de Midlands.

Richard cresceu de forma muito diferente, e tinha seguido sua paixão pela sua terra natal com florestas tornando-se um guia florestal. Tumultos, testes, e o destino lançaram ele dentro de uma nova vida como líder do Império D’Haran. A vigilância era sua valorosa aliada e era difícil deixá-la de lado.

Ela viu a mão dele deslizar distraidamente sobre as roupas. Estava procurando a sua espada. Teve que viajar até a aldeia do Povo da Lama sem ela.

Incontáveis vezes, tinha visto ele, distraidamente, sem pensamento consciente, procurar assegurar a si mesmo que ela estava ao alcance da mão. Ela fora sua companheira durante meses, através de provações com mudanças, tanto dele, quanto do seu

mundo. Era sua protetora, e ele, em troca, era o protetor daquela espada singular e do posto que ela representava.

De certo modo, a Espada da Verdade era apenas um talismã. Era a mão que empunhava a espada que era o poder; como *Seeker* da verdade, ele era a verdadeira arma. De algumas maneiras, ela era apenas um símbolo do posto dele, assim como o vestido branco especial era um símbolo do posto dela.

Kahlan curvou-se e beijou-o. Os braços dele voltaram para ela. Alegremente, puxou-o para cima dela novamente.

– Então, qual é a sensação de estar casado com a Madre Confessora?

Ele ficou apoiado sobre um cotovelo ao lado dela e olhou dentro dos seus olhos.

– Maravilhosa. – ele murmurou. – Maravilhosa e inspiradora. E cansativa. – Com um dedo, ele acariciou a linha da mandíbula dela. – E qual é a sensação de estar casada com o Lorde Rahl?

Uma leve risada escapou. – Pegajosa.

Richard riu e enfiou um pedaço de Pão de Tava dentro da boca de Kahlan. Ele sentou e colocou a bandeja de madeira cheia entre eles. Pão de Tava, feito de raízes de Tava, era bastante consumido entre o Povo da Lama. Servido junto com quase toda refeição, era comido sozinho, enrolado em outras comidas, e usado como concha para mingau e cozidos. Assado como biscoitos, era levado em caçadas longas.

Kahlan bocejou quando se espreguiçava, sentindo-se aliviada que ele não estivesse mais preocupado com o que estava do outro lado da porta. Beijou a bochecha dele ao vê-lo mais uma vez relaxado.

Sob uma camada de pão de Tava quentinho ele encontrou pimentas assadas, cebolas, cogumelos tão grandes quanto a mão dela, nabos, e verduras fervidas. Havia vários bolos de arroz. Richard deu uma mordida em um nabo antes de enrolar um pouco

das verduras, um cogumelo, e uma pimenta em um pedaço de Pão de Tava e entregar para ela.

Com um tom reflexivo, ele falou. – Gostaria que pudéssemos ficar aqui dentro para sempre.

Kahlan puxou o cobertor sobre o colo. Ela sabia o que ele queria dizer. Do lado de fora, o mundo os aguardava.

– Bem... – ela disse, piscando para ele. – só porque Zedd veio e falou que os anciãos querem a Casa dos Espíritos deles de volta, isso não significa que temos de entregá-la antes de estarmos descansados e preparados.

Richard recebeu a sugestão alegre dela com um leve sorriso.

– Zedd estava apenas usando os anciãos como uma desculpa. Ele quer falar comigo.

Ela mordeu o enrolado que ele tinha entregue para ela enquanto observava ele partir distraidamente um bolo de arroz ao meio, seus pensamentos pareciam distantes daquilo que estava fazendo.

– Ele não falou com você durante meses. – Com um dedo, ela limpou o suco que escorreu pelo queixo. – Ele está ansioso para ouvir a respeito de tudo que você passou, e sobre as coisas que você aprendeu. – Ele assentiu enquanto ela chupava o suco do dedo. – Ele o ama, Richard. Existem coisas que ele precisa ensinar a você.

– Aquele velho maluco esteve me ensinando desde que eu nasci. – Ele mostrou um sorriso distante. – Eu o amo também.

Richard enrolou cogumelos, verduras, pimenta e cebola em pão de Tava e deu uma grande mordida. Kahlan puxou tiras murchas de verduras do enrolado dela e mordiscou-as enquanto escutava o suave estalar do fogo e a música distante.

Quando terminou, Richard mexeu debaixo da pilha de pão de Tava e tirou uma ameixa seca.

– Esse tempo todo, e jamais soube que ele era mais do que meu querido amigo; nunca suspeitei que fosse meu avô, e mais do que um simples homem.

Ele mordeu metade da ameixa e ofereceu a ela a outra metade.

– Ele estava protegendo você, Richard. Ser o seu amigo era a coisa mais importante que você deveria saber. – Ela aceitou a ameixa e jogou-a na boca. Ficou estudando os belos traços dele enquanto mastigava.

Com as pontas dos dedos, virou o rosto dele para que olhasse em sua direção. Entendia as preocupações maiores dele.

– Agora Zedd está conosco outra vez, Richard. Ele nos ajudará. Seu conselho será um conforto assim como um auxílio.

– Você tem razão. Quem poderia nos aconselhar melhor do que Zedd? – Richard puxou as roupas dele. – E sem dúvida ele está impaciente para ouvir tudo.

Enquanto Richard vestia suas calças negras, Kahlan colocou um bolo de arroz entre os dentes e manteve ele ali enquanto tirava coisas da sua mochila. Ela parou e tirou o bolo de arroz da boca.

– Nós estivemos longe de Zedd durante meses, você mais do que eu. Zedd e Ann vão querer escutar tudo. Teremos que contar uma dúzia de vezes antes que eles estejam satisfeitos.

– Realmente gostaria de tomar um banho primeiro. Tem algumas nascentes não muito longe daqui.

Richard parou de abotoar sua camisa preta.

– Porque Zedd e Ann ficaram tão nervosos, noite passada, antes do casamento?

– Noite passada? – Ela tirou a camisa dobrada da mochila e sacudiu. – Alguma coisa relacionada com as Notas. Disse para eles que eu falei as três Notas. Mas Zedd disse que eles cuidariam disso, seja lá o que for.

Kahlan não gostava de pensar naquilo. Causava arrepios lembrar de seu medo e do pânico. Isso fazia ela sofrer com uma terrível sensação de fraqueza, imaginar o que teria acontecido se tivesse demorado apenas mais um momento para falar aquelas três

palavras. Se tivesse demorado mais, agora Richard estaria morto. Ela afastou o pensamento.

– Isso era o que eu pensava me lembrar. – Richard sorriu quando piscou.

– Olhar para você naquele vestido azul de casamento... bem, eu lembro de ter coisas mais importantes em minha mente naquele momento.

– As três notas deveriam ser uma coisa simples. Acho que ele falou isso. Zedd, de todas as pessoas, não deveria ter qualquer dificuldade com esse tipo de coisa.

– Então, e quanto ao banho?

– O quê? – Ele estava olhando para a porta outra vez.

– Banho. Podemos ir até as nascentes e tomar um banho quente antes de sentarmos com Zedd e Ann e começar a contar longas histórias para eles?

Ele enfiou o manto negro por cima da cabeça. A larga faixa dourada nele refletiu a luz do fogo.

Lançou um olhar com o canto do olho para ela. – Você vai lavar minhas costas?

Ela observou o sorriso dele enquanto ele afivelava o cinto de couro largo com as bolsas trabalhadas em ouro de cada lado. Entre outras coisas, elas guardavam coisas extraordinárias e perigosas.

– Lorde Rahl, eu lavarei qualquer coisa que você quiser.

Ele riu enquanto colocava seus braceletes prateados nos pulsos. Os antigos símbolos gravados neles refletiam pontos avermelhados de luz do fogo.

– Parece que minha nova esposa pode querer transformar um simples banho em algo memorável.

Kahlan jogou a capa sobre os ombros e então puxou o cabelo longo debaixo da gola.

– Depois que avisarmos Zedd, seguiremos nosso caminho. – Ela cutucou as costelas dele alegremente com um dedo. – Então você

descobrirá.

Rindo, ele segurou o dedo dela para fazer com que parasse de fazer cócegas nele.

– Se você quer um banho, seria melhor não falar para Zedd. Ele vai começar com apenas uma pergunta, então apenas mais uma, e então outra. – Sua capa cintilou dourada na luz do fogo quando ele amarrou-a na garganta. – Antes que você percebesse, o dia teria acabado e ele ainda estaria fazendo perguntas. Qual é a distância até essas nascentes?

Kahlan fez um sinal apontando para o Sul.

– Uma hora de caminhada. Talvez um pouquinho mais.

Ela colocou um pouco de Pão de Tava, uma escova, um pedaço de sabão de ervas, e alguns outros itens menores dentro de uma bolsa de couro.

– Mas se, como você diz, Zedd quer falar conosco, você não imagina que ele ficará irritado se nós sairmos sem avisá-lo?

Richard grunhiu, soltando uma risada cínica.

– Se você quer tomar um banho, é melhor pedir desculpas mais tarde por não falar para ele primeiro. Não fica tão longe. De qualquer modo, estaremos de volta antes que ele sinta nossa falta.

Kahlan segurou o braço dele. Ela ficou séria. – Richard, sei que está ansioso para falar com Zedd. Podemos tomar banho mais tarde, se estiver impaciente para falar com ele. Eu realmente não me importaria.... Eu só queria ficar sozinha com você um pouco mais.

Ele abraçou os ombros dela.

– Veremos ele quando voltarmos daqui a algumas horas. Ele pode esperar. Eu também gostaria de ficar sozinho com você.

Quando ele abriu a porta, Kahlan viu ele tentar tocar distraidamente na espada que não estava ali outra vez. Sua capa ficava cintilando dourada quando os raios de sol a banhavam. Caminhando atrás dele na fria luz da manhã, Kahlan teve que

proteger os olhos. Aromas apetitosos de comidas sendo preparadas nas fogueiras da aldeia encheram os pulmões dela.

Richard inclinou para o lado, olhando atrás do muro baixo. Seu olhar de predador rapidamente vasculhou o céu. Sua verificação das estreitas passagens entre as construções quadradas ao redor foi mais meticulosa.

As construções desse lado da aldeia, assim como a Casa dos Espíritos, eram utilizadas para vários objetivos comuns. Algumas eram usadas apenas por anciãos como algum tipo de santuários. Algumas eram usadas por caçadores em rituais antes de uma longa caçada. Nenhum homem jamais cruzou a soleira da porta das construções das mulheres.

Aqui também, os mortos eram preparados para a sua cerimônia de funeral. O Povo da Lama queimava seus mortos. Usando Madeira em piras funerárias era impraticável; qualquer quantidade de madeira ficava distante, e por isso, era preciosa. Madeira para cozinhar era suplementada com estrume seco, porém, mais comumente com montes de grama seca amarrados. Fogueiras, como aquelas da noite anterior, na cerimônia de casamento deles, eram um prazer raro e surpreendente.

Sem ninguém morando em qualquer uma das construções ao redor, essa parte da aldeia apresentava uma aparência vazia de outro mundo. Os tambores e marimbas somavam suas influências sobrenaturais ao clima entre as sombras profundas. As vozes distantes faziam as ruas vazias parecerem assombradas. Audaciosos feixes dos raios de sol que desciam oblíquos cruzavam as profundas sombras quase impenetráveis além.

Ainda estudando aquelas sombras, Richard fez um sinal para trás. Kahlan olhou por cima do muro.

No meio de penas espalhadas que flutuavam na brisa fria jazia a carcaça ensanguentada de uma galinha.

CAPÍTULO 2



Kahlan estava errada. Não foram crianças mexendo com as galinhas.

– Falcão? – ela perguntou.

Richard checou o céu outra vez. – Possivelmente. Talvez uma doninha ou uma raposa. Seja lá o que for, deve ter fugido antes que pudesse devorar sua refeição.

– Bem, isso deve acalmar a sua mente. Foi apenas algum animal atrás de uma galinha.

Cara, em sua roupa vermelha de couro, os tinha avistado imediatamente e já estava seguindo na direção deles. Seu Agiel, parecendo não ser mais do que um bastão de couro vermelho sangue de pelo menos um pé de comprimento, balançava no pulso dela em uma fina corrente. A arma terrível nunca estava a mais do que um movimento do pulso de distância da mão de Cara.

Kahlan conseguiu ver o alívio nos olhos azuis de Cara em ver que seus protegidos não foram levados por nenhuma força invisível além da porta da Casa dos Espíritos.

Kahlan sabia que Cara teria preferido estar perto deles, mas ela teve bastante consideração para dar a eles um pouco de privacidade mantendo distância. Essa consideração também foi estendida a manter os outros longe. Sabendo o quanto o compromisso de Cara com a proteção deles era sério, Kahlan apreciou a verdadeira profundidade do presente fornecido com essa distância.

Distância.

Kahlan olhou para Richard. Foi isso que causou a suspeita dele. Sabia que não eram crianças mexendo com as galinhas. Cara não teria permitido que crianças chegassem tão perto da Casa dos Espíritos, tão perto de uma porta sem tranca.

Antes que Cara pudesse falar, Richard perguntou.

– Você viu o que matou a galinha?

Cara jogou sua longa trança loura para trás, por cima do ombro. – Não. Quando corri até o muro perto da porta eu devo ter assustado o predador.

Todas as Mord-Sith usavam apenas uma trança; isso fazia parte do uniforme, para que ninguém tivesse dúvida de quem elas eram. Poucos, se houvesse algum, cometiam um erro tão perigoso.

– Zedd tentou voltar novamente para falar conosco? – Richard perguntou.

– Não. – Cara afastou do rosto um tufo de cabelo louro. – Depois que trouxe a comida para vocês, ele disse que desejava falar com os dois quando estivessem prontos.

Richard assentiu, ainda de olho nas sombras.

– Não estamos prontos. Primeiro vamos até alguma nascente aqui perto para tomar um banho.

Um leve sorriso apareceu no rosto de Cara. – Que maravilha. Eu lavarei suas costas.

Richard inclinou, colocando o rosto perto do rosto dela. – Não, você não lavará minhas costas. Irá vigiá-las.

O sorriso de Cara aumentou.

– Humm. Isso também parece divertido.

O rosto de Richard ficou tão vermelho quanto a roupa de couro de Cara. Kahlan olhou para outro lado, contendo um sorriso. Sabia o quanto Cara gostava de confundir Richard. Kahlan nunca tinha visto guarda-costas tão abertamente irreverentes quanto Cara e suas irmãs Mord-Sith. Nem melhores.

As Mord-Sith, um antigo grupo de protetoras do Lorde Rahl de D'Hara, todas compartilhavam a mesma confiança cruel. Desde a adolescência, o treinamento delas era mais do que selvagem. Era impiedoso. Ele as transformava em assassinas sem remorsos.

Kahlan cresceu sabendo pouco da misteriosa terra de D'Hara ao Leste. Richard nasceu em Westland, longe de D'Hara, e sabia menos ainda do que ela. Quando D'Hara atacou Midlands, Richard tinha sido arrastado para dentro da luta, e no final matou Darken Rahl, o tirânico líder de D'Hara.

Richard nunca soube que Darken Rahl tinha estuprado a mãe dele e gerado ele; cresceu pensando que George Cypher, o homem gentil que o criou, era seu pai. Zedd havia mantido segredo para proteger sua filha e então seu neto. Somente depois que Richard matou Darken Rahl ele descobriu a verdade.

Richard sabia pouco do domínio que tinha herdado. Ele assumiu o manto do governo somente por causa da ameaça iminente de uma guerra maior. Se não fosse detida, a Ordem Imperial escravizaria o mundo.

Como o novo mestre de D'Hara, Richard libertou as Mord-Sith da cruel disciplina da sua profissão brutal, apenas para que elas usassem essa liberdade escolhendo serem suas protetoras. Richard carregava dois Agiel em uma tira de couro no pescoço como um sinal de respeito pelas duas mulheres que deram suas vidas enquanto o protegiam.

Richard era um objeto de reverência para essas mulheres, e mesmo assim, com seu novo Lorde Rahl elas faziam o que antes era impensável: faziam piadas com ele. Elas o provocavam. Raramente perdiam uma chance de irritá-lo.

O Lorde Rahl anterior, o pai de Richard, teria ordenado que elas fossem torturadas até a morte por tal quebra de disciplina. Kahlan ficava imaginando se a irreverência delas era o modo como faziam Richard lembrar que ele as libertou e que elas serviam apenas por

escolha. Talvez suas infâncias corrompidas simplesmente as deixasse com um estranho senso de humor que agora tinham liberdade para expressar.

As Mord-Sith eram ferozes ao proteger Richard, e por ordem dele, Kahlan, ao ponto de parecem cortejar a morte. Elas afirmavam não temerem nada mais do que morrer em uma cama, velhas e sem dentes. Richard tinha jurado mais de uma vez garantir esse destino para elas.

Em parte por causa de sua profunda empatia com essas mulheres, pelo torturante treinamento nas mãos dos ancestrais dele, Richard raramente conseguia censurar o comportamento delas, e geralmente permanecia acima das suas ofensivas. A moderação dele apenas as encorajava.

A cor vermelha no rosto desse Lorde Rahl quando Cara falou que observaria ele tomar um banho revelava bastante sobre a educação que ele teve.

Richard finalmente escondeu sua irritação e girou os olhos.

– Você também não vai observar. Pode esperar aqui mesmo.

Kahlan sabia que não havia chance disso acontecer. Cara soltou uma risada quando seguiu atrás deles. Ela nunca pensava duas vezes em desobedecer as ordens diretas dele se achasse que elas interferiam com a proteção da vida dele. Cara e suas irmãs Mord-Sith seguiam as ordens dele apenas se julgassem que eram importantes e não parecessem colocá-lo em grande risco.

Antes que tivessem ido longe, foram acompanhados por meia dúzia de caçadores que materializaram-se saindo das sombras e passagens ao redor da Casa dos Espíritos. Vigoroso e bem constituído, o maior deles não era tão alto quanto Kahlan. Richard agigantava-se perto deles. Seus peitos nus e pernas estavam cobertos com longas faixas de lama para melhorar a camuflagem. Cada um deles carregava um arco preso sobre o ombro, uma faca na cintura, e um punhado de lanças.

Kahlan sabia que suas aljavas estavam cheias de flechas com veneno dez passos. Esses eram homens de Chandalen; entre o Povo da Lama, somente eles carregavam flechas envenenadas rotineiramente. Os homens de Chandalen não eram simples caçadores, mas protetores do Povo da Lama.

Todos sorriram quando Kahlan deu um tapa nos seus rostos, a saudação costumeira do Povo da Lama, um gesto de respeito pela força deles. Ela os agradeceu na língua deles por vigiarem e então traduziu suas palavras para Richard e Cara.

– Você sabia que eles estavam espalhados por aí, nos protegendo? – Kahlan sussurrou para Richard quando eles começaram a andar novamente.

Ele deu uma olhada para trás, por cima do ombro.

– Só vi quatro deles. Tenho que admitir que deixei passar dois.

Não havia como ele pudesse ter visto os dois que faltavam, eles vieram do outro lado da Casa dos Espíritos. Kahlan não tinha visto nem ao menos um. Ela tremeu. Os caçadores pareciam capazes de ficar invisíveis conforme sua vontade, embora fossem ainda melhores nisso lá fora, nos campos. Ela estava agradecida a todos aqueles que silenciosamente cuidavam da sua segurança.

Cara falou para eles que Zedd e Ann estavam no lado Sudeste da aldeia, então eles ficaram a Oeste enquanto caminhavam para o Sul. Com Cara e os caçadores em seus calcanhares, eles desviaram da maioria das áreas abertas onde os aldeões se reuniam, ao invés disso escolhendo as passagens estreitas entre as construções feitas com tijolos de lama unidos por argila cor de canela.

Pessoas sorriam e acenavam, ou batiam nas costas deles, ou aplicavam os tapas de respeito tradicionais.

Crianças corriam entre as pernas dos adultos, perseguindo pequenas bolas de couro, um ao outro, ou animais invisíveis. De vez em quando, as galinhas eram os animais caçados não tão invisíveis

assim. Elas se espalhavam assustadas diante dos jovens caçadores saltitantes, risonhos.

Kahlan, com a capa fechada bem apertada, não conseguia entender como as crianças, com tão pouca roupa, conseguiam suportar o ar da manhã. Quase todas estavam pelo menos com os peitos nus, os mais jovens estavam nus.

As crianças eram vigiadas, mas tinham permissão para correr à vontade. Raramente eram chamadas para prestarem contas de alguma coisa. O treinamento posterior delas seria intenso, difícil, rígido, e teriam que responder por tudo.

As crianças jovens, ainda livres para serem crianças, eram uma audiência constante, sempre presente, e ansiosa, para tudo fora do comum. Para as crianças do Povo da Lama, como para a maioria das crianças, muitas coisas pareciam fora do comum. Até mesmo galinhas.

Enquanto o pequeno grupo cortou através da margem Sul da área aberta no centro da aldeia, eles foram avistados por Chandalen, o líder dos caçadores mais ferozes. Ele estava usando sua melhor roupa de pele. Seu cabelo, como era o costume entre o Povo da Lama, estava meticulosamente coberto de lama grudenta.

A pele de coiote sobre os ombros dele era um novo sinal de autoridade. Havia sido nomeado um dos seis anciãos da aldeia recentemente. No caso dele, ancião, era apenas um termo de respeito e não correspondente com sua idade.

Depois que tapas foram trocados, Chandalen finalmente sorriu quando bateu nas costas de Richard.

– Você é um grande amigo, para Chandalen. – ele declarou. – A Madre Confessora com certeza escolheria Chandalen para marido se você não casasse com ela. Você terá minha gratidão para sempre.

Antes de Kahlan seguir para Westland procurando ajuda desesperadamente e lá encontrasse Richard, Darken Rahl tinha assassinado todas as outras Confessoras, transformando Kahlan na

última de sua espécie. Até que ela e Richard tivessem encontrado um jeito, nenhuma Confessora jamais casou por amor, porque seu toque destruiria involuntariamente esse amor.

Antes, uma Confessora escolhia seu parceiro pela força que ele transmitiria para suas filhas, e então ela o tomava com seu poder. Chandalen concluiu que isso o colocava em grande risco de ser escolhido. Não pretendia causar nenhuma ofensa.

Com uma risada, Richard disse que estava feliz em assumir o trabalho de ser marido de Kahlan. Olhou rapidamente para os homens de Chandalen. Sua voz baixou quando ele ficou sério.

– Os seus homens viram o que matou a galinha perto da Casa dos Espíritos?

Apenas Kahlan falava a língua do Povo da Lama, e entre o Povo da Lama, somente Chandalen falava a dela. Ele escutou atentamente enquanto os homens relataram uma noite tranquila depois que tinham assumido seus postos. Eles fizeram o terceiro turno.

Então, um dos guardas mais jovens, Juni, fez um movimento como se estivesse preparando uma flecha e puxando a corda de um arco até a bochecha, apontando rapidamente primeiro em uma direção e depois em outra, mas disse que não conseguiu ver o animal que tinha atacado a galinha na aldeia deles. Ele demonstrou como tinha amaldiçoado o atacante com nomes horríveis e cuspiu com desdém pela honra dele, pela vergonha de se mostrar, mas sem motivo algum. Richard assentiu ao ouvir a tradução de Chandalen.

Chandalen não havia traduzido todas as palavras de Juni. Deixou de fora o pedido de desculpas do homem. Para um caçador, especialmente um dos homens de Chandalen, deixar passar uma coisa assim bem no meio deles enquanto estava de vigia era uma vergonha.

Kahlan sabia que mais tarde Chandalen teria mais coisas a dizer para Juni.

Pouco antes deles começarem a andar novamente, o Homem Pássaro, sobre uma das estruturas abertas, olhou na direção deles. Como líder dos seis anciãos, e portanto do Povo da Lama, o Homem Pássaro havia conduzido a cerimônia de casamento.

Seria uma falta de consideração não dar a ele as saudações e agradecimentos antes que partissem para as nascentes. Richard deve ter pensado a mesma coisa, pois mudou a direção seguindo até a plataforma com teto de grama onde estava sentado o Homem Pássaro.

Crianças brincavam ali perto. Várias mulheres com vestidos vermelhos, azuis, e marrons conversavam entre si quando eles passaram. Um par de cabras marrons vasculhava o chão procurando por qualquer comida que as pessoas pudessem ter derrubado. Parecia que elas estavam tendo pouco sucesso, quando conseguiam se afastar das crianças. Algumas galinhas ciscavam na terra, enquanto outras se agitavam e cacarejavam.

Lá fora, na clareira, as fogueiras, a maioria pouco mais do que brasas cintilantes, ainda queimavam. Pessoas ainda se acumulavam ao redor delas, hipnotizadas pelo brilho ou pelo calor. Fogueiras eram uma rara extravagância simbolizando uma alegre celebração, ou uma reunião para invocar os espíritos dos ancestrais deles e fazer com que eles fossem bem recebidos com o calor e a luz. Algumas das pessoas teriam ficado de pé a noite toda apenas para observar o espetáculo das fogueiras. Para as crianças, as fogueiras eram uma fonte de maravilha e deleite.

Todos usaram suas melhores roupas para a celebração, e ainda estavam vestidos assim porque a celebração oficialmente continuava até o pôr-do-sol. Homens usavam finas peles e carregavam suas armas mais queridas orgulhosamente. Mulheres exibiam vestidos coloridos, braceletes de metal, e largos sorrisos.

As jovens geralmente eram bastante tímidas, mas o casamento fez aflorar sua coragem até a superfície. Na noite anterior, jovens

risonhas fizeram perguntas ousadas para Kahlan. Homens jovens seguiram Richard por toda parte, satisfeitos em sorrir para ele e simplesmente ficarem perto dos acontecimentos importantes.

O Homem Pássaro estava vestindo as calças de pele e o manto que parecia sempre usar, não importava a ocasião. O longo cabelo prateado até os ombros. Uma tira de couro em volta do seu pescoço carregava seu onipresente apito de osso, usado para chamar pássaros. Com seu apito ele poderia, aparentemente sem esforço, chamar qualquer tipo de pássaro que ele desejava. A maioria pousaria em seu braço esticado e ficariam ali satisfeitos. Richard sempre ficava surpreso com uma demonstração assim.

Kahlan sabia que o Homem Pássaro entendia e confiava nos sinais dos pássaros. Imaginava que talvez ele chamasse pássaros com seu apito para ver se transmitiriam algum sinal que só ele podia reconhecer. O Homem Pássaro também era um astuto leitor de sinais fornecidos pelas pessoas. Às vezes ela pensava que ele conseguia ler sua mente.

Muitas pessoas nas grandes cidades de Midlands consideravam as pessoas nas terras selvagens, como o Povo da Lama, como selvagens que cultuavam coisas estranhas e guardavam crenças ignorantes. Kahlan entendia a sabedoria simples dessas pessoas e sua habilidade em ler sinais sutis nas coisas vivas que eles conheciam tão bem no mundo ao redor deles. Muitas vezes tinha visto o Povo da Lama prever com um bom grau de precisão o clima para alguns dias seguintes observando o modo como a vegetação se movia ao vento.

Dois dos anciãos da aldeia, Hajanlet e Arbrin, sentavam no fundo da plataforma, suas pálpebras semicerradas, enquanto observavam seu povo na área aberta. A mão de Arbrin repousava protetoramente no ombro de um garotinho que dormia enrolado ao lado dele. Enquanto dormia, a criança chupava um dedão de forma regular.

Bandejas contendo pouco mais do que restos de comida estavam espalhadas por toda parte, junto com canecas de várias bebidas compartilhadas em celebrações. Embora algumas das bebidas fossem embriagantes, Kahlan sabia que o Povo da Lama não costumava ficar embriagado.

– Bom dia, honrado ancião. – Kahlan falou na língua dele.

O rosto curtido dele levantou, mostrando um largo sorriso. – Bem vinda ao novo dia, criança.

Sua atenção voltou para alguma coisa lá fora entre as pessoas da sua aldeia. Kahlan percebeu que Chandalen estava observando as canecas vazias antes de direcionar um sorriso afetado para os homens dele.

– Honrado ancião, – Kahlan falou. – Richard e eu gostaríamos de agradecê-lo pela maravilhosa cerimônia de casamento. Se você não precisa de nós neste momento, gostaríamos de ir até uma nascente.

Ele sorriu e balançou a mão, dando sua permissão.

– Não fiquem tempo demais, ou o calor que vocês conseguirem nas nascentes será removido pela chuva.

Kahlan olhou para o céu limpo. Ela olhou para Chandalen. Ele assentiu, mostrando que concordava.

– Ele diz que se nós demormos nas nascentes vai chover em nós antes que voltemos.

Surpreso, Richard avaliou o céu.

– Acho que seria melhor seguir o conselho dele e não demorar.

– Então, melhor irmos andando. – ela falou para o Homem Pássaro.

Ele a chamou com um dedo. Kahlan aproximou-se. Ele estava observando atentamente as galinhas ciscando no chão não muito longe dali. Inclinando-se na direção dele, Kahlan escutou sua respiração lenta, regular, enquanto esperava. Pensou que ele devia ter esquecido que falaria alguma coisa.

Finalmente ele apontou para a área aberta e sussurrou.

Kahlan levantou o corpo. Olhou para as galinhas.

– Bem? – Richard perguntou. – O que ele disse?

No início, ela não teve certeza se tinha escutado direito, mas pela expressão nos rostos de Chandalen e seus homens, soube que sim.

Kahlan não sabia se deveria traduzir tal coisa. Não queria causar vergonha para o Homem Pássaro mais tarde, se ele estivesse celebrando demais com a bebida ritual.

Richard esperou, a pergunta ainda em seus olhos.

Kahlan olhou novamente para o Homem Pássaro, os olhos castanhos dele olhando fixamente para o terreno aberto diante dele, seu queixo balançando, acompanhando as batidas das marimbas e tambores.

Finalmente ela inclinou para trás, até que seu ombro tocou em Richard.

– Ele diz que aquela ali... – ela apontou. – não é uma galinha.

CAPÍTULO 3



Kahlan empurrou os cascalhos com os pés e deslizou para trás, para dentro dos braços de Richard. Recostando-se enquanto eles estavam dentro da água que chegava até a altura da cintura, eles estavam cobertos até os pescoços. Kahlan estava começando a ver a água com uma visão provocativa.

Tinham encontrado o local perfeito entre a teia de correntes fluindo através da área singular de camadas de cascalhos e rochas projetadas no vasto mar de gramados. Riachos que passavam serpenteando pela nascente um pouco mais a Noroeste esfriavam a água quase escaldante. Não havia muitos lugares tão fundos quanto aquele que escolheram, e testaram vários daqueles em várias distâncias das nascentes até que encontraram um lugar aquecido de acordo com o gosto deles.

Altos montes de grama nova cobriam o terreno ao redor, deixando para eles uma piscina particular coberta por um enorme domo de céu ensolarado, embora algumas nuvens estivessem começando a tomar conta das margens do azul claro. Brisas frias faziam a grama delgada curvar em ondas e contorcer em espirais.

Lá fora, nas planícies, o tempo podia mudar rapidamente. O que era quente primavera no dia anterior havia se transformado em frio. Kahlan sabia que o frio não duraria muito tempo; a primavera tinha se estabelecido mesmo se o inverno estivesse lançando para eles um beijo de despedida. O refúgio de águas quentes deles ondulou sob o toque pungente daquele lembrete.

Acima, um falcão rodopiava no meio dos ventos frios, procurando uma refeição. Kahlan sentiu uma pontada de tristeza, sabendo que enquanto ela e Richard estavam relaxando e aproveitando, garras estariam arrancando uma vida em breve. Ela sabia um pouco sobre como era ser o objeto de uma fome por carne quando a morte estava caçando.

Posicionados em um local distante, em alguma parte das planícies, estavam os seis caçadores. Cara estaria circulando ao redor do perímetro como uma mãe falcão, verificando os homens. Kahlan imaginava que, sendo protetores, cada um deles seria capaz de entender o propósito do outro, mesmo que não entendesse a língua. Protetores eram encarregados de um sério dever, e Cara respeitava o equilibrado cuidado dos caçadores com esse dever.

Kahlan derramou água quente nos braços de Richard. – Mesmo que tivéssemos pouco tempo para nós, para nosso casamento, esse foi o melhor casamento que eu poderia ter imaginado. E também estou muito feliz em conseguir mostrar esse lugar a você.

Richard beijou atrás da cabeça dela. – Jamais esquecerei nenhuma parte disso, a cerimônia noite passada, a Casa dos Espíritos, ou isso aqui.

Ela acariciou as coxas dele debaixo da água.

– É melhor não esquecer, Lorde Rahl.

– Sempre sonhei em mostrar a você os lugares especiais, lindos, perto de onde eu cresci. Espero que algum dia eu possa levá-la até lá.

Ele ficou em silêncio novamente. Ela suspeitou que ele estava considerando questões importantes, e que era por isso que parecia estar pensativo. Não importava o quanto eles tentassem, às vezes, não podiam esquecer de suas responsabilidades. Exércitos esperavam ordens. Oficiais e diplomatas em Aydindril aguardavam impacientemente uma audiência com a Madre Confessora ou o Lorde Rahl.

Kahlan sabia que nem todos estariam ansiosos para juntarem-se com a causa da liberdade. Para alguns, a tirania tinha seu apelo. O Imperador Jagang e sua Ordem Imperial não ficaria esperando por eles.

– Algum dia, Richard. – ela murmurou enquanto seu dedo acariciava a pedra negra no delicado colar de ouro em sua garganta.

Shota, a feiticeira, surgiu inesperadamente no casamento deles na noite anterior e deu para Kahlan o colar. Shota disse que isso evitaria que eles concebessem uma criança. A feiticeira tinha um talento para ver o futuro, embora aquilo que ela visse geralmente ocorresse de maneiras inesperadas. Mais de uma vez Shota os tinha avisado das consequências cataclísmicas de terem uma criança e tinha jurado não permitir que uma criança do sexo masculino da união entre Kahlan e Richard vivesse.

Em um esforço para encontrar o Templo dos Ventos, Kahlan tinha começado a entender Shota um pouco melhor, e as duas chegaram a uma espécie de entendimento. O colar era uma oferenda de paz, uma alternativa para a tentativa de Shota em destruir o descendente deles. Por enquanto, uma trégua havia sido declarada.

– Você acha que o Homem Pássaro sabia o que estava dizendo?

Kahlan olhou para o céu.

– Acho que sim. Está começando a ficar nublado.

– Eu estava falando sobre a galinha.

Kahlan girou nos braços dele. – A galinha! – Ela fez uma careta olhando nos olhos cinzentos dele. – Richard, ele falou que ela não era uma galinha. O que eu acho é que ele esteve celebrando um pouco demais.

Ela mal conseguia acreditar que, com todas as coisas com as quais eles tinham que se preocupar, ele estava pensando nisso.

Ele pareceu avaliar as palavras, mas ficou em silêncio. Grandes sombras espalharam-se sobre a grama ondulante quando o sol escondeu-se atrás da borda de nuvens leitosas com o centro cor de

ardósia cinza esverdeada. A brisa gélida estava com cheiro pesado e úmida.

Sobre as rochas baixas atrás de Richard, sua capa esvoaçava ao vento, atraindo os olhos dela. O braço dele apertou em volta de Kahlan. Não foi um gesto de carinho.

Algo se moveu dentro da água. Um rápido brilho de luz. Talvez o reflexo das escamas de um peixe. Estava quase ali, mas não estava, como algo que era enxergado com o canto do olho. Um olhar direto não mostrou nada.

– Qual é o problema? – ela perguntou quando Richard empurrou-a para trás. – Foi apenas um peixe ou alguma coisa assim.

Richard levantou com um rápido movimento, carregando-a para fora da água.

– Ou alguma coisa.

Água escorria dela. Nua e exposta ao vento frio, ela tremeu enquanto observava a clara corrente.

– Como o quê? O que foi? O que você está vendo?

Os olhos dele moviam-se de um lado para outro, vasculhando a água.

– Não sei. – Ele a colocou no banco de terra. – Talvez tenha visto apenas um peixe.

Os dentes de Kahlan tremeram. – Os peixes nessa corrente não são grandes o bastante para morder um dedo. A não ser que seja uma tartaruga, deixa eu voltar para dentro? Estou congelando.

Para seu desgosto, Richard admitiu que não viu nada. Ele esticou uma das mãos para ajudá-la enquanto ela descia de volta para dentro da água.

– Talvez fosse apenas a sombra movendo-se pela água quando o sol entrou atrás das nuvens.

Kahlan afundou até o pescoço, gemendo de alívio quando o calor reconfortante a envolveu. Ela olhou ao redor na água quando o arrepio diminuiu. A água era clara, sem vegetação. Podia enxergar o

cascalho no fundo. Não havia lugar para uma tartaruga se esconder. Embora ele tivesse falado que não era nada, o modo como ele estava observando a água não estava de acordo com suas palavras.

– Você acha que era um peixe? Ou está tentando apenas me assustar? – Ela não sabia se ele realmente tinha visto alguma coisa que o tivesse deixado preocupado, ou se estava apenas sendo protetor demais. – Esse não é o banho confortador que eu visualizei. Diga o que está errado se realmente acha que viu alguma coisa.

Um novo pensamento a dominou. – Não era uma cobra, era?

Ele soltou um suspiro quando passou a mão pelo cabelo molhado.

– Não vejo nada. Sinto muito.

– Tem certeza? Deveríamos ir embora?

Ele sorriu timidamente.

– Acho que eu simplesmente fico nervoso quando estou nadando em lugares estranhos com mulheres nuas.

Kahlan bateu nas costelas dele. – E você costuma tomar banho com mulheres nuas, Lorde Rahl?

Na verdade ela não gostou nem um pouco da ideia daquela piada, mas estava prestes a buscar abrigo nos braços dele de qualquer jeito quando ele levantou num pulo.

Kahlan levantou rapidamente. – O que foi? É uma cobra?

Richard mergulhou-a de volta na água. Ela tossiu cuspidando água enquanto ele pulava até as coisas deles.

– Fique abaixada! – Ele tirou a faca da bainha e agachou, preparado, espiando por cima da grama. – É Cara. – Ele levantou um pouco o corpo para enxergar melhor.

Kahlan olhou por cima do gramado e viu algo vermelho seguindo em uma linha direta através do terreno marrom e verde. A Mord-Sith vinha correndo a toda velocidade, atravessando a grama, pisando em locais rasos nos riachos.

Richard jogou um pequeno cobertor para Kahlan enquanto observava Cara chegando. Kahlan podia ver o Agiel no punho dela.

O Agiel que uma Mord-Sith carregava era uma arma de magia, e funcionava somente nas mãos dela; ele causava dor inconcebível. Se ela desejasse, o seu toque poderia até matar.

Uma vez que a Mord-Sith carregava o mesmo Agiel usado para torturá-la em seu treinamento, segurá-lo causava profunda dor, parte do paradoxo de ser uma fornecedora de dor. A dor nunca ficava visível em seu rosto.

Cara parou cambaleando, ofegante. – Ele veio por aqui?

Sangue manchava o lado esquerdo do cabelo louro e descia pelo lado do rosto dela. As articulações dos dedos estavam brancas apertando o Agiel.

– Quem? – Richard perguntou. – Não vimos ninguém.

A expressão dela transformou-se com fúria. – Juni!

Richard segurou o braço dela.

– O que está acontecendo?

Com a costa da outra mão, Cara afastou um tufo de cabelo ensanguentado dos olhos enquanto sondava o vasto terreno.

– Não sei. – Ela cerrou os dentes. – Mas eu quero ele.

Cara escapou da mão de Richard e correu, gritando para trás.

– Vistam as roupas!

Richard segurou o pulso de Kahlan e tirou-a da água. Ela vestiu as calças e então pegou algumas das coisas dela enquanto disparava atrás de Cara. Richard, ainda enfiando as calças nas pernas molhadas, esticou um longo braço e agarrou a calça dela, na cintura, fazendo ela parar.

– O que pensa que está fazendo? – ele perguntou, ainda tentando vestir as calças com a outra mão. – Fique atrás de mim.

Kahlan arrancou a calça dos dedos dele.

– Você não tem a sua espada. Eu sou a Madre Confessora. Pode ficar atrás de mim, Lorde Rahl.

Um homem representava pouco perigo para uma Confessora. Não havia defesa contra o poder de uma Confessora. Sem a sua espada, Richard estava mais vulnerável do que ela.

A não ser uma flecha ou lança certa, nada impediria o poder de uma Confessora comprometida a tomar alguém uma vez que ela estivesse perto o bastante. Esse compromisso as conectava com uma magia que não poderia ser trazida de volta ou revertida.

Era definitiva como a morte. De certo modo, era morte. Uma pessoa tocada pelo poder de uma Confessora estava perdida para sempre. Ela era dela.

Diferente de Richard, Kahlan sabia como usar sua magia. Ter sido nomeada Madre Confessora era prova de seu domínio sobre ela.

Richard grunhiu mostrando seu desgosto quando pegou o cinto largo com as bolsas antes de sair correndo atrás dela. Ele alcançou-a e segurou a camisa dela enquanto eles corriam para que ela pudesse enfiar o braço na manga. Ele estava com o peito nu. Ele afivelou o cinto. A única outra coisa que tinha era sua faca.

Pisaram através de um conjunto de correntes rasas e dispararam pela grama, perseguindo o couro vermelho. Kahlan cambaleou ao passar dentro de um riacho, mas seguiu adiante. A mão de Richard nas costas dela ajudou a manter seu equilíbrio. Ela sabia que não era uma boa ideia correr descuidadamente e descalça em terreno desconhecido, mas ter visto aquele sangue no rosto de Cara impedia que ela fosse mais devagar.

Cara era mais do que protetora deles. Era sua amiga.

Eles cruzaram vários riachos que cobriam apenas até o tornozelo, seguindo pelo gramado entre cada um deles. Tarde demais para mudar o curso, ela chegou a um lago e saltou, malmente conseguindo chegar até o banco de terra do outro lado. A mão de Richard mais uma vez deu apoio e transmitiu segurança com seu toque.

Enquanto eles atravessavam pela grama e corriam por correntes em áreas abertas, Kahlan viu um dos caçadores aproximando-se em um ângulo pela esquerda. Não era Juni. Ao mesmo tempo em que percebeu que Richard não estava atrás dela, ouviu ele assobiar. Ela parou bruscamente na grama lisa, colocando uma das mãos no chão para manter o equilíbrio. Richard, não muito longe lá atrás, estava parado em uma corrente.

Ele colocou dois dedos entre os dentes e assobiou novamente, por mais tempo, mais alto, um som agudo, penetrante, cortando o silêncio das planícies. Kahlan viu Cara e o outro caçador virando na direção do som, e então seguirem apressados em direção a eles.

Engolindo ar, tentando recuperar o fôlego, Kahlan trotou de volta até Richard. Ele ajoelhou sobre um joelho na água rasa, repousando um antebraço sobre o outro joelho curvado enquanto inclinava na direção da água.

Juni jazia de rosto para baixo na água. A água não era ao menos funda o bastante para cobrir sua cabeça.

Kahlan caiu de joelhos ao lado de Richard, afastando o cabelo molhado dos olhos e ofegando enquanto Richard virava o caçador sobre as costas. Ela não tinha visto ele ali na água. A cobertura de lama grudada e grama que os caçadores amarravam em seus corpos tinha feito seu trabalho, escondendo ele. Pelo menos dela.

Juni parecia pequeno e frágil quando Richard levantou o ombro do homem para retirá-lo da água gelada. Não havia pressa nos movimentos de Richard. Ele pousou Juni na grama com suavidade ao lado da corrente. Kahlan não viu nenhum corte ou sangue. Os membros dele pareciam estar no lugar. Embora ela não pudesse ter certeza, seu pescoço não parecia estar quebrado.

Mesmo na morte, Juni tinha uma estranha expressão de prazer em seus olhos vidrados.

Cara chegou correndo e pulou sobre o homem, parando apenas quando viu aqueles olhos mortos.

Um dos caçadores surgiu pela grama, respirando tão pesadamente quanto Cara. Seu punho apertando o arco. Dedos enrolados sobre uma flecha mantinham ela no lugar e pronta. Em sua outra mão o dedão pressionava uma faca em sua palma enquanto dois dedos mantinham a flecha posicionada e a tensão na corda do arco.

Juni não tinha arma alguma com ele.

– O que aconteceu com Juni? – o caçador perguntou, seu olhar vasculhando o terreno ao redor, buscando alguma ameaça.

Kahlan balançou a cabeça. – Ele deve ter caído e batido a cabeça.

– E ela? – ele perguntou, movimentando a cabeça na direção de Cara.

– Ainda não sabemos. – Kahlan disse enquanto observava Richard fechar os olhos de Juni. – Nós acabamos de encontrá-lo.

– Parece que ele esteve aqui faz algum tempo. – Cara falou para Richard.

Kahlan segurou no couro vermelho, e Cara tombou no banco de terra, sentando sobre os calcanhares. Kahlan abriu o cabelo loura de Cara, inspecionando o ferimento. Ele não parecia grave.

– Cara, o que aconteceu? O que significa isso?

– Você está muito ferida? – Richard perguntou por cima das palavras de Kahlan.

Cara levantou uma das mãos para Richard mas não reclamou quando Kahlan pegou água fria na mão e tentou derramar um pouco sobre o corte no lado da têmpora dela. Richard enfiou a mão em um punhado de grama e arrancou. Mergulhou na água e entregou para Kahlan.

– Use isso.

O rosto de Cara transformou-se do vermelho causado anteriormente pela raiva para um cinza pálido.

– Estou bem.

Kahlan não tinha tanta certeza. Cara parecia insegura. Kahlan colocou grama molhada na testa da mulher antes de limpar o sangue. Cara ficou sentada de modo passivo.

– Então, o que aconteceu? – Kahlan perguntou.

– Não sei. – Cara disse. – Eu pretendia dar uma checada nele, então ele aparece subindo um riacho. Andando curvado, como se estivesse observando alguma coisa. Chamei ele. Perguntei onde estavam suas armas enquanto fazia sinais, como ele tinha feito lá na aldeia, fingindo usar um arco para mostrar a ele o que eu queria dizer.

– Cara balançou a cabeça, sem conseguir acreditar. – Ele me ignorou. Voltou a observar a água. Pensei que ele tinha abandonado o posto para pegar um peixe estúpido, mas não vi nada na água.

– De repente ele correu adiante, como se o peixe estivesse tentando fugir.

– A cor voltou ao rosto de Cara. – Eu estava olhando para o lado, verificando a área. Ele me pegou de surpresa fazendo eu perder o equilíbrio e meu pé escorregou. Minha cabeça bateu em uma pedra. Não sei quanto tempo levou antes que eu recuperasse os sentidos. Eu estava errada em confiar nele.

– Não, não estava. – Richard falou. – Não sabemos o que ele estava perseguindo.

Naquele momento, o resto dos caçadores tinham aparecido. Kahlan levantou uma das mãos, sufocando as perguntas apressadas deles.

Quando eles ficaram em silêncio, ela traduziu a descrição de Cara sobre o que aconteceu. Eles escutaram, surpresos. Esse era um dos homens de Chandalen. Os homens de Chandalen não abandonavam seu dever de proteger o povo para caçar um peixe.

– Sinto muito, Lorde Rahl, – Cara sussurrou. – Não consigo acreditar que ele me pegou de guarda baixa daquele jeito. Por causa de um peixe estúpido!

Richard colocou a mão no ombro dela. – Estou feliz que você esteja bem, Cara. Talvez seja melhor você deitar um pouco. Não está com boa aparência.

– Meu estômago está embrulhado, só isso. Ficarei bem depois que descansar durante um minuto. Como Juni morreu?

– Ele estava correndo e deve ter tropeçado e caiu. – Kahlan disse. – Eu mesma quase fiz isso. Deve ter batido com a cabeça, como você, e desmaiou. Infelizmente, ele desmaiou de rosto para baixo na água, e afogou-se.

Kahlan começou a traduzir para os outros caçadores quando Richard falou.

– Acho que não.

Kahlan fez uma pausa. – Deve ter sido isso.

– Olhe para os joelhos dele. Não estão arranhados. Nem seus cotovelos ou as mãos dele. – Richard virou a cabeça de Juni. – Nenhum sangue, nenhuma marca. Se ele caiu e ficou inconsciente, então porque não tem pelo menos um galo na cabeça? O único lugar onde sua pintura de lama está raspada é no nariz e no queixo, por causa da cabeça dele ter ficado sobre o cascalho no fundo do riacho.

– Está querendo dizer que você acha que ele não se afogou? – Kahlan perguntou.

– Eu não falei isso. Mas não vejo nenhum sinal de que ele caiu. – Richard estudou o corpo por um momento. – Parece que ele se afogou. De qualquer modo, esse seria o meu palpite. A pergunta é, porque?

Kahlan moveu o corpo para um lado, dando espaço para que os caçadores agachassem ao lado do seu colega caído, para tocá-lo mostrando consideração e tristeza.

As planícies abertas repentinamente pareciam um lugar muito solitário.

Cara pressionou o tufo de grama úmida no lado da cabeça. – E mesmo se ele estivesse negligenciando seu dever em montar guarda

para caçar um peixe, o que é difícil de acreditar, porque ele deixaria todas as suas armas? E como ele poderia se afogar em polegadas de água, se não caiu e bateu a cabeça?

Os caçadores choravam silenciosamente enquanto suas mãos acariciavam o rosto jovem de Juni. Suavemente, a mão de Richard fez o mesmo.

– O que eu gostaria de saber era o que ele estava perseguindo. O que fez ele ficar com aquela expressão nos olhos.

CAPÍTULO 4



Houve o som de um trovão na planície, ecoando através das passagens estreitas enquanto Richard, Cara, e Kahlan deixavam o local onde o corpo de Juni foi colocado para que fosse preparado para o funeral.

A construção não era diferente das outras na aldeia do Povo da Lama: grossas paredes com tijolos de lama emplastrado com barro, e um teto de grama. Somente a Casa dos Espíritos era coberta por telhas. Todas as janelas na aldeia não tinham vidros, algumas ficavam cobertas com tecido grosso para proteger contra o tempo.

Com as construções todas da mesma cor escura, não era difícil imaginar a aldeia como ruínas sem vida. Ervas altas, cultivadas como oferendas para espíritos maus, cresciam em vasos sobre um muro baixo mas proporcionavam pouca vida para as passagens mais frequentadas pelo vento amorfo.

Enquanto duas galinhas fugiam do caminho deles, Kahlan segurou o cabelo com uma das mãos para evitar que as rajadas de vento o jogassem contra seu rosto. Pessoas, algumas chorando, passavam correndo, para verem o caçador caído. De algum modo, ter que deixar Juni em um lugar com cheiro de feno azedo, úmido, apodrecendo, fez Kahlan sentir-se pior.

Os três esperaram até que Nissel, a Curandeira mais velha, tivesse chegado e inspecionado o corpo. Ela disse que não achava que o pescoço dele estivesse quebrado, e que também não viu

nenhum outro tipo de ferimento causado por uma queda. Pronunciou que Juni tinha se afogado.

Quando Richard perguntou como aquilo poderia ter acontecido, ela pareceu surpresa com a pergunta, aparentemente acreditando que era óbvio. Ela declarou que essa morte foi causada pelos espíritos.

O Povo da Lama acreditava que assim como os espíritos dos ancestrais que eles chamavam em uma reunião, espíritos maus também apareciam de tempos em tempos para reivindicar uma vida em pagamento por um erro. A morte poderia ser infligida através de uma doença, um acidente, ou de alguma outra maneira sobrenatural. Um homem ferido afogar-se em seis polegadas de água parecia uma causa de morte sobrenatural evidente de acordo com o que Nissel poderia dizer. Chandalen e seus caçadores acreditaram em Nissel.

Nissel não teve tempo para especular que tipo de transgressão poderia ter enfurecido os espíritos maus. Ela teve que partir rapidamente para tratar de uma tarefa mais gratificante; a ajuda dela era necessária para o nascimento de um bebê.

Em sua capacidade oficial como uma Confessora, Kahlan tinha visitado o Povo da Lama diversas vezes, assim como tinha visitado outros povos de Midlands. Embora algumas terras fechassem suas fronteiras para todos os outros, nenhuma terra de Midlands, independente do quanto fosse insular, isolada, receosa, ou poderosa, ousava fechar suas fronteiras para uma Confessora. Entre outras coisas, Confessoras mantinham a justiça honesta, quer os governantes quisessem ou não.

As Confessoras eram defensoras perante o Conselho de todos aqueles que não tinham outra voz. Alguns, como o Povo da Lama, ficavam desconfiados com forasteiros e não buscavam voz alguma; simplesmente queriam ser deixados em paz. Kahlan observava que os desejos deles fossem respeitados. A palavra da Madre Confessora perante o Conselho era lei, e definitiva.

É claro, tudo aquilo tinha mudado.

Assim como os outros povos de Midlands, Kahlan tinha estudado não apenas a língua do Povo da Lama, mas suas crenças. Na Fortaleza do Mago, em Aydindril, haviam livros sobre línguas, governos, crenças, comidas, artes, e hábitos de todos os povos de Midlands.

Ela sabia que geralmente o Povo da Lama deixava oferendas de bolos de arroz e ervas aromáticas diante de pequenas figuras de barro em várias das construções vazias no lado Norte da aldeia. As construções eram deixadas para uso exclusivo dos espíritos maus, que eram representados pelas imagens de barro.

O Povo da Lama acreditava que quando os espíritos maus ocasionalmente ficavam zangados e tomavam uma vida, a alma do morto seguia até o Submundo para juntar-se aos bons espíritos que tomavam conta do Povo da Lama, e assim ajudavam a manter os espíritos malévolos sob controle. Somente dessa maneira o equilíbrio entre os mundos era ampliado, e eles acreditavam que o mal era auto limitante.

Embora fosse cedo da tarde, parecia estar anoitecendo quando Kahlan, Richard, e Cara cruzavam a aldeia. Baixas nuvens escuras pareciam ferver acima dos telhados. Raios desciam mais perto, o brilho iluminando as altas paredes das construções. Um estalo dolorosamente agudo de um trovão vinha em seguida quase imediatamente, fazendo o chão tremer.

Jatos de vento lançavam gotas de chuva contra a parte de trás da cabeça de Kahlan. De certa forma, ela estava feliz com a chuva. Isso apagaria as fogueiras. Não era certo ter fogueiras de celebração ardendo quando um homem tinha morrido. A chuva pouparia alguém da tarefa desconcertante de ter que apagar o que restava delas.

Por respeito, Richard tinha carregado Juni todo o caminho de volta. Os caçadores entendiam; Juni morreu enquanto estava de

guarda protegendo Richard e Kahlan.

Cara, entretanto, rapidamente tinha chegado a uma conclusão diferente: Juni havia transformado-se de protetor em ameaça. Como, ou porque, não era importante, apenas que ele tinha feito isso. Ela pretendia estar preparada na próxima vez que um deles repentinamente virasse uma ameaça.

Richard teve uma breve discussão com ela sobre isso. Os caçadores não entenderam as palavras deles, mas reconheceram o calor nelas e não pediram tradução.

No final, Richard deixou a questão de lado. Cara provavelmente estava apenas sentindo-se culpada por ter deixado Juni passar por ela. Kahlan segurou a mão de Richard enquanto eles caminhavam atrás, deixando Cara fazer do seu jeito e ter espaço para caminhar, verificando qualquer perigo em uma aldeia de amigos, enquanto ela os conduzia por uma passagem e então por outra, mostrando o caminho para Zedd e Ann.

Independente de sua convicção de que Cara estava errada, Kahlan estava inexplicavelmente inquieta. Viu Richard olhar por cima do ombro com aquela expressão que dizia que ele também estava sentindo-se ansioso.

– Qual é o problema? – ela sussurrou.

O olhar de Richard vasculhou a passagem vazia. Balançou a cabeça, frustrado.

– O cabelo na minha nuca está eriçado como se alguém estivesse me observando, mas não tem ninguém ali.

Embora estivesse sentindo-se inquieta, não sabia se realmente sentia olhos malevolentes observando, ou se foi apenas a sugestão dele que continuava fazendo com que ela olhasse por cima do ombro. Avançando apressada pelas passagens sombrias entre grandes construções, tentou aliviar os arrepios esfregando os braços.

A chuva estava começando a cair quando Cara chegou ao local que estava procurando. Com o Agiel preparado, ela verificou cada

lado da estreita passagem antes de abrir a porta simples de madeira e deslizar para dentro primeiro.

O vento jogava o cabelo de Kahlan no rosto. Raios cintilavam e trovões rugiam. Uma das galinhas que vagava na passagem, assustada pelo trovão e pelo raio, disparou entre as pernas dela e correu na frente deles.

Um fogo baixo ardia na pequena lareira no canto da sala humilde. Várias velas gordas feitas com gordura estavam em uma prateleira de madeira embutida dentro da parede ao lado da lareira arqueada. Pequenos pedaços de lenha e grama empacotada estavam armazenados debaixo da prateleira. Uma pele no chão diante da lareira fornecia o único assento formal. Um pano pendurado sobre uma janela sem vidro esvoaçava nas fortes rajadas de vento, agitando as chamas das velas.

Richard fechou a porta empurrando com o ombro e trancou-a, por causa do tempo. A sala tinha o cheiro das velas, o doce aroma da grama queimando na lareira, e a fumaça pungente que falhava em escapar através da ventilação no teto acima da lareira.

– Eles devem estar na sala dos fundos. – Cara falou, indicando uma grossa pele pendurada sobre um portal com o seu Agiel.

Uma galinha, sua cabeça virando de um lado para outro enquanto cacarejava satisfeita, caminhava pela sala, circulando o símbolo desenhado na terra do chão com um dedo ou talvez uma varinha.

Desde criança, Kahlan tinha visto magos e feiticeiras desenharem o antigo símbolo que representava o Criador, vida, morte, o Dom, e o Submundo. Eles o desenhavam em alguns momentos de reflexão, e em tempos de ansiedade. Eles o desenhavam apenas para confortar a si mesmos, para lembrarem a si mesmos de suas conexões com todos e tudo.

E desenhavam para conjurar magia.

Para Kahlan, ele era um talismã confortador de sua infância, de um tempo quando os magos faziam jogos com ela, ou faziam cócegas e a perseguiam pelos corredores da Fortaleza do Mago enquanto ela soltava gritinhos e ria. Às vezes eles contavam histórias que faziam com que ela engolisse em seco enquanto sentava no colo deles, protegida e segura.

Houve uma época, antes que a disciplina tivesse começado, em que tinha permissão para ser uma criança.

Agora aqueles magos estavam todos mortos. Todos, exceto um, deram suas vidas para ajudá-la em seu esforço para atravessar a Fronteira e encontrar ajuda para deter Darken Rahl. Aquele que a traiu. Mas houve um tempo em que eles eram todos seus amigos, seus parceiros de brincadeiras, seus tios, seus professores, os objetos de sua reverência e amor.

– Já vi isso. – Cara disse, observando o desenho no chão rapidamente. – Às vezes Darken Rahl desenhava isso.

– É chamado de Graça. – Kahlan falou.

O vento levantou o pedaço de tecido grosso cobrindo a janela, permitindo que a claridade de um raio deslizesse sobre a Graça desenhada no chão.

A boca de Richard abriu, mas ele hesitou, sua pergunta não foi pronunciada. Ele estava olhando para a galinha bicando no chão perto da cortina de pele que cobria o acesso para a sala nos fundos.

Ele fez um sinal. – Cara, abra a porta, por favor.

Quando ela abriu, Richard balançou as mãos para enxotar a galinha para fora. A galinha, com as penas agitando enquanto batia as asas assustada, disparou para um lado e para outro, tentando evitá-lo. Ela não queria cruzar a sala até a porta aberta e a segurança.

Richard fez uma pausa, as mãos nos quadris, olhando confuso para a galinha. Marcas negras nas penas brancas e marrons concediam a elas um efeito estonteante. A galinha cacarejou

reclamando quando Richard começou a avançar, usando as pernas para guiar a ave confusa pela sala.

Antes que ela alcançasse o desenho no chão, soltou um cacarejo, bateu as asas com pânico renovado, e desviou para o lado, correndo perto da parede da sala e finalmente saiu pela porta. Foi uma amostra incrível de um animal tão aterrorizado que era incapaz de fugir em linha direta até uma larga porta aberta e para a segurança.

Cara fechou a porta.

– Se existe um animal mais idiota do que uma galinha, – ela disparou. – ainda tenho que ver.

– Que algazarra toda é essa? – surgiu uma voz familiar.

Era Zedd, passando pelo portal que dava acesso até a sala dos fundos. Ele era mais alto do que Kahlan mas não tão alto quanto Richard: mais ou menos da altura de Cara, embora seu cabelo branco desgrenhado causasse a ilusão de ser mais alto. O grosso manto marrom com mangas negras e ombros com capuz estimulavam a impressão de que a sua figura magra era mais forte do que realmente era. Três faixas prateadas bordadas circulavam as bordas das mangas. Bordados dourados mais grossos corriam em volta do pescoço e desciam pela frente. Um cinto de cetim vermelho com uma fivela dourada fechava a roupa em sua cintura.

Zedd sempre tinha usado mantos modestos. Para um mago do seu nível e autoridade, a bela roupa era bizarra ao extremo. Roupas exibicionistas indicavam alguém com o Dom como iniciante. Para alguém com o Dom, roupas assim eram adequadas para a nobreza em alguns lugares, ou um mercador próspero praticamente em qualquer lugar, então, ainda que Zedd não gostasse dos acessórios cintilantes, eles foram um disfarce valioso.

Richard e seu avô abraçaram-se alegremente, os dois rindo com o prazer de estarem juntos. Fazia um longo tempo.

– Zedd, – Richard disse, segurando os braços do outro, aparentemente muito mais desorientado pela roupa de seu avô do

que Kahlan. – onde você conseguiu essas roupas?

Com um dedão, Zedd levantou a fivela dourada para que ele examinasse. Seus olhos cor de avelã brilharam.

– É a fivela de ouro, não é. Um pouco demais?

Ann levantou a grossa pele pendurada sobre o portal quando passou por ele. Baixa e larga, ela usava um vestido negro de lã sem adornos que indicava sua autoridade como a líder das Irmãs da Luz, feiticeiras do Mundo Antigo, embora ela tivesse criado a ilusão entre elas que tinha sido morta para ter liberdade de tratar de assuntos importantes. Parecia tão velha quanto Zedd, ainda que Kahlan soubesse que ela era muito mais velha.

– Zedd, pare de ficar se exibindo. – Ann falou. – Temos assuntos a tratar.

Zedd lançou um olhar zangado para ela. Tendo visto esse tipo de olhar seguindo das duas direções, Kahlan ficou imaginando como os dois conseguiram viajar juntos sem mais do que centelhas verbais. Kahlan conheceu Ann no dia anterior, mas Richard tinha grande respeito por ela, independente das circunstâncias sob as quais ela a conheceu.

Zedd observou a roupa de Richard. – Eu devo admitir, meu rapaz, você também está bastante apresentável.

Richard foi um guia florestal, e sempre usou roupas simples, então Zedd nunca tinha visto ele em seu novo traje. Ele encontrou a maioria das roupas de seu distante predecessor na Fortaleza do Mago. Aparentemente, houve um tempo em que alguns magos vestiam mais do que mantos simples, talvez como um alerta.

As partes superiores das botas negras de Richard estavam envoltas por tiras de couro fixadas com símbolos de formas geométricas em alto relevo, e cobertas por calças pretas de lã. Sobre uma camisa preta estava um manto negro com abertura lateral, decorado com símbolos cruzando por uma larga faixa dourada correndo por toda a extensão de suas bordas. O cinto largo dele com

múltiplas camadas apertava o manto magnífico na cintura. O cinto exibia mais dos símbolos prateados e carregava uma bolsa de cada lado. Enfiada no cinto estava uma pequena bolsa de couro. Em cada pulso ele usava um largo bracelete prateado sobre couro com anéis conectados mostrando mais dos estranhos símbolos. Os ombros largos dele carregavam a capa resplandecente que parecia feita de ouro.

Mesmo sem a sua espada, ele parecia nobre e ao mesmo tempo sinistro. Régio, e mortal. Parecia um comandante de Reis. E a personificação daquilo que as profecias o tinham nomeado: *aquela que traz a morte*.

Debaixo de tudo aquilo, Kahlan sabia que ele ainda possuía o coração gentil e generoso que tinha como guia florestal. Ao invés de diminuir todo o resto, a simples sinceridade dele apenas reforçava a veracidade disso.

Sua aparência sinistra era justificada e de muitas maneiras uma ilusão. Enquanto era decidido e feroz em sua oposição aos seus inimigos, Kahlan sabia que ele era profundamente gentil, compreensivo, e bondoso. Nunca tinha conhecido um homem mais justo, ou paciente. Ela o considerava a pessoa mais rara que já tinha conhecido.

Ann mostrou um sorriso largo para Kahlan, tocando no rosto dela de modo tão carinhoso quanto uma avó faria com uma criança querida. Kahlan sentiu calorosa honestidade no gesto. Com um brilho nos olhos, Ann fez o mesmo com Richard.

Prendendo o cabelo em um coque atrás da cabeça, ela virou para jogar um pequeno amarrado de grama no fogo.

– Espero que o primeiro dia casados de vocês esteja sendo bom.

Kahlan observou o olhar de Richard brevemente.

– Hoje um pouco mais cedo nós fomos tomar um banho nas nascentes. – O sorriso de Kahlan, junto com o de Richard, desapareceu. – Um dos caçadores que nos protegiam morreu.

As palavras dela chamaram atenção completa tanto de Zedd quanto de Ann.

– Como? – Ann perguntou.

– Afogado. – Richard fez sinal com a mão em um convite para que todos sentassem. – A corrente era rasa, mas tanto quanto podemos dizer, ele não tropeçou ou caiu. – Ele balançou um dedão sobre o ombro enquanto os quatro se arrumavam em volta da Graça desenhada na terra no centro da sala. – Nós o levamos para uma construção ali atrás.

Zedd olhou por cima do ombro de Richard, quase como se fosse capaz de enxergar através da parede e ver o corpo de Juni.

– Eu darei uma olhada. – Olhou para Cara, montando guarda com as costas contra a porta. – O que você acha que aconteceu?

Sem hesitar, Cara falou.

– Acho que Juni transformou-se em um perigo. Enquanto procurava Lorde Rahl para fazer mal a ele, Juni caiu e se afogou.

As sobrancelhas de Zedd levantaram. Ele virou para Richard. – Um perigo! Porque o homem ficaria hostil contra você?

Richard lançou um olhar zangado para a Mord-Sith por cima do ombro.

– Cara está enganada. Ele não estava tentando nos fazer mal. – Satisfeito quando ela não discutiu, ele voltou sua atenção para o avô. – Quando nós o encontramos, morto, ele estava com uma expressão estranha nos olhos. Ele viu alguma coisa antes de morrer que deixou uma máscara de... eu não sei... desejo, ou algo assim, em seu rosto.

– Nissel, a Curandeira, foi inspecionar o corpo. Disse que ele não tinha ferimentos, mas que se afogou. – Richard apoiou um antebraço no joelho quando se inclinou para frente. – Afogado, Zedd, em seis polegadas de água. Nissel disse que espíritos maus o mataram.

As sobrancelhas de Zedd levantaram mais alto ainda. – Espíritos maus?

– O Povo da Lama acredita que espíritos maus às vezes aparecem e tomam a vida de um aldeão. – Kahlan explicou. – Os aldeãos deixam oferendas diante de criaturas de barro em duas das construções bem ali. – Ela levantou o queixo na direção Norte. – Aparentemente, eles acreditam que deixar bolos de arroz acalmará esses espíritos maus. Como se “espíritos maus” pudessem comer, ou pudessem ser facilmente subornados.

Do lado de fora, a chuva chicoteava as construções. Água corria em uma mancha escura abaixo da janela e pingava aqui e ali através do teto de grama. Trovões rugiam de modo quase constante, assumindo o lugar dos tambores agora silenciosos.

– Ah, entendo. – Ann falou. Ela levantou os olhos com um sorriso que Kahlan achou curioso. – Então, acha que o Povo da Lama deu a você um casamento sem valor, comparado ao grande evento que que teria em Aydindril. Humm?

Perplexa, Kahlan franziu a testa.

– Claro que não. Foi o casamento mais bonito que poderíamos ter desejado.

– Verdade? – Ann esticou o braço, indicando a aldeia ao redor. – Pessoas com roupas berrantes e peles de animais? Seus cabelos melados com lama? Crianças nuas correndo de um lado para outro, rindo, brincando, durante uma cerimônia tão solene? Homens com máscaras de lama assustadoras dançando e contando histórias de animais, caçadas, e guerras? Isso é o que faz um casamento ser bom em sua mente?

– Não... não era sobre essas coisas, ou materiais, que eu estava falando. – Kahlan declarou. – É o que estava nos corações deles que tornaram isso tão especial. Foi a sinceridade deles compartilhando nossa alegria que fez com que isso fosse tão significativo para nós. E o que isso tem a ver com oferecer bolos de arroz para espíritos maus imaginários?

Com o lado de um dedo, Ann indicou uma das linhas na Graça, a linha que representava o Submundo.

– Quando você diz, “queridos espíritos, tomem conta da alma de minha mãe que partiu”, você espera que os queridos espíritos corram imediatamente para fazer isso só porque você declarou seu desejo em palavras?

Kahlan podia sentir o rosto ficando vermelho. Frequentemente ela pedia que os queridos espíritos tomassem conta da alma de sua mãe. Ela estava começando a ver porque Zedd achava a mulher tão irritante.

Richard veio em socorro de Kahlan.

– Na verdade as orações não significam um pedido direto, uma vez que sabemos que os espíritos não trabalham de formas tão simples, mas são feitas para transmitir profundos sentimentos de amor e esperança pela paz da mãe dela no mundo seguinte. – Ele colocou o dedo pelo lado oposto da mesma linha que Ann tinha indicado. – Do mesmo modo que as minhas orações pela minha mãe. – ele adicionou com um sussurro.

As bochechas de Ann engordaram quando ela sorriu.

– Elas são mesmo, Richard. O Povo da Lama deve saber muito bem que seria melhor não tentar subornar com bolos de arroz as poderosas forças nas quais eles acreditam e que temem, você não acha?

– É o ato de fazer a oferenda que é importante. – Richard disse. Pela sua atitude serena com a mulher estava claro para Kahlan que Richard tinha aprendido a diferenciar as boas ervas das urtigas. Kahlan também entendeu o que ele disse.

– É o pedido para as forças que eles temem que realmente deve acalmar o desconhecido.

O dedo de Ann levantou junto com a sobrancelha dela. – Sim. A natureza da oferenda na verdade é apenas simbólica, com o propósito de mostrar respeito, e através de um gesto de tamanho

respeito a esse poder eles esperam tranquilizá-lo. – O dedo de Ann baixou. – Às vezes, o ato de submissão é o bastante para conter um inimigo raivoso, não?

Kahlan e Richard concordaram.

– Melhor matar o inimigo e acabar com isso. – Cara disparou lá da porta.

Ann riu, inclinando para trás para olhar Cara. – Bem, às vezes, minha querida, existe mérito em tal alternativa.

– E como você “mataria” espíritos maus? – Zedd perguntou com uma voz que cortou o barulho da chuva.

Cara não teve resposta e então lançou um olhar raivoso.

Richard não estava escutando eles. Ela parecia estar hipnotizado pela Graça enquanto falava.

– Do mesmo modo, espíritos maus... e outros poderiam ficar enfurecidos por um gesto de desrespeito.

Kahlan estava abrindo a boca para perguntar a Richard porque ele de repente estava levando tão a sério os espíritos maus do Povo da Lama quando os dedos de Zedd tocaram no lado da sua perna. O olhar dele avisou-a que ele queria que ela ficasse quieta.

– Alguns pensam assim, Richard. – Zedd comentou lentamente.

– Porque você desenhou esse símbolo, essa Graça? – Richard perguntou.

– Ann e eu estávamos usando isso para avaliar alguns assuntos. Algumas vezes, uma Graça pode ser inestimável. Uma Graça é algo simples, e assim mesmo é infinitamente complexa. Aprender sobre a Graça é uma jornada que dura a vida toda, mas como uma criança aprendendo a andar, isso começa com um primeiro passo. Uma vez que você nasceu com o Dom, nós também pensamos que seria uma boa hora para você começar a aprender sobre isso.

O Dom de Richard era um grande enigma para ele. Agora que estavam reunidos com o avô dele, Richard precisava aprofundar-se nos mistérios daquele direito de nascimento e finalmente começar a

mapear o terreno estranho de seu poder. Kahlan gostaria que tivessem o tempo que Richard precisava, mas não tinham.

– Zedd, eu realmente gostaria de dar uma olhada no corpo de Juni.

– A chuva acabará em breve, – Zedd o tranquilizou. – e então daremos uma olhada.

Richard passou um dedo descendo pela ponta de uma linha que representava o Dom, representava magia.

– Se esse é um primeiro passo, e é tão importante, – Richard perguntou de forma contundente para Ann. – então porque as Irmãs da Luz não tentaram me ensinar sobre a Graça quando me levaram até o Palácio dos Profetas no Mundo Antigo? Quando tiveram chance?

Kahlan sabia o quão rapidamente Richard tornava-se desconfiado e cauteloso quando pensava ter sentido o toque de um laço sendo colocado por cima de sua cabeça, não importava o quão delicadamente isso era feito, ou quão inocente sua intenção. Uma vez as Irmãs de Ann colocaram uma coleira em seu pescoço.

Ann lançou um rápido olhar para Zedd.

– As Irmãs da Luz nunca haviam tentado instruir alguém como você, alguém nascido com o Dom para a Magia Subtrativa somada com a Aditiva costumeira.

– Ela escolheu as palavras cuidadosamente. – A prudência era necessária.

A voz de Richard tinha feito a sutil mudança de questionado para questionador.

– E mesmo assim agora você acha que eu deveria receber o ensinamento sobre esse assunto da Graça?

– A ignorância também é perigosa. – Ann falou, murmurando.

CAPÍTULO 5



Zedd jogou um punhado de terra seca do chão para o lado.

– Ann tem uma queda pela histrionice, – ele disparou. – eu já teria ensinado a você sobre a Graça há muito tempo, Richard, mas ficamos afastados, só isso.

A preocupação dele foi aliviada pelas palavras do avô, se não pelas de Ann, os músculos tensos nos ombros de Richard e no pescoço relaxaram enquanto Zedd prosseguiu.

– Embora a Graça pareça simples, ela representa a totalidade de todas as coisas. É desenhada assim.

Zedd curvou-se para frente sobre os joelhos. Com habilidosa precisão, ele deixou a terra chuvejar pelo lado do punho dele para rapidamente traçar uma demonstração do símbolo já desenhado no chão.

– Esse círculo externo representa o início do Submundo, o mundo infinito dos mortos. Para fora além desse círculo, no Submundo, não existe nada mais; só existe o eterno. É por isso que a Graça é iniciada aqui: surgindo do nada, onde não havia nada, a Criação inicia.

Dentro do círculo externo havia um quadrado, seus cantos tocando o círculo. O quadrado continha outro círculo largo o bastante para tocar as partes internas do quadrado. O círculo no centro continha uma estrela de oito pontas. Linhas retas desenhadas por último radiavam saindo das pontas da estrela, cortando através

de ambos os círculos, cada uma de quatro linhas cortava um canto do quadrado.

O quadrado representava o Véu separando o círculo externo do mundo dos espíritos, o Submundo, o mundo dos mortos, do círculo interior, que indicava os limites do mundo dos vivos, no centro de tudo isso, a estrela expressava a Luz, o Criador, com os raios do seu Dom de magia vindo daquela Luz que passava através de todas as fronteiras.

– Eu já vi isso. – Richard virou os pulsos e colocou-os sobre os joelhos.

Os braceletes que ele usava estavam cheios de estranhos símbolos, mas no centro de cada um deles, nas partes internas dos pulsos dele, havia uma pequena Graça em cada faixa. Como elas estavam na parte de baixo dos pulsos dele, Kahlan nunca tinha notado.

– A Graça é uma descrição da essência do Dom, – Richard disse. – representada pelos raios: do Criador, através da vida, e ao cruzar a morte, o Véu para a eternidade com os espíritos no reino do Guardião do Submundo. – Ele passou um dedo pelos desenhos em uma das faixas. – Também é um símbolo da esperança de permanecer na Luz do Criador desde o nascimento, através da vida, e além, no pós vida do Submundo.

Zedd piscou, surpreso.

– Muito bom, Richard. Mas como sabe disso?

– Aprendi a entender o jargão dos símbolos, e li algumas coisas sobre a Graça.

– O jargão dos símbolos...? – Kahlan podia ver que Zedd estava fazendo um grande esforço para se conter. – Você precisa saber, meu rapaz, que uma Graça pode invocar alquimia de grande importância. Uma Graça, se desenhada com substâncias perigosas como areia de feiticeira, ou usada de algumas outras formas, pode ter efeitos profundos...

– Como alterar a maneira como os mundos interagem para realizar um fim.

– Richard terminou. Ele levantou os olhos. – Eu li um pouco sobre isso.

Zedd, sentado sobre os joelhos, inclinou o corpo para trás. – Mais do que um pouco, poderia parecer. Quero que você nos conte tudo que fez desde a última vez em que estive com você. – Ele balançou um dedo. – Cada detalhe.

– O que é uma Graça Fatal? – ao invés disso, Richard perguntou. Zedd inclinou o corpo para frente, claramente surpreso dessa vez.

– Uma o quê?

– Graça Fatal. – Richard murmurou enquanto seu olhar deslizava pelo desenho no chão.

Kahlan não sabia mais sobre o que Richard estava falando do que Zedd, mas estava familiarizada com o comportamento dele. De vez em quando tinha visto Richard desse jeito, quase como se ele estivesse em outro lugar, fazendo perguntas curiosas enquanto avaliava algum dilema sombrio. Esse era o costume de um *Seeker*.

Também era uma bandeira vermelha que dizia para ela que ele acreditava haver algo seriamente fora de ordem. Ela sentiu calafrios subindo pelos antebraços.

Kahlan percebeu o leve movimento preocupado das sobrancelhas de Ann. Zedd estava quase explodindo com milhares de perguntas, mas Kahlan sabia que ele também estava acostumado com o modo que Richard, às vezes, ficava perdido dentro de si mesmo por razões inexplicáveis e fazia perguntas inesperadas. Zedd estava fazendo o melhor que podia para manter o controle.

Zedd esfregou as pontas dos dedos pelas rugas em sua testa, soltando um suspiro para manter a paciência.

– Maldição, Richard, nunca ouvi falar de uma coisa como uma Graça Fatal. Onde você ouviu?

– Apenas alguma coisa que li em algum lugar. – Richard murmurou. – Zedd, você consegue levantar outra Fronteira? Invocar uma Fronteira como fez antes do meu nascimento?

O rosto de Zedd contorceu mostrando frustração.

– Porque eu iria...

– Para isolar o Mundo Antigo e acabar com a guerra.

Pego de surpresa, Zedd fez uma pausa com a boca aberta, mas então um sorriso surgiu, esticando a pele enrugada dele nos ossos de seu rosto.

– Muito bom, Richard. Você será um bom mago, sempre pensando em como fazer a magia trabalhar para você procurando evitar danos e sofrimento. – O sorriso desapareceu. – Muito bem pensado, realmente, mas não, eu não posso fazer isso outra vez.

– Porque não?

– Esse era um feitiço de três. Isso significa que ele estava vinculado a três disso e três daquilo. Feitiços poderosos geralmente estão bem protegidos, a diretriz de três simplesmente é uma maneira de evitar que magia perigosa seja liberada com facilidade. O Feitiço da Fronteira era um desses. Encontrei ele em um texto antigo da Grande Guerra.

– Parece que está seguindo os passos do seu avô, mostrando interesse em ler livros antigos cheios de coisas estranhas. – As sobrancelhas dele baixaram. – A diferença é que eu estudei durante toda a minha vida, e sabia o que estava fazendo. Conhecia os perigos e como evitá-los ou minimizá-los. Conhecia minhas próprias habilidades e limitações. Uma grande diferença, meu rapaz.

– Só houve duas Fronteiras. – Richard pressionou.

– Ah, bem, Midlands estava envolvida em uma guerra terrível com D’Hara.

– Zedd cruzou as pernas debaixo de si enquanto contava a história. – Usei a primeira das três para aprender como fazer o feitiço, como ele funcionava, e como liberá-lo. A segunda usei para

separar Midlands e D'Hara, para acabar com a guerra. A última das três usei para isolar Westland, para aqueles que queriam um lugar para viverem livres de magia, assim evitando uma revolta contra os que possuem o Dom.

Kahlan teve dificuldade em imaginar como seria um mundo sem magia. Todo o conceito parecia cruel e sinistro para ela, mas ela sabia que haviam aqueles que não queriam nada mais do que viver suas vidas livres da magia. Westland, embora não fosse grande, fornecia um lugar assim. Pelo menos tinha feito isso durante algum tempo, mas agora não mais.

– Sem mais Fronteiras. – Zedd jogou as mãos para cima. – É isso.

Fazia quase um ano que as Fronteiras foram derrubadas por Darken Rahl, desaparecendo para reunir as três terras. Era uma coisa triste que a ideia de Richard não funcionasse, que eles não pudessem bloquear o Mundo Antigo e impedir que a guerra engolisse o Mundo Novo. Isso teria salvo incontáveis vidas que ainda seriam perdidas em uma luta que estava apenas começando.

– Algum de vocês, – Ann perguntou cortando o silêncio. – tem alguma ideia do paradeiro do Profeta? Nathan?

– Eu o vi pela última vez. – Kahlan falou. – Ele me ajudou a salvar a vida de Richard entregando a mim o livro roubado do Templo dos Ventos, e dizendo as palavras de magia que eu precisava usar para destruir o livro e manter Richard vivo até que ele pudesse se recuperar da praga.

Ann estava parecendo um lobo prestes a comer o jantar.

– E onde ele deve estar?

– Foi em algum lugar no Mundo Antigo. Irmã Verna estava lá. Alguém com quem Nathan se importava profundamente tinha acabado de ser assassinada diante dos olhos dele. Ele falou que às vezes a profecia supera nossas tentativas de contorná-la, e que às vezes pensamos que somos mais espertos do que somos, acreditando

que podemos deter a mão do destino, se quisermos isso com bastante vontade.

Kahlan passou um dedo na terra. – Ele partiu com dois dos homens dele, Walsh e Bollesdun, dizendo que estava devolvendo a Richard o seu título de Lorde Rahl. Ele falou para Verna poupar a si mesma dos problemas de tentar segui-lo. Disse que ela não conseguiria.

Kahlan olhou para os olhos repentinamente tristes de Ann. – Acho que Nathan estava partindo para tentar esquecer seja lá o que for que tenha terminado naquela noite. Para esquecer a pessoa que o ajudou, e perdeu sua vida por isso. Não acredito que você o encontre enquanto ele não quiser.

Zedd bateu com as palmas das mãos contra os joelhos, quebrando o feitiço do silêncio.

– Quero saber tudo que aconteceu desde a última vez que o vi, Richard. Desde o começo do último inverno. A história toda. Não deixe nada de fora, os detalhes são importantes. Você pode não entender isso, mas os detalhes podem ser críticos. Devo saber de tudo.

Richard observou tempo bastante para captar a expressão de atenta expectativa do seu avô.

– Gostaria de tivéssemos tempo para contar isso a você, Zedd, mas não temos. Kahlan, Cara, e eu precisamos voltar para Aydindril.

Os dedos de Ann mexeram em um botão no colarinho dela; Kahlan pensou que no jardim ilusório do autocontrole dela ervas daninhas pareciam estar começando a crescer.

– Podemos começar agora, e conversar mais durante a jornada.

– Você não pode imaginar o quanto eu gostaria que pudéssemos ficar com você, mas não há tempo para uma viagem assim. – Richard falou. – Devemos voltar depressa. Teremos que ir na *Sliph*. Sinto muito, realmente sinto, mas você não pode vir junto conosco através

da *Sliph*; terá que viajar até Aydindril sozinho. Quando chegar lá, podemos conversar.

– *Sliph*? – o nariz de Zedd ficou enrugado com a palavra. – Do que você está falando?

Richard não respondeu, ou ao menos pareceu ouvir. Ele estava observando a janela coberta pelo pano. Kahlan respondeu por ele.

– A *Sliph* é uma... – ela fez uma pausa. Como se explica uma coisa dessas?

– Bem, ela é como um tipo de mercúrio vivo. Ela consegue se comunicar conosco. Falar, eu quero dizer.

– Falar. – Zedd repetiu com uma voz distante. – Sobre o que ela fala?

– O que é importante não é o que ela fala. – Com um dedão, Kahlan mexeu na costura da perna de sua calça enquanto olhava fixamente nos olhos cor de avelã de Zedd. – A *Sliph* foi criada por aqueles magos, na Grande Guerra. Eles criaram armas usando pessoas; criaram a *Sliph* mais ou menos assim. Ela foi uma mulher. Eles usaram a vida dela para criar a *Sliph*, um ser que pode usar magia para fazer o que é chamado de viajar. Era usada para viajar entre grandes distâncias rapidamente. Distâncias realmente grandes. Como daqui até Aydindril em menos de um dia, ou para muitos outros lugares.

Zedd avaliou as palavras dela, independente do quanto ela sabia que deveriam ser assustadoras para ele. No início aquilo foi assustador para ela. Uma jornada assim geralmente levava vários dias, até mesmo em cavalos. Poderia levar semanas.

Kahlan colocou uma das mãos no braço dele. – Sinto muito, Zedd, mas você e Ann não podem ir. A magia da *Sliph*, como você estava explicando, tem mecanismos protegendo-a. Foi por isso que Richard teve que deixar sua espada para trás; a magia dela é incompatível com a magia da *Sliph*.

– Para viajar na *Sliph*, é preciso ter pelo menos alguma pequena quantidade de Magia Subtrativa assim como da Aditiva. Vocês não possuem nenhuma Magia Subtrativa. Você e Ann morreriam na *Sliph*. Eu tenho um elemento dela em meu poder de Confessora, e Cara usou a habilidade dela como uma Mord-Sith para capturar o Dom de um Andoliano, que tem um elemento dela, então ela também pode viajar, e é claro, Richard tem o Dom para a Magia Subtrativa.

– Você esteve usando Magia Subtrativa! Mas, mas, como... o quê... onde...

– Zedd resmungou, perdendo de vista a pergunta que ele queria fazer primeiro.

– A *Sliph* existe nesses poços de pedras. Richard chamou a *Sliph*, e agora podemos viajar nela. Mas temos que ser cuidadosos, ou Jagang pode enviar os servos dele. – Kahlan juntou as partes internas dos pulsos. – Quando não estamos viajando, Richard faz ela dormir encostando os braceletes, no local onde estão as Graças, e ela reencontra com a alma dela no Submundo.

O rosto de Ann tinha ficado pálido.

– Zedd, eu avisei você sobre isso. Não podemos deixar ele andar por aí livremente. Ele é importante demais. Vai acabar se matando.

Zedd parecia pronto para explodir.

– Você usou as Graças nos braceletes? Maldição, Richard, você não tem ideia do que está fazendo! Você está mexendo com o Véu quando faz uma coisa dessas!

Richard, com sua atenção em outro lugar, estalou os dedos e fez um sinal apontando para os grossos pedaços de madeira debaixo do banco. Ele balançou os dedos indicando urgência. Franzindo a testa, Zedd entregou para ele um dos galhos robustos. Richard quebrou ele em dois sobre o joelho enquanto observava a janela.

No brilho do relâmpago seguinte, Kahlan viu a silhueta de uma galinha empoleirada no peitoril da janela, do outro lado do pano.

Enquanto o raio brilhava e o trovão rugia, a sombra da galinha moveu-se lentamente para o outro canto da janela.

Richard atirou o galho com força. Ele atingiu a ave no peito. Com um bater de asas e um cacarejo assustado, ela caiu da janela.

– Richard! – Kahlan agarrou a manga dela. – Porque você faria uma coisa assim? A galinha não estava incomodando ninguém. A pobrezinha estava apenas tentando ficar fora da chuva.

Isso ele também pareceu não ouvir. Virou na direção de Ann.

– Você viveu no Mundo Antigo com ele. Quanto você sabe sobre o Andarilho dos Sonhos?

– Bem, eu, eu, acho que sei um pouco. – ela declarou, surpresa.

– Você sabe sobre como Jagang pode invadir a mente de uma pessoa, deslizar entre os pensamentos dela, e ficar entrincheirado ali, mesmo sem o conhecimento dela?

– Claro. – Ela quase pareceu indignada com uma pergunta tão básica sobre o inimigo que eles estavam combatendo. – Mas você e aqueles que estão ligados a você estão protegidos. O Andarilho dos Sonhos não pode invadir a mente de alguém devotado a Lorde Rahl. Não sabemos a razão, apenas que isso funciona.

Richard assentiu. – Alric. Ele é a razão.

Confuso, Zedd piscou.

– Quem?

– Alric Rahl. Um ancestral meu. Eu li que os Andarilhos dos Sonhos eram uma arma desenhadas três mil anos atrás na Grande Guerra. Alric Rahl criou um feitiço, a ligação, para proteger seu povo, ou qualquer um que jurasse lealdade a ele, dos Andarilhos dos Sonhos. O poder de proteção da ligação é transmitido para todo Rahl com o Dom.

Zedd abriu a boca para fazer uma pergunta, mas Richard virou para Ann.

– Jagang entrou na mente de um mago e enviou ele para matar Kahlan e eu, tentou usá-lo como um assassino.

- Mago? – Ann fez uma careta. – Quem? Que mago?
- Marlin Pickard. – Kahlan disse.
- Marlin! – Ann suspirou balançando a cabeça. – O pobre rapaz.

O que aconteceu com ele?

– A Madre Confessora o matou. – Cara falou sem hesitar. – Ela é uma verdadeira irmã de Agiel.

Ann cruzou as mãos sobre o colo e inclinou na direção de Kahlan.

– Mas como você descobriu...

– Nós poderíamos esperar que ele tentasse uma coisa assim de novo. – Richard interrompeu, chamando a atenção de Ann de volta. – Mas um Andarilho dos Sonhos pode invadir a mente de... de alguma outra coisa além de uma pessoa?

Ann considerou a pergunta com mais paciência do que Kahlan pensou que ela merecia.

– Não. Acredito que não.

– Você “acredita que não”. – Richard inclinou a cabeça. – Está supondo, ou tem certeza? Isso é importante. Por favor, não faça suposições.

Ela encarou Richard durante um longo tempo antes de finalmente balançar a cabeça.

– Não. Ele não pode fazer uma coisa assim.

– Ela está certa. – Zedd insistiu. – Eu sei o bastante sobre o que ele pode fazer para saber o que ele não pode fazer. É necessária uma alma. Uma alma como a dele mesmo. Caso contrário, isso simplesmente não funciona. Do mesmo jeito que não poderia projetar sua mente dentro de uma rocha para ver o que ela estava pensando.

Com o dedo indicador, Richard tocou o lábio inferior. – Então não é Jagang. – ele murmurou para si mesmo.

Zedd girou os olhos, exasperado.

– O que não é Jagang?

Kahlan suspirou. Às vezes tentar acompanhar o raciocínio de Richard era como tentar dar comida na boca de formigas com uma colher.

CAPÍTULO 6



Ao invés de responder a pergunta de Zedd, Richard parecia mais uma vez já estar a meia milha seguindo uma estrada diferente.

– As Notas. Você cuidou delas? Deveria ser uma coisa simples. Você cuidou disso?

– Uma coisa simples? – o rosto de Zedd destacou-se vermelho contra o seu cabelo branco desganhado. – Quem falou isso para você?

Richard pareceu surpreso com a pergunta.

– Eu li isso. Então, você tomou conta disso?

– Nós concluímos que não havia nada para “tomar conta”. – Ann falou, sua voz mostrando um suave tom de irritação.

– Está certo. – Zedd resmungou. – O que você quer dizer com “uma coisa simples”?

– Kolo disse que elas eram bastante assustadoras no início, mas depois de investigarem eles descobriram que as Notas eram uma arma simples e fácil de vencer.

– Richard jogou as mãos para cima. – Como você sabe que isso não é um problema? Tem certeza?

– Kolo? Maldição, Richard, do que você está falando! Quem é Kolo?

Richard balançou uma das mãos como se estivesse pedindo calma antes de levantar e caminhar até a janela. Ele levantou a cortina. A galinha não estava lá. Enquanto ele se esticava na ponta dos pés para espiar dentro da chuva, Kahlan respondeu por ele.

– Richard encontrou um diário na Fortaleza. Está escrito em Alto D’Haran. Ele e uma das Mord-Sith, Berdine, que sabe um pouco da língua morta Alto D’Haran, trabalharam duro para traduzir uma parte dele.

– O homem que escreveu o diário era um mago na Fortaleza durante a Grande Guerra, mas eles não sabem o nome dele, então o chamaram de Kolo, de uma palavra em Alto D’Haran que significa “conselheiro de confiança”. O diário provou ser inestimável.

Zedd virou para olhar desconfiado para Richard. Seu olhar voltou para Kahlan. A suspeita foi transmitida para sua voz.

– E exatamente onde ele encontrou esse diário?

Richard começou a caminhar de um lado para outro, com as pontas dos dedos na testa, em profunda concentração. Os olhos cor de avelã de Zedd aguardavam a resposta dela.

– Foi na sala da *Sliph*. Lá embaixo, na grande torre.

– A grande torre. – O modo como Zedd repetiu as palavras dela soou como uma acusação. Ele olhou brevemente para Richard outra vez. – Não diga que está falando daquela sala que está selada.

– Essa mesma. Quando Richard destruiu as torres entre o Mundo Novo e o Antigo para que ele pudesse chegar aqui, o selo daquela sala também foi destruído. Foi lá que ele encontrou o diário, os ossos de Kolo, e a *Sliph*.

Richard parou junto do seu avô.

– Zedd, falaremos para você sobre tudo isso mais tarde. Nesse momento, gostaria de saber porque você não acredita que as Notas estejam aqui.

Kahlan franziu a testa para Richard. – Aqui? O que isso significa, “aqui”?

– Aqui nesse mundo. Zedd, como você sabe?

Zedd apontou um dedo na direção do espaço vazio no círculo que estava no chão em volta da Graça.

– Sente-se, Richard. Você está me deixando nervoso, andando de um lado para outro como um cão de caça querendo sair.

Enquanto Richard checava a janela uma última vez antes de voltar para sentar, Kahlan perguntou a Zedd.

– O que são as Notas?

– Oh, – Zedd falou, balançando os ombros. – são apenas algumas criaturas irritantes. Mas...

– Irritantes! – Ann deu um tapa na testa. – Tente catastróficas!

– E eu as invoquei? – Kahlan perguntou, com ansiedade crescendo em sua voz. Tinha pronunciado os nomes das Três Notas para completar a magia que salvou a vida de Richard. Não sabia o que as palavras significavam, mas sabia que sem elas Richard teria morrido depois de mais um ou, no máximo, dois suspiros.

Zedd balançou uma das mãos para aliviar o medo dela. – Não, não. Como Ann diz, elas possuem o potencial para causar problemas, mas...

Richard levantou as calças na altura dos joelhos quando dobrou as pernas.

– Zedd, por favor responda a pergunta. Como você sabe que elas não estão aqui?

– Porque, as Notas são uma obra de três. Em parte, é por isso que elas são três: *Reechani, Sentrosi, Vasi*.

Kahlan quase deu um pulo.

– Pensei que você não deveria falar os nomes delas em voz alta!

– Você não deve. Uma pessoa comum poderia sem nenhum efeito ruim. Eu posso falar em voz alta sem invocá-las. Ann pode, e Richard também. Mas não aquelas pessoas incrivelmente raras como você.

– Porque eu?

– Porque você tem magia poderosa o bastante para invocá-las em benefício de outra pessoa. Mas sem o Dom, que protege o Véu, as

Notas também poderiam espalhar sua magia através desse mundo. Os nomes das Três Notas deveriam ser um segredo.

– Então eu posso ter chamado elas para dentro desse mundo.

– Queridos espíritos. – Richard sussurrou. O sangue desapareceu de seu rosto. – Elas poderiam estar aqui.

– Não, não. Existem incontáveis precauções, e numerosos requisitos que são exigentes e extraordinários. – Zedd levantou um dedo para silenciar a pergunta de Richard antes que ele conseguisse abrir a boca. – Entre muitas outras coisas; Kahlan, por exemplo, teria que ser a sua terceira esposa. – Zedd lançou para Richard um sorriso condescendente! – Satisfeito, Senhor “eu-li-isso-em-um-livro”?

Richard soltou um suspiro. – Bom. – Ele suspirou mais uma vez bem alto enquanto a cor retornava ao seu rosto. – Bom. Ela é apenas minha segunda esposa.

– O quê! – Zedd levantou os braços, quase caindo de costas. Ele bufou e abaixou as mangas. – O que você quer dizer com, ela é apenas a sua segunda esposa? Conheço você a minha vida toda, Richard, e sei que nunca amou ninguém além de Kahlan. Porque, em nome da Criação, você casaria com outra pessoa?

Richard limpou a garganta enquanto exibia uma expressão de sofrimento junto com Kahlan.

– Olha, isso é uma longa história, mas o final dela é que para entrar no Templo dos Ventos e acabar com a praga, eu tive que casar com Nadine. Isso faria de Kahlan minha segunda esposa.

– Nadine. – Zedd ficou de boca aberta enquanto coçava a bochecha. – Nadine Brighton? Essa Nadine?

– Sim. – Richard mexeu na terra. – Nadine... morreu pouco depois da cerimônia.

Zedd soltou um assovio baixo.

– Nadine era uma boa garota, aprendendo a ser uma Curandeira. A pobrezinha. Seus pais ficarão arrasados.

– Sim, a pobrezinha. – Kahlan murmurou.

A ambição de Nadine era ter Richard, e havia poucos motivos para aquela ambição. Várias vezes, Richard disse para Nadine em termos explícitos que não havia nada entre os dois, nunca haveria, e que ele queria que ela fosse embora o mais cedo possível. Para o desespero de Kahlan, Nadine simplesmente sorria e dizia “qualquer coisa que você disser, Richard”, enquanto continuava a fazer esquemas.

Embora jamais tivesse desejado qualquer mal verdadeiro para Nadine, especialmente a morte horrível que ela sofreu, Kahlan não podia fingir ter pena da “vadia conspiradora”, como Cara a chamava.

– Porque o seu rosto está todo vermelho? – Zedd perguntou.

Kahlan levantou os olhos. Zedd e Ann estavam olhando para ela.

– Hum, bem... – Kahlan mudou de assunto. – Espere um minuto. Quando eu falei as Três Notas eu não estava casada com Richard. Não estávamos casados até que viemos aqui, até o Povo da Lama. Então, eu nem era esposa dele naquele momento.

– Isso é melhor ainda. – Ann disse. – Remove outro degrau do caminho das Notas.

As mãos de Richard encontraram as de Kahlan.

– Bem, isso pode não ser exatamente verdadeiro. Quando tivemos de falar as palavras e satisfazer os requisitos para que eu pudesse entrar no Templo, em nossos corações nós dissemos as palavras um para o outro, então poderiam considerar que estávamos casados por causa daquele juramento de comprometimento.

– Às vezes a magia, a magia do mundo dos espíritos, de qualquer modo, funciona através de regras ambíguas assim.

Ann moveu o corpo inquieta.

– Isso é bem verdadeiro.

– Mas independente de como você considerar, isso apenas a tornaria sua segunda esposa. – Zedd olhou para os dois,

desconfiado. – Essa história fica mais complicada cada vez que um de vocês abre a boca. Preciso ouvir a coisa toda.

– Antes de partirmos, podemos contar uma parte. Quando você chegar até Aydindril, então teremos tempo para contar tudo a você. Mas precisamos voltar através da *Sliph* imediatamente.

– Qual é a pressa, meu rapaz?

– Jagang não gostaria de nada mais do que botar as mãos na magia perigosa guardada na Fortaleza do Mago. Se ele fizesse isso, seria desastroso. Zedd, você seria a melhor pessoa para proteger a Fortaleza, mas nesse meio tempo você não acha que Kahlan e eu seríamos melhor do que nada?

– Pelo menos nós estávamos lá quando Jagang enviou Marlin e a Irmã Amélia até Aydindril.

– Amélia! – Ann fechou os olhos enquanto pressionava as têmporas. – Ela é uma Irmã do Escuro. Você sabe onde ela está agora?

– A Madre Confessora a matou também. – Cara falou lá da porta.

Kahlan mostrou um olhar zangado para a Mord-Sith. Cara respondeu sorrindo como uma irmã orgulhosa.

Ann abriu um olho para observar Kahlan.

– Não foi uma tarefa pequena. Um mago sendo dirigido pelo Andarilho dos Sonhos, e agora uma mulher com o talento sombrio do próprio Guardião.

– Um ato de desespero. – Kahlan falou. – Nada mais.

Zedd soltou uma leve risada.

– Pode haver magia poderosa em atos de desespero.

– Do mesmo jeito que em pronunciar as Três Notas. – ela disse. – Um ato de desespero para salvar a vida de Richard. O que são as Notas? Porque vocês estavam tão preocupados?

Zedd moveu o corpo para ficar mais confortável sobre o traseiro magro.

– A pessoa errada falando o nome para invocar a ajuda delas e impedir que uma pessoa cruze a linha, – ele indicou a linha da Graça representando o mundo dos mortos. – por um infortúnio do destino pode invocá-las inadvertidamente para dentro do mundo dos vivos, onde elas podem realizar o propósito para o qual foram criadas: acabar com a magia.

– Elas absorvem a magia, – Ann disse. – como o solo árido absorve uma chuva de verão. São uma espécie de seres, mas não estão vivas. Não possuem alma.

As linhas no rosto de Zedd assumiram uma expressão sombria quando ele assentiu.

– As Notas são criaturas conjuradas do outro lado, do Submundo. Elas anulariam a magia nesse mundo.

– Quer dizer que elas caçam e matam aqueles que possuem magia? – Kahlan perguntou. – Como o Povo da Sombra costumava fazer? O toque delas é mortal?

– Não. – Ann falou. – Elas podem e realmente matam, mas só a presença delas nesse mundo, com o tempo, é tudo que seria necessário para extinguir a magia. Eventualmente, qualquer um que dependa de sua magia para sobreviver morreria. Primeiro os mais fracos. Eventualmente, até mesmo os mais fortes.

– Entendam, – Zedd preveniu. – que não sabemos muito sobre elas. Elas eram armas da Grande Guerra, criadas por magos com mais poder do que eu posso imaginar. O Dom não é mais como era.

– Se as Notas de algum modo viessem para esse mundo, e acabassem com a magia, – Richard perguntou. – todos aqueles com o Dom não o teriam mais? Por exemplo, o Povo da Lama simplesmente não conseguiria mais entrar em contato com os espíritos ancestrais deles? As criaturas com magia morreriam e seria isso mesmo? Restariam apenas pessoas comuns, animais e árvores? Como o lugar onde eu cresci em Westland, onde não existe magia alguma?

Kahlan podia sentir o leve rugido de trovão no chão debaixo dela. A chuva continuava. O fogo na lareira chiava mostrando sua repulsa ao seu antagonista líquido.

– Não podemos responder isso, meu rapaz. Não é como se houvesse algum precedente que podemos indicar. O mundo é complexo além de nossa compreensão. Somente o Criador entende como tudo isso funciona em conjunto.

A luz do fogo projetou o rosto de Zedd em rudes sombras angulares enquanto ele falava com forte convicção.

– Mas temo que seria muito pior do que você imagina.

– Pior? Pior como?

Alisando meticulosamente o manto nas coxas, Zedd levou algum tempo para responder.

– A Oeste daqui, nas terras montanhosas acima do Vale Nareef, as fontes do Rio Dammar se juntam, eventualmente para fluírem dentro do Rio Drun. Essas fontes removem venenos do solo das terras montanhosas.

– As terras montanhosas são um frio deserto, com os ocasionais ossos esbranquiçados de um animal que permaneceu tempo demais e bebeu demais das águas envenenadas. É um lugar com vento forte, desolado, mortal.

Zedd abriu os braços para gesticular, sugerindo a escala grandiosa. – Os milhares de riachos e arroios de todas as colinas das montanhas ao redor juntavam-se em um lago raso, largo, pantanoso antes de seguir adiante até o vale abaixo. A planta Paka cresce ali em grande abundância, especialmente no largo extremo ao Sul, de onde as águas descem. A Paka é capaz não apenas de tolerar o veneno, mas prospera nele. Somente a lagarta de uma traça come algumas das folhas da Paka e tece seu casulo entre os caules grossos.

– Pássaros fazem ninhos na cabeceira do Vale Nareef, sobre os penhascos logo abaixo desse lago de veneno do terreno montanhoso. Uma das comidas favoritas deles são os frutos da planta Paka que

crece não muito longe acima, e assim eles são um dos poucos animais que frequentam as terras montanhosas. Eles não bebem a água.

– Então os frutos não são venenosos? – Richard perguntou.

– Não. Em uma maravilha da Criação, a Paka cresce forte com os contaminantes da água, mas os frutos que ela produz não possuem o veneno, e a água que flui descendo a montanha, filtrada por toda Paka, é pura e saudável.

– Vivendo nas terras montanhosas também está a mariposa Gambit. O modo como ela fica voando lentamente de um lado para outro a torna irresistível para os pássaros, que geralmente comem em maior parte sementes e frutos. Por causa do local onde mora, ela é caçada por poucos animais além dos pássaros.

– Agora, prestem atenção, a planta Paka, não consegue se reproduzir sozinha. Talvez por causa dos venenos na água, o lado externo de sua semente é dura como aço e não abre, assim a planta lá dentro não consegue brotar. Apenas magia pode realizar a tarefa.

Os olhos de Zedd estreitaram, seus braços se abriram, e seus dedos se afastaram com o avançar da história. Kahlan lembrou de ficar de olhos arregalados em sua infância ao escutar a história da mariposa Gambit pela primeira vez enquanto sentava no joelho de um mago lá na Fortaleza.

– A mariposa Gambit tem essa magia, no pó em suas asas. Quando os pássaros comem a mariposa, junto com os frutos da Paka, o pó mágico da mariposa trabalha dentro das aves para romper a casca das pequenas sementes. Em suas fezes, os pássaros espalham as sementes de Paka, e por causa da magia singular da mariposa Gambit, as sementes de Paka conseguem brotar.

– Depende da Paka, assim gerar as folhas, onde a mariposa Gambit coloca seus ovos e onde as recém nascidas lagartas comem e crescem fortes antes de tecerem seu casulo para tornarem-se mariposas Gambit.

– Assim, – Richard falou. – se a magia terminar, então... o que você está dizendo? Que até mesmo criaturas como uma mariposa com magia ficaria sem ela, e assim a planta Paka morreria, e então uma ave passaria fome, e conseqüentemente a mariposa Gambit não teria planta Paka para que suas lagartas comessem, então ela seria extinta?

– Pense, – o velho mago sussurrou. – o que mais aconteceria?

– Bem, principalmente, quando as plantas Paka antigas morressem e nenhuma nova crescesse, pareceria lógico que a água descendo no Vale Nareef ficaria venenosa.

– Isso mesmo, meu rapaz. A água envenenaria os animais logo abaixo. Os cervos morreriam. Os racuns, os porcos-espinho, os roedores, as corujas, as aves. E qualquer animal que comesse a carcaça deles: lobos, coiotes, falcões. Todos morreriam. – Zedd inclinou para frente, levantando um dedo. – Até mesmo as minhocas.

Richard assentiu.

– Muitos dos animais que vivem no vale poderiam ser envenenados eventualmente. Muitas das terras férteis poderiam ser maculadas pelas águas do Dammar. Seria um desastre para o povo e os animais que vivem no Vale Nareef.

– Pensem no que aconteceria quando a carne desses animais fosse vendida,

– Ann adicionou. – antes que alguém soubesse que ela estava envenenada.

– Ou as plantações. – Kahlan completou.

Zedd aproximou-se. – E pensem o que mais isso poderia significar.

Richard olhou de Ann para Kahlan, para Zedd.

– O Rio Dammar deságua no Drun. Se o Dammar estivesse envenenado, então o Drun também ficaria. Tudo corrente abaixo também ficaria contaminado.

Zedd assentiu. – E corrente abaixo fica a terra dos Toscla. O Nareef é para os Toscla o mesmo que uma pulga é para um cão. Toscla cultivam grandes quantidades de grãos e outras plantações que alimentam muitas pessoas de Midlands. Eles enviam grandes caravanas de carroças com carga ao Norte para negociar.

Fazia muito tempo desde que Zedd viveu em Midlands. Toscla era um nome antigo. Estendia-se longe ao Sudoeste; nas terras selvagens, como um vasto mar, isolando-a do resto de Midlands, o povo dominante ali, agora chamavam a si mesmos de Anders, repetidamente mudavam seu nome, e também o nome de sua terra. O que Zedd conheceu como Toscla tinha mudado para Vengren, depois Vendice, depois Turslan, e atualmente era Anderith.

– Grãos envenenados seriam vendidos antes que soubessem disso, envenenando incontáveis almas desconhecidas. – Zedd estava dizendo. – ou o povo de Toscla descobriria em tempo, e não poderia vender sua plantações. Os animais deles poderiam morrer em breve. Os peixes que eles retiram das águas costeiras também poderiam estar envenenados pelas águas do Drun que fluem para dentro delas. A contaminação poderia encontrar seu caminho até os campos, matando novas plantações e esperanças pelo futuro.

– Com sua produção de animais e peixes envenenada, e sem plantações para trocar por outra comida, o povo de Toscla poderia passar fome. Pessoas em outras terras que dependiam da compra daquelas plantações em negociações passariam por tempos difíceis também, porque eles, como resultado, então não conseguiriam vender suas mercadorias. Com o comércio prejudicado, e com a escassez elevando os preços, pessoas em todas as partes de Midlands começariam a ter dificuldades com a alimentação de suas famílias.

– A inquietação civil cresceria com a escassez. A fome se espalharia. O pânico poderia se instalar. A inquietação poderia transformar-se em lutas quando as pessoas fugissem para terras não

contaminadas, que outras já ocupam. O desespero poderia ventilar as chamas. Toda a ordem poderia ser destruída.

– Você está apenas especulando. – Richard disse. – Não está prevendo uma calamidade se espalhando amplamente, está? Se a magia falhasse, poderia ser tão ruim assim?

Zedd encolheu os ombros.

– Uma coisa assim nunca aconteceu, então é difícil dizer. Poderia acontecer que o veneno fosse diluído pelas águas do Dammar e do Drun, e não causasse dano algum, ou no máximo alguns problemas localizados. Quando o Drun flui para dentro do mar, toda aquela quantidade de água poderia anular a força do veneno, então a pesca poderia não ser afetada. Poderia não acabar sendo nada além de uma inconveniência menor.

Na luz fraca, o cabelo de Zedd lembrou Kahlan de chamas brancas. Ele olhou com um olho para o neto.

– Mas, – ele sussurrou. – caso a magia da mariposa Gambit falhasse, até onde sabemos, isso poderia muito bem iniciar uma cascata de eventos que resultaria no fim da vida como conhecemos.

Richard passou uma das mãos sobre o rosto enquanto imaginava como um desastre assim poderia se espalhar através de Midlands.

Zedd levantou uma sobrancelha. – Você começou a captar a ideia? – Ele deixou o silêncio desconfortável se arrastar antes de adicionar. – E isso é apenas uma pequena coisa de magia. Eu poderia falar a você sobre incontáveis outras.

– As Notas são do mundo dos mortos. Isso certamente se encaixaria nos objetivos delas. – Richard murmurou enquanto passava os dedos através do cabelo. – Isso significaria que se as mais fracas morressem primeiro, a magia das mariposas Gambit estaria entre as primeiras a falhar?

– E qual é a força da magia de uma mariposa Gambit? – Zedd afastou as mãos. – Não há como dizer. Poderia estar entre as

primeiras, ou ser a última.

– E quanto a Kahlan? Ela perderia seu poder? Essa é a proteção dela. Precisa dela.

Richard foi a primeira pessoa a aceitá-la como ela era, a amá-la como ela era, com o poder e tudo. Isso, de fato, tinha sido o segredo da magia dela e a razão pela qual ele ficou ileso diante de sua natureza mortal. Foi a razão pela qual foram capazes de compartilhar a essência física do amor deles sem que a magia dela o destruísse.

Zedd franziu a testa. – Maldição, Richard, você não está escutando? É claro que ela perderia o poder. É magia. Toda magia acabaria. A dela, a minha, a sua. Mas enquanto você e Kahlan simplesmente perderiam sua magia, o mundo poderia morrer ao redor de vocês.

Richard deslizou um dedo pela terra. – Não sei como usar o meu Dom, então isso não significaria muito para mim. Mas significa bastante coisa para outros. Não podemos deixar isso acontecer.

– Felizmente, isso não pode acontecer. – Zedd puxou as mangas em um gesto enfático. – Esse é apenas um jogo de “e se” em um dia de chuva.

Richard levantou os joelhos e passou os braços em volta deles enquanto parecia mergulhar de volta em seu distante mundo silencioso.

– Zedd está certo. – Ann falou. – Tudo isso é apenas especulação. As Notas não estão soltas. O que é importante, agora, é Jagang.

– Se a magia terminasse, – Kahlan perguntou. – Jagang não perderia sua habilidade como Andarilho dos Sonhos?

– Claro. – Ann disse. – Mas não há razão para acreditar...

– Se as Notas estivessem soltas nesse mundo, – Richard interrompeu. – como poderiam ser detidas? Deveria ser uma coisa simples. Como faria isso?

Ann e Zedd trocaram um olhar.

Antes que algum deles pudesse responder, a cabeça de Richard virou na direção da janela. Ele levantou e com três passos havia cruzado a sala. Empurrou a cortina para o lado e espiou lá fora. Rajadas de vento sopraram gotas de chuva contra o seu rosto quando ele se inclinou para fora, olhando para os dois lados. Raios cortaram através do ar turvo da tarde, e trovões vieram logo atrás deles.

Zedd aproximou-se de Kahlan. – Você tem alguma ideia do que está acontecendo dentro da cabeça daquele rapaz?

Kahlan molhou os lábios.

– Acho que tenho uma noção, mas não acreditaria em mim se eu contasse.

Richard inclinou a cabeça, escutando. Kahlan, no silêncio, esticou o corpo tentando ouvir qualquer coisa fora do normal.

Ao longe, ouviu o choro aterrorizado de uma criança.

Richard disparou até a porta.

– Todos esperem aqui.

Juntos, todos correram atrás dele.

CAPÍTULO 7



Espirrando lama quando pisavam, Zedd, Ann, Cara, e Kahlan seguiam atrás de Richard enquanto ele corria pelas passagens entre as paredes estucadas de construções. Kahlan teve que forçar os olhos para enxergar através do aguaceiro. O alagamento estava tão frio que fez ela arfar.

Caçadores, seus protetores sempre presentes, apareceram do meio da chuva para correrem ao lado deles. As construções que passavam voando eram em maior parte casas de compartimento único compartilhando ao menos uma de suas paredes, mas às vezes até três. Juntas, elas se amontoavam em um complexo labirinto aparentemente sem qualquer planejamento.

Seguindo pela direita, atrás de Richard, Ann surpreendeu Kahlan com seu movimento ligeiro. Ann não parecia uma mulher adequada para correr, mas ela acompanhava o ritmo com facilidade. Os braços magros de Zedd mantinham uma cadência veloz e constante. Cara, com suas longas pernas, saltava ao lado de Kahlan. Os caçadores corriam com graça sem fazerem esforço. Na dianteira, Richard, com sua capa dourada esvoaçando, era uma visão intimidante; comparado aos caçadores magros, ele era uma montanha avançando como uma avalanche através das ruas estreitas.

Richard seguiu a passagem sinuosa durante uma curta distância antes de disparar para a direita na primeira esquina. Uma cabra negra e duas marrons acharam a procissão apressada uma

curiosidade, assim como várias crianças em pequenos pátios com viveiros para galinhas. Mulheres olharam de bocas abertas de portais flanqueados por vasos com plantas.

Richard dobrou para esquerda na esquina seguinte. Ao avistar o grupo de pessoas correndo, uma jovem debaixo de um pequeno telhado pegou rapidamente uma criança que chorava. Mantendo a cabeça do garotinho encostada no ombro, ela pressionou as costas contra a porta, para ficar fora do caminho do problema que corria em sua direção. O garoto chorava enquanto ela tentava acalmá-lo.

Richard parou repentinamente, com todos atrás dele fazendo o melhor que podiam para não colidirem com ele. Os olhos arregalados assustados da mulher moviam-se rapidamente entre as pessoas que, de repente, a cercavam enquanto estava parada no portal.

– O que é isso? – ela perguntou. – Porque vocês estão atrás de nós?

Richard quis saber o que ela estava falando antes que ela terminasse de falar. Kahlan abriu caminho até a frente do grupo. Sangue manchava arranhões e escorria de cortes no garoto que a mulher segurava nos braços.

– Ouvimos o seu filho chorar. – Com dedos gentis, Kahlan acariciou o cabelo da criança que chorava. – Pensamos que era algum problema. Ficamos preocupados com seu garoto. Viemos para ajudar.

Aliviada, a mulher deixou o peso do garoto escorregar do colo até o chão. Ela agachou e pressionou um pano manchado de sangue nos cortes dele enquanto fazia sons de conforto para acalmar seu pânico. Levantou os olhos para o grupo ao redor dela.

– Ungi está bem. Obrigada pela sua preocupação, mas ele estava apenas sendo um garoto. Garotos se metem em confusão.

Kahlan falou para os outros o que a mulher disse.

– Como ele ficou todo arranhado assim? – Richard quis saber.

– *Ka chenota*. – a mulher respondeu quando Kahlan fez a pergunta de Richard.

– Uma galinha. – Richard disse antes que Kahlan conseguisse falar. Aparentemente, ele tinha aprendido que *chenota* significava galinha na língua do Povo da Lama. – Uma galinha atacou o seu garoto? *Ka chenota*?

Ela piscou quando Kahlan traduziu a pergunta de Richard. A risada cínica da mulher ecoou através do barulho da chuva.

– Atacado por uma galinha? – Balançando a mão, ela zombou, como se tivesse pensado por um momento que eles falavam sério. – Ungi acha que é um grande caçador. Ele caça galinhas. Dessa vez ele encurralou uma, assustando ela, e ela arranhou ele tentando fugir.

Richard agachou diante de Ungi, esfregando a mão no cabelo negro do garoto.

– Você estava caçando galinhas? *Ka chenota*? Provocando elas? Não foi isso que aconteceu mesmo, foi?

Ao invés de traduzir as perguntas de Richard, Kahlan agachou sentando sobre os calcanhares.

– Richard, o que significa isso?

Richard colocou uma das mãos de modo confortador nas costas do garoto enquanto sua mãe limpava sangue que escorria pelo peito dele.

– Vejam as marcas de garras. – Richard sussurrou. – A maioria estão em volta do pescoço dele.

Kahlan soltou um suspiro, irritada.

– Sem dúvida ele tentou carregá-la e segurá-la. A galinha em pânico estava apenas tentando fugir.

De modo relutante, Richard admitiu que poderia ser isso mesmo.

– Isso não é nada além de uma grande falta de sorte. – Zedd anunciou lá de cima. – Deixem que eu faça uma pequena cura no

garoto e então poderemos entrar e sair dessa chuva desgraçada, e comer alguma coisa. E eu ainda tenho várias perguntas a fazer.

Richard, ainda agachado na frente do garoto, levantou um dedo, pedindo que Zedd esperasse. Olhou dentro dos olhos de Kahlan.

– Pergunte para ele. Por favor?

– Diga porque. – Kahlan insistiu. – É por causa daquilo que o Homem Pássaro falou? Realmente é disso que se trata? Richard, ele esteve bebendo.

– Olhe por cima do meu ombro.

Kahlan espiou através da cortina de chuva. Do outro lado da passagem estreita, debaixo da calha de grama no canto de uma construção, uma galinha agitava suas penas. Era outra da variedade com listras escuras, como a maioria das galinhas do Povo da Lama.

Kahlan estava com frio, sentindo-se miserável e ensopada. Estava começando a perder a paciência quando encontrou novamente os olhos de Richard.

– Uma galinha tentando ficar fora da chuva? É isso que você quer que eu veja?

– Sei o que você pensa...

– Richard! – ela grunhiu entre os dentes. – Me escute. – Ela fez uma pausa, não querendo discutir com Richard, entre todas as pessoas. Disse para si mesma que ele simplesmente estava preocupado com a segurança deles. Mas essa era uma preocupação sem fundamento. Kahlan procurou se acalmar. Segurou o ombro dele, esfregando com o dedão.

– Richard, você só está se sentindo mal porque Juni morreu hoje. Eu também me sinto mal. Mas não faz com que isso seja sinistro. Talvez ele tenha morrido apenas pelo esforço de correr; já ouvi falar sobre isso acontecer com pessoas jovens. Você tem que reconhecer que às vezes as pessoas morrem, e nunca ficamos sabendo a razão.

Richard olhou para os outros. Zedd e Ann estavam se ocupando em admirar os músculos do jovem Ungi para evitar o que estava

começando a parecer uma briga de casal aos pés deles. Cara manteve-se ali perto, observando as passagens. Um dos caçadores ofereceu deixar que Ungi verificasse sua lança para distrair o garoto de sua mãe enquanto ela cuidava dos seus ferimentos.

Parecendo relutante em começar uma discussão, Richard afastou o cabelo molhado do rosto.

– Acho que é a mesma galinha que eu espantei. – ele finalmente sussurrou.

– Aquela na janela que eu acertei com o galho.

Kahlan suspirou, irritada. – Richard, a maioria das galinhas do Povo da Lama parecem com aquela. – Ela olhou novamente debaixo do telhado. – Além disso, ela foi embora.

Richard olhou por cima do ombro para ver por si mesmo. Seu olhar varreu a passagem vazia.

– Você pergunta ao garoto se ele estava provocando a galinha, perseguindo ela?

Debaixo do pequeno telhado sobre a porta, enquanto a mãe de Ungi cuidava dos ferimentos dele, ela também estava observando cuidadosamente a conversa que não entendia aos seus pés.

Kahlan lambeu a água da chuva dos lábios. Se isso significava tanto assim para Richard, Kahlan decidiu, ela não poderia fazer menos do que perguntar para ele. Tocou no braço do garoto.

– Ungi, é verdade que você perseguiu a galinha? Tentou segurar ela?

O garoto, ainda fungando no meio das lágrimas, balançou a cabeça. Ele apontou para cima, para o telhado.

– Ela pulou em cima de mim. – Ele fez um movimento de garras no ar. – Ela me atacou.

A mãe dele curvou-se e bateu no traseiro dele.

– Diga a verdade para essas pessoas. Você e seus amigos correm atrás das galinhas o tempo todo.

Os grandes olhos negros dele piscaram para Richard e Kahlan, ambos abaixados, no mesmo nível que ele, no nível do mundo dele.

– Eu vou ser um grande caçador, igual ao meu pai. Ele é um bravo caçador, com cicatrizes das bestas que ele caça.

Richard sorriu ao ouvir a tradução. Ele tocou gentilmente um dos cortes feitos pelas garras.

– Aqui você terá uma cicatriz de um caçador, como o seu bravo pai. Então, você estava caçando a galinha, como a sua mãe diz? Isso é mesmo verdade?

– Eu estava com fome. Estava voltando para casa. A galinha estava me caçando. – ele insistiu. Sua mão falou o nome dele como um aviso. – Bem... elas ficam empoleiradas no telhado ali. – Ele apontou para o telhado sobre a porta outra vez. – Talvez assustei ela quando cheguei em casa correndo, e ela escorregou no telhado molhado e caiu em cima de mim.

A mãe abriu a porta e empurrou o garoto para dentro.

– Desculpem o meu filho. Ele é jovem e inventa histórias o tempo todo. Ele persegue galinhas o tempo todo. Essa não é a primeira vez que ele foi arranhado por uma. Uma vez, a espora de um galo cortou o ombro dele. Ele imagina que elas são águias.

– Ungi é um bom garoto, mas ele é um garoto, e cheio de histórias. Quando encontra uma salamandra debaixo de uma pedra, ele corre em casa para me mostrar, para contar que encontrou um ninho de dragões. Ele quer que o pai dele venha matar todas antes que nos comam.

Todos riram, menos Richard. Quando ela baixou a cabeça e virou para entrar em casa, Richard segurou gentilmente o cotovelo dela para fazer com que parasse enquanto falava com Kahlan.

– Diga para ela que sinto muito por seu garoto ter sido ferido. Não foi culpa de Ungi. Diga isso para ela. Diga que eu sinto muito.

Kahlan fez uma careta ao ouvir as palavras de Richard. Ela mudou um pouco as palavras quando traduziu, para que ficassem

mais claras.

– Sentimos muito que Ungi tenha se ferido. Esperamos que ele fique bom logo. Se não, ou se qualquer um dos cortes for profundo, nos avise e Zedd usará magia para curar o seu garoto.

A mãe assentiu e sorriu mostrando gratidão antes de desejar a eles um bom dia e abaixar a cabeça ao passar pelo portal. Kahlan não achava que ela estivesse parecendo muito ansiosa que seu filho fosse tocado por magia.

Depois de observar a porta fechar, Kahlan deu um aperto na mão de Richard.

– Tudo certo? Está satisfeito que não foi aquilo que você estava pensando? Que não era nada?

Ele ficou olhando para a passagem vazia durante um momento.

– Eu só pensei... – Finalmente ele cedeu, arrependido, mostrando um sorriso. – Só estava preocupado com a sua segurança, só isso.

– Já que estamos todos molhados, – Zedd resmungou. – poderíamos muito bem ir dar uma olhada no corpo de Juni. Certamente não vou ficar parado aqui na chuva se vocês dois vão começar a se beijar.

Zedd fez sinal para que Richard mostrasse o caminho e providenciou para que ele soubesse que estava pedindo para ser rápido com isso. Quando Richard começou a andar, Zedd segurou o braço de Kahlan e deixou todos os outros passarem. Ele a manteve lá atrás enquanto eles andavam através da lama, deixando que os outros ganhassem um pouco de distância.

Zedd colocou um dos braços em volta dos ombros dela e inclinou, chegando mais perto, mesmo que Kahlan tivesse certeza de que as palavras dele não seriam ouvidas no meio do barulho da chuva.

– Agora, minha querida, eu gostaria de saber no quê você acha que eu não acreditaria.

Com o canto do olho, Kahlan percebeu a expressão atenta dele. Estava falando sério a respeito disso. Decidiu que seria melhor acalmar a sua preocupação.

– Não é nada. Ele teve uma ideia maluca passageira, mas consegui fazer ele enxergar a razão. Ele já superou.

Zedd estreitou os olhos para ela, uma visão desconcertante, vindo de um mago.

– Sei que você não é estúpida o bastante para acreditar nisso, então porque você acharia que eu sou? Humm? Ele ainda não enterrou esse osso. Ainda está com ele entre os dentes.

Kahlan verificou os outros. Ainda estavam a vários passos adiante. Embora Richard devesse estar na liderança, Cara, super protetora, havia se colocada na frente dele.

Embora não conseguisse entender as palavras, Kahlan podia afirmar que Ann estava em uma conversa animada com Richard. Independente do quanto eles pareciam irritar um ao outro, quando era apropriado para eles Zedd e Ann trabalhavam unidos tão facilmente quanto dentes e língua.

Os dedos finos de Zedd apertaram o braço dela. Richard não era o único com um osso entre os dentes.

Kahlan soltou um suspiro e contou para ele. – Suspeito que Richard acredita haver uma galinha monstro solta por aí.

* * *

Kahlan tinha coberto o nariz e a boca por causa do fedor, mas baixou as mãos quando as duas mulheres que trabalhavam levantaram os olhos. As duas sorriram para o pequeno grupo entrando pela porta, balançando a água do corpo, olhando enquanto ela caía formando um rio.

As duas mulheres estavam trabalhando no corpo de Juni, decorando-o com figuras de lama preta e lama branca. Já tinham

trançado faixas de grama decorativas em volta dos pulsos e tornozelos dele e fixado uma tira de couro em volta de sua cabeça com grama posicionada debaixo dela do jeito que os caçadores costumavam fazer quando partiam em uma caçada.

Juni estava deitado sobre uma plataforma feita com tijolos de lama, em uma das quatro áreas de trabalho erguidas para isso. Manchas escuras desciam pelos lados de cada uma. Uma camada de palha fétida cobria o chão. Quando um corpo era trazido, a palha era chutada contra a base da plataforma para absorver os fluídos.

A palha estava viva com os vermes. Quando não havia corpos, a porta era deixada aberta para que as galinhas pudessem comer os insetos e manter a quantidade deles sob controle.

Do lado direito da porta ficava a única janela. Quando ninguém estava tratando de um corpo, uma pele de cervo bastante flexível bloqueava a luz para que os mortos pudessem ter paz. As mulheres tinham empurrado a pele de cervo para o lado e enganchado ela atrás de um pino na parede para deixar a luz fraca penetrar na pequena sala.

Os corpos não eram preparados durante a noite, para não prejudicar a paz da alma que atravessava para o outro lado. A reverência pela alma que partia era algo fundamental para o Povo da Lama; esses novos espíritos algum dia poderiam ser chamados para ajudar o seu povo que ainda estava vivo.

As duas mulheres eram mais velhas e sorridentes como se as suas naturezas radiantes não pudessem ser mascaradas com uma aparência externa triste mesmo fazendo um trabalho tão amargo. Kahlan concluiu que elas deveriam ser especialistas na tarefa de garantir que os mortos estivessem enfeitados apropriadamente antes que fossem enterrados.

Kahlan podia ver os óleos perfumados que eram esfregados sobre o corpo ainda brilhante onde a lama ainda faltava ser aplicada. Os óleos falhavam em esconder o fedor da palha manchada e das

plataformas. Ela não entendia porque a palha não era trocada com mais frequência. Mas de qualquer modo, de acordo com o que sabia, talvez ela fosse trocada; não havia como escapar das consequências do processo da morte e decadência.

Provavelmente por essa razão os mortos eram queimados rapidamente, seja no dia em que morriam ou, no máximo, no dia seguinte. Juni não teria que esperar muito antes que fosse enterrado. Então seu espírito, vendo que tudo estava como deveria, poderia seguir até seus companheiros no mundo dos espíritos.

Kahlan curvou-se perto das duas mulheres. Fazendo uma reverência para o morto, ela sussurrou.

– Zedd e Ann, aqui... – levantou uma das mãos, indicando os dois. – gostariam de dar uma olhada em Juni.

As mulheres fizeram reverência e então recuaram, com um dedo enfiado nos potes de lama negra e branca saindo da plataforma, saindo do caminho. Richard observou enquanto seu avô e Ann colocaram as mãos suavemente em Juni, inspecionando ele, sem dúvida, através de magia. Enquanto Zedd e Ann conversavam em tons apressados ao conduzirem seu exame, Kahlan virou para as duas mulheres e disse para elas que trabalho bom estavam fazendo, e como sentia muito sobre a morte do jovem caçador.

Já tendo olhado o bastante para seu guardião morto, Richard juntou-se a ela. Passou um braço em volta da cintura dela e pediu que transmitisse os seus sentimentos. Kahlan somou as palavras dele com as dela.

Não demorou muito antes que Zedd e Ann chamassem Richard e Kahlan até um canto. Sorrindo, eles fizeram gestos indicando que as mulheres voltassem ao seu trabalho.

– Como você suspeitou, – Zedd sussurrou. – o pescoço dele não está quebrado. Não consegui encontrar nenhum ferimento em sua cabeça. Eu diria que ele se afogou.

– E como você imagina que isso poderia ter acontecido? – Um toque de sarcasmo envolveu a voz de Richard.

Zedd apertou o ombro de Richard.

– Uma vez você esteve doente, e desmaiou. Lembra? Não houve nada sinistro nisso. Você partiu o crânio? Não. Você desabou no chão, onde eu o encontrei. Lembra? Poderia ter sido algo tão simples quanto isso.

– Mas Juni não mostrava sinais...

Todos viraram quando a Curandeira mais antiga, Nissel, cruzou a porta carregando um pequeno embrulho nos braços. Ela parou um instante ao ver todos na pequena sala, antes de virar para outra das plataformas dos mortos. Depositou o embrulho suavemente sobre os tijolos frios. Kahlan colocou uma das mãos sobre o coração quando viu Nissel desenrolar um bebê recém nascido.

– O que aconteceu? – Kahlan perguntou.

– Não foi o evento alegre que eu esperava. – Os olhos tristes dela encontraram o olhar de Kahlan. – A criança nasceu morta.

– Queridos espíritos. – Kahlan sussurrou. – Sinto muito.

Richard derrubou um besouro verde brilhante do ombro de Kahlan.

– O que aconteceu com o bebê?

Nissel encolheu os ombros quando Kahlan fez a pergunta.

– Eu cuidei da mãe durante meses. Tudo parecia apontar para um acontecimento feliz. Eu não estava prevendo problema, mas a criança nasceu morta.

– Como está a mãe?

Os olhos de Nissel desviaram para o chão.

– Por enquanto chora demais, mas logo ela vai ficar bem. – Ela forçou um sorriso. – Isso acontece. Nem todas as crianças são fortes o bastante para viverem. A mulher terá outras.

Richard chegou mais perto depois que a conversa pareceu ter acabado. – O que ela falou?

Kahlan bateu o pé duas vezes para derrubar uma centopeia que subia em sua perna.

– O bebê não era forte o bastante, e nasceu morto. – Franzindo a testa, ele olhou para o morto. – Não era forte o bastante...

Kahlan observou ele olhar fixamente para a pequena forma, rígida, sem sangue, com aparência irreal. Uma nova criança era uma entidade de beleza singular, mas essa, sem a alma que sua mãe havia dado que permitiria sua permanência nesse mundo, era uma grande feiura.

Kahlan perguntou quando Juni seria enterrado. Uma das duas mulheres olhou para o pequeno morto.

– Teremos que preparar outro. Amanhã, os dois serão colocados em seu descanso eterno.

Quando saíram pela porta, Richard virou e olhou para cima no meio de uma cachoeira de chuva. Uma galinha aninhada na calha baixa logo acima balançava suas penas. Richard ficou olhando durante um momento.

O raciocínio que estivera tão claramente evidente em seu rosto transformou-se em decisão. Richard espiou na passagem. Assoviou enquanto acenava com um braço. Seus guardiões caçadores correram até eles.

Quando os caçadores pararam, Richard segurou o braço de Kahlan.

– Diga a eles para reunirem mais homens. Quero que eles peguem todas as galinhas...

– O quê? – Kahlan puxou o braço da mão dele. – Richard, não vou pedir isso para eles. Vão pensar que você ficou louco!

Zedd enfiou a cabeça entre eles. – O que está acontecendo?

– Ele quer que os homens juntem todas as galinhas só porque uma delas está empoleirada sobre a porta.

– Ela não estava ali quando nós chegamos. Eu olhei.

Zedd virou e olhou dentro da chuva.

– Que galinha?

Kahlan e Richard olharam também. A galinha havia desaparecido.

– Provavelmente ela foi procurar um poleiro mais seco. – Kahlan disparou. – Ou um poleiro mais tranquilo.

Zedd enxugou água da chuva dos olhos.

– Richard, eu quero saber do que se trata.

– Uma galinha foi morta do lado de fora da Casa dos Espíritos. Juni ofendeu a honra de seja lá o que for que matou aquela galinha. Pouco tempo depois, Juni morreu. Joguei um galho na galinha que estava na janela, e um pouco mais tarde, ela atacou aquele garotinho. Foi minha culpa Ungi ter sido ferido. Não quero cometer o mesmo erro outra vez.

Zedd, para surpresa de Kahlan, falou com tranquilidade.

– Richard, você está tirando conclusões muito arriscadas baseando-se em um raciocínio que está sustentado por uma linha muito fina.

– O Homem Pássaro disse que uma das galinhas não era uma galinha.

Zedd franziu a testa. – Verdade?

– Ele estava bebendo. – Kahlan declarou.

– Zedd, você nomeou o *Seeker*. Se quiser reconsiderar sua escolha, então faça isso agora. Se não, então permita que eu faça o meu trabalho. Se eu estiver errado, todos vocês podem fazer um sermão mais tarde.

Richard considerou o silêncio de Zedd como consentimento e segurou o braço de Kahlan novamente, de forma um pouco mais gentil do que a primeira vez. A convicção ardeu em seus olhos cinzentos.

– Por favor, Kahlan, faça o que eu peço. Se eu estiver errado, vou parecer um tolo, mas eu acharia melhor parecer um tolo do que estar certo e falhar em agir.

Seja lá o que tinha eliminado a galinha tinha feito isso logo ali do lado de fora da Casa dos Espíritos, onde ela estivera. Esse era o fio através do qual Richard havia trançado seu tapete de ameaça. Kahlan acreditava em Richard, mas suspeitava que ele estava apenas sendo arrastado por sua preocupação em protegê-la.

– O que você quer que eu diga para os homens?

– Quero que os homens juntem as galinhas. Levem elas até as construções que eles deixam vazias para os espíritos maus. Quero que cada uma das galinhas seja colocada ali. Então, poderemos pedir ao Homem Pássaro que olhe para elas e nos diga qual não é uma galinha.

– Quero que os homens sejam gentis e cuidadosos enquanto juntam as galinhas. Sob nenhuma circunstância algum deles deve mostrar desrespeito para qualquer uma das galinhas.

– Desrespeito, – Kahlan repetiu. – com uma galinha?

– Isso mesmo. – Richard verificou os caçadores que esperavam antes de travar seu olhar nela. – Diga para os homens que eu temo que uma das galinhas esteja possuída pelo espírito mau que matou Juni.

Kahlan não sabia se era naquilo que Richard acreditava, mas sabia que sem dúvida o Povo da Lama acreditaria.

Ela olhou para os olhos de Zedd procurando conselho, mas não encontrou nenhum. O rosto de Ann não tinha mais do que aquilo para oferecer. Cara tinha um juramento a Richard; embora rotineiramente desobedecesse ordens que considerava sem valor, se Richard insistisse, ela pularia em um penhasco por ele.

Richard não desistiria. Se Kahlan não traduzisse para ele, ele procuraria Chandalen para fazê-lo. Se falhasse nisso, ele mesmo juntaria as galinhas, se fosse necessário.

A única coisa que conseguiria se não fizesse o que ele pedia seria mostrar falta de fé nele. Só isso a convenceu.

Tremendo no meio da chuva gelada, Kahlan observou os olhos cinzentos decididos de Richard mais uma vez antes de virar para os caçadores que esperavam.

CAPÍTULO 8



– Ainda não encontrou o espírito mau?

Kahlan olhou por cima do ombro para ver que era Chandalen, abrindo caminho cuidadosamente através da multidão de galinhas. A baixa claridade ajudou a acalmar o bando em seu confinamento, embora ainda fizessem bastante barulho. Havia algumas vermelhas e uma quantidade menor ainda de algumas outras cores, mas a maioria das galinhas do Povo da Lama eram do tipo com listras escuras, um tipo mais dócil do que a maioria. Isso também era uma coisa boa, ou o simples pandemônio se espalharia em um caos de penas.

Kahlan girou os olhos ao escutar Chandalen murmurando absurdos pedidos de desculpas para as aves que empurrava para fora do caminho com um pé. Poderia ter se divertido com o comportamento risível dele se não fosse pelo modo inquietante que ele estava vestido, usando uma longa faca em seu quadril esquerdo, uma faca curta no direito, uma aljava cheia sobre um dos ombros, e um arco esticado sobre o outro.

O mais perturbador, uma Troga enrolada pendurada em um gancho no cinto dele. Uma Troga era feita com um arame simples longo o bastante para fazer um laço e colocar sobre a cabeça de um homem. Aplicada por trás, e então os cabos de madeira eram afastados. Um homem com a habilidade de Chandalen poderia facilmente, e com precisão, colocar sua Troga nas juntas no pescoço de um homem e silenciá-lo antes que ele pudesse emitir algum som.

Quando eles lutaram juntos contra o exército da Ordem Imperial que tinha atacado a cidade de Ebinissia e assassinado as mulheres e crianças inocentes ali, Kahlan viu mais de uma vez Chandalen decapitar sentinelas inimigas e soldados com a Troga. Ele não estaria carregando sua Troga para enfrentar espíritos do mal galinhas monstro.

O punho dele segurava cinco lanças. Ela imaginou que as pontas afiadas das lanças, por seu aspecto escuro e pegajoso, foram cobertas por veneno recentemente. Uma vez preparadas assim, elas deveriam ser manuseadas com cuidado.

Na bolsa de pele em sua cintura, ele carregava uma caixa de osso cheia com uma pasta escura feita com as folhas de *Bandu* mascadas e então cozidas para criar o veneno dez passos. Ele também carregava algumas folhas de *Quassin Doe*, o antídoto para o veneno dez passos, mas como o nome do veneno indicava, agir rápido com a *Quassin Doe* era essencial.

– Não, – Kahlan falou. – o Homem Pássaro ainda não encontrou a galinha que não é uma galinha. Porque você está pintado com lama, e com tantas armas? O que está acontecendo?

Chandalen levantou um pé sobre uma galinha que não parecia querer se mover.

– Meus homens, aqueles em patrulha longe, estão com algum problema. Devo ir para checar.

– Problema? – os braços de Kahlan cruzaram. – Que tipo de problema?

Chandalen encolheu os ombros.

– Não tenho certeza. Os homens que vieram me procurar falaram que tem homens com espadas.

– A Ordem? Da batalha que está sendo travada ao Norte? Poderiam ser alguns que fugiram, ou patrulhas de combate. Talvez possamos enviar mensagem ao General Reibisch. O exército dele

ainda pode estar dentro do alcance para atacar, se nós conseguirmos fazer ele dar meia volta em tempo.

Chandalen levantou uma das mãos para aliviar o alarme na voz dela.

– Não. Você e eu juntos lutamos contra os homens da Ordem Imperial. Esses não são tropas da Ordem, ou patrulhas.

– Meus homens não acham que eles são inimigos, mas dizem que eles estão bem armados e que estão muito calmos enquanto se aproximam, o que diz muito. Já que posso falar a sua língua, como eles falam, meus homens gostariam do meu conselho com pessoas de aparência tão perigosa.

Kahlan começou a levantar o braço para chamar atenção de Richard.

– Seria melhor Richard e eu irmos com você.

– Não. Muitas pessoas querem viajar em nossas terras. Muitas vezes encontramos forasteiros nos campos. Isso é meu dever. Vou cuidar disso e manter eles longe da aldeia. Além disso, vocês dois devem ficar e aproveitar seu primeiro dia como um novo casal.

Sem comentar, Kahlan olhou zangada para Richard, que ainda estava vasculhando entre as galinhas.

Chandalen inclinou-se e falou com o Homem Pássaro, que estava a poucos passos de distância.

– Honrado ancião, eu devo ir falar com meus homens. Forasteiros se aproximam.

O Homem Pássaro olhou para o homem que era, de fato, seu General encarregado com a defesa do Povo da Lama.

– Tenha cuidado. Tem espíritos maus perto.

Chandalen assentiu. Antes que ele se afastasse, Kahlan segurou o seu braço.

– Não sei de espíritos maus, mas tem outros perigos nas redondezas. Vai tomar cuidado? Richard está preocupado sobre

algum problema. Ainda que eu não entenda suas razões, eu confio nos instintos dele.

– Você e eu lutamos juntos, Madre Confessora. – Chandalen piscou. – Você sabe que eu sou forte demais e esperto demais para que o problema me pegue.

Enquanto observava Chandalen abrir caminho através da massa de galinhas, Kahlan perguntou ao Homem Pássaro.

– Você viu alguma coisa... suspeita?

– Eu ainda não vi a galinha que não é uma galinha, – disse o Homem Pássaro. – mas vou continuar procurando até encontrar.

Kahlan tentou pensar em uma maneira educada de perguntar se ele estava sóbrio. Ao invés disso, decidiu fazer outra pergunta.

– Como você sabe que a galinha não é uma galinha?

Seu rosto queimado de sol enrugou enquanto ele pensava.

– É uma coisa que eu consigo sentir.

Ela concluiu que não havia como evitar.

– Talvez, já que você estava celebrando com bebida, apenas tenha pensado que sentiu alguma coisa?

As rugas no rosto dele curvaram em um sorriso.

– Talvez a bebida me ajudou a relaxar e eu consegui ver mais claramente.

– E você ainda está... relaxado?

Ele cruzou os braços enquanto olhava o grupo agitado.

– Eu sei o que eu vi.

– Como você poderia dizer que não era uma galinha?

Ele encostou um dedo embaixo do nariz enquanto avaliava a pergunta dela. Kahlan esperou, observando Richard procurando apressado no meio das galinhas como se estivesse procurando por um animal de estimação perdido.

– Em festas, como o seu casamento, – o Homem Pássaro falou depois de algum tempo. – nossos homens representam histórias de

nosso povo. Mulheres não dançam nas histórias, só homens. Mas tem mulheres em muitas histórias. Você viu essas histórias?

– Sim. Eu vi ontem quando os dançarinos contaram a história das primeiras Pessoas da Lama: nossos pai e mãe ancestrais.

Ele sorriu, como se mencionar aquela história em particular tivesse tocado o seu coração. Foi um sorriso de particular orgulho por seu povo.

– Se você tivesse chegado durante aquela dança, e não soubesse nada sobre o nosso povo, saberia que a pessoa que dançava vestida como a mãe de nosso povo não era uma mulher?

Kahlan refletiu. O Povo da Lama fazia roupas elaboradas específicas para os dançarinos; elas não eram feitas por nenhuma outra razão. Para o Povo da Lama, ver dançarinos nas roupas especiais era altamente inspirador. Os homens que se vestiam como mulheres nas histórias se esforçavam muito para fazerem bem o papel deles.

– Não tenho certeza, mas acho que reconheceria que eles não eram mulheres.

– Como? O que entregaria eles para você? Tem certeza?

– Acho que não posso explicar. Simplesmente alguma coisa que não está certa. Acho que, olhando para eles, eu saberia que não eram mulheres.

Os olhos castanhos atentos dele viraram na direção dela pela primeira vez.

– E eu sei que ela não é uma galinha.

Kahlan entrelaçou os dedos.

– Talvez de manhã, depois que tiver dormido um pouco, você veja apenas uma galinha quando olhar para uma galinha?

Ele apenas sorriu com a suspeita dela sobre o julgamento dele.

– Você deveria comer. Leve o seu novo marido. Mandarei alguém buscar vocês quando eu encontrar a galinha que não é uma galinha.

Isso realmente souu como uma boa ideia, e ela viu Richard seguindo na direção deles. Kahlan segurou o braço do Homem Pássaro com mudo apreço.

Foi preciso toda a tarde para reunir as galinhas. Foi preciso usar as duas estruturas reservadas para os espíritos maus e uma terceira construção vazia para guardar todas as aves. Quase toda a aldeia havia se juntado na séria tarefa. Isso deu bastante trabalho.

As crianças provaram ser inestimáveis. Animadas com a responsabilidade em um esforço tão importante de toda a aldeia, elas revelaram todos os lugares onde as galinhas se escondiam e se empoleiravam para dormir. Os caçadores reuniram todas as galinhas gentilmente, ainda que fosse uma galinha listrada aquela que o Homem Pássaro tinha apontado na primeira vez, a mesma raça que Richard afugentou quando foram falar com Zedd, a mesma raça que Richard disse ter esperado sobre a porta enquanto eles estavam vendo Juni.

Uma busca extensiva tinha sido conduzida. Eles estavam confiantes de que todas as galinhas estavam guardadas em uma das três construções.

Enquanto cortava uma linha reta entre as galinhas, Richard sorriu rapidamente saudando o Homem Pássaro, mas seus olhos não se encontraram. Quando os olhos de Richard encontraram com os dela, Kahlan passou os dedos no braço dele para acariciar seus músculos, feliz em tocá-lo, independente de sua irritação.

– O Homem Pássaro diz que ainda não encontrou a galinha que você quer, mas ele continuará procurando. E ainda tem duas outras construções cheias delas. Ele sugeriu que nós fôssemos procurar alguma coisa para comer, e ele enviará alguém quando encontrar a sua galinha.

Richard começou a andar até a porta. – Ele não vai encontrá-la aqui.

– O que você quer dizer? Como você sabe?

– Tenho que ir checar os dois outros lugares.

Se ela parecia apenas irritada, Richard parecia louco por não encontrar o que ele queria. Kahlan imaginou que ele deveria estar sentindo que sua palavra estava em jogo. Lá atrás, perto da porta, Ann e Zedd esperavam, observando silenciosamente a busca, deixando que Richard tivesse espaço para procurar tudo que ele queria, para fazer o que achava necessário.

Richard fez uma pausa, passando os dedos pelo cabelo.

– Algum de vocês sabe a respeito de um livro chamado Gêmeo da Montanha?

Zedd levantou o queixo enquanto olhava para a parte de baixo do telhado de grama em séria concentração.

– Não posso dizer que conheço, meu rapaz.

Ann também pareceu avaliar seu inventário mental durante algum tempo.

– Não. Não ouvi falar dele.

Richard deu uma última olhada para a sala cheia de galinhas e soltou uma praga.

Zedd coçou a orelha. – O que tem nesse livro, meu rapaz?

Se Richard ouviu a pergunta no meio do som dos cacarejos das aves, ele não demonstrou, e não respondeu.

– Tenho que olhar o resto das galinhas.

– Eu poderia perguntar para Verna e Warren para você, se isso é importante. – Ann tirou um pequeno livro negro de um bolso, atraindo também a atenção de Richard. – Warren pode saber a respeito.

Richard tinha falado para Kahlan que o livro que Ann carregava e agora estava diante dele, que era chamado Livro de Jornada, continha magia antiga. Livros de Jornada eram pares; qualquer mensagem escrita nele aparecia simultaneamente em seu gêmeo. As Irmãs da Luz usaram os pequenos livros para comunicação quando

estavam em longas jornadas, do mesmo jeito quando foram até o Mundo Novo para levar Richard para o Palácio dos Profetas.

Richard ficou animado com a sugestão dela. – Por favor, sim. Isso é importante. – Ele seguiu até a porta novamente. – Tenho que ir.

– Tenho que checar a mulher que perdeu o bebê. – Zedd falou para Ann. – Ajudá-la a descansar um pouco.

– Richard, – Kahlan gritou. – você não quer comer?

Enquanto ela estava falando, Richard fez um sinal para que ela o acompanhasse, mas tinha cruzado a porta antes que ela acabasse a pergunta. Zedd seguiu o neto dele, fazendo um gesto para as mulheres que mostrava sua perplexidade. Kahlan grunhiu e foi atrás de Richard.

– Isso deve ser como uma bela história de criança transformando-se em realidade para você, para uma Professora, casar por amor. – Ann comentou enquanto continuava plantada no lugar onde estivera durante a última hora.

Kahlan virou para trás, na direção da mulher.

– Bem, sim, é mesmo.

Ann sorriu com sincero entusiasmo. – Estou feliz por você, criança, por ser capaz de ter uma coisa maravilhosa como um marido que você ama entrando em sua vida.

Os dedos de Kahlan pousaram no trinco da porta fechada.

– Às vezes, isso ainda me deixa bastante surpresa.

– Deve ser desapontador quando seu novo marido parece ter coisas mais importantes para cuidar do que sua nova esposa, quando ele parece estar ignorando você. – Ann apertou os lábios. – Especialmente no seu primeiro dia como esposa dele.

– Ah. – Kahlan soltou o trinco e cruzou as mãos atrás das costas.

– Então foi por isso que Zedd saiu. Nós teremos uma conversa de mulher para mulher, não é?

Ann riu.

– Oh, mas como eu adoro quando homens que eu respeito casam com mulheres espertas. Nada marca o caráter de um homem melhor do que sua atração pela inteligência.

Kahlan suspirou quando encostou um ombro contra a parede.

– Eu conheço Richard, e sei que ele não está testando minha paciência deliberadamente... mas, esse é o nosso primeiro dia casados. De certo modo achei que seria diferente dessa... dessa perseguição de monstros galinha. Acho que ele está tão preocupado em me proteger que está inventando problemas.

O tom de Ann ficou simpático.

– Richard ama você muito. Sei que ele está preocupado, porém eu não entendo o raciocínio dele. Richard carrega grande responsabilidade.

A simpatia evaporou de sua voz. – Quando Richard está envolvido todos nós devemos fazer sacrifícios. – A mulher fingiu observar as galinhas.

– Nessa mesma aldeia, antes que a neve viesse, – Kahlan falou com um tom cuidadoso. – entreguei Richard para as suas Irmãs da Luz na esperança que você pudesse salvar a vida dele, mesmo que eu soubesse que fazendo isso poderia muito bem destruir o meu futuro com ele. Tive que fazê-lo pensar que o traía para fazer com que ele fosse com as Irmãs. Você ao menos tem ideia...

Kahlan fez um esforço para parar, evitando desenterrar lembranças dolorosas sem necessidade. Tudo tinha acabado bem. Ela e Richard finalmente estavam juntos. Isso era o que importava.

– Eu sei. – Ann sussurrou. – Você não tem que provar nada para mim, mas já que fui eu quem ordenei que ele fosse levado até nós, talvez eu deva provar algo a você.

A mulher certamente reconheceu o prego que Kahlan desejou martelar, mas de qualquer forma ela havia mantido a gentileza em sua resposta.

– O que você quer dizer?

– Aqueles magos de tanto tempo no passado criaram o Palácio dos Profetas. Eu vivi no Palácio, sob o seu feitiço único, durante cerca de novecentos anos. Ali, quinhentos anos antes que isso acontecesse, Nathan, o Profeta, previu o nascimento de um Mago Guerreiro.

– Ali, juntos, nós trabalhamos nos livros de profecias lá embaixo, nas câmaras do Palácio, tentando entender essa pedra que ainda seria lançada no lago, tentando antever as ondulações que esse evento poderia causar.

Kahlan cruzou os braços.

– De acordo com minha experiência, eu diria que a profecia pode obstruir muito mais do que revelar.

Ann riu.

– Estou familiarizada com Irmãs com centenas de anos de experiência a mais do que você que ainda precisam entender isso sobre a profecia.

A voz dela tornou-se melancólica quando prosseguiu. – Eu viajei para ver Richard quando ele era uma vida recém nascida, uma alma recém nascida, cintilando no mundo. A mãe dele estava tão surpresa, tão agradecida, pelo fato do equilíbrio de um presente tão magnífico surgir de tal brutalidade infligida a ela por Darken Rahl. Era uma mulher extraordinária, por não transferir amargura e ressentimento para sua criança. Estava tão orgulhosa de Richard, tão cheia de sonhos e esperança por ele.

– Quando Richard era aquela vida recém nascida, mamando no seio de sua mãe, Nathan e eu levamos o pai adotivo de Richard para recuperar o Livro das Sombras Contadas para que, quando Richard tivesse crescido, pudesse ter o conhecimento para salvar a si mesmo da besta que havia estuprado sua mãe e dado vida a ele.

Ann levantou os olhos com um sorriso triste. – Profecia, você sabe.

– Richard me contou.

Kahlan olhou para o Homem Pássaro, concentrado nas galinhas que ciscavam o chão.

– Richard é aquele que finalmente surgiu: um Mago Guerreiro. As profecias não dizem se ele terá sucesso, mas ele é aquele que nasceu para a batalha, a batalha para manter a Graça intacta, como estava. Tal fé, porém, às vezes requer grande esforço espiritual.

– Porquê? Se ele é aquele por quem você esperava, aquele que você queria?

Ann limpou a garganta e pareceu organizar os pensamentos. Kahlan pensou ter visto lágrimas nos olhos da mulher.

– Ele destruiu o Palácio dos Profetas. Por causa de Richard, Nathan escapou. Nathan é perigoso. Afinal de contas, ele é aquele que falou o nome das Notas para você. Aquele ato imprudente perigoso poderia ter levado todos nós à ruína.

– Isso salvou a vida de Richard. – Kahlan declarou. – Se Nathan não tivesse falado os nomes das Notas, Richard estaria morto. Então a sua “pedra” estaria no fundo do lago, fora do seu alcance e não poderia ajudar ninguém.

– Isso é verdade. – Ann admitiu, de modo relutante, pensou Kahlan.

Kahlan ficou mexendo em um botão enquanto começava a imaginar o lado de Ann nisso.

– Deve ter sido difícil suportar, ver Richard destruindo o Palácio. Destruindo seu lar.

– Junto com o Palácio, ele também destruiu o feitiço dele; agora as Irmãs da Luz envelhecerão como todos os outros. No Palácio, eu teria vivido talvez mais cem anos. As Irmãs ali viveriam muitas centenas de anos mais. Agora, eu sou apenas uma mulher idosa perto do fim do meu tempo. Richard tirou aquelas centenas de anos de mim. De todas as Irmãs.

Kahlan permaneceu em silêncio, sem saber o que dizer.

– O futuro de todos um dia poderá depender dele. – Ann disse finalmente.

– Devemos colocar isso acima de nós mesmos. Foi por isso que eu o ajudei a destruir o Palácio. É por isso que eu sigo o homem que aparentemente destruiu o trabalho de minha vida: porque meu verdadeiro trabalho é a luta desse homem, não meus próprios interesses.

Kahlan prendeu um pouco de cabelo atrás da orelha.

– Você fala de Richard como se ele fosse uma ferramenta recém forjada para o seu uso. Ele é um homem que quer fazer o que é certo, mas também tem seus próprios desejos e necessidades. Sua vida é dele para viver, não sua ou de qualquer outra pessoa para que façam planos para ele de acordo com o que encontram em velhos livros empoeirados.

– Você interpretou mal. Esse é precisamente o seu valor: seus instintos, sua curiosidade, seu coração. – Ann bateu com um dedo na têmpora. – Sua mente. Nosso objetivo não é direcioná-lo, mas segui-lo, mesmo que seja doloroso seguir o caminho através do qual ele nos conduz.

Kahlan sabia a verdade daquilo. Richard tinha destruído a aliança que unia as terras de Midlands durante milhares de anos. Como Madre Confessora, Kahlan presidia o Conselho, e assim, Midlands. Sob o seu controle como Madre Confessora, Midlands havia caído perante Richard, como Lorde Rahl de D’Hara. Pelo menos as terras que renderam-se a ele até agora. Ela reconhecia a benevolência das ações dele, e a necessidade delas, mas esse certamente foi um caminho doloroso a seguir.

A ação audaciosa de Richard, entretanto, era o único modo de unir verdadeiramente todas as terras em uma força que tinha alguma esperança de apresentar resistência contra a tirania da Ordem Imperial. Agora, eles trilhavam esse novo caminho juntos, de mãos dadas, unidos em propósito e determinação.

Kahlan cruzou os braços novamente e encostou-se contra a parede, observando as estúpidas galinhas.

– Então, se a sua intenção é fazer com que eu me sinta culpada por meus desejos egoístas sobre o meu primeiro dia com meu novo marido, você conseguiu. Mas não consigo evitar.

Ann segurou o braço de Kahlan gentilmente.

– Não, criança, essa não é minha intenção. Entendo como às vezes as ações de Richard podem ser irritantes. Peço apenas que você seja paciente e permita que ele faça o que acha que deve. Ele não está ignorando você para contrariá-la, e sim fazendo o que a sua natureza pede.

– Porém, o amor dele por você tem o poder para distraí-lo daquilo que ele deve fazer. Você não deve interferir pedindo que ele abandone sua tarefa quando de outra forma ele não abandonaria.

– Eu sei. – Kahlan suspirou. – Mas as galinhas...

– Tem alguma coisa errada com a magia.

Kahlan franziu a testa para a velha feiticeira.

– O que você quer dizer?

Ann mexeu os ombros.

– Não tenho certeza. Zedd e eu acreditamos detectar uma mudança em nossa magia. É uma coisa sutil e difícil de perceber. Você notou alguma mudança em sua habilidade?

Com um súbito ataque de pânico, Kahlan voltou os pensamentos para seu interior. Era difícil imaginar uma diferença sutil em sua magia de Professora, ela simplesmente estava ali. O núcleo do poder interior, e sua contenção, pareciam confortadoramente familiares. Porém...

Kahlan afastou-se daquela cortina escura de conjectura.

A magia era etérea o bastante como era. Através de um artifício, uma vez um mago enganou-a fazendo com que pensasse que seu poder havia desaparecido, quando de fato ele jamais a deixou. Acreditar nele quase havia custado a Kahlan sua vida. Ela

sobreviveu apenas porque percebeu a tempo que ainda tinha seu poder e poderia usá-lo para salvar a si mesma.

– Não. Não é a mesma coisa. – Kahlan disse. – Aprendi que é fácil ser levada a acreditar que sua magia está minguando. Provavelmente não é nada, você só está preocupada, só isso.

– Verdade, mas Zedd acredita que seria sábio deixar Richard fazer como Richard faz. Que Richard acredite, sozinho, sem o nosso conhecimento de magia, que existe algum tipo de problema sério, proporciona crédito para nossas suspeitas. Se for verdade, então ele já está mais longe nisso do que nós. Só podemos ir atrás.

Ann colocou a mão enrugada no braço de Kahlan outra vez.

– Eu pediria a você para não perturbá-lo com seu compreensível desejo que ele a corteje. Peço que deixe ele fazer o que deve fazer.

Cortejar, com certeza. Kahlan simplesmente queria segurar a mão dele, abraçá-lo, beijá-lo, sorrir para ele e ver ele sorrir de volta. No dia seguinte eles precisavam voltar para Aydindril. Logo o mistério sobre a morte de Juni seria trocado por preocupações mais importantes. Eles tinham o Imperador Jagang e a guerra para se preocuparem. Simplesmente queria que ela e Richard pudessem ter um dia para eles mesmos.

– Eu entendo. – Kahlan ficou olhando para o monte de galinhas estúpidas cacarejantes, agitadas. – Tentarei não me intrometer.

Ann assentiu sem alegria por ter conseguido aquilo que queria.

* * *

Do lado de fora, na luz fraca do cair da noite, Cara andava de um lado para outro. Pela sua expressão irritada, Kahlan imaginou que Richard tinha ordenado que a Mord-Sith ficasse para trás e protegesse sua nova esposa. Essa era a única ordem inviolável para Cara, a ordem que nem mesmo Kahlan podia invalidar para essa mulher.

– Vamos lá. – Kahlan falou quando passou por Cara. – Vamos ver como Richard está se saindo em sua busca.

Kahlan estava descontente em descobrir que a chuva miserável ainda estava caindo. Ainda que não estivesse caindo com tanta força quanto antes, ainda continuava tão fria quanto, e não iria demorar muito até que ela estivesse tão molhada quanto antes.

– Ele não foi por esse caminho. – Cara gritou.

Kahlan virou junto com Ann. Cara estava parada no lugar.

Kahlan levantou um dedão por cima do ombro na direção da outra casa para os espíritos maus. – Pensei que ele queria ver o resto das galinhas.

– Ele andou na direção das outras duas construções, mas mudou de ideia.

– Cara apontou. – Ele foi naquela direção.

– Porquê?

– Ele não falou. Disse para ficar aqui e esperar por você. – Cara começou a andar no meio da chuva. – Vamos. Levarei vocês até ele.

– Sabe onde encontrá-lo? – Kahlan percebeu que era uma pergunta tola antes que tivesse terminado de falar.

– Claro. Estou ligada com Lorde Rahl. Sempre sei onde ele está.

Kahlan achava inquietante a maneira como a Mord-Sith podia sentir a proximidade de Richard, como as mães galinhas com um pintinho. Kahlan também sentia inveja. Colocou uma das mãos nas costas de Ann, apressando-a, senão elas seriam deixadas para trás no escuro.

– Quanto tempo faz que você e Zedd tiveram essa suspeita sobre alguma coisa estar errada? – Kahlan sussurrou para a feiticeira baixinha, querendo falar a respeito do que Ann tinha falado sobre haver algo errado com a magia.

Ann manteve a cabeça abaixada, olhando por onde andava na quase escuridão.

– Notamos isso pela primeira vez noite passada. Embora seja uma coisa difícil de quantificar, ou confirmar, fizemos alguns testes simples. Eles não verificaram nossa impressão de forma conclusiva. É mais ou menos como tentar dizer se você consegue enxergar tanto quanto podia ontem.

– Você está falando para ela sobre nossa especulação de que nossa magia pode estar enfraquecendo?

Kahlan tomou um susto com a voz familiar que surgiu repentinamente atrás delas.

– Sim. – Ann disse por cima do ombro enquanto seguiam Cara dobrando em uma esquina, soando como se não estivesse surpresa que Zedd tivesse aparecido atrás delas. – Como estava a mulher?

Zedd suspirou.

– Deprimida. Tentei acalmá-la e confortá-la, mas pareceu que não tive tanta sorte quanto pensei que teria.

– Zedd, – Kahlan interrompeu. – você está dizendo que tem certeza que há problema? Essa é uma declaração séria.

– Bem, não, eu não estou afirmando nada...

Os três chocaram-se com Cara quando ela parou inesperadamente no escuro. Cara ficou imóvel, olhando fixamente dentro do nada sob a chuva. Finalmente, ela rosou e empurrou os ombros deles, fazendo com que dessem meia volta.

– Caminho errado. – ela resmungou. – De volta por aqui.

Cara empurrou e guiou eles de volta até a esquina e então levou-os pelo outro caminho. Era quase impossível ver para onde eles estavam seguindo. Kahlan afastou cabelo molhado do rosto. Ela não viu mais ninguém lá fora no tempo fechado. Na chuva sussurrante, com Cara na frente e Zedd e Ann conversando apressadamente vários passos atrás, Kahlan sentiu-se sozinha e triste.

A chuva e a escuridão devem ter confundido a localização de Richard através da ligação; ela teve que recuar várias vezes.

– Qual a distância? – Kahlan perguntou.

– Não muito longe. – era tudo que Cara podia dizer.

Enquanto avançavam lentamente pelas passagens que se transformaram em pântanos, a lama tinha encontrado seu caminho para dentro das botas de Kahlan. Ela fez careta ao sentir o limo frio espremido entre os dedos a cada passo. Queria tanto poder tirar as botas. Estava com frio, molhada, cansada, e lamacenta, tudo porque Richard temia que houvesse alguma estúpida galinha monstro com um espírito mau.

Lembrou com saudade do banho quente naquela manhã, e desejou que estivesse lá novamente.

Lembrando da morte de Juni, ela reconsiderou. Existiam problemas piores do que seu desejo egoísta por calor. Se Zedd e Ann estivessem certos sobre a magia...

Eles alcançaram a área aberta no centro da aldeia. A sombra viva que era Cara parou. A chuva tamborilava nos telhados, caindo por calhas para formar pequenos rios, levantava lama, e espirrava em poças formadas por cada pegada.

A Mord-Sith levantou um braço e apontou.

– Ali.

Kahlan forçou os olhos, tentando enxergar através do chuvisco. Sentiu Zedd bem perto no lado direito dela e Ann no esquerdo. Cara, um pouco mais afastada, com a clara visão de sua ligação, observava Richard, enquanto o resto deles vasculhavam a escuridão tentando localizar o que ela viu.

Foi o fogo diminuto que repentinamente chamou a atenção de Kahlan. Pequenas chamas lânguidas lambiam o ar úmido. Era surpreendente que ele ainda queimasse. Parecia ser uma sobra da fogueira de casamento deles. De maneira impossível, no meio do aguaceiro durante o dia, esse pequeno refúgio da cerimônia sagrada deles sobreviveu.

Richard estava diante do fogo, observando ele. Kahlan só conseguia distinguir o contorno dele. A borda da sua capa dourada esvoaçava ao vento, refletindo centelhas da miraculosa luz do fogo.

Ela podia ver gotas de chuva respingando na ponta da bota dele enquanto ele a usava para cutucar o fogo. As chamas cresceram até a altura do joelho dele quando ele mexia em alguma coisa que ainda estava queimando com toda aquela chuva. O vento chicoteava as chamas em uma dança sinuosa, braços vermelhos e amarelos serpenteando e ondulando, saltando e sacudindo, tremulando em uma encantadora dança de luz quente no meio da fria chuva.

Richard inalou o fogo.

Kahlan quase soltou uma praga para ele.

– Sentrosi. – ele murmurou, usando a bota para abafar as brasas.

O vento frio ergueu no ar uma centelha brilhante. Richard tentou agarrá-la, mas a fagulha radiante, nas asas de uma rajada de vento, escapou dele para desaparecer dentro da noite.

– Maldição, – Zedd murmurou com um tom irritado. – aquele rapaz encontra um punhado de brasas ainda ardendo em uma tora velha, e está pronto para acreditar no impossível.

A civilidade sumiu da voz de Ann. – Temos coisas mais importantes a fazer do que considerar as conjecturas absurdas dos ignorantes.

Ofendido e concordando, Zedd passou uma das mãos pelo rosto.

– Poderiam ser mil e uma coisas, e ele está concentrado nessa, porque nunca ouviu falar das outras mil.

Ann balançou um dedo para Zedd.

– A ignorância daquele rapaz...

– Essa é uma das Três Notas. – Kahlan falou, cortando Ann. – O que isso significa?

Zedd e Ann viraram e olharam para ela, como se tivessem esquecido que ela ainda estava ali junto com eles.

– Isso não é importante. – Ann insistiu. – A questão é que nós temos assuntos que requerem atenção, e o rapaz está desperdiçando tempo preocupando-se com as Notas.

– Qual é o significado da palavra...

Zedd limpou a garganta, avisando Kahlan para não pronunciar em voz alta o nome da segunda Nota. A testa de Kahlan franziu quando ela inclinou em direção ao velho mago.

– O que isso significa?

– Fogo. – ele disse finalmente.

CAPÍTULO 9



Kahlan sentou e esfregou os olhos quando o trovão explodiu do lado de fora. Parecia que a tempestade estava reacesa. Ela forçou os olhos, tentando enxergar na luz fraca. Richard não estava ao seu lado. Ela não sabia qual era a hora da noite, mas eles foram para cama tarde. Ela sentiu que estava no meio da escuridão, em algum lugar perto da manhã. Concluiu que Richard devia ter ido lá fora para se aliviar.

A chuva forte sobre o telhado fez parecer como se ela estivesse debaixo de uma cachoeira. Na primeira visita deles, Richard tinha usado a Casa dos Espíritos para ensinar o Povo da Lama como fazer telhados que não pingavam como os telhados de grama deles, então provavelmente essa era a estrutura mais seca em toda a aldeia.

As pessoas ficaram fascinadas pela ideia de telhados que não pingavam. Ela imaginou que não levaria muitos anos antes que toda a aldeia mudasse os telhados de grama para telhas. Ela, como uma deles, estava agradecida pelo santuário seco.

Kahlan esperava que Richard estivesse começando a se acalmar agora que eles sabiam que não havia nada sinistro na morte de Juni. Ele deu uma olhada em cada uma das galinhas na aldeia, assim como o Homem Pássaro, e nenhum dos homens encontrou uma galinha que não era uma galinha. Ou algum tipo de monstro emplumado, para falar a verdade. O assunto estava encerrado. De manhã, os homens soltariam as galinhas.

Zedd e Ann não estavam nem um pouco felizes com Richard. Se Richard realmente acreditava que a fagulha era uma das Notas, uma

coisa do Submundo, então, em nome da Criação, o que ele imaginava fazer se conseguisse segurar aquilo em sua mão? Richard não tinha pensando nisso, ou manteve silêncio por medo de fornecer a Zedd mais uma razão para pensar que ele estava maluco.

Pelo menos Zedd não foi cruel em seu longo sermão sobre algumas das inúmeras causas possíveis para os eventos recentes. Ele tratou mais de forma educativa do que punitiva, embora houvesse um pouquinho da segunda.

Richard Rahl, o Mestre do Império D'Haran, o homem para quem Reis e Rainhas faziam reverência, o homem para quem nações haviam se rendido, ficou mudo enquanto seu avô andava de um lado para outro alertando, pregando, e ensinando, às vezes falando como Primeiro Mago, às vezes como avô de Richard, e às vezes como amigo dele.

Kahlan sabia que Richard respeitava Zedd demais para dizer alguma coisa; se Zedd estava desapontado, então tudo bem.

Antes que eles fossem dormir, Ann falou que recebeu uma resposta em seu Livro de Jornada. Verna e Warren conheciam o livro sobre o qual Richard perguntou, Gêmeo da Montanha. Verna escreveu que ele era um livro de profecia, em maior parte, mas estava em posse de Jagang. Conforme as instruções de Nathan, ela e Warren o destruíram junto com todos os outros livros que Nathan indicou, a não ser O Livro da Inversão e Duplos, que Jagang não tinha.

Quando finalmente foram para cama, Richard pareceu chateado, ou pelo menos distraído com pensamentos profundos. Ele não estava com humor para fazer amor com ela. Que a verdade seja dita, depois do dia que eles tiveram, ela não estava descontente com isso.

Kahlan suspirou. A segunda noite deles juntos, e não estavam em clima para ficarem íntimos. Quantas vezes ela desejou ardentemente a chance de estar com ele?

Kahlan deitou, pressionando uma das mãos sobre os olhos cansados. Queria que Richard se apressasse e voltasse para a cama antes que ela dormisse. Queria beijá-lo, pelo menos, e dizer que sabia que ele estava apenas fazendo o que achava melhor, fazendo o que achava ser o certo, e dizer que não o considerava tolo por causa disso. Ela não estava com raiva, de verdade, queria apenas ficar com ele, não lá fora na chuva o dia todo juntando galinhas.

Queria dizer para ele que o amava.

Ela virou de lado, na direção da forma ausente dele, para esperar. Suas pálpebras desceram, e ela forçou-as a abrirem. Quando pretendia colocar uma das mãos sobre o cobertor no lugar onde ele estivera, percebeu que ele tinha colocado sua metade do cobertor sobre ela. Porque ele faria isso, se logo estaria de volta?

Kahlan sentou. Ela esfregou os olhos de novo. Na fraca luz da pequena fogueira viu que as roupas dele sumiram.

Foi um longo dia. Eles não dormiram muito na noite anterior. Porque ele estaria lá fora na chuva no meio da noite? Eles precisavam dormir. De manhã tinham que partir. Tinha que voltar para Aydindril.

De manhã. Partiriam de manhã. Ele tinha até de manhã.

Kahlan grunhiu enquanto se movia pelo chão até as coisas deles. Ele saiu para procurar algum tipo de prova.

Sabia que ele estava fazendo isso. Alguma coisa para mostrar a eles que não estava sendo tolo.

Ela remexeu na mochila até que seus dedos encontraram seu pequeno suporte para vela. Ele tinha uma cobertura cônica e assim ficaria seco e aceso na chuva. Pegou uma longa varinha do lado da lareira, acendeu no fogo, e então acendeu a vela. Fechou a pequena porta de vidro para evitar que o vento apagasse a chama. O suporte e a vela eram pequenos e não forneciam muita luz, mas era o melhor que tinha e era melhor do que nada em uma noite tão escura na chuva.

Kahlan tirou sua camisa úmida da vara que Richard tinha colocado perto do fogo. O toque do tecido molhado frio contra sua pele quando ela enfiou os braços nas mangas causou um tremor doloroso em seus ombros. Ela daria seu próprio sermão para o novo marido. Insistiria que ele voltasse para cama e colocasse os braços obedientemente em volta dela até que ela estivesse quente novamente. Era culpa dele que ela já estivesse tremendo. Fazendo careta, levantou suas frias calças molhadas nas pernas.

Que prova ele poderia estar procurando? A galinha?

Secando o cabelo dela perto do fogo, antes de irem para cama, Kahlan tinha perguntado a ele porque ele acreditava que tinha visto a mesma galinha várias vezes. Richard falou que a galinha morta do lado de fora da Casa dos Espíritos naquela manhã tinha uma marca escura no lado direito do bico superior, logo abaixo da crista. Ele falou que a galinha que o Homem Pássaro apontou tinha a mesma marca.

Richard não tinha feito a conexão até mais tarde. Ele falou que a galinha esperando acima da porta para o local onde estava o corpo de Juni tinha a mesma marca no lado do seu bico. Disse que nenhuma das galinhas nas três construções tinha uma marca assim.

Kahlan falou que galinhas bicavam o chão o tempo todo e estava chovendo e com lama, então provavelmente era terra. Além disso, provavelmente havia terra nos bicos de mais do que uma das aves. Isso simplesmente deve ter sido lavado quando elas estavam sendo levadas através da chuva até aqueles locais.

O Povo da Lama tinha certeza que coletaram cada uma das galinhas na aldeia, então a galinha que ele estava procurando tinha que ser uma das galinhas nas três construções. Richard não teve resposta para aquilo.

Ela perguntou porque essa galinha, erguida dos mortos, os teria seguido o dia todo. Com que propósito? Richard também não teve resposta para isso.

Kahlan percebeu que não estivera dando muito apoio para ele. Sabia que Richard não costumava viajar em fantasias. Sua persistência realmente não era teimosia, nem tinha objetivo de irritá-la.

Deveria ter escutado de forma mais receptiva, mais delicada. Era esposa dele. Se ele não podia contar com ela, então com quem contaria? Não era surpresa que ele não estivesse com humor para fazer amor com ela. Mas uma galinha...

Kahlan abriu a porta para ser recebida por uma rajada de vento frio. Cara estava na cama. Os caçadores que protegiam a Casa dos Espíritos avistaram-na e correram para se reunirem. Todos os olhos deles observavam o rosto dela iluminado pela vela flutuando na noite chuvosa. Seus corpos brilhantes materializavam-se como aparições sempre que um raio brilhava.

– Para que lado Richard foi? – ela perguntou.

O homem ficou em silêncio, piscando.

– Richard. – ela repetiu. – Ele não está lá dentro. Ele partiu faz algum tempo. Para que lado ele foi?

Um dos homens olhou para todos os seus colegas, checando, antes de falar. Todos haviam balançado a cabeça para ele.

– Não vimos ninguém. Está escuro, mas assim mesmo, nós veríamos ele se ele saísse.

Kahlan suspirou. – Talvez não. Richard era um guia florestal. A noite é seu elemento. Ele pode desaparecer no escuro do mesmo jeito que vocês podem desaparecer na grama.

Os homens assentiram com essas notícias, sem duvidar nem um pouquinho.

– Então ele está aqui fora, em algum lugar, mas não sabemos onde. Às vezes, Richard, o Esquentado, pode ser como um espírito. Ele não é como nenhum homem que já vimos.

Kahlan sorriu para si mesma. Richard era uma pessoa rara, a marca de um mago.

Os caçadores uma vez o levaram para atirar flechas, e ele os surpreendeu arruinando todas as flechas que atirou. Ele as colocou no centro do alvo, uma sobre a outra, cada uma partindo a anterior.

O Dom de Richard guiou suas flechas, embora ele não acreditasse nisso; ele pensou que simplesmente era uma questão de prática e concentração. “Chamar o alvo” foi como ele descreveu aquilo. Disse que chamava o alvo até ele, deixando tudo mais desaparecer, e quando sentia a flecha encontrar aquele ponto singular no ar, ele a soltava. Podia fazer isso num piscar de olhos.

Kahlan teve que admitir que quando ele a ensinou a atirar, às vezes ela conseguia sentir o que ele queria dizer. Uma vez aquilo que ele ensinou tinha até salvo a sua vida. Ainda assim, ela sabia que a magia estava envolvida.

Os caçadores tinham grande respeito por Richard. Atirar flechas era apenas parte disso. Era difícil não ter respeito por Richard. Se ela disse que ele podia ficar invisível, eles não tinham razão para duvidar.

Aquilo quase tinha começado muito mal. No primeiro encontro nos campos, quando Kahlan o levou até o Povo da Lama, Richard interpretou mal a saudação com um tapa, e bateu com força em Savidlin, um dos líderes deles. Fazendo isso, tinha inadvertidamente honrado a força deles e fez um valioso amigo, mas também recebeu o nome “Richard, o Esquentado”.

Kahlan enxugou água da chuva do rosto. – Está certo. Eu quero encontrá-lo. – Ela apontou dentro da escuridão. – Cada um de vocês, irá para uma direção. Se encontrar ele, diga que eu quero falar com ele. Se não avistar ele, me encontre de volta aqui depois que tiver olhado em sua direção, e nós iremos até novos lugares, até encontrá-lo.

Eles começaram a fazer objeções, mas ela disse que estava cansada e queria voltar para cama, e queria seu novo marido com ela. Pediu para que eles a ajudassem, ou procuraria sozinha.

Ocorreu a ela que Richard estava fazendo exatamente a mesma coisa: procurando sozinho, porque ninguém acreditava nele.

Relutantes, os homens concordaram e espalharam-se em diferentes direções, desaparecendo na escuridão. Sem as botas inconvenientes, eles não demoravam o tempo que ela demorava navegando na lama.

Kahlan tirou as botas e jogou-as pela porta de volta na Casa dos Espíritos. Sorriu consigo mesma por ter se livrado daquela quantidade de lama.

Havia diversas mulheres em Aydindril, desde a nobreza, oficiais, a esposas de oficiais, que, se pudessem ter visto a Madre Confessora naquele momento, descalça, com os tornozelos mergulhados na lama, e molhada, teriam desmaiado.

Kahlan caminhou dentro da lama, tentando imaginar se Richard teria algum método em sua busca. Richard raramente fazia alguma coisa assim sem pensar. Como ele sairia procurando por toda a aldeia sozinho no escuro?

Kahlan reconsiderou seu primeiro pensamento, que ele estava procurando a galinha. Talvez ele tivesse percebido que as coisas que ela, Zedd, e Ann disseram faziam sentido. Talvez não estivesse procurando uma galinha. Mas então o que estaria fazendo lá fora no meio da noite?

A chuva batia em sua cabeça, escorrendo pelo pescoço e costas, fazendo ela tremer. Seu cabelo longo, que tinha secado e escovado com tanto esforço, agora estava cheio de água. Sua camisa colava no corpo como uma segunda pele. Uma coisa fria miserável.

Para onde Richard poderia ter ido?

Kahlan fez uma pausa e levantou a vela.

Juni.

Talvez ele tenha ido ver Juni. Ela sentiu uma pontada de tristeza; talvez tivesse ido dar uma olhada no bebê morto. Poderia ter sentido vontade de rezar pelos dois.

Isso seria algo que Richard faria. Poderia querer rezar ao bons espíritos em nome das duas novas almas no mundo dos espíritos. Richard faria isso.

Kahlan caminhou debaixo de uma corrente de água gelada caindo de um telhado sem ver, arfando quando ela atingiu seu rosto, banhando a frente de seu corpo. Ela afastou o cabelo molhado e cuspiu um pouco de água enquanto continuava em frente. Ter que manter a vela erguida na chuva fria estava adormecendo seus dedos.

Ela procurou cuidadosamente no escuro, tentando ver exatamente onde estava, para confirmar que estava seguindo no caminho certo. Encontrou um muro baixo familiar com três painéis de ervas. Ninguém morava nas proximidades; elas eram as ervas que cresciam para os espíritos maus que ficavam confinados não muito longe. Ela conhecia o caminho partindo daqui.

Um pouco mais adiante e depois virando em uma esquina encontrou a porta para a casa dos mortos. Tateando com dedos dormentes, ela localizou o trinco. A porta, inchada pela chuva, estava emperrando o bastante para ranger. Caminhou através do portal e fechou a porta atrás dela.

– Richard? Richard, você está aqui dentro?

Nenhuma resposta. Levantou a vela. Com sua outra mão ela cobriu o nariz por causa do cheiro. Podia sentir o fedor na língua.

Luz da pequena janela da vela espalhou na plataforma com o pequeno corpo. Ela se aproximou, encolhendo-se quando sentiu um besouro estalar debaixo do pé descalço, mas a tragédia que jazia ali na plataforma diante dela enfraqueceu o seu cuidado imediatamente.

A visão a manteve imobilizada. Pequenos braços estavam congelados no espaço. As pernas estavam duras, com apenas uma polegada de ar sob os calcanhares. Pequenas mãos estavam abertas. Dedos pequeninos assim pareciam impossíveis.

Kahlan sentiu um nó deslizar em sua garganta. Cobriu a boca para conter o gemido inesperado pela criança. A pobre coisa. A pobre mãe.

Atrás, ela escutou um estranho som repetitivo. Enquanto olhava fixamente para a pequena forma sem vida, tentou entender o estranho som repetitivo. Ele fez uma pausa. Recomeçou. Fez outra pausa. Ignorou isso da mesma maneira que a corrente de água.

Incapaz de resistir, Kahlan esticou o braço. Colocou o dedo suavemente dentro da pequenina mão. Seu dedo era tudo que a palma poderia segurar. Quase desejou que os pequenos dedos fechassem em volta do seu. Mas eles não fecharam.

Conteve outro gemido, sentindo uma lágrima descer pelo rosto. Sentia tanto pela mãe. Kahlan tinha visto tanta morte, tantos corpos, ela não sabia porque esse aqui poderia afetá-la tanto, mas afetou.

Ela chorou sobre a criança sem nome. Na solitária casa para os mortos, seu coração derreteu por essa vida não vivida, esse recipiente entregue ao mundo sem uma alma.

O som ao fundo finalmente interferiu o bastante para que ela virasse para ver o que estava perturbando sua oração aos bons espíritos. Kahlan engasgou com um grito afogado.

Ali, sobre o peito de Juni, estava uma galinha. Ela estava bicando os olhos de Juni.

CAPÍTULO 10



Kahlan queria afastar a galinha do corpo, mas parecia não conseguir fazer o seu corpo se mover. O olho da galinha girou para observá-la enquanto bicava.

Tuc, tuc, tuc, tuc, tuc. Esse era o som que tinha escutado.

– Xô! – ela balançou uma das mãos na direção da ave. – Xô!

Ela deve ter vindo atrás dos insetos. Era por isso que ela estava ali dentro. Atrás dos insetos. De algum modo, ela não conseguia acreditar nisso.

– Xô! Deixe ele em paz!

Gemendo, com as penas levantadas, a cabeça da galinha levantou.

Kahlan deu um pulo para trás.

Com as garras enterradas na carne morta rígida, a galinha virou lentamente para encará-la. Ela inclinou a cabeça, fazendo sua crista cair, sua barbela balançava.

– Xô. – Kahlan ouviu a si mesma sussurrando.

Não havia luz suficiente, e além disso, o lado do seu bico estava coberto de sangue coagulado, então não podia dizer se ele tinha a marca escura. Mas não precisou ver.

– Queridos espíritos, me ajudem. – ela pediu cerrando os dentes.

A ave soltou um lento cacarejo de galinha. Pareceu como o de uma galinha, mas em seu coração ela sabia que não era.

Naquele instante, ela entendeu completamente o conceito de uma galinha que não era uma galinha. Parecia com uma galinha,

com a maioria das galinhas do Povo da Lama. Mas isso não era uma galinha.

Era uma encarnação do mal.

Podia sentir isso com visceral certeza. Aquilo era algo tão obsceno quanto o próprio sorriso da morte.

Com uma das mãos, Kahlan fechou a camisa bem apertada na garganta. Ela estava tão comprimida contra a plataforma com o corpo do bebê que imaginou se poderia derrubar a sólida massa.

Seu instinto foi de atacar e tocar a coisa vil com o seu poder de Confessora. Sua magia destruía para sempre a essência de uma pessoa, criando no vazio uma devoção completa e incondicional com a Confessora. Desse modo, aqueles condenados à morte confessavam com sinceridade seus terríveis crimes, ou sua inocência. Era um método definitivo de garantir a veracidade da justiça.

Não havia imunidade ao toque de uma Confessora. Era tão absoluto quanto definitivo. Até mesmo o pior maníaco assassino tinha uma alma e estava vulnerável.

O poder dela, sua magia, também era uma arma de defesa. Mas funcionaria apenas em pessoas. Não funcionaria em uma galinha. E não funcionaria na maldade encarnada.

O olhar dela desviou para a porta, verificando a distância. A galinha deu um pequeno pulo na direção dela. As garras cravando no braço de Juni, inclinou na direção dela. Os músculos das pernas dela ficaram tensos até que tremeram.

A galinha recuou um passo, fez um esforço, e lançou fezes no rosto de Juni. Soltou um cacarejo que parecia uma risada.

Ela queria tanto poder dizer a si mesma que estava sendo tola. Imaginando coisas.

Mas sabia que aquilo era real.

De forma parecida como seu poder não funcionaria para destruir essa coisa, ela também sentiu, que seu tamanho ostensivo e

força não significavam nada contra isso. Seria muito melhor, ela pensou, simplesmente dar o fora.

Mais do que tudo, isso era o que ela queria: sair.

Um gordo besouro marrom subiu rapidamente no braço dela. Ela soltou um leve grito quando o derrubou. Deu um passo na direção da porta.

A galinha saltou de Juni, pousando diante da porta.

Kahlan tentou pensar freneticamente enquanto a galinha agitava o corpo. Ela bicou o besouro que tinha sido derrubado do braço de Kahlan. Depois de engolir o besouro, virou olhando para ela, sua cabeça inclinando para um lado, depois para outro, sua barbela balançando.

Kahlan olhou para a porta. Tentou pensar na melhor forma de sair. Chutar a galinha para fora do caminho? Tentar afastá-la da porta assustando-a? Ignorá-la e tentar passar caminhando ao lado dela?

Lembrou do que Richard disse. *“Juni ofendeu a honra de seja lá o que for que matou aquela galinha. Pouco tempo depois, Juni morreu. Joguei um galho na galinha que estava na janela, e um pouco mais tarde, ela atacou aquele garotinho. Foi minha culpa Ungi ter sido ferido. Não quero cometer o mesmo erro outra vez”*.

Ela não queria cometer aquele erro. Essa coisa poderia voar no rosto dela. Arrancar seus olhos. Usar sua espora para rasgar a artéria carótida no lado de seu pescoço. Fazer ela sangrar até a morte. Quem saberia o quanto essa coisa realmente era, o que seria capaz de fazer?

Richard foi inflexível sobre todos tratarem as galinhas com educação. De repente a vida ou a morte de Kahlan dependia das palavras de Richard. Fazia pouco tempo ela as considerou tolas. Agora, ela estava avaliando suas chances, fazendo suas escolhas, baseada no que Richard tinha falado.

– Oh, Richard, – implorou em um sussurro. – me perdoe.

Sentiu algo em seus pés. Uma rápida olhada não foi suficiente para ver com certeza na luz fraca, mas pensou ter visto insetos rastejando sobre os seus pés. Sentiu um deles subir rapidamente em seu tornozelo, subir por baixo da calça dela. Bateu o pé com força. O inseto agarrou-se firme.

Curvou-se para bater na coisa debaixo da sua calça. Queria que aquilo largasse. Bateu com força demais, esmagando aquilo contra a pele.

Levantou o corpo depressa para derrubar coisas em seu cabelo. Ela gritou, quando uma centopeia ferrou a parte de trás da sua mão. Derrubou-a. Quando ela bateu no chão, a galinha capturou-a e comeu.

Com um bater de asas, de repente a galinha saltou para cima de Juni outra vez. Com as garras trabalhando com bastante firmeza, ela virou lentamente sobre o corpo para olhar Kahlan. Um olho negro observava com frio interesse. Kahlan deslizou um pé na direção da porta.

– Madre. – a galinha grasnou.

Kahlan encolheu-se soltando um grito. Tentou reduzir a velocidade de sua respiração. Seu coração batia com tanta força que o pescoço poderia estar pulsando. Arranhou a carne de seus dedos quando eles agarraram na plataforma grosseira atrás dela.

Ela deve ter feito um som que pareceu com a palavra “madre”. Ela era a Madre Confessora, e estava acostumada a ouvir a palavra “madre”. Simplesmente estava assustada e tinha imaginado aquilo.

Gritou novamente quando algo mordeu seu tornozelo. Balançando o braço quando um inseto correu por baixo da manga da camisa, acidentalmente derrubou a vela da plataforma atrás dela. A vela bateu no chão emitindo um retinido.

Em um instante, a sala mergulhou na escuridão total.

Ela girou, batendo em alguma coisa que subia entre as suas omoplatas, debaixo do cabelo. De acordo com o peso, e o guinchado,

devia ser um rato. Felizmente, quando ela se contorceu e girou o corpo, ele caiu.

Kahlan congelou. Ela tentou ouvir se a galinha tinha se movido, se tinha pulado até o chão. A sala estava completamente silenciosa a não ser pelo som veloz do seu coração nos ouvidos.

Começou a deslizar em direção à porta. Enquanto arrastava os pés na palha fétida, queria demais estar usando suas botas. O fedor era sufocante. Achou que jamais sentiria o corpo limpo novamente. Porém, ela não se importava, contanto que apenas conseguisse sair dali viva.

No escuro, a coisa galinha soltou uma baixa risada cacarejando.

Aquilo não veio de onde ela esperava que a galinha estivesse. Estava atrás dela.

– Por favor, não quero fazer mal. – ela falou dentro da escuridão. – Não quero desrespeitá-la. Deixarei você cuidar dos seus assuntos agora, se estiver tudo bem para você.

Deu outro passo deslizante na direção da porta. Moveu-se cuidadosamente, lentamente, caso a coisa galinha estivesse no caminho. Não queria esbarrar nela e deixá-la zangada. Não deveria subestimá-la.

Em várias ocasiões Kahlan havia se atirado com ferocidade contra inimigos aparentemente invencíveis. Conhecia bem o valor de um violento ataque decidido. Mas de algum modo também sabia sem dúvida que esse adversário poderia, se desejasse, matá-la tão facilmente quanto ela poderia partir o pescoço de uma galinha de verdade. Se ela forçasse uma luta, essa era uma que perderia.

Seu ombro tocou a parede. Deslizou uma das mãos pelo tijolo de lama, tateando cegamente, procurando a porta. Não estava ali. Tateou na parede em cada direção. Não havia porta.

Isso era loucura. Ela entrou pela porta. Tinha que existir uma porta. A coisa galinha soltou um cacarejo sussurrante.

Contendo lágrimas de medo, Kahlan virou e colou as costas contra a parede. Deve ter ficado confusa quando girou, tirando o rato das costas. Estava virada para o lado errado, só isso. A porta não tinha se movido. Ela estava virada.

Então, em que direção ficava a porta?

Seus olhos estavam abertos o máximo que podiam, tentando enxergar na completa escuridão. Um novo terror dominou seus pensamentos: e se a coisa galinha arrancasse os seus olhos? E se isso era o que ela gostava de fazer? Arrancar olhos.

Ouviu a si mesma gemendo em pânico. Chuva gotejava através do teto de grama. Quando pingava em sua cabeça ela se encolhia. O raio surgiu outra vez. Kahlan viu a luz entrar pela parede da esquerda. Não, era a porta. A luz estava entrando pelas bordas da porta. O trovão explodiu.

Nervosa, ela correu até a porta. No escuro, atingiu a borda de uma plataforma com uma coxa. Os dedos do pé bateram no canto de tijolo. Por reflexo, ela agarrou no local da dor. Dependendo de seu outro pé para manter o equilíbrio, ela desceu em algo duro. Uma dor ardente espalhou-se em seu pé. Tentou agarrar em algo, afastando a mão quando sentiu o pequeno corpo rígido. Caiu pesadamente.

Praguejando baixinho, percebeu que tinha pisado no suporte quente da vela. Acariciou o pé. Na verdade ele não a queimou; seu medo frenético apenas fez com que ela imaginasse o metal quente queimando-a. Porém, seu outro pé, sangrava por ter batido no tijolo.

Kahlan respirou profundamente. Não deveria entrar em pânico, avisou para si mesma, ou não conseguiria ajudar a si mesma. Ninguém mais iria tirá-la daqui. Precisava se recompor e permanecer calma o bastante para escapar da casados mortos.

Respirou profundamente mais uma vez. Tudo o que tinha de fazer era chegar até a porta, e então poderia ir embora. Estaria segura.

Tateou no chão adiante enquanto avançava rastejando sobre a barriga. A palha estava úmida, se era por causa da chuva ou por causa das coisas nojentas que escorriam das plataformas, ela não sabia. Disse a si mesma que o Povo da Lama respeitava os mortos. Eles não deixariam palha suja ali dentro. Ela deve estar limpa. Então porque fede tanto?

Com grande esforço, Kahlan ignorou os insetos agitando-se sobre ela. Quando sua concentração em permanecer em silêncio fraquejava, podia ouvir pequenos gemidos escaparem de sua garganta. Com o rosto no chão, ela viu o raio seguinte brilhar sob a porta. Não estava longe.

Não sabia para onde foi a galinha. Rezou para que ela tivesse voltado a bicar os olhos de Juni.

Com o brilho do raio seguinte, ela viu pés de galinha parados entre ela e a fenda sob a porta. A coisa estava a menos de um pé de distância do seu rosto.

Kahlan moveu lentamente uma das mãos trêmulas até a testa para cobrir os olhos. Sabia que a qualquer instante, a coisa galinha monstro bicaria seus olhos, assim como bicou os de Juni. Ela ofegou de terror com a imagem mental de ter os seus olhos arrancados. Do sangue escorrendo das aberturas vazias.

Ficaria cega. Ficaria indefesa. Nunca mais veria os olhos cinzentos de Richard sorrindo para ela.

Um inseto correu em seu cabelo, tentando livrar-se de um emaranhado. Kahlan passou a mão, falhando em removê-lo.

De repente, alguma coisa atingiu sua cabeça. Ela gritou. O inseto desapareceu. A galinha arrancou-o de sua cabeça. Sua cabeça estava dolorida por causa da pancada.

– Obrigada. – ela se esforçou em falar para a galinha. – Muito obrigada. Fico agradecida.

Ela gritou quando o bico golpeou, atingindo seu braço. Era um inseto. A galinha não tinha bicado seu braço, e sim devorado um

inseto.

– Sinto muito por gritar. – ela disse. Sua voz tremeu. – Você me assustou, só isso. Obrigada novamente.

O bico bateu no topo da cabeça dela. Dessa vez, não havia inseto algum. Kahlan não sabia se a coisa galinha pensou que havia, ou se queria bicar sua cabeça. Isso doeu bastante. Ela moveu a mão de volta sobre os olhos.

– Por favor, não faça isso. Isso dói. Por favor, não dê bicadas em mim.

O bico agarrou a veia atrás da mão dela sobre os olhos. A galinha puxou, como se estivesse tentando arrancar uma minhoca do chão.

Foi um comando. Queria que ela afastasse a mão dos olhos.

O bico deu uma pancada forte em sua pele. Não havia engano no significado daquele puxão insistente. Tire a mão, agora, aquilo estava dizendo, ou vai se arrepender.

Se a deixasse com raiva, não havia como saber o que aquilo poderia fazer com ela. Juni jazia morto acima dela como um lembrete das possibilidades.

Disse a si mesma que se aquilo bicasse seus olhos, teria que agarrá-la e tentar quebrar seu pescoço. Se fosse rápida, aquilo poderia conseguir dar apenas uma bicada. Ela ainda ficaria com um olho. Então teria que lutar com aquilo. Mas somente se ela tentasse acertar seus olhos.

Seus instintos gritavam que uma ação dessa seria a coisa mais tola, perigosa, que ela poderia fazer. Tanto o Homem Pássaro quanto Richard disseram que isso não era uma galinha. Não duvidava mais deles. Mas poderia não ter escolha.

Se ela iniciasse a luta, seria uma luta até a morte. Não tinha ilusões sobre as suas chances. Ainda assim, ela poderia ser forçada a lutar. Até o último suspiro, se fosse preciso, como seu pai tinha ensinado.

A galinha agarrou uma quantidade maior de pele junto com a veia e torceu. Último aviso.

Kahlan afastou sua mão trêmula cuidadosamente. A coisa galinha cacarejou suavemente com satisfação.

O raio brilhou outra vez. Porém, ela não precisava da luz. Estava apenas a polegadas de distância. Perto o bastante para sentir sua respiração.

– Por favor, não me machuque.

O trovão rugiu tão alto que doeu. A galinha guinchou e virou.

Ela percebeu que não foi um trovão, mas a porta abrindo repentinamente.

– Kahlan! – Era Richard. – Onde você está?

Ela levantou depressa.

– Richard! Cuidado! É a galinha! É a galinha!

Richard tentou agarrá-la. A galinha correu entre as pernas dele e saiu pela porta.

Kahlan quis jogar os braços em volta dele, mas ele bloqueou seu caminho quando tirou o arco do ombro de um dos caçadores parado do lado de fora. Antes que o caçador pudesse tomar um susto com o movimento repentino, Richard tinha arrancado uma flecha da aljava pendurada no ombro do homem. No instante seguinte a flecha estava preparada e a corda esticada até a bochecha.

A galinha corria loucamente pela lama, descendo a passagem. O brilho dos raios pareciam congelar a galinha no meio do passo, cada brilho revelava seus contornos, e cada brilho mostrava que ela estava mais longe ainda.

Com um leve som da corda do arco, a flecha disparou dentro da noite.

Kahlan ouviu a flecha com ponta de aço atingir com um baque. No brilho de um raio, ela viu a galinha virar para trás, olhando para eles. A flecha tinha acertado atrás da cabeça dela. A parte da frente da flecha projetava-se entre o bico afastado. Sangue descia pelo

corpo da flecha, pingando da ponta. Ele pingava formando poças e manchava a barbeta da ave.

O caçador soltou um baixo assovio de admiração pelo disparo.

A noite ficou escura quando um trovão explodiu. O brilho do raio seguinte mostrou a galinha dobrar em uma esquina correndo.

Kahlan seguiu Richard enquanto ele disparava atrás da ave fugitiva. O caçador entregou a Richard outra flecha enquanto eles corriam. Richard preparou-a e colocou tensão na corda, segurando-a pronta enquanto eles avançavam fazendo a curva.

Os três reduziram o passo, e pararam. Ali, na lama, no meio da passagem, estava uma flecha ensanguentada. A galinha não podia ser avistada em lugar algum.

– Richard, – Kahlan ofegou. – agora eu acredito em você.

– Eu percebi isso. – ele disse.

Vindo de trás, eles ouviram um grande rugido. Enfiando as cabeças para olharem da esquina, eles viram o teto do local onde os mortos eram preparados para enterro arder em chamas. Através da porta aberta, ela viu o chão de palha queimando.

– Eu tinha uma vela. Ela caiu na palha. Mas a chama apagou. – Kahlan disse. – Tenho certeza que estava apagada.

– Talvez tenha sido um raio. – Richard falou enquanto observava as chamas elevarem-se ao céu.

A luz fez as construções ao redor parecerem ondular e dançar em sincronia com as chamas. Independente da distância, Kahlan podia sentir o calor furioso contra o rosto. Grama queimando e centelhas voaram dentro da noite.

Os guardiões caçadores deles apareceram do meio da chuva para reunirem-se. O dono da flecha entregou-a para seus companheiros, sussurrando para eles que Richard, o Esquentado, atirou no espírito mau, fazendo ele fugir.

Mais duas pessoas emergiram da sombra na esquina de uma construção, observando as chamas que saltavam antes de unirem-se

a eles. Zedd, seu cabelo branco desgrenhado banhado por um laranja avermelhado da luz do fogo, esticou a mão. Um caçador colocou a flecha ensanguentada na palma dele. Zedd inspecionou a flecha rapidamente antes de entregá-la para Ann. Ela girou-a em seus dedos, suspirando como se aquilo contasse sua história e confirmasse os temores dela.

– São as Notas. – Richard disse. – Elas estão aqui. Agora vocês acreditam em mim?

– Zedd, eu vi. – Kahlan falou. – Richard tem razão. Não era uma galinha. Estava lá dentro bicando os olhos de Juni. Aquilo falou. Falou comigo usando meu título “Madre Confessora”.

Reflexos das chamas dançaram nos olhos solenes dele. Finalmente ele assentiu.

– De certo modo, você está certo, meu rapaz. Isso realmente é um problema do pior tipo, mas não são as Notas.

– Zedd, – Kahlan insistiu, apontando para trás, na direção da construção que ardia. – Estou dizendo, era...

Ficou em silêncio quando Zedd esticou o braço e retirou uma pena listrada do cabelo dela. Ele levantou a pena, girando-a lentamente entre o dedo indicador e o dedão. Diante dos olhos deles ela virou fumaça, evaporando no ar da noite.

– Era um *Lurk*. – o mago murmurou.

– Um *Lurk*? – Richard fez uma careta. – O que é um *Lurk*? E como você sabe?

– Ann e eu estivemos lançando feitiços de verificação. – o velho mago disse. – Você no deu a evidência que precisávamos para termos certeza. O traço de magia nessa flecha confirma nossa suspeita. Temos graves problemas.

– Aquilo foi conjurado por aqueles comprometidos com o Guardião. – Ann falou. – Aqueles que podem usar Magia Subtrativa, as Irmãs do Escuro.

– Jagang. – Richard sussurrou. – Ele tem Irmãs do Escuro.

Ann assentiu. – Da última vez Jagang enviou um mago assassino, mas você sobreviveu. Agora ele envia algo mais mortal.

Zedd colocou uma das mãos no ombro de Richard.

– Você estava certo em sua persistência, mas errado em sua conclusão. Ann e eu estamos confiantes que podemos desfazer o feitiço que trouxe isso aqui. Tente não ficar preocupado; nós trabalharemos nisso, e encontraremos uma solução.

– Você ainda não disse o que é essa coisa de *Lurk*. Qual é o objetivo dele? O que ele foi enviado para fazer?

Ann olhou para Zedd antes de falar.

– Foi conjurado do Submundo. – ela disse. – Com Magia Subtrativa. Deve interromper a magia nesse mundo.

– Assim como as Notas. – Kahlan falou alarmada.

– Isso é sério, – Zedd confirmou. – mas nada parecido com as Notas. Ann e eu não somos novatos e temos nossos próprios recursos.

– O *Lurk* se foi por enquanto, graças a Richard. Desmascarado por aquilo que ele é, ele não voltará tão cedo. Vão dormir um pouco. Felizmente, Jagang foi desajeitado, e seu *Lurk* traiu a si mesmo antes que pudesse causar mais danos.

Richard olhou para trás, por cima do ombro, para o fogo que estalava, como se estivesse avaliando algo.

– Mas como Jagang...

– Ann e eu precisamos descansar um pouco para que possamos definir precisamente o que Jagang fez e como reagiremos. Isso é complexo. Permita que façamos o que sabemos que devemos.

Finalmente, Richard passou um braço confortador em volta da cintura de Kahlan e puxou-a para perto enquanto assentia para seu avô. Richard segurou o ombro de Zedd em um gesto afável no caminho enquanto caminhava com Kahlan na direção da Casa dos Espíritos.

CAPÍTULO 11



Quando Richard tremeu, isso acordou-a. Kahlan, com as costas contra ele, afastou o cabelo dos olhos, tentando apressadamente recompor os sentidos. Richard sentou, deixando uma brecha fria onde estivera uma presença calorosa. Alguém batia de forma insistente.

– Lorde Rahl, – surgiu uma voz abafada. – Lorde Rahl.

Não foi um sonho; Cara estava batendo na porta. Richard dançou vestindo as calças enquanto corria para atender. A luz do dia invadiu o local.

– O que foi, Cara?

– A Curandeira pediu que eu o chamasse. Zedd e Ann estão doentes. Não consegui entender as palavras dela, mas sabia que ela queria que eu chamasse você.

Richard pegou as botas.

– Doentes, quanto?

– Pelo comportamento da Curandeira, não acho que seja sério, mas não entendo dessas coisas. Pensei que você iria querer ver por si mesmo.

– É claro. Sim. Já vamos sair.

Kahlan já estava vestindo as roupas. Elas ainda estavam úmidas, mas pelo menos não estavam encharcadas.

– O que você acha que poderia ser?

Richard enfiou sua camisa negra sem manga. – Não faço ideia.

Deixando o resto de sua roupa, ele afivelou o seu largo cinto com as bolsas trabalhadas em ouro e caminhou até a porta. Ele nunca deixava as coisas lá dentro sem proteção. Eram perigosas demais. Ele olhou para trás, para ver se ela estava com ele. Esperando manter o equilíbrio, Kahlan calçou as botas.

– Estava querendo dizer, você acha que poderia ser magia? Alguma coisa errada com ela? Por causa daquele negócio de *Lurk*?

– Não vamos dar vantagem aos nossos medos. Saberemos em breve.

Quando avançavam através da porta, Cara juntou-se a eles e seguiu no mesmo passo. A manhã estava tempestuosa e úmida, com um chuvisco. Nuvens escuras prometiam um dia miserável. Pelo menos não estava chovendo.

A longa trança loura de Cara estava com aparência de que esteve assim molhada durante toda a noite. Estava pendurada, pesada, mas Kahlan sabia que ela parecia melhor do que seu cabelo despenteado.

Em contraste, a roupa vermelha de couro de Cara parecia ter sido lavada recentemente. O couro vermelho delas era uma questão de orgulho para as Mord-Sith. Como uma bandeira vermelha, anunciava para todos a presença de uma Mord-Sith; poucas palavras podiam transmitir a ameaça de maneira tão efetiva.

O couro flexível devia ter sido tratado com óleos ou gordura, pelo modo como a água deslizava nele. Kahlan sempre imaginou que, apertado como era seu uniforme, as Mord-Sith não tiravam a roupa com muita frequência enquanto usavam a sua segunda pele de couro.

Quando seguiam rapidamente em uma passagem, Cara lançou um olhar acusador para eles.

– Vocês dois tiveram uma aventura noite passada.

Pela maneira como os músculos da mandíbula dela flexionaram, era bastante fácil afirmar que Cara não estava contente em ter sido

deixada dormindo enquanto eles andavam por aí sozinhos, como cervos indefesos, para ver se conseguiam colocar a si mesmos em algum tipo de grave perigo sem nenhuma boa razão, qualquer que fosse.

– Encontrei a galinha que não era galinha. – Kahlan disse.

Ela e Richard estavam exaustos quando rastejaram de volta para a Casa dos Espíritos através do escuro, da lama, e da chuva, e conversaram sobre isso apenas brevemente. Quando ela perguntou, ele disse que estava procurando pela coisa galinha quando ouviu a voz dela vindo lugar onde jazia o corpo de Juni. Ela esperava que ele falasse alguma coisa sobre sua falta de fé nele, mas ele não falou.

Ela disse que sentia muito por dar a ele um dia difícil, uma vez que não acreditou nele. Ele falou apenas que agradecia aos bons espíritos por tomarem conta dela. Abraçou-a e beijou a cabeça dela. De algum modo, ela pensou que teria se sentido melhor se ao invés disso ele a tivesse repreendido.

Bastante cansados, eles rastejaram para debaixo dos cobertores. Inquieta como estava, Kahlan tinha certeza que ficaria acordada lembrando da noite com as recordações assustadoras do mal encarnado que sentiu na “coisa galinha”, mas com a mão quente e protetora de Richard em seu ombro, ela dormiu em poucos momentos.

– Ninguém me explicou ainda como é possível afirmar que essa galinha não é uma galinha. – Cara reclamou quando fizeram a curva em uma esquina.

– Não consigo explicar. – Richard falou. – Simplesmente tinha alguma coisa sobre ela que não estava certa. Uma sensação. Isso fazia o cabelo na minha nuca ficar arrepiado quando ela estava perto.

– Se você estivesse lá, – Kahlan disse. – você entenderia. Quando aquilo olhava para mim, eu podia ver o mal em seus olhos.

Cara grunhiu mostrando descrença.

– Talvez ela estivesse precisando botar um ovo.

– Ela falou comigo usando meu título.

– Ah. Agora isso me deixaria assustada também. – a voz de Cara ficou mais séria, se não preocupada. – Ela realmente chamou você de Madre Confessora?

Kahlan assentiu para a genuína ansiedade estampada no rosto de Cara.

– Bem, na verdade, ela começou, mas só falou a parte do Madre. Não esperei educadamente para escutar ela falar o resto.

Quando os três apareceram na porta, Nissel levantou da pele que estava no chão diante da pequena lareira. Ela estava aquecendo uma panela com ervas aromáticas sobre a pequena fogueira. Uma pilha de Pão de Tava aguardava ali perto ao lado da lareira, sobre a prateleira, onde ficaria aquecida. Ela mostrou aquele estranho sorriso de “alguma coisinha que somente eu sei” dela.

– Madre Confessora. Bom dia. Dormiu bem?

– Sim, obrigada Nissel, qual é o problema com Zedd e Ann?

O sorriso de Nissel desapareceu quando ela olhou para a grossa pele pendurada sobre o portal para a sala nos fundos.

– Não tenho certeza.

– Bem, então o que está deixando eles doentes? – Richard perguntou quando Kahlan traduziu. – Como eles estão doentes? Febre? Estômago? Cabeça? O quê? – ele jogou os braços para cima. – As cabeças deles caíram dos ombros?

Nissel encarou o olhar de Richard enquanto Kahlan fazia as perguntas dele, o estranho sorriso dela voltou.

– Ele é impaciente, o seu novo marido.

– Está preocupado com seu avô. Tem grande amor por seu ancião. Então, você sabe o que poderia estar errado com eles?

Nissel virou rapidamente para mexer na panela. A velha Curandeira tinha costumes curiosos, até mesmo incompreensíveis, como a maneira que murmurava consigo mesma enquanto

trabalhava, ou pedia que uma pessoa equilibrasse pedras no estômago para distraí-la enquanto costurava um ferimento, mas Kahlan sabia também que ela possuía uma mente afiada e era quase inigualável naquilo que fazia. Havia uma longa vida de experiência e vasto conhecimento na mulher idosa.

Com uma das mãos, Nissel apertou mais o seu xale e finalmente agachou diante da Graça ainda desenhada na terra no centro do chão. Esticou-se e traçou lentamente um dedo enrugado por uma das linhas retas que projetavam-se do centro, a linha que representava a magia.

– Isso, eu acho.

Kahlan e Richard trocaram um olhar preocupado.

– Provavelmente você poderia descobrir muito mais rápido, – Cara disse.

– se apenas entrasse ali e desse uma olhada por si mesmo.

Richard lançou um olhar zangado para Cara.

– Nós queríamos saber o que esperar, se estiver tudo bem para você.

Kahlan relaxou um pouco. Cara jamais seria irreverente sobre algo tão importante para eles se ela realmente acreditasse que poderia haver uma batalha de vida ou morte atrás da cortina de pele. Mesmo assim, Cara sabia pouco sobre magia, a não ser que não gostava dela.

Cara, como os ferozes soldados D’Haran, temia magia. Eles ficavam repetindo eternamente que eram o aço contra o aço, enquanto Lorde Rahl deveria ser a magia contra a magia. Isso era parte da ligação do povo D’Haran com seu Lorde Rahl: eles o protegiam, ele os protegia. Era quase como se eles acreditassem que sua obrigação era proteger o corpo dele para que em troca ele pudesse proteger suas almas.

O paradoxo era que a singular ligação entre as Mord-Sith e seu Lorde Rahl era um relacionamento simbiótico fornecendo poder ao

Agiel, o surpreendente instrumento de tortura que uma Mord-Sith carregava em seu pulso, e, mais importante ainda, que por causa da antiga conexão com seu Lorde Rahl, Mord-Sith eram capazes de roubar a magia de alguém com o Dom. Até que Richard as libertasse, o propósito das Mord-Sith não era apenas proteger seu Lorde Rahl, mas torturar até a morte os inimigos dele que possuíam magia, e no processo extrair qualquer informação que eles tivessem.

Além da magia de uma Confessora, não havia magia capaz de resistir contra a habilidade de uma Mord-Sith de apropriar-se dela. Não importava o quanto as Mord-Sith temessem a magia, aqueles com magia tinham mais a temer das Mord-Sith. Mas, as pessoas sempre disseram para Kahlan que as cobras tinham mais medo dela do que ela delas.

Cruzando as mãos atrás das costas e plantando os pés, Cara assumiu sua posição. Kahlan agachou passando pelo portal enquanto Richard segurava a cortina de pele levantada para ela.

Velas iluminavam a sala sem janelas do outro lado. Figuras mágicas cobriam o chão de terra. Kahlan sabia que eles não eram símbolos para treinamento, como a Graça na sala externa. Esses eram desenhados com sangue.

Kahlan segurou o braço de Richard. – Cuidado. Não pise em nenhum desses. – ela esticou a outra mão indicando os símbolos no chão. – São feitos para atrair e capturar os descuidados.

Richard assentiu quando moveu-se mais fundo na sala, serpenteando através do labirinto de dispositivos delicados. Zedd e Ann estavam deitados, cabeça com cabeça, sobre estreitos colchões estofados de palha contra a parede mais distante. Os dois estavam cobertos até os queixos com lençóis de lã grosseiros.

– Zedd, – Richard sussurrou quando abaixou sobre um joelho. – você está acordado?

Kahlan ajoelhou ao lado de Richard, segurando a mão dele quando sentaram sobre os calcanhares. Quando os olhos de Ann

abriram piscando e ela olhou para cima, Kahlan segurou sua mão também. Zedd franziu a testa, como se expor seus olhos até mesmo na fraca luz da vela machucasse.

– Aqui está você, Richard. Bom. Precisamos conversar.

– Qual é o problema? Vocês estão doentes? O que podemos fazer para ajudar?

O cabelo branco de Zedd parecia mais desganhado do que o normal. Na luz suave suas rugas não eram tão distintas, mas de algum modo ele ainda parecia um homem muito velho naquele momento.

– Ann e eu... estamos apenas nos sentindo um pouco cansados, só isso. Nós estivemos...

Ele tirou uma das mãos debaixo do lençol e apontou para o jardim de figuras desenhadas no chão.

A roupa de couro de Cara estava mais esticada do que a pele sobre os ossos dele.

– Diga para ele, – Ann falou no meio do silêncio que se arrastava. – ou eu direi.

– Dizer o que? O que está acontecendo?

Zedd descansou sua mão magra na coxa de Richard e deu alguns suspiros com esforço.

– Sabe aquela conversa que tivemos? Nossa conversa “e se” ... a respeito da magia desaparecendo?

– Claro.

– Isso começou.

Os olhos de Richard ficaram arregalados.

– Então, são as Notas.

– Não. – Ann disse. As Irmãs do Escuro. – ela enxugou suor dos olhos.

– Ao conjurar um feitiço para trazer a... a coisa galinha...

– O *Lurk*. – Zedd falou, ajudando-a. – Ao conjurar o *Lurk*, seja intencionalmente ou acidentalmente, elas iniciaram uma

degeneração da magia.

– Isso não seria acidental, – Richard disse. – elas fariam isso intencionalmente. Pelo menos Jagang o faria, e as Irmãs do Escuro cumprem as ordens dele.

Zedd assentiu, deixando os olhos fecharem.

– Tenho certeza de que você está certo, meu rapaz.

– Então, vocês não conseguiram impedir? – Kahlan perguntou. – Vocês fizeram soar como se fossem capazes de combater isso.

– As teias de verificação que lançamos nos custaram muito. – Ann pareceu tão amarga quanto Kahlan pareceria se estivesse no lugar dela. – Usamos toda nossa força.

Zedd levantou um braço, e então deixou ele cair de volta para repousar novamente na coxa de Richard.

– Por causa de quem nós somos, porque temos mais poder e habilidade do que outros, a corrupção dessa atrofia está nos afetando primeiro.

Kahlan franziu a testa. – Você disse que começaria com os mais fracos.

Ann apenas balançou a cabeça de um lado para outro.

– Porque não está nos afetando? – Richard perguntou. – Kahlan tem bastante magia, com seu poder de Confessora. – E eu tenho o Dom.

Zedd levantou a mão e balançou de modo débil.

– Não, não. Não é desse jeito que funciona. Começa conosco. Comigo, mais do que Ann.

– Não iluda eles. – Ann disse. – Isso é importante demais. – Sua voz ganhou um pouco de força enquanto ela prosseguia.

– Richard, em breve o poder de Kahlan falhará. E o seu também, embora você não dependa dele como nós, ou ela, então isso não terá muita importância para você.

– Kahlan perderá seu poder de Confessora. – Zedd confirmou. – assim como todos que possuem magia. Tudo com magia.

Ela ficará indefesa e deverá ser protegida.

– Dificilmente ficarei indefesa. – Kahlan protestou.

– Mas deve ter um jeito de vocês lutarem contra isso. Você falou ontem a noite que tinham seus próprios recursos. – os punhos de Richard apertaram forte. – Você disse que poderia combater isso. Deve ser capaz de fazer alguma coisa!

Ann levantou um braço para bater fracamente no topo da cabeça de Zedd.

– Poderia, por favor, contar para ele, velho? Antes que você cause uma apoplexia no rapaz e ele não sirva para nos ajudar?

Richard inclinou para frente. – Eu posso ajudar? O que posso fazer? Diga e eu farei.

Zedd conseguiu mostrar um fraco sorriso.

– Sempre pude contar com você, Richard. Sempre pude.

– O que podemos fazer? – Kahlan perguntou. – Você pode contar com nós dois.

– Vejam bem, nós sabemos o que fazer, mas não conseguimos sozinhos.

– Então ajudaremos vocês. – Richard insistiu. – Do que vocês precisam?

Zedd se esforçou para respirar.

– Na fortaleza...

Kahlan sentiu uma onda de esperança. A *Sliph* os pouparia semanas de viagem sobre a terra. Na *Sliph* ela e Richard podiam chegar até a Fortaleza em menos de um dia.

Aparentemente quase sem sentidos, a respiração de Zedd ofegou. Frustrado, Richard pressionou as têmporas entre um dedão e o indicador de uma das mãos. Ele respirou profundamente. Colocou a mão no ombro de Zedd e balançou suavemente.

– Zedd? O que nós podemos fazer para ajudar? O que tem na Fortaleza do Mago? O que está na Fortaleza?

O velho mago engoliu lentamente.

– Na Fortaleza. Sim.

Richard respirou profundamente outra vez, tentando manter a calma e a segurança em sua voz.

– Está certo. Na Fortaleza. Entendi isso. O que é que você precisa dizer sobre a Fortaleza, Zedd?

A língua de Zedd molhou o céu da boca. – Água.

Kahlan colocou uma das mãos no ombro de Richard, quase como se desejasse evitar que ele desse um pulo e batesse a cabeça no teto.

– Eu vou buscar.

Nissel encontrou com ela no portal mas ao invés da água que Kahlan pediu, entregou a ela um copo quente.

– Dê isso para ele. Acabei de fazer. Isso é melhor do que água. Vai dar força para ele.

– Obrigada, Nissel.

Kahlan levou o copo rapidamente até os lábios de Zedd. Ele bebeu alguns goles. Kahlan ofereceu o copo para Ann, e ela bebeu o resto. Nissel inclinou sobre o ombro de Kahlan para entregar a ela um pedaço de Pão de Tava coberto com alguma coisa que parecia mel e tinha um cheiro fraco; de hortelã, como se estivesse com alguma substância curativa. Nissel sussurrou para Kahlan dar um pouco para eles comerem.

– Aqui, Zedd, – Kahlan falou. – coma um pedaço de Tava com mel.

Levantando a mão, Zedd afastou a comida oferecida da boca.

– Talvez mais tarde.

Kahlan e Richard olharam um para o outro com o canto dos olhos. Quase nunca ouviram falar de Zedd recusando comida. Cara deve ter acreditado que isso não era sério por causa da calma de Nissel. Enquanto a velha curandeira parecia não mostrar preocupação com a condição dos dois no chão, a preocupação de Richard e Kahlan estava aumentando a cada momento.

– Zedd, – Richard falou, agora que seu avô tinha bebido. – e quanto a Fortaleza?

Zedd abriu os olhos. Kahlan pensou que eles estavam um pouco mais brilhantes, a cor de avelã mais límpida, menos nublada. Ele agarrou lentamente o braço de Richard.

– Acho que o chá está ajudando. Mais.

Kahlan virou para a mulher idosa.

– Ele diz que o chá está ajudando. Gostaria de tomar mais.

Jogando a cabeça para trás, Nissel fez uma careta. – Claro que ajuda. Porque ele acha que eu fiz? – Ela balançou a cabeça com aquela tolice e foi para a sala externa buscar mais chá. Kahlan tinha certeza de que não era sua imaginação que Zedd parecesse um pouquinho mais alerta.

– Escute atentamente, meu rapaz. – Ele levantou um dedo para dar ênfase.

– Na Fortaleza, há um feitiço de grande poder. Uma espécie de antídoto engarrafado contra a corrupção que se espalha através do mundo dos vivos.

– E você precisa dele? – Richard imaginou.

Ann também parecia ter sido ajudada pelo chá.

– Tentamos lançar os contrafeitiços, mas nosso poder já deteriorou demais. Não descobrimos o que estava acontecendo cedo o bastante.

– Mas o feitiço vaporoso naquela garrafa fará com a corrupção aquilo que a corrupção faz conosco. – Zedd falou lentamente.

– E assim equalizará o poder para que vocês possam lançar o contra feitiço e eliminá-lo. – Richard completou rapidamente com impaciência.

– Sim. – Zedd e Ann disseram juntos.

Kahlan sorriu com entusiasmo.

– Então isso não é problema. Podemos pegar a garrafa para vocês.

Richard sorriu. – Podemos chegar até a Fortaleza através da *Sliph*.

Podemos pegar o feitiço engarrafado e voltar rapidinho.

Ann cobriu os olhos com uma das mãos enquanto murmurava uma praga.

– Zedd, você nunca ensinou nada para esse rapaz?

O sorriso de Richard desapareceu.

– Porque? O que tem de errado nisso?

Nissel entrou carregando dois copos com chá. Entregou um para Kahlan e um para Richard.

– Façam eles beberem tudo.

– Nissel diz que vocês devem beber isso. – Kahlan falou para eles.

Ann bebericou quando Kahlan segurou o copo nos lábios dela. Zedd enrugou o nariz, mas então teve que começar a engolir enquanto Richard derramava o chá na garganta dele. Sem vontade e tossindo, ele foi forçado a beber tudo ou afogar.

– Agora, qual é o problema de nós pegarmos esse feitiço da Fortaleza? – Richard perguntou quando seu avô recuperou o fôlego.

– Primeira coisa, – Zedd conseguiu dizer enquanto tossia. – você não precisa trazer ele até aqui. Só deve quebrar a garrafa. O feitiço será liberado. Ele não precisa ser direcionado, ela já foi criado.

Richard estava assentindo.

– Consigo quebrar uma garrafa. Eu a quebrarei.

– Escute. Ele está em uma garrafa projetada para proteger a magia. Ele será liberado apenas se ela for quebrada de forma adequada, com um objeto que possua a magia certa. Caso contrário, ele simplesmente vai evaporar sem ajudar.

– Que objeto? Como eu quebro a garrafa corretamente?

– A Espada da Verdade. – Zedd disse. – Ela possui a magia adequada para liberar o feitiço intacto quando ela romper o recipiente.

– Isso não é problema. Eu deixei a espada no enclave particular na Fortaleza. Mas a magia da espada não vai falhar também?

– Não. A Espada da Verdade foi criada por magos com o conhecimento para proteger seu poder de ataques contra sua magia.

– Então você acha que a Espada da Verdade deterá um *Lurk*?

Zedd assentiu.

– Muito desse assunto é desconhecido para mim, mas acredito fortemente nisso: A Espada da Verdade pode ser a única coisa com o poder para protegê-lo. – Os dedos de Zedd agarraram a camisa de Richard, puxando-o para perto. – Você deve pegar a espada.

Os olhos dele brilharam quando Richard assentiu com seriedade. Zedd tentou levantar-se sobre um cotovelo, mas Richard pressionou a mão no peito dele, forçando-o a deitar.

– Descanse. Pode levantar depois que descansar. Agora, onde está essa garrafa com o feitiço.

Zedd fez uma careta para alguma coisa e apontou atrás de Richard e Kahlan. Os dois viraram para olhar. Quando não viram nada além de Cara observando do portal, viraram de volta para verem Zedd com o corpo levantado sobre o cotovelo. Ele sorriu com seu pequeno triunfo. Richard olhou zangado.

– Agora, escute cuidadosamente, meu rapaz. Você disse que entrou no enclave particular do Primeiro Mago? – a cabeça de Richard balançou enquanto Zedd falava. – E você lembra do lugar? – Richard ainda estava confirmando com a cabeça.

– Bom. Tem uma entrada. Uma longa passagem entre coisas.

– Sim, eu lembro. A longa entrada tem um tapete vermelho no meio. De cada um dos lados estão colunas de mármore mais ou menos da minha altura. Tem coisas diferentes sobre elas. No final...

– Sim. – Zedd levantou uma das mãos, como se quisesse fazer ele parar.

– As colunas brancas de mármore. Você lembra delas? As coisas sobre elas?

– Algumas. Não todas. Havia gemas em broches, correntes de ouro, um cálice de prata, facas muito bem forjadas, tigelas, caixas. – Richard fez uma pausa franzindo a testa ao se concentrar forçando a memória. Ele estalou os dedos. – Quinta coluna à esquerda, tem uma garrafa sobre ela. Lembro porque pensei que ela era bonita. Uma garrafa negra com uma tampa com filigrana em ouro.

Um leve sorriso surgiu no rosto de Zedd.

– Isso mesmo, meu rapaz. Essa é a garrafa.

– O que eu faço? Apenas quebro ela com a Espada da Verdade?

– Apenas quebre.

– Sem nada de especial? Nenhum encantamento? Sem colocar em algum lugar de uma certa maneira? Sem esperar pela lua certa? Sem hora especial do dia ou da noite? Sem girar ela primeiro? Nada de especial?

– Nada de especial. Apenas quebre-a com a espada. Se fosse eu, a colocaria no chão cuidadosamente, só para garantir caso minha mira fosse ruim e ela saltasse sem quebrar o vidro e caísse para quebrar no mármore. Mas se fosse eu.

– No chão, então. Colocarei no chão e esmagarei com a espada. – Richard começou a levantar. – Será feito antes do amanhecer de amanhã.

Zedd segurou a mão de Richard e fez ele descer novamente.

– Não, Richard, você não pode. – Ele caiu para trás, suspirando, infeliz.

– Não posso o quê? – Richard perguntou enquanto chegava mais perto outra vez.

Zedd deu alguns suspiros.

– Não pode entrar naquela sua coisa chamada *Sliph*.

– Mas nós precisamos, – Richard insistiu. – Ela nos levará até lá em menos de um dia. Por terra nos levaríamos... não sei. Semanas.

O velho mago levantou um dedo na direção do rosto de Richard.

– A *Sliph* usa magia. Se você entrar na *Sliph*, morrerá antes de chegar em Aydindril. Estará nos recessos sombrios daquela criatura de mercúrio, respirando a magia dela, quando aquela magia falhar. Você se afogará. Ninguém encontrará o seu corpo.

Richard lambeu os lábios. Passou os dedos pelo cabelo.

– Tem certeza? Não consigo atravessar antes que a magia falhe? Zedd, isso é importante. Se houver algum risco, então terei que enfrentá-lo. Irei sozinho. Deixarei Kahlan e Cara.

O terror espalhou-se no peito de Kahlan com a ideia de Richard estar na *Sliph*, e a magia dela falhar. Dele afogando-se na escuridão eterna da *Sliph*. Agarrou o braço dele para protestar, mas Zedd falou primeiro.

– Richard, me escute. Eu sou o Primeiro Mago. Estou dizendo: a magia está falhando. Se entrar na *Sliph*, você morrerá. Não talvez. Você morrerá. Toda magia está falhando. Deve ir sem magia.

Richard pressionou os lábios com força e assentiu.

– Então está certo. Se devemos fazer assim, então devemos. Porém, vai levar mais tempo. Quanto tempo você e Ann...?

Zedd sorriu.

– Richard, estamos fracos demais para viajar ou iríamos com vocês agora, mas ficaremos bem. Só atrasaríamos vocês sem necessidade. Você pode fazer o que deve ser feito. Tão logo você quebre a garrafa e libere o feitiço, então essas coisas aqui... – ele fez um sinal indicando os feitiços desenhados por todo o chão. – permitirão que fiquemos sabendo. Assim que isso acontecer, eu posso lançar os contra feitiços.

– Até lá, a Fortaleza do Mago estará vulnerável. Coisas extraordinariamente poderosas e perigosas poderiam ser roubadas quando os escudos de magia da Fortaleza falharem. Então, depois que eu restaurar o poder da magia, qualquer coisa roubada poderá ser usada contra nós.

– Você sabe o quanto da magia da Fortaleza falhará?

Zedd balançou a cabeça com frustração.

– Isso não tem precedente. Não posso prever as ocorrências exatas, mas tenho certeza que tudo falhará. Precisamos que você fique na Fortaleza e a proteja como você planejou. E eu seguirei atrás depois que esse assunto estiver terminado. Estamos contando com você. Pode fazer isso por mim, meu rapaz?

Richard, com os olhos cintilando, assentiu. Segurou a mão de seu avô. – Claro. Você pode contar comigo.

– Prometa, Richard. Prometa que vai para a Fortaleza.

– Eu prometo.

– Se você não for, – Ann avisou com uma voz baixa. – o otimismo de Zedd sobre ele estar bem pode acabar provando estar... incorreto.

A testa de Zedd franziu. – Ann, você está fazendo parecer...

– Se eu não estou falando a verdade, então me chame de mentirosa.

Zedd descansou o pulso sobre os olhos e ficou em silêncio. Ann inclinou a cabeça o suficiente para encarar o olhar de Richard.

– Estou sendo clara?

Ele engoliu em seco.

– Sim, senhora.

Zedd esticou o braço procurando o conforto da mão de Richard.

– Isso é importante, Richard, mas não quebre o seu pescoço para chegar até lá!

Richard sorriu. – Entendo. Uma jornada ligeira, não sair correndo de forma impetuosa, tem mais chance de lavá-lo até seu destino.

Zedd riu baixinho.

– Então você escutou quando era mais jovem.

– Sempre.

– Então escute agora. – o dedo magro levantou em seu punho mole mais uma vez. – Não deve usar fogo, se puder evitar. O *Lurk*

poderia encontrá-lo através do fogo.

– Como?

– Acreditamos que o feitiço pode procurar pela luz do fogo. Ele foi enviado para você, então ele pode procurá-lo através do fogo. Fique longe de fogo.

– De água, também. Se precisarem cruzar um rio, usem uma ponte se for possível, mesmo que tenham de sair dias fora do seu caminho.

Cruzem correntes sobre uma tora, ou balancem por cima em uma corda, ou pulem, se puderem.

– Está querendo dizer que podemos arriscar acabar como Juni, se chegarmos perto da água?

Zedd assentiu.

– Sinto muito tornar isso mais difícil para você, mas esse é um assunto perigoso. O *Lurk* está tentando pegar você. Você só estará seguro, todos nós só estaremos seguros, se você conseguir chegar até a Fortaleza e quebrar aquela garrafa antes que o *Lurk* o encontre.

Decidido, Richard sorriu.

– Economizaremos tempo, sem termos que juntar lenha para fazermos fogo ou tomarmos banho.

Zedd soltou a fraca risada outra vez.

– Faça uma jornada segura, Richard. E você também, Cara. Tome conta de Richard. – Seus dedos finos agarraram a mão de Kahlan. – E você também, minha nova neta. Eu te amo muito. Mantenham uns aos outros seguros e bem. Eu os verei quando chegarmos até Aydindril, e teremos a alegria da companhia uns dos outros novamente. Esperem por nós na Fortaleza.

Kahlan pegou a mão dele com as duas mãos dela enquanto continha as lágrimas.

– Vamos esperar. Estaremos lá esperando por você. Seremos uma família juntos, outra vez, quando você chegar lá.

– Façam uma jornada segura, todos vocês. – Ann disse. – Que os bons espíritos estejam sempre com vocês. Nossa fé e orações estarão com vocês também.

Richard agradeceu e começou a levantar, mas então parou. Ele pareceu avaliar alguma coisa durante um momento. Finalmente ele falou com uma voz suave.

– Zedd, o tempo todo em quando eu estava crescendo, nunca soube que você era meu avô. Sei que fez isso para me proteger, mas... eu nunca soube. – Ele mexeu em um pedaço de grama que projetava-se do colchão de palha. – Nunca tive chance de ouvir sobre a mãe de minha mãe. Ela quase nunca falava da mãe dela, só uma palavra aqui e ali. Nunca aprendi nada sobre minha avó. A sua esposa.

Zedd virou o rosto para outro lado quando uma lágrima desceu por sua bochecha. Ele limpou a garganta e disse.

– Erilyn foi... uma mulher maravilhosa. Como agora você tem uma esposa maravilhosa, uma vez eu também tive.

– Erilyn foi capturada pelo inimigo, por um Quad enviado pelo seu outro avô, Panis Rahl, quando sua mãe era muito jovem. Sua mãe viu tudo, o que fizeram com a mãe dela... Erilyn só viveu tempo bastante para que eu a encontrasse. Ela já estava à beira da morte, mas eu tentei curá-la. Minha magia ativou um feitiço sinistro que o inimigo havia escondido dentro dela. O meu toque curativo foi o que a matou. Por causa daquilo que ela viu, sua mãe considerava doloroso falar sobre Erilyn.

Após um desconfortável momento, Zedd virou novamente para eles e sorriu com uma lembrança de genuína alegria.

– Ela era linda, com olhos cinzentos, como sua mãe. Como você. Era tão esperta quanto você, e gostava de rir. Você deveria saber disso. Ela gostava de rir.

Richard sorriu. Limpou a garganta para recuperar a voz.

– Então ela certamente casou com a pessoa certa.

Zedd assentiu. – Ela casou. Agora, junte suas coisas e siga seu caminho até Aydindril para que possamos fazer nossa magia voltar ao normal.

– Quando finalmente nos juntarmos a você em Aydindril, contarei todas as coisas sobre Erilyn, sua avó, que jamais pude contar. – Ele mostrou um sorriso de avô. – Conversaremos sobre a família.

CAPÍTULO 12



– Fetch! Aqui, garoto! Fetch!

Os homens riram. As mulheres riram. Fitch queria que seu rosto não ficasse sempre tão vermelho quanto seu cabelo quando o Mestre Drummond zombava dele com aquele apelido. Deixou a escova no caldeirão encrostado e foi depressa ver o que o mestre da cozinha queria.

Desviando de uma das longas mesas, seu cotovelo esbarrou em uma jarra que alguém tinha deixado perto da borda. Ele agarrou o pesado vasilhame de vidro azul cobalto pouco antes que ele batesse no chão. Suspirando de alívio, empurrou-o para perto da pilha de pão. Ouviu gritarem seu nome outra vez.

Fitch parou repentinamente diante do Mestre Drummond, mantendo os olhos em direção ao chão, ele não queria um galo em sua cabeça por parecer reclamar de ser o centro de piadas.

– Sim, Mestre Drummond?

O corpulento mestre de cozinha esfregou as mãos em uma toalha branca que sempre mantinha enfiada atrás do cinto.

– Fitch, você deve ser o ajudante de cozinha mais desajeitado que eu já vi.

– Sim, Senhor.

Mestre Drummond esticou-se na ponta dos pés, espiando lá fora pela janela dos fundos. Alguém longe, atrás de Fitch, soltou uma praga quando queimou-se em uma panela quente e ao afastar a mão derrubou objetos metálicos nos tijolos do piso perto de um forno.

Não houve nenhuma gritaria furiosa, então Fitch soube que não era um dos outros ajudantes de cozinha Haken.

O Mestre Drummond fez um sinal na direção da porta de serviço da cozinha.

– Traga um pouco de madeira. Precisamos do carvalho, e também um pouco de macieira para dar um pouco de sabor às costelas.

– Carvalho e macieira. Sim, Senhor.

– E primeiro vá buscar um caldeirão de quatro alças e pendure ele. Ande depressa com o carvalho.

Fitch, abatido, respondeu “Sim, Senhor”. Os grandes pedaços de carvalho que alimentavam o fogo para cozinhar eram pesados e sempre deixavam ele com farpas. Farpas de carvalho eram o pior tipo de farpas, e atormentariam ele durante dias. Pelo menos, a macieira não era tão ruim. Seria uma grande celebração; sabia que teria de carregar uma boa quantidade.

– E fique de olhos bem abertos na carroça do açougueiro. Ela deve estar aqui a qualquer minuto. Vou torcer o pescoço de Inger se ele mandar a carroça tarde.

Fitch levantou os olhos. – Carroça do açougueiro? – Não ousou perguntar o que queria perguntar.

– Então gostaria que eu a descarregasse, Senhor?

O Mestre Drummond plantou os punhos nos largos quadris.

– Não me diga, Fitch, que você está começando a pensar adiante? – Ali perto, várias mulheres trabalhando em temperos soltaram uma risada. – É claro que eu quero que você a descarregue! E se derrubar algum pedaço, como da última vez, vou torrar o seu traseiro magro ao invés da carne.

Fitch fez duas reverências. – Sim, Mestre Drummond.

Quando se retirou, afastou-se para o lado abrindo caminho para uma leiteira que trazia uma amostra de queijo para aprovação do

Mestre Drummond. Uma das mulheres dos temperos segurou a manga de Fitch antes que ele pudesse ir embora.

– Onde estão aquelas espumadeiras que eu pedi?

– Estão vindo, Gillie, logo que eu cuide...

Ela o agarrou por uma orelha.

– Não seja arrogante comigo. – Gillie rosnou. Ela torceu a orelha. – O seu tipo sempre acaba assim, no final, não é mesmo?

– Não, Gillie, eu não estava, eu juro. Não tenho nada além de respeito com o povo Ander. Eu educo a minha natureza vil diariamente para que não possa haver mais espaço em meu coração ou mente para ódio ou indignação, e eu rezo ao Criador para que ele me dê forças para transformar minha alma imperfeita, e que ele me queime pela eternidade caso eu falhe. – ele falou depressa. – Vou buscar as espumadeiras para você, Gillie. Por favor, permita que eu vá buscar!

Ela empurrou a cabeça dele. – Então vá em frente, e seja rápido.

Esfregando sua orelha latejante, Fitch correu até a prateleira onde deixou as espumadeiras para secarem. Pegou um punhado delas e ofereceu-as para Gillie de forma tão respeitosa quanto conseguia mostrar, considerando que o Mestre Drummond estava observando com o canto do olho, sem dúvida pensando em bater nele por não levar as espumadeiras para Gillie mais cedo para que assim pudesse estar fazendo o que foi ordenado e pendurasse o caldeirão, e trouxesse a lenha para dentro.

Ele fez uma reverência enquanto oferecia as espumadeiras.

– Espero que você considere adequado ir para uma Reunião de Penitência extra esta semana. – Gillie arrancou as espumadeiras da mão dele. – As humilhações de gente do seu tipo que nós, Anders, precisamos suportar. – ela murmurou lamentando com um balanço da cabeça.

– Sim, Gillie, eu preciso de uma Penitência extra. Obrigado por me lembrar disso.

Quando ela bufou mostrando desprezo e virou para seu trabalho, Fitch, sentindo a vergonha de ter permitido de maneira impensada que sua natureza vil desagradasse um Ander, afastou-se rapidamente para buscar um dos outros ajudantes de cozinha para ajudá-lo a carregar o pesado caldeirão e pendurá-lo. Ele descobriu que Morley, sobre os cotovelos esaldando água, ficou bastante feliz em ter uma desculpa para deixá-los livres, mesmo que fosse para carregar peso.

Morley deu uma verificada por cima do ombro, enquanto ajudava a levantar o caldeirão de ferro. Não era tão difícil para ele quanto era para Fitch. Fitch era magrelo; Morley tinha uma constituição forte.

Morley sorriu de modo conspirador. – Grande negócio esta noite. Você sabe o que isso significa.

Fitch sorriu mostrando que sabia. Com todos os convidados, haveria todo aquele barulho e risadas, gritos, cantoria, comilança, e bebedeira. Com tudo aquilo, e pessoas correndo de um lado para outro, haveria vinho e cerveja em um suprimento infinito, e se fosse em taças parcialmente cheias ou garrafas parcialmente cheias, isso mal seria notado.

– Isso significa uma das únicas vantagens de trabalhar para o Ministro da Cultura. – Fitch falou.

Morley, com seu pescoço musculoso tufando por causa do peso, inclinou sobre o caldeirão aproximando-se enquanto eles o arrastavam pelo chão.

– Então é melhor você ter mais respeito com os Anders ou não terá essa vantagem. Nem a de um telhado sobre a sua cabeça e refeições para encher sua barriga.

Fitch assentiu. Não pretendia ser desrespeitoso, isso era a última coisa que iria querer fazer; devia tudo aos Anders. Mas de vez em quando, sentia que os Anders se ofendiam com facilidade demais, embora ele soubesse que eram sua falta de sensibilidade e ignorância

que levavam a esses mal entendidos, então ele achava que não tinha mais ninguém para culpar a não ser a si mesmo.

Logo que o caldeirão estava pendurado, Fitch girou os olhos e colocou a língua para fora pelo lado da boca, dando uma dica para Morley de que eles beberiam até ficarem doentes naquela noite. Morley afastou seu cabelo vermelho de Haken do rosto e simulou um bêbado, mesmo que silencioso, soluçou antes de enfiar os braços de volta dentro da água ensaboada.

Sorrindo, Fitch trotou saindo pela porta dos fundos para buscar a lenha. As chuvas recentes tinham se movido para Oeste, deixando para trás o doce aroma de fresca terra úmida. O novo dia de primavera prometia ser quente. Ao longe, os campos exuberantes de verdejante trigo novo cintilavam ao sol. Em alguns dias, quando o vento vinha do Sul, o cheiro do mar espalhava-se sobre os campos, mas não hoje, ainda que algumas gaivotas rodopiassem no céu.

Fitch checava a alameda cada vez que trotava saindo novamente para buscar outro punhado de lenha, mas não viu a carroça do açougueiro. Seu manto estava úmido de suor na hora em que terminou de carregar o carvalho. Ele conseguiu colocar tudo para dentro com apenas uma farpa, uma comprida, em seu dedão.

Enquanto retirava lenha da pilha de macieira, escutou o rangido rítmico de uma carroça que se aproximava. Chupando o local onde estava a dolorosa farpa de carvalho, tentando agarrar a ponta da farpa enterrada com os dentes sem obter sucesso, deu uma olhada para as sombras dos grandes carvalhos demarcando a longa alameda de entrada na propriedade e viu o andar pesado de Brownie, o cavalo de carga do açougueiro. Seja lá quem estivesse trazendo a carga, estava do outro lado da carroça. Por causa disso, e da distância, ele não conseguia dizer quem era.

Ao lado da carroça do açougueiro, um grupo de outras pessoas também estavam chegando até a grande propriedade; todos desde estudiosos visitando a Biblioteca Anderith, a servos trazendo

mensagens e relatórios, até trabalhadores trazendo carroças com entregas. Também havia um bom número de pessoas bem vestidas aparecendo com algum outro objetivo.

Quando Fitch veio trabalhar na cozinha pela primeira vez, tinha considerado ela, e toda a propriedade, um lugar enorme e confuso. Ficou intimidado por todos e por tudo, sabendo que esse seria o seu novo lar e que precisava aprender para se adequar ao trabalho se queria ter uma cama para dormir e comida.

Sua mãe tinha falado para ele trabalhar duro e com sorte ele teria sempre os dois. Ela o avisou para respeitar os superiores, fazer o que mandassem, e mesmo se achasse que as regras eram cruéis, seguir as mesmas. Ela falou que se as ordens fossem onerosas, ainda assim deveria cumpri-las sem comentar, e especialmente sem reclamar.

Fitch não teve um pai, pelo menos um que ele conhecesse, embora algumas vezes tivessem aparecido homens que ele achava que poderiam casar com sua mãe. Ela possuía um quarto fornecido pelo patrão dela, um mercador chamado Ibson. Ficava na cidade, ao lado da casa do Sr. Ibson, em um prédio que abrigava outros de seus trabalhadores. A mãe dele trabalhava na cozinha, preparando refeições. Ela conseguia cozinhar tudo.

Porém, ela sempre enfrentou muitas dificuldades para alimentar Fitch, e não era capaz de cuidar dele a maior parte do tempo. Quando ele não estava na Reunião de Penitência, ela geralmente o levava para trabalhar junto com ela, onde poderia ficar de olho nele. Lá, ele girava espetos, carregava isso e aquilo, lavava pequenos itens, varria o pátio, e geralmente tinha que limpar os estábulos onde algumas das carroças com cavalos do Sr. Ibson ficavam guardadas.

Sua mãe foi boa com ele, pelo menos, sempre que o encontrava. Ele sabia que ela se preocupava com ele e com o que aconteceria com ele. Não como alguns dos homens que ela encontrava ocasionalmente. Eles enxergavam Fitch como menos do que um

aborrecimento. Alguns, para ficarem sozinhos com a mãe dele, abriam a porta do quarto de sua mãe e o colocavam para passar a noite do lado de fora.

A mãe de Fitch cerrava os punhos com força, mas era tímida demais para impedir que os homens o colocassem para fora.

Quando os homens o colocavam para fora, ele teria que dormir na soleira da porta para a rua, debaixo de uma escada, ou na casa de um vizinho, se ele o deixasse entrar. Às vezes, se estivesse chovendo, os criados que cuidavam dos cavalos na casa do Sr. Ibson ao lado o deixavam dormir nos estábulos. Ele gostava de ficar com os cavalos, mas não gostava de ter que suportar as moscas. Mas suportar as moscas era melhor do que ser pego sozinho durante a noite pelos rapazes Ander.

Cedo, no dia seguinte, sua mãe sairia para trabalhar, geralmente com seu amigo que também trabalhava cuidando da casa, e Fitch voltaria para dentro. Quando ela voltava para casa nos dias depois que ele tinha sido colocado para passar a noite do lado de fora, geralmente ela levava para ele alguma gostosura que roubava da cozinha onde trabalhava.

Sua mãe queria que ele aprendesse uma profissão, mas ela não conhecia ninguém que o levasse como ajudante, muito menos como um aprendiz, então, cerca de quatro anos antes, quando ele estava com idade suficiente para ganhar suas próprias refeições, o Sr. Ibson ajudou-a a colocá-lo para trabalhar na cozinha da propriedade do Ministro da Cultura, não muito longe da capital da cidade de Fairfield.

Quando ele chegou, um dos empregados do Ministro havia colocado Fitch para sentar junto com algumas outras pessoas e explicou as regras da casa, onde ele dormiria com os outros assistentes de cozinha, e quais seriam suas obrigações. O empregado explicou com tom grave a importância do local onde eles trabalhavam; da propriedade, do Ministro da Cultura que

direcionava os assuntos de seu alto cargo, tratando de quase todos os aspectos da vida em Anderith. A propriedade também era seu lar. O cargo de Ministro da Cultura ficava em segundo lugar somente em comparação com o do próprio Soberano.

Fitch havia pensado simplesmente que seria enviado até a cozinha de algum comerciante para trabalhar; não tinha ideia de que sua mãe tinha conseguido colocá-lo em uma casa de alguém tão importante. Ele ficou imensamente orgulhoso. Mais tarde, descobriu que o trabalho era duro, como qualquer outro trabalho, em qualquer outro lugar. Não havia nada glamoroso nisso. Mas assim mesmo, estava orgulhoso de que ele, um Haken, trabalhasse na Propriedade do Ministro.

A não ser por aquilo que Fitch foi ensinado, sobre o Ministro criar leis e coisas assim para garantir que a cultura Anderith continuasse exemplar e os direitos de todos fossem protegidos, Fitch realmente não entendia o que o Ministro da Cultura fazia que exigia tantas pessoas indo e vindo o tempo todo. Ele nem ao menos entendia porque precisava haver novas leis o tempo todo. Afinal de contas, o certo era o certo, e o errado era o errado. Uma vez ele perguntou para um Ander, e recebeu a informação de que novas coisas erradas estavam sendo continuamente descobertos, e precisavam ser tratadas. Fitch também não entendeu aquilo, mas não declarou isso. Apenas fazer a primeira pergunta tinha gerado uma expressão irritada no rosto do Ander.

Incapaz de remover a farpa do carvalho, ele curvou-se para pegar uma vareta de macieira enquanto mantinha um olho na alameda e na carroça do açougueiro. Um dos estranhos que se aproximava, um homem forte com uma roupa militar estranha, usava uma capa esquisita que quase parecia como se fosse coberta com tufo de cabelo.

Cada um dos dedos do homem tinha um anel, com uma tira de couro de cada um daqueles anéis passando sobre uma articulação

seguindo até uma braçadeira de couro em volta dos pulsos e antebraços dele. Anéis de metal enfeitavam suas botas também. Fitch estava surpreso em ver o cintilar de anéis de metal na orelha e no nariz do homem.

Os cintos de couro do homem exibiam armas de um tipo que Fitch nunca tinha imaginado nem mesmo em seus pesadelos. Montado em uma presilha no lado direito do seu quadril havia um machado com as grandes pontas de sua lâmina curvadas até quase se tocarem. Um cabo de madeira, escurecido pelo tempo e uso, tinha uma bola com espinhos presa ao topo dele através de uma corrente. Um longo espinho, parecido com uma garra, cobria a parte inferior do cabo.

O espesso cabelo escuro do homem fazia ele parecer como se fosse possivelmente um Ander, mas as sobrancelhas grossas diziam que não. O cabelo escuro descia em volta de seu pescoço grosso que deveria ser quase da largura da cintura de Fitch. Mesmo a uma certa distância, a visão do homem fez o estômago de Fitch ficar inquieto.

Quando o estranho ultrapassou a lenta carroça do açougueiro, o homem lançou um olhar demorado para a pessoa do outro lado de Brownie. Finalmente ele seguiu em frente, desviando sua atenção novamente para as janelas da propriedade, vasculhando-as também, com intenção obscura.

CAPÍTULO 13



Sabendo muito bem que não deveria ficar parado e esperar que a carroça completasse o resto do caminho subindo a alameda até a viela para o pátio da cozinha, Fitch juntou rapidamente uma braçada de lenha de macieira e levou para dentro. Em sua pressa para voltar ao lado de fora, atirou tudo dentro da caixa sem pensar, mas com todas aquelas pessoas falando e gritando, os sons de várias comidas fervendo em panelas, o estalar de fogueiras, o raspar de colheres em tigelas, o barulho de pilões, o esfregar de escovas, e o ruído em geral de todos que trabalhavam, ninguém ouviu a madeira dele bater descuidadamente.

Uma parte saltou para fora, e ele pretendia deixar assim, mas quando avistou o Mestre Drummond não muito longe, caiu de joelhos e rapidamente empilhou a lenha na caixa.

Quando voltou para fora apressado, seu coração estava batendo forte, sua respiração ficou presa quando viu quem trouxe a carroça do açougueiro. Era ela.

Fitch apertou as mãos enquanto a observava conduzir Brownie fazendo a curva. Pressionar as mãos deslocou a farpa dentro de sua carne, fazendo ele mostrar uma careta. Soltou uma praga baixinho, então fechou a boca bem apertado, esperando que ela não tivesse escutado. Ele trotou até a carroça, balançando a mão latejante para aliviar a dor.

– Bom dia, Beata.

Ela deu apenas uma olhada.

– Fitch.

Ele procurou algo para dizer, mas não conseguia pensar em nada significativo. Ficou mudo enquanto ela estalava a língua, incentivando Brownie a recuar lentamente. Uma das mãos segurava a corrente no arreio enquanto a outra acariciava o peito do cavalo, guiando, acalmando, enquanto ele trotava para trás. O que Fitch não daria para ter aquela mão tocando ele de uma maneira tão gentil.

O cabelo vermelho curto dela, tão macio, tão lustroso, tão encantador pelo modo como tornava-se estreito gradualmente formando uma ponta e acariciava sua nuca, ondulava na brisa morna da primavera.

Fitch esperou ao lado da carroça, temendo dizer algo estúpido e fazer Beata pensar que ele era um tolo. Ainda que ele pensasse nela com frequência, imaginava que pensamentos sobre ele provavelmente jamais passavam pela mente dela. Isso era uma coisa, mas que ela pensasse que era um tolo seria insuportável. Queria saber alguma notícia interessante, ou algo para fazer com que ela tivesse pensamentos agradáveis a respeito dele.

Inexpressiva, Beata fez um sinal enquanto caminhava de volta até a carroça no local onde ele estava.

– Qual é o problema com a sua mão?

A forma dela, tão perto, o paralisou. O vestido azul escuro subia do topo da longa saia, abraçando as costelas dela, inchando sobre os seios de uma maneira que fazia ele lutar para recuperar o fôlego. Botões de madeira gastos marchavam subindo pela frente. Um alfinete com uma simples cabeça em espiral mantinha o colarinho fechado em sua garganta.

Era um vestido velho; afinal de contas, ela era uma Haken, como ele, e não merecia algo melhor. Bordas do tecido azul estavam desfiadas aqui e ali, e ele desbotava um pouco nos ombros, mas de algum modo Beata fazia ele parecer majestoso.

Com um suspiro impaciente, ela agarrou a mão dele para olhar por si mesma.

– Não é nada... é uma farpa. – ele gaguejou.

Virou a mão dele, colocando-a de palma para cima sobre a outra mão dela enquanto beliscava a pele, levantando-a, para verificar a profundidade da farpa. Ele estava deslumbrado pelo inesperado toque caloroso da mão dela segurando a dele. Ficou assustado que as mãos dele, por terem ficado mergulhadas na água quente ensaboada lavando panelas e caldeirões, estavam mais limpas do que as dela. Teve medo que ela pensasse que ele não trabalhava.

– Eu estava lavando panelas. – ele explicou. – Então eu tive que levar o carvalho para dentro. Montes de carvalho pesado. É por isso que eu estou suando.

Sem dizer uma palavra, Beata tirou o alfinete do seu vestido. O colarinho abriu algumas polegadas, revelando a concavidade na base do seu pescoço. Ele ficou com o queixo mole ao ver tanto, tanto que ela geralmente mantinha escondido. Não era digno da ajuda dela, muito menos de olhar para a carne em sua garganta que ela pretendia manter escondida. Fez um esforço para olhar para outro lado.

Fitch gritou quando sentiu o alfinete penetrar. Franzindo a testa em concentração, ela murmurou um pedido de desculpas distraidamente enquanto caçava a farpa. Tentando não contorcer o rosto de dor, ao invés disso ele curvou os dedos dos pés contra o chão enquanto esperava.

Sentiu um forte puxão doloroso. Ela inspecionou a comprida farpa de carvalho parecida com uma agulha que removeu, e então jogou-a fora. Fechou o colarinho e prendeu-o mais uma vez com o alfinete.

– Pronto. – ela falou, virando para a carroça.

– Obrigado, Beata. – ela assentiu. – Isso foi muito gentil. – ele seguiu os passos dela. – Hum, eu devo ajudá-la a levar a carga para

dentro.

Ele arrastou um grande pedaço de carne até a ponta da carroça e enfiou-se embaixo para erguê-la sobre o ombro. O peso quase dobrou seus joelhos. Quando conseguiu virar, viu que Beata já estava subindo o caminho com uma rede cheia de galinhas em uma das mãos, e um pedaço de costela de carneiro equilibrado no outro ombro, então ela não viu seu poderoso esforço.

Lá dentro, Judith, a chefe dos serviçais, disse para ele fazer uma lista de tudo que o açougueiro tinha enviado. Ele fez uma reverência e prometeu que faria, mas por dentro, estava tenso.

Quando eles voltaram para a carroça, Beata relacionava a carga para ele, batendo com uma das mãos em cada item enquanto falava seu nome em voz alta. Sabia que ele não conseguia ler e precisava guardar a lista na memória. Tomou cuidado para falar cada item claramente. Havia carne de porco, carneiro, vaca, castor, e de boi, três vasilhames com tutano, oito garrafões com sangue fresco, meio barril com tripas de porco para recheio, duas dúzias de gansos, uma cesta de pombos, e três redes com galinhas, contando com aquela que ela já tinha levado para dentro.

– Eu sei que coloquei... – Beata afastou uma rede com galinhas, procurando alguma coisa. – Aqui está. – ela disse. – Por um momento tive medo que não tivesse eles. – arrancou eles do meio das coisas. – E um saco de pardais. O Ministro da Cultura sempre quer pardais em seus banquetes.

Fitch podia sentir o calor do seu rosto ficando vermelho. Todos sabiam que pardais, e ovos de pardais, eram consumidos para estimular o apetite sexual, ainda que ele não conseguisse imaginar porque; pois ele não parecia precisar de mais nenhum estímulo. Quando Beata olhou nos olhos dele para ver se ele tinha adicionado aquilo em sua lista mental, ele sentiu a devastadora necessidade de falar alguma coisa, qualquer coisa, para mudar de assunto.

– Beata, você acha que algum dia seremos absolvidos dos crimes de nossos ancestrais, e seremos tão puros de coração quanto os Ander?

A testa lisa dela franziu.

– Nós somos Haken. Nunca poderemos ser tão bons quanto os Ander; nossas almas estão corrompidas e incapazes de purificação; as almas deles são puras, e incapazes de corrupção. Jamais poderemos ser completamente limpos; só podemos ter esperança de controlar nossa natureza vil.

Fitch sabia a resposta tão bem quanto ela. Perguntar provavelmente fez ela pensar que ele era tremendamente ignorante. Ele nunca era muito bom em explicar seus pensamentos de uma maneira que declarasse o que realmente queria dizer.

Queria pagar a sua dívida, conquistar a absolvição, e obter um nome de “Senhor”. Não eram muitos Hakens que já ganharam esse privilégio. Nunca poderia fazer o que ele desejava até que pudesse fazer isso. Ele baixou a cabeça enquanto procurava corrigir sua pergunta.

– Mas, quer dizer... depois de todo esse tempo, nós não aprendemos os erros dos costumes de nossos ancestrais? Você não quer ter mais voz na sua própria vida?

– Eu sou Haken. Não sou digna de decidir meu próprio destino. Você deveria saber que descendo por esse caminho jaz a perversidade.

Ele tocou na carne rasgada de onde ela havia retirado a farpa.

– Mas alguns Hakens servem de maneiras que vão na direção da absolvição. Uma vez você disse que poderia juntar-se ao exército. Eu também gostaria de me juntar ao exército.

– Você é um Haken macho. Não tem permissão para tocar em armas. Também deveria saber disso Fitch.

– Eu não queria dizer... eu sei que não posso. Eu só queria dizer, eu não sei. – ele enfiou as mãos nos bolsos traseiros. – Só

queria dizer que queria poder, só isso, para que eu pudesse provar que sou bom. Ajudar aqueles que nós fizemos sofrer.

– Entendo. – ela fez um sinal para a janelas nos andares superiores. – Foi o próprio Ministro da Cultura quem aprovou a lei permitindo que mulheres Haken sirvam no exército, junto com as mulheres Ander. Aquela lei também diz que todos devem mostrar respeito a essas mulheres Haken. O Ministro é misericordioso com todas as pessoas. As mulheres Haken possuem uma grande dívida com ele.

Fitch sabia que não estava chegando onde realmente queria.

– Mas você não quer casar e...

– Ele também aprovou a lei para que mulheres Haken recebam trabalho para que possam alimentar a si mesmas sem terem que casar e serem escravas dos homens Haken, pois faz parte da natureza deles escravizarem, e se tiverem a chance através do casamento, farão isso até mesmo com as mulheres do tipo deles. O Ministro Chanboor é um herói para todas as mulheres Haken.

– Ele deveria ser um herói para homens Haken também, porque ele fornece cultura a vocês, para que possam desistir de seus costumes de guerra e entrar na comunidade de pessoas pacíficas. Posso decidir me juntar porque servir no exército é um meio através do qual mulheres Haken podem obter respeito. Essa é a lei. A lei do Ministro Chanboor.

Fitch sentiu-se como se estivesse em uma Penitência.

– Respeito você, Beata, mesmo que não esteja no exército. Sei que fará o que for bom para as pessoas se você se juntar ao exército ou não. Você é uma boa pessoa.

A paixão de Beata fraquejou. Levantou um ombro balançando um pouquinho. O tom em sua voz suavizou.

– A principal razão para que um dia eu possa me juntar ao exército, é como você diz, para ajudar pessoas e fazer o que é bom. Eu também quero fazer o bem.

Fitch a invejava. No exército ela seria capaz de ajudar comunidades encarando dificuldades em tudo desde inundações até fome. O exército ajudava pessoas necessitadas. Pessoas no exército eram respeitadas.

E agora não era como no passado, quando estar no exército podia ser perigoso. Não com a *Dominie Dirtch*. Se a *Dominie Dirtch* fosse usada, poderia derrotar qualquer oponente sem que as pessoas no exército tivessem que entrar em batalha. Felizmente, agora os Anders estavam no comando da *Dominie Dirtch*, e só usariam uma arma assim para manter a paz, nunca para causar dano intencionalmente.

A *Dominie Dirtch* era a única coisa Haken que os Anders usavam. O povo Ander jamais poderia ter concebido uma coisa dessas, não eram capazes de ao menos pensar nas coisas vis que deveriam ter sido necessárias para criar tal arma. Somente Hakens poderiam ter criado uma arma assim de malevolência tão direta.

– Ou eu poderia ter esperança de ser enviada para trabalhar aqui, como você foi. – Beata adicionou.

Fitch levantou os olhos. Ela estava olhando para as janelas no terceiro andar. Ele quase falou alguma coisa, mas ao invés disso fechou a boca. Ela continuou olhando para as janelas enquanto prosseguia.

– Uma vez ele entrou na casa de Inger, e eu o vi. Bertrand, quer dizer, o Ministro Chanboor, é muito mais atraente para olhar do que Inger, o açougueiro.

Fitch não sabia como julgar tais coisas em um homem, não da maneira que mulheres discutiam sobre homens que Fitch considerava sem atrativos. O Ministro Chanboor era alto e talvez um dia tivesse boa aparência, mas ele estava começando a mostrar traços grisalhos em seu cabelo escuro de Ander. Todas as mulheres ficavam rindo umas para as outras por causa do homem. Quando ele entrava

na sala, algumas ficavam vermelhas e precisavam abanar os rostos enquanto suspiravam. Para Fitch, ele parecia repulsivamente velho.

– Todos dizem que o Ministro é um homem muito charmoso. Você já viu ele alguma vez? Ou conversou com ele? Ouvi dizer que ele até conversa com Hakens, do mesmo modo como faz com pessoas comuns. Todos falam muito bem dele.

– Ouvi dizer que os Ander falam que um dia ele será o Soberano.

Fitch encostou o corpo contra a carroça.

– Eu o vi umas duas vezes. – Não se preocupou em dizer a ela que uma vez o Ministro Chanboor bateu nele quando derrubou uma estúpida faca com manteiga perto do pé do Ministro. Ele mereceu a pancada.

Olhou para ela. Ela ainda estava olhando para as janelas. Fitch olhou para os sulcos na terra úmida.

– Todos gostam do Ministro da Cultura e o respeitam. Eu fico alegre em poder trabalhar para um homem tão refinado, mesmo que eu não tenha valor. É uma marca de seu coração nobre dar trabalho aos Hakens para que nós não fiquemos passando fome.

De repente Beata olhou ao redor enquanto esfregava as mãos na saia. Ele se esforçou mais uma vez tentar fazer com que ela visse as suas valorosas intenções.

– Espero algum dia fazer algo bom. Contribuir com a comunidade. Ajudar as pessoas.

Beata assentiu, aprovando. Ele sentiu-se encorajado por aquela aprovação. Fitch levantou o queixo.

– Espero um dia ter minha dívida paga e conquistar meu nome de Senhor, e então viajar para Aydindril, até a Fortaleza do Mago, para pedir que os magos me nomeiem o *Seeker* da Verdade, e me presenteiem com a Espada da Verdade para que eu possa voltar e proteger o povo Ander, e fazer o bem.

Beata piscou para ele. E então ela riu.

– Você nem sabe onde fica Aydindril, ou a distância até lá. – Ela balançou a cabeça entre seus ataques de riso.

Ele sabia onde ficava Aydindril.

– Ao Norte e Leste. – ele murmurou.

– Dizem que a Espada da Verdade é uma coisa de magia. Magia é vil, suja e maligna. O que você sabe sobre magia?

– Bem... nada, eu acho...

– Você não sabe nada sobre magia. Ou espadas. Provavelmente cortaria o seu próprio pé. – Ela curvou-se até a carroça, ergueu uma cesta de pombos e outra rede de galinhas enquanto ria, e então seguiu para a cozinha.

Fitch queria morrer. Contou para ela seu sonho secreto, e ela riu. Seu queixo afundou até o peito. Ela estava certa. Ele era um Haken. Nunca poderia esperar provar seu valor.

Ele manteve os olhos abaixados e não falou mais nada enquanto descarregavam a carroça. Sentiu-se um tolo. A cada passo, ele censurava a si mesmo. Gostaria de ter guardado seus sonhos. Gostaria de poder retirar as palavras.

Antes que descarregassem o último item da carroça, Beata segurou o braço dele e limpou a garganta, como se ela pretendesse dizer algo mais. Fitch baixou os olhos novamente, resignado a escutar seja lá o que fosse sobre a sua tolice.

– Sinto muito, Fitch. Minha natureza corrupta de Haken fez com que eu escorregasse e fosse cruel. Foi errado de minha parte dizer aquelas coisas cruéis.

Ele balançou a cabeça. – Você tinha razão para rir.

– Olha, Fitch... todos nós temos sonhos impossíveis. Isso também simplesmente é parte de nossa natureza corrompida. Devemos aprender a sermos melhores do que nossos sonhos vis.

Ele afastou cabelo da testa enquanto olhava para os olhos verde acinzentados dela.

– Você também tem sonhos Beata? Sonhos de verdade? Alguma coisa que deseja?

– Você quer dizer, como o seu sonho tolo de ser o *Seeker* da Verdade? – Ele assentiu. Finalmente ela afastou o olhar dos olhos dele. – Suponho que seja justo, pois assim você poderá rir de mim também.

– Eu não riria. – ele sussurrou, mas ela estava olhando distraidamente para pequenas nuvens brancas através do claro céu azul e pareceu não ter escutado.

– Gostaria de poder aprender a ler.

Ela deu uma espiada para ver se ele começaria a rir. Ele não riu.

– Eu também tenho sonhado com isso. – Ele checou para ver se alguém estava observando. Ninguém estava por perto. Ele agachou atrás da carroça e fez marcas na terra com um dedo.

A curiosidade dela superou sua desaprovação. – Isso é escrita?

– É uma palavra. Eu aprendi. É a única que eu sei, mas é uma palavra e eu consigo ler. Ouvi um homem em um banquete dizer que ela está gravada no cabo da Espada da Verdade. – Fitch traçou uma linha debaixo da palavra na terra. – o homem cortou ela em cima da manteiga, para mostrar a uma mulher lá no banquete. É a palavra “Verdade”.

– Ele disse para ela que aquele nomeado *Seeker* costumava ser uma pessoa de grande reputação, destinado a fazer o bem, mas que agora os *Seekers* não eram mais do que, na melhor das hipóteses, criminosos comuns, e na pior, assassinos cruéis. Como nossos ancestrais.

– Como todos os Hakens. – ela corrigiu. – Como nós.

Ele não discutiu, porque sabia que ela estava certa.

– Essa é outra razão pela qual gostaria de ser um *Seeker*: Eu devolveria o bom nome ao posto de *Seeker*, do jeito que ele costumava ser, então as pessoas poderiam confiar na verdade outra vez. Gostaria de mostrar para as pessoas que um Haken poderia

servir de maneira honrada. Isso seria fazer o bem, não seria? Isso não ajudaria a compensar por nossos crimes?

Ela esfregou os antebraços rapidamente enquanto olhava ao redor, checando.

– Sonhar em ser o *Seeker* é infantil e tolo. – Sua voz baixou com respeito.

– Aprender a ler seria um crime. Seria melhor você não tentar aprender mais.

Ele suspirou. – Eu sei, mas você nunca...

– E magia é vil. Tocar em uma coisa de magia seria tão ruim quanto um crime.

Ela lançou um rápido olhar para a faixa de tijolos por cima do ombro. Com um rápido movimento, Beata apagou a palavra do piso da carroça. Ele abriu a boca para protestar, mas ela falou primeiro, interrompendo.

– É melhor terminarmos.

Com um movimento dos olhos, ela indicou as janelas superiores. Fitch olhou para cima e sentiu um terror gélido subir em sua espinha. O Ministro da Cultura em pessoa estava em uma janela observando-os.

Fitch levantou uma rede com galinhas e foi para a despensa da cozinha. Beata seguiu atrás dele com um enlaçado de gansos em uma das mãos e um saco de pardais na outra. Os dois terminaram de colocar a carga para dentro em silêncio. Fitch queria não ter falado tanto, e que ela tivesse falado mais.

Quando acabaram, ele pretendia conversar com ela lá fora perto da carroça, fingir checar se tinham descarregado tudo, mas o Mestre Drummond perguntou e Beata disse para ele que tinham levado tudo para dentro. Com um dedo rígido, ele bateu no peito de Fitch, ordenando que ele voltasse para sua esfregação. Fitch esfregou o local dolorido enquanto arrastava os pés pelo chão de madeira incompleto em seu caminho até os barris de água ensaboada. Olhou

para trás por cima do ombro para ver Beata partir, esperando que ela olhasse para trás, olhasse para ele, e assim ele pudesse dar pelo menos um sorriso de despedida.

O assistente do Ministro Chanboor, Dalton Campbell, estava na cozinha. Fitch nunca tinha encontrado com Dalton Campbell, nunca teve oportunidade, mas pensava bem sobre o homem porque ele nunca pareceu causar problema para ninguém, pelo menos, até onde Fitch tinha ouvido falar.

Novo no posto de assistente do Ministro, Dalton Campbell era um Ander de aparência suficientemente agradável, com o típico nariz reto Ander, olhos e cabelos escuros, e queixo forte. Mulheres, especialmente mulheres Haken, pareciam achar aquele tipo de coisa atraente. Dalton Campbell realmente parecia nobre em seu casaco azul escuro acolchoado sobre a jaqueta justa colorida, ambos com botões de peltre.

Uma bainha trabalhada em prata pendia em um finamente detalhado cinto de duas voltas. Couro escuro marrom avermelhado cobria o cabo da bela arma. Fitch desejava muito poder carregar uma espada tão refinada. Tinha certeza que as garotas ficavam atraídas por homens carregando espadas.

Antes que Beata tivesse chance de olhar para Fitch, ou de partir, Dalton Campbell rapidamente cruzou a distância até ela e segurou-a por um braço. O rosto dela ficou pálido. Fitch também sentiu o súbito terror agarrar suas entranhas. Sabia instintivamente que isso era potencialmente um grande problema. Temia saber a causa. Se o Ministro, quando estava olhando para baixo, viu Fitch escrevendo a palavra na terra...

Dalton Campbell sorriu, falando com suave segurança. Quando os ombros dela relaxaram lentamente, o nó no estômago de Fitch também. Fitch não conseguia ouvir a maioria das palavras, mas ouviu Dalton Campbell dizer algo sobre o Ministro Chanboor enquanto inclinava a cabeça dele na direção da escadaria do outro

lado da cozinha. Os olhos dela ficaram arregalados. Uma cor rosada floresceu nas bochechas dela. Beata ficou radiante.

Dalton Campbell, por sua vez, mostrou um sorriso convidando-a até a escadaria, levando-a pelo braço, embora ela não estivesse parecendo precisar de encorajamento, ela parecia estar quase flutuando pelo ar. Ela não olhou para trás quando desapareceu através do portal e subindo as escadas.

De repente o Mestre Drummond bateu atrás da cabeça de Fitch.

– Porque está parado aí como um pedaço de tronco? Vá cuidar daquelas painéis.

CAPÍTULO 14



Zedd acordou com o som da porta na outra sala fechando. Ele abriu um olho só um pouco para espiar na direção do portal quando a pele foi levantada para um lado. Relaxou um pouco ao ver que era Nissel. A Curandeira cruzou a sala devagar.

– Eles foram embora. – ela falou.

– O que ela disse? – Ann sussurrou, também abrindo um olho o bastante para espiar.

– Tem certeza? – Zedd sussurrou para Nissel.

– Eles arrumaram tudo que trouxeram. Juntaram comida para a jornada. Algumas das mulheres ajudaram reunindo suprimentos que eles poderiam levar para o sustento. Dei para eles ervas que podem ser úteis em pequenas doenças. Nossos caçadores deram cantis e armas. Eles se despediram rapidamente dos amigos, daqueles que eles passaram a amar. Eles me fizeram prometer que eu faria o melhor para manter vocês bem.

Nissel coçou o queixo. – Não foi muito uma promessa, do jeito que eu vejo.

– E você viu eles partirem? – Zedd pressionou. – Tem certeza que eles foram?

Nissel virou um pouco, balançando uma das mãos pelo ar na direção Nordeste.

– Eles partiram. Todos os três. Eu vi quando eles foram, assim como você pediu para mim. Eu andei com todos os outros até a margem da aldeia, mas a maioria de nosso povo quis caminhar um

pouco dentro do campo para ficarem mais tempo com eles, e para verem nossas novas Pessoas da Lama partirem. Essas pessoas me pediram para ir junto com eles, então eu também entrei no campo, mesmo que minhas pernas não sejam mais tão ligeiras como elas costumavam ser, mas decidi que elas seriam rápidas o bastante para uma curta caminhada.

– Quando todos nós seguimos uma boa distância, Richard pediu a nós para voltarmos, ao invés de ficarmos lá fora na chuva sem necessidade. Ele estava preocupado, especialmente, que eu voltasse para cuidar de vocês dois. Acredito que eles estavam impacientes para seguirem mais rápido em sua jornada, e nós os atrasamos com nosso passo, mas eles foram respeitosos evitando falar esse pensamento para nós.

– Richard e Kahlan me abraçaram e desejaram tudo de bom. A mulher de couro vermelho não me abraçou, mas fez um sinal com a cabeça para mostrar seu respeito e Kahlan falou para mim as palavras da mulher. Ela queria dizer que protegeria Richard e Kahlan. Ela é uma boa mulher, aquela estranha de roupa vermelha, mesmo que não seja Povo da Lama. Desejei tudo de bom para eles.

– Todos nós que caminhamos dentro do campo ficamos parados no chuvisco e acenamos enquanto os três seguiram para Nordeste, até que eles viraram pontos pequenos demais para ver. Então o Homem Pássaro pediu para todos nós abaixarmos as cabeças. Juntos, com suas palavras nos guiando, pedimos aos espíritos de nossos ancestrais para tomarem conta das nossas novas pessoas e para manter eles seguros durante a jornada. Então ele chamou um falcão e mandou ele viajar junto com eles por algum tempo, como sinal de que nossos corações estavam com eles. Esperamos até não conseguirmos mais ver nem o falcão circulando no céu sobre os três.

– Então nós voltamos imediatamente. – inclinando a cabeça na direção dele, Nissel levantou uma sobrancelha. – Isso satisfaz você mais do que minha simples palavra de que eles foram embora?

Zedd limpou a garganta, pensando que a mulher devia praticar o sarcasmo quando não havia nenhuma cura a ser feita.

– O que ela disse? – Ann perguntou de novo.

– Ela diz que eles partiram.

– Ela tem certeza? – Ann perguntou.

Zedd jogou o cobertor.

– Como eu saberia? A mulher fala sem parar. Mas acredito que eles partiram seguindo seu caminho.

Ann também jogou para o lado seu cobertor de lã.

– Pensei que suaria até a morte debaixo dessa coisa que dá coceira.

Eles ficaram debaixo dos cobertores o tempo todo, silenciosos e pacientes, temendo que Richard pudesse aparecer de repente com alguma pergunta esquecida ou ideia nova. O rapaz frequentemente fazia coisas inesperadas assim. Zedd não ousou trair a si mesmo precipitadamente, não ousou permitir que uma ação descuidada entregasse seus planos.

Enquanto eles esperavam, Ann tinha ficado preocupada e suando. Zedd tirou um cochilo.

Feliz que Zedd tivesse pedido sua ajuda, Nissel prometeu observar e avisar para eles quando os três fossem embora. Ela disse que aqueles com idade deveriam ficar juntos e que a única defesa contra a juventude era a esperteza. Zedd não podia concordar mais. Ela possuía aquele brilho nos olhos que deixava Ann confusa e irritada.

Zedd limpou a palha das mãos e alisou o manto. Suas costas estavam doendo. Finalmente ele abraçou a Curandeira.

– Obrigado, Nissel, por toda sua ajuda. Agradeço profundamente.

Ela riu levemente, encostada no ombro dele.

– Qualquer coisa, para você. – Quando eles se afastaram, ela beliscou o traseiro dele.

Zedd deu uma piscada para ela. – Que tal um pouco daquele Tava com mel, querida?

Nissel ficou vermelha. O olhar de Ann desviou de um para o outro.

– O que você está falando para ela?

– Oh, apenas falei para ela que fico agradecido pela sua ajuda e perguntei se teria alguma coisa para comer.

– Esses são os cobertores mais comichosos que eu já vi. – Ann resmungou enquanto coçava os braços furiosamente. – Diga para Nissel que ela tem minha gratidão também, mas se não se importar, dispensarei o beliscão.

– Ann soma os seus sinceros agradecimentos aos meus. E ela é muito mais velha do que eu. – entre o Povo da Lama, a idade transmitia peso para as palavras.

O rosto de Nissel enrugou com um sorriso quando ela se esticou e aplicou uma beliscada na bochecha dele.

– Vou buscar um pouco de chá e Tava para vocês dois.

– Ela parece ter começado a gostar bastante de você. – Ann alisou o cabelo para trás enquanto observava a Curandeira agachar sob a pele cobrindo a porta.

– E porque não?

Ann girou os olhos e então esfregou palha do seu vestido escuro.

– Quando você aprendeu a língua do Povo da Lama? Você nunca mencionou para Richard ou Kahlan que conhecia a língua deles.

– Oh, eu aprendi, faz muito tempo. Sei um monte de coisas; não menciono todas elas. Além disso, eu sempre penso que é melhor deixar para si mesmo um pouco de espaço para manobrar, caso isso venha a ser útil, como agora. Eu realmente nunca menti.

Ela admitiu a verdade daquilo com um som profundo em sua garganta.

– Embora isso possa não ser uma mentira, ainda é uma ação enganadora.

Zedd sorriu para ela. – A propósito, falando em enganação, achei que sua performance foi brilhante. Muito convincente.

Ann foi pega de surpresa.

– Bem, eu... bem, obrigada, Zedd. Acho que fui bastante convincente.

Ele deu alguns tapinhas no ombro dela. – Isso você foi.

O sorriso dela transformou-se em uma expressão de suspeita.

– Não venha com sua conversa doce para cima de mim, velho. Tenho muito mais idade do que você e já vi tudo isso. – Balançou o dedo para ele. – Você sabe muito bem que estou zangada com você!

Zedd colocou as pontas dos dedos no peito. – Zangada? Comigo? O que eu fiz?

– O que você fez? Preciso lembrá-lo da palavra *Lurk*? Ela girou em um pequeno círculo, com os braços levantados, pulsos curvados, os dedos em forma de garras, imitando um demônio. – Oh, que assustador. Lá vem um *Lurk*. Oh, que pavoroso. Oh, como estou assustada.

Ela parou batendo o pé na frente dele. – O que estava passando em sua cabeça tola! O que o possuiu para cuspir uma palavra absurda como *Lurk*! Você está louco?

Zedd fez um bico, mostrando indignação.

– O que há de errado com o nome *Lurk*?

Ann plantou os punhos nos quadris largos.

– O que há de errado com ele? Que tipo de nome para um monstro imaginário é *Lurk*?

– Bem, na verdade, é um nome muito bom.

– Um nome bom! Meu coração quase parou quando você o pronunciou pela primeira vez. Pensei que certamente Richard perceberia que estávamos inventando uma história e de repente

começaria a dar gargalhadas. Eu mesma tive que me esforçar para não rir!

– Rir? Porque ele iria rir da palavra *Lurk*? É uma palavra perfeitamente boa. Tem todos os elementos de uma criatura assustadora.

– Ficou maluco? Eu tive garotos de dez anos que foram pegos fazendo travessuras contando histórias de monstros falsos que os atormentavam. Quando eu os segurava pela orelha ele podiam, imediatamente, pensar em nomes melhores para esses monstros do que um "*Lurk*".

– Sabe aquele momento em que eu mantive um rosto sério? Se não fosse pela seriedade de nosso problema, eu não teria conseguido. Então, quando você insistiu em repetir isso hoje eu tive medo que nosso truque seria desmascarado com certeza.

Zedd cruzou os braços.

– Eu não vi eles rindo. Os três acharam assustador. Acho que isso fez os joelhos de Richard tremerem por um momento quando revelei o nome pela primeira vez.

Resmungando, Ann deu um tapa na testa.

– Apenas a sorte preservou nosso artifício. Você poderia ter arruinado tudo com essa tolice. – Ela balançou a cabeça. – Um *Lurk*. Um *Lurk*!

Zedd imaginou que provavelmente era a frustração dela e o medo genuíno borbulhando até a superfície, então deixou ela tagarelar enquanto andava de um lado para outro. Finalmente, ela parou rapidamente, olhando para ele com irritação.

– Simplesmente de onde, em toda a Criação, você conseguiu um nome estúpido assim para um monstro? *Lurk* com certeza. – ela adicionou murmurando.

Zedd coçou o pescoço enquanto limpava a garganta. – Bem, na verdade, em minha juventude quando eu casei pela primeira vez, levei para casa um gatinho para a minha nova esposa. Ela amava a

coisinha, e ria com as travessuras dele. Ver as lágrimas de alegria nos olhos de Erilyn quando ela ria daquela pequena bola de pelo.

– Perguntei para ela que nome queria dar para o gatinho, e ela disse que gostava tanto de observar o modo como ele ficava espreitando incessantemente, saltando sobre as coisas, que ela o chamaria de *Lurk*. Foi de onde tirei o nome. Sempre gostei dele, por causa disso.

Ann girou os olhos. Suspirou enquanto considerava as palavras dele. Abriu a boca para falar algo, mas fechou-a novamente e, com outro suspiro, ao invés disso deu um tapinha consolador no braço dele.

– Bem, nenhum dano foi causado. – ela cedeu. – Nenhum dano foi causado. – Abaixou e com um dedo carregou um cobertor. Quando levantou, dobrando-o, perguntou. – E quanto a garrafa? Aquela que você falou para Richard que estava no enclave do Primeiro Mago na Fortaleza? Que problema será causado quando ele a quebrar?

– Oh, ela é apenas uma garrafa que eu peguei em um mercado uma vez quando estava viajando. Quando eu a vi, imediatamente fiquei encantado pela habilidade que deve ter sido necessária para fazer uma peça tão bela, tão graciosa. Depois de uma longa negociação com o vendedor, finalmente o convenci e comprei-a por um preço excepcionalmente bom.

– Gostei tanto da garrafa que quando voltei, coloquei-a sobre aquele pedestal. Ela também era um lembrete de como, por causa de minha habilidade em barganhar, eu a comprei por um memorável preço muito bom. Pensei que ela ficava com um visual bonito, ali, e ela me deixou orgulhoso.

– Bem, você não é o mais esperto? – Ann disparou.

– Sim, muito. Não muito tempo depois, encontrei uma garrafa exatamente como aquela pela metade do preço, e isso sem regatear. Mantive aquela garrafa sobre aquele pedestal para lembrar a mim

mesmo de não ser arrogante, só porque eu era o Primeiro Mago. É apenas uma velha garrafa guardada como uma lição; nada de ruim acontecerá quando Richard quebrá-la.

Ann riu enquanto balançava a cabeça.

– Se não fosse o Dom, tenho medo de pensar no que seria de você.

– O que eu temo é que estejamos prestes a descobrir.

Quando a magia dele começou a falhar, ele já sentia dores em seus ossos, e lassidão em seus músculos. Isso ficaria pior.

O sorriso de Ann desapareceu com a triste realidade das palavras dele.

– Não entendo. O que você disse para Richard era verdade: Kahlan teria que ser a terceira esposa dele para ter invocado as Notas até esse mundo. Sabemos que as Notas estão aqui, ainda que seja impossível.

– Até mesmo considerando as maneiras complexas como a magia pode interpretar os incidentes para constituir o cumprimento dos requisitos e condições para iniciar um evento, ela não pode ser considerada como mais do que sua segunda esposa. Houve aquela outra, aquela garota Nadine, e Kahlan. Um e um é igual a dois; Kahlan não pode ser mais do que a número dois.

Zedd encolheu os ombros.

– Nós sabemos que as Notas foram liberadas. Esse é o problema que devemos tratar, não como ele aconteceu.

Ann assentiu, contrariada.

– Você acha que aquele seu neto fará como diz e irá diretamente para a Fortaleza?

– Ele prometeu que iria.

Os olhos de Ann viraram para ele. – Nós estamos falando de Richard.

Zedd abriu os braços em um gesto de impotência.

– Não sei mais o que poderíamos ter feito para garantir que ele fosse para a Fortaleza. Demos a ele toda motivação, desde a nobre até a egoísta, para correr até lá. Ele não tem espaço para manobra. Nós apresentamos as consequências, caso ele falhe em fazer como eu disse que ele deveria, de modo assustadoramente claro.

– Sim, – Ann falou, alisando o cobertor dobrado sobre o braço. – fizemos tudo a não ser dizer a verdade.

– Falamos para ele a maior parte da verdade sobre o que aconteceria caso ele não vá até a Fortaleza. Isso não foi mentira alguma, a não ser que a verdade é ainda muito mais terrível do que apresentamos para ele.

– Conheço Richard. Kahlan liberou as Notas para salvar a vida dele; ele ficaria comprometido e determinado a corrigir isso, em ajudar. Ele só poderia fazer o que seria ainda pior. Não podemos permitir que ele brinque com esse fogo. Nós demos a ele aquilo que ele mais precisa: uma maneira de ajudar.

– A única segurança para ele é a Fortaleza. As Notas não podem alcançá-lo no local onde elas foram invocadas, e a Espada da Verdade é a única magia que ainda deve funcionar. Nós garantiremos isso. Quem sabe, sem ele nas garras delas, a ameaça pudesse até mesmo desaparecer por si própria.

– Uma linha fina na qual pendurar o mundo. Entretanto, suponho que você esteja certo. – Ann disse. – Ele é o único homem tão determinado quanto seu avô.

Ela jogou o cobertor sobre a cama de palha. – Mas a todo custo, ele deve ser protegido. Ele lidera D’Hara e está mantendo as terras unidas sob aquela bandeira para resistir contra o flagelo da Ordem Imperial. Em Aydindril, além de estar seguro, ele pode continuar a tarefa de forjar a unidade. Ele já provou sua habilidade de liderança. As profecias avisam que somente ele tem uma chance de nos guiar com sucesso nessa batalha. Sem ele, estamos perdidos com certeza.

Nissel entrou carregando uma bandeja com Pão de Tava com mel e hortelã. Sorriu para Zedd enquanto deixava Ann descarregar as três xícaras de chá que também estava segurando. Nissel colocou a bandeja com Tava no chão diante das camas e sentou onde Zedd estivera deitado. Ann entregou a ela uma das três xícaras e sentou sobre o cobertor dobrado na cabeceira da outra cama.

Nissel deu alguns tapinhas na cama ao lado dela. – Venha, sente, coma Tava e beba chá antes de partir em sua jornada.

Zedd, considerando questões importantes, mostrou um fraco sorriso quando sentou ao lado dela. Ela sentiu o humor triste dele e levantou a bandeja silenciosamente para oferecer a ele Tava. Zedd, vendo que ela entendia sua preocupação mesmo que não a causa, deslizou um braço agradecido em volta dos ombros dela. Com sua outra mão, tirou um pedaço de Tava.

Zedd lambeu mel da borda. – Gostaria que soubéssemos alguma coisa sobre aquele livro que Richard mencionou, Gêmeo da Montanha. Gostaria de saber se ele sabia alguma coisa a respeito disso.

– Ele não parecia saber. Tudo que Verna falou naquele momento foi que o Gêmeo da Montanha foi destruído.

Ann já sabia daquilo quando Richard perguntou. Ela ofereceu perguntar através do Livro de Jornada, muito embora a magia dele já tivesse falhado, assim eles poderiam ocultar de Richard a extensão do problema.

– Queria ter dado uma olhada nele antes que fosse destruído.

Ann comeu algumas mordidas do Pão de Tava antes de perguntar.

– Zedd, e se não pudermos detê-las? Nossa magia já está começando a definhar. Não vai demorar até que ela falhe completamente. Como vamos deter as Notas sem magia?

Zedd lambeu mel dos lábios. – Ainda tenho esperança de que as respostas podem ser encontradas no local onde elas foram

sepultadas, em algum lugar na terra de Toscla. Ou seja lá como eles a chamam agora. Talvez eu possa encontrar livros ali, livros sobre a história ou cultura da terra. Talvez eles possam me fornecer a pista que preciso.

Zedd estava ficando mais fraco a cada dia. Seu poder que partia drenava vitalidade enquanto se dissipava. A jornada dele seria lenta e difícil. Ann tinha o mesmo problema.

Nissel aconchegou-se perto dele, simplesmente feliz em estar com alguém que gostava dela como uma mulher, e não queria sua cura. A cura dela não o ajudaria. Ele gostava dela de forma genuína. Também sentia simpatia por ela, por uma mulher que a maioria das pessoas não entendiam. Era difícil ser diferente daqueles à sua volta.

– Você tem alguma teoria sobre como banir as Notas desse mundo? – Ann perguntou entre mordidas.

Zedd partiu o Pão de Tava no meio.

– Apenas o que discutimos; se Richard ficar na Fortaleza, então sem ele as Notas podem muito bem ser lançadas de volta para o Submundo até mesmo sem nossa ajuda. Sei que essa é uma esperança tênue, mas simplesmente terei que encontrar uma maneira de enviá-las para o Submundo se for necessário. E quanto a você? Alguma ideia?

– Nenhuma.

– E você ainda está decidida a resgatar suas Irmãs da Luz de Jagang?

Ela soprou um mosquito.

– A magia de Jagang falhará do mesmo jeito que todas as outras magias. O Andarilho dos Sonhos perderá seu controle sobre minhas Irmãs. No perigo existe oportunidade. Devo usar a oportunidade enquanto ela estiver disponível.

– Jagang ainda tem um grande exército. Para alguém que critica meus planos com frequência, você prova não ser mais engenhosa na tarefa de planejar.

– A recompensa vale o risco. – Ann baixou a mão com o Pão de Tava. Eu não deveria admitir... mas, já que seguiremos caminhos diferentes, eu direi. Você é um homem esperto, Zeddicus Zu'l Zorander. Sentirei saudade de sua companhia irritante. Seus truques salvaram nossas peles mais de uma vez. Admiro sua perseverança, e vejo de onde Richard herdou isso.

– Verdade? Bem, ainda não gosto do seu plano. Bajulação não mudará isso.

Ann simplesmente sorriu consigo mesma.

Seu plano era inocente demais, mas ele entendeu seu comprometimento. Resgatar as Irmãs da Luz era essencial, e não simplesmente porque eram cativas sendo brutalizadas. Se as Notas pudessem ser banidas, Jagang obteria controle sobre aquelas feiticeiras novamente, e assim o poder delas.

– Ann, o medo pode ser um mestre poderoso. Se algumas das Irmãs não acreditarem que podem escapar, não pode permitir que elas continuem sendo uma ameaça para nossa causa, apesar de serem forçadas.

Ann lançou um olhar com o canto do olho. – Entendo. – ele estava pedindo a ela para resgatá-las ou assassiná-las. – Zedd, – ela falou com suave compaixão. – não gosto de mencionar isso, mas se aquilo que Kahlan fez...

– Eu sei.

Ao chamar as Notas, Kahlan tinha invocado sua ajuda para salvar a vida de Richard. Havia um preço.

Em troca por manter Richard no mundo dos vivos até que ele se recuperasse, ela prometeu inconscientemente para as Notas a única coisa que elas precisavam para também permanecerem no mundo dos vivos. Uma alma. A alma de Richard.

Mas ele estaria seguro na Fortaleza; o local onde elas foram chamadas era um refúgio seguro para aquele prometido.

Zedd colocou metade do Pão de Tava dele nos lábios de Nissel. Ela sorriu e arrancou uma grande mordida. Ela deu para ele uma mordida do Pão de Tava dela, depois de encostá-lo na ponta do nariz dele primeiro. A tolice dessa velha Curandeira deixar uma marca de mel no seu nariz, como alguma garotinha travessa, fez ele sorrir.

Finalmente, Ann perguntou. – O que aconteceu com o seu gato, *Lurk*?

Zedd franziu a testa enquanto pensava, tentando lembrar.

– Para dizer a verdade, eu não lembro. Tanta coisa estava acontecendo. A guerra contra D’Hara, liderada pelo outro avô de Richard, Panis Rahl, estava começando. As vidas de milhares estavam sob ameaça. Eu ainda seria nomeado Primeiro Mago. Erilyn estava grávida de nossa filha.

– Acho que com tudo que estava acontecendo, simplesmente perdemos o rastro do gato. Na Fortaleza tem incontáveis lugares com ratos; provavelmente ele achou que caçar era mais interessante do que duas pessoas ocupadas.

Zedd engoliu em seco com as lembranças dolorosas. – Depois que mudei para Westland, e Richard nasceu, sempre tive um gato como um lembrete de Erilyn e do meu lar.

Ann sorriu com sincera simpatia.

– Espero que nunca tenha dado o nome para algum de “ *Lurk* “, ou Richard poderia de repente lembrar do nome.

– Não. – Zedd sussurrou. – Nunca fiz isso.

CAPÍTULO 15



– Fetch! – o Mestre Drummond gritou.

Fitch apertou os lábios com força, tentando sem sucesso, ele sabia, evitar que seu rosto ficasse vermelho. Sorriu educadamente enquanto passava trotando pelas mulheres risonhas.

– Sim, Senhor?

Mestre Drummond balançou uma das mãos na direção dos fundos da cozinha.

– Traga para dentro mais lenha de macieira.

Fitch fez uma reverência com um “Sim, Senhor” e seguiu até a porta de saída para a floresta. Mesmo que a cozinha fosse um nevoeiro de aromas maravilhosos, desde manteiga fritando, cebolas e temperos até o perfume de carnes assando, ele estava feliz em ter a chance de afastar-se dos caldeirões encrostados. Seus dedos estavam doendo de arranhar e esfregar. Também ficou feliz que Mestre Drummond não tivesse pedido nenhum carvalho. Fitch estava aliviado por ter feito uma coisa certa ao trazer para dentro carvalho suficiente.

Trotando através dos calorosos feixes de raios de sol em seu caminho descendo até a pilha de macieira, pensou novamente porque o Ministro Chanboor quis ver Beata. Ela certamente pareceu bastante feliz com aquilo. Todas as mulheres pareciam ficar bobas sempre que tinham a chance de encontrar com o Ministro.

Fitch não conseguia ver o que havia de tão especial no homem. Afinal de contas, ele estava começando a ficar com o cabelo grisalho;

ele era velho. Fitch não conseguia imaginar a si mesmo ficando velho o bastante para ter cabelos grisalhos. Só pensar nisso fazia o nariz dele enrugar com desgosto.

Quando chegou até a pilha de madeira, alguma coisa chamou atenção de seus olhos. Ele colocou uma das mãos na testa, protegendo os olhos da luz do sol enquanto espiava a sombra na esquina. Havia concluído que era apenas outra entrega, mas era Brownie, ainda parado ali com a carroça do açougueiro.

Esteve ocupado na cozinha e tinha pensado que Beata teria partido fazia muito tempo. Havia grande número de portas de saída, e ele não teria como saber quando ela partiu. Simplesmente imaginou que tinha ido embora.

Devia ter passado uma hora desde que ela subiu a escada. O Ministro Chanboor provavelmente quis dar a ela uma mensagem para o açougueiro, algum pedido especial para os seus convidados. Certamente, ele a teria dispensado fazia muito tempo.

Então porque a carroça ainda estava ali?

Fitch curvou-se e pegou um pedaço de macieira. Balançou a cabeça com frustração; o Ministro Chanboor provavelmente estava contando histórias para ela. Fitch levantou outro punhado da pilha de madeira. Por alguma razão, as mulheres gostavam de escutar as histórias do Ministro, e ele gostava de contá-las. Ele estava sempre falando com mulheres, contando histórias para elas. Às vezes, em jantares e banquetes, elas se juntavam em volta dele em grupos risonhos. Talvez elas apenas estivessem sendo educadas, afinal de contas, ele era um homem importante.

Nenhuma garota se preocupava em ser educada com ele, e elas nunca gostavam de escutar suas histórias também. Fitch levantou os braços carregados com a lenha de macieira e seguiu para a cozinha. Ele achava que suas histórias sobre ficar bêbado eram bastante engraçadas, mas as garotas não ficavam muito interessadas em escutá-las.

Pelo menos, Morley gostava das histórias dele. Morley, e os outros que tinham camas no quarto onde Fitch dormia. Todos eles gostavam de contar histórias uns para os outros, e todos gostavam de ficar bêbados. Não havia nada mais a fazer em seus raros momentos de folga do trabalho e Reuniões de Penitência.

Ao menos, depois das Reuniões de Penitência, às vezes, eles podiam falar com garotas, se o trabalho deles estivesse feito e não tivessem que voltar para ele. Mas Fitch, como os outros, achava as reuniões uma experiência deprimente, ouvir todas aquelas coisas terríveis. Às vezes, quando eles voltavam, se conseguissem roubar um pouco de vinho ou cerveja, eles ficariam bêbados.

Depois que Fitch tinha colocado para dentro uma dúzia de braçadas, o Mestre Drummond agarrou sua manga e enfiou um pedaço de papel dentro da mão dele.

– Leve isso até o cervejeiro.

Fitch fez uma reverência e falou seu “Sim, Senhor” antes de partir. Ele não conseguia ler o papel, mas uma vez que haveria um banquete e ele tinha carregado papéis assim no passado, imaginou que as colunas de escritas provavelmente eram ordens sobre o que a cozinha queria que fosse enviado. Estava feliz com a missão porque não envolvia nenhum trabalho de verdade, e dava uma chance para que ele se afastasse do calor e do barulho da cozinha por algum tempo, mesmo se gostasse dos aromas e pudesse, de vez em quando, arrancar um delicioso pedaço, toda aquela comida era para os convidados, não para os ajudantes. Porém, às vezes ele simplesmente queria ficar longe do barulho e da confusão.

O velho cervejeiro, sem a maior parte do seu cabelo escuro de Ander e a maior parte que restou branca, grunhiu quando leu o papel que Fitch entregou a ele. Ao invés de mandar Fitch embora, o cervejeiro pediu a ele que colocasse para dentro alguns sacos pesados de lúpulo. Esse era um pedido comum; Fitch era apenas um ajudante de cozinha, então todos tinham o direito de mandá-lo fazer

algum trabalho para eles. Ele suspirou, imaginando que esse era o preço pela lenta caminhada que fez, e por aquela que faria no caminho de volta.

Quando foi até as portas de serviço onde muitas das mercadorias eram entregues, ele notou que Brownie ainda estava parado ali com a carroça do açougueiro. Ficou aliviado em ver que, empilhados em um lado da doca de carga, havia apenas dez sacos para serem levados até a fábrica de cerveja. Quando acabou com os sacos foi mandado embora.

Ainda recuperando o fôlego, ele rastejou de volta através dos corredores de serviço em direção à cozinha, vendo poucas pessoas, e todos eles, exceto um, servos Haken, então só teve que parar e fazer reverência uma vez. O eco dos passos retornavam até ele enquanto subia o lance de escadas até o piso principal e a cozinha. Pouco antes de cruzar a porta, ele fez uma pausa.

Olhou para cima, através da escadaria que ascendia até o terceiro andar. Ninguém estava nos degraus. Ninguém estava nos corredores. O Mestre Drummond acreditaria nele quando explicasse que o cervejeiro pediu que os sacos fossem levados para dentro. Mestre Drummond estava ocupado com os preparativos do banquete noturno; não se preocuparia em perguntar quantos sacos, e mesmo se perguntasse, ele não gastaria tempo para checar.

Fitch estava subindo os degraus dois de cada vez quase antes de perceber que havia decidido ir dar uma rápida olhada. No quê, ou para quê, ele não tinha certeza.

Esteve no segundo andar poucas vezes, e no terceiro andar só uma, na semana anterior para levar ao novo assistente do Ministro, Dalton Campbell, uma refeição noturna que ele solicitou da cozinha. Um subordinado Ander falou para Fitch deixar a bandeja com pedaços de carne fatiados sobre a mesa no escritório externo vazio. Os andares superiores, na ala oeste com a cozinha onde Fitch

trabalhava, eram onde um grande número de escritórios de oficiais estavam localizados.

Os escritórios do Ministro deveriam estar no terceiro andar. Pelas histórias que Fitch tinha escutado, o Ministro tinha vários escritórios. Porque ele precisaria de mais do que um, Fitch não conseguia imaginar. Ninguém jamais havia explicado isso.

No primeiro e no segundo andar da ala oeste, Fitch ouviu dizer, era onde a vasta Biblioteca Anderith ficava localizada. A biblioteca era um armazém da rica e exemplar cultura da terra, atraindo estudiosos e outras pessoas importantes até a Propriedade. A cultura Anderith era uma fonte de orgulho e da inveja de todos, Fitch aprendeu.

No terceiro andar da ala oeste estavam os aposentos da família do Ministro. A filha dele, mais jovem do que Fitch por talvez dois ou três anos e, segundo Fitch ouviu dizer, muito feia, havia partido para estudar em algum tipo de academia. Só tinha visto ela de longe, mas julgou que a descrição era justa. Servos antigos de vez em quando sussurravam sobre um guarda Ander que foi acorrentado por causa da filha do Ministro, Marcy ou Marcia, dependendo de quem contava a história, acusou-o de alguma coisa. Fitch ouviu versões dizendo que ele não estava fazendo nada a não ser montar guarda no corredor, que estava escutando atrás de portas, e até sobre estupro.

Vozes ecoaram subindo a escadaria. Fitch fez uma pausa com um pé no degrau seguinte, escutando, cada músculo rígido. Enquanto permanecia imóvel, descobriu que eram pessoas cruzando o salão do primeiro andar, abaixo. Não estavam subindo as escadas.

Felizmente, a esposa do Ministro, Lady Hildemara Chanboor, raramente apareceu na ala oeste onde Fitch trabalhava. Lady Chanboor era uma Ander que fazia até mesmo outros Anders tremerem. Tinha um temperamento horrível e nunca estava satisfeita

com nada nem ninguém. Ela dispensou os servos só porque olhavam para ela quando passavam em um corredor.

Pessoas que a conheciam disseram para Fitch que Lady Chanboor tinha um rosto que combinava com seu temperamento: horrível. Os servos desafortunados que olharam para Lady Chanboor quando passavam por ela no corredor foram colocados para fora imediatamente. Fitch ficou sabendo que eles viraram mendigos.

Fitch soube que as mulheres na cozinha diziam que Lady Chanboor não era vista durante semanas porque o Ministro teria ficado furioso por uma coisa ou outra com sua esposa e deu a ela um olho roxo. Outros diziam que ela estava apenas bêbada em uma festa. Uma velha empregada sussurrou que ela saía com um amante de vez em quando.

Fitch chegou ao degrau superior. Não havia ninguém nos corredores do terceiro andar. A luz do sol jorrava em janelas cobertas com cortinas finas como gaze para espalhar-se através dos pisos de madeira. Fitch parou na plataforma no topo da escada. Havia portas em três lados e os degraus no outro em suas costas. Olhou para corredores vazios que seguiam pela esquerda e pela direita, sem saber se ousava caminhar neles.

Poderia ser detido por diversas pessoas, desde mensageiros até guardas, e questionado para explicar o que estava fazendo ali. O que ele poderia dizer? Fitch não queria ser um mendigo.

Ainda que não gostasse de trabalhar, gostava de comer. Ele parecia estar sempre faminto. A comida não era tão boa quanto a que era servida para as pessoas importantes, para aqueles que cuidavam da casa ou para os convidados, mas era decente, e ele recebia o bastante. E quando ninguém estava olhando, ele e seus amigos conseguiam beber vinho e cerveja. Não, ele não queria ser colocado para fora para virar um mendigo.

Deu um passo cuidadoso até o centro da plataforma. Seus joelhos quase dobraram e ele quase gritou quando sentiu algo afiado cravar nele. Ali, debaixo de seu pé descalço, estava um alfinete com uma ponta em espiral. O alfinete que Beata usava para fechar o colarinho do vestido.

Fitch pegou-o, sem saber o que poderia significar. Poderia guardá-lo e entregar a ela mais tarde, possivelmente ela ficaria feliz em recebê-lo de volta. Mas talvez não. Talvez devesse deixá-lo onde o encontrou, ao invés de ter que explicar para todos, especialmente para Beata, como o encontrou. Talvez ela fosse querer saber o que ele estava fazendo ali em cima; ela foi convidada, ele não. Talvez ela pensasse que ele a estava espionando.

Estava abaixando para colocar o alfinete de volta quando viu movimento, sombras, na luz que vinha por baixo de uma das portas altas adiante. Ele inclinou a cabeça. Pensou ter escutado a voz de Beata, mas não tinha certeza. Realmente ouviu uma risada abafada.

Fitch checou a direita e a esquerda outra vez. Não viu ninguém. Não seria como se ele fosse descer um corredor. Apenas caminharia na plataforma no topo da escada. Se alguém perguntasse, poderia dizer que só pretendia entrar em um corredor para conseguir uma vista geral da beleza das terras lá do terceiro andar, para olhar os campos de trigo que cercavam a cidade de Fairfield, o orgulho de Anderith.

Para ele isso pareceu plausível. Eles poderiam gritar mas, com certeza, não o colocariam para fora. Não por olhar através de uma janela. Com certeza.

Seu coração batia forte. Seus joelhos tremiam. Antes que pudesse avaliar se esse era um risco tolo, andou na ponta dos pés através da pesada porta com quatro painéis. Ele ouviu o que parecia com os choramingos de uma mulher. Mas também ouviu risadas, e um homem ofegante.

Centenas de pequenas bolhas estavam preservadas para sempre na maçaneta de cristal da porta. Não havia fechadura então não havia buraco de fechadura debaixo da placa de latão em volta da base da maçaneta de cristal. Colocando o peso nos dedos, Fitch desceu silenciosamente até o chão, deitando sobre a barriga.

Quanto mais perto chegava do chão, e da abertura debaixo da porta, melhor ele conseguia escutar. Aquilo parecia o som de um homem fazendo algum esforço. A risada ocasional era de um segundo homem. Fitch ouviu o gemido sofrido entrecortado de uma mulher, como se ela não conseguisse respirar. Beata, ele pensou.

Fitch encostou a bochecha direita no chão de carvalho frio envernizado. Moveu sua cabeça mais perto da abertura debaixo da porta, enxergando, quando o fez, um pouco para a esquerda, pernas de cadeiras, e diante deles, repousando no chão, uma bota negra com anéis prateados. Ela moveu só um pouco. Uma vez que havia apenas uma, o homem deveria estar com seu outro pé sobre a perna.

O cabelo de Fitch pareceu ficar eriçado. Lembrou claramente de ver o dono daquela bota. Era o homem com a capa estranha, com os anéis, com todas as armas. O homem que deu uma longa olhada para Beata quando passava pela carroça dela.

Fitch não conseguia ver a fonte dos sons. Silenciosamente ele girou o corpo e virou o rosto para usar o olho esquerdo e olhar por baixo da porta para a direita. Deslizou para mais perto até seu nariz encostar na porta.

Ele piscou sem acreditar e então outra vez, horrorizado.

Beata estava deitada de costas no chão. Seu vestido azul estava levantado, enrolado em volta da cintura. Havia um homem, sua bunda estava nua, entre as pernas abertas dela, movimentando-se rápida e furiosamente.

Fitch levantou rapidamente, chocado com o que viu. Recuou vários passos. Ele ofegou, seus olhos arregalados, suas entranhas contorcendo por causa do susto. Com o choque de ter visto as pernas

abertas de Beata. Com o Ministro no meio delas. Ele virou para correr descendo as escadas, lágrimas enchendo seus olhos, sua boca aberta, puxando ar como uma carpa fora da água.

Passos ecoaram. Alguém estava subindo. Ele congelou no meio da sala, a dez pés da porta, a dez pés dos degraus, sem saber o que fazer. Escutou os passos subindo os degraus. Ouviu duas vozes. Olhou para os corredores de cada um dos lados, tentando decidir se um deles poderia oferecer uma rota de fuga, se um dos dois poderia oferecer um beco sem saída onde ele ficaria encurralado, ou guardas que poderiam acorrentá-lo.

Os passos pararam na plataforma abaixo. Eram duas mulheres. Mulheres Ander. Elas estavam focando sobre o banquete esta noite. Quem estaria lá. Quem não foi convidado. Quem foi. Embora as palavras delas não fossem mais do que sussurros, em seu estado de alarme com os olhos arregalados ele conseguia entender claramente. O coração de Fitch pulsou forte em seus ouvidos enquanto ele ofegava em pânico, rezando para que elas não subissem o restante do caminho até o terceiro andar.

As duas começaram a discutir o que vestiriam para chamar atenção dos olhos do Ministro Chanboor. Fitch mal podia acreditar que estava escutando uma conversa sobre a que altura acima dos mamilos elas ousariam exhibir seus decotes.

A imagem que aquilo colocava na mente de Fitch teria sido incrivelmente agradável se ele não estivesse encurralado e prestes a ser pego onde não deveria estar, vendo algo que não deveria ter visto, e talvez fosse colocado para fora na rua, ou pior. Muito pior.

Uma mulher parecia mais ousada do que a segunda. A segunda falou que também pretendia ser notada, mas não queria mais do que isso. A primeira riu e disse que queria mais do que ser notada pelo Ministro, e que a outra não deveria se preocupar porque os maridos de ambas seriam elogiados porque suas esposas chamaram toda a atenção do Ministro.

Fitch virou para manter um olho na porta do Ministro. Alguém já tinha chamado a atenção do Ministro. Beata.

Fitch deu um passo cuidadoso para a esquerda. O piso rangeu. Ele ficou imóvel, alerta, parecia que suas orelhas estavam crescendo. As duas lá embaixo estavam rindo falando sobre os maridos. Fitch recolheu o pé. O suor descia pelo lado do seu pescoço.

As duas lá embaixo começaram a andar enquanto conversavam. Ele prendeu a respiração. Ele ouviu uma porta ranger abrindo. Fitch queria gritar por cima do ombro para elas se apressarem e irem fofocar em algum outro lugar. Uma das mulheres mencionou o marido da outra, Dalton.

A porta fechou atrás delas. Fitch expirou.

Bem na frente dele, a porta do Ministro abriu repentinamente. O grande estranho segurava Beata pelo braço. As costas dela estavam voltadas para Fitch quando ela foi colocada para fora do quarto. O homem empurrou-a, como se ela não tivesse peso maior do que um travesseiro. Ela caiu sentada. Ela não sabia que Fitch estava parado logo atrás dela.

O olhar indiferente do estranho encontrou com os olhos arregalados de Fitch. O cabelo escuro espesso do homem, em tranças enroladas, chegava até o ombro. Sua roupas eram escuras, cobertas de placas de couro, faixas e cintos. A maioria das suas armas estavam jogadas no chão dentro do quarto. Porém, ele parecia um homem que não precisava delas, um homem que poderia, com suas grandes mãos calejadas, esmagar a garganta de quase qualquer um.

Quando virou de volta para o quarto, Fitch percebeu, para seu terror, que a capa estranha era feita de escalpos. Era por isso que ela parecia estar coberta por tufo de cabelo. Porque ela estava coberta por tufo de cabelo, cabelo humano. De todas as cores, desde louro até negro.

Além do portal, o Ministro chamou o estranho pelo nome. – Stein. – e jogou para ele um pequeno pedaço de pano branco

embolado. Stein pegou e esticou a calcinha de Beata entre dois dedos para dar uma olhada. Atirou-a sobre o colo dela enquanto ela ficava sentada no chão lutando para respirar, tentando com toda sua força não chorar.

Stein olhou nos olhos de Fitch, completamente indiferente, e sorriu. Seu sorriso deslocou a barba de ambos os lados do rosto. Ele deu uma piscadela para Fitch.

Fitch estava surpreso diante da tranquilidade do homem com o fato de alguém estar ali, vendo o que estava acontecendo. O Ministro espiou do lado de fora enquanto abotoava suas calças. Ele também sorriu, e então fechou a porta atrás de si enquanto saía para o corredor.

– Agora podemos visitar a biblioteca?

Stein levantou uma das mãos fazendo um convite. – Mostre o caminho,
Ministro.

Beata ficou sentada segurando a cabeça enquanto os dois homens, conversando alegremente, desceram caminhando pelo corredor da esquerda. Ela parecia arrasada com a experiência, desiludida demais para ser capaz de reunir a força de vontade para levantar, de partir, de voltar para sua vida do jeito que ela foi um dia.

Imóvel, Fitch aguardou, esperando que, de algum modo, o impossível acontecesse, que talvez ela não se virasse, que talvez ela estivesse confusa e perambulasse pelo outro corredor, e ela não notasse que ele estava ali atrás dela, sem piscar, prendendo a respiração.

Contendo os gemidos, Beata levantou. Quando ela virou e viu Fitch, ficou rígida. Ele continuou paralisado, desejando mais do que tudo que jamais tivesse subido as escadas para olhar. Ele obteve consideravelmente mais do que a olhada que queria.

– Beata... – Ele queria perguntar se ela estava ferida, mas estava claro que ela estava ferida. Queria confortá-la, mas não sabia como, não sabia as palavras certas para usar. Queria segurá-la em seus braços e abrigá-la, mas teve medo que ela pudesse interpretar mal sua ação de preocupação.

O rosto de Beata mudou do sofrimento para o ódio. Sua mão golpeou inesperadamente, acertando o rosto dele com tanta fúria que fez sua cabeça zunir por dentro como um sino.

A bofetada torceu a cabeça dele para o lado. A sala dançou em sua visão. Pensou ter visto alguém ao longe descendo um corredor, mas não tinha certeza. Enquanto tentava recuperar o equilíbrio, procurando segurar um corrimão quando balançava para trás, ao invés disso sua mão encontrou o chão. Um joelho juntou-se com sua mão no chão. Ele viu um borrão do vestido azul dela quando Beata correu descendo as escadas, o som dos passos dela espalhando um eco subindo as escadarias.

Uma dor ofuscante, aguda e quente, espalhou-se em sua mandíbula superior logo na frente de sua orelha latejante. Seus olhos estavam doendo. Estava estupefato com a força que ela bateu nele. A náusea cresceu em seu estômago. Ele piscou, tentando forçar sua visão a clarear.

O toque da mão debaixo de seu braço o assustou. Ela o ajudou a levantar. O rosto de Dalton Campbell surgiu perto do rosto dele.

Diferente dos outros dois homens, ele não sorriu, ao invés disso, estudou os olhos de Fitch do jeito que o Mestre Drummond avaliava um Halibute trazido pelo peixeiro. Pouco antes que ele o destripasse.

– Qual é o seu nome?

– Fitch, Senhor. Eu trabalho na cozinha, Senhor. – Entre o risco de um soco e seu pavor, as pernas de Fitch pareciam macarrão fervido.

O homem olhou na direção das escadas.

– Parece que se afastou da cozinha, você não acha?

– Levei um papel até o cervejeiro. – Fitch fez uma pausa para engolir ar, tentando fazer a sua voz parar de tremer. – Eu estava voltando para a cozinha Senhor.

A mão apertou no braço de Fitch, puxando ele para mais perto.

– Já que você estava correndo até o cervejeiro, lá embaixo no nível inferior, e então de volta para a cozinha, no primeiro andar, você deve ser um jovem bastante trabalhador. Eu não teria razão alguma para lembrar de ter visto você aqui em cima no terceiro andar. – Ele soltou o braço de Fitch. – Suponho que lembro de enxergar você lá embaixo, correndo de volta para a cozinha voltando do cervejeiro? Sem perambular por qualquer outro lugar pelo caminho?

A preocupação de Fitch com Beata transformou-se em uma esperança concentrada de evitar ser jogado para fora da casa, ou pior.

– Sim, Senhor. Estou seguindo meu caminho de volta para a cozinha.

Dalton Campbell colocou a mão sobre o cabo da espada dele.

– Você estava trabalhando, e não viu nada, viu?

Fitch engoliu seu terror.

– Não, Senhor. Nada. Eu juro. Só que o Ministro Chanboor sorriu para mim. Ele é um grande homem, o Ministro. Sou agradecido que um homem tão importante quanto ele forneça trabalho para um Haken indigno como eu.

Os cantos da boca de Dalton Campbell levantaram somente o bastante para que Fitch pensasse que o assistente pudesse estar contente com aquilo que ouviu. Seus dedos tamborilaram pela extensão da guarda de latão da espada. Fitch ficou olhando para aquela arma nobre. Sentiu-se impelido a falar no meio do silêncio.

– Quero ser bom e ser um membro respeitável no serviço da casa. Trabalhar duro. Para ganhar meu sustento.

O sorriso aumentou. – Isso realmente é bom saber. Você parece um bom jovem. Talvez, já que deseja com tanto ardor, eu pudesse contar com você?

Fitch não tinha certeza exatamente com o quê ele poderia contar, mas disse um “Sim, Senhor” de qualquer modo, e sem hesitação.

– Uma vez que você jura não ter visto nada em seu caminho de volta para a cozinha, está provando para mim que é um jovem de potencial. Talvez um para quem poderia ser confiada maior responsabilidade.

– Responsabilidade, Senhor?

Os olhos escuros de Dalton Campbell brilharam com uma assustadora inteligência incompreensível, do tipo que Fitch imaginava que o rato deveria enxergar nos olhos dos gatos da casa.

– Às vezes nós temos necessidade de pessoas que desejam subir na casa. Veremos. Mantenha-se vigilante contra as mentiras de pessoas que desejam causar má reputação ao Ministro, e veremos.

– Sim, Senhor. Eu não gostaria de ouvir ninguém falar nada contra o Ministro. Ele é um bom homem, o Ministro. Espero que os rumores que ouvi sejam verdadeiros, que um dia nós poderemos ser abençoados o bastante pelo Criador que o Ministro Chanboor se tornasse Soberano.

Agora o sorriso do assistente realmente cresceu.

– Sim, realmente acredito que você tem potencial. Caso você escute quaisquer... mentiras, sobre o Ministro, eu gostaria muito de saber a respeito. – Ele fez um sinal na direção das escadas. – Agora, seria melhor você retornar para a cozinha.

– Sim, Senhor, se eu escutar qualquer coisa assim, falarei para você. – Fitch foi para as escadas. – Não gostaria de ver ninguém mentindo sobre o Ministro. Isso seria errado.

– Jovem Fitch, não é mesmo?

Fitch virou no primeiro degrau.

– Sim, Senhor. Fitch.

Dalton Campbell cruzou os braços e virou a cabeça para observar com um olho questionador.

– O que você aprendeu na Penitência sobre proteger o Soberano?

– O Soberano? – Fitch esfregou as mãos nas calças. – Bem... hum... que tudo que é feito para proteger nosso Soberano é uma virtude?

– Muito bom. – Com os braços ainda cruzados, ele inclinou em direção a Fitch. – E, já que você ouviu dizer que o Ministro Chanboor está prestes a ser nomeado Soberano, então...?

O homem esperava uma resposta. Fitch procurou loucamente por ela. Finalmente, ele limpou a garganta.

– Bem... eu acho... que se ele será nomeado Soberano, então ele deve ser protegido do mesmo jeito?

Pelo modo como Dalton Campbell sorriu quando endireitou o corpo, Fitch soube que acertou a resposta.

– Realmente você pode ter potencial para subir na casa.

– Obrigado, Senhor. Eu faria qualquer coisa para proteger o Ministro, sabendo como ele será o Soberano um dia. É meu dever protegê-lo de todas as formas que eu puder.

– Sim... – Dalton Campbell falou lentamente de uma forma estranha. Inclinou a cabeça, como um gato, enquanto avaliava Fitch.

– Se você provar ser útil em... seja lá o que pudermos precisar para proteger o Ministro, avançaria um longo caminho para o pagamento de sua dívida.

As orelhas de Fitch levantaram.

– Minha dívida, Senhor?

– Como eu falei para Morley, se ele provar ser útil para Ministro, poderia ser até mesmo que ele conseguisse obter um título de “Senhor”, e um certificado assinado pelo Soberano junto com

isso. Você parece um rapaz inteligente. Eu não esperaria menos empenho em seu futuro.

A boca de Fitch ficou aberta. Ganhar um título de “Senhor” era um dos seus sonhos. Um certificado assinado pelo Soberano provava a todos que um Haken havia pago sua dívida e deveria ser reconhecido com um título de Senhor, e ser respeitado. Sua mente retornou dentro daquilo que tinha escutado.

– Morley? O ajudante de cozinha Morley?

– Sim, ele não falou que conversei com ele?

Fitch coçou atrás de uma orelha, tentando imaginar que Morley teria mantido em segredo dele essa incrível novidade.

– Bem, não, Senhor. Ele nunca falou nada. Ele é o meu melhor amigo; eu lembraria se ele falasse uma coisa assim. Sinto muito, mas ele nunca falou.

Dalton Campbell passou um dedo na prata da bainha em seu quadril enquanto observava os olhos de Fitch.

– Falei para ele não mencionar isso para ninguém. – Levantou uma sobrancelha. – Esse tipo de lealdade ganha pontos. Não espero menos de você. Entendeu, Fitch?

Com certeza Fitch entendeu.

– Não falarei para ninguém. Assim como Morley. Entendi, Mestre Campbell.

Dalton Campbell assentiu enquanto sorria. – Bom. – Novamente ele pousou uma das mãos no cabo de sua espada magnífica. – Sabe, Fitch, quando um Haken tem a sua dívida paga, e ganha seu título de Senhor, aquele certificado assinado confere a ele permissão para carregar uma espada.

Os olhos de Fitch arregalaram. – É mesmo? Eu não sabia.

O alto Ander sorriu sinalizando uma despedida e com um floreio nobre virou e começou a descer o corredor.

– Então, de volta ao trabalho, Fitch. Fico feliz em conhecê-lo. Talvez conversemos novamente algum dia.

Antes que mais alguém o pegasse lá em cima, Fitch desceu os degraus rapidamente. Pensamentos confusos giravam em sua cabeça. Pensando outra vez em Beata, e no que tinha acontecido, ele só queria que o dia terminasse para que pudesse se recompor e ficar bêbado.

Sentia tristeza por Beata, mas foi o Ministro, o Ministro que ela admirava, o Ministro que algum dia seria Soberano, que Fitch tinha visto em cima dela. Além disso, ela bateu nele, uma coisa terrível para um Haken fazer, mesmo que fosse para outro Haken, embora ele não tivesse certeza se a proibição estendia-se para mulheres. Mas até mesmo se não, isso não faria com que ele se sentisse menos miserável. Por alguma razão inexplicável, agora ela o odiava.

Ele estava ansioso para ficar bêbado.

CAPÍTULO 16



– Fetch! Aqui, rapaz! Fetch!

Geralmente, quando Mestre Drummond o chamava por aquele nome, Fitch sabia que ficava com o rosto vermelho com essa humilhação, mas dessa vez estava com tanta angústia por causa do que tinha visto escada acima mais cedo que mal sentia qualquer vergonha por causa de uma coisa tão pequena. O Mestre Drummond falando com ele como se ele fosse lixo não poderia ser comparado com Beata odiando ele, e batendo nele.

Fazia umas duas horas, mas seu rosto ainda latejava no local onde ela atingiu, então ele tinha certeza daquilo: ela o odiava. Isso o deixava confuso e o perturbava, mas tinha certeza que ela o odiava. Para ele, parecia que ela deveria estar com raiva de alguém, qualquer um, menos dele.

Em primeiro lugar, com raiva de si mesma, talvez, por subir até lá. Mas ele imaginou que ela não poderia ter recusado falar com o Ministro se ele a chamava. Então Inger, o açougueiro, teria colocado ela para fora quando o Ministro falasse para ele que sua garota Haken recusou-se a subir para ouvir seu pedido especial. Não, ela não poderia ter feito isso.

Além disso, ela queria encontrar com o homem. Ela falou para ele que queria. Fitch sabia, porém, que ela jamais esperava que ele fizesse aquilo com ela. Talvez não fosse com o Ministro que ela estivesse tão perturbada. Fitch lembrou daquele homem, Stein, piscando para ele. Ela estava lá em cima bastante tempo.

Isso ainda não era motivo para que ela odiasse Fitch. Ou para bater nele.

Fitch parou repentinamente. Seus dedos estavam latejando por terem ficado tanto tempo mergulhados na água quente, esfregando e arranhando. O resto do corpo dele parecia cansado e dormente. Exceto, é claro, o seu rosto.

– Sim, Senhor?

Mestre Drummond abriu a boca para falar, mas então fechou-a e ao invés disso inclinou o corpo. Ele franziu a testa.

– O que aconteceu com o seu rosto?

– Um os montes de lenha escorregou e me atingiu quando eu pegava um punhado, Senhor.

Mestre Drummond balançou a cabeça enquanto esfregava as mãos em sua toalha branca.

– Idiota. – ele murmurou. – Somente um idiota – ele disse, em uma voz alta o bastante para que os outros pudessem escutar. – acertaria o seu próprio rosto com um punhado de madeira quando o carregava.

– Sim, Senhor.

Mestre Drummond estava prestes a falar quando Dalton Campbell, estudando um pedaço de papel bem usado coberto por confusas linhas escritas, deslizou ao lado de Fitch. Ele estava com toda uma pilha de papéis desarrumados, as bordas enroladas e amarrotadas projetavam-se para todos os lados. Ele seguiu a escrita com um dedo enquanto aninhava os papéis no seu outro braço.

– Drummond, eu vim para verificar alguns itens. – ele falou sem levantar os olhos.

Mestre Drummond terminou rapidamente de enxugar as mãos e então ficou com o corpo ereto.

– Sim, Senhor, Senhor Campbell. Qualquer coisa que eu puder fazer por você.

O assistente do Ministro levantou o papel para olhar uma segunda folha abaixo.

– Você providenciou que fossem colocadas as melhores bandejas e jarras na despensa?

– Sim, Senhor Campbell.

Dalton murmurou distraidamente para si mesmo algo sobre como elas deveriam ser trocadas depois que ele tivesse checado. Observou o papel e então virou uma terceira folha.

– Você precisará, abrir dois lugares adicionais na mesa principal. – Ele voltou para a segunda página.

A boca de Mestre Drummond torceu com agitação.

– Mais dois. Sim, Senhor Campbell. Se puder, no futuro, avisaria algo assim um pouco mais cedo?

O dedo de Dalton Campbell balançou no ar, mas seus olhos não deixaram seus papéis.

– Sim, sim. Ficarei feliz demais em fazê-lo. Se o Ministro me informar mais cedo, é claro. – Ele bateu com um dedo em um ponto em seus papéis e levantou os olhos. – Lady Chanboor reclama dos estômagos dos músicos roncando junto com a música deles. Por favor, providencie que eles recebam algo para comer antes, dessa vez? Especialmente a Harpista. Ela ficará mais perto de Lady Chanboor.

Mestre Drummond baixou a cabeça, concordando.

– Sim, Senhor Campbell. Cuidarei disso.

Fitch, tão lentamente quanto podia para não chamar atenção, deslizou recuando vários passos, mantendo a cabeça abaixada, tentando não parecer estar escutando o assistente do Ministro dar instruções ao mestre da cozinha. Gostaria de poder partir, ao invés de arriscar ser considerado um bisbilhoteiro, mas sabia que gritariam com ele se partisse sem ser mandado embora, então procurou tentar ser discreto mas ficar perto.

– E o vinho, deve ter mais variedade dessa vez. Algumas pessoas acharam a seleção da última vez insuficiente. Quente e frio, os dois, por favor.

Mestre Drummond apertou os lábios.

– Em cima da hora, Senhor Campbell. Se puder, no futuro...

– Sim, sim, se eu for informado, você também será. – Ele virou outra página. – Guloseimas. Elas devem ser servidas somente na mesa principal, até que eles estejam satisfeitos. Da última vez o Ministro ficou envergonhado em descobrir que elas acabaram e alguns convidados em sua mesa ficaram querendo mais. Deixe que as outras mesas fiquem pedindo, se por alguma razão você for incapaz de adquirir um suprimento adequado.

Fitch também lembrou daquele incidente, e ele sabia que dessa vez o Mestre Drummond havia ordenado que mais testículos de cervo fossem fritos. Fitch tinha roubado uma parte do banquete quando pegou a frigideira para lavar, embora tivesse que comer aquilo sem o doce e saboroso molho. Assim mesmo estava muito bom.

Enquanto Dalton Campbell checava seu papéis, ele fazia perguntas sobre diferentes tipos de sal, manteigas, e pães, e transmitia ao Mestre Drummond mais algumas correções para o jantar. Fitch, enquanto esperava, tentando não observar os dois homens, ao invés disso observava a mulher em uma mesa ali perto preparar o recheio de porcos, com carnes, queijos, ovos, e temperos, transformando-os em “porco s-espinho” ao cobri – los com “espinhos” de amêndoas.

Em outra mesa, duas mulheres estavam emplumando pavões assados com penas coloridas por açafraão e girassol. Até mesmo os bicos e garras estavam coloridos, de modo que as aves recém emplumadas pareciam criaturas espetaculares de ouro, como estátuas de ouro, só que com algo mais próximo da vida.

Dalton Campbell, finalmente parecendo ter acabado com sua lista de perguntas e instruções, abaixou os braços, com a mão segurando a outra mão com os papéis.

– Tem alguma coisa que você gostaria de relatar, Drummond?

O mestre da cozinha lambeu os lábios, parecendo não saber do que o assistente estava falando.

– Não, Senhor Campbell.

– E então, todos em sua cozinha estão fazendo seus trabalhos de maneira satisfatória? – O rosto dele não mostrava emoção.

Fitch viu olhos na sala virando cautelosamente para darem uma rápida espiada. Todo o trabalho ao redor pareceu ficar menos barulhento. Ele quase podia ver orelhas crescendo.

Para Fitch estava parecendo como se talvez Dalton Campbell estivesse indiretamente acusando Mestre Drummond de não estar gerenciando uma boa cozinha ao permitir que pessoas preguiçosas evitassem suas obrigações e então, falhando em puni-los. O mestre da cozinha pareceu suspeitar da mesma coisa.

– Bem, sim, Senhor, eles estão fazendo seus trabalhos de modo satisfatório. Eu os mantenho na linha, Senhor Campbell. Não aceitarei preguiçosos arruinando os trabalhos em minha cozinha. Eu não poderia; essa é uma casa importante demais para deixar que preguiçosos prejudiquem as coisas. Eu não permito, não Senhor, não permito.

Dalton Campbell assentiu mostrando prazer em ouvir isso.

– Muito bom, Drummond. Eu também não gostaria de ter preguiçosos na casa. – Ele observou a sala silenciosa de pessoas trabalhadoras. – Muito bem. Obrigado, Drummond. Voltarei para checar mais tarde, antes que seja hora de servir.

Mestre Drummond baixou a cabeça.

– Obrigado, Senhor Campbell.

O assistente do ministro virou e começou a se afastar, e quando o fez, avistou Fitch parado ali. Quando ele franziu a testa, Fitch

baixou a cabeça nos ombros mais ainda, desejando poder derreter entrando nas fendas do piso de madeira. Dalton Campbell olhou para trás, por cima do ombro, para o mestre da cozinha.

– Qual é o nome desse ajudante de cozinha?

– Fitch, Senhor Campbell.

– Fitch. Ah, entendi. E quanto tempo faz que ele trabalha na casa?

– Cerca de quatro anos, Senhor Campbell.

– Quatro anos. Tudo isso. – Ele virou para encarar o Mestre Drummond.

– E então, ele é um preguiçoso, que prejudica o trabalho de sua bela cozinha? Um que deveria ter sido colocado para fora da casa faz muito tempo, mas não foi por alguma razão misteriosa? Você não esteve negligenciando sua responsabilidade como mestre da cozinha, permitindo que um preguiçoso fique sob o teto do Ministro, não é mesmo? Você é realmente culpado de um desleixo assim?

Fitch ficou congelado de terror, imaginando se apanharia antes que o jogassem para fora, ou se eles simplesmente mostrariam a ele a porta e o mandariam embora sem mais do que um punhado de comida. O olhar de Mestre Drummond moveu-se de um lado para outro entre Fitch e o assistente.

– Bem, hum, não, Senhor. Não, Senhor Campbell. Eu garanto que Fitch tenha sua parte da carga. Eu não permitiria que ele fosse um preguiçoso debaixo do teto do Ministro. Não Senhor.

Dalton Campbell olhou para trás, espiando Fitch com uma expressão estranha. Olhou novamente para o mestre da cozinha.

– Bem, então, se ele faz o que você pede, e faz o trabalho dele, não vejo razão para humilhar o jovem chamando-o de Fetch, você vê? Não acha que isso reflete mal para você, Drummond, como mestre da cozinha?

– Bem, eu...

– Então, muito bem. Fico contente que você concorde. Não teremos mais esse tipo de coisa na casa.

Fosse discretamente ou com audaciosa intenção, quase todos os olhos na cozinha estavam sobre os dois homens. Esse fato não passou despercebido ao mestre da cozinha.

– Bem, agora, só um minuto, se você não se importar. Nenhum dano real era desejado, e o rapaz não se importa, você sabe, Fitch...

A postura de Dalton Campbell mudou de um jeito que interrompeu as palavras na boca do Mestre Drummond antes que elas pudessem sair completamente.

Os olhos escuros de Ander com aparência nobre do assistente assumiram um brilho ameaçador. De repente ele parecia maior, seus ombros mais largos, seus músculos mais evidentes sob o seu belo gibão azul escuro e colete acolchoado.

Seu tom distraído, casual, e às vezes contido, desapareceu repentinamente. Ele havia se transformado em uma ameaça de aparência tão mortal quanto a arma em seu quadril.

– Permita que eu coloque de outra maneira para você, Drummond. Não aceitaremos esse tipo de coisa sob esse teto. Espero que você atenda meus desejos. Se alguma vez eu escutar você humilhar qualquer um dos seus ajudantes chamando-os por nomes com intenção de degradá-los, Terei um novo mestre da cozinha e você será colocado para fora. Está claro?

– Sim, Senhor. Muito claro, obrigado, Senhor.

Campbell começou a se afastar, mas virou, toda a sua pessoa exibindo a imagem de ameaça.

– Mais uma coisa. O Ministro Chanboor me dá ordens, e eu as cumpro sem falhar. Esse é meu trabalho. Eu dou ordens a você, e você as cumpre sem falhar. Esse é o seu trabalho.

– Espero que o rapaz faça o trabalho dele ou será colocado para fora, mas se você colocá-lo para fora será melhor estar preparado para fornecer prova do porquê, e além disso, se tratá-lo com dureza

por causa de minhas ordens, então não colocarei você para fora, mas ao invés disso arrancarei suas tripas e farei com que seja assado naquele espeto bem ali. Agora, tudo isso está absolutamente claro, Senhor Drummond?

Fitch não sabia que os olhos do Mestre Drummond podiam ficar tão arregalados. Suor cobria toda sua testa. Ele engoliu em seco antes de falar.

– Sim, Senhor, absolutamente claro. Será como você diz. Tem a minha palavra.

Dalton Campbell pareceu encolher voltando ao seu tamanho normal, que não era tão menor assim. A expressão agradável retornou ao seu rosto, incluindo o sorriso educado.

– Obrigado, Drummond. Continue.

Nenhuma vez durante aquela conversa Dalton Campbell tinha olhado para Fitch, nem o fez quando virou e caminhou saindo da cozinha. Junto com o Mestre Drummond e metade das pessoas na cozinha, Fitch voltou a respirar.

Quando pensou outra vez sobre o que tinha acabado de acontecer, e percebeu, pela primeira vez, de verdade, que o Mestre Drummond não o chamaria mais de “Fetch”, ele foi tomado por incrível espanto. De repente passou a considerar bastante Dalton Campbell.

Tirando sua toalha branca de trás do cinto e enxugando a testa, Mestre Drummond notou as pessoas observando. – De volta ao trabalho, todos vocês. – Colocou de volta a toalha. – Fitch. – ele chamou com uma voz normal, do mesmo jeito que ele chamava as outras pessoas em sua cozinha.

Fitch deu dois passos rápidos adiante. – Sim, Senhor?

Ele gesticulou. – Precisamos de mais um pouco de carvalho. Não tanto quanto da última vez. Mais ou menos a metade daquela quantidade. Seja rápido, agora.

– Sim, Senhor.

Fitch correu até a porta, ansioso para pegar a madeira, sem ao menos se preocupar com as farpas que poderia obter.

Nunca mais ele seria humilhado por aquele nome odioso. As pessoas não achariam graça dele por causa disso. Tudo por causa de Dalton Campbell.

Naquele momento, Fitch teria carregado carvões em brasa nas suas mãos nuas se Dalton Campbell pedisse, e sorriria durante todo o caminho.

CAPÍTULO 17



Desabotoando o botão superior do gibão dele, Dalton Campbell, com sua outra mão, empurrou a alta porta de mogno para os seus aposentos até sentir o trinco fechar. Imediatamente, o bálsamo da quietude começou a tomar conta dele. Foi um longo dia, e estava longe do fim; ainda havia o banquete para cuidar.

– Teresa, – ele gritou pela sala de estar na direção do quarto. – sou eu.

Ele gostaria que eles pudessem ficar ali dentro. Ficar ali dentro e fazer amor. Seus nervos precisavam de distração. Mais tarde, talvez. Se os negócios não interferirem.

Ele soltou outro botão e abriu o colarinho enquanto bocejava. A fragrância de lilases encheu seus pulmões. Grossas cortinas de moiré azul nas janelas mais distantes estavam esticadas contra o céu que escurecia, deixando o quarto sob o suave perfume da luz da lamparina, velas perfumadas, e o brilho ondulante de uma pequena chama na lareira, ardendo mais pela alegria que ela trazia, do que pela necessidade de calor.

Ele notou que o tapete violeta escuro com suas bordas cor de trigo parecia ter sido escovado recentemente. As cadeiras douradas estavam posicionadas para exibirem os assentos e o encosto de couro marrom amarelados enquanto elas faziam pose ao lado de mesas elegantes enfeitadas com exuberantes punhados de flores frescas. As almofadas e travesseiros felpudos sobre as poltronas bem

arrumadas, a precisão deliberada pretendia misturar uma intimidade casual com a luxúria.

Dalton esperava que sua esposa coordenasse os empregados e garantisse que os aposentos fossem mantidos apresentáveis tanto para negócios quanto para entretenimento, que eram, embora fossem considerados distintos, a mesma coisa. Teresa sabia que com um banquete naquela noite, havia uma chance muito maior de que ele convidasse alguém até os aposentos deles, alguém importante. Poderia ser qualquer um desde um dignitário até um discreto par de olhos e ouvidos.

Todos eles eram importantes, da sua própria maneira, todos faziam parte da teia na qual ele trabalhava, escutando, observando, atento a qualquer pequena tensão. Banquetes lotados eram confusão concentrada, viva com a bebedeira, conversas, agitação, e emoção. Eles geralmente forneciam oportunidades para forjar alianças, reforçar lealdades, ou impingir fidelidades, para manter sua teia.

Teresa enfiou a cabeça pelo portal, sorrindo alegremente ao vê-lo.

– Aqui está o meu querido.

Independente do cansaço que o envolvia quando ele fechou a porta, isolando os problemas do dia do lado de fora mesmo que por enquanto, ele sorriu para os olhos escuros cintilantes dela.

– Tess, minha querida. O seu cabelo parece magnífico.

Um pente dourado decorava a frente da parte de cima do cabelo dela. A fartura de cachos escuros suspensos estavam amarrados com várias fitas douradas enfeitadas com lantejoulas que aumentavam o comprimento do cabelo dela, quase formando um colar. Afastando-se quando ela curvava para frente, as faixas cintilantes revelavam seu gracioso pescoço de forma provocante.

Com seus vinte e cinco anos, era mais jovem do que ele por quase dez anos. Dalton a considerava uma criatura encantadora além de comparação, um bônus que aumentava seus atrativos

somado com sua grande ambição. Ele mal podia acreditar que cerca de seis meses atrás ela finalmente havia se tornado sua esposa. Outros estavam na disputa, alguns de maior posição, mas nenhum com mais ambição.

Dalton Campbell não era um homem que aceitava negação. Qualquer um que o tratasse de forma descuidada chegaria a um dia de avaliação, quando aprendia a não subestimá-lo, ou arrependia-se desse erro.

Quase um ano atrás, quando pediu a ela que fosse sua esposa, ela zombou dele, perguntando, com aquele jeito suave brincalhão dela que geralmente escondia a determinação em acertar seus alvos, se ele realmente era um homem que pretendia chegar a algum lugar, da mesma maneira que ela certamente pretendia subir no mundo. Naquele momento, ele era um assistente do magistrado em Fairfield, não era um trabalho sem importância, mas apenas uma posição conveniente tanto quanto ele a considerava, um local para reunir seus recursos e cultivar conexões.

Ele não se deixou levar pelas zombarias dela, mas ao invés disso, garantiu a ela com toda sobriedade que era um homem em caminho ascendente, e que nenhum outro homem que ela conhecia, independente de sua posição atual, tinha qualquer chance de se aproximar do futuro nível de Dalton Campbell. Ela foi pega de surpresa pela declaração solene dele. Aquilo tirou o sorriso do seu rosto. Imediatamente, com a declaração de sua convicção, a verdade do objetivo dele, ela aceitou casar com ele.

Ela ficou feliz em conhecer a confiança das predições dele. Enquanto os planos para o casamento deles prosseguiram, ele foi premiado com uma nomeação melhor. Em seus primeiros meses de casamento, eles mudaram três vezes, sempre para aposentos melhores, e como resultado de posições avançadas.

O público que tinha motivo para saber a respeito dele, fosse por causa de sua reputação ou por causa de seus negócios com o

governo Anderith, valorizava sua apurada compreensão da lei Anderith. Dalton Campbell era amplamente reconhecido por sua visão brilhante nas complexidades da lei, da fortaleza rochosa sobre a qual ela foi construída, da intrincada estrutura da sabedoria dela e precedente, e do escopo de seus muros protetores.

Os homens para quem Dalton trabalhava apreciavam seu vasto conhecimento da lei, mas valorizavam mais ainda seu conhecimento das passagens arcanas da lei, enterradas, e aberturas obscuras dos cantos sombrios e armadilhas dela. Também valorizavam sua habilidade para rapidamente abandonar a lei quando a situação exigia uma solução diferente, uma que a lei não poderia fornecer. Em casos assim, ele era tão inventivo quanto, assim como eficiente.

Pareceu que, em um espaço de tempo menor do que o estalar dos dedos, Teresa adaptou-se facilmente com as circunstâncias melhoradas nas quais regularmente se encontrava, assumindo a nova tarefa de gerenciar os criados da casa com a desenvoltura de alguém que estivera fazendo isso por toda sua vida.

Apenas semanas antes, ele conquistou o alto posto de Ministro de Estado. Teresa ficou triunfante ao saber que eles receberiam um espaço luxurioso em um lugar tão prestigiado. Agora era uma mulher de posição entre mulheres de alto nível e privilégio.

Ela poderia ter ficado radiante, quase rasgando suas roupas para recebê-lo imediatamente quando ele contou para ela as novidades, mas que a verdade seja dita, ela não esperava menos do que isso.

Se havia uma pessoa que compartilhava a brutal ambição dele, essa era Teresa.

– Oh, Dalton, vai dizer para mim quais dignitários estarão no banquete? Não consigo aguentar o suspense nem mais um momento.

Ele bocejou novamente enquanto se espreguiçava. Sabia que ela também tinha suas próprias teias para cuidar.

- Dignitários entediantes.
- Mas o Ministro estará lá.
- Sim.

– Bem, tolinho, ele não é entediante. E eu conheci algumas das mulheres, das esposas, da Propriedade. Todas são pessoas importantes. Importantes como eu poderia ter esperado. Todos os maridos delas são importantes. – ela encostou a ponta da língua no lábio superior em um gesto manhoso, provocador. – Não tão importantes quanto meu marido.

– Tess, minha querida, – ele disse com um sorriso. – você conseguiria inspirar um homem morto a tornar-se importante.

Ela piscou e então desapareceu.

– Havia diversas mensagens para você que foram jogadas por baixo da porta. – ela gritou da outra sala. – Estão na escrivaninha.

A escrivaninha elegante no canto brilhava como uma gema escura. Feita de elmo polido, cada painel entalhado dividido em quatro partes estava delineado com faixas enfeitadas com figuras de diamantes alternadas e bordo tingido.

Cada diamante escuro tinha uma pitada de ouro. As pernas estavam envernizadas com brilho esplêndido, ao invés de douradas, como as pernas da maioria dos outros móveis na sala. No compartimento secreto atrás, uma gaveta superior, havia várias mensagens seladas. Ele quebrou os selos e checkou cada uma das mensagens, avaliando sua importância.

Algumas eram de interesse, mas nenhuma era urgente. Em sua maior parte elas transmitiam informações, pequenas vibrações de cada canto de sua teia.

Uma reportava um estranho e aparentemente acidental afogamento em uma fonte pública. Tinha acontecido cedo durante a tarde enquanto multidões cruzavam regularmente a Praça dos Mártires. Embora fosse na luz do dia e diante da vista de todos, ninguém notou até que fosse tarde demais. Tendo visto mensagens

similares sobre mortes recentes sem explicação, Dalton sabia que a implicação não declarada da mensagem era um aviso, que deveria ser algum tipo de vingança envolvendo magia, mas que fizeram parecer um infeliz acidente.

Uma mencionava apenas uma “moça perturbada” relatando que ela estava inquieta e que tinha escrito uma carta para um Diretor, pedindo um pouco do seu tempo para uma conversa particular no banquete, e pedindo a ele para manter sua carta confidencial. Dalton conhecia a mulher sobre quem a mensagem se referia, e, por causa disso, também sabia que foi para o Diretor Linscott que ela escreveu, a pessoa que escreveu a mensagem para ele sabia muito bem que não deveria escrever nomes.

Ele suspeitava da razão sobre a parte da inquietação. Era o desejo do encontro em particular que o preocupava. A mensagem dizia que a carta da mulher de algum modo estava perdida, e nunca foi entregue.

Dalton enfiou as mensagens de volta no compartimento para revisão posterior e recolocou a gaveta. Teria que fazer alguma coisa a respeito da mulher. O quê, ele ainda não sabia.

Agir de forma exagerada às vezes podia causar tanto problema quanto não fazer nada. Poderia ser que ele precisasse apenas fornecer uma orelha para a mulher, deixar que ela transmitisse sua mensagem, como talvez ela desejasse fazer com o Diretor Linscott. Dalton poderia facilmente ouvir a reclamação dela. Alguém, em algum lugar de sua intrincada teia de contatos, forneceria a ele a pequena informação que ele precisava para tomar a decisão certa, e se não, conversar com a mulher de uma maneira confortadora poderia suavizar as coisas o bastante para dar a ele a direção que precisava.

Dalton tinha conquistado sua nova posição fazia pouco tempo, mas não havia desperdiçado nem um pouco dele até envolver-se em quase todos os aspectos da vida na Propriedade. Tornou-se um

colega útil para muitos, um confidente para outros, e um escudo para alguns. Cada método, de sua própria maneira, conquistava lealdade para ele. Juntamente com as pessoas dotadas que conheceu, sua teia sempre crescente de conexões virtualmente zunia como uma harpa.

Porém, desde o primeiro dia, o principal objetivo de Dalton tinha sido tornar-se indispensável ao Ministro. Durante a sua segunda semana no trabalho, um “pesquisador” havia sido enviado até as bibliotecas da propriedade por um dos Diretores do Escritório de Relações Culturais. O Ministro Chanboor não ficou feliz. Que a verdade seja dita, ele explodiu em fúria, o que não era uma resposta incomum de Bertrand Chanboor quando recebia notícias preocupantes, até mesmo ameaçadoras.

Dois dias depois que o pesquisador chegou, Dalton conseguiu informar ao Ministro Chanboor que o homem acabou sendo preso, bêbado na cama de uma prostituta em Fairfield. Nada daquilo era um crime que tivesse qualquer importância, é claro, muito embora tivesse parecido ruim o bastante para alguns dos Diretores, mas descobriu-se que o homem tinha um livro extremamente raro e valioso no bolso de seu casaco.

Um livro extremamente raro e valioso escrito por nenhum outro senão o próprio Joseph Ander. O texto antigo, valioso além de qualquer preço, havia sido considerado desaparecido da propriedade do Ministro da Cultura logo depois que o pesquisador foi beber.

De acordo com as instruções de Dalton, o Escritório do Diretor foi informado imediatamente do desaparecimento do livro, horas antes que o acusado fosse apreendido. Com o relatório, Dalton tinha enviado sua garantia pessoal aos Diretores de que não descansaria até que o malfeitor fosse encontrado, e que ele pretendia iniciar uma investigação pública imediata para descobrir se tal crime cultural era

o precursor de uma conspiração de traidores. O silêncio surpreso do Escritório dos Diretores foi estrondoso.

O magistrado em Fairfield, aquele para o qual Dalton uma vez trabalhara, era um admirador do Ministro da Cultura, servindo como servia aos prazeres do Ministro, e é claro não considerou de forma branda o roubo da Biblioteca da Cultura Anderith. Ele reconheceu o roubo por aquilo que era: rebelião. O pesquisador que foi pego com o livro foi rapidamente executado por crimes culturais contra o povo Anderith.

Longe de sufocar o escândalo, isso fez o ar ficar carregado com horríveis rumores de uma confissão, tomada antes que o homem fosse morto, uma confissão, assim diziam, que implicava outras pessoas. O Diretor que tinha enviado o homem até a propriedade para fazer “pesquisa”, ao invés de ser associado com um crime cultural, como uma questão de honra e para acabar com as especulações e insinuações, tinha pedido demissão. Dalton, como o representante oficial do Ministro cuidando de todo o caso, depois de relutantemente aceitar a demissão do Diretor, emitiu um enunciado desacreditando os rumores de uma confissão, e concluiu todo o assunto oficialmente.

Um velho amigo de Dalton tinha sido bastante afortunado para ganhar a nomeação ao assento repentinamente vago pelo qual esteve trabalhando quase toda sua vida. Dalton foi o primeiro a apertar a mão dele, a mão de um novo Diretor. O homem mais agradecido e feliz que Dalton já tinha visto. Dalton ficou contente com aquilo, em ver pessoas que mereciam, pessoas que ele amava e nas quais confiava, felizes.

Após o incidente, Bertrand Chanboor decidiu que suas responsabilidades requeriam um relacionamento de trabalho mais próximo com seu assistente, e designou Dalton como chefe da equipe de trabalho, assim como assistente do Ministro, dando a ele autoridade sobre toda a casa. Agora Dalton reportava-se apenas ao

Ministro. A posição também concedeu a eles seus aposentos, os melhores na propriedade além daqueles do próprio Ministro.

Dalton achou que Teresa ficou muito mais feliz com isso do que ele, se isso fosse possível. Ela estava apaixonada pelas acomodações que vieram junto com a autoridade elevada. Estava encantada pelas pessoas de posição nobre das quais agora ela fazia parte. Estava intoxicada por encontrar pessoas importantes e poderosas que vinham até a propriedade.

Aqueles convidados, assim como as pessoas da Propriedade, tratavam Teresa com deferência devido sua alta posição, a despeito do fato de que a maioria deles eram nobres de nascimento e ela, como Dalton, foi bem nascida mas não era da nobreza. Dalton sempre achou que questões de nascimento eram insignificantes, e menos importantes do que algumas pessoas consideravam, assim que entendessem como auspiciosas alianças podiam ser consideravelmente mais significativas para uma vida providencial.

Do outro lado da sala, Teresa limpou a garganta. Quando Dalton virou desviando sua atenção da mesa, ela levantou o nariz e com nobre graciosidade entrou na sala de estar para exhibir-se em seu novo vestido.

Os olhos dele ficaram arregalados. Exibir-se era exatamente o que ela estava fazendo.

O tecido cintilava como em um sonho na luz das lamparinas, velas, e da pequena fogueira. Enfeites dourados em forma de folhas serpenteavam sobre um fundo escuro. Costuras e bordas na cor de ouro, chamavam atenção para sua cintura fina e curvas voluptuosas. O tecido sedoso da saia, como trigo novo envolvendo cada nuance das colinas baixas, denunciavam suas pernas curvilíneas logo abaixo.

Mas foi o decote que o deixou sem voz. Descendo das pontas dos seus ombros, ele mergulhava de forma escandalosa. A visão dos

seios sensuais dela tão expostos teve um efeito profundo nele, tão estimulante quanto inquietante.

Teresa deu um giro, mostrando o vestido, o corte profundo atrás, o modo como ele cintilava na luz. Com largos passos Dalton cruzou a sala para segurá-la em seus braços quando ela girou pela segunda vez. Ela riu quando encontrou-se envolta no abraço dele. Ele curvou-se para beijá-la, mas ela afastou o seu rosto.

– Cuidado. Passei horas pintando meu rosto. Não estrague tudo, Dalton.

Ela gemeu indefesa contra a boca dele quando ele a beijou de qualquer modo. Ela pareceu satisfeita com o efeito que estava causando nele. Ele estava satisfeito com o efeito que ela estava causando.

Teresa afastou-se. Levantou o braço e mexeu nas fitas douradas presas no cabelo.

– Querido, ele já parece um pouco maior? – ela perguntou como se estivesse implorando. – É um verdadeiro sofrimento esperar ele crescer.

Com sua nova posição e novos aposentos de assistente, ele estava subindo no mundo, tornando-se um homem de poder. Com aquela nova autoridade vieram os privilégios do cargo: sua esposa tinha permissão de usar cabelo longo para refletir seu status.

Outras esposas na casa usavam o cabelo quase até os ombros; sua esposa não seria diferente, a não ser que talvez o cabelo dela ficasse um pouco maior do que os de todas, exceto algumas outras mulheres na casa, ou em toda a terra de Anderith, para dizer a verdade, em toda Midlands. Ela estava casada com um homem importante.

O pensamento fluiu através dele com uma excitação gelada, como fazia de vez em quando realmente se dava conta do quanto havia subido, e o que ele tinha alcançado.

Dalton Campbell pretendia que esse fosse apenas o começo. Pretendia ir mais longe ainda. Tinha planos. E ele tinha o ouvido de um homem com um prazer em fazer planos.

Entre outras coisas. Mas, não importava; Dalton podia cuidar de assuntos pequenos assim. O Ministro simplesmente estava aproveitando os privilégios de sua posição.

– Tess, querida, seu cabelo está crescendo maravilhosamente. Se alguma mulher levantar o nariz para você por ele não estar maior ainda, apenas lembre o nome dela, pois no final o seu cabelo ficará maior do que qualquer um dos cabelos delas. Quando ele finalmente crescer, então você poderá fazer uma visita para aquele nome para ter sua recompensa.

Teresa pulou nas pontas dos pés quando jogou os braços em volta do pescoço dele. Ela riu com grande alegria.

Entrelaçando os dedos atrás das costas dele, olhou para ele com uma expressão provocante. – Você gosta do meu vestido?

Para deixar bem claro, ela pressionou o corpo contra ele enquanto olhava dentro de seus olhos, observando deliberadamente enquanto o olhar dele descia.

Como resposta, ele curvou-se, e com um rápido movimento enfiou a mão por baixo da saia dela, deslizando pela parte interna de sua perna, subindo até a carne nua acima de suas meias. Ela arfou, com falsa surpresa quando a mão dele alcançou o objetivo.

Dalton beijou-a enquanto a tocava. Não estava mais pensando em levá-la para o banquete. Queria levá-la para cama. Quando ele a conduzia em direção ao quarto, ela escapuliu das garras dele.

– Dalton! Não estrague minha roupa, querido. Todos verão os vincos no meu vestido.

– Acho que ninguém estará olhando para os vincos no vestido. Acho que estarão olhando para aquilo que está saltando dele.

– Teresa, não quero que você use uma coisa assim em lugar algum a não ser para receber sem marido na porta quando ele

retornar para você.

Ela bateu alegremente no ombro dele.

– Dalton, pare.

– Estou falando sério. – Olhou para o decote dela outra vez. – Teresa, esse vestido está... ele mostra demais.

Ela se afastou. – Oh, Dalton, pare. Está sendo tolo. Todas as mulheres estão usando vestidos assim hoje em dia.

Ela virou para ele, com a expressão de flerte novamente em seu rosto. – Não está com ciúme, está? Que outros homens admirem sua esposa?

Ela era a única coisa que ele queria mais do que o poder. Diferente de tudo mais em sua vida, não estava disposto a fazer concessões naquilo que referia-se a Teresa. Os espíritos sabiam que havia homens o suficiente em toda a Propriedade que eram admirados, até mesmo invejados, porque obtiveram a cortesia da influência, do mesmo jeito que suas esposas tornavam-se disponíveis para o Ministro Chanboor. Dalton Campbell não era um deles. Usou seu talento e inteligência para chegar onde estava, não o corpo de sua mulher. Isso também dava a ele uma vantagem sobre os outros.

Seu autocontrole estava evaporando rapidamente, deixando seu tom menos do que indulgente. – E como eles saberão que é minha esposa? Seus olhos jamais enxergarão o seu rosto.

– Dalton, pare. Está sendo insuportavelmente chato. Todas as outras mulheres usarão vestidos parecidos com esse. É a moda. Você está sempre tão ocupado com seu novo trabalho que não sabe nada sobre o costume comum. Eu sei.

– Acredite ou não, esse vestido é conservador comparado ao que outras estarão usando. Eu não usaria um vestido tão revelador quando os delas, eu sei como você fica, mas também não quero parecer deslocada. Ninguém pensará outra coisa, a não ser que talvez a esposa do braço direito do Ministro é uma mulher vaidosa.

Ninguém pensaria que ela era “vaidosa”. Pensariam que ela estava declarando estar disponível para um convite.

– Teresa, você pode usar outro. Aquele vermelho com o pescoço em V. Ele ainda permite ver... ver o bastante do seu decote. O vermelho não é nada recatado.

Ela mostrou as costas para ele, cruzando os braços e fazendo um bico, zangada.

– Suponho que ficará feliz que eu use um vestido caseiro, e aguento cada uma das outras mulheres sussurrando atrás das minhas costas que eu me visto como a esposa de um assistente menor de um magistrado. O vestido vermelho era o que eu usava quando você era um ninguém. Pensei que você ficaria feliz ao me ver no meu novo vestido, em ver como sua esposa pode se encaixar na moda das mulheres importantes aqui.

– Mas agora eu nunca me encaixarei aqui. Serei a esposa sem graça do assistente do Ministro. Ninguém ao menos vai querer falar comigo. Nunca terei amigos.

Dalton inspirou profundamente, e foi soltando o ar lentamente. Observou quando ela encostou um dedo no nariz.

– Tess, é isso mesmo que as outras mulheres usarão no banquete?

Ela virou, olhando para ele, radiante. Ocorreu a ele que aquilo não era tão diferente do modo como a garota Haken, lá embaixo na cozinha, tinha ficado radiante quando ele a convidou para encontrar com o Ministro da Cultura.

– É claro que é como aqueles que as outras mulheres estão usando. Exceto que eu não sou tão ousada quanto elas, então o meu mostra menos. Oh, Dalton, você verá. Ficaré orgulhoso de mim. Quero ser uma esposa adequada para o assistente do Ministro. Quero que você fique orgulhoso. Estou orgulhosa de você. Só você, Dalton.

– Uma esposa é crucial para um homem tão importante quanto você. Eu protejo sua posição quando você não está aqui. Não sabe como as mulheres podem ser invejosas, ambiciosas, ardilosas, traiçoeiras, enganadoras. Um comentário horrível para seus maridos, e logo isso estará em todas as línguas. Eu garanto que se houver um comentário horrível, ele morra rapidamente, que ninguém ouse repeti-lo.

Ele assentiu; sabia muito bem que mulheres levavam informações e fofocas para seus maridos.

– Imagino que sim.

– Você sempre disse que éramos parceiros. Sabe como eu o protejo. Sabe como eu trabalho duro para garantir que você se encaixe em cada novo lugar para onde vamos. Sabe que eu nunca faria nada para colocar em risco aquilo pelo qual você trabalhou tanto para obter para nós. Sempre falou como me levaria para os melhores lugares, e eu seria aceita como uma igual por qualquer mulher.

– Você fez como prometeu, meu marido. Sempre soube que você faria; foi por isso que aceitei casar com você. Embora eu sempre tenha amado você, jamais casaria com você se não tivesse acreditado em seu futuro. Temos somente um ao outro, Dalton.

– Eu dei algum passo errado quando fomos para um lugar novo?

– Não, Tess, você nunca deu.

– Você acha que de modo imprudente eu o faria agora, em um lugar tão importante quanto esse? Quando você está tão perto da grandeza?

Teresa era a única para quem ele confiava suas ambições audaciosas, seus planos mais ousados. Ela sabia o que ele pretendia, e nunca zombou dele por causa disso. Acreditava nele.

– Não, Tess, você não colocaria tudo isso em risco. Sei que não faria isso.

– Ele passou uma das mãos pelo rosto enquanto suspirava. – Use o vestido, se considera adequado. Confiarei no seu julgamento.

Com a questão decidida, ela o empurrou em direção ao vestiário.

– Agora vamos lá, troque suas roupas. Prepare-se. Você será o homem mais bonito lá, eu sei. Se houver algum motivo para ter ciúmes, serei eu quem sentirá, pois todas as outras esposas ficarão verdes de inveja que eu tenha o prêmio da casa, e será você quem receberá os convites.

Ele virou e segurou-a pelos ombros, esperando até que ela olhasse em seus olhos.

– Fique longe de um homem chamado Stein, o convidado de honra de Bertrand. Mantenha seu... seu novo vestido longe da vista dele. Entendeu?

Ela assentiu.

– Como reconhecerei ele?

Ele soltou os ombros dela e endireitou o corpo. – Não será difícil. Ele usa uma capa com escalpos humanos.

Teresa arfou. – Não. – ela chegou mais perto. – Esse do qual você fala, veio de além das terras selvagens ao Sul? Do Mundo Antigo? Veio discutir nossa futura aliança?

– Sim. Fique longe dele.

Ela piscou novamente com aquela notícia assustadora.

– Que estimulante. Não fiquei sabendo de alguém aqui que já tenha encontrado com um forasteiro tão interessante. Ele deve ser muito importante.

– Ele é um homem importante, um homem com o qual discutiremos negócios, então eu gostaria de não ser obrigado a cortá-lo em pedacinhos por tentar forçá-la a ir para a cama dele. Isso desperdiçaria nosso precioso tempo, esperando que o Imperador envie outro representante do Mundo Antigo.

Isso não era nenhuma ameaça vazia, e ela sabia disso. Ele estudou com a espada tão intensamente quanto estudou a lei. Dalton podia decapitar uma pulga sobre um pêssigo sem tocar nele.

Teresa sorriu.

– Ele não precisa olhar em minha direção, e ele também não dormirá sozinho esta noite. Haverá mulheres brigando pela chance de ficar com um homem tão incomum. Escalpos humanos... – Ela balançou a cabeça com um pensamento tão incrível. – A mulher que for para a cama dele estará no topo da lista de todos os convites durante os meses seguintes.

– Talvez elas gostassem de convidar uma garota Haken para contar a elas o quanto isso foi excitante e grandioso. – Dalton disparou.

– Garota Haken? – Teresa grunhiu fazendo pouco caso de uma coisa tão esquisita. – Acho que não. Garotas Haken não entram na conta para aquelas mulheres.

Ela voltou mais uma vez para a parte importante das novidades dele.

– Então nenhuma decisão foi tomada ainda? Ainda não sabemos se Anderith ficará com Midlands, ou se romperemos e nos uniremos ao Imperador do Mundo Antigo?

– Não, ainda não sabemos como será. Os Diretores estão divididos. Stein acabou de chegar para expor seus argumentos.

Ela se esticou na ponta dos pés para dar um beijinho nele.

– Ficarei longe do homem. Enquanto você ajuda a decidir o destino de Anderith, eu cobrirei sua retaguarda, como sempre, e mantereirei meus ouvidos abertos.

Deu um passo na direção do quarto, mas virou outra vez para ele. – Se o homem veio falar sobre o lado dele no assunto... – Súbita percepção tomou conta dos olhos escuros dela. – Dalton, o Soberano estará aqui esta noite, não é mesmo? O Soberano em pessoa estará no banquete.

Dalton segurou o queixo dela nas pontas dos dedos.

– Uma esposa esperta é o melhor aliado que um homem pode ter.

Sorrindo, deixou que ela o agarrasse com os pequenos dedos e o puxasse, levando-o para dentro do vestiário.

– Só vi o homem de longe. Oh, Dalton, você é maravilhoso, trazendo sua esposa até um lugar onde eu partirei o pão com o Soberano em pessoa.

– Apenas lembre daquilo que eu falei e fique longe de Stein, a não ser que eu esteja com você. Para dizer a verdade, o mesmo se aplica a Bertrand, embora eu duvide que ele ouse me deixar zangado. Se você estiver bem, apresentarei você ao Soberano.

Ela ficou sem palavras durante um momento.

– Quando formos para cama esta noite, você vai descobrir o quanto eu consigo ficar bem. Que os espíritos me protejam, – ela completou em um sussurro. – quero conseguir esperar tanto tempo. O Soberano.

– Oh, Dalton, você é maravilhoso.

* * *

Enquanto ela sentava na frente de um espelho em sua penteadeira, verificando seu rosto para ver que danos ele havia causado com seus beijos, Dalton abriu o alto guarda-roupa.

– Então, Tess, que fofoca você escutou?

Ele espiou dentro do guarda-roupa, olhando suas camisas, procurando por aquela com o colarinho que ele mais gostava. Uma vez que o vestido dela tinha uma cor dourada, ele mudou seus planos e decidiu usar seu casaco vermelho. Era melhor, de qualquer modo, se desejava transmitir uma aparência de confiança.

Enquanto Teresa inclinava na direção do espelho, tocando levemente suas bochechas com uma pequena esponja que tinha

esfregado em um recipiente prateado com pó cor de rosa, ela falou sobre fofocas da casa. Nada daquilo soou importante para Dalton. Os pensamentos dele vagaram até as verdadeiras preocupações com as quais tinha que lidar, até os Diretores que ainda precisava convencer, e como tratar Bertrand Chanboor.

O Ministro era um homem perspicaz, um homem que Dalton entendia. O Ministro compartilhava da ambição de Dalton, mesmo que em um sentido mais amplo, mais público. Bertrand Chanboor era um homem que queria tudo, até uma garota Haken, que estava de olho no assento do Soberano. Se Dalton pudesse ajudar, e ele podia, Bertrand Chanboor conseguiria o que Bertrand Chanboor queria.

E Dalton teria o poder e autoridade que desejava. Ele não precisava ser Soberano. Ministro da Cultura serviria.

O Ministro da Cultura era o verdadeiro poder na terra de Anderith, criando a maior parte das leis e nomeando magistrados para garantir que elas fossem aplicadas. A influência e autoridade do Ministro da Cultura tocavam todos os negócios, cada pessoa nas terras. Ele tinha influência sobre o comércio, artes, instituições, e crenças. Ele fiscalizava o exército e todos os projetos públicos. Ele também era a personificação da religião. O Soberano era todo cerimônia e pompa, joias e roupas bonitas, festas e reuniões.

Não, Dalton “assumiria” como Ministro da Cultura. Com um Soberano que dançava na teia que Dalton controlava.

– Mandei polirem suas botas. – Teresa disse. Apontou para o outro lado do guarda-roupa. Ele abaixou para pegá-las.

– Dalton, quais as novidades de Aydindril? Você disse que Stein vai declarar os argumentos do Mundo Antigo, e da Ordem Imperial. E quanto a Aydindril? O que Midlands tem a dizer?

Se havia algo que podia arruinar as ambições e os planos de Dalton, eram os eventos em Aydindril.

– Os embaixadores que retornaram de Aydindril reportaram que a Madre Confessora não apenas entregou seu lote, e Midlands, para Lorde Rahl, o novo líder do Império D’Hara, mas que ela casaria com o homem. Nesse momento, ela já deveria estar casada com ele.

– Casada! A Madre Confessora, casada. – Teresa voltou sua atenção para o espelho. – Isso deve ter sido um grande evento. Posso imaginar que um casamento assim faria qualquer coisa em Anderith ser uma vergonha. – Teresa fez uma pausa no espelho. – Mas o poder de uma Confessora toma um homem quando ela casa com ele. Esse Lorde Rahl não será nada além de uma marionete da Madre Confessora.

Dalton balançou a cabeça.

– Aparentemente, ele tem o Dom, e não está sujeito a ser destruído pelo poder dela. Ela é muito esperta, casar com um Lorde Rahl de D’Hara que possui o Dom; isso mostra esperteza, convicção, e um hábil planejamento estratégico. Unir Midlands com D’Hara criou um império que deve ser temido, um império que deve ser considerado. Será uma decisão difícil.

Os embaixadores tinham reportado que Lorde Rahl é um homem de aparente integridade, um homem de grande convicção, um homem comprometido com a paz e a liberdade para aqueles que se juntarem a ele.

Ele também era um homem que exigia a rendição deles para o crescente Império D’Hara, e a exigia imediatamente.

Homens como esse tendiam a não serem razoáveis. Um homem como esse não poderia representar o fim dos problemas.

Dalton pegou uma camisa e levantou-a para mostrar a Teresa. Ela assentiu, aprovando. Despiu-se até a cintura e enfiou os braços dentro da camisa limpa, saboreando o aroma fresco.

– Stein traz a oferta do Imperador Jagang de um lugar para nós em sua nova ordem mundial. Ouviremos o que ele tem a dizer.

Se Stein era um sinal, a Ordem Imperial entendia as nuances do poder. Diferente de todos os sinais de Aydindril, eles estavam dispostos a negociar vários pontos importantes para Dalton e para o Ministro.

– E os Diretores? O que eles tem a dizer sobre o nosso futuro?

Dalton grunhiu mostrando seu desgosto.

– Os Diretores estão comprometidos com os costumes antigos, com a chamada “liberdade do povo de Midlands”, com seu número reduzindo o tempo todo. Os Diretores insistem que fiquemos com o resto de Midlands, que nos juntemos a Lorde Rahl, estão se tornando vozes isoladas. As pessoas estão cansadas de escutar as noções ultrapassadas e morais sem inspiração deles.

Teresa baixou o pincel. A preocupação franziu sua testa.

– Teremos guerra, Dalton? De que lado ficaremos? Então seremos lançados no meio de uma guerra?

Dalton colocou a mão no ombro dela.

– A guerra será uma luta longa e sangrenta. Não tenho interesse algum de ser arrastado para dentro disso, ou que nosso povo seja. Farei o que for necessário para proteger Anderith.

Muita coisa dependia de que lado estava a mão superior. Não havia sentido juntar-se ao lado perdedor.

– Se for preciso, podemos liberar a *Dominie Dirtch*. Nenhum exército, nem o de Lorde Rahl, nem o do Imperador Jagang, pode fazer frente a tal arma. Mas, seria melhor, antes do fato, juntar-se ao lado que oferecer os melhores termos e possibilidades.

Ela segurou a mão dele.

– Mas esse Lorde Rahl é um mago. Você disse que ele tem o Dom. Não há como dizer o que um mago pode fazer.

– Isso pode ser uma razão para juntar-se a ele. Mas a Ordem Imperial jurou eliminar a magia. Talvez eles tenham uma maneira de bloquear a habilidade dele.

– Mas se Lorde Rahl é um mago, poderia significar uma magia terrível, como a *Dominie Dirtch*. Ele pode liberar seu poder contra nós se falharmos em nos rendermos a ele.

Ele deu alguns tapinhas na mão dela antes de voltar a se vestir.

– Não se preocupe, Tess. Não deixarei Anderith virar cinzas. E como eu disse, a Ordem afirma que acabará com a magia. Se for verdade, então um mago não poderia representar qualquer ameaça para nós. Só teremos que ouvir o que Stein tem a dizer.

Ele não sabia como a Ordem Imperial poderia acabar com a magia. Afinal de contas, a magia esteve presente tanto tempo quanto o mundo. Talvez o que a Ordem realmente queria dizer era que pretendiam eliminar aqueles que possuem o Dom. Essa não seria uma ideia nova e para a mente de Dalton tinha chance de sucesso.

Haviam aqueles que já defendiam colocar todos os dotados na fogueira. Anderith tinha vários dos líderes mais radicais acorrentados, Serin Rajak estava entre eles. Carismático, fanático, e violento, Serin Rajak era incontrolável e perigoso. Se ele ao menos ainda estivesse vivo; eles o acorrentaram fazia meses.

Rajak acreditava que “feiticeiras”, como ele chamava aquelas que tinham magia, eram malignas. Tinha um grande número de seguidores que incitaram multidões furiosas e destruidoras antes que ele fosse preso.

Homens como esse eram perigosos. Porém, Dalton tinha falado contra sua execução. Homens como aquele também podiam ser úteis.

– Oh, e você não vai acreditar nessa... – Teresa estava dizendo. Tinha voltado a falar sobre a fofoca que ouviu. Enquanto ele pensava em Serin Rajak, escutou apenas parcialmente. – Essa mulher, aquela que mencionei, aquela que acha ser melhor do que as outras, Claudine Winthrop, bem, ela falou que o Ministro tomou-a a força.

Dalton ainda estava escutando apenas parcialmente. Sabia que a fofoca era verdade. Claudine Winthrop era a “moça perturbada” na

mensagem dentro do compartimento secreto em sua escrivaninha, aquela para quem ele precisava encontrar um pagamento. Também era aquela que tinha enviado a carta para o Diretor Linscott, a carta que nunca chegou.

Claudine Winthrop pairava ao redor do Ministro sempre que tinha chance, flertando com ele, sorrindo, piscando. O que ela achava que aconteceria? Recebeu o que deveria saber que receberia. Agora ela reclama?

– E então, ela está com tanta raiva de ter sido tratada de uma maneira rude assim pelo Ministro, que após o jantar ela pretende anunciar para Lady Chanboor e todos os convidados que o Ministro a tomou forçadamente da maneira mais rude.

As orelhas de Dalton levantaram.

– Isso é estupro, ela falou, e um estupro é o que ela pretende informar para a esposa do Ministro. – Teresa virou no assento para balançar um pequeno pincel de pintura dos olhos feito de pelo de esquilo na direção dele. – E para os Diretores de Relações Culturais, se houver algum lá. E Dalton, se o Soberano estiver lá, isso pode ser uma briga muito feia. O Soberano pode levantar uma das mãos, pedindo silêncio, para que ela possa falar.

Agora Dalton estava prestando toda atenção. Os doze Diretores estariam no banquete. Agora ele sabia o que Claudine Winthrop pretendia.

– Ela disse isso, disse mesmo? Ouviu ela falar?

Teresa colocou uma das mãos no quadril. – Sim. Não parece incrível? Ela deveria saber como o Ministro Chanboor é, como ele deita com a metade das mulheres na propriedade. E como ela planeja causar problemas? Eu diria que isso deveria criar uma bela sensação. Estou falando, Dalton, ela está planejando alguma coisa.

Quando Teresa começou a tagarelar sobre outro assunto, ele a interrompeu e perguntou.

– O que as outras mulheres tinham a dizer sobre ela? Sobre os planos de Claudine?

Teresa baixou o pincel de pelo de esquilo.

– Bem, todas nós achamos isso terrível. Quer dizer, o Ministro da Cultura é um homem importante. Ora, ele poderia ser o Soberano algum dia, o Soberano não é mais um jovem. O Ministro poderia ser convocado para assumir o assento de Soberano a qualquer momento. Essa é uma responsabilidade terrível.

Ela olhou de volta para o espelho enquanto trabalhava com uma pinça. Virou mais uma vez e balançou a pinça na direção dele.

– O Ministro fica terrivelmente sobrecarregado pelo trabalho, e tem o direito de buscar uma inofensiva diversão de vez em quando. As mulheres concordam. Isso não é da conta de ninguém. Trata-se das vidas particulares delas, não tem nada a ver com assuntos públicos. E não é como se a pequena vagabunda não tivesse pedido por isso.

Dalton não podia discutir a maior parte daquilo. Durante sua vida, ele não conseguia entender como uma mulher, fosse uma nobre ou uma garota Haken, poderia flertar com um homem e então ficar surpresa quando ele levantava, por assim dizer, para pegar a isca.

É claro, a garota Haken, Beata, não tinha idade suficiente, ou experiência suficiente, para entender realmente esses jogos de adultos. E ela também não tinha previsto Stein na barganha, ele imaginava. Dalton sentiu um pouco de tristeza pela garota, mesmo se ela fosse uma Haken. Não, ela não tinha visto Stein espreitando quando sorriu para o Ministro.

Mas as outras mulheres, as mulheres da casa, e mulheres maduras que vinham da cidade até a Propriedade para banquetes e festas, elas sabiam do que o Ministro era capaz, e não tinham desculpa para reclamar depois do fato.

Dalton soube que algumas só ficaram descontentes quando não conseguiram alguma recompensa não especificada, mas significativa. Algum pagamento. Era quando isso se tornava problema de Dalton. Ele encontrava uma forma de pagamento para elas, e fazia o melhor que podia para convencê-las que adorariam aceitar. A maioria delas, sabiamente, aceitavam essa generosidade, isso era tudo que muitas queriam desde o início.

Ele não duvidava que as mulheres da Propriedade estivessem agitadas porque Claudine estava planejando causar problemas. Muitas daquelas esposas estiveram com o Ministro, seduzidas pelo intoxicante ar de poder em volta do homem. Dalton tinha razão para suspeitar que muitas que não estiveram na cama do Ministro queriam acabar ali. Bertrand simplesmente ainda não tinha chegado até elas, ou não tinha desejado. De forma parecida com o seu antecessor; ele costumava indicar homens para os cargos na Propriedade somente depois que visitava as esposas deles também. Dalton já teve que dispensar um homem perfeito candidato a regente porque Bertrand achou que a esposa dele era magra demais.

Não era apenas a quantidade de mulheres ansiosas para ficarem debaixo do homem que era infinita, mas ele também era faminto por isso. Mesmo assim, ele tinha certos padrões. Como muitos homens quando ficavam mais velhos, ele adorava as jovens.

Ele era capaz de ceder ao seu desejo por jovens voluptuosas sem necessitar, como a maioria dos homens passando dos cinquenta, procurar prostitutas na cidade. De fato, Bertrand Chanboor evitava tais mulheres com se elas fossem uma praga, com medo das doenças virulentas delas.

Outros homens de sua idade que não podiam ter mulheres jovens de outra maneira, e não conseguiam resistir, não tinham chance de envelhecer muito mais. Nem as jovens. As doenças rapidamente colhiam muitas delas.

Bertrand Chanboor, entretanto, tinha para sua escolha um suprimento constante de mulheres jovens saudáveis com limitada experiência, e padrões. Elas voavam, por sua própria vontade, para dentro daquela chama de vela da alta posição e autoridade quase sem limites.

Dalton passou o lado do dedo suavemente pela bochecha de Teresa. Tinha sorte de ter uma mulher que compartilhava de sua ambição mas que, diferente de muitas outras, tinha consciência sobre como lidar com isso.

– Eu te amo, Tess.

Surpresa pelo repentino gesto de carinho dele, ela segurou a mão dele com as duas mãos e deu beijos nela toda.

Ele não sabia o que poderia ter feito em sua vida para merecê-la. Não havia nada nele que indicaria que algum dia teria uma mulher tão boa como Teresa. Ela era a única coisa em sua vida que ele não tinha conquistado pela força de sua vontade, derrubando qualquer oposição, eliminando qualquer ameaça ao seu objetivo. Por ela, ele simplesmente ficou perdidamente apaixonado.

Porque os bons espíritos escolheram ignorar o resto de sua vida e premiá-lo com esse presente, ele não conseguia imaginar, mas aceitou isso e continuaria com ela.

Os negócios intrometeram-se em suas divagações enquanto ele olhava fixamente nos olhos adoráveis dela.

Claudine exigiria atenção. Ela precisava ser silenciada, e antes que pudesse causar problemas. Dalton listou favores que poderia ter que oferecer a ela em troca de cuidar do assunto em silêncio. Ninguém, nem mesmo Lady Chanboor, dava muita atenção aos flertes do Ministro, mas uma acusação de estupro feita por uma mulher de posição seria preocupante.

Haviam Diretores que aderiam aos ideais de retidão. Os Diretores do Escritório das Relações Culturais tinham peso sobre quem seria o Soberano. Alguns queriam que o próximo Soberano

fosse um homem de moral e bom caráter. Eles poderiam negar o assento para alguém iniciado como Chanboor.

Depois que Bertrand Chanboor fosse nomeado Soberano, não importaria o que eles pensavam, mas certamente importava antes disso.

Claudine deveria ser silenciada.

– Dalton, aonde você vai?

Ele virou na porta.

– Só tenho que escrever uma mensagem e enviá-la. Não vai demorar muito.

CAPÍTULO 18



Nora espreguiçou soltando um grunhido, pensando que já deveria estar claro. Seus pensamentos vagavam confusos no torpor entre o sono e o despertar. Não queria nada mais além de continuar dormindo. A palha debaixo dela estava amontoada do jeito ideal. Ela sempre ficava amontoada do jeito certo em montes perfeitos, confortáveis, bem na hora em que deveria levantar e sair da cama.

Ela esperava que o seu marido desse um tapa em seu traseiro a qualquer momento. Julian sempre acordava pouco antes da primeira luz. As tarefas deveriam ser feitas. Talvez se ela ficasse imóvel, ele a deixasse quieta pelo menos mais alguns momentos, deixasse ela dormir mais alguns minutos.

Odiava ele naquele momento, por sempre acordar pouco antes da primeira luz e dar um tapa no traseiro dela e dizer a ela para levantar e cuidar do trabalho do dia. O homem também tinha primeiro que assoviar, quando a cabeça dela ainda estava nublada de manhã, com o sono ainda tentando sair da cabeça dela lentamente.

Ela caiu de costas, levantando as sobrancelhas em um esforço para acordar forçando os seus olhos a abrirem. Julian não estava ao lado dela.

Uma sensação agitou suas entranhas, deixando-a totalmente acordada em um instante. Sentou na cama. Por alguma razão, algo sobre ele não estar ali causou nela uma sensação de pavor nauseante.

Já era de manhã? Pouco antes da luz do dia? Ainda seria alguma hora da noite? Sua mente tentou furiosamente recompor os sentidos.

Curvou-se, vendo o brilho das brasas que colocou na lareira antes de ir para a cama. Algumas no topo ainda brilhavam, e não estavam menores do que estavam quando as colocara. Naquela luz fraca, ela viu Bruce olhando para ela de sua cama.

– Mamãe? Qual é o problema? – a irmã mais velha dele, Bethany, perguntou.

– O que vocês dois estão fazendo acordados?

– Mamãe, acabamos de ir para cama. – Bruce choramingou.

Ela percebeu que era verdade. Estava tão cansada, tão cansada de tirar pedras do campo o dia todo, que tinha dormido antes de fechar os olhos. Eles voltaram para casa quando ficou escuro demais para trabalhar, tomaram sua sopa, e foram direto para a cama. Ela ainda podia sentir a carne de esquilo da sopa, e ela ainda estava arrotando rabanetes. Bruce tinha razão; eles acabaram de ir para cama.

Um tremor espalhou-se através dela. – Onde está o seu pai?

Bethany levantou uma das mãos para apontar.

– Foi até o banheiro, eu acho. Mamãe, qual é o problema?

– Mamãe? – Bruce gemeu.

– Calma, calma, não aconteceu nada. Deitem, os dois.

As duas crianças ficaram olhando para ela, de olhos arregalados. Ela não conseguia esconder a preocupação que sentia. As crianças viram aquilo em seu rosto, ela sabia que elas viram, mas não conseguia esconder não importava o quanto tentasse.

Ela não sabia o que estava errado, qual era o problema, mas sentia aquilo com certeza, rastejando em sua pele.

O Mal.

O Mal estava no ar, como fumaça do incêndio de uma floresta, irritando seu nariz, dificultando a respiração dela. O Mal. Em algum lugar, lá fora na noite, o Mal, espreitando.

Olhou novamente para a cama vazia ao lado dela. Ele foi até o banheiro. Julian estava no banheiro. Tinha de estar.

Nora lembrou dele indo até o banheiro logo depois que comeram, antes que fossem para cama. Isso não significava que ele não poderia ir de novo. Mas ele não falou que estava com algum problema.

A consternação cravou em suas entranhas, como o medo do próprio Guardião.

– Querido Criador, nos proteja. – ela sussurrou fazendo uma oração. – Nos proteja, esta casa de pessoas humildes. Mande o Mal embora. Por favor, queridos espíritos, tome conta de nós e nos mantenha em segurança.

Ela abriu os olhos terminando a oração. As crianças ainda estavam olhando para ela. Bethany devia sentir isso também. Ela nunca deixava nada passar sem perguntar o porque. Nora brincava chamando-a de “criança porquê”. Brace apenas tremia.

Nora jogou o cobertor de lã para o lado. Isso assustou as galinhas em um canto, fazendo elas baterem as asas e soltarem um cacarejo de surpresa.

– Vocês, crianças, voltem a dormir.

Eles deitaram novamente, mas observaram enquanto ela colocava rapidamente um vestido frouxo por cima da camisola. Tremendo sem saber porque, ela ajoelhou sobre os tijolos diante da lareira e colocou toras de vidoeiro nas brasas. Não estava tão frio, ela pensou que as brasas seriam suficientes durante essa noite, mas sentiu a repentina necessidade do conforto do fogo, da segurança de sua luz.

Do lado da lareira, ela pegou a única lamparina a óleo. Com um pedaço de casca de vidoeiro queimando, rapidamente acendeu o pavio da lamparina e então colocou de volta o vidro. As crianças ainda estavam observando.

Nora curvou e beijou a bochecha do pequeno Brace. Acariciou o cabelo de Bethany e beijou a testa de sua filha. Ela estava com o gosto da terra na qual estivera o dia todo tentando ajudar a carregar pedras do campo antes que eles arassem e plantassem. Ela só conseguia carregar pedras pequenas, mas isso ajudava.

– Voltem a dormir, meus bebês. – ela falou com uma voz suave.
– O papai só foi ao banheiro. Só estou levando para ele uma luz para que ele enxergue o caminho de volta. Vocês sabem como seu pai tropeça durante a noite e então pragueja por causa disso. Voltem a dormir, vocês dois. Tudo está bem. Só estou levando uma lamparina para o seu pai.

Nora enfiou os pés nus em suas botas frias, lamacentas, que estavam perto da porta. Não queria machucar os dedos e então ter que trabalhar com um pé machucado. Ela remexeu em um xale, colocando-o em volta dos ombros, fixando-o bem antes de amarrá-lo. Ela temia abrir a porta. Estava quase chorando sem querer abrir aquela porta.

O Mal estava lá fora. Ela sabia. Ela sentiu.

– Maldito seja, Julian. – ela resmungou entre os dentes. – Espero que você queime por me fazer sair durante a noite.

Ela imaginou, se encontrasse Julian sentado na privada, se ele praguejaria com ela por causa de seu costume tolo de mulher. Às vezes, ele praguejava por causa dos costumes dela. Dizia que ela se preocupava por nada, sem uma boa razão. Dizia que dessa preocupação nunca vinha nada então porque ela fazia isso? Ela não fazia isso para receber as pragas dele, essa certamente era a verdade.

Enquanto levantava o trinco, disse a si mesma que queria muito que ele estivesse lá fora na privada e que praguejasse com ela esta noite, e então colocasse o braço em volta dos ombros dela e falasse para enxugar as lágrimas e voltar para cama com ele. Ela acalmou as galinhas quando elas reclamaram enquanto abria a porta.

Não havia lua: O céu nublado estava tão escuro quanto a sombra do Guardiã. Nora arrastou os pés rapidamente pela terra do caminho até o banheiro. Com uma das mãos trêmulas, ela bateu na porta.

– Julian? Julian, você está aí dentro? Por favor, Julian, se estiver aí dentro, diga. Julian, estou pedindo, não brinque comigo, não esta noite.

O silêncio pulsava em seus ouvidos. Não havia insetos fazendo barulho. Nenhuma cigarra. Nenhum sapo. Nenhuma ave. Estava tudo mortalmente quieto, assim como o pequeno terreno sob o brilho da lamparina ao redor dela era tudo que havia do mundo, e além daquilo só existia o nada, como se, caso ela se afastasse da lamparina e desse um passo dentro da escuridão, ela pudesse cair através daquelas trevas até envelhecer e então continuar caindo. Sabia que isso era tolice, mas nesse momento a ideia parecia bastante real e causava bastante pavor.

A porta do banheiro chiou quando ela abriu. Não tinha mais esperança, quando fez isso, porque sabia que Julian não estava lá. Antes que ela saísse da cama, sabia que ele não estava no banheiro. Não tinha ideia como, mas sabia.

E tinha razão.

Às vezes tinha razão sobre sentimentos assim. Julian disse que ela era maluca em pensar que tinha algum tipo de poder da mente para saber das coisas, como a velha que viveu nas colinas e descia quando sabia de algo e achava que deveria contar para as pessoas a respeito daquilo.

Mas às vezes, Nora realmente sabia das coisas. Ela sabia que Julian não estava no banheiro.

Pior, sabia onde ele estava.

Não imagina como sabia, não mais do que imaginava como sabia que ele não estava no banheiro. Mas ela sabia, e esse conhecimento a deixava tremendo. Só olhou no banheiro porque

esperava estar errada, e porque não queria olhar onde sabia que ele estava.

Mas agora precisava ir lá dar uma olhada.

Nora levantou a lamparina, tentando enxergar mais adiante no caminho. Não conseguia ver muito longe. Virou enquanto vagava, olhando para a casa lá atrás. Podia perceber a janela, porque o fogo estava bom. As toras de vidoeiro estavam ardendo bem, e o fogo estava gerando bastante luz.

A sensação de terrível malevolência parecia estar sorrindo para ela de dentro da escuridão da noite entre ela e a casa. Apertando o xale, Nora levantou a lamparina na direção do caminho outra vez. Não gostava de deixar as crianças. Não quando tinha essas sensações.

Porém, alguma coisa estava fazendo com que ela seguisse adiante, pelo caminho.

– Por favor, queridos espíritos, permitam que eu seja uma tola, com costumes tolos de mulher. Por favor, queridos espíritos, permitam que Julian esteja seguro. Todos nós precisamos dele. Queridos espíritos, nós precisamos dele.

Ela estava fungando enquanto seguia seu caminho descendo a colina, fungando porque estava com tanto medo de descobrir. Sua mão que segurava a lamparina tremeu, fazendo a chama ondular.

Finalmente, ouviu o som do riacho, e ficou feliz com isso porque então a noite não estava mais tão quieta e assustadoramente vazia. Com o som da água, sentiu-se melhor, porque havia algo ali fora, algo familiar. Começou a sentir-se tola por achar que não havia mundo algum além da luz da lamparina, como se estivesse à beira do Submundo. Da mesma maneira também estava errada sobre o resto das coisas. Julian iria girar os olhos, daquele jeito dele, quando ela falasse que estava com medo porque pensou que o mundo além da luz da lamparina estivesse vazio.

Tentou assoviar, como seu Julian assoviava, para sentir-se melhor, mas os seus lábios estavam tão secos quanto uma torrada envelhecida. Gostaria de conseguir assoviar, pois assim Julian poderia escutá-la, mas nenhum som de assovio sairia. Só conseguiria gritar por ele, mas estava com medo de fazer isso. Com medo de não conseguir resposta. Preferia simplesmente dar de cara com ele ali, e então ouvir ele praguejar por causa da tolice dela chorando por nada.

Uma brisa suave agitava a água contra a margem do lago, então ela conseguia ouvir antes de vê-lo.

Esperava ver Julian sentado ali, sobre o seu pedaço de tronco, segurando uma linha, esperando pegar uma carpa para eles. Esperava ver ele levantar os olhos e praguejar porque ela assustou seu peixe.

O tronco estava vazio. A linha estava frouxa.

Nora, com seu braço tremendo, levantou a lamparina, para ver aquilo que veio ver. Lágrimas encheram seus olhos, então teve que piscar para enxergar melhor. Ela teve que fungar para recuperar o fôlego.

Levantou mais a lamparina enquanto caminhava dentro da água até que ela escorreu por cima das pontas de suas botas. Deu outro passo, até que a água molhasse a parte inferior de sua camisola, desviasse, e arrastasse o peso morto para frente e para trás com o movimento de seus passos e as ondas.

Quando a água estava na altura do seus joelhos, ela o viu.

Ele estava flutuando ali, com o rosto para baixo dentro da água, seus braços flácidos, suas pernas levemente afastadas. As pequenas ondas geradas pela brisa passavam por cima da cabeça dele, fazendo seu cabelo se mover como se fosse alguma vegetação do lago. Ele boiava suavemente dentro da água, como um peixe morto flutuando na superfície.

Nora estivera com medo de... encontrá-lo ali, desse jeito. Era exatamente como ela temeu, e por causa do quanto temia aquilo, não ficou ao menos chocada quando viu. Ela ficou parada ali, com água até os joelhos, Julian flutuando como uma carpa morta inchada a doze pés de distância no lago. A água era funda demais para aproximar-se para pegá-lo. Ali onde ele estava a água ficaria acima da cabeça dela.

Ela não sabia o que fazer. Julian sempre fez as coisas que ela não conseguia. Como ela conseguiria trazer o seu marido até a margem? Como ela viveria? Como alimentaria a si mesma e suas crianças sem Julian? Julian fazia as coisas difíceis. Ele sabia as coisas que ela não sabia. Ele os sustentava.

Sentiu-se dormente, morta, surpresa, como ficou quando tinha acabado de acordar. Isso não parecia ser possível.

Julian não podia estar morto. Ele era Julian. Não podia morrer. Não Julian.

Um som fez ela virar. Um impacto no ar. Um rugido, como o vento em uma noite de tempestade. Um gemido e um assovio ergueram-se dentro do ar noturno.

Da casa deles no alto da colina, Nora podia ver centelhas saindo pela chaminé. Centelhas voavam rodopiando, espiralando bem alto na escuridão. Aturdida, Nora ficou congelado de terror.

Um grito cortou a noite tranquila. O som horrível aumentou, como as centelhas, berrando dentro do ar noturno espalhando um horror que ela jamais tinha ouvido. Foi um grito tão brutal que ela imaginou que não poderia ser humano.

Mas sabia que era. Sabia que era o grito de Brace.

Com um gemido de seu próprio terror, repentinamente ela soltou a lamparina na água e correu até a casa. Seus gritos respondiam os dele, alimentavam-se dos gritos dele, despedaçando o silêncio junto com os dele.

Seus bebês estavam dentro da casa.

O Mal estava dentro da casa.

E ela os deixou junto com aquilo.

Gritou com terrível pavor por causa do que tinha feito, deixar seus bebês sozinhos. Gritou aos bons espíritos que ajudassem. Gritou por suas crianças. Ela sufocou com seu pânico enquanto tropeçava através dos arbustos no escuro.

Arbustos engatavam e rasgavam suas roupas. Galhos arranhavam seus braços enquanto ela corria loucamente. Um buraco no chão torceu o seu pé, mas ela seguiu em frente e continuou correndo na direção da casa, na direção de seus bebês.

Os gritos agudos de Brace continuavam sem fim, deixando o cabelo em sua nuca eriçado. Ela não escutou Bethany, apenas Brace, o pequeno Brace, gritando com toda força, como se os seus olhos estivessem sendo arrancados.

Nora tropeçou. Seu rosto bateu no chão. Levantou cambaleando. Sangue escorria de seu nariz. Uma dor incrível tomou conta dela. Ela engoliu sangue e terra enquanto tentava respirar, chorando, gritando, rezando, ofegando, e tremendo, tudo ao mesmo tempo. Com esforço desesperado, Nora correu até a casa, até os gritos.

Atravessou a porta correndo. Galinhas voaram ao redor dela. Brace estava com as costas grudadas na parede ao lado da porta. Ele estava dominado por um terror selvagem, fora de si, gritando como se o Guardiã tivesse agarrado seus pés.

Brace avistou-a, e fez um movimento para jogar os braços em volta dela, mas recuou de volta contra a parede quando viu o rosto ensanguentado dela, viu linhas de sangue pingando do queixo dela.

Ela segurou o ombro dele. – É a mamãe! Eu só caí e bati meu nariz, só isso!

Ele abraçou-a, seus braços envolvendo os quadris dela, seus dedos agarrando as roupas dela. Nora olhou ao redor, mas mesmo com a claridade da luz do fogo, não viu sua filha.

– Brace! Onde está Bethany?

O braço dele levantou, tremendo tanto que ela teve medo que fosse desmontar. Ela virou para olhar na direção que ele apontava.

Nora gritou. Levantou as mãos para cobrir o rosto, mas não conseguiu, seus dedos tremiam violentamente diante de sua boca enquanto ela gritava junto com Bruce.

Bethany estava em pé dentro da lareira, envolta pelas chamas.

O fogo rugia ao redor dela, girando em um turbilhão enquanto consumia o pequeno corpo dela. Os braços dela levantaram dentro do furioso calor branco, do jeito que você levanta seus braços por causa dos raios de sol da tarde de primavera depois de nadar.

De repente o fedor de carne queimada invadiu o nariz sangrento de Nora, sufocando-a até que ela tossiu com o cheiro e o gosto, e não conseguisse respirar. Parecia não conseguir afastar os olhos de Bethany, afastar os olhos de sua filha sendo queimada viva. Não parecia real. Não conseguia fazer sua mente entender isso.

Nora deu um passo na direção das chamas, para retirar sua filha do fogo. Alguma coisa dentro, algum resto de bom senso, disse a ela que era tarde demais. Disse a ela para fugir com Bruce antes que aquilo os pegasse também.

As pontas dos dedos de Bethany desapareceram. Seu rosto não era mais nada além de chamas amarelo alaranjadas. O fogo ardia com fúria louca, crescente e determinada. O calor sugava o ar dos pulmões de Nora.

Repentinamente, um grito penetrante saiu da garota, como se a sua própria alma finalmente estivesse em chamas. Isso fez os ossos de Nora doerem.

Bethany desabou. Chamas cresceram em volta da forma caída, espalhando-se ao redor das pedras, lambendo por cima da borda da lareira. Centelhas esparramaram-se na sala, saltando e rolando pelo chão. Muitas chiaram na bainha molhada do vestido de Nora.

Nora agarrou Bruce, segurando o pijama dele bem firme, e correu com ele da casa, enquanto o Mal consumia o que restava de sua filha.

CAPÍTULO 19



Fitch cruzou as pernas quando sentou na grama. Os tijolos frios causavam uma sensação boa contra sua costa suada. Respirou profundamente o cheiro doce da noite, os aromas de carne assando flutuando através de janelas abertas, e o suave odor da lenha de macieira empilhada. Já que trabalhariam até tarde limpando a bagunça depois do banquete, eles recebiam um tempo para descanso muito bem vindo.

Morley entregou a garrafa para ele. Levaria bastante tempo até que eles pudessem ficar bêbados, mas pelo menos podiam ter uma amostra. Fitch deu um longo gole. Instantaneamente, ele tossiu violentamente, antes de conseguir engolir, perdendo a maior parte da bebida em sua boca.

Morley riu.

– Eu disse que isso era forte.

Fitch esfregou a costa da manga pelo queixo molhado.

– Você tem razão. Onde conseguiu? Isso é coisa boa.

Fitch nunca bebeu nada tão forte que queimasse tanto ao descer. Pelo que ouviu dizer, se queimava, significava que era coisa boa. Disseram para ele que se tivesse uma chance, seria um tolo por derramar coisa boa. Ele tossiu novamente. O fundo do seu nariz, a sua garganta, ardiam bastante.

Morley inclinou chegando mais perto.

– Alguém importante ordenou que isso fosse enviado de volta. Disse que era uma “lavagem”. Estava tentando ser pomposo na

frente de todos. Pete, o copeiro, ele correu de volta com ela e a deixou. Quando pegou outra garrafa e saiu, peguei ela e enfiei debaixo da minha roupa antes que alguém notasse.

Fitch estava acostumado a beber o vinho que eles conseguiam recolher. Ele secava pequenos barris e garrafas quase vazias, coletando os resíduos e o que era deixado para trás. Nunca tinha colocado as mãos em alguma das bebidas raras.

Morley empurrou o fundo da garrafa, encostando-a nos lábios de Fitch. Fitch deu um gole mais cuidadoso, e engoliu sem cuspir de volta. Seu estômago estava parecendo um caldeirão fervendo. Morley assentiu. Fitch sorriu com orgulho.

Através de janelas abertas distantes, podia ouvir pessoas conversando e rindo no salão de reuniões, esperando o início do banquete. Fitch já podia sentir os efeitos da bebida. Mais tarde, depois que limpassem tudo, poderiam terminar de beber.

Fitch esfregou os braços arrepiados. A música escapando pelas janelas o deixava relaxado. A música sempre fazia aquilo, fazia ele sentir como se pudesse levantar e fazer alguma coisa. Não sabia o quê, mas alguma coisa. Alguma coisa poderosa.

Quando Morley levantou a mão Fitch entregou a garrafa. Ele observou o nó na garganta de Morley mover-se para cima e para baixo a cada gole. A música cheia de emoção, acelerava sua excitação. Sob os efeitos da bebida, aquilo causava calafrios.

A uma certa distância atrás de Morley, Fitch viu alguém alto aproximando-se pelo caminho na direção deles. A pessoa estava caminhando deliberadamente, não apenas fazendo um passeio, mas indo para algum lugar. Nas luzes amareladas das lamparinas que vinham de todas as janelas, Fitch viu o brilho da bainha prateada. Viu os traços e os movimentos nobres.

Era Dalton Campbell. Ele estava vindo direto até eles.

Fitch cutucou seu amigo com o cotovelo e então levantou. Equilibrou-se sobre os pés antes de alisar sua roupa. A frente dela

estava úmida com a bebida que ele cuspiu. Ele alisou o cabelo para trás rapidamente. Com o lado da bota, chutou Morley e fez sinal com um dedo para que ele levantasse.

Dalton Campbell caminhou ao redor da pilha de lenha, seguindo diretamente até eles. O alto Ander parecia saber muito bem para onde estava indo. Fitch e Morley, quando estavam só os dois pegando bebida e escapulindo, nunca diziam a ninguém para onde seguiam.

– Fitch. Morley. – Dalton Campbell chamou enquanto se aproximava.

– Boa noite, Mestre Campbell. – Fitch disse, levantando uma das mãos, fazendo uma saudação.

Fitch imaginou, que com a luz das janelas, não era tão difícil assim enxergar. Podia ver Morley muito bem, ver ele segurando a garrafa atrás das costas. O assistente do Ministro poderia ter visto os dois de uma janela quando estavam seguindo até a pilha de lenha.

– Boa noite, Mestre Campbell. – Morley falou.

Dalton Campbell observou-os, como se estivesse inspecionando soldados. Levantou a mão.

– Eu posso?

Morley encolheu-se quando tirou a garrafa de trás das costas e entregou-a.

– Nós estávamos... quer dizer...

Dalton Campbell tomou um bom gole.

– Ahh. – ele disse, quando entregou a garrafa de volta para Morley. – Vocês dois estão com sorte por terem uma garrafa de licor cheia e tão bom. – Cruzou as mãos atrás das costas. – Espero não estar interrompendo nada.

Os dois, Fitch e Morley, surpresos por verem Dalton Campbell tomando um gole da garrafa deles, e mais ainda por ele a ter devolvido, balançaram as cabeças vigorosamente.

– Não, Senhor, Mestre Campbell. – Morley disse.

– Então está bem. – Campbell falou. – Eu estava procurando por vocês dois. Estou com um probleminha.

Fitch aproximou-se, baixando a voz.

– Problema, Mestre Campbell? Tem alguma coisa que possamos fazer para ajudar?

Campbell observou os olhos de Fitch, e depois os de Morley.

– Bem, sim, para dizer a verdade, é por isso que eu estava procurando vocês. Vejam bem, eu pensei que vocês dois poderiam querer uma chance de provar seu valor, de começar a mostrar o potencial que eu espero... vocês possuem. Poderia tomar conta disso eu mesmo, mas pensei que vocês dois poderiam querer uma chance de fazerem algo que tenha valor.

Fitch sentiu como se os próprios bons espíritos tivessem perguntado se ele gostaria de ter uma chance para fazer o bem.

Morley colocou a garrafa no chão e endireitou o corpo como um soldado em posição de sentido.

– Sim, Senhor, Mestre Campbell, eu certamente gostaria de ter uma chance.

Fitch ficou ereto.

– Eu também, Mestre Campbell. Pode falar, e nós dois gostaríamos de uma chance para provar que somos homens prontos para assumir responsabilidade.

– Bom... muito bom. – ele falou enquanto os avaliava. Deixou o silêncio continuar durante um momento antes de falar novamente. – Isso é importante. Isso é muito importante. Pensei em levar para outra pessoa, alguém com mais experiência, mas decidi dar a vocês dois uma chance de mostrarem que posso confiar em vocês.

– Qualquer coisa, Mestre Campbell. – Fitch disse, e estava falando sério.

– Apenas diga.

Fitch tremeu com a excitação de ter a chance de provar seu valor para Dalton Campbell. A música parecia alimentar a sua necessidade

de fazer algo importante.

– O Soberano não está bem. – Campbell falou.

– Isso é terrível. – Morley disse.

– Sentimos muito. – Fitch completou.

– Sim, é uma pena, mas ele está velho. O Ministro Chanboor ainda está jovem e vigoroso. Sem dúvida ele será nomeado Soberano, e parece que não vai demorar muito. A maioria dos Diretores estão aqui para tratar de negócios conosco. Tratar de negócios sobre o Soberano. Fazendo investigações, para ser exato, enquanto possuem tempo livre para fazê-lo. Eles querem determinar certos fatos sobre o Ministro. Eles estão avaliando seu caráter para determinar que tipo de homem ele é. Para ver se ele é um homem que poderiam apoiar, quando a hora chegar.

Fitch deu uma rápida olhada e viu os olhos arregalados de Morley fixos em Dalton Campbell. Fitch mal podia acreditar que estava ouvindo notícias tão importantes de um homem tão importante como esse, afinal de contas, eles eram apenas Hakens. Esse era o assistente do Ministro, um Ander, um Ander importante, falando para eles a respeito de questões de mais alta importância.

– Graças ao Criador. – Fitch sussurrou. – Nosso Ministro finalmente está recebendo o reconhecimento que merece.

– Sim. – Campbell falou lentamente de um jeito estranho. – Bem, o caso é que existem pessoas que gostariam de impedir que o Ministro fosse nomeado Soberano. Essas pessoas planejam ferir o Ministro.

– Feri-lo? – Morley perguntou, claramente surpreso.

– Isso mesmo. Vocês dois lembram como aprenderam que o Soberano deve ser protegido, que qualquer coisa feita para proteger nosso Soberano é uma virtude?

– Sim, Senhor. – Morley disse.

– Sim, Senhor. – Fitch falou com um eco. – E uma vez que o Ministro será o Soberano, então ele deveria ser protegido do mesmo

jeito.

– Muito bom, Fitch.

Fitch ficou radiante de orgulho. Gostaria que a bebida não tornasse tão difícil focar seus olhos.

– Mestre Campbell, – Morley falou. – nós gostaríamos de ajudar. Gostaríamos de provar nosso valor a você. Estamos prontos.

– Sim, Senhor, com certeza estamos. – Fitch adicionou.

– Então, darei a chance para cada um de vocês. Se conseguirem fazer certo, e manter segredo sobre isso não importa o que aconteça, e isso significa levar isso para o túmulo, ficarei feliz porque minha fé em vocês foi bem colocada.

– Até os nossos túmulos. – Fitch disse. – Sim, Senhor, podemos fazer isso.

Fitch ouviu um estranho som metálico. Percebeu horrorizado que havia uma espada apontada debaixo do seu queixo.

– Mas se algum de vocês falhasse em merecer minha fé, eu ficaria muito desapontado, porque então o Ministro estaria em perigo. Vocês entenderam? Não aceitarei que pessoas em quem confio me desapontem. Que ponham em risco o futuro do Soberano. Vocês dois entenderam?

– Sim, Senhor! – Fitch quase gritou.

A ponta da espada disparou até a garganta de Morley, parando diante do volume proeminente.

– Sim, Senhor! – ele disse.

– Algum de vocês falou para alguém onde estariam esta noite tomando a sua bebida?

– Não, Senhor. – Morley e Fitch falaram juntos.

– Mesmo assim eu sabia onde encontrá-los. – O alto Ander levantou uma sobrancelha. – Lembrem disso, se algum dia pensarem colocar em suas cabeças que conseguiriam se esconder de mim. Se algum dia me causarem problemas, encontrarei vocês, não importa para onde vocês fujam.

– Mestre Campbell, – Fitch disse, depois que engoliu em seco. – diga o que podemos fazer para ajudar, e nós faremos. Pode confiar em nós. Não desapontaremos você, eu juro.

Morley estava balançando a cabeça, concordando.

– Está certo. Fitch está certo.

Dalton Campbell enfiou sua espada de volta dentro da bainha e sorriu.

– Já estou orgulhoso de vocês dois. Os dois avançarão aqui. Acabo de perceber que provarão que merecem a minha fé.

– Sim, Senhor, – Fitch falou. – pode contar com nós dois.

Dalton Campbell colocou uma das mãos no ombro de Fitch e a outra no de Morley.

– Então, está certo. Agora, escutem com atenção.

* * *

– Lá vem ela. – Morley sussurrou no ouvido de Fitch.

Fitch assentiu depois de olhar para onde seu amigo apontou. Morley moveu-se até a escuridão das portas de serviço abertas enquanto Fitch agachava atrás de alguns barris empilhados do lado do cais de carga. Fitch lembrou de ter visto mais cedo naquele dia Brownie parado com a carroça do açougueiro no meio do caminho. Fitch esfregou as palmas das mãos nas calças. Foi um dia de eventos importantes.

Eles conversaram sobre isso pelo caminho, e Morley estava sentindo a mesma coisa; não importava que essa ideia fizesse o coração de Fitch pulsar forte contra suas costelas, de modo algum ele deixaria que a fé de Dalton Campbell nele fosse prejudicada. Morley pensava o mesmo.

A música que vinha das janelas abertas através dos gramados, cordas, trombetas e uma harpa, estava enchendo sua cabeça de

convicção, enchendo seu peito com o orgulho de ser escolhido por Dalton Campbell.

O Ministro, o futuro Soberano, devia ser protegido.

Silenciosamente, com passos suaves, ela subiu os quatro degraus até a doca. Na luz fraca, olhou ao redor nas sombras profundas, esticando o pescoço para espiar. Fitch engoliu em seco ao ver como ela era bonita. Era mais velha, mas era bonita. Ele nunca olhou por tanto tempo para uma Ander quanto olhou para ela.

Morley procurou engrossar a voz para fazer parecer que era mais velho. – Claudine Winthrop?

Ela virou ansiosa na direção do amigo de Fitch, parado no portal escuro.

– Eu sou Claudine Winthrop. – ela sussurrou. – Então, você recebeu minha mensagem?

– Sim. – Morley disse.

– Graças ao Criador. Diretor Linscott, é importante que eu fale com você sobre o Ministro Chanboor. Ele finge sustentar a cultura Anderith, mas ele é o pior exemplo que poderíamos ter em seu cargo, ou qualquer outro. Antes que você considere o nome dele para futuro Soberano, deve escutar sobre a corrupção dele. O porco me tomou a força, me estuprou. Mas isso é apenas o começo. Fica pior. Pelo bem de nosso povo, você deve escutar minhas palavras.

Fitch observou como ela ficava com a suave luz amarela das janelas caindo sobre o rosto bonito. Dalton Campbell não falou que ela seria tão bonita. Era mais velha, é claro, e então não era alguém que ele normalmente considerava bonita. Ficou surpreso em perceber que estava achando alguém tão velha, ela parecia ter quase trinta, tão atraente. Deu um lento, silencioso suspiro, tentando reforçar sua determinação. Mas não conseguia evitar olhar o que ela vestia, ou mais corretamente, para onde ela não estava vestida.

Fitch lembrou das duas mulheres na escadaria conversando sobre vestidos como esse que Claudine Winthrop usava agora. Fitch

nunca tinha visto os seios de uma mulher tanto assim. O modo como eles se moviam quando ela apertava as mãos fazia ele ficar com os olhos arregalados.

– Não vai sair? – ela perguntou sussurrando na direção da escuridão onde Morley aguardava. – Por favor? Estou assustada.

De repente Fitch percebeu que deveria estar fazendo sua parte. Ele saiu de trás dos barris, dando passos cuidadosos para que ela não escutasse ele se aproximando.

Parecia que estava com um nó no estômago. Teve que limpar o suor dos olhos para enxergar. Tentou respirar tranquilamente, mas seu coração parecia ter vontade própria. Tinha que fazer isso. Mas, queridos espíritos, estava mais do que com medo.

– Diretor Linscott? – ela sussurrou na direção de Morley.

Fitch agarrou os cotovelos dela e dobrou os seus braços atrás das costas. Ela arfou. Ele estava surpreso como era fácil para ele manter os braços dela presos enquanto ela lutava com toda força. Ela estava confusa e assustada. Morley saiu rapidamente do escuro, assim que viu que Fitch a dominou.

Antes que ela conseguisse gritar, Morley bateu no estômago dela o mais forte que podia. O poderoso golpe quase derrubou ela e Fitch.

Claudine Winthrop dobrou o corpo, vômito espalhou-se por toda a doca. Fitch soltou os braços dela. Ela cruzou os braços sobre o estômago quando caiu de joelhos, tremendo violentamente. Ele e Morley recuaram quando aquilo espirrou na doca e no vestido dela, mas não ficaram a mais do que um braço de distância dela.

Depois de algumas convulsões, ela levantou o corpo, parecendo ter acabado, e tentou ficar em pé enquanto lutava para respirar. Morley levantou-a e girou-a. Com suas mãos fortes, segurou os braços dela atrás das costas.

Fitch sabia que essa era sua chance de provar seu valor. Essa era sua chance de proteger o Ministro. Essa era sua chance de deixar

Dalton Campbell orgulhoso.

Fitch socou o estômago dela o mais forte que ousava.

Nunca socou ninguém, a não ser os seus amigos, e apenas como diversão. Nunca desse jeito, não de verdade, não para ferir alguém deliberadamente. O estômago dela era pequeno, e macio. Podia ver o quanto seu punho a feriu.

Isso o deixou enjoado. Fez ele sentir vontade de vomitar também. Esse era o modo violento como seus ancestrais Haken se comportavam. Isso era o que havia de tão terrível neles. Que havia nele.

Os olhos dela estavam arregalados de terror enquanto tentava de novo e de novo respirar, mas parecia não conseguir. Lutou desesperadamente para recuperar o fôlego enquanto seus olhos ficavam fixos nele, como um porco observando o açougueiro. Como os ancestrais Ander dela costumavam observar os dele.

– Estamos aqui para entregar uma mensagem para você. – Fitch disse.

Eles concordaram que Fitch falaria. Morley não lembrava tão bem o que eles deveriam falar para Claudine Winthrop; Fitch sempre foi melhor em lembrar das coisas.

Ela finalmente conseguiu respirar. Fitch inclinou para frente e aplicou três golpes. Rápidos. Secos. Furiosos.

– Você está escutando? – ele rosnou.

– Seu bastardo Haken...

Fitch liberou toda sua força. O golpe machucou seu punho. Fez até Morley recuar um passo. Ela caiu para frente, pendurada nas mãos de Morley enquanto vomitava. Fitch queria bater no rosto dela, bater na boca, mas Dalton Campbell deu claras instruções para baterem apenas onde não ficaria visível.

– Se eu fosse você, não o chamaria assim outra vez. – Morley agarrou um punhado do cabelo dela e levantou-a brutalmente.

Fazer ela dobrar o corpo de forma tão forçada fez os seios dela saltarem sobre o decote do vestido. Fitch congelou. Ficou imaginando se deveria levantar a frente do vestido para ela. Ficou de boca aberta enquanto olhava para ela. Morley curvou-se sobre o ombro dela para dar uma olhada. Ele sorriu para Fitch.

Ela olhou para baixo vendo que estava com os seios para fora do vestido. Vendo aquilo, moveu a cabeça para trás e fechou os olhos com resignação.

– Por favor, – ela disse, arfando com a cabeça em direção ao céu.
– não me machuquem mais.

– Está pronta para escutar?

Ela assentiu. – Sim, Senhor.

Aquilo surpreendeu Fitch mais ainda do que ver os seios nus dela. Ninguém em toda sua vida o chamou de “Senhor”.

Aquelas duas palavras dóceis pareceram tão estranhas em seus ouvidos que ele simplesmente ficou ali parado olhando para ela. Durante um momento, imaginou se ela estava zombando dele. Quando ela olhou nos olhos dele, sua expressão disse que ela não estava.

A música estava preenchendo ele com sensações que nunca tinha sentido. Nunca foi importante, nunca foi chamado de “Senhor”. Naquela manhã ele foi chamado de “Fetch”. Agora, uma mulher Ander o chamou de “Senhor”. Tudo graças a Dalton Campbell.

Fitch socou o estômago dela novamente. Só porque sentiu que gostava daquilo.

– Por favor, Senhor! – ela gemeu. – Por favor, não bata mais! Diga o que você quer. Eu farei. Se quiser me possuir, eu me entrego, apenas não me machuque mais. Por favor, Senhor.

Embora o estômago de Fitch ainda estivesse pesado com o desgosto por aquilo que estava fazendo, também sentiu-se mais

importante do que jamais sentiu. Ela, uma mulher Ander com os seios expostos para ele desse jeito, e chamando ele de “Senhor”.

– Agora, escute bem o que vou dizer sua vagabunda suja.

Suas próprias palavras o surpreenderam assim como a surpreenderam. Fitch não tinha planejado. Elas simplesmente saíram.

Porém, gostou do som delas.

– Sim, Senhor. – ela gemeu. – Escutarei. Vou escutar. Tudo que você disser.

Ela parecia tão patética, tão indefesa. Não fazia uma hora, se uma mulher Ander, até mesmo essa Claudine Winthrop, mandasse ele ajoelhar e limpar o chão com sua língua, ele o teria feito e estaria tremendo ao mesmo tempo. Nunca imaginou o quanto isso seria fácil. Alguns socos, e ela estava implorando para fazer como ele mandasse. Nunca imaginou o quanto seria fácil ser importante, obrigar pessoas a fazerem o que ele mandava.

Fitch lembrou daquilo que Dalton Campbell falou para dizer.

– Você estava se exibindo diante do Ministro, não estava? Estava se oferecendo para ele, não estava? – com aquele tom, ele deixou bem claro que aquilo não era uma pergunta.

– Sim, Senhor.

– Se começar a pensar de novo em falar para alguém que o Ministro a estuprou, vai se arrepender. Falar uma mentira dessas é traição. Entendeu? Traição. A pena para a traição é a morte. Quando encontrarem seu corpo, ninguém será capaz de reconhecê-la. Entendeu, vagabunda? Encontrarão sua língua pregada em uma árvore.

– É uma mentira dizer que o Ministro a estuprou. Uma mentira suja traiçoeira. Diga uma mentira dessas outra vez, e sofrerá antes de morrer.

– Sim, Senhor. – ela fungou. – Nunca vou mentir de novo. Por favor, me perdoe? Nunca vou mentir de novo, eu juro.

– Você estava se exibindo para o Ministro, se oferecendo. Mas o Ministro é um homem bom demais para ter um caso com você, ou qualquer outra. Ele a recusou. Ele a recusou.

– Sim, Senhor.

– Nada impróprio aconteceu. Entendeu? O Ministro nunca fez nada impróprio com você, ou com outra.

– Sim, Senhor. – Ela choramingou com um longo gemido, sua cabeça pendurada.

Fitch tirou um lenço da manga dela. Esfregou ele nos olhos dela. Mesmo com a luz fraca ele podia perceber que a pintura no rosto dela, depois de vomitar e chorar, estava um desastre.

– Agora, pare de chorar. Está estragando o seu rosto. Será melhor voltar para o seu quarto e se arrumar antes de ir para o banquete.

Ela fungou, tentando conter as lágrimas.

– Não consigo voltar para o banquete agora. Meu vestido está estragado. Não posso voltar.

– Pode, e voltará. Arrume o seu rosto e coloque outro vestido. Você voltará. Haverá alguém observando, para ver se você voltará, para ver que recebeu a mensagem. Se cometer um deslize novamente, estará engolindo o aço da espada dele.

Os olhos dela arregalaram de medo.

– Quem...

– Isso não importa. Não tem importância nenhuma para você. A única coisa que importa é que você recebeu a mensagem e entendeu o que acontecerá se contar as suas mentiras sujas de novo.

Ela assentiu.

– Eu entendi.

– Senhor. – Fitch disse. A testa dela tremeu.

– Eu entendi, Senhor!

Ela pressionou as costas contra Morley.

– Eu entendi, Senhor. Sim, Senhor, entendi de verdade.

– Bom. – Fitch disse.

Ela olhou para si mesma. Seu lábio inferior tremeu. Lágrimas desceram pelas suas bochechas.

– Por favor, Senhor, posso arrumar meu vestido?

– Quando eu acabar de falar.

– Sim, Senhor.

– Você saiu para dar uma caminhada. Não falou com ninguém. Entendeu? Ninguém. De agora em diante, apenas mantenha sua boca fechada a respeito do Ministro, ou quando abrir da próxima vez, você encontrará uma espada descendo por sua garganta. Entendeu tudo?

– Sim, Senhor.

– Então, está certo. – Fitch fez um sinal. – Vá em frente e levante seu vestido.

Morley espiou por cima do ombro dela enquanto ela colocava os seios de volta no vestido. Fitch não achava que ela cobrir-se com o vestido, tão decotado como era, mostraria muito menos, mas certamente gostou de estar ali observando ela fazer aquilo. Ele nunca imaginou que veria uma coisa assim. Especialmente uma mulher Ander fazendo uma coisa assim.

Pelo modo como ela levantou o corpo, arfando, Morley devia ter feito alguma coisa atrás dela, por baixo do seu vestido. Fitch com certeza também queria fazer alguma coisa, mas lembrou de Dalton Campbell.

Fitch agarrou o braço de Claudine Winthrop e empurrou-a dois passos adiante.

– Agora siga seu caminho.

Ela lançou um rápido olhar para Morley, então olhou de volta para Fitch.

– Sim, Senhor. Obrigada. – Fez uma rápida reverência. – Obrigada, Senhor.

Sem dizer mais uma palavra, segurou a saia, desceu os degraus rapidamente, e correu pelo gramado dentro da noite.

– Porque mandou ela embora? – Morley perguntou. Ele colocou uma das mãos no quadril. – Poderíamos ter aproveitando algum tempo com ela. Ela teria que fazer qualquer coisa para nós. E depois de dar uma olhada em tudo que tinha ali, eu queria.

Fitch aproximou-se de seu amigo decepcionado.

– Porque o Mestre Campbell não disse que poderíamos fazer qualquer coisa assim, foi por isso. Nós ajudamos o Mestre Campbell, só isso. Nada mais.

Morley fez uma careta.

– Entendo. – olhou na direção do monte de lenha. – Ainda temos bastante para beber.

Fitch pensou na expressão de medo no rosto de Claudine Winthrop. Pensou nela chorando e gemendo. Sabia que mulheres Haken choravam, é claro, mas Fitch nunca tinha ao menos imaginado ver uma mulher Ander chorar. Não sabia porque, mas nunca imaginou.

O Ministro era Ander, então Fitch imaginou que ele realmente não poderia fazer algo errado. Ela devia ter pedido por isso com aquele vestido de decote baixo e o modo como agia perto dele. Fitch tinha visto o modo como várias mulheres agiam perto dele. Como se elas ficassem felizes se ele as tomasse.

Lembrou de Beata sentada no chão, chorando. Pensou na expressão miserável no rosto de Beata, lá em cima, quando o Ministro jogou-a para fora depois que acabou com ela. Fitch pensou na maneira como ela bateu nele.

Tudo aquilo era coisa demais para ele entender. Nesse momento Fitch não queria nada além de beber muito e mergulhar em um estupor.

– Tem razão. Vamos tomar uma bebida. Temos bastante coisa para comemorar. Esta noite, nos tornamos homens importantes.

Com um braço sobre o ombro um do outro, eles foram atrás da garrafa.

CAPÍTULO 20



– Ora, ora, mas isso não é incrível? – Teresa sussurrou.

Dalton seguiu o olhar dela para ver Claudine Winthrop, hesitante, abrir caminho entre a multidão de pessoas na sala cheia. Ela estava usando um vestido que ele tinha visto quando trabalhava na cidade, um vestido mais antigo com modelo modesto. Não era o vestido que ela estava usando mais cedo. Ele suspeitou que debaixo da máscara de pó rosado, o rosto dela estava pálido. Agora a desconfiança dominaria sua visão.

As pessoas da cidade de Fairfield, com os olhos cheios de admiração, observavam ao seu redor, tentando absorver tudo para que pudessem contar aos seus amigos cada detalhe de sua grande noite na propriedade do Ministro da Cultura. Era uma grande honra ser convidado na Propriedade, e eles não queriam perder detalhe algum. Quando você queria se gabar, detalhes eram importantes.

Trechos de complexa marchetaria estavam entre cada um dos raros tapetes ricamente coloridos colocados em intervalos regulares pela sala. Não havia como deixar de sentir o esplendor debaixo dos pés. Dalton imaginava que milhares de jardas do material mais fino deveriam ter sido usados nas cortinas penduradas diante da fila de altas janelas em cada lado da sala, todas construídas com adereços complexos segurando vidros coloridos. Aqui e ali uma mulher testava, entre os dedos, a qualidade dos tecidos. As bordas do tecido azul-celeste e dourado trigo estavam enfeitadas com franjas multicoloridas tão grandes quanto o punho dele. Homens ficavam

maravilhados com as colunas estriadas que erguiam-se sustentando a massiva viga mestra de pedra pelas paredes laterais na base do teto arqueado do salão de reuniões. Conjuntos de estruturas de mogno curvadas e painéis, que pareciam as pontas das aduelas finamente cortadas, cobriam o teto arqueado.

Dalton levantou sua taça de peltre até os lábios e tomou um gole do mais fino vinho do Vale Nareef enquanto observava. Durante a noite, com todas as velas e lamparinas acesas, o local possuía um brilho próprio. Foi preciso disciplina, quando ele chegou na primeira vez, para não ficar de boca aberta como faziam essas pessoas vindas da cidade.

Ele observou Claudine Winthrop mover-se entre os convidados bem vestidos, apertando uma mão aqui, tocando em um cotovelo ali, cumprimentando as pessoas, sorrindo desajeitadamente, respondendo perguntas com palavras que Dalton não conseguia ouvir. Tão angustiada quanto sabia que ela deveria estar, ela teve a sabedoria de comportar-se com propriedade. Esposa de um rico homem de negócios que tinha sido eleito Deputado por comerciantes e fornecedores de grãos para representá-los, ela era um membro importante da casa por direito próprio. Quando no início as pessoas viram que o marido dela era velho o bastante para ser avô dela, eles geralmente esperavam que ela não fosse mais do que um entretenimento para ele; estavam errados.

O marido dela, Edwin Winthrop, tinha começado como fazendeiro, cultivando sorgo, o doce cereal que crescia amplamente ao Sul de Anderith. Cada centavo que ganhou através da venda do melado de sorgo que ele prensava era gasto de modo frugal e sábio. Ele passa quase sem nada, deixando para mais tarde tudo desde um abrigo adequado e roupas, os simples confortos da vida, até uma esposa e família.

O dinheiro que ele economizou eventualmente comprou animais que alimentava com o sorgo que sobrava da prensa do

melado. A venda dos animais gordos comprou mais animais para engorda, e equipamentos para destilar, então ele conseguiu produzir o seu próprio rum, ao invés de vender seu melado para destilarias. Os lucros do rum que ele destilava do seu melado forneceu para ele o bastante para alugar mais terras e comprar gado, equipamentos e construções para produzir mais rum, e eventualmente armazéns e carroças para transportar as mercadorias que ele produzia.

O rum destilado pelas fazendas Winthrop era vendido desde Kenwold até Nicobarese, descendo o caminho todo pela estrada em Fairfield até Aydindril. Fazendo tudo ele mesmo, ou mais precisamente, possuindo seus próprios empregados que faziam tudo, desde cultivar o sorgo, prensar, destilar, entregar o rum, criar os animais, alimentar o gado com as sobras do sorgo prensado até abater o gado e entregar as carcaças para açougueiros, Edwin Winthrop mantinha seus custos baixos e gerou uma fortuna para si mesmo.

Edwin Winthrop era um homem frugal, honesto, e bem considerado. Somente depois que teve sucesso ele arrumou uma esposa. Claudine, a bem educada filha de um comerciante de grãos, estava em sua adolescência quando casou com Edwin, fazia cerca de uma década.

Habilidosa em cuidar das contas e registros do seu marido, Claudine observava cada centavo tão cuidadosamente quanto seu marido faria. Ela era sua valiosa mão direita, de forma parecida como Dalton servia ao Ministro. Com sua ajuda, o império particular dele havia duplicado. Mesmo no casamento, Edwin tinha escolhido cuidadosamente e sabiamente. Um homem que nunca pareceu buscar prazer pessoal talvez tivesse finalmente permitido isso para si mesmo; Claudine era tão atraente quanto era diligente.

Depois que os colegas mercadores de Edwin o elegeram Deputado, Claudine tornou-se útil para ele em questões legais, ajudando, por trás das cortinas, a escrever as leis que ele sugeria.

Dalton suspeitou que ela devia ter grande influência fazendo a proposta delas para seu marido. Quando ele não estava disponível, Claudine discretamente discutia sobre aquelas leis propostas em nome dele, ninguém na casa a considerava como “entretenimento”.

A não ser, talvez, Bertrand Chanboor. Mas ele enxergava todas as mulheres sob essa luz. Pelo menos, as atraentes.

No passo Dalton tinha visto Claudine ficar de rosto vermelho, piscando, e lançando seu sorriso tímido para Bertrand Chanboor. O Ministro acreditava que mulheres tímidas possuíam tendência para o flerte. Talvez ela tivesse flertado inocentemente com um homem importante, ou talvez desejasse atenção que seu marido não podia fornecer; afinal de contas, ela não tinha nenhuma criança. Talvez tivesse pensado em obter algum favor do Ministro, e depois descobriu que não conseguiria.

Claudine Winthrop não era tola; era inteligente e cheia de recursos. Como isso tinha começado, Dalton não tinha certeza, Bertrand Chanboor negava ter tocado nela, assim como negava tudo, e isso havia tornado-se irrelevante.

Com sua busca por encontros secretos com o Diretor Linscott, o assunto havia deixado de ser educada negociação ou favores.

Agora a força bruta era o único jeito de mantê-la sob controle.

Dalton fez um sinal com sua taça de vinho na direção de Claudine.

– Parece que você estava errada, Tess. Nem todas continuam com a moda de usar vestidos sugestivos. Ou talvez Claudine seja modesta.

– Não, deve ser alguma outra coisa. – Teresa parecia realmente confusa.

– Querido, acho que ela não estava usando aquele vestido mais cedo. Mas porque agora estaria usando algo diferente? E esse é um vestido antigo.

Dalton encolheu os ombros.

– Vamos descobrir, está bem? Você pergunta. Não acho que seria correto que isso partisse de mim.

Teresa olhou para ele desconfiada. Conhecia ele muito bem para saber por sua resposta sutil que um esquema estava em ação. Também sabia muito bem que deveria seguir a sugestão e assumir o papel que ele acabara de entregar. Sorriu e colocou uma das mãos no braço que ele oferecia. Claudine não era a única mulher inteligente e cheia de recursos na casa.

Claudine se encolheu quando Teresa tocou atrás do seu ombro. Exibiu um sorriso quando olhou rapidamente.

– Boa noite, Teresa. – ela fez uma leve reverência para Dalton. – Senhor Campbell.

Teresa, com a preocupação enrugando sua testa, inclinou na direção da mulher.

– Claudine, qual é o problema? Você não parece bem. E o seu vestido, ora, eu não lembro de você usando isso quando veio.

Claudine prendeu um tufo de cabelo sobre a orelha.

– Eu estou bem. Eu... só estava nervosa com todos os convidados. Às vezes multidões deixam meu estômago embrulhado. Fui dar uma caminhada para respirar um pouco de ar fresco. No escuro, acho que enfiei meu pé em um buraco, ou algo assim. Eu caí.

– Queridos espíritos. Você... gostaria de sentar? – Dalton perguntou quando segurou o cotovelo da mulher, como se tentasse mantê-la em pé. – Aqui, permita que eu a conduza até uma cadeira.

Ela firmou os pés.

– Não. Estou bem. Mas obrigada. Sujei meu vestido, e tive de trocar, só isso. É por isso que não estou com o mesmo. Mas eu estou bem.

Olhou para a espada dele quando ele se afastou. Ele viu que ela estivera olhando para várias espadas desde que voltou do salão de reuniões.

– Você está com aparência de que algo...

– Não. – ela insistiu. – Eu bati a cabeça, é por isso que estou parecendo tão chocada. Estou bem. Verdade. Isso apenas abalou minha confiança.

– Entendo. – Dalton falou de forma simpática. – Coisas como essa fazem a pessoa perceber o quanto a vida pode ser curta. Fazem você perceber como... – ele estalou os dedos. – você pode partir a qualquer momento.

O lábio dela tremeu. Teve que engolir antes de conseguir falar.

– Sim. Entendo o que você quer dizer. Mas agora eu me sinto muito melhor. Meu equilíbrio voltou.

– Voltou? Não tenho tanta certeza.

Teresa deu um empurrão nele.

– Dalton, não está vendo que a pobre mulher está abalada? – deu outro empurrão nele. – Vá cuidar de seus negócios enquanto eu cuido da pobre Claudine.

Dalton fez uma reverência e afastou-se para fornecer a Teresa alguma privacidade para descobrir o que deveria. Ele estava satisfeito com os dois rapazes Haken. Parecia como se eles tivessem colocado o medo do Guardião nela. Pelo modo instável que ela caminhava, eles obviamente entregaram a mensagem do jeito que ele queria que ela fosse entregue. A violência sempre ajudava as pessoas a entenderem instruções.

Estava feliz por ter julgado Fitch corretamente. Pelo modo como o rapaz olhava para a espada de Dalton, ele soube.

Os olhos de Claudine refletiam o medo quando ela olhava para sua espada; os olhos de Fitch mostravam prazer. O rapaz tinha ambição.

Morley também era útil, mas em maior parte pelos músculos. A cabeça dele também não era mais do que “músculos”. Fitch entendia melhor instruções e, tão ávido quanto estava, seria mais útil. Naquela idade eles não tinham ideia do quanto não conheciam.

Dalton apertou as mãos de um homem que aproximou-se rapidamente para cumprimentá-lo por sua nova posição. Ele tinha um rosto bondoso, mas não lembrava o nome do homem, ou realmente escutava os seus elogios efusivos; a atenção de Dalton estava em outro lugar.

O Diretor Linscott estava acabando de falar com um homem troncado a respeito de taxas sobre o trigo estocado nos armazéns do homem. Não era uma questão de pouca relevância, considerando os vastos estoques de grãos que Anderith mantinha. Educadamente, Dalton afastou-se do homem sem nome e aproximou-se de Linscott.

Quando o Diretor virou, Dalton sorriu calorosamente para ele e apertou sua mão antes que ele tivesse chance de retirá-la. Ele tinha um aperto de mão forte. Suas mãos ainda carregavam os calos de sua vida de trabalho.

– Fico feliz que você conseguiu vir para o banquete, Diretor Linscott. Espero que esteja aproveitando a noite, até agora. Ainda temos muitas coisas que o Ministro gostaria de discutir.

O Diretor Linscott, um alto homem magro com um rosto enrugado pelo sol causando constantemente a impressão de que estava atormentado por uma infinita dor de dente, não devolveu o sorriso. Os quatro Diretores mais velhos eram mestres de companhias. Um era da importante companhia de fabricação de roupas, um da companhia de fabricação de papel associada, outro um Mestre fabricante de armas, e Linscott. Linscott era um Mestre construtor. A maioria dos Diretores remanescentes eram respeitados agiotas ou mercadores, junto com um Procurador e vários advogados.

O sobretudo do Diretor Linscott tinha um corte fora de moda, mas apesar de tudo finamente conservado, e a cor marrom combinava bem com o fino cabelo grisalho do homem. Sua espada também era antiga, mas o excelente cobre no topo e na ponta da bainha de couro estava em ótima condição. O emblema prateado, o

compasso de um Construtor, destacava a silhueta dele contra o couro escuro. A lâmina da espada, indubitavelmente, também estaria bem conservada da mesma maneira que tudo no homem.

Linscott não tentava intimidar as pessoas deliberadamente, isso simplesmente parecia acontecer naturalmente, da mesma maneira como uma expressão irritada surgia naturalmente na testa de uma mãe com crianças travessas. Linscott considerava o povo Anderith, aqueles campos de trabalho, os que pescavam, ou empregados em um comércio através de uma Guilda, suas crianças travessas.

– Sim. – Linscott falou. – Ouvi rumores de que o Ministro tem grandes planos. Ouvi dizer que ele pensa em desconsiderar o forte conselho da Madre Confessora, e romper com Midlands.

Dalton afastou as mãos.

– Tenho certeza de que não me equivoco quando falo a você do meu conhecimento da situação de que o Ministro Chanboor pretende buscar os melhores termos para nosso povo. Nada mais, nada menos.

– Você, por exemplo. E se nos rendêssemos ao novo Lorde Rahl e nos juntássemos ao Império D’Hara? Esse Lorde Rahl decretou que todas as terras devem render-se sob a soberania dele, diferente de nossa aliança com Midlands. Isso significaria, eu suponho, que ele não precisaria mais de Diretores de Relações Culturais.

O rosto bronzeado de Linscott ficou avermelhado com o calor.

– Não se trata de mim, Campbell. Trata-se da liberdade do povo de Midlands. Do futuro deles. De não sermos engolidos e termos nossa terra brutalizada por um exército enlouquecido da Ordem Imperial disposto a conquistar Midlands.

– O Embaixador Anderith transmitiu a palavra de Lorde Rahl de que enquanto todas as terras devem render-se a ele e serem colocadas sob o seu governo e único comando, cada terra terá permissão de manter sua cultura, enquanto não quebrarmos leis comuns a todos. Ele prometeu que se aceitarmos o pedido dele

enquanto o convite ainda está aberto a todos, tomaremos parte na criação dessas leis comuns. A Madre Confessora deu sua palavra quanto a isso.

Dalton baixou a cabeça para o homem respeitosamente.

– Eu temo que você interprete mal a posição do Ministro Chanboor. Ele irá propor ao Soberano que sigamos o conselho da Madre Confessora, se ele acreditar que seja no melhor interesse de nosso povo. Afinal de contas, nossa cultura está em jogo. Ele não tem desejo algum de escolher lados prematuramente. A Ordem Imperial pode oferecer nossas melhores esperanças de paz. O Ministro quer apenas a paz.

A expressão raivosa sombria do Diretor pareceu esfriar o ar.

– Escravos tem paz.

Dalton fingiu uma aparência inocente.

– Não estou à altura do seu raciocínio veloz, Diretor.

– Você parece pronto para vender sua própria cultura, Campbell, pelas promessas vazias de uma horda invasora obcecada com a conquista. Pergunte a si mesmo, porque mais eles teriam vindo, sem convite? Como você pode tão facilmente proclamar que está considerando enfiar uma faca no coração de Midlands? Que tipo de homem é você, Campbell, depois de tudo que eles fizeram por nós, virar suas costas para os conselhos e os anseios de nossa Madre Confessora?

– Diretor, acho que você...

Linscott balançou o punho.

– Nossos ancestrais que lutaram tão futilmente contra a horda Haken sem dúvida estão se revirando em seu descanso eterno ao ouvirem você considerar com tanta facilidade barganhar o sacrifício deles e nossa herança.

Dalton fez uma pausa, deixando Linscott escutar suas próprias palavras preencherem o silêncio e ecoarem entre os dois. Foi por esta colheita que Dalton plantou as suas sementes de palavras.

– Sei que você é sincero, Diretor, em seu amor feroz por nosso povo, e no seu firme desejo de protegê-los. Sinto muito que você considere que o meu desejo pela mesma coisa não seja sincero. – Dalton fez uma educada reverência. – Espero que aproveite o resto da noite.

Aceitar tal insulto tão graciosamente era o pináculo da cortesia. Mais do que isso, revelava que aquele capaz de infligir tal insulto estava abaixo dos antigos ideais de honra Ander.

Diziam que somente Hakens eram tão cruelmente rebaixados perante Anders.

Com o mais alto respeito por aquele que o insultou, Dalton afastou-se como se tivesse sido mandado embora, como se tivesse sido expulso. Como se tivesse sido humilhado por um Haken superior.

O Diretor chamou o seu nome. Dalton parou e olhou para trás por cima do ombro.

Diretor Linscott contorceu a boca, como se estivesse preparando-a para testar uma cortesia raramente usada.

– Sabe, Dalton, eu lembro de você quando você estava com o Magistrado em Fairfield. Sempre acreditei que você era um homem de moral. Agora eu não penso diferente.

Dalton virou cautelosamente, apresentando-se, como se estivesse preparado para aceitar outro insulto caso o homem desejasse soltá-lo.

– Obrigado, Diretor Linscott. Vindo de um homem tão respeitado como você, isso é bastante gratificante.

Linscott fez um gesto de uma maneira casual, como se ainda estivesse vasculhando as teias em cantos escuros durante sua busca por palavras educadas.

– Então, eu fracasso em entender como um homem de moral poderia permitir que sua esposa desfilasse por aí mostrando seus mamilos assim.

Dalton sorriu; o tom, se não as próprias palavras, foram conciliatórias. De modo casual, quando deu um passo chegando mais perto, ele pegou uma taça cheia de vinho de uma bandeja que passava e ofereceu-a ao Diretor. Linscott pegou a taça com um movimento da cabeça.

Dalton colocou de lado seu tom oficial e falou como se fosse amigo de infância do homem. – Na verdade, eu não poderia deixar de concordar. De fato, minha esposa e eu tivemos uma discussão sobre isso antes que viéssemos esta noite. Ela insistiu que o vestido estava na moda. Eu bati o pé, como o homem do casal, e proibi incondicionalmente que ela usasse o vestido.

– Então porque ela está usando?

Dalton soltou um suspiro cansado.

– Porque eu não cometo traição.

Linscott inclinou a cabeça.

– Ainda que eu esteja feliz em ouvir que você não concorda com as aparentes novas atitudes morais onde indulgências estão envolvidas, o que isso tem a ver com o preço do trigo em Kelton?

Dalton tomou um gole de vinho. Linscott seguiu seu exemplo.

– Bem, já que não cometo traição, eu não teria nenhum papel na cama dela se eu vencesse todas as discussões.

Pela primeira vez, o rosto do Diretor mostrou um leve sorriso.

– Entendo o que você está querendo dizer.

– As mulheres mais jovens por aqui se vestem de uma maneira escandalosa. Fiquei chocado quando vim trabalhar aqui. Porém, minha esposa é mais jovem, e deseja se enquadrar no meio delas, para ter amigas. Ela teme ser evitada pelas outras mulheres da casa.

– Falei com o Ministro sobre isso, e ele concorda que as mulheres não deveriam ficar expostas desse jeito, mas nossa cultura fornece para as mulheres a prerrogativa sobre os seus próprios vestidos. O Ministro e eu acreditamos que, juntos, podemos pensar em um jeito de influenciar a moda para melhor.

Linscott assentiu, aprovando.

– Bem, eu também tenho uma esposa, e também não traio. Fico feliz em ouvir que você é um dos poucos hoje em dia que adere aos antigos ideais de que um juramento é sagrado, e o compromisso com sua parceira é sacrossanto. Bom homem.

A cultura Anderith girava bastante em torno da honra e da palavra dada em um juramento solene, sobre cumprir sua promessa. Mas Anderith estava mudando. Era uma questão de grande preocupação que muitos daqueles laços morais tivessem virado, durante as últimas décadas, alvo de escárnio de muitos. A perversão não era apenas aceita, mas esperada entre a elite moderna.

Dalton lançou um olhar para Teresa, de volta para o Diretor, e para Teresa novamente. Ele levantou uma das mãos.

– Diretor, eu poderia apresentá-lo para minha adorada esposa? Por favor? Eu consideraria como um favor pessoal se você aplicasse a sua considerável influência no caso da decência. Você é um homem amplamente respeitado, e poderia falar com autoridade moral que eu jamais conseguiria. Ela acha que eu falo apenas como um marido ciumento.

Linscott considerou aquilo brevemente.

– Falarei com ela, se isso o deixar satisfeito.

Teresa estava encorajando Claudine a beber um pouco de vinho e oferecendo palavras de conforto quando Dalton conduziu o Diretor até as duas mulheres.

– Teresa, Claudine, gostaria de apresentar o Diretor Linscott.

Teresa sorriu para os olhos dele quando ele beijou suavemente sua mão. Claudine ficou olhando para o chão enquanto o procedimento era repetido com sua mão. Ela parecia não querer nada além de pular nos braços do homem buscando proteção ou fugir o mais rápido que pudesse. A mão confortadora de Dalton em seu ombro evitou as duas coisas.

– Teresa, querida, o Diretor e eu estávamos justamente discutindo sobre o assunto dos vestidos das mulheres e a moda versus o decoro.

Teresa inclinou um ombro na direção do Diretor, como se estivesse fazendo uma confidência.

– Meu marido é tão limitado a respeito daquilo que eu visto. E o que você acha, Diretor Linscott? Você aprova meu vestido? – Teresa ficou radiante com orgulho. – Gosta dele?

Linscott desviou o olhar dos olhos de Teresa apenas por um momento.

– Bastante adorável, minha querida. Bastante adorável.

– Está vendo, Dalton? Eu disse. O meu vestido é muito mais conservador do que os outros. Estou lisonjeada que alguém tão amplamente respeitado como você aprove, Diretor Linscott.

Quando Teresa virou em direção a um copeiro que passava para pegar mais bebida, Dalton lançou um olhar de “porque você não me ajudou?” para Linscott.

Linscott balançou os ombros e curvou-se até o ouvido de Dalton.

– Sua esposa é uma mulher adorável, – ele sussurrou. – não poderia humilhá-la e desapontá-la.

Dalton soltou um suspiro.

– Esse é exatamente o meu problema.

Linscott endireitou o corpo, sorrindo.

– Diretor, – Dalton falou, com mais seriedade. – Claudine, aqui, sofreu um terrível acidente mais cedo. Quando fazia uma caminhada do lado de fora ela prendeu o pé e sofreu uma queda terrível.

– Queridos espíritos. – Linscott segurou a mão dela. – Você está muito ferida, minha querida?

– Não foi nada, – Claudine murmurou. – conheço Edwin faz muitos anos. Tenho certeza que seu marido entenderia se eu a

levasse até seus aposentos. Aqui, segure meu braço, e levarei você em segurança até a sua cama.

Enquanto tomava um gole, Dalton observava por cima da sua taça. Seus olhos varreram a sala. Estava evidente naqueles olhos que ela desejava ardentemente aceitar a oferta dele. Poderia ficar segura se o fizesse. Ele era um homem poderoso, e a protegeria sob a sua asa.

Esse teste diria a Dalton o que ele precisava saber. Não era realmente um risco enorme fazer um experimento assim. Afinal de contas, pessoas realmente desapareciam, sem jamais serem encontradas. Mesmo assim, ainda havia risco nisso. Ele esperou que Claudine falasse qual era o caminho que isso tomaria. Finalmente, ela o fez.

– Obrigada por sua preocupação, Diretor Linscott, mas eu estou bem. Estive ansiosa pelo banquete, e para ver os convidados vindo até a propriedade. Eu ficaria arrependida para sempre se perdesse isso, e por não ouvir nosso Ministro da Cultura falar.

Linscott tomou um gole de vinho.

– Você e Edwin trabalharam vigorosamente em novas leis desde que ele foi eleito Deputado. Você trabalhou com o Ministro. O que você acha do homem? – Ele fez um gesto com sua taça para dar ênfase. – A sua honesta opinião.

Claudine tomou um pouco de vinho. Teve que recuperar o fôlego. Ficou olhando para o vazio enquanto falava.

– O Ministro Chanboor é um homem de honra. Suas políticas tem sido boas para Anderith. Tem sido respeitoso com as leis que Edwin tem proposto. – ela tomou mais um gole de vinho. – Temos sorte por termos Bertrand Chanboor como o Ministro da Cultura. Tenho dificuldade em imaginar outro homem que poderia fazer tudo que ele faz.

Linscott levantou uma sobrancelha.

– Um endosso bastante envolvente, de uma mulher com sua reputação. Todos sabemos que você, Claudine, é tão importante para essas leis quanto Edwin.

– Você é gentil demais. – ela murmurou, olhando para sua taça.
– Eu sou apenas a esposa de um homem importante. Sentiriam pouco minha falta e eu seria rapidamente esquecida se tivesse quebrado o pescoço lá fora esta noite. Edwin será honrado durante muito tempo.

Linscott observou com perplexidade a expressão dela.

– Claudine é modesta demais. – Dalton falou. Ele avistou o senescal, vestido impecavelmente em um casaco de cauda longa cortado por uma faixa de muitas cores, abrindo as portas duplas. Além das portas, as bacias, com pétalas de rosas flutuando dentro delas, aguardavam os convidados.

Dalton virou para o Diretor. – Suponho que você sabe quem será o convidado de honra esta noite?

Linscott franziu a testa. – Convidado de honra?

– Um representante da Ordem Imperial. Um homem de alta posição chamado Stein. Vem nos transmitir as palavras do Imperador Jagang. – Dalton tomou outro gole. – O Soberano também veio, para escutar essas palavras.

Linscott suspirou com o peso dessa notícia. Agora o homem sabia porque foi convidado, junto com os outros Diretores, para aquilo que tinha imaginado não ser mais do que um banquete comum na propriedade. O Soberano, para sua própria segurança, raramente anunciava sua presença com antecedência. Havia chegado com sua própria guarda especial e um largo contingente de servos.

O rosto de Teresa ficou iluminado quando ela sorriu para Dalton, ansiosa pelos eventos da noite. Claudine ficou olhando para o chão.

– Senhoras e Senhores, – o senescal anunciou. – se for do seu agrado, o jantar está servido.

CAPÍTULO 21



Ela abriu as asas, e sua rica voz cantou a lúgubre melodia de uma história mais antiga do que o mito.

*Surgiram as visões de gélida beleza
da terra dos mortos onde elas residem.
Em busca de seu prêmio e por causa do seu apavorante dever
surgiram aquelas que roubam os encantos e feitiços.
Soaram três notas, e a morte respondeu ao chamado.*

*De formas cativantes embora raramente vistas
elas viajaram na brisa em uma centelha.
Alguns alimentavam com ramos a sua Rainha recém nascida
enquanto outros invadiam a escuridão.
Soaram três notas, e a morte respondeu ao chamado.*

*Alguns elas chamaram e outros elas beijaram
enquanto viajavam em rios e ondas.
Decididas elas surgiram e insistiram:
enviar todos que forem tocados para o túmulo.
Soaram três notas, e a morte respondeu ao chamado.*

*Espreitando para caçar e reunindo-se para dançar
elas praticavam seus desejos sombrios
causando um encanto e um maravilhoso transe*

*antes de alimentarem as novas fogueiras da Rainha.
Soaram três notas, e a morte respondeu ao chamado.*

*Até que ele partisse as cascatas
e as notas soassem três vezes
até que ele fizesse os chamados
e o preço fosse exigido
soaram três notas e a morte encontrou a Montanha.*

*Elas encantaram e abraçaram
e tentaram glorificar
mas ele as banhou na Graça
e exigiu uma alma.
As notas silenciaram e a Montanha as derrotou.
E a Montanha todas elas sepultou.*

Com uma nota impossivelmente longa, a jovem encerrou a encantadora canção. Os convidados aplaudiram.

Era uma letra arcaica de Joseph Ander e apenas por isso já era apreciada. Uma vez Dalton folheou textos antigos para ver o que conseguiria aprender sobre o significado da canção, mas não encontrou nada para lançar uma luz no objetivo das palavras, as quais, possuindo diversas versões, não eram sempre as mesmas. Essa era uma daquelas canções que ninguém realmente entendia mas todos valorizavam porque obviamente era algum tipo de triunfo de um dos seus amados e venerados fundadores. Pelo bem da tradição a melodia assustadora era cantada em ocasiões especiais.

Por alguma razão, Dalton tinha a estranha sensação de que agora as palavras significavam mais para ele do que jamais significaram. De alguma forma elas pareciam quase fazer sentido. Tão rapidamente quanto a sensação veio, sua mente voltou-se para outras coisas e ela passou.

As longas mangas da mulher deslizaram sobre o chão enquanto abria os braços fazendo uma reverência para o Soberano, e depois mais uma vez para as pessoas que aplaudiam na mesa principal ao lado da mesa do Soberano. Um baldaquino de brocado de seda e fios de ouro subia pela parede atrás e então em ondas pregueadas sobre as duas mesas principais. Os cantos do baldaquino estavam suspensos por lanças Anderith maiores do que o normal. O efeito era para fazer parecer que as mesas principais estavam sobre um palco, no qual, de diversas maneiras, Dalton imagina que estavam.

A cantora fez uma reverência para aqueles que jantavam nas longas fileiras de mesas de cada um dos lados do salão de jantar. Suas mangas estavam cobertas com penas brancas de coruja cheias de pintas, assim, quando ela abria os braços durante a canção ela parecia uma mulher com asas, como algo que saiu das histórias antigas que ela cantava.

Stein, do outro lado do Ministro e sua esposa que aplaudiam, aplaudiu de forma apática, sem dúvida imaginando a jovem sem as penas. Do lado direito de Dalton, Teresa adicionava gritos de admiração entusiásticos enquanto aplaudia. Dalton conteve um bocejo enquanto aplaudia.

Enquanto a cantora se afastava, seus braços levantaram para acenar em reconhecimento alado aos assovios atrás dela. Depois que ela desapareceu, quatro servos entraram saindo do lado oposto da sala carregando uma plataforma sobre a qual estava um barco feito de marzipã flutuando em um mar de ondas também feitas de marzipã. As velas “ondulantes” eram de açúcar.

O objetivo, é claro, era anunciar que o prato seguinte seria peixe, do mesmo modo que o bolo em forma de cervo, perseguido por cães de caça saltando sobre uma cerca de arbustos que escondia um porco do mato de gelatina, tinha anunciado um dos pratos de carne, e a águia recheada com suas enormes asas abertas sobre uma cena da cidade de Fairfield feita com construções de papelão anunciou

um prato de ave. Lá em cima, na galeria, trombetas e tambores tocavam para adicionar um testemunho musical da chegada do prato seguinte.

Foram cinco pratos, cada um com pelo menos uma dúzia de qualidades especiais. Isso significava que ainda havia sete pratos por vir, cada um com pelo menos uma dúzia de particularidades. Música de flauta e tambores, malabaristas, trovadores, e acrobatas entretiam os convidados entre os pratos enquanto uma árvore com frutas cristalizadas viajava pelas mesas. Presentes com cavalos mecânicos de pernas abertas que se moviam em harmonia passavam para o deleite de todos.

Pratos de carne incluíam todas as coisas favoritas de Teresa, ela havia comido três dos filhotes de coelho, cervo, porco, vaca, até um urso em pé, sobre as patas traseiras. O urso era movido de mesa em mesa; em cada mesa sua pele, cobrindo a carcaça assada, era levantada para permitir que facas cortassem pedaços da carne para os convidados. Aves que iam desde os pardais que o Ministro preferia para estimular o apetite sexual, pombos, pudins de pescoço de cisne, águias, até garças assadas que foram emplumadas novamente e presas por arames em um mostrador que as exibia como um bando em voo.

Não esperava-se que todos comessem toda essa quantidade de comida; a variedade era para oferecer uma abundância de escolha, não apenas para agradar convidados honrados, mas surpreendê-los com opulência. Uma visita na propriedade do Ministro da Cultura era uma ocasião lembrada durante muito tempo, e para muitos tornava-se um evento legendário comentado durante anos.

Enquanto provavam os pratos, a maioria das pessoas mantinha um olho na mesa principal, onde o Ministro sentava com dois ricos patrocinadores que tinha convidado para jantar em sua mesa, e o outro objeto de grande interesse: o representante da Ordem Imperial. Stein tinha chegado mais cedo, para surpresa de todos com

a roupa e a capa de escalpos humanos desse homem da guerra. Ele era uma sensação, atraindo os olhares convidativos de várias mulheres com os joelhos fracos por causa da possibilidade de levar um homem assim para cama.

Em vívido contraste com o exterior do guerreiro do Mundo Antigo, Bertrand Chanboor usava um gibão acolchoado púrpura bem justo sem mangas, adornado com intrincados bordados, costura dourada, e fitas trançadas prateadas sobre uma jaqueta curta simples com mangas. Juntas, elas transmitiam para sua silhueta arredondada a ilusão de uma forma mais viril. Um tecido com frisos destacava-se sobre o baixo colarinho ereto do gibão. Um tecido similar adornavam os punhos e a cintura.

Jogado sobre os ombros do gibão e da jaqueta curta havia um casaco magnífico de cor púrpura mais escura com pele de animal em volta do colarinho e descendo todo o caminho na parte dianteira. Sob as ombreiras estofadas nas pontas dos ombros, as mangas fofas tinham cortes de seda vermelha. Entre os cortes em forma de espiral, faixas separavam fileiras de pérolas.

Com seus olhos atentos, seu sorriso fácil que, junto com aqueles olhos, sempre pareceu estar direcionado para mais ninguém além da pessoa com a qual ele tinha contato visual no momento, e sua espessa cabeleira grisalha, ele apresentava uma figura impressionante. Isso, e a presença de Bertrand Chanboor, ou, ao invés disso a presença do poder que ele detinha como o Ministro da Cultura, deixavam muitos homens surpresos e muitas mulheres sem fôlego.

Se não estavam observando a mesa do Ministro, os convidados lançavam olhares furtivos para as mesas ao lado dela, onde sentavam o Soberano, sua esposa, e seus três filhos e filhas crescidos. Ninguém queria olhar para o Soberano abertamente. Afinal de contas, o Soberano era o representante do Criador no mundo dos vivos, um líder religioso sagrado assim como governador da terra

deles. Muitos em Anderith, tanto Anders quanto Haken, idolatravam o Soberano ao ponto de ajoelharem no chão, chorando, e confessando pecados quando a carruagem dele passava.

O Soberano, alerta e perceptivo independente de sua saúde em declínio, estava vestindo um traje dourado cintilante. Uma camiseta vermelha destacava as mangas fofas da roupa. Um longo cachecol de seda bordado, ricamente colorido, estava sobre os ombros dele. Meias amarelas brilhantes cobriam até a metade das coxas, onde chegavam as calças tipo bombacha acolchoadas e com cortes oblíquos. Joias pesavam em cada dedo. A cabeça do Soberano pairava baixa entre os ombros arredondados, como se o medalhão de ouro exibindo uma montanha incrustada com diamantes tivesse, com o passar do tempo, colocado tanto peso sobre o seu pescoço que suas costas estivessem curvadas. Manchas castanhas tão grandes quanto as joias cobriam suas mãos.

O Soberano tinha vivido mais do que quatro esposas. Com grande cuidado, a esposa do homem limpava a comida do queixo dele. Dalton duvidava que ela já tivesse passado da adolescência.

Felizmente, embora os filhos e filhas tivessem trazido seus conjugues, deixaram suas crianças em casa; os netos do Soberano eram fedelhos insuportáveis. Ninguém ousava fazer outra coisa a não ser rir para os pequenos “adoráveis” enquanto eles comportavam-se loucamente sem controle. Muitos deles eram consideravelmente maiores do que sua última madrasta.

Do outro lado do Ministro Dalton, Lady Hildemara Chanboor, em um elegante vestido prateado com pregas cortado tão baixo quanto qualquer outro na sala, fez sinal com um dedo, e a harpista, posicionada diante, mas abaixo da plataforma suspensa da mesa principal, lentamente silenciou sua música. A esposa do Ministro coordenava o banquete.

Na verdade ele não precisava ser coordenado por ela, mas ela insistiu em ser reconhecida como a anfitriã real do grandioso e

majestoso evento, e assim, de vez em quando, contribuía com os procedimentos levantando o dedo para silenciar a harpista no tempo apropriado para que todos pudessem conhecer e respeitar sua posição social. Pessoas ficavam encantadas, acreditando que todo o banquete seguia de acordo com o dedo de Lady Chanboor.

Certamente a harpista sabia quando deveria deixar sua música parar por causa de um evento iminente, mas apesar disso esperava e observava aquele dedo nobre antes de ousar parar por si mesma. O suor cobria sua testa enquanto ela observava o dedo de Lady Chanboor levantar, não ousando perder o momento.

Embora universalmente fosse proclamada radiante e bela, Hildemara possuía uma aparência um tanto quanto grosseira, e sempre tinha colocado na mente de Dalton a escultura de uma mulher esculpida por um artesão com mais vontade do que talento. Não era uma peça de arte que alguém desejaria contemplar durante muito tempo.

A harpista aproveitou a chance da pausa para se esticar até uma taça no chão ao lado da harpa dourada. Quando ela curvou para frente para pegar a taça, o Ministro observou o decote dela, ao mesmo tempo bateu com um cotovelo nas costelas de Dalton para que ele não perdesse aquela visão.

Lady Chanboor notou o olhar de seu marido, mas não mostrou reação alguma. Ela nunca mostrava. Saboreava o poder que detinha, e de bom grado pagava o preço exigido.

Entretanto, em particular, Hildemara ocasionalmente batia em Bertrand com qualquer objeto ao alcance da mão, mais por causa do deslize social do que uma indiscrição conjugal. Não tinha nenhum motivo verdadeiro para fazer objeções aos flertes dele; ela não era exatamente fiel, algumas vezes aproveitando da companhia discreta de amantes. Dalton mantinha uma lista mental dos nomes deles.

Dalton suspeitava que, como muitos dos namoricos do marido dela, seus parceiros eram atraídos pelo poder, e esperavam

conseguir dela algum favor. A maioria das pessoas não tinha pista alguma daquilo que acontecia na propriedade, e não conseguiam imaginá-la como nada mais do que uma esposa fiel, uma imagem que ela cultivava com cuidado. O povo Anderith a amava como os povos de outras terras amavam uma Rainha.

De muitas maneiras, ela era o poder por trás do cargo do Ministro; era conhecedora, inteligente, focada. Enquanto Bertrand geralmente estava se divertindo, Hildemara, por trás de portas fechadas, emitia ordens. Ele contava com a experiência de sua esposa, geralmente deixando que ela cuidasse de assuntos materiais, desinteressado em quais cafajestes ela ajudava fazendo doações, ou na carnificina cultural que ela deixava em seu rastro.

Não importava o que ela pudesse pensar de seu marido em particular, Hildemara trabalhava com entusiasmo para preservar o domínio dele. Se ele caísse, certamente ela cairia junto. Diferente de seu marido, Hildemara raramente ficava bêbada e confinava discretamente quaisquer relacionamentos que tinha no meio da noite.

Dalton sabia muito bem que não deveria subestimá-la. Ela tecia sua próprias teias.

Os convidados soltaram exclamações de satisfação quando um “marinheiro” saltou de trás do barco de marzipã, soprando uma alegre melodia de pescador em sua flauta enquanto acompanhava a si mesmo com um tambor pendurado no cinto. Teresa riu e bateu palmas, assim como fizeram muitos outros.

Ela apertou a perna do seu marido debaixo da mesa.

– Oh, Dalton, alguma vez você imaginou que viveríamos em um lugar esplêndido assim, que conheceríamos essas pessoas maravilhosas, e veríamos coisas incríveis assim?

– É claro.

Ela riu novamente e bateu com o ombro levemente no ombro dele. Dalton observou Claudine aplaudir de uma mesa à direita. À

sua esquerda, Stein enfiou uma faca em um pedaço de carne e sem vergonha alguma arrancou-o da faca com os dentes. Ele mastigou com a boca aberta enquanto assistia o entretenimento. Esse não parecia ser o tipo de entretenimento que Stein gostava.

Servos já tinham começado a carregar bandejas prateadas com os pratos de peixe, levando-as até o aparador para adicionar molhos e deixá-los bem temperados antes de servir. O Soberano tinha seus próprios servos em uma mesa lateral para provar e preparar sua comida. Usavam facas que carregavam com eles para cortar fatias das partes superiores dos enrolados e pães para o Soberano e sua família. Tinham outras facas usadas apenas para preparar as bandejas sobre as quais a comida do Soberano era colocada, as quais, diferentemente de todos os outros, eram trocadas a cada prato.

Eles tinham uma faca para cortar, outra para fatiar, e uma apenas para amaciar os talhos.

O Ministro inclinou chegando mais perto, seus dedos segurando um pedaço de porco que tinha mergulhado em mostarda.

– Ouvi um rumor de que há uma mulher que pode estar inclinada a espalhar mentiras desagradáveis. Talvez fosse melhor você cuidar do assunto.

Da bandeja que ele dividia com Teresa, Dalton arrancou com o dedo indicador e o polegar uma fatia de pera em leite de amêndoa.

– Sim, Ministro, eu já ouvi falar. Ela não pretende causar nenhum desrespeito. – Colocou a pera em sua boca.

O Ministro levantou uma sobrancelha.

– Então muito bem. – ele sorriu e piscou para Dalton. Sorrindo, Teresa baixou levemente a cabeça em resposta ao cumprimento dele.

– Ah, minha querida Teresa, eu já disse que você parece especialmente divina esta noite. E que o seu cabelo está maravilhoso, ele faz você parecer como se fosse um bom espírito que veio agradecer minha mesa. Se você não estivesse casada com o meu braço direito, eu a convidaria para uma dança, mais tarde.

O Ministro raramente dançava com alguma outra a não ser a sua esposa e, como uma questão de protocolo, visitantes dignitários.

– Ministro, eu ficaria honrada, – Teresa disse, atrapalhando-se com as palavras. – assim como meu marido, tenho certeza. Eu não poderia estar em melhores mãos no salão de danças, ou em qualquer outro lugar.

Independente da usual habilidade de Teresa em manter um estado de tranquilidade social, ela ficou vermelha com a alta honra que Bertrand quase havia ampliado. Ela mexeu nas lantejoulas cintilantes presas no cabelo, consciente de olhos invejosos que observavam ela conversando com o Ministro da Cultura em pessoa.

Dalton sabia pelo olhar de raiva atrás do Ministro que não havia necessidade de ficar preocupado que uma dança, com o homem sem dúvida colado contra os seios semiexpostos de Teresa, fosse acontecer. Lady Chanboor não permitiria que Bertrand mostrasse formalmente tal falta de completa devoção a ela.

Dalton voltou aos negócios, guiando a conversa em direção aos seus objetivos.

– Um dos oficiais da cidade está bastante preocupado com a situação sobre a qual nós conversamos.

– O que ele disse? – Bertrand sabia sobre qual Diretor eles estavam falando e sabiamente evitou usar nomes em voz alta, mas seus olhos mostraram um brilho de raiva.

– Nada. – Dalton garantiu. – Mas o homem é persistente. Ele pode insistir no assunto e pressionar para obter respostas. Existem aqueles que conspiram contra nós, e estariam ansiosos para agitar o grito da impropriedade. Seria um terrível desperdício de tempo e nos afastaria de nosso dever com o povo Anderith, se fôssemos forçados a nos isentarmos de acusações infundadas de má conduta.

– A ideia toda é absurda. – o Ministro falou, enquanto seguia o exemplo de não falar de forma aberta. – Você não acredita mesmo,

acredita, que pessoas realmente conspiram criando oposição aos nossos bons trabalhos?

As palavras dele pareciam rotina, ele as usava com frequência. A simples prudência requeria que a discussão pública fosse circumspecta. Poderia haver pessoas dotadas entre os convidados, esperando para usarem suas habilidades para ouvirem algo que não deveria ser ouvido. O próprio Dalton utilizava uma mulher com esse talento.

– Devotamos nossas vidas para fazer o trabalho em nome do povo Anderith,

– Dalton falou. – e mesmo assim existem aqueles poucos mesquinhos que gostariam de atrasar o progresso que fazemos em benefício das pessoas trabalhadoras.

Da comida que que compartilhava com sua esposa, Bertrand pegou uma asa de cisne assada e esfregou-a em uma pequena tigela com molho.

– Então você acha que fomentadores podem estar desejando causar problemas?

Lady Chanboor, ali perto acompanhando a conversa, inclinou-se até seu marido.

– Agitadores pulariam de alegria com a chance de destruir o bom trabalho de Bertrand. Eles ajudariam alegremente qualquer criador de caso. – Ela olhou sutilmente para o Soberano sendo alimentado pelos dedos de sua jovem esposa. – Temos trabalho importante diante de nós e não precisamos de antagonistas se intrometendo em nossos esforços.

Bertrand Chanboor era o candidato mais provável a ser nomeado Soberano, mas havia alguns que faziam oposição a ele. Uma vez nomeado, um Soberano servia durante sua vida toda. Qualquer deslize em um momento tão crucial poderia retirar o Ministro da disputa. Várias pessoas desejavam que ele cometesse um deslize, e estariam observando e com os ouvidos atentos.

Depois que Bertrand Chanboor fosse nomeado Soberano, eles ficariam livres de preocupação, mas até lá, nada era certo ou seguro.

Dalton baixou a cabeça concordando.

– Você enxerga a situação muito bem, Lady Chanboor.

Bertrand soltou um pequeno grunhido.

– Imagino que você tenha uma sugestão.

– Eu tenho. – Dalton disse, baixando a voz para um pouco mais do que um sussurro. Não era educado ser visto sussurrando, mas isso era inevitável; ele precisava agir, e sussurros não seriam ouvidos. – Acho que seria melhor se nós alterássemos o equilíbrio das coisas. O que eu tenho em mente não apenas arrancará a erva daninha do trigo, mas irá desencorajar que outras cresçam.

Mantendo um olho na mesa do Soberano, Dalton explicou sua proposta. Lady Chanboor ficou ereta com um leve sorriso; o conselho de Dalton estimulou sua disposição. Sem mostrar emoção, Bertrand, enquanto observava Claudine pegando sua comida, concordou.

Stein arrastou sua faca sobre a mesa, como se estivesse cortando a toalha branca de linho que a cobria.

– Porque simplesmente não corto as gargantas deles?

O Ministro olhou ao redor, procurando checar se alguém tinha escutado a sugestão de Stein. O rosto de Hildemara ficou vermelho de raiva. Teresa ficou pálida quando ouviu aquilo, especialmente de um homem que usava uma capa feita com escalpos humanos.

Stein tinha sido avisado. Se fossem ouvidas e reportadas, tais palavras poderiam abrir os portões da investigação, o que sem dúvida lançaria a Madre Confessora em pessoa sobre eles. Ela não descansaria até descobrir toda a verdade sobre aquilo, e se isso acontecesse, poderia muito bem ficar inclinada a usar seu poder para remover o Ministro do cargo. Para sempre.

Com um olhar mortal, Dalton enviou uma ameaça silenciosa para Stein. Stein sorriu com dentes amarelos.

– Apenas uma brincadeira.

– Não me importa o quanto seja grande a força da Ordem Imperial. – o Ministro rosnou para os ouvidos de qualquer um que pudesse ter escutado Stein. – A não ser que eles tenham sido convidados, o que ainda será decidido, todos perecerão diante da *Dominie Dirtch*. O Imperador sabe que isso é verdade, ou não pediria a nós que considerássemos as ofertas generosas de paz que ele tem feito. Tenho certeza que ele ficaria descontente em saber como um de seus homens insulta nossa cultura e as leis pelas quais vivemos.

– Você está aqui como um representante do Imperador Jagang para explicar ao nosso povo a posição do Imperador e ofertas liberais, nada mais. Se for necessário, podemos conseguir outro para fazer essa explicação.

Stein mostrou um sorriso forçado para toda agitação direcionada a ele.

– Eu estava brincando, é claro. Uma conversa vazia assim é costume entre meu povo. De onde eu venho, tais palavras são comuns e inofensivas. Garanto a vocês todos, que fiz isso apenas com objetivo de entretenimento.

– Espero que você pretenda exercer melhor julgamento quando falar com nosso povo. – disse o Ministro. – O que você veio discutir é um assunto sério. Os diretores não gostariam de ouvir esse humor tão ofensivo.

Stein soltou uma risada rouca.

– Mestre Campbell realmente explicou a intolerância de sua cultura com uma brincadeira tão grosseira, mas a minha natureza rude fez com que eu esquecesse as palavras sábias dele. Por favor, perdoem minha escolha pobre com a piada. Não pretendia causar nenhuma ofensa.

– Então está tudo bem. – Bertrand recostou, seu olhar cuidadoso varrendo os convidados. – Todo o povo Anderith abomina a

brutalidade, e não está acostumado com esse tipo de conversa, muito menos com uma ação assim.

Stein baixou a cabeça levemente.

– Ainda tenho que aprender os costumes exemplares de nossa grande cultura. Estou ansioso para ter a oportunidade de aprender os seus melhores costumes.

Com aquelas palavras desarmadoras precisas, a consideração de Dalton pelo homem aumentou. O cabelo despenteado de Stein era enganador; o que estava debaixo dele não era tão desordenado.

Se Lady Chanboor captou a sátira mordaz na resposta engenhosa de Stein, ela não deixou transparecer quando sua face relaxou voltando ao normal azedume. – Nós entendemos, e admiramos o seu esforço sincero em aprender o que devem ser... costumes estranhos para você. – As pontas dos dedos dela empurraram a taça de Stein na direção dele. – Por favor, tome um pouco do nosso vinho do Vale Nareef. Todos nós apreciamos muito ele.

Se Lady Chanboor falhou em notar o sarcasmo sutil nas palavras de Stein, Teresa não. Diferente de Hildemara, Teresa havia passado muito de sua vida adulta entre as linhas de frente da estrutura social feminina, onde as palavras eram usadas como armas destinadas a derramar sangue. Quanto mais alto o nível de esforço, mais afiado era o fio da lâmina. Ali, você precisava ser perita para saber que tinha levado um corte e onde estava sangrando, ou a ferida ficaria muito maior para que as outras vissem.

Hildemara não precisava da lâmina de sagacidade; apenas o rude poder a protegia. Generais Anderith raramente empunhavam espadas.

Enquanto ela observava com grande fascinação, Teresa tomou um gole quando Stein pegou sua taça para dar um longo gole.

– Isso é bom. De fato, eu diria que esse é o melhor que já provei.

– Ficamos felizes em ouvir essa opinião de um homem tão viajado. – o Ministro falou.

Stein bateu com a taça na mesa.

– Já comi bastante. Quando farei meu discurso?

O Ministro levantou uma sobrancelha.

– Quando os convidados terminarem.

Sorrindo novamente, Stein espetou um pedaço de carne e recostou na cadeira para arrancá-lo com os dentes da ponta da faca. Enquanto mastigava, seus olhos observaram com ousadia os olhares ardentes que estava recebendo de algumas das mulheres.

CAPÍTULO 22



Músicos lá em cima, na galeria, tocaram uma melodia náutica enquanto homens desenrolaram compridas bandeiras azuis no salão de jantar. Os pares de homens segurando as bandeiras agitaram-nas de acordo com a música, causando o efeito de ondas no oceano enquanto os barcos de pesca pintados nas bandeiras ondulavam sobre as águas de tecido azul.

Enquanto os servos pessoais do Soberano cuidavam da mesa dele, criados vestidos com uniformes da Propriedade rodopiavam em volta da mesa principal do Ministro, carregando bandejas prateadas arrumadas com o prato de peixe coloridamente preparado. O Ministro selecionou patas de caranguejo, estômago de salmão, pequenos peixes fritos, carpa, e enguias em molho de açafrão, o criado colocou cada item entre o Ministro e sua esposa para que eles transferissem o que desejassem para sua mesa.

O Ministro Chanboor esfregou um longo pedaço de enguia no molho de açafrão e ofereceu, pendurado sobre um dedo, para sua esposa. Ela sorriu afetuosamente e com as pontas de unhas comprinhas arrancou do dedo dele, mas antes de colocar nos lábios, ao invés disso baixou ele e virou para perguntar a Stein, como se estivesse tomada por uma curiosidade súbita, sobre a comida da terra natal dele. No curto período de tempo em que ele esteve na propriedade, Dalton aprendeu que Lady Chanboor, acima de tudo, não gostava de enguia.

Quando um dos criados levantou uma bandeja com lagostim, Teresa falou para Dalton, com o levantar das sobancelhas, que gostaria de comer um daqueles. O criado partiu a casca com habilidade, removeu a nervura, abrindo a carne, e encheu a casca debaixo com biscoitos e manteiga, como Dalton pediu. Ele usou sua faca para erguer uma fatia de golfinho de uma bandeja oferecida por um criado com a cabeça abaixada entre os braços esticados. O criado dobrou os joelhos, como todos eles faziam, antes de seguir adiante com um passo semelhante a uma dança.

O nariz franzido de Teresa disse a ele que ela não queria enguia. Ele pegou uma, só porque o movimento de cabeça e o sorriso do Ministro disseram que ele deveria. Depois que ele o fez, o Ministro inclinou chegando mais perto e sussurrou.

– Enguia é bom para a enguia, se você entende o que estou querendo dizer.

Dalton simplesmente sorriu, fingindo apreciar a declaração. Sua mente estava no trabalho e na tarefa adiante, e além disso, ele não estava preocupado com sua “enguia”.

Quando Teresa tirava um pedaço da carpa, Dalton provava distraidamente o arenque assado com açúcar enquanto observava os criados Haken, como um exército invasor, espalharem-se pelas mesas dos convidados. Eles traziam bandejas com lúcio, robalo, salmonete, e truta fritos; lampreia, arenque, e merluza ao forno; perca, salmão, foca, e esturjão assados; caranguejos, camarão, e caracol sobre camadas de ovas, junto com terrinas de vieiras temperadas, sopa de pescado e molho de amêndoa, com adição de molhos coloridos de todos os tipos. Outros pratos eram servidos em inventivas apresentações de molhos e preparados ornamentados de ingredientes combinados, desde golfinho e ervilhas em molho de vinho e cebola, ovas de esturjão, até linguado e bacalhau ao molho verde.

A abundância de comida apresentada em uma profusão tão elaborada pretendia ser não apenas um espetáculo político dentro do qual o Ministro da Cultura manifestava seu poder e riqueza, mas também transmitir, para proteger o Ministro de acusações de excesso ostentoso, uma profunda conotação religiosa. Afinal de contas, a fartura era uma exibição do esplendor do Criador e, independente da aparente opulência, uma infinitesimal amostra da infinita generosidade Dele.

O banquete não era realizado para fazer uma reunião de pessoas, mas uma reunião de pessoas tinha sido chamada para cuidar do banquete, uma diferença sutil, mas significativa. Que o banquete não fosse efetuado por uma razão social, digamos, um casamento, ou para celebrar o aniversário de uma vitória militar, enfatizava sua substância religiosa. A presença do Soberano, sendo ele o representante do Criador no mundo dos vivos, apenas consagrava os aspectos sagrados do banquete.

Se os convidados ficassem impressionados com a riqueza, o poder, e a nobreza do Ministro e sua esposa, isso era acidental e inevitável. Casualmente, Dalton notou um grande número de pessoas ficando inevitavelmente impressionadas.

A sala zumbia com as conversas misturadas com o som de risadas enquanto os convidados bebiam vinho, mordiscavam comidas de todo tipo, e provavam usando os dedos a variedade de molhos. A harpista tinha começado a tocar novamente para entreter os convidados enquanto eles jantavam. O Ministro comeu enguia enquanto falava com sua esposa, Stein, e os dois ricos patrocinadores na ponta da mesa.

Dalton secou os lábios, decidindo usar a abertura oferecida pelo clima relaxado. Tomou um último gole de vinho antes de falar com a esposa.

– Descobriu alguma coisa com aquela sua conversa mais cedo?

Teresa cortou um pedaço de lúcio frito usando a faca, então pegou sua metade com os dedos e mergulhou em molho vermelho. Ela sabia que ele estava falando de Claudine.

– Nada específico. Mas suponho que o cordeiro não está trancado em seu cercado.

Teresa não sabia do que se tratava todo o assunto, ou que Dalton tinha escolhido os dois rapazes Haken para entregar um aviso a Claudine, mas sabia o bastante para entender que provavelmente Claudine estava causando problemas por causa de seu encontro com o Ministro. Embora eles nunca discutissem detalhes, Teresa sabia que não estava sentada na mesa principal simplesmente porque Dalton conhecia a lei de trás para frente.

Teresa baixou a voz. – Enquanto eu conversava com ela, ela prestou bastante atenção no Diretor Linscott, você sabe, observando-o enquanto tentava agir como se não estivesse; observando também para ver se alguém via que ela estava olhando.

A palavra dela sempre foi confiável, sem suposições apresentadas como certezas.

– Porque você acha que antes ela estava tão insolente querendo contar para as outras mulheres que o Ministro a tomou de modo forçado?

– Acho que ela falou para outros sobre o Ministro, como proteção. Acredito que ela concluiu que se as pessoas já soubessem a respeito disso, então ela ficaria protegida contra ser silenciada antes que alguém pudesse descobrir.

– Entretanto, por alguma razão, de repente ela ficou calada. Mas, como eu disse, ela estava observando bastante o Diretor e fingindo que não estava.

Teresa deixou que ele tirasse suas próprias conclusões. Dalton inclinou na direção dela quando levantou.

– Obrigado, querida. Se me desculpar, eu devo cuidar de alguns negócios.

Ela segurou a mão dele.

– Não esqueça que você prometeu me apresentar ao Soberano.

Dalton beijou suavemente a bochecha dela antes de olhar nos olhos do Ministro. Aquilo que Teresa falou apenas confirmou a crença dele na prudência do seu plano. Muita coisa estava em jogo. O Diretor Linscott podia ser questionador. Dalton estava razoavelmente certo de que a mensagem entregue pelos dois rapazes havia silenciado Claudine, mas se não houvesse, isso colocaria um fim na habilidade dela em espalhar suas sementes. Fez um leve aceno com a cabeça para Bertrand.

Enquanto andava pela sala, Dalton parou em várias mesas, curvando-se, saudando pessoas que conhecia, ouvindo uma piada aqui, uma fofoca ali, um convite ou dois, e prometeu reunir-se com alguns.

Todos o consideravam como um representante do Ministro, vindo da mesa principal para fazer a ronda nas mesas, cuidando do prazer de todos.

Finalmente chegando ao seu verdadeiro destino, Dalton exibiu um sorriso caloroso.

– Claudine, rezo para que esteja sentindo-se melhor. Teresa sugeriu que eu perguntasse, para ver se precisa de algo, uma vez que Edwin não pode estar aqui.

Ela mostrou a ele uma imitação razoavelmente boa de um sorriso sincero.

– A sua esposa é um doce, Mestre Campbell. Estou bem, obrigada. A comida e a companhia ajudaram a me recompor. Por favor, diga a ela que estou muito melhor.

– Estou feliz em ouvir isso. – Dalton curvou-se até o ouvido dela. – Eu estava pensando em fazer uma oferta para Edwin, e para você, mas fico relutante em pedir isso para você não apenas com Edwin fora da cidade, mas com a sua queda desafortunada. Não

quero forçá-la com trabalho quando você não está preparada para isso, então por favor, venha falar comigo quando estiver bem.

Ela virou, franzindo a testa para ele.

– Obrigada por sua preocupação, mas eu estou bem. Se você tem negócios que envolvem Edwin, que gostaria que eu escutasse. Trabalhamos bem unidos e não temos segredos no que diz respeito a negócios. Você sabe disso, Mestre Campbell.

Dalton não apenas sabia, mas estava contando com isso. Ele agachou quando ela arrastou sua cadeira para trás, saindo do círculo de conversa da mesa.

– Por favor, perdoe minha ousadia! Bem, veja... – ele começou. – o Ministro sente profunda simpatia por homens incapazes de alimentar suas famílias de qualquer outro modo a não ser implorando comida. Mesmo se eles puderem pedir comida, suas famílias ainda desejam roupas, abrigo adequado, e atender outras necessidades. Independente da caridade do bom povo Anderith, muitas crianças vão para cama com a dor da fome em seus estômagos. Hakens assim como Anders sofrem com esse destino, e o Ministro sente compaixão por ambos, pois todos eles são responsabilidade dele.

– O Ministro tem trabalhado fervorosamente, e finalmente delineou os detalhes finais de uma nova lei para dar trabalho a um bom número de pessoas que de outra forma não teriam esperança.

– Isso, isso é muita bondade dele. – ela gaguejou. – Bertrand Chanboor é um bom homem. Temos sorte por termos ele como nosso Ministro da Cultura.

Dalton passou uma das mãos na boca enquanto ela afastava o olhar dos olhos dele. – Bem, é o seguinte, o Ministro frequentemente menciona seu respeito por Edwin, por todo o trabalho não declarado que Edwin tem feito, então eu sugeri ao Ministro que seria apropriado mostrar nosso respeito pelo trabalho duro e a dedicação de Edwin.

– O Ministro concordou com entusiasmo e instantaneamente surgiu com a ideia de que a nova lei fosse encabeçada, proposta e patrocinada pelo Deputado Edwin Winthrop. O Ministro até deseja que ela seja chamada de Lei de Emprego Justo Winthrop em homenagem ao seu marido, e a você também, é claro, por todo seu trabalho. Todos conhecem o peso que você tem nas leis que Edwin cria.

O olhar de Claudine já havia retornado de encontro ao dele. Ela colocou uma das mãos sobre os seios.

– Ora, Mestre Campbell, isso é muito generoso de sua parte e do Ministro. Fui pega de surpresa completamente, assim como tenho certeza que Edwin será. Certamente revisaremos a lei tão cedo quanto possível, para que possamos permitir sua mais rápida implementação.

Dalton sorriu

– Bem, a questão é que o Ministro acabou de me informar que ele está impaciente para anunciar isso esta noite. Originalmente eu tinha planejado trazer um rascunho da lei, para você e Edwin revisarem antes que ela fosse anunciada, mas com todos os Diretores aqui o Ministro decidiu de boa consciência que ele deve agir, que não poderia suportar que aqueles homens ficassem sem trabalho mais um dia. Eles precisam alimentar suas famílias.

Ela lambeu os lábios.

– Bem, sim, eu entendo... eu acho, mas eu realmente...

– Bom. Oh, bom. Isso é muito gentil de sua parte.

– Mas eu realmente deveria dar uma olhada nela. Realmente devo conferir. Edwin gostaria...

– Sim, é claro. Eu entendo completamente, e asseguro a você que receberá uma cópia imediatamente, será a primeira coisa amanhã.

– Mas eu queria dizer antes...

– Com todos aqui, agora, o Ministro decidiu anunciar esta noite. O Ministro realmente não quer atrasar a implementação, nem quer abandonar seu desejo de ter o nome Winthrop em uma lei tão importante. E o Ministro estava tão esperançoso de que o Soberano, uma vez que ele está aqui esta noite, e todos nós sabemos como as suas visitas são raras, escutasse a Lei de Emprego Justo Winthrop destinada a ajudar pessoas que de outra forma não teriam esperança. O Soberano conhece Edwin, e ficaria muito satisfeito.

Claudine lançou um rápido olhar para o Soberano. Lambeu os lábios.

– Mas...

– Quer que eu peça ao Ministro para adiar a lei? Mais do que pelo fato do Soberano perder isso, o Ministro ficaria muito desapontado por deixar passar a oportunidade, e por deixar na mão aquelas crianças famintas que dependem dele para melhorar suas vidas. Você consegue entender, não consegue, que isso é realmente pelo bem das crianças?

– Sim, mas para...

– Claudine, – Dalton disse enquanto segurava uma das mãos dela com as duas mãos. – você não tem nenhuma criança, então eu percebo que deve ser particularmente difícil para você ter empatia com aqueles pais desesperados para alimentarem seus jovens, desesperados para encontrarem trabalho quando ele não existe, mas tente entender o quanto eles devem estar assustados.

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Ele continuou, não permitindo que ela formasse aquelas palavras.

– Tente entender como seria, ser uma mãe e um pai esperando dia após dia, esperando por uma razão para ter esperança, esperando que algo aconteça para conseguir encontrar trabalho e ser capaz de alimentar suas crianças. Não pode ajudar? Não pode tentar entender como deve ser para uma jovem mãe?

O rosto dela ficou pálido.

– É claro, – ela finalmente sussurrou. – Entendo. Realmente entendo. Eu quero ajudar. Tenho certeza que Edwin ficará feliz quando souber que ele foi nomeado patrocinador da lei...

Antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, Dalton levantou.

– Obrigado, Claudine. – Segurou a mão dela novamente e deu um beijo. – O Ministro ficará muito feliz em ouvir sobre o seu apoio, e agora aqueles homens encontrarão trabalho. Você fez uma coisa boa pelas crianças. Agora mesmo os bons espíritos devem estar sorrindo para você.

No momento em que Dalton voltou para a mesa principal, os criados estavam fazendo as rondas novamente, andando rapidamente colocando uma torta de tartaruga no centro de cada mesa. Os convidados olharam confusos para as tortas, as cascas delas estavam divididas em quatro partes mas não estavam cortadas completamente. Franzindo a testa, Teresa estava inclinando, olhando fixamente para a torta colocada diante do Ministro e sua esposa no centro da mesa principal.

– Dalton, – ela sussurrou. – aquela torta se mexeu.

Dalton procurou não sorrir.

– Você deve estar enganada, Tess. Uma torta não pode se mover.

– Mas eu tenho certeza...

Com aquilo, a crosta quebrou, e uma parte dela levantou. Uma tartaruga enfiou a cabeça para fora olhando para o Ministro. Uma garra segurou na borda, e a tartaruga puxou o corpo para fora, seguida por outra. Todos os convidados surpresos ao redor da sala riram, aplaudiram, e murmuraram admirados enquanto as tartarugas começavam a sair das tortas.

As tartarugas, é claro, não foram assadas vivas dentro das tortas; as tortas foram assadas com feijões secos dentro. Depois que a crosta foi assada, um buraco foi cortado no fundo permitindo que os feijões fossem retirados e as tartarugas colocadas lá dentro. As

crostas foram cortadas parcialmente e assim partiriam facilmente, facilitando a fuga dos animais.

As tortas de tartaruga, como uma das atrações do banquete, foram um grande sucesso. Todos estavam maravilhados pelo espetáculo. Às vezes eram tartarugas, às vezes aves, ambas especialmente preparadas para saírem de tortas em um banquete para agradar e surpreender os convidados.

Enquanto serviçais com baldes de madeira começavam a circular pelas mesas para coletar as tartarugas soltas, Lady Chanboor chamou o organizador do evento e pediu a ele para cancelar o entretenimento por causa da apresentação que faria antes do prato seguinte. O silêncio espalhou-se pela sala quando ela levantou.

– Meu bom povo, se puder receber sua atenção, por favor. – Hildemara olhou para os dois lados da sala, certificando-se de que todos os olhos estavam direcionados a ela. Seu vestido com pregas parecia cintilar com uma fria luz prateada.

– É o mais alto compromisso e dever ajudar os seus companheiros cidadãos quando eles necessitam. Esta noite, finalmente, esperamos dar um passo para ajudar as crianças de Anderith. É um passo audacioso, um que requer coragem. Felizmente, nós temos um líder com tal coragem.

– É com a mais alta honra que apresento a vocês o maior homem que eu já tive o privilégio de conhecer, um homem de integridade, um homem que trabalha incansavelmente para o povo, um homem que nunca esquece das necessidades daqueles que mais precisam de nós, um homem que apoia um futuro melhor para nós acima de tudo, meu marido, o Ministro da Cultura, Bertrand Chanboor.

Hildemara abriu um sorriso e, batendo palmas, virou para seu marido. A sala explodiu em aplausos e gritos de alegria. Radiante, Bertrand levantou e passou um braço ao redor da cintura da esposa dele. Ela olhou dentro dos olhos dele com veneração. Ele olhou dentro dos olhos dela com amor. As pessoas gritaram mais alto

ainda, felizes em terem um casal tão altruísta liderando Anderith corajosamente.

Dalton levantou enquanto aplaudia com as mãos sobre a cabeça, fazendo todos levantarem. Exibiu seu sorriso mais largo para que o convidado mais distante pudesse vê-lo e então, enquanto continuava aplaudindo bem forte, virou para observar o Ministro e sua esposa.

Dalton havia trabalhado para vários homens. Alguns para os quais não podia confiar anunciar uma rodada de bebidas. Alguns eram bons em seguir o plano quando Dalton o delineava, mas não entendiam ele completamente até que vissem ele se desenrolar. Nenhum deles estava no grupo de Bertrand Chanboor.

O Ministro tinha captado o conceito e objetivo imediatamente quando Dalton explicou para ele rapidamente. Ele seria capaz de enfeitá-lo e torná-lo seu; Dalton nunca tinha visto ninguém com tanta lábia quanto Bertrand Chanboor.

Sorrindo, segurando uma das mãos no ar, Bertrand atestou aquilo e ao mesmo tempo finalmente silenciou a multidão alegre.

– Meu bom povo de Anderith, – ele começou com uma voz forte, soando sincera, que alcançou nos locais mais distantes da sala. – esta noite peço a vocês para considerarem o futuro. O tempo passou para que nós tenhamos a coragem de deixarmos nosso favoritismo passado no lugar ao qual ele pertence, no passado. Devemos, ao invés disso, pensar em nosso futuro e no futuro de nossas crianças e netos.

Ele teve que fazer uma pausa, assentir, e sorrir enquanto a sala explodia em aplausos novamente. Mais uma vez, ele começou, silenciando a plateia.

– Nosso futuro está condenado se permitirmos que negadores governem a nossa imaginação, ao invés de permitirmos que o espírito do potencial, dado a nós pelo Criador, tenha espaço para voar.

Mais uma vez ele esperou até que as palmas silenciassem. Dalton ficou maravilhado com o molho que Bertrand conseguia criar na hora para derramar sobre a carne.

– Nós, aqui nesta sala, temos depositada sobre nós a responsabilidade por todo o povo de Anderith, não apenas pelos afortunados. Está na hora de nossa cultura incluir todas as pessoas de Anderith, não somente os afortunados. Está na hora de nossas leis servirem a todas as pessoas de Anderith, não apenas a menor quantidade delas.

Dalton levantou para aplaudir e assoviar. Imediatamente seguindo a sua deixa, todos os outros levantaram enquanto batiam palmas e gritavam. Hildemara, ainda radiante com o sorriso de devoção e bajulação, levantou para aplaudir seu marido.

– Quando eu era jovem, – Bertrand continuou com uma voz suave depois que a multidão aquietou. – conheci a dor da fome. Foi uma época difícil em Anderith. Meu pai não tinha trabalho. Observei minha irmã dormir chorando enquanto a fome consumia seu estômago.

– Observei meu pai chorar em silêncio, porque sentia a vergonha de não ter trabalho, porque não tinha habilidades. – fez uma pausa para limpar a garganta. – Ele era um homem orgulhoso, mas aquilo quase quebrou seu espírito.

Dalton ficou imaginando se Bertrand ao menos teve uma irmã.

– Hoje, nós temos homens orgulhosos, homens dispostos a trabalhar, e ao mesmo tempo bastante trabalho que precisa ser feito. Nós temos vários prédios do governo em construção e mais em planejamento. Temos estradas sendo construídas para permitir a expansão do comércio. Temos pontes que ainda serão levantadas nas passagens sobre as montanhas. Rios esperam que trabalhadores venham construir píeres para suportarem pontes para essas estradas e passagens.

– Mas nenhum desses homens orgulhosos que estão dispostos a trabalhar e que precisam de trabalho podem ser empregados em qualquer um desses trabalhos ou nos muitos outros disponíveis, porque não possuem habilidades. Assim como meu pai não tinha.

Bertrand Chanboor olhou para as pessoas que aguardavam bastante atentas para ouvirem a solução.

– Nós podemos fornecer trabalho para esses homens orgulhosos. Como Ministro da Cultura, é meu dever com nosso povo cuidar para que esses homens tenham trabalho e assim possam sustentar suas crianças, que são o nosso futuro. Pedi uma solução para nossas mentes mais brilhantes, e eles não falharam comigo, nem com o povo de Anderith. Gostaria de poder assumir o crédito por esse brilhante novo estatuto, mas não posso.

– Essas novas propostas sábias foram trazidas a mim por pessoas que fazem com que eu fique orgulhoso por estar no cargo para ser capaz de ajudá-los a guiar essa nova lei até a luz do dia. No passado existiram aqueles que usariam sua influência para garantir que tais ideias tão justas morressem nos recessos sombrios de salas ocultas. Não permitirei que interesses egoístas assim acabem com a esperança pelo futuro de nossas crianças.

Bertrand deixou uma expressão sombria tomar conta do seu rosto, e esse tipo de expressão dele deixava as pessoas pálidas e assustadas.

– No passado existiram aqueles que guardavam o melhor para os seus, e não dariam chance aos outros de mostrarem seu valor.

Não havia erro naquela alusão. O tempo nada significava para curar as feridas infligidas pelos Haken, aquelas feridas sempre estariam abertas e dolorosas; pois era mais interessante mantê-las assim.

O rosto de Bertrand relaxou com o seu sorriso familiar, mais agradável ainda em contraste depois da careta de raiva.

– Essa nova esperança é a Lei do Emprego Justo Winthrop. – levantou uma das mãos na direção de Claudine. – Lady Winthrop, poderia fazer o favor de levantar?

Com o rosto vermelho, ela olhou ao redor enquanto todas as pessoas sorriam em sua direção. Os aplausos começaram, pedindo que ela levantasse. Ela parecia como um cervo preso do lado de dentro da cerca do jardim ao amanhecer. Hesitante, ela levantou.

– Boas pessoas, o marido de Lady Winthrop, Edwin, é o patrocinador da nova lei, e, como muitos de vocês sabem, Lady Winthrop é sua hábil assistente no trabalho dele como Deputado. Não tenho dúvida de que Lady Winthrop teve um papel importantíssimo na nova lei de seu marido. Edwin está fora cuidando de negócios, mas gostaria de aplaudir o belo trabalho dela nisso, e espero que ela transmita o nosso apreço para Edwin quando ele voltar.

Junto com Bertrand, a sala aplaudiu e assoviou para ela e seu marido ausente. Claudine, com o rosto vermelho, sorriu cautelosamente para aquela adoração. Dalton notou que os Diretores, não sabendo do que tratava a lei, foram educados mas reservados em suas congratulações. Com pessoas inclinando em sua direção, tocando-a para chamar sua atenção, e oferecendo palavras de apreço, levou algum tempo até que todos voltassem aos seus assentos para ouvir a natureza da lei.

– A Lei de Emprego Justo Winthrop é aquilo que o seu nome implica, – Bertrand finalmente explicou. – emprego justo e aberto, ao invés de privilegiado e fechado. Com toda a construção de projetos públicos indispensáveis, temos muito trabalho a fazer para atendermos as necessidades do povo.

O Ministro passou um olhar determinado pela multidão.

– Mas uma irmandade prejudica a si mesma com prerrogativas antiquadas, que atrasam o progresso. Não me entendam mal, esses homens possuem altos ideais e são muito trabalhadores, mas chegou

a hora de abrir as portas dessa ordem arcaica destinada a proteger uma pequena quantidade de pessoas especiais.

– De agora em diante, sob a nova lei, o emprego irá para qualquer um que estiver disposto a trabalhar, não apenas para a irmandade fechada da Guilda dos Construtores!

A multidão ficou tensa. Bertrand não fez nenhuma pausa.

– Pior, por causa dessa Guilda encoberta, onde somente alguns atendem os requisitos obscuros e desnecessários deles, o custo para o povo Anderith dos projetos públicos que eles constroem está muito acima do que estaria caso trabalhadores dispostos pudessem trabalhar. – o Ministro balançou o punho. – Todos nós pagamos o custo exorbitante!

O Diretor Linscott estava quase roxo de fúria contida.

Bertrand esticou um dedo do punho e apontou para a multidão. – O vasto conhecimento dos Construtores deveria ser empregado, de todas as formas que deveria, mas com essa nova lei, o homem comum também seria empregado, sob a supervisão dos Construtores, e as crianças não ficariam famintas com o desejo de seus pais por trabalho. O Ministro bateu com o punho na palma da outra mão para enfatizar cada ponto que ele adicionava.

– Peço aos Diretores de Relações Culturais para mostrarem, agora, levantando as mãos, seu apoio em colocar as pessoas que passam fome para trabalhar, seu apoio para que o governo finalmente seja capaz de completar projetos a um preço justo usando aqueles que estejam dispostos a trabalhar e não apenas os membros de uma sociedade secreta de Construtores que definem suas próprias taxas exorbitantes com as quais todos nós devemos arcar! Seu apoio pelas crianças! Seu apoio da Lei de Emprego Justo Winthrop!

O Diretor Linscott levantou rapidamente.

– Protesto contra esse levante das mãos! Nós ainda não tivemos tempo para...

Ele ficou em silêncio quando viu o Soberano levantar a mão.

– Se os outros Diretores desejarem mostrar seu apoio, – o Soberano disse com uma voz clara no meio da agitação. – então o povo reunido aqui deveria saber disso, para que ninguém possa dar falso testemunho sobre a verdade da vontade de cada homem. Não pode haver nenhum mal em julgar o sentimento dos Diretores enquanto estão todos aqui. Mostrar as mãos não é uma palavra final, e então não fecha o assunto para debate antes que ele se torne lei.

A impaciência do Soberano tinha acabado de livrar, inconscientemente, o Ministro da tarefa de forçar uma votação. Embora fosse verdadeiro que mostrar as mãos aqui não tornasse a lei definitiva, nesse caso um rompimento entre as Guildas e profissionais garantiria que sim.

Dalton não teve que esperar para que os outros Diretores mostrassem suas mãos; não havia dúvida em sua mente. A lei que o Ministro tinha anunciado era uma sentença de morte para uma Guilda, e o Ministro tinha acabado de deixar que todos eles vissem o cintilar do machado do executor.

Embora eles não soubessem porque, os Diretores saberiam que alguns deles tinham que fazer isso. Enquanto apenas quatro dos Diretores eram mestres de Guilda, os outros não estavam menos vulneráveis. Os agiotas poderiam ter seus interesses reduzidos ou até mesmo declarados fora da lei, os mercadores suas preferências de comércio e rotas alteradas; os procuradores e advogados poderiam ter seus encargos definidos por lei em uma taxa que até mesmo um mendigo poderia pagar. Nenhum profissional estava a salvo de uma lei nova, caso eles desagradassem o Ministro.

Se os outros Diretores não apoiassem o Ministro nisso, a lâmina poderia ser direcionada para sua Guilda ou profissão. O Ministro havia pedido uma exibição pública de suas mãos ao invés de um voto a portas fechadas, a implicação era que o machado não balançaria em sua direção se eles cooperassem.

Claudine afundou em sua cadeira. Ela também sabia o que isso significava. No passado homens foram proibidos de trabalhar no comércio com os Construtores a não ser que fossem membros da Guilda dos Construtores. A Guilda definia o treinamento, os padrões, e taxas, governava disputas, direcionava trabalhadores para vários trabalhos quando necessário, cuidava de membros feridos ou doentes, e ajudava viúvas de homens mortos durante o trabalho. Com trabalhadores desqualificados tendo permissão para trabalharem como Construtores, os membros de Guilda perderiam suas vantagens. Isso destruiria a Guilda dos Construtores.

Para Linscott, isso significaria o fim de sua carreira. Pois com a perda da proteção da lei de Guilda enquanto estava em seu cargo como Diretor, os Construtores sem dúvida o expulsariam em um dia. Agora aqueles que não tinham habilidades trabalhariam; Linscott seria um pária.

É claro, os projetos da terra, no final, custariam mais. Afinal de contas, trabalhadores inexperientes eram trabalhadores inexperientes. Um homem que era caro, mas conhecia o seu trabalho, no final custava menos, e o trabalho concluído ficava bem feito.

Um Diretor levantou a mão, mostrando sua informal, mas para todos os sentidos práticos decisivo, apoio para a nova lei.

Os outros observaram aquela mão levantar, como se estivessem vendo uma flecha voar até o peito de um homem para perfurar seu coração. Linscott era aquele homem. Ninguém queria ter o mesmo destino dele. Uma por uma, as mãos dos outros Diretores começaram a levantar, até que havia onze.

Linscott lançou um olhar assassino para Claudine antes de sair caminhando pesadamente, abandonando o banquete. O rosto pálido de Claudine baixou.

Dalton começou a aplaudir os Diretores. Isso retirou todos do clima sombrio, e as pessoas começaram a fazer o mesmo; todos ao redor de Claudine começaram a parabenizá-la, dizendo a ela que

coisa maravilhosa ela e seu marido tinham feito para as crianças de Anderith. Línguas começaram a censurar os costumes egoístas dos Construtores de modo indignado. Logo uma fila de pessoas formou-se querendo agradecê-la e somar os seus nomes com aqueles do lado do Ministro da Cultura e a coragem da justiça dele.

Claudine apertou as mãos deles mas conseguiu mostrar apenas um sorriso pálido. O Diretor Linscott provavelmente jamais escutaria novamente qualquer coisa que Claudine Winthrop tivesse a dizer.

Stein espiou, mostrando um sorriso para Dalton. Hildemara direcionou um sorriso satisfeito na direção dele, e o marido dela deu alguns tapinhas nas costas de Dalton.

Quando todos retornaram aos seus assentos, a harpista preparou as mãos com os dedos esticados para puxar uma corda, mas o Soberano levantou a mão outra vez. Todos os olhos voltaram-se para ele quando ele começou a falar.

– Acredito que deveríamos aproveitar essa oportunidade, antes do prato seguinte, para ouvir o que o cavalheiro de longe tem a dizer para nós.

Sem dúvida o Soberano estava com dificuldades para ficar acordado e, antes de dormir, queria ouvir Stein falar. O Ministro levantou mais uma vez falando para todos na sala.

– Minhas boas pessoas, como devem saber, uma guerra está começando. Cada lado tem argumentos para que nos juntemos a eles. Anderith quer apenas a paz. Não temos desejo em ver nossos homens jovens e nossas mulheres jovens sangrando em uma batalha de estrangeiros. Nossa terra é a única protegida pela *Dominie Dirtch*, então não precisamos temer que a violência nos visite, mas existem outras considerações, como por exemplo o comércio com o mundo além de nossas fronteiras.

– Nós pretendemos ouvir aquilo que o Lorde Rahl de D’Hara e a Madre Confessora tem para dizer. Eles estão comprometidos para

casar, como sem dúvida todos vocês souberam através dos diplomatas que retornaram de Aydindril. Isso unirá D'Hara com Midlands criando uma força formidável. Esperamos para escutar respeitosamente as palavras deles.

– Mas esta noite ouviremos o que a Ordem Imperial deseja que fiquemos sabendo. O Imperador Jagang enviou um representante do Mundo Antigo além do Vale dos Perdidos, que agora, pela primeira vez em milhares de anos teve sua passagem aberta. – Bertrand levantou uma das mãos. – Gostaria de apresentar o porta-voz do Imperador, Mestre Stein.

As pessoas aplaudiram educadamente, mas silenciaram quando Stein levantou. Era uma figura imponente, assustadora, e fascinante. Enfiou os dedões por trás do cinto de armas vazio.

– Estamos engajados em um esforço por nosso futuro, de forma muito parecida com o esforço que acabaram de testemunhar, só que em maior escala. – Stein pegou um pequeno pedaço de pão. Sua mão apertou até que ele quebrasse. – Nós, a raça dos humanos, e isso inclui o bom povo de Anderith, estamos sendo esmagados lentamente. Estamos sendo oprimidos. Estamos sendo sufocados. Nosso destino está sendo negado, nosso futuro está sendo negado, a própria vida está sendo negada.

– Assim como vocês tem homens sem trabalho porque Guildas com interesses próprios possuem controle sobre as vidas dos outros, negando a eles trabalho e assim comida para suas crianças, a magia exerce controle sobre todos nós.

Um murmúrio cresceu pela sala enquanto um sussurro se espalhava. As pessoas estavam confusas, e apenas um pouco preocupadas. A magia era detestada por alguns, mas respeitada por muitos.

– A magia decide o destino de vocês. – Stein prosseguiu. – Aqueles que possuem magia governam vocês, ainda que vocês não

tenham consentido isso. Eles possuem o poder, e prendem vocês em suas garras.

– Aqueles que possuem magia lançam feitiços para ferir aqueles dos quais não gostam. Aqueles com magia causam danos para pessoas inocentes que eles temem, dos quais não gostam, que invejam, e simplesmente para manter as massas sob controle. Aqueles com magia governam vocês, quer vocês gostem ou não. A mente do homem poderia florescer, se não fosse a magia.

– Está na hora das pessoas comuns decidirem o que acontecerá, sem que a magia mantenha sua sombra sobre as decisões delas, e sobre o futuro de vocês. – Stein levantou a capa para o lado. – Esses são escalpos de pessoas com o Dom. Eu mesmo matei cada uma delas. Evitei que cada uma dessas feiticeiras prejudicassem as vidas de pessoas normais.

– As pessoas deveriam temer o Criador, não alguma feiticeira, mago ou bruxa. Deveríamos cultuar o Criador, nenhum outro.

Murmúrios baixos concordando começaram a crescer.

– A Ordem Imperial acabará com a magia nesse mundo assim como acabamos com a magia que mantinha as pessoas do Mundo Novo e Antigo separadas por milhares de anos. A Ordem prevalecerá. O homem decidirá seu próprio destino.

– Mesmo sem nossa ajuda menos e menos pessoas com o Dom nascem o tempo todo pois até mesmo o Criador, com sua paciência quase infinita, está cansado dos costumes vis deles. A religião antiga da magia está morrendo. O próprio Criador dessa forma nos deu um sinal de que chegou a hora do homem colocar a magia de lado.

Um barulho maior daqueles que concordavam espalhou-se pela sala.

– Nós não queremos lutar contra o povo de Anderith. Nem queremos convencê-los, contra sua vontade, a levantar armas e juntarem-se a nós. Mas nós pretendemos destruir as forças da magia lideradas pelo filho bastardo de D'Hara. Qualquer um que juntar-se

a ele cairá sob a nossa espada, assim como aqueles com magia – ele levantou a capa. – caíram sob a minha.

Ele passou um dedo lentamente diante da multidão enquanto segurava a capa levantada com a outra mão.

– Assim como matei essas feiticeiras com o Dom que levantaram-se contra mim, mataremos qualquer um que ficar contra nós.

– Nós também temos outros meios além das lâminas para acabar com a magia. Da mesma maneira que derrubamos a magia que nos separava, acabaremos com toda a magia. O tempo do homem está sobre nós.

O Ministro levantou um dedo de modo casual.

– Então, se não forem as espadas de nosso poderoso exército, o que a Ordem quer de nós?

– O Imperador Jagang dá a sua palavra que se vocês não se juntarem com as forças que lutam por aqueles que possuem magia, não atacaremos vocês. Tudo que queremos é negociar com vocês, do mesmo jeito que vocês negociam com outros.

– Bem, – o Ministro disse, fazendo seu papel de estar preocupado com o benefício da multidão. – nós já temos acordos que comprometem bastante mercadoria nossa com Midlands.

Stein sorriu.

– Nós oferecemos o dobro do preço mais alto que qualquer outro oferece pagar.

O Soberano levantou a mão, fazendo até aqueles que sussurravam pararem.

– Qual volume dos produtos de Anderith vocês estariam interessados em comprar?

Stein olhou toda a multidão. – Tudo. Somos uma força enorme. Vocês não precisam levantar nenhuma lâmina para lutar na guerra, nós lutaremos, mas se vocês venderem as suas mercadorias para nós,

estarão seguros e sua terra será rica além de suas esperanças e sonhos.

O Soberano levantou, observando a sala.

– Obrigado pelas palavras do Imperador, Mestre Stein. Nós vamos querer ouvir mais. – Por enquanto, suas palavras nos deram muito para considerar. – ele passou uma das mãos diante das pessoas. – Que o banquete continue.

CAPÍTULO 23



A cabeça de Fitch estava doendo demais. A luz da manhã feria seus olhos. Independente de chupar um pequeno pedaço de gengibre, ele não conseguia fazer o gosto azedo horrível em sua garganta desaparecer. Ele percebeu que a dor de cabeça e o gosto terrível provavelmente era resultado da quantidade demasiada de vinho e rum que ele e Morley tomaram. Ainda assim, ele estava com bom humor e sorria enquanto esfregava as panelas encrostadas.

Mesmo devagar como estava se movendo, tentando não fazer sua cabeça parecer pior, o Mestre Drummond não estava gritando com ele. O grande homem parecia aliviado que o banquete tivesse acabado e eles pudessem voltar para suas tarefas de cozinha usuais. O Mestre de cozinha mandou ele buscar várias coisas, sem chamá-lo de "Fetch" nenhuma vez.

Fitch escutou alguém vindo em sua direção, e levantou os olhos para ver que era o Mestre Drummond.

– Fitch, enxugue suas mãos.

Fitch levantou os braços e balançou tirando um pouco da água ensaboada.

– Sim, Senhor.

Ele pegou uma toalha que estava ali perto enquanto lembrava com grande prazer a palavra "Senhor" sendo direcionada a ele na noite anterior.

O Mestre Drummond enxugou a testa com sua própria toalha branca. Pelo modo como sua testa estava suando, parecia que ele

podia ter tomado alguma bebida na noite anterior também, e pudesse não estar sentindo-se em seu melhor estado. Preparar o banquete exigiu um tremendo volume de trabalho, então Fitch imaginava relutantemente que o Mestre Drummond também merecia ficar bêbado. Pelo menos o homem era chamado de “Senhor” o tempo todo.

– Vá até o escritório do Mestre Campbell.

– Senhor?

O Mestre Drummond enfiou a toalha branca atrás do cinto. As mulheres ali perto estavam observando. Gillie estava fazendo uma careta, sem dúvida esperando uma oportunidade de torcer a orelha de Fitch e censurá-lo por causa de seus costumes vis de Haken.

– Dalton Campbell acabou de enviar um recado dizendo que ele quer falar com você. Eu diria que ele quer dizer agora mesmo, Fitch, então vá correndo ver o que ele precisa.

Fitch fez uma reverência.

– Sim, Senhor, imediatamente.

Antes que ele pudesse pensar, ele deu a volta em Gillie, permanecendo fora de alcance e desaparecendo o mais rápido possível. Essa era uma tarefa que Fitch estava feliz demais em realizar, e ele não queria ser agarrado pela mulher dos temperos mal encarada.

Enquanto ele subia os degraus, dois de cada vez, sua cabeça latejante parecia apenas um incômodo de menor importância. No momento em que chegou ao terceiro andar, de repente ele sentiu-se muito bem. Correu passando pelo local onde Beata bateu nele e desceu o corredor um pouco mais adiante, para a direita, até o local para o qual tinha levado um prato de carne fatiada uma noite uma semana antes, até o escritório de Dalton Campbell.

A porta para o escritório externo estava aberta. Fitch recuperou o fôlego e entrou, mantendo a cabeça baixa de uma forma respeitosa;

só esteve ali uma vez, e não tinha exatamente certeza de como deveria agir nos escritórios do assistente do Ministro.

Havia duas mesas na sala. Uma estava com pilhas de papéis desordenadas espalhadas, junto com bolsas de mensagens e cera para selar. A outra mesa escura brilhante estava quase limpa exceto por alguns livros e uma lamparina apagada. O sol da manhã atravessando as altas janelas fornecia bastante luz.

Pela parede à esquerda, do lado oposto da parede com as janelas, quatro homens jovens reclinavam-se e conversavam em um longo banco acolchoado. Eles estavam conversando sobre condições de estradas até cidades remotas. Eram mensageiros, um trabalho cobijado na casa, então Fitch pensou que aquilo que eles discutiam parecia uma coisa bastante lógica, mas sempre imaginou que mensageiros conversariam sobre as grandes coisas que viram em seu trabalho.

Os quatro estavam bem vestidos, todos da mesma maneira, como uniforme exclusivo do assistente do Ministro, com grossas botas negras, calças marrons escuras, camisas brancas com colarinhos franzidos, e gibão com mangas cobertos com um desenho de uma cornucópia pespontada. As bordas dos gibões estavam cortadas por faixas trançadas marrons e pretas. De acordo com o modo de pensar de Fitch, a roupa fazia os mensageiros parecerem quase nobres, especialmente aqueles mensageiros que trabalhavam para o assistente do Ministro.

Havia diferentes tipos de mensageiros na casa, cada um com seu uniforme individual, cada um trabalhando por uma pessoa específica ou escritório. Fitch sabia de mensageiros trabalhando para o Ministro, Lady Chanboor, para o escritório do encarregado, para o escritório do Marechal; o Sargento tinha vários; vários mensageiros do exército que trabalhavam fora da propriedade e aqueles que traziam mensagens até a propriedade mas moravam em outro lugar, até mesmo a cozinha tinha um mensageiro. De vez em quando ele

viu outros que não reconheceu. Fitch não conseguia entender porque todos eles eram necessários. Não conseguia entender quanta mensagem uma pessoa poderia precisar enviar.

Parecia que de longe, o maior contingente de mensageiros, quase um exército, pertencia ao escritório do assistente chefe do Ministro: Dalton Campbell.

Os quatro homens sentados no banco acolchoado observaram-no com sorrisos bastante amigáveis. Dois balançaram levemente as cabeças, como uma saudação, algo que mensageiros tinham feito antes quando ele cruzou com eles. Quando faziam isso Fitch sempre achou estranho, porque, mesmo que eles também fossem Haken, ele sempre considerou que mensageiros fossem melhores do que ele, como se, embora não fossem Ander, eles estivessem em algum degrau indefinível acima de um mero Haken.

Fitch balançou a cabeça devolvendo a saudação. Um dos jovens que balançou a cabeça, talvez um ano ou dois mais velho que Fitch, levantou um dedão apontando na direção da porta adiante.

– Mestre Campbell está esperando você, Fitch. Você pode entrar.

Fitch ficou surpreso ao ser chamado pelo nome.

– Obrigado.

Ele rastejou até o alto portal para a sala interna e esperou na soleira da porta. Ele estivera na sala de espera externa anteriormente, a porta interna sempre esteve fechada, e ele esperava que o escritório interno do Mestre Campbell fosse mais ou menos do mesmo jeito, mas ele era mais largo e muito maior, com cortinas azuis e douradas de fina aparência nas três janelas, uma parede com belas prateleiras de carvalho guardando um colorido conjunto de livros grossos, e, no outro canto, vários estandartes de batalha Ander magníficos. Cada uma das longas bandeiras tinha um fundo amarelo, marcas vermelhas com uma pitada de azul. Os estandartes estavam

arrumados em um mostrador flanqueado por lanças de visual formidável.

Dalton Campbell levantou os olhos atrás de uma grande escrivaninha de mogno brilhante com pernas curvadas e uma borda enfeitada. A parte superior tinha três quadrados de couro embutidos, alguns menores de cada lado de um grande no meio, cada um deles com um desenho trançado pintado em dourado ao redor das bordas.

– Fitch, aí está você. Bom. Entre e feche a porta, por favor.

Fitch cruzou a grande sala e parou diante da escrivaninha depois que tinha feito como ele mandou.

– Sim, Senhor? Precisa de alguma coisa?

Campbell recostou em sua cadeira de couro marrom. Sua bainha e espada nobres estavam ao lado de um banco estofado, em seu próprio suporte especial de prata feito para ter aparência de um pergaminho. Linhas de escritas estavam gravadas no pergaminho, mas Fitch não conseguia ler, então não sabia se eram palavras de verdade.

Empurrando sua cadeira para trás sobre as duas pernas traseiras enquanto chupava a ponta do corpo de vidro de uma pena, o assistente do Ministro estudou o rosto de Fitch.

– Você fez um bom trabalho com Claudine Winthrop.

– Obrigado, Senhor. Tentei o melhor que pude lembrar tudo que você falou que desejava que eu fizesse e falasse.

– E fez isso muito bem. Alguns homens teriam fraquejado e falhado em fazer como eu instruí. Sempre posso usar homens que seguem ordens e lembram daquilo que digo que eu quero feito. De fato, eu gostaria de oferecer a você uma nova posição em meu escritório, como um mensageiro.

Fitch ficou sem palavras. Escutou as palavras, mas elas não pareceram fazer sentido algum para ele. Dalton Campbell tinha vários mensageiros, parecia que todo um exército deles.

– Senhor?

– Você fez muito bem. Gostaria que você fosse um dos meus mensageiros.

– Eu, Senhor?

– O trabalho é mais fácil do que o trabalho de cozinha, e o trabalho, diferente do trabalho de cozinha, paga um salário além da comida e acomodações. Ganhando um salário, você poderia começar a guardar dinheiro para o seu futuro. Talvez um dia, quando você conseguir o seu nome de “Senhor”, possa comprar algo para você. Talvez uma espada.

Fitch ficou paralisado, sua mente concentrou-se nas palavras de Dalton Campbell, girando-as através de sua cabeça novamente. Ele nunca ao menos sonhou em trabalhar como um mensageiro. Não havia considerado a possibilidade de um trabalho que forneceria mais do que um teto e comida, a oportunidade de conseguir alguma bebida de boa qualidade, e talvez um bônus de vez em quando.

É claro que ele sonhou em ter uma espada, ler e outras coisas, mas aqueles eram sonhos tolos e ele sabia disso, eram apenas sonhos para diversão. Sonhos enquanto estava acordado. Não tinha ousado sonhar coisas reais como isso, como realmente ser um mensageiro.

– Bem, o que você diz, Fitch? Gostaria de ser um dos meus mensageiros? Naturalmente, você não poderia usar essas... roupas. Teria que usar uniforme de mensageiro. – Dalton Campbell inclinou para frente, para olhar por cima da escrivaninha, e para baixo. – Isso inclui botas. Teria que usar botas para ser um mensageiro.

– Também teria que mudar para novos aposentos. Os mensageiros possuem aposentos juntos. Camas, não colchões de palha.

– As camas possuem lençóis. Você tem que arrumar sua cama, é claro, e manter as suas coisas pessoais em ordem, mas os empregados lavam as roupas e as roupas de cama dos mensageiros.

– O que você diz, Fitch? Gostaria de se juntar ao meu grupo de mensageiros?

Fitch engoliu em seco.

– E quanto a Morley, Mestre Campbell? Morley também fez como você mandou. Ele seria um mensageiro junto comigo?

O couro chiou quando Dalton Campbell voltou a sentar apoiado sobre as duas pernas traseiras da cadeira. Ele colocou a ponta da pena com vidro azul espiralado na boca durante algum tempo enquanto avaliava os olhos de Fitch. Finalmente afastou a pena da boca.

– Nesse momento eu só preciso de um mensageiro. Está na hora de você começar a pensar em você mesmo, Fitch, sobre o seu futuro. Quer ficar na cozinha pelo resto de sua vida?

– A hora de fazer o que é certo para você chegou, Fitch, se você quiser chegar a algum lugar na vida. Essa é a sua chance de sair daquela cozinha e subir. Essa pode ser a única chance que você terá.

– Estou oferecendo a posição a você, não Morley. É pegar ou largar. Então, o que vai ser?

Fitch lambeu os lábios.

– Bem, Senhor, eu gosto de Morley, ele é meu amigo. Mas acho que não tem nada no mundo que eu gostaria mais de fazer do que ser o seu mensageiro, Mestre Campbell. Ficarei com o trabalho, se você me aceitar.

– Bom. Então, bem vindo ao grupo, Fitch. – Ele sorriu de um modo amigável. – Sua lealdade com seu amigo é admirável. Espero que sinta o mesmo com este escritório. Eu terei uma... posição de meio período para Morley, por enquanto, e suspeito que em algum ponto no futuro uma vaga pode abrir e então ele poderia juntar-se a você no grupo dos mensageiros.

Fitch sentiu alívio com a notícia. Odiaria perder seu amigo, mas faria qualquer coisa para sair da cozinha do Mestre Drummond e ser um mensageiro.

– Isso é incrivelmente gentil de sua parte, Senhor. Sei que Morley também trabalhará direito para você. Juro que eu trabalharei.

Dalton Campbell inclinou para frente outra vez, deixando as compridas pernas da cadeira baterem no chão.

– Então, está certo. – ele empurrou um pedaço de papel pela mesa. – Leve isso até o Mestre Drummond. Ele informa que eu solicitei os seus serviços como mensageiro, e que você não está mais sob a responsabilidade dele. Imaginei que você poderia querer entregar isso pessoalmente, como sua primeira mensagem oficial.

Fitch queria pular e soltar um grito, mas ao invés disso ficou impassível, como achava que um mensageiro ficaria.

– Sim, Senhor, eu gostaria. – ele percebeu que também estava mais ereto.

– Então, logo depois, um dos meus outros mensageiros, Rowley, levará você até o armazém da Propriedade. Eles entregarão um uniforme que sirva em você por enquanto. Quando estiver lá, a costureira medirá você para que sua nova roupa fique ajustada.

– Enquanto estiverem ao meu serviço, espero que todos os meus mensageiros estejam bem vestidos com uniforme. Espero que os meus mensageiros, reflitam bem meu escritório. Isso significa que você e suas roupas devem estar limpos. Suas botas polidas. Seu cabelo penteado. Você terá conduta adequada todas as vezes. Rowley explicará os detalhes. Consegue fazer tudo isso, Fitch?

Os joelhos de Fitch tremeram.

– Sim, Senhor, certamente eu consigo, Senhor.

Pensando nas roupas novas que ele usaria, de repente sentiu-se bastante envergonhado de como deveria estar com aparência suja. Fazia uma hora ele pensou que parecia bem como estava, mas agora não pensava mais assim. Não conseguia esperar para deixar seus trapos de ajudante de cozinha.

Ficou imaginando o que Beata pensaria quando o visse em seu belo uniforme de mensageiro.

Dalton Campbell empurrou uma bolsa de couro pela mesa. Ela estava fechada com uma grande massa de cera de cor âmbar com o símbolo de uma folha de trigo gravado nela.

– Depois que estiver limpo e vestir sua roupa nova, quero que você entregue essa bolsa no Escritório de Relações Culturais, em Fairfield. Você sabe onde fica?

– Sim, Senhor, Mestre Campbell. Eu cresci em Fairfield, e conheço cada lugar ali.

– Assim ouvi dizer. Temos mensageiros de toda Anderith, e a maioria deles cobre os lugares que eles conhecem, os lugares onde cresceram. Já que você conhece Fairfield, será designado para aquela área na maioria do seu trabalho.

Dalton Campbell recostou para tirar alguma coisa de um bolso.

– Isso é para você. – jogou aquilo pelo ar.

Fitch agarrou e ficou olhando em silêncio para a moeda de prata em sua palma. Ele achava que a maioria das pessoas ricas não carregassem um valor tão alto assim.

– Mas, Senhor, eu ainda não cumpri um mês de trabalho.

– Isso não é o seu salário de mensageiro. Você recebe o seu salário no final de cada mês. – Dalton Campbell levantou uma sobrancelha. – Isso é para mostrar minha gratidão pelo trabalho que você fez noite passada.

Claudine Winthrop. Era isso que ele queria dizer, assustar Claudine Winthrop para que ficasse quieta.

Ela chamou Fitch de “Senhor”.

Fitch colocou a moeda de prata sobre a mesa. Com um dedo, relutantemente, ele empurrou a moeda algumas polegadas na direção de Dalton Campbell.

– Mestre Campbell, você não me deve nada por aquilo. Jamais prometeu nada por aquilo. Fiz porque eu queria ajudá-lo, e para proteger o futuro Soberano, não por uma recompensa. Não posso aceitar dinheiro que não me pertence.

O assistente do Ministro sorriu.

– Pegue a moeda, Fitch. Isso é uma ordem. Depois que você entregar aquela bolsa em Fairfield, não tenho mais trabalho para você hoje, então eu quero que você gaste uma parte disso, tudo se desejar, com você mesmo. Divirta-se um pouco. Compre doces. Ou compre bebida. O dinheiro é seu; gaste como desejar.

Fitch conteve sua excitação. – Sim, Senhor. Obrigado, Senhor. Então farei como você diz.

– Bom. Porém, só mais uma coisa. – Campbell colocou um cotovelo sobre a mesa e inclinou para frente. – Não gaste com prostitutas na cidade. Existem algumas doenças horríveis entre as prostitutas em Fairfield nessa primavera. Esse é um modo terrível para morrer. Se ficar com a prostituta errada, não viverá tempo bastante para ser um bom mensageiro.

Enquanto a ideia de ficar com uma mulher era dolorosamente tentadora, Fitch não imaginava como conseguiria ter nervos para seguir adiante e ficar nu na frente de uma. Ele gostava de olhar para mulheres, do jeito que gostou de olhar para Claudine Winthrop e gostou de olhar para Beata, e ele gostava de imaginá-las nuas, mas nunca as imaginou vendo ele nu, em um estado de excitação. Ele já teve bastante dificuldade para esconder sua condição de excitação de mulheres quando estava com as roupas. Desejava ardentemente estar com uma mulher, mas não conseguia imaginar o quanto o constrangimento da situação estragaria o prazer daquilo. Talvez se fosse uma garota que ele conhecia, e gostava, e se ele a beijasse, acariciasse e a cortejasse durante algum tempo, conseguisse conhecê-la bem, ele pudesse ver como poderia chegar ao ponto para efetuar o procedimento, mas não conseguia imaginar alguém conseguir controlar os nervos ao estar com uma mulher que nem conhecia e simplesmente ficar nu na frente dela.

Talvez se estivesse escuro. Talvez fosse isso. Talvez fosse escuro nos quartos das prostitutas, assim as duas pessoas na verdade não

enxergassem uma a outra. Mas ele ainda...

– Fitch?

Fitch limpou a garganta.

– Não, Senhor. Faço um juramento de não procurar nenhuma das prostitutas em Fairfield. Não, Senhor, eu não vou.

CAPÍTULO 24



Depois que o rapaz saiu, Dalton bocejou. Tinha ficado acordado até tarde antes do amanhecer, dando instruções a seus empregados, reunindo-se com assistentes de confiança para ouvir seus relatórios de qualquer discussão relevante no banquete, e então cuidando da preparação de todas as mensagens. A equipe empregada na cópia e na preparação de mensagens, entre outras coisas, ocupava os seis quartos seguintes descendo o corredor, mas eles precisaram dos escritórios externos dele para completarem a tarefa em menor tempo.

Logo na primeira luz do dia Dalton tinha enviado seus mensageiros até os proclamadores em todos os cantos de Anderith. Mais tarde, quando o Ministro estava de pé e havia terminado com seja lá quem tivesse acabado como sua parceira de cama, Dalton informaria ao homem sobre o anúncio para que ele não fosse pego de surpresa, uma vez que ele era o signatário da mensagem.

Os proclamadores leriam as mensagens em salões de reunião, salões de Guildas, salões de comerciantes, salões de Conselho das cidades, tavernas, hospedarias, em cada posto de exército, em cada universidade, em cada serviço de culto, em cada Reunião de Penitência, lavanderias industriais, fábricas de papel, e moinhos de grãos, em cada praça de mercado, em qualquer lugar onde houvesse pessoas reunidas; desde uma ponta de Anderith até a outra. Dentro de uma questão de dias, a mensagem, a mensagem exata como Dalton tinha escrito, estaria em cada ouvido.

Proclamadores que não liam as mensagens exatamente como foram escritas eram, mais cedo ou mais tarde, denunciados e substituídos por homens mais interessados em manter suas fontes de rendimento extra. Além de enviar as mensagens para os proclamadores, Dalton, de uma forma rotativa, enviava mensagens idênticas para pessoas sobre a terra que ganhavam um pouco de dinheiro extra para ouvirem o proclamador e informarem se a mensagem foi alterada. Tudo fazia parte do cuidado com sua teia.

Poucas pessoas entendiam, como Dalton entendia, a importância da mensagem convincente precisamente formatada alcançar cada ouvido. Poucas pessoas entendiam o poder exercido por aquele que controlava as palavras que o povo ouvia; naquilo que o povo ouvia, se fosse colocado para eles da maneira certa, eles acreditavam, independente de quais fossem aquelas palavras. Poucas pessoas entendiam a arma que uma informação moldada adequadamente representava.

Agora havia uma nova lei na terra. Uma lei que proibia as práticas de aluguel parcial na profissão dos Construtores, e ordenava a contratação de trabalhadores dispostos que apresentavam-se para trabalhar. No dia anterior, tal ação contra uma Guilda poderosa teria sido impensável. Sua mensagem incitava as pessoas a agirem pelos mais altos ideais culturais Ander, e não efetuarem compreensivas ações beligerantes contra Construtores devido suas práticas desprezíveis que contribuíam para que as crianças sofressem com a fome. Ao invés disso, sua mensagem insistia que eles seguissem os novos, mais altos padrões da Lei do Emprego Justo Winthrop. E os Construtores assustados, ao invés de atacarem a nova lei, tentariam rapidamente e vigorosamente provar que não estavam fazendo as crianças dos seus vizinhos passarem fome intencionalmente.

Dentro de pouco tempo, Construtores pela terra não estariam apenas obedecendo, mas abraçando a nova lei como se eles mesmos

estivessem o tempo todo ansiosos que ela fosse aprovada. Era isso, ou serem apedrejados por multidões furiosas.

Dalton gostava de considerar cada eventualidade e ter a estrada preparada antes que a carruagem chegasse. Na hora em que Rowley tivesse providenciado que Fitch estivesse limpo e vestindo uniforme de mensageiro, e o rapaz tivesse seguido seu caminho com a lei na bolsa, seria tarde demais para o Escritório de Relações Culturais, se por alguma razão os onze Diretores mudassem de ideia, procurando fazerem alguma coisa a respeito. Os proclamadores já estariam transmitindo a nova lei por toda Fairfield, e logo ela seria conhecida amplamente. Agora nenhum dos onze Diretores seria capaz de alterar o apoio que mostraram com as mãos no banquete.

Fitch se encaixaria muito bem com os outros mensageiros de Dalton. Todos eram homens que ele havia reunido durante os últimos dez anos, homens jovens retirados de lugares obscuros, que de outra forma estariam condenados a uma vida de trabalho duro, degradação, poucas opções, e pouca esperança. Eles eram a terra debaixo dos calcanhares da cultura Anderith. Agora, através da entrega de mensagens para proclamadores, eles ajudavam a formatar e controlar a cultura Anderith.

Os mensageiros faziam mais do que apenas entregar mensagens; de certas maneiras eram quase um exército particular, pago pelo povo, e um dos meios através dos quais Dalton tinha subido até o seu posto atual. Todos os seus mensageiros eram solidamente leais a nenhum outro além de Dalton. A maioria entregaria sua vida se ele pedisse. Houve algumas ocasiões em que ele pediu.

Dalton sorriu enquanto seus pensamentos vagavam para coisas mais agradáveis, vagavam até Teresa. Ela estava flutuando por ter sido apresentada ao Soberano. Quando eles voltaram para seus aposentos depois do banquete e foram para cama, ela o

recompensou, como prometeu, mostrando o quanto ela poderia ser boa.

E Teresa conseguia ser extraordinariamente boa.

Ela ficou tão inspirada pela experiência de conhecer o Soberano que estava passando a manhã rezando. Ele duvidou que ela pudesse ter ficado mais influenciada se tivesse conhecido o próprio Criador. Dalton estava feliz em poder fornecer a Teresa uma experiência tão incrível.

Pelo menos ela não desmaiou, como aconteceu com várias mulheres e um homem quando foram apresentados ao Soberano. Se não fosse uma ocorrência comum, isso teria sido embaraçoso para aquelas pessoas. Desse modo, todos entenderam e realmente aceitaram as reações deles. De certa forma, era uma marca de distinção, um talismã de fé, provando a devoção de alguém ao Criador. Ninguém considerava isso de outro maneira a não ser como sincera fé sendo exposta.

Dalton, porém, reconhecia o Soberano como o homem que ele era, um homem em uma alta posição, mas um homem apesar de tudo. Entretanto, para algumas pessoas, ele transcendia tais noções terrenas. Quando Bertrand Chanboor, um homem que já era altamente respeitado e admirado como o Ministro da Cultura de maior destaque que já serviu, se tornasse Soberano, ele também transformaria-se em objeto de adoração.

Mas Dalton suspeitava que muitas das mulheres que desmaiavam estariam tentando ficar embaixo dele, ao invés de na frente dele. Para muitas, isso seria uma experiência religiosa além do mero acasalamento com um homem de poder como o Ministro da Cultura. Até mesmo maridos ficariam enobrecidos com a sagrada aceitação de suas esposas em terem um encontro desse tipo com o Soberano.

Quando ouviu uma batida na porta, Dalton levantou os olhos e começou a dizer “entre” mas a mulher já estava entrando. Era Franca

Gowenlock.

Dalton levantou.

– Ah, Franca, que bom vê-la. Você aproveitou o banquete?

Por alguma razão, a mulher estava com uma expressão sombria. Somado com seus olhos e cabelos escuros, e o aspecto geral que fazia ela parecer como se de algum modo sempre estivesse no meio de uma sombra mesmo quando não estava, isso realmente deixava sua aparência bastante sinistra. O ar sempre parecia parado e frio toda vez que Franca estava por perto.

Ela segurou o topo de uma cadeira enquanto passava, arrastando-a até a escrivaninha dele. Colocou a cadeira diante da escrivaninha, sentou na frente dele, e cruzou os braços. Um pouco surpreso, Dalton recuou em sua cadeira.

Finas linhas estendiam-se dos olhos semicerrados dela.

– Não gosto daquele homem da Ordem, Stein. Não gosto dele nem um pouco.

Dalton relaxou em sua cadeira. Franca usava seu cabelo negro quase até os ombros solto, e mesmo assim de algum modo ele ficava afastado de seu rosto, como se tivesse sido imobilizado por um vento congelante. Um pouco de cabelo grisalho marcava suas têmporas, mas, ao invés de adicionar anos em sua aparência, somava apenas seriedade em sua expressão.

O simples vestido de cor marrom amarelada dela estava abotoado até o pescoço. Um pouco mais acima, uma faixa de veludo negro envolvia sua garganta. Geralmente ela era de veludo negro, mas nem sempre. Seja lá qual fosse o material com o qual ela era feita, sempre tinha pelo menos dois dedos de largura.

Porque ela sempre usava uma faixa na garganta, cada vez mais Dalton fica imaginando o motivo, e o quê, se houvesse algo, poderia estar por baixo dela. Franca sendo Franca, ele jamais perguntou.

Conheceu Franca Gowenlock durante quase quinze anos, e empregou os talentos dela durante aproximadamente metade desse

tempo. Às vezes ele pensava que ela devia ter sido decapitada algum dia e costurou de volta sua própria cabeça.

– Sinto muito, Franca. Ele fez alguma coisa a você? Insultou você? Ele não encostou a mão em você, encostou? Eu cuidarei dele, se esse for o caso, você tem a minha palavra.

Franca sabia que a palavra dele com ela estava além de questionamento. Ela cruzou os longos dedos graciosos sobre o colo.

– Ele teve mulheres o bastante dispostas e ansiosas; não precisou de mim para isso.

Dalton, realmente perplexo, mas cauteloso apesar de tudo, afastou as mãos.

– Então o que foi?

Franca colocou os antebraços sobre a mesa e baixou a cabeça. Ela baixou a voz.

– Ele fez alguma coisa com o meu Dom. Bagunçou ele todo, ou algo assim. Dalton piscou, uma preocupação verdadeira espalhou-se através dele. –

Está querendo dizer que você acha que ele tem algum tipo de poder mágico? Que ele lançou um feitiço, ou algo assim?

– Não sei, – Franca grunhiu. – mas ele fez alguma coisa.

– Como você sabe?

– Tentei ouvir as conversas no banquete, do jeito como sempre faço. Estou dizendo, Dalton, eu não saberia que tinha o Dom se não soubesse que tenho. Nada. Não captei nada de ninguém. Nadinha.

Agora a careta de preocupação de Dalton imitava a dela.

– Está dizendo que o seu Dom não ajudou você a escutar nada?

– Você ouviu alguma coisa do que falei? Não foi isso que acabei de dizer? Dalton tamborilou com os dedos sobre a mesa. Virou e olhou lá fora pela janela. Levantou e suspendeu a vidraça, deixando a brisa calorosa entrar. Fez um sinal para Franca, e ela deu a volta na escrivania.

Dalton apontou para dois homens que conversavam debaixo de uma árvore do outro lado do gramado.

– Lá embaixo, aqueles dois. Diga o que eles estão falando.

Franca colocou as mãos no peitoril da janela e inclinou para fora um pouco, olhando fixamente para os dois homens. O sol no rosto dela mostrou como o tempo realmente estava começando a enrugar, amolecer, e derrubar aquela que ele sempre pensou que fosse uma das mais belas, se não a mais estranha, mulher que já tinha conhecido. Mesmo assim, independente do avanço do tempo, sua beleza ainda era assustadora.

Dalton observou as mãos dos homens moverem-se, gesticulando enquanto eles falavam, mas não conseguia ouvir nenhuma das palavras. Com o seu Dom, ela deveria ser capaz de escutá-los com facilidade.

O rosto de Franca ficou pálido. Ela ficou tão imóvel que parecia uma das figuras de cera da exposição ambulante que passava por Fairfield duas vezes ao ano. Dalton não conseguia ao menos dizer se a mulher estava respirando.

Finalmente ela soltou um suspiro irritado.

– Não consigo ouvir uma palavra. Eles estão longe demais para ver seus lábios, então isso não ajuda em nada, mas assim mesmo, não escuto nada, e eu devia escutar.

Dalton olhou para baixo, perto do prédio, três andares abaixo.

– E quanto aqueles dois.

Franca inclinou para dar uma olhada. O próprio Dalton quase conseguia ouvir; uma risada cresceu, e uma exclamação, mas nada além disso. Novamente Franca ficou imóvel.

Dessa vez, o suspiro que ela soltou estava perto da fúria.

– Nada, e quase consigo escutá-los sem o Dom.

Dalton fechou a janela. A raiva desapareceu do rosto dela rapidamente, e ele viu algo que nunca tinha visto nela: medo.

– Dalton, tem que se livrar daquele homem. Ele deve ser um mago, ou algo assim. Ele me deixou toda amarrada.

– Como você sabe que foi ele?

Ela piscou duas vezes com a pergunta.

– Bem... o que mais poderia ser? Ele afirma ser capaz de eliminar a magia.

Ele só esteve aqui poucos dias, e só comecei a sentir esse problema faz alguns dias.

– Teve algum problema com alguma outra coisa? Com outros aspectos do seu Dom?

Ela virou para outro lado, apertando as mãos.

– Poucos dias atrás eu fiz um pequeno feitiço para uma mulher que me procurou, um pequeno feitiço para que ela pudesse ter seu fluxo da lua de volta, e não ficar grávida. Esta manhã ela voltou e disse que não funcionou.

– Bem, essa deve ser um tipo de conjuração complexa. Pode ter muita coisa envolvida. Imagino que esses tipos de coisas não funcionem sempre.

Ela balançou a cabeça.

– Sempre funcionou.

– Talvez você esteja doente. Você sentiu algo diferente ultimamente?

– Estou me sentindo exatamente do mesmo jeito. Sinto como se meu poder estivesse tão forte como sempre. Ele deveria estar, mas não está. Outros encantamentos também falharam. Eu não deixaria isso continuar sem testar.

Perturbado, Dalton aproximou-se. – Franca, eu não sei muita coisa sobre isso, mas talvez uma parte desse problema só dependa da confiança em si mesma. Talvez você apenas tenha de acreditar que consegue fazer isso para que ele funcione outra vez.

Ela lançou um olhar zangado por cima do ombro.

– Onde você aprendeu uma noção sobre o Dom tão idiota?

– Não sei. – Dalton encolheu os ombros. – Admito que não sei muito sobre magia, mas realmente não acredito que Stein possui o Dom, ou qualquer magia sobre ele. Simplesmente ele não é desse tipo de pessoa.

– Além disso, ele nem está aqui hoje. Não poderia estar interrompendo sua habilidade de ouvir aquelas pessoas aqui embaixo; ele saiu para dar uma volta pelo campo. Já passaram algumas horas que ele saiu.

Ela caminhou ao redor dele lentamente, parecendo assustadora e ao mesmo tempo aterrorizada. Expressões opostas assim ao mesmo tempo causaram arrepios nele.

– Então eu temo, – ela sussurrou. – que eu simplesmente tenha perdido meu poder. Estou impotente.

– Franca, tenho certeza...

Ela lambeu os lábios.

– Você está com Serin Rajak acorrentado, não está? Não gostaria de pensar que ele ou os seus seguidores lunáticos...

– Já falei para você, temos ele acorrentado. Nem tenho certeza se ele ainda está vivo. Depois de todo esse tempo, eu duvido, mas de qualquer modo não há motivo para se preocupar com Serin Rajak.

Olhando para o vazio, ela assentiu.

Ele tocou no braço dela. – Franca, tenho certeza que o seu poder voltará. Tente não ficar preocupada demais.

Lágrimas surgiram nos olhos dela. – Dalton, estou apavorada.

Cuidadosamente, ele segurou a mulher que chorava em seus braços consoladores. Afinal de contas, ela era, além de uma mulher dotada perigosa, uma amiga.

As palavras da canção no banquete apareceram em sua mente.

Surgiram aquelas que roubam os encantos e feitiços.

CAPÍTULO 25



Roberta levantou o queixo bem alto no ar, esticando o pescoço, para olhar cautelosamente além da extremidade do penhasco não muito longe e observar os campos férteis do seu adorado Vale Nareef lá embaixo. Campos recém arados formavam uma rica mancha marrom entre os surpreendentes tapetes verdes de novas plantações e os pastos verdejantes mais escuros onde animais, parecendo pequenas formigas lentas, pastavam na tenra grama nova. O Rio Dammar deslizava através de tudo isso, cintilando sob os raios de sol do início da manhã, acompanhado durante sua rota por um conjunto de árvores verde escuras, como se elas estivessem observando o esplendoroso desfile do rio.

Não importava aonde fosse lá em cima na floresta perto do Penhasco dos Ninhos, ela conseguia uma vista bem ampla, apenas para ver o belo vale lá embaixo. Depois de contemplar aquela rápida visão, ela sempre baixava os olhos para o chão sombreado da floresta aos seus pés, para os resíduos de folhas, e para as faixas de musgo no meio da luz do sol, onde o chão era firme e confortador.

Roberta ajeitou o saco pendurado sobre o ombro, e seguiu adiante. Enquanto manobrava através dos claros caminhos entre os arbustos com Mirtilos e espinheiros, pisava em pedras dispostas como ilhas no meio de fendas escuras e buracos, e agachava sob galhos baixos de pinheiros e carvalhos, ela afastava para o lado com seu cajado uma samambaia aqui ou um galho baixo de árvore esticado ali, procurando, sempre procurando, enquanto avançava.

Ela avistou um chapéu amarelo em forma de vaso e curvou-se para dar uma olhada. Cantarelo, ela ficou feliz em ver, e não o venenoso Jack da Lanterna. A maioria das pessoas gostava do macio cogumelo amarelo Cantarelo por causa do seu sabor parecido com noz. Ela segurou o talo com um dedo e arrancou. Antes de enfiar o prêmio no saco, passou o dedão sobre as finas camadas parecidas com plumas apenas por causa do prazer da suave sensação.

A montanha na qual ela procurava por seus cogumelos era apenas uma montanha pequena, comparada com as outras que projetavam-se ao redor, e o Penhasco dos Ninhos, confortadoramente arredondado, com trilhas, algumas feitas por homens mas a maioria feitas por animais, marcando o leve declive coberto de árvores. Era um tipo de floresta da qual seus músculos cansados e os ossos incrivelmente doloridos preferiam.

Diziam que uma pessoa poderia ver o oceano bem longe, ao Sul da maioria das montanhas mais altas. Sempre ouviu dizer que essa era uma visão inspiradora. Muitas pessoas subiam até ali uma vez a cada ano ou dois apenas para contemplar o esplendor do Criador através daquilo que ele forjou.

Algumas daquelas trilhas conduziam uma pessoa através das beiras de penhascos, pedregulhos e coisas assim. Alguns até criavam rebanhos de cabras lá em cima, naquelas ladeiras escarpadas e rochosas. Mas desde uma jornada quando era uma criança pequena, quando seu pai, que sua alma descansa em paz, a levou para Fairfield, o motivo ela não conseguia lembrar, nunca ao menos esteve ali em cima. Roberta estava feliz em permanecer perto da terra aluvial. Diferente de várias outras pessoas, Roberta nunca escalou as mais altas montanhas; tinha medo de lugares altos.

Mais alto ainda, nas regiões acima, existiam lugares piores, como a desolação mais acima onde os pássaros do Vale Nareef faziam seus ninhos.

Não havia nada naquele lugar desolado, nenhum punhado de grama, nem um ramo de arbusto, exceto aquelas plantas Paka que cresciam naquela água venenosa pantanosa. Nada mais estava ali em cima a não ser a vasta extensão de solo escuro, rochoso, e arenoso, e alguns ossos esbranquiçados, como ouviu dizerem. Aquilo era como outro mundo, aqueles que o viram falavam. Silencioso a não ser pelo vento que carregava a terra escura arenosa formando dunas que trocavam de posição com o tempo, sempre avançando, como se estivessem procurando algo, mas sem jamais encontrá-lo.

As montanhas mais baixas, como aquelas nas quais ela procurava seus cogumelos, eram lugares belos, exuberantes, em sua maioria mais arredondadas e suaves, exceto pelo Penhasco dos Ninhos, que não era tão íngreme e rochoso. Ela gostava da parte dele onde havia grande quantidade de árvores, criaturas e todos os tipos de coisas crescendo. Os rastros de veado que ela seguia ficavam longe das bordas que ela não gostava, e nunca chegavam muito perto do Penhasco dos Ninhos, como ele era chamado porque os falcões gostavam de fazer ninhos ali. Gostava das florestas fechadas, onde os cogumelos dela cresciam.

Roberta colhia cogumelos para vender no mercado; alguns frescos, alguns secos, alguns conservados, e outros preparados de várias formas. A maioria das pessoas a chamavam de “Moça dos Cogumelos”, e não a conheciam por outro nome. Vendidos no mercado, os cogumelos ajudavam a obter para sua família um pouco de dinheiro para as coisas que tornavam a vida mais fácil: agulhas e linha, algumas roupas prontas, fivelas e botões, uma lamparina, óleo, sal, açúcar, canela, nozes, coisas para ajudar um corpo a ter momentos melhores. Mais fácil para sua família, e especialmente para seus quatro netos ainda vivos. Os cogumelos de Roberta forneciam todas essas coisas para suplementar o que eles mesmos cultivavam ou construíaam.

É claro, eles também eram bons para comer. Ela gostava mais dos cogumelos que cresciam nas florestas lá em cima, na montanha, ao invés daqueles no vale lá embaixo. Como eram tocados pelas nuvens lá em cima durante a maior parte do tempo, os cogumelos cresciam viçosos nas condições úmidas. Sempre achou que não havia nenhum melhor do que aqueles lá em cima, na montanha, e muitas pessoas a procuravam justamente por seus cogumelos da montanha. Roberta também tinha seus locais secretos, onde encontrava os melhores todo ano. Os grandes bolsos em seu avental estavam tufados e cheios deles, assim como o saco sobre o ombro dela.

Porque ainda era cedo no ano, ela havia encontrado, em grande parte, vários grupos dos cogumelos marrom amarelados. Seus chapéus macios, carnudos, eram os melhores para misturar com ovos e fritar, então precisava vendê-los frescos. Mas ela teve sorte, e teria Cantarelos para secar assim como para oferecer frescos. Também encontrou um bom número de Selas da Dríade, e eles ficariam melhores em conserva, se ela quisesse conseguir o preço mais alto.

Era cedo demais para Cogumelo Dourado da Agulha na maioria dos lugares, embora ele ficasse comum mais tarde, no verão, mas ela foi até um dos seus locais especiais, onde haviam diversos pedaços de tronco de pinheiro e onde tinha encontrado alguns dos Cogumelos Dourados da Agulha de cor ocre usados para fazer tinta. Roberta tinha encontrado até um vidoeiro apodrecido com um grupo de Políporos de cor marrom. Os cogumelos em forma de rim eram apreciados por cozinheiros para manter um fogo ardendo e por homens que os usavam para afiar suas lâminas.

Apoiada em seu cajado, Roberta inclinou sobre um cogumelo acastanhado de aparência inofensiva. Ele tinha um anel no talo claro. Ela viu que as finas camadas amareladas estavam começando a assumir uma cor de ferrugem. Também era época do ano para esse

tipo de cogumelo. Grunhindo com desgosto, ela deixou o mortal Galerina em paz e seguiu em frente.

Outra vez sob os galhos de um carvalho, tão largo quanto os ombros, de um lado a outro, de seus dois bois quando eles estavam emparelhados, ela arrancou três Cantarelos picantes de bom tamanho. A variedade picante crescia quase exclusivamente sob carvalho. Eles já tinham mudado de amarelo para laranja, então poderiam ser comidos.

Roberta sabia onde estava, mas estava fora de seu caminho usual, então nunca tinha visto o enorme carvalho. Quando viu a coroa da árvore, ela soube que com toda aquela sombra que ela fornecia aquele seria um bom local para cogumelos. Não ficou desapontada.

Na base do carvalho, ao redor de parte do tronco onde ele projetava-se do chão, ficou alegre ao ver um grupo de pequenos tubos, ou veias de carne como algumas pessoas os chamavam porque às vezes os tubos possuíam uma cor vermelha vívida como um punhado de veias unidas e cortadas no mesmo nível. Porém, essas eram rosados, com apenas algumas tiras vermelhas. Roberta preferia o nome de pequenos tubos, mas ela ainda não gostava muito deles. Entretanto, algumas pessoas os compravam por seu gosto picante e eles faziam parte do lado raro, então eles valiam um preço decente.

Debaixo da árvore, na profunda sombra, havia um anel de Sinos dos Espíritos, chamados dessa forma por causa dos seus chapéus parecidos com sino. Não eram venenosos, mas por causa do seu gosto amargo e textura de madeira, ninguém gostava deles. Porém, pior ainda, as pessoas pensavam que qualquer um que pisasse dentro do anel seria enfeitiçado, então as pessoas geralmente não queriam nem ver os adoráveis e pequeninos Sinos dos Espíritos. Roberta andava entre anéis de Sinos dos Espíritos desde que era pequenina, quando sua mãe a levava junto para colher cogumelos.

Uma vez que não acreditava nesse tipo de superstição a respeito dos seus queridos cogumelos, ela caminhou através do anel de Sinos dos Espíritos, imaginando ouvir suas delicadas notas, e recolhendo os pequenos talos.

Um dos galhos do carvalho havia crescido baixo o bastante para formar um assento. Tão largo quanto a cintura dela, era confortável o bastante, e seco o bastante, para servir como um bom local para sentar.

Roberta colocou o saco no chão. Suspirou aliviada quando encostou seus ossos cansados contra outro galho, que fazia uma curva para cima em um ângulo muito bom para descansar os seus ombros e a cabeça. A árvore parecia segurá-la em sua mão acolhedora.

Como estava sonhando acordada, pensou que era parte do sonho quando ouviu um sussurro que parecia o seu nome. Era um som caloroso baixo, agradável, mais uma sensação de coisas boas e pensamentos felizes do que uma palavra.

Na segunda vez, ela soube que aquilo não fazia parte do sonho, e teve certeza de que era seu nome que estava sendo pronunciado, mas de certo modo, de uma forma mais íntima do que uma simples palavra sendo falada.

O fato era que, da maneira como ele era proferido, tocava o seu coração. Era como a música do próprio espírito.

Completamente adorável com suavidade, compaixão, e calor. Isso a fez suspirar. Deixou-a feliz. Espalhava-se através dela como a luz do sol em um dia frio.

Na terceira vez, ela endireitou o corpo para olhar, desejando ver a fonte de uma voz tão tocante. Mesmo enquanto se movia, ela sentia como se estivesse em um dos seus devaneios, contente e sentindo paz. Toda a floresta ao redor parecia cintilar sob a luz da manhã, parecia brilhar.

Roberta soltou um leve gemido quando o viu, não muito longe.

Nunca tinha visto ele, mas parecia como se o conhecesse sempre. Percebeu que ele era um amigo familiar, um conforto, um companheiro de sua mente desde a juventude, embora nunca tivesse pensado muito naquilo. Ele parecia ser aquele que sempre estivera ali, junto com ela. Aquele no qual ela sempre pensou quando estava sonhando acordada. O rosto sem definição, e mesmo assim um rosto que ela conhecia bem.

Agora ela percebeu que ele era tão real quanto ela sempre imaginou quando o beijava em suas fantasias, como sempre fizera desde que era jovem o bastante para saber que um beijo era algo mais do que aquilo que sua mãe dava antes de ir para cama. Os dele eram beijos dados sobre a cama. Totalmente calorosos, ardentes.

Nunca imaginou que ele fosse real, mas agora tinha certeza que sempre soube que ele era. Da maneira como ele estava ali, olhando dentro dos olhos dela, como não podia ser real? O cabelo dele afastou do seu rosto glorioso, mostrando o sorriso caloroso, embora ela considerasse estranho que não conseguisse definir qual era a aparência dele. Mesmo assim, ao mesmo tempo, conhecia o rosto dele tão bem quanto conhecia o dela.

E, conhecia cada pensamento dele, exatamente como ele conhecia cada pensamento e desejo dela. Ele era sua verdadeira alma gêmea.

Conhecia os pensamentos dele; não precisava do nome dele. O fato dela não saber o nome dele era prova de que eles estavam conectados em um nível espiritual que transcendia as palavras.

E agora ele tinha caminhado para fora da névoa daquele mundo espiritual, necessitando estar com ela, da mesma maneira como ela necessitava estar com ele. A mão dele abriu para ela, como se estivesse declarando sua necessidade. Roberta esticou-se na direção da mão. Ela parecia quase flutuar acima do chão. Seus pés estavam movendo-se como os filamentos plumosos dos Dentes de Leão deslizando sobre uma brisa. Seu corpo flutuava como ervas na água

enquanto ela se esticava em direção a ele. Esticava-se para receber seu abraço.

Quanto mais perto ela chegava, mais calor sentia. Não calor como o do sol no rosto, mas como o calor dos braços de um amante, o sorriso de um amante, o doce beijo de um amante.

Toda a vida dela estava concentrada nisso, necessitava estar nos braços dele sentindo seu abraço delicado, precisava sussurrar seu desejo porque sabia que ele entenderia, precisava sentir os calor dos lábios dele em sua orelha, dizendo a ela que ele entendia.

Ela estava ardendo de vontade para sussurrar seu amor, que ele sussurrasse o dele.

Não precisava de nada na vida tanto quanto precisava estar naqueles braços que ela conhecia tão bem.

Seus músculos não estavam mais cansados; seus ossos não estavam doendo. Ela não sentia mais o peso da idade. Os anos foram retirados dela como as roupas dos amantes removendo obstáculos para conseguirem chegar até a essência de suas próprias existências.

Por causa dele, somente por causa dele; ela estava novamente no encantador florescer da juventude, onde tudo era possível.

O braço dele flutuou até ela, sua necessidade por ela era tão grande quanto a dela por ele. Ela esticou o braço para alcançar a mão dele, mas ela parecia distante, e ela esticou-se mais, mas ela ainda continuava longe.

O pânico espalhou-se nela quanto temeu que ele fosse embora antes que finalmente conseguisse tocá-lo. Sentiu como se estivesse nadando em mel e não conseguisse avançar.

Durante toda sua vida havia desejado tocá-lo. Toda sua vida desejou dizer a ele. Toda sua vida desejou que sua alma estivesse junto com a dele.

Mas agora ele estava escapulindo dela.

Roberta, com suas pernas pesadas, saltou através dos raios de sol da primavera, através do ar doce, correndo até os braços do seu

amor.

E mesmo assim ele continuava distante.

Os dois braços dele levantaram. Ela conseguia sentir a necessidade dele. Sofria com a vontade de confortá-lo. De protegê-lo da dor. De aliviar o conflito dele.

Ele podia sentir esses desejos nela, e gritou o nome dela para que ela fortalecesse o seu esforço para alcançá-lo. O som do seu nome nos lábios dele fazia o coração dela encher de alegria, carregada com uma terrível dor pela necessidade de corresponder tal paixão que ele colocava no nome dela.

Agora ela chorava para saber o nome dele, para que pudesse relacioná-lo ao seu amor imortal.

Com toda sua força, esticou-se até ele. Colocou todo o seu ser em seu movimento impulsivo até ele, abandonando qualquer cuidado com tudo a não ser a sua feroz necessidade de alcançá-lo.

Roberta chorou por seu amado sem nome, chorou por sua necessidade, enquanto se esticava para alcançar os dedos dele. Os braços dele abriram para recebê-la em seu abraço adorado. Enquanto ela corria para dentro daqueles braços, o sol cintilava ao redor, o vento caloroso agitava seu cabelo, agitava seu vestido.

Enquanto ele gritava o nome dela de uma forma tão bela que fazia ela sofrer, os braços dela abriram para finalmente envolvê-lo em seu abraço. Sentiu como se estivesse flutuando eternamente através do ar em direção a ele, o sol em seu rosto, a brisa em seu cabelo, mas estava tudo bem porque agora ela estava onde desejava estar, com ele.

Naquele instante, não havia momento mais perfeito em toda sua vida. Nenhuma sensação mais perfeita em toda sua existência. Nenhum amor mais perfeito em todo o mundo.

Ela ouviu as notas perfeitas daqueles sentimentos soando com a glória de tudo aquilo.

O coração dela explodiu quando finalmente atirou-se no abraço dele com louca ansiedade, gritando sua necessidade, seu amor, sua completude, querendo apenas saber o nome dele para que pudesse entregar-se totalmente a ele.

O sorriso cintilante dele era para ela e somente para ela. Os lábios dele eram para ela e somente para ela. Cobriu aquele último espaço em direção a ele, desejando finalmente beijar o amor de sua vida, a sua alma gêmea, a única e verdadeira paixão em toda a vida.

Finalmente os lábios dele estavam ali, quando ela caiu nos braços esticados dele, em seu abraço, em seu beijo perfeito.

Naquele instante perfeito quando os lábios dela estavam tocando os dele, ela viu através dele, logo além, o impiedoso chão do vale subindo velozmente em sua direção, e finalmente soube o seu nome.

Morte.

CAPÍTULO 26



– Ali. – Richard disse, aproximando-se, fazendo Kahlan olhar na direção do horizonte para a qual ele apontava o braço. – Está vendo aquela mancha de nuvem realmente escura na frente da parte mais clara? – Esperou que ela assentisse. – Debaixo dela, e só um pouco para a direita.

No meio de um mar aparentemente de grama quase até a altura da cintura, Kahlan esticou o corpo e colocou uma das mãos na testa para proteger os olhos da luz da manhã.

– Ainda não consigo vê-lo. – a frustração dela foi demonstrada com um suspiro. – Mas nunca fui capaz de enxergar coisas distantes tão bem quanto você.

– Eu também não vejo ele. – Cara disse.

Richard checou por cima do ombro mais uma vez, varrendo o campo vazio ao redor para ter certeza de que não estavam prestes a serem surpreendidos por alguém que espreitava enquanto eles observavam a aproximação daquele homem. Não enxergou nenhuma outra ameaça.

– Logo você verá.

Verificou se a espada estava livre em sua bainha, percebendo o que estava fazendo apenas quando descobriu que a espada não estava do lado esquerdo do seu quadril. Ao invés disso, tirou o arco do ombro e preparou uma flecha.

Incontáveis vezes ele quis ficar livre da Espada da Verdade e da magia que acompanhava ela, uma vez que ela trazia à tona coisas

que estavam no interior dele que ele abominava. A magia da espada podia fundir-se com aqueles sentimentos criando uma fúria letal. Zedd, quando entregou a espada para Richard, disse que ela era apenas uma ferramenta. Com o passar do tempo, ele entendeu o aviso de Zedd.

Mesmo assim, essa era uma ferramenta horrível que precisava usar.

Dependia daquele que empunhava a espada governar não apenas a arma, mas a si mesmo. Entender essa parte, entre outras coisas, era essencial para usar a arma da maneira que ela deveria ser usada. E ela foi criada para mais ninguém além de um verdadeiro *Seeker* da Verdade.

Richard estremecia ao pensar nesse dispositivo de magia nas mãos erradas. Agradecia aos bons espíritos que, se não podia estar com ela, pelo menos ela estava segura.

Abaixo das distantes nuvens, com suas partes internas brilhando nas cores da luz da manhã desde um amarelo escuro até um violeta que marcava a violência das tempestades no interior delas, o homem continuava aproximando-se. Relâmpagos, silenciosos a essa distância, brilhavam e deslizavam dentro das nuvens colossais, iluminando desfiladeiros escondidos, paredes de vales, e picos.

Comparados a outros lugares onde ele estivera, o céu e as nuvens acima das planícies de algum modo pareciam impossivelmente grandes. Ele imaginou que deveria ser porque de um horizonte ao outro não havia nada, nenhuma montanha, nenhuma árvore, nada, para interromper o drama do cenário da vasta abóbada acima.

As nuvens de tempestade que se afastavam finalmente seguiram para o leste antes do amanhecer, levando junto com elas a chuva que tanto os atormentaram quando estavam com o Povo da Lama, no primeiro dia de viagem deles, e na sua primeira noite

miseravelmente fria sem uma fogueira. Viajar na chuva era desagradável. Em seu rastro a chuva deixou os três irritados.

Como ele, Kahlan estava preocupada com Zedd e Ann e com aquilo que o *Lurk* poderia fazer a seguir. Também era frustrante ter que realizar uma longa jornada, quando estavam com tanta pressa e isso era tão importante, ao invés de retornarem até Aydindril rapidamente através da *Sliph*. Richard quase ficou disposto a correr o risco. Quase.

Entretanto, parecia que algo mais incomodava Cara. Ela estava mais desgostosa do que um gato dentro de um saco. Ele não estava ansioso para colocar a mão dentro do saco e ser arranhado. Ele imaginou que se fosse realmente importante, ela falaria com eles.

Além de tudo isso, Richard estava inquieto por não estar com sua espada quando havia problemas. Temia que o *Lurk* tentasse ferir Kahlan, enquanto ele estava incapaz de protegê-la. Mesmo sem o problema causado pelas Irmãs do Escuro, havia diversos problemas comuns para uma Confessora, várias pessoas que gostariam, se ela estivesse indefesa, de corrigir aquilo que enxergavam como injustiças.

Com o feitiço que estava corroendo a magia, mais cedo ou mais tarde seu poder de Confessora desapareceria, e ela ficaria sem a sua habilidade para protegê-la. Ele precisava ser capaz de protegê-la, mas sem a espada temia ser inadequado para essa tarefa.

Toda vez que tentava tocar sua espada e ela não estava ali, sentia um vazio que não conseguia expressar com palavras. Era como se parte dele estivesse faltando.

Mesmo assim, por alguma razão Richard estava inquieto em seguir até Aydindril. Alguma coisa parecia errada. Racionalizou isso como uma preocupação por deixar Zedd quando ele estava tão fraco e vulnerável. Mas Zedd deixou claro que não havia escolha.

Até que tivessem avistado o estranho aproximando-se, o segundo dia deles estivera parecendo ensolarado, seco, e mais

agradável. Richard colocou um pouco de tensão na corda do arco. Depois do encontro deles com a coisa galinha, ou melhor, com o *Lurk*, e com tanta coisa em jogo, ele não pretendia deixar ninguém chegar perto a não ser que eles soubessem que era um amigo.

Richard franziu a testa para Kahlan. – Sabe de uma coisa, acho que uma vez a minha mãe contou uma história ou algo assim a respeito de um gato chamado –*Lurk* “.

Segurando um punhado de cabelo para que o vento não o soprasse na frente do seu rosto, Kahlan fez uma careta.

– Isso é estranho. Tem certeza?

– Não. Ela morreu quando eu era pequeno. É difícil lembrar se estou mesmo lembrando, ou apenas enganando a mim mesmo pensando que lembro.

– O que você acha que lembra? – Kahlan perguntou.

Richard esticou a corda do arco para testá-la, e então relaxou-a parcialmente.

– Acho que eu caí e arranhei um joelho, ou algo assim, e ela estava tentando me fazer rir, você sabe, para fazer esquecer a dor. Acho que apenas daquela vez ela contou para mim que quando era pequena, sua mãe contou uma história sobre um gato que ficava espreitando, saltando sobre as coisas, e assim ele ganhou o nome de *Lurk*. Podia jurar que lembro dela rindo e perguntando se eu não achava que aquele era um nome engraçado.

– Sim, muito engraçado. – Cara disse, deixando claro que não achava.

Com um dedo, ela levantou a ponta da flecha dele, e desse modo seu arco, na direção do perigo que ela parecia achar que ele ignorava.

– O que fez você pensar nisso agora? – Kahlan perguntou.

Richard apontou com o queixo na direção do homem que se aproximava.

– Eu estava considerando o fato de um homem estar aqui, você sabe, pensando em quais outros perigos poderiam estar espreitando.

– E quando pensou em todos esses perigos espreitando, – Cara falou. – você também decidiu simplesmente ficar parado e deixar que todos eles venham atacá-lo conforme eles quiserem?

Ignorando Cara, Richard inclinou a cabeça em direção ao homem.

– Você deve enxergar ele agora.

– Não, ainda não vejo aonde você... espere... – Com a mão na testa, Kahlan levantou na ponta dos pés, como se isso fosse ajudar a enxergar melhor. – Ali está ele. Agora eu vejo.

– Acho que deveríamos nos esconder no mato e pular em cima dele. – Cara falou.

– Ele nos viu no mesmo instante que eu o vi. – Richard disse. – Ele sabe que estamos aqui. Não conseguiríamos surpreendê-lo.

– Pelo menos ele está sozinho. – Cara bocejou. – Não teremos problema. Cara, pegando o turno do meio na vigília, não tinha acordado ele para montar seu turno de vigia tão cedo quanto era esperado. Deixou que ele dormisse pelo menos mais uma hora. Além disso, quem fazia o turno de vigia do meio também dormia menos.

Richard checkou por cima do ombro novamente.

– Você pode estar vendo apenas uma pessoa, mas tem uma certa quantidade mais. Uma dúzia, pelo menos.

Kahlan colocou a mão sobre a testa outra vez para proteger os olhos.

– Não vejo mais ninguém. – Olhou para os lados e para trás. – Só vejo aquele. Tem certeza?

– Sim. Quando o vi pela primeira vez, e ele me viu, deixou os outros e veio sozinho em nossa direção. Eles ainda estão esperando.

Cara agarrou uma mochila. Empurrou o ombro de Kahlan, depois o de Richard.

– Vamos lá. Podemos deixar ele para trás até ficarmos fora de vista e então nos esconder. Se eles nos seguirem poderemos pegá-los de surpresa e rapidamente dar um fim na perseguição.

Richard devolveu o empurrão. – Você poderia ficar quieta? Ele está vindo sozinho para evitar flechas. Se fosse um ataque ele traria todos os homens de uma só vez. Vamos esperar.

Cara cruzou os braços e pressionou os lábios com um pouco de raiva. Ela parecia estar além do seu costumeiro estado protetor. Se ela estivesse pronta ou não para contar a ele, eles precisariam ter uma conversa com ela e descobrir qual era o problema. Talvez Kahlan tivesse um pouco de sorte.

O homem levantou os braços, acenando para eles com um gesto amigável. De repente, reconhecendo o homem, Richard tirou a mão da corda do arco e respondeu a saudação.

– É Chandalen.

Não demorou muito tempo e Kahlan acenou com o braço também.

– Você tem razão, é Chandalen.

Richard colocou a flecha de volta na aljava pendurada no cinto.

– Fico imaginando o que ele está fazendo tão longe da aldeia.

– Quando você ainda estava procurando entre as galinhas reunidas nas construções, – Kahlan falou. – ele saiu para verificar alguns dos seus homens que estavam em patrulha. Disse que tinha encontrado algumas pessoas fortemente armadas. Os homens dele estavam preocupados com o comportamento dos estranhos.

– Eram hostis?

– Não. – Kahlan empurrou o cabelo úmido para trás, por cima do ombro.

– Mas os homens de Chandalen disseram que eles estavam calmos quando se aproximavam. Isso os deixou preocupados.

Richard assentiu enquanto observava a aproximação de Chandalen, vendo que ele não trazia armas exceto uma faca no cinto.

Como era de costume, ele não sorriu enquanto corria até eles. Até que as saudações adequadas fossem trocadas, Pessoas da Lama não costumavam sorrir mesmo quando encontravam amigos nas planícies.

Com uma expressão séria, Chandalen rapidamente deu tapas em Richard, Kahlan, e Cara. Embora tivesse corrido a maior parte do caminho, não parecia sem fôlego enquanto os saudava usando seus títulos.

– Força para a Madre Confessora. Força para Richard, o Esquentado. Adicionou um aceno com a cabeça ao saudar Cara; ela era uma protetora, da mesma maneira que ele. Todos devolveram a tapa e desejaram força para ele.

– Para onde vocês estão indo? – Chandalen perguntou.

– Estamos com problemas. – Richard falou enquanto oferecia seu cantil.

– Temos que voltar para Aydindril.

Chandalen aceitou o cantil enquanto soltava um grunhido de preocupação.

– A galinha que não é uma galinha?

– De certo modo, sim. – Kahlan disse para ele. – Soubemos que foi magia conjurada pelas Irmãs do Escuro que Jagang está mantendo prisioneiras.

– Lorde Rahl usou sua magia para destruir a galinha que não era galinha.

– Cara declarou.

Chandalen, parecendo aliviado com a notícia, tomou um gole de água.

– Então porque vocês precisam ir para Aydindril?

Richard descansou a ponta do arco no chão e segurou a outra ponta.

– O feitiço que as Irmãs lançaram coloca em perigo tudo e todos que possuem magia. Isso está deixando Zedd e Ann fracos. Eles

estão esperando lá na sua aldeia. Em Aydindril esperamos liberar a magia para combater as Irmãs do Escuro, e então Zedd ficará forte o bastante para acertar as coisas.

– A magia das Irmãs criou a coisa galinha que matou Juni. Até nós conseguirmos chegar em Aydindril, ninguém está seguro.

Depois que escutou atentamente, Chandalen finalmente colocou a tampa e devolveu o cantil.

– Então vocês devem seguir seu caminho rápido para fazerem o que só vocês podem. – ele verificou por cima do ombro. Agora que Chandalen havia se identificado, os outros estavam aproximando. – Mas os meus homens encontraram estranhos que você deve ver antes disso.

Richard pendurou o arco de volta no ombro enquanto olhava para longe. Não conseguia enxergar as pessoas.

– Então, quem são eles?

Chandalen lançou um rápido olhar para Kahlan antes de direcionar sua resposta para Richard.

– Temos um velho ditado. *“Cuidado com o que fala para a cozinheira, ou pode acabar dentro da panela junto com a galinha que será comida”*.

Para Richard, estava parecendo que Chandalen estava tentando evitar olhar para a expressão de confusão de Kahlan. Embora Richard não conseguisse entender a razão, pensou ter entendido o sentido figurado, estranho como fosse. Achou que talvez fosse uma tradução ruim.

As pessoas que se aproximavam não estavam muito longe. Chandalen, depois que teve um de seus caçadores de confiança morto pelo *Lurk*, iria desejar que Richard e Kahlan fizessem o que pudessem para deter o inimigo; ele não pediria que eles atrasassem sua jornada a não ser que tivesse uma boa razão.

– Se é importante para eles falarem conosco, então vamos lá.

Chandalen segurou o braço de Richard.

– Eles pediram para falar só com você. Talvez você ache melhor ir sozinho? Então depois vocês poderiam seguir seu caminho.

– Porque Richard poderia querer ir sozinho? – Kahlan perguntou, a suspeita surgindo em sua voz. Então ela adicionou algo na língua do Povo da Lama que Richard não entendeu.

Chandalen levantou as mãos, mostrando para ela suas palmas vazias, como se estivesse dizendo que não tinha arma alguma e não queria lutar. Por algum motivo, ele parecia não querer tomar parte naquilo que estava acontecendo, seja lá o que fosse.

– Talvez eu devesse... – Richard fechou a boca quando o olhar desconfiado de Kahlan desviou em sua direção. Ele limpou a garganta. – Eu ia dizer que nós não temos segredos. – Richard carregou suas coisas. – Kahlan sempre é bem-vinda ao meu lado. Não temos tempo a perder. Vamos lá.

Chandalen assentiu e virou para conduzi-los até o destino deles. Richard pensou ter visto o homem girar os olhos de uma jeito “depois não diga que eu não avisei”.

Richard podia ver dez dos caçadores de Chandalen seguindo logo atrás dos sete viajantes que chegavam, com outros três caçadores afastados para cada lado, cercando os estranhos sem parecerem ameaçadores demais. Os caçadores do Povo da Lama pareciam apenas acompanhar e guiar os estranhos, mas Richard sabia que eles estavam prontos para atacar a qualquer sinal de hostilidade. Forasteiros armados na terra do Povo da Lama eram como uma substância inflamável diante de uma tempestade com raios.

Richard esperava que essa tempestade também se afastasse e deixasse os céus ensolarados. Kahlan, Cara, e Richard seguiram rapidamente atrás de Chandalen através da grama nova úmida.

Os homens de Chandalen eram a primeira linha de defesa para o Povo da Lama. O fato de quase todos evitarem entrar nas terras do Povo da Lama dizia muito sobre a ferocidade deles na batalha.

Mesmo assim os caçadores experientes e mortais de Chandalen, agora transformados em escolta, não recebiam mais do que indiferença dos seis homens vestindo roupas de linho folgadas. Alguma coisa naquela indiferença por estarem cercados despertava algo na memória de Richard.

Quando o grupo que se aproximava chegou perto o bastante para que Richard repentinamente os reconhecesse, ele hesitou ao dar um passo.

Foram necessários alguns momentos de observação antes que ele conseguisse acreditar no que estava vendo. Finalmente ele entendeu a indiferença dos estranhos com os homens de Chandalen. Ele não conseguia imaginar o que essas pessoas estavam fazendo longe de sua terra natal.

Cada homem estava vestido do mesmo modo e carregava as mesmas armas. Richard conhecia apenas um pelo nome, mas conhecia todos eles. Essas pessoas eram dedicadas a um propósito definido por aqueles que faziam suas leis milhares de anos atrás, aqueles magos na grande guerra que tomaram o lar deles e criaram o Vale dos Perdidos para separar o Mundo Novo do Antigo.

Suas espadas de cabos negros, com as distintas lâminas curvas que alargavam em direção a pontas recortadas, permaneciam em suas bainhas. Uma ponta de corda estava amarrada em um anel no copo da espada de cada um dos homens; a outra ponta da corda, enrolada em volta do pescoço do espadachim como precaução para evitar perder a arma durante a batalha. Adicionalmente, cada um dos seis carregava lanças e um pequeno escudo arredondado sem adornos. Richard tinha visto mulheres vestidas e armadas da mesma maneira, e comprometidas com o mesmo objetivo, mas dessa vez eram todos homens.

Para esses homens, praticar com suas espadas era uma forma de arte. Praticavam aquela arte sob a luz da lua, depois que o dia não fornecia para todos eles o tempo que desejavam. Usar suas espadas

era quase como uma devoção religiosa, e eles cuidavam de seu trabalho com a lâmina com devoto comprometimento. Esses homens eram Mestres da Lâmina.

A sétima pessoa, a mulher, estava vestida de forma diferente, e não estava armada, pelo menos no sentido convencional.

Richard não era bom em julgar esse tipo de coisa apenas olhando, mas um cálculo rápido disse a ele que ela deveria estar com pelo menos seis meses de gravidez.

Uma espessa massa de longo cabelo comprido emoldurava um rosto agradável, sua presença transmitia aos seus traços, especialmente seus olhos escuros, uma certa firmeza. Diferente das roupas folgadas de tecido simples, ela usava um vestido até o joelho de fino linho com uma rica cor de terra e apertado na cintura por um cinto de couro. As pontas do cinto estavam decoradas com joias lapidadas grosseiramente.

Subindo o lado de fora de cada braço e pelos ombros do vestido havia uma fileira de finas tiras de tecido em diferentes cores. Cada uma delas estava amarrada através de um pequeno buraco debaixo de uma faixa atada com corda e cada uma, Richard sabia, teria sido amarrada por um suplicante.

Era um vestido de oração. Cada uma das pequenas tiras coloridas, quando flutuavam na brisa, representavam o envio de uma oração aos bons espíritos. O vestido era usado somente pela Mulher dos Espíritos deles.

A mente de Richard acelerou considerando as possibilidades pelas quais essas pessoas teriam viajado para tão longe de sua terra natal. Ele não conseguia pensar em nada bom, e pensava em muitas coisas desagradáveis.

Richard tinha parado. Kahlan aguardava do seu lado esquerdo, Cara do direito, e Chandalen do lado direito dela.

Ignorando todos os outros, todos os homens com as roupas largas apoiaram suas lanças no chão quando ajoelharam diante de

Richard. Eles fizeram reverência curvando para frente, encostando as testas no chão, e ficaram ali.

A mulher ficou em pé observando ele silenciosamente. Seus olhos escuros guardavam aquela aparência atemporal que Richard tinha visto com frequência em outras pessoas; Irmã Verna, Shota, a feiticeira, Ann, e Kahlan, entre outros. Aquele olhar atemporal que era a marca do Dom.

Enquanto ela olhava dentro dos olhos de Richard com um olhar que parecia sugerir uma sabedoria que ele jamais alcançaria, um leve sorriso tocou os lábios dela. Sem dizer uma palavra, ela ajoelhou na frente dos seis homens que a acompanhavam. Encostou a testa no chão e então beijou a ponta da bota dele.

– Caharin. – ela sussurrou com reverência.

Richard abaixou e tocou no ombro dela, pedindo que ela levantasse.

– Du Chaillu, ver que você está bem deixa meu coração feliz, mas o que está fazendo aqui?

Ela levantou diante dele, um belo sorriso cresceu em seu rosto. Inclinou para frente e beijou a bochecha dele.

– Eu vim até aqui para vê-lo, é claro, Richard, *Seeker*, Caharin, marido.

CAPÍTULO 27



– Marido? – Richard ouviu Kahlan falar com um crescente tom de preocupação.

Com um golpe causado pelo surpreendente choque que quase o derrubou, e tirou o seu fôlego, repentinamente Richard lembrou da explicação de Du Chaillu sobre a antiga lei do seu povo. As terríveis implicações daquilo o deixaram assustado.

Naquele momento, ele havia ignorado as fortes declarações dela considerando como uma convicção irracional ou talvez uma interpretação equivocada sobre a história deles. Agora, esse antigo fantasma retornou inesperadamente para assombrá-lo.

– Marido? – Kahlan repetiu, um pouco mais alto, de forma um pouco mais insistente.

Os olhos escuros dela viraram para Kahlan, como se estivessem irritados porque ela os afastou de Richard.

– Sim. Marido. Eu sou Du Chaillu, esposa do Caharin, Richard, o *Seeker*.

– Du Chaillu esfregou a mão sobre a barriga saliente. A expressão irritada dela desapareceu e ela ficou radiante de orgulho.

– Eu carrego a criança dele.

– Deixe isso comigo, Madre Confessora. – Cara disse. Não havia dúvida na ameaça resoluta em sua voz. – Dessa vez, eu cuidarei disso.

Cara arrancou a faca do cinto de Chandalen e saltou na direção da mulher.

Richard foi mais rápido. Ele girou até Cara e bateu com as pontas dos dedos no peito dela. Isso não apenas conteve o avanço dela, mas também fez com que recuasse três passos. Ele já tinha problemas suficientes sem que ela causasse mais. Empurrou-a novamente e afastou-a mais três passos, e então mais três, para longe do grupo de pessoas.

Richard arrancou a faca da mão dela. – Agora, me escute. Você não sabe nada a respeito dessa mulher.

– Eu sei...

– Você não sabe nada! Me escute! Você está lutando sua última batalha. Essa não é Nadine. Essa não tem nada parecido com Nadine!

Sua fúria contida finalmente estava irrompendo. Com um grito de fúria liberada, Richard jogou a faca no chão. A força cravou-a no tapete de grama, enterrando-a completamente no solo da planície.

Kahlan colocou a mão atrás do ombro dele.

– Richard, acalme-se. O que significa isso? O que está acontecendo?

Richard passou os dedos no cabelo. Cerrando a mandíbula, olhou ao redor e viu os homens ainda de joelhos.

– Jiaan, os outros, levantem! Levantem!

Os homens levantaram imediatamente. Du Chaillu esperou passivamente, pacientemente. Chandalen e seus homens recuaram. O Povo da Lama havia nomeado ele Richard, o Esquentado, e mesmo que não estivessem surpresos, pareceram achar que seria melhor dar espaço.

Chandalen e seus homens não faziam ideia de que a raiva dele era por causa daquilo que matou um dos deles, na verdade, ele percebeu, matou dois deles, e certamente mataria mais.

Kahlan observou com uma expressão de preocupação.

– Richard, acalme-se e recupere o controle. Quem são essas pessoas?

Ele parecia não conseguir reduzir a velocidade de sua respiração. Ou de seu coração. Ou abrir os punhos. Ou conter os seus pensamentos agitados. Tudo parecia estar fugindo do controle. Medos adormecidos pareciam estar ganhando liberdade e de repente saltavam para agarrá-lo. Ele devia ter visto isso antes. Amaldiçoou a si mesmo por deixar passar.

Mas tinha que haver uma maneira de parar com isso. Precisava pensar. Tinha que parar de temer coisas que ainda não aconteceram, e pensar em uma maneira de evitar que elas acontecessem.

Percebeu que aquilo quase tinha acontecido. Agora ele precisava pensar na solução.

Kahlan levantou o queixo para olhar nos olhos dele. – Richard, responda. Quem são essas pessoas?

Ele pressionou uma das mãos na testa com frustração.

– Os Baka Ban Mana. Significa “aqueles que não possuem mestres”.

– Agora nós temos um Caharin; não somos mais os Baka Ban Mana. – Du Chaillu falou, não muito longe. – Agora nós somos os Baka Tau Mana.

Sem realmente entender a explicação de Du Chaillu, Kahlan voltou sua atenção para Richard mais uma vez. Dessa vez sua voz estava com um tom afiado.

– Porque ela diz que você é marido dela?

Sua mente já havia galopado tão longe seguindo outra estrada que ele teve que concentrar-se durante um momento para entender o que Kahlan estava perguntando. Ela não percebeu as implicações. Para Richard, a pergunta de Kahlan parecia uma história passada insignificante perante o futuro que estava diante deles. Tentou impacientemente afastar a preocupação dela.

– Kahlan, não é o que você está pensando.

Ela lambeu os lábios e soltou um suspiro.

– Certo. – Seus olhos verdes estavam fixos nele. – Então, porque você não explica para mim? – aquilo não foi exatamente uma pergunta.

Ao invés disso, Richard fez sua própria pergunta.

– Não está vendo? – Dominado pela impaciência, ele apontou para Du Chaillu. – É a antiga lei! Pela antiga lei, ela é minha esposa. Pelo menos ela acha que é.

Richard apertou as pontas dos dedos nas têmporas. Sua cabeça estava latejando.

– Estamos com grandes problemas. – ele murmurou.

– Pelo menos você está mesmo. – Cara falou.

– Cara, – Kahlan falou cerrando os dentes. – já chega. – virou novamente para ele. – Richard, do que você está falando? O que está acontecendo?

Informações do Diário de Kolo ecoaram na mente dele. Parecia que ele não conseguia organizar os pensamentos o bastante para transformar todos os elementos desordenados em palavras. O mundo estava sendo despedaçado, e ela estava fazendo perguntas do passado. Uma vez que ele enxergava isso claramente diante deles, não conseguia compreender porque Kahlan também não compreenderia o perigo.

– Não está vendo?

A mente de Richard vasculhou loucamente através das possibilidades sombrias enquanto tentava decidir o que fazer em seguida. O tempo estava correndo. Nem mesmo sabia quanto tempo restava para eles.

– Vejo que você deixou ela grávida. – Cara disse.

Richard lançou um olhar furioso para a Mord-Sith.

– Depois de tudo que passamos, Cara, você não tem maior consideração comigo?

Parecendo ofendida, Cara cruzou os braços e não respondeu.

– Faça as contas. – Kahlan disse para Cara. – Richard seria prisioneiro das Mord-Sith, bem longe no Palácio do Povo em D’Hara, quando essa mulher ficou grávida.

Diferente do Agiel que Richard usava em respeito pelas duas mulheres que morreram protegendo-o, Kahlan usava o Agiel de Denna, a Mord-Sith que, sob o comando de Darken Rahl, havia capturado Richard e torturado quase até a morte. Denna tinha decidido tomar Richard como seu companheiro, mas ela jamais disse que aquilo era um casamento. Para Denna, era apenas outra maneira de torturá-lo e humilhá-lo.

No final, Richard perdoou Denna por aquilo que ela fez com ele. Denna, sabendo que ele a mataria para escapar, entregou seu Agiel e pediu a ele que lembrasse dela como sendo mais do que apenas uma Mord-Sith. Pediu a ele para compartilhar o último sopro de vida dela. Foi através de Denna que Richard passou a entender e ter empatia com essas mulheres, e fazendo isso, foi o único que conseguiu escapar de uma Mord-Sith.

Richard estava surpreso que Kahlan já tivesse feito “as contas”. Não esperava que ela duvidasse dele. Ele estava enganado. Ela parecia ler os pensamentos dele através dos seus olhos.

– Simplesmente é alguma coisa que você faz sem pensar. – ela sussurrou.

– Tudo bem? Richard, por favor, diga o que está acontecendo?

– Você é uma Confessora. Sabe como diferentes arranjos constituem casamento para diferentes povos. Exceto você, Confessoras sempre escolheram seus companheiros por suas próprias razões, razões diferentes do amor, e então tomavam eles com seu poder antes de casarem. O homem não tem opinião.

O homem que uma Confessora escolhia para ser o seu marido era selecionado por menores razões além de seu valor como bom reprodutor. Uma vez que o poder dela destruiria o homem que escolhia, o amor, independente daquilo que ela poderia querer,

nunca foi uma opção para uma Confessora. Uma Confessora escolhia um homem pelas qualidades que ele poderia transmitir para sua filha.

– De onde eu venho, – Richard continuou. – os pais geralmente escolhem com quem seus filhos casariam. Um dia um paialaria para sua criança, “esse será o seu marido” ou “essa será sua esposa”. Pessoas diferentes tinham costumes e leis diferentes.

Kahlan lançou um olhar furtivo para Du Chaillu. Fazendo pausa duas vezes, uma no rosto de Du Chaillu, e mais uma vez em sua barriga. Quando o olhar de Kahlan retornou para ele, seus olhos estavam brutalmente frios.

– Então fale sobre as leis dela.

Richard não achou que Kahlan estivesse consciente de que estava acariciando a pedra escura no delicado colar dourado que Shota deu para ela. A feiticeira apareceu repentinamente no casamento deles, e Richard lembrava muito bem das palavras dela.

– Esse é o meu presente para vocês dois. Faço isso por amor a vocês dois, e por todos os outros. Enquanto você usar isso, não terá criança alguma. Celebrem sua união e seu amor. Agora vocês possuem um ao outro, como sempre desejaram.

– Grave minhas palavras, nunca tire isso quando estiverem juntos. Não permitirei que uma criança macho resultante dessa união viva. Eu não faço uma ameaça. Eu entrego uma promessa. Ignorem meu pedido, e sofram as consequências do meu juramento.

Então a feiticeira olhou nos olhos de Richard, e falou. – *Será melhor para você enfrentar o próprio Guardião, do que a mim.*

O trono de Shota estava coberto com a pele de um mago experiente que tentou enfrentá-la. Richard conhecia pouco sobre o Dom. Ele não acreditava necessariamente na afirmação de Shota que a criança deles seria um inimigo liberado sobre o mundo, mas por enquanto ele e Kahlan decidiram prestar atenção ao aviso da feiticeira. Eles tiveram poucas opções.

Os dedos de Kahlan na bochecha dele desviaram seu olhar para ela e lembraram a ele que ela queria uma resposta. Richard fez um esforço para reduzir a velocidade de suas palavras.

– Du Chaillu é do Mundo Antigo, do outro lado do Vale dos Perdidos. Ajudei-a quando Irmã Verna e eu cruzávamos o Mundo Antigo.

– Essas outras pessoas, os Majendie, capturaram Du Chaillu e pretendiam sacrificá-la. A mantiveram prisioneira durante meses. Os homens a usaram para diversão.

– Os Majendie esperavam que eu, sendo dotado, ajudasse a sacrificá-la em troca da permissão para cruzar a terra deles. Um homem dotado ajudando com o sacrifício era parte das crenças religiosas deles. Ao invés disso, libertei Du Chaillu, esperando que ela nos ajudasse a atravessar os pântanos dela, uma vez que não poderíamos mais cruzar a terra dos Majendie.

– Eu forneci homens para levarem Richard e a feiticeira em segurança através dos pântanos até a grande casa de pedra da Feiticeira. – Du Chaillu falou, como se isso fosse clarear as coisas.

Kahlan piscou, surpresa, ouvindo a explicação.

– Feiticeira? Casa da Feiticeira?

– Ela está falando da Irmã Verna e do Palácio dos Profetas. – Richard disse. – Eles conduziram Irmã Verna e a mim até lá não porque eu libertei Du Chaillu, mas porque eu cumpria uma antiga profecia.

Du Chaillu caminhou até o lado de Richard, como se fosse seu direito.

– De acordo com a antiga lei, Richard veio até nós e dançou com os espíritos, provando que ele é o Caharin, e meu marido.

Richard quase podia ver como Kahlan ficava eriçada como um gato.

– O que isso significa?

Richard abriu a boca enquanto procurava as palavras. Ao invés disso Du Chaillu levantou o queixo.

– Eu sou a Mulher dos Espíritos dos Baka Tau Mana. Também sou a guardiã de nossas leis. Foi proclamado que o Caharin anunciaria sua chegada dançando com os espíritos, e derramando sangue de trinta Baka Ban Mana, um feito que ninguém além do escolhido poderia realizar e apenas com ajuda dos espíritos.

– Foi dito que no momento em que isso acontecesse, não seríamos mais um povo livre, mas estaríamos ligados aos desejos dele. Somos dele para governar.

– Foi para esse momento que nossos Mestres da Lâmina treinaram durante toda sua vida. Tiveram a honra de ensinar o Caharin para que ele pudesse combater o Espírito Sombrio. Isso provou que Richard era o Caharin que veio para nos devolver a nossa terra, como os antigos prometeram.

Uma leve brisa agitou o cabelo de Du Chaillu. Os olhos escuros dela não revelavam emoção alguma, mas a leve falha em sua voz deixou transparecer.

– Ele matou os trinta, como foi declarado na antiga lei. Agora os trinta são uma lenda entre o nosso povo.

– Eu não tive escolha. – Richard conseguiu falar em pouco mais do que um sussurro. – De outro modo, eles me matariam. Pedi a eles que parassem. Pedi a Du Chaillu que fizesse com que eles parassem. Não salvei a vida dela só para acabar matando aquelas pessoas. No final, eu me defendi.

Kahlan olhou para Du Chaillu por um longo tempo antes de virar para Richard.

– Ela foi mantida prisioneira, e você salvou a vida dela e então devolveu-a para seu povo. – Richard assentiu. – E ela mandou o povo dela tentar matá-lo? Essa foi a maneira dela agradecer?

– Tinha mais coisas envolvidas. – Richard sentiu-se desconfortável defendendo as ações daquelas pessoas, ações que

resultaram em tanto derramamento de sangue. Ainda conseguia lembrar do cheiro nauseante dele.

Kahlan lançou outro olhar gelado para Du Chaillu.

– Mas você salvou a vida dela?

– Sim.

– Então me diga o que mais tem nisso.

Através da dor das lembranças, Richard tentou explicar, em palavras que Kahlan pudesse entender.

– O que eles fizeram foi uma espécie de teste. Um teste de vida ou morte. Isso me forçou a usar a magia da espada de uma forma que jamais tinha percebido ser possível. Para sobreviver, tive que extrair a experiência de pessoas que usaram a espada antes de mim.

– O que você quer dizer? Como você poderia extrair a experiência deles?

– A magia da Espada da Verdade contém a essência do conhecimento de luta de todos aqueles que usaram a espada, tanto os bons quanto os maus. Descobri como obter essa habilidade permitindo que os espíritos da espada falem comigo, em minha mente. Mas no calor do combate nem sempre há tempo para que eu entenda isso em palavras.

– Então às vezes a informação que eu preciso vem até mim em imagens, símbolos, que transmitem isso. Essa foi uma conexão essencial para entender porque eu fui nomeado *fuer grissa ost drauka* em profecia: aquele que traz a morte.

Richard tocou no amuleto em seu peito. O rubi representava uma gota de sangue. As linhas ao redor dele eram uma imagem simbólica da dança. Para um mago isso tinha significado.

– Isso. – Richard sussurrou. – Isso é a dança com a morte. Mas foi ali, com Du Chaillu e seus trinta guerreiros, que eu entendi pela primeira vez.

– A profecia dizia que um dia eu encontraria com eles. A profecia e suas antigas leis diziam que eles deveriam me ensinar

isso, a dançar com os espíritos daqueles que usaram a espada antes de mim. Duvidei que eles entendessem completamente como seu teste faria isso, apenas que deveriam cumprir seu dever e se fizessem isso e eu fosse o escolhido, eu sobreviveria.

– Precisei desse conhecimento para enfrentar Darken Rahl e enviá-lo de volta para o Submundo. Lembra quando eu o invoquei na reunião com o Povo da Lama, e como ele escapou entrando nesse mundo, e então as Irmãs me levaram?

– Claro. – Kahlan falou. – Então eles o forçaram a participar de uma luta de vida ou morte contra chances impossíveis para fazerem com que invocasse a sua força interior, o seu Dom. E como resultado disso você matou os trinta Mestres da Lâmina dela?

– Sim, exatamente. Eles estavam cumprindo a profecia. – ele trocou um longo olhar com sua única esposa verdadeira, pelo menos, em seu coração. – Você sabe como a profecia pode ser terrível.

Kahlan finalmente desviou o olhar e assentiu, mergulhada em suas próprias lembranças dolorosas. Profecias causaram tantas dificuldades para eles e os sujeitaram a tantos testes. A segunda esposa dele, Nadine, imposta sobre ele por uma profecia, foi um daqueles testes.

O queixo de Du Chaillu levantou. – Cinco daqueles que o Caharin matou eram meus maridos, pois para as minhas crianças.

– Os cinco maridos dela... Queridos espíritos.

Richard olhou para Du Chaillu.

– Você não está ajudando.

– Está dizendo, que pela lei dela, matar os seus maridos força você a ser marido dela?

– Não. Não porque eu matei os maridos dela, mas porque derrotando os trinta eu provei que era o Caharin deles. Du Chaillu é a Mulher dos Espíritos deles; de acordo com as antigas leis deles a

Mulher dos Espíritos está destinada a ser esposa do Caharin. Eu deveria ter pensado nisso.

– Isso é óbvio. – Kahlan disparou.

– Olhe, eu sei como isso deve soar. Sei que isso parece não fazer o menor sentido...

– Não, está tudo bem. Eu entendo. – a expressão fria dela transformou-se em sofrimento. – Então você fez a coisa nobre, e casou com ela. É claro. Faz sentido para mim. – ela inclinou, aproximando-se. – E você simplesmente ficou tão ocupado que esqueceu de mencionar isso antes de casar comigo. É claro. Eu entendo. Quem não entenderia? Não podemos esperar que um homem lembre de todas as esposas que ele deixa por aí. – ela cruzou os braços e virou para outro lado. – Richard, como você pode...

– Não! Não foi assim. Eu não concordei. Nunca. Não houve cerimônia. Ninguém falou uma palavra. Não fiz um juramento. Você não entende? Não estávamos casados. Isso nunca aconteceu!

– Tanta coisa estava acontecendo. Sinto muito ter esquecido de contar a você, mas isso nunca entrou em minha mente porque na hora eu coloquei de lado considerando que era uma crença irracional de um povo isolado. Nunca dei motivo algum para isso. Ela simplesmente acha que, uma vez que eu matei aqueles homens para me defender, isso me transforma em seu marido.

– Isso mesmo. – Du Chaillu disse.

Kahlan olhou rapidamente para Du Chaillu enquanto considerava friamente suas palavras.

– Então você nunca, de modo algum, realmente concordou em casar com ela?

Richard jogou as mãos para o alto.

– Era isso que eu estava tentando dizer para você. Isso é apenas uma crença dos Baka Ban Mana.

– Baka Tau Mana. – Du Chaillu corrigiu.

Richard ignorou-a e chegou mais perto de Kahlan.

– Sinto muito, mas podemos conversar sobre isso mais tarde? Podemos estar com um sério problema. – Ela levantou uma sobrancelha. Ele corrigiu. – Outro sério problema.

Ela franziu a testa, indulgente. Ele se afastou, arrancando um talo de grama enquanto considerava a plausibilidade de um problema pior do que a ira de Kahlan.

– Você sabe muita coisa sobre magia. Quer dizer, cresceu em Aydindril com magos que ensinaram você, e você estudou alguns livros na Fortaleza do Mago. Você é a Madre Confessora.

– Não sou dotada, no sentido convencional, – Kahlan falou. – não como um mago ou uma feiticeira, meu poder é diferente, mas sim, eu sei um pouco sobre magia. Sendo uma Confessora, eu devia ser ensinada sobre magia em muitas das suas variadas formas.

– Então me responda isso. Se houver um requisito para a magia, o requisito pode ser satisfeito por alguma regra ambígua sem que o ritual propriamente dito aconteça?

– Sim, é claro. Isso é chamado de Efeito Refletivo.

– Efeito Refletivo. Como funciona?

Kahlan enrolou um comprido tufo de cabelo úmido em um dedo enquanto voltava sua mente para a pergunta.

– Digamos que você tenha um quarto com apenas uma janela e assim o sol nunca alcance o canto. Consegue fazer com que os raios do sol brilhem em um canto que ele nunca alcança?

– Já que é chamado de Efeito Refletivo, imagino que poderia usar um espelho para refletir os raios de sol no canto.

– Certo. – Kahlan soltou o cabelo e levantou um dedo. – Embora os raios de sol jamais conseguissem alcançar o canto por si mesmos, usando um espelho você consegue fazer os raios de sol atingirem onde normalmente não chegariam. Às vezes a magia pode funcionar assim. A magia é muito mais complexa, é claro, mas essa é a maneira mais fácil que eu posso explicar.

– Mesmo que apenas por alguma lei antiga que complete uma condição esquecida faz muito tempo, o feitiço pode refletir a condição para atender os requisitos arcanos da magia envolvida. Como a água procurando seu próprio nível, um feitiço muitas vezes busca sua própria solução, dentro das leis de sua natureza.

– Era disso que eu tinha medo. – Richard murmurou.

Ele bateu na ponta do talo de grama preso entre os dentes enquanto olhava fixamente para os raios que cintilavam ameaçadoramente nas nuvens distantes.

– A magia envolvida data do tempo daquele antigo mandamento sobre os Caharin. – finalmente ele falou.

– Nisso é que está o problema.

Kahlan agarrou o braço dele, fazendo ele virar para encará-la.

– Mas Zedd falou...

– Ele mentiu para nós. E eu acreditei. – Exasperado, Richard jogou fora o pedaço de grama. Zedd tinha usado a Primeira Regra do Mago, as pessoas acreditam em uma mentira porque querem acreditar que seja verdade, ou porque ficam com medo que seja, para enganá-los.

– Eu queria acreditar nele. – Richard murmurou. – Ele me enganou.

– Do que você está falando? – Cara perguntou.

Richard soltou um suspiro desapontado. Ele foi descuidado de várias maneiras.

– Zedd. Ele inventou toda aquela coisa sobre o *Lurk*.

Cara fez uma careta. – Porque ele faria isso?

– Porque, por alguma razão, ele não queria que soubéssemos que as Notas estão soltas.

Ele não conseguia acreditar no quanto havia sido estúpido, esquecendo de Du Chaillu. Kahlan estava certa em ficar zangada. Quando a coisa se resumia a isso, sua desculpa era pateticamente

inadequada. E ele deveria ser considerado Lorde Rahl? As pessoas deveriam acreditar nele e segui-lo?

Kahlan esfregou as pontas dos dedos na sua testa franzida.

– Richard, vamos pensar bem nessa coisa. Não pode ser...

– Zedd falou que você teria que ser minha terceira esposa para invocar as notas para esse mundo.

– Entre outras coisas. – Kahlan insistiu. – Ela falou, entre outras coisas, deveria ser assim.

Cansado, Richard levantou um dedo. – Du Chaillu. – Levantou o segundo dedo. – Nadine. – Levantou o terceiro dedo. – Você. Você é minha terceira esposa. Pelo menos, de certo modo.

– Não vejo a coisa dessa maneira, mas os magos que lançaram o feitiço não se importariam como eu poderia querer enxergar isso. Eles lançaram magia que seria ativada através do cumprimento de um conjunto de condições prescritas.

Kahlan soltou uma espécie de longo suspiro de sofrimento.

– Você está esquecendo de um elemento importante. Quando eu falei bem alto os nomes das Três Notas, nós não estávamos casados. Eu ainda não era a sua segunda esposa, muito menos a terceira.

– Quando eu fui forçado a casar com Nadine para conseguir entrar no Templo dos Ventos, e da mesma forma você foi forçada a casar com Drefan, em nossos corações dissemos as palavras um para o outro. Naquele momentos nós estávamos casados por causa de nossos juramentos, pelo menos, de acordo com os espíritos. A própria Ann concordou que era isso mesmo.

– Como você acabou de explicar, às vezes a magia trabalha usando regras ambíguas assim. Não importa os nossos sentimentos em relação a isso, os requisitos formais, os requisitos de alguma magia antiga conjurada por magos durante a grande guerra quando a profecia sobre o Caharin e a lei antiga foram definidas, foram satisfeitos.

– Mas...

Richard fez um gesto enfaticamente.

– Kahlan, sinto muito por minha tolice ao não ter pensado nisso, mas temos que encarar, as Notas estão soltas.

CAPÍTULO 28



Independente do quanto ele considerava válido o seu raciocínio, para Richard, Kahlan não parecia convencida de modo algum. Ela nem parecia estar disposta a pensar naquilo. O que ela parecia era zangada.

– Você falou para Zedd sobre... ela? – Kahlan fez um sinal, furiosa, apontando para Du Chaillu. – Falou? Você deve ter falado alguma coisa para ele.

Ele podia entender os sentimentos dela. Não gostaria de descobrir que ela possuía outro marido que negligenciou mencionar, não importava o quanto ela poderia ter sido inocente, mesmo se fosse algo tão tênue quanto a conexão dele com Du Chaillu.

Mesmo assim, isso era a respeito de algo consideravelmente mais importante do que alguma condição convoluta que transformava Du Chaillu em sua primeira esposa. Era sobre algo perigoso ao extremo. Kahlan precisava entender isso. Precisava enxergar que eles estavam com terríveis problemas.

Eles já tinham desperdiçado um tempo precioso. Ele rezava aos bons espíritos para conseguir fazer ela enxergar a verdade naquilo que ele estava falando sem ter que revelar a completa extensão do porque ele sabia que era verdade.

– Eu já falei, Kahlan, eu nem lembrava disso até agora porque na hora eu não considerei que fosse autêntico e então eu não percebi que poderia ter alguma relação com isso. Além disso, quando eu teria conseguido tempo para contar a ele? Juni morreu antes que nós

tivéssemos uma chance de realmente falar com ele, e então ele inventou aquela história sobre o *Lurk* e nos enviou nessa tarefa tola.

– Então como ele sabia? Para nos enganar, primeiro ele teria que saber a respeito disso. Como Zedd sabia que de fato eu sou a sua terceira esposa, mesmo que apenas através de alguma... – ela cerrou os punhos. – ...alguma estúpida lei antiga que você engenhosamente esqueceu?

Richard jogou as mãos para cima.

– Se estiver chovendo durante a noite, você não precisa ser capaz de enxergar as nuvens no escuro para saber que a chuva deve estar caindo do céu. Se Zedd soubesse do fato de algo e soubesse que era problema, ele não se preocuparia em como aquilo aconteceu, ficaria preocupado em consertar o vazamento no telhado.

Ela segurou o nariz quando respirava profundamente.

– Richard, talvez ele realmente acredite naquilo que nos falou sobre o *Lurk*. – Kahlan lançou um olhar frio para a primeira esposa dele. – Talvez acredite nisso porque seja verdade.

Richard balançou a cabeça.

– Kahlan, temos que encarar isso. Deixamos a coisa pior se ignorarmos a verdade e investirmos esperança em uma mentira. Pessoas já estão morrendo.

– A morte de Juni não prova que as Notas estão mesmo soltas.

– Não apenas Juni. A presença das Notas causou aquele bebê que nasceu morto.

– O quê!

Frustrada, Kahlan passou os dedos pelo cabelo. Richard podia entender que ela desejasse que o responsável fosse o *Lurk*, e não as Notas, porque diferente das Notas, para o *Lurk* eles tinham uma solução. Mas desejar não fazia que as coisas fossem assim.

– Primeiro você esquece que já tem outra esposa, agora sai correndo por uma estrada imaginária. Richard, como você poderia chegar a essa conclusão?

– Porque a presença das Notas nesse mundo de algum modo destrói a magia. O Povo da Lama tem magia.

Embora o Povo da Lama fosse um povo remoto que vivia uma vida simples, eram diferentes de quaisquer outros; somente eles possuíam a habilidade de invocar os espíritos dos seus ancestrais em uma reunião e falar com os mortos. Ainda que não pensassem em si mesmos possuindo magia, somente o Povo da Lama podia chamar um ancestral do outro lado daquele círculo externo da Graça, trazendo eles através da fronteira do véu para dentro do círculo interno da vida, mesmo que por um tempo breve.

Se a Ordem Imperial ganhar a guerra, o Povo da Lama, entre muitos outros, eventualmente seria assassinado porque tinha magia. Com as Notas soltas, eles poderiam não viver tempo o bastante para encarar essa possibilidade.

Richard notou Chandalen, não muito longe, escutando atentamente.

– O Povo da Lama tem a singular habilidade mágica da reunião. Cada um deles nasce com essa habilidade, essa magia. Isso torna todos eles vulneráveis para as Notas.

– Zedd falou para nós, e eu também li no Diário de Kolo, que os fracos são afetados primeiro. – a voz de Richard suavizou com a tristeza. – O que poderia ser mais fraco do que uma criança prestes a nascer?

Kahlan, tocando a pedra em seu colar, desviou seu olhar. Deixou sua mão cair do lado do corpo, e pareceu tentar encobrir sua ira com paciente lógica.

– Ainda consigo sentir meu poder, como sempre senti. Como você disse, se as Notas estivessem livres, estariam causando a falha da magia. Não temos prova alguma de que isso está acontecendo. Se isso fosse verdade, você não acha que eu saberia? Acha que eu não tenho experiência em conhecer meu próprio poder?

– Richard, não podemos tirar conclusões apressadas. Recém nascidos morrem o tempo todo. Isso não é prova de que a magia está falhando.

Richard virou para Cara. Ela estava parada não muito longe, escutando enquanto observava o terreno, os caçadores do Povo da Lama, e em particular, os Baka Tau Mana.

– Cara, quanto tempo faz que o seu Agiel ficou inútil? – ele perguntou.

Cara hesitou. Dificilmente ela poderia ter parecido mais assustada caso ele tivesse aplicado nela um tapa inesperadamente. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Levantou o queixo, recusando-se em admitir tal derrota.

– Lorde Rahl, o que faz você pensar...

– Você tirou a faca de Chandalen. Nunca tinha visto você preferir usar outra arma ao invés do seu Agiel. Nenhuma Mord-Sith faria isso. Quanto tempo, Cara?

Ela lambeu os lábios. Seus olhos fecharam aceitando a derrota enquanto virava para outro lado.

– Nos últimos dias comecei a ter problemas para sentir sua presença. Não sinto qualquer diferença, a não ser que estou com crescente dificuldade em sentir sua localização. No início, achei que não era sério, mas aparentemente a ligação fica mais fraca a cada dia. O Agiel recebe energia através da ligação com nosso Lorde Rahl.

Quando as Mord-Sith estavam dentro de uma distância razoável, elas sempre sabiam precisamente onde ele estava através daquela ligação. Ele imaginou que deveria ser desorientador perder essa percepção.

Cara limpou a garganta enquanto olhava para as nuvens de tempestade distantes. Lágrimas cintilaram nos olhos azuis dela.

– O Agiel está morto em meus dedos.

Somente uma Mord-Sith sentiria angústia por causa da falha de uma magia que lhe causava dor toda vez que ela a tocava, devido a

natureza dessas mulheres e seu compromisso com o dever.

Cara olhou para ele novamente, o fogo retornando em sua expressão.

– Mas ainda tenho o juramento a você e farei o que for necessário para protegê-lo. Isso não muda nada para uma Mord-Sith.

– E o exército D’Haran? – Richard sussurrou enquanto considerava a ampla extensão dos problemas deles. O povo D’Haran tinha um propósito através de sua ligação. – Jagang está vindo. Sem o exército...

A ligação era uma magia antiga que ele herdou porque era um Rahl dotado. Aquela ligação foi criada para ser uma proteção contra o Andarilho dos Sonhos. Sem ela...

Mesmo se Kahlan acreditasse que era o *Lurk*, e não as Notas, Zedd falou para eles que isso também faria a magia falhar. Richard sabia que Zedd teria feito qualquer história que inventou ficar próxima da realidade para enganá-los.

De qualquer modo, Kahlan entenderia os frutos podres resultantes da morte da árvore da magia. Os dedos confortadores dela pousaram no braço dele.

– O exército pode não sentir sua ligação como antes, Richard, mas estão ligados a você de outras maneiras. A maioria em Midlands segue a Madre Confessora, e eles não estão ligados a ela por qualquer magia. Do mesmo modo, soldados o seguem porque acreditam em você. Provou seu valor a eles, e eles a você.

– A Madre Confessora tem razão. – Cara disse. – O exército continuará leal porque você é o líder deles. O verdadeiro líder deles. Eles acreditam em você, assim como eu.

Richard soltou um suspiro.

– Fico agradecido por isso, Cara, de verdade, mas...

– Você é o Lorde Rahl. Você é a magia contra a magia. Nós somos o aço contra o aço. Isso continuará.

– O problema é exatamente esse. Não posso ser a magia contra a magia. Mesmo se fosse o *Lurk* ao invés das Notas, a magia não funcionará.

Cara balançou os ombros.

– Então você descobrirá um jeito de fazer funcionar. Você é Lorde Rahl; é isso que você faz.

– Richard, – Kahlan disse. – Zedd disse que as Irmãs do Escuro conjuraram o *Lurk* e é isso que está fazendo a magia falhar. Você não tem prova que são realmente as Notas. Temos que fazer como Zedd pediu, e então ele será capaz de combater a magia das Irmãs. Quanto mais cedo chegarmos até Aydindril, mais cedo tudo será corrigido.

Mesmo assim, Richard ainda não conseguia falar para ela. – Kahlan, gostaria que fosse como você diz, mas não é. – ele falou simplesmente.

A fina camada de paciência dela começou a romper.

– Porque você insiste que são as Notas quando Zedd falou que foi o *Lurk*?

Richard inclinou, aproximando-se dela. – Pense nisso. Minha avó, a esposa de Zedd, aparentemente contou para sua garotinha, minha mãe, uma história sobre um gato chamado *Lurk*. Apenas daquela vez ela contou para mim sobre um gato chamado *Lurk*, mas Zedd não saberia que ela fez isso. Foi apenas uma coisinha que a minha mãe contou para mim uma vez quando eu era pequeno, como centenas de outras palavrinhas de conforto, frases, ou histórias para conseguir um sorriso. Nunca falei isso para Zedd.

– Por alguma razão Zedd qu eria esconder a verdade. –*Lurk*”, porque uma vez ele teve um gato com esse nome, provavelmente foi a primeira coisa que apareceu em sua mente. Admita, o nome – *Lurk*” não parece um pouco... esquisito, se você pensar bem?

Kahlan cruzou os braços debaixo dos seios. Mostrou um sorriso relutante.

– Pensei que eu fosse a única que achava isso. – ela verificou sua determinação. – Mas isso realmente não prova nada. Poderia ser coincidência.

Richard sabia que eram as Notas. De forma muito parecida como conseguiu sentir a galinha que não era uma galinha, e tinha desejado que Kahlan acreditasse nele, realmente queria que ela acreditasse nele a respeito disso.

– O que são essas coisas, essas Notas? – Cara perguntou.

Richard afastou-se dos outros e ficou olhando fixamente para o horizonte. Não sabia muito sobre elas, mas o que sabia fazia seus cabelos ficarem arrepiados.

– As pessoas no Mundo Antigo queriam acabar com a magia, do mesmo jeito que Jagang quer hoje, e provavelmente pela mesma razão, para que pudessem governar mais facilmente através da espada. As pessoas no Mundo Novo queriam que a magia continuasse viva. Para vencerem, os magos nos dois lados criaram armas de horror inconcebível, esperando desesperadamente acabar com a guerra.

– Muitas daquelas armas, os *Mriswith*, por exemplo, foram criadas a partir de pessoas usando Magia Subtrativa para remover certos atributos, e Magia Aditiva para adicionar algumas outras habilidades ou qualidades desejadas. Outros ainda, simplesmente adicionaram alguma habilidade que desejavam.

– Acho que os Andarilhos dos Sonhos eram esse tipo de pessoas, pessoas que tinham uma capacidade adicionada, pessoas que obviamente eles pretendiam usar como armas. Jagang é um descendente daqueles Andarilhos dos Sonhos da grande guerra. Agora a arma está atacando para fazer a guerra.

– Diferente de Jagang, que só quer acabar com a nossa magia para conseguir usar a dele contra nós, durante a grande guerra o povo no Mundo Antigo realmente estava tentando acabar com a magia. Toda magia. As Notas deveriam fazer justamente isso, acabar

com a magia do mundo dos vivos. Elas foram invocadas do Submundo, o mundo dos mortos do Guardiã.

– Como Zedd explicou, uma coisa assim invocada do Submundo, uma vez liberada, não apenas acabaria com a magia mas, ao fazer isso, poderia muito bem extinguir a própria vida.

– Zedd também disse que ele e Ann podiam cuidar disso. – Kahlan falou.

Richard olhou para trás por cima do ombro. – Então porque mentiu para nós? Porque não confiou em nós? Se ele realmente consegue cuidar disso, porque simplesmente não contou a verdade? – ele balançou a cabeça. – Tem mais alguma coisa acontecendo.

Du Chaillu, depois de um longo silêncio, cruzou os braços impaciente.

– Nossos Mestres da Lâmina cortarão com facilidade esses imundos...

– Calma! – Richard colocou o dedo sobre os lábios dela. – Não fale mais nenhuma palavra, Du Chaillu. Você não entende isso. Não sabe que problema você pode causar.

Quando Richard teve certeza de que Du Chaillu ficaria em silêncio, desviou sua atenção novamente para olhar na direção dos céus que clareavam ao nordeste, em direção a Aydindril. Estava cansado de discutir; ele sabia da verdade sobre as Notas estarem soltas. Precisava pensar sobre o que fazer a respeito delas. Havia coisas que precisava saber.

Ele lembrou que enquanto buscava freneticamente outras informações no Diário de Kolo, encontrou trechos nos quais Kolo falava sobre as Notas, entre muitas outras coisas. Os magos estavam continuamente enviando mensagens e relatórios até a Fortaleza do Mago em Aydindril, não apenas transmitindo informações a respeito das Notas, mas também relatando variado número de outros eventos assustadores e potencialmente catastróficos que estavam ocorrendo.

Kolo escreveu sobre essas comunicações, pelo menos sobre aquelas que achou interessantes, significantes, ou curiosas, mas ele não forneceu informações completas delas; não teria razão alguma para reproduzi-las em seu diário particular. Richard duvidou que Kolo ao menos imaginasse que alguém fosse ler os diários. O hábito de Kolo era mencionar brevemente a informação pertinente de uma mensagem, e então observar o assunto em questão, assim a informação que Richard leu nos relatórios foram apenas esboços frustrantes e opiniosos.

Kolo colocava mais informação quando estava assustado, parecendo quase usar o seu diário como uma maneira de pensar em um problema buscando encontrar uma solução. Houve um período no tempo em que ele estivera bastante assustado com aquilo que os relatórios estavam dizendo a respeito das Notas. Em várias passagens Kolo escreveu o que leu em relatórios, quase como que para justificar seu medo, para enfatizar a si mesmo a base de sua preocupação.

Richard lembrou de Kolo mencionando o mago que foi enviado para lidar com as Notas: Ander. Ander alguma coisa. Richard não conseguia lembrar o nome todo.

O mago Ander carregava orgulhosamente o apelido de “A Montanha”. Aparentemente, ele era grande. Porém, Kolo não gostava do homem, e em seu diário pessoal geralmente referia-se a ele como “Toca da Moralidade”. De acordo com o Diário de Kolo Richard entendeu que o Ander tinha grande orgulho de si mesmo.

Richard lembrou claramente de um trecho onde Kolo expressava indignação porque as pessoas estavam falhando em aplicar a Quinta Regra do Mago adequadamente: *Preste atenção no que as pessoas fazem, não apenas no que elas dizem, pois os feitos revelarão uma mentira.*

Kolo pareceu irado quando rabiscou que por não se importarem com a totalidade das ações as pessoas estavam falhando em aplicar

adequadamente a Quinta Regra com o Mago Ander. Reclamou dizendo que se eles tivessem feito isso, teriam descoberto facilmente que a verdadeira fidelidade do homem era somente com ele mesmo, e não com o bem do seu povo.

– Você ainda não disse o que são as Notas. – Cara falou.

Richard sentiu a brisa insistente balançando seu cabelo e sua capa dourada, como se estivesse dizendo que ele deveria seguir adiante. Para onde, ele não sabia. Aqui e ali insetos saltavam da grama úmida de primavera para flutuarem pelo ar. Longe, a Oeste, iluminados por trás, pelas crescentes nuvens de tempestade cor de mel, os pontos escuros de gansos em uma formação V ondulante estavam seguindo seu caminho para o Norte.

Richard não tinha pensado a respeito das Notas com seriedade quando o assunto surgiu durante o casamento. Naquele momento Zedd afastou a preocupação deles, e além disso, a mente de Richard estava em outras coisas.

Porém mais tarde, depois que a galinha foi morta do lado de fora da Casa dos Espíritos, depois que Juni foi assassinado, depois que a coisa galinha fez ele sentir arrepios cada vez que estava perto, e depois que Zedd forneceu alguns detalhes, a sensação de alarme crescente de Richard fez ele se concentrar em lembrar tudo que pudesse sobre as notas. Naquele momento, ele estivera procurando soluções para outros problemas no Diário de Kolo, e não prestou particular atenção na informação sobre as Notas, mas a concentração quase constante e o esforço ocasional parecido com um transe trouxe de volta bastante coisa.

– As Notas são seres antigos gerados no Submundo. A Graça deve ser rompida para trazê-las ao mundo dos vivos. Oriundas do Submundo, elas foram conjuradas somente do lado Subtrativo, e então criam um desequilíbrio quando estão nesse mundo. A magia necessita de equilíbrio. Sendo totalmente Subtrativas, sua mera presença aqui exige Magia Aditiva para que elas existam nesse

estado, uma vez que a existência é uma forma de poder Aditivo, e então as Notas drenam magia desse mundo enquanto estiverem aqui.

Cara, que jamais foi alguém com aparente aptidão para magia, parecia apenas mais confusa do que nunca com a resposta dele. Richard entendia sua confusão. Ele também não sabia muita coisa sobre magia, e malmente entendia o que tinha acabado de falar para ela. Não tinha ao menos certeza se aquilo estava correto.

– Mas como elas fazem isso? – ela perguntou.

– Você pode pensar no mundo dos vivos como se fosse um barril com água. As Notas são um furo nesse barril do qual a rolha foi retirada, deixando a água escorrer. Uma vez que toda a água escorrer, o barril vai secar, a madeira vai encolher, e ele não será mais o contêiner que foi uma vez. Então você pode dizer que ele é uma concha vazia, apenas parecendo vagamente o que foi um dia.

– A mera existência das Notas aqui drena a magia do mundo dos vivos, como aquele furo no barril, mas também, como uma maneira de trazê-las para dentro desse mundo, elas eram criaturas conjuradas. Elas possuem sua própria natureza. Elas podem matar.

– Sendo criaturas de magia elas possuem a habilidade, se desejarem, de assumir a aparência da criatura que elas matam, como uma galinha, mas elas guardam todo o poder daquilo que realmente são. Quando acertei a galinha com uma flecha, a Nota escapou em sua forma fantasma. Desde o início, a galinha verdadeira estivera morta atrás do muro; a Nota apenas tomou emprestada sua forma como um modelo, como um disfarce, para zombar de nós.

Cara exibiu a pouco familiar expressão de preocupação.

– Você está querendo dizer... – ela olhou para as pessoas ao redor. – que qualquer um aqui poderia ser uma Nota?

– Pelas informações que consegui, elas são criaturas conjuradas e não possuem alma, então elas não podem assumir a aparência de uma pessoa, somente animais. De acordo com Zedd, a convergência

é verdadeira; Jagang possui uma alma e assim só consegue entrar na mente de uma pessoa porque uma alma é necessária.

– Quando os magos criaram armas usando pessoas, aquelas coisas que eles criaram ainda possuíam almas. Era por isso que podiam ser controladas, pelo menos até certo ponto. As Notas, uma vez que estivessem aqui, não podiam ser governadas. Isso era uma das coisas que as tornavam tão perigosas. É como tentar conversar com um relâmpago.

– Está certo. – Cara levantou um dedo como se estivesse fazendo uma nota mental para si mesma. – Então, não poderia ser uma pessoa. Isso é bom. – fez um sinal apontando para o céu. – Mas um daqueles passarinhos poderia ser uma Nota?

Richard olhou para cima, para os pássaros de peito amarelo que passavam voando.

– Acho que sim. Se podia ser uma galinha, certamente poderia matar qualquer animal e assumir sua forma. Porém, isso não seria necessário. – Richard apontou para o chão molhado. – Ela poderia simplesmente estar escondida naquela poça perto dos seus pés. Aparentemente, alguma delas possui afinidade com a água.

Cara olhou para a poça e então recuou um passo.

– Está dizendo que a Nota que matou Juni estava escondida na água? Espreitando?

Richard olhou rapidamente para Chandalen e então disse que acreditava naquilo com um movimento de cabeça.

– As Notas se escondem, ou aguardam, em lugares escuros. – ele continuou. – De algum modo elas viajam pelas bordas das coisas, como rachaduras em uma rocha, ou pela margem da água. Pelo menos, estou chegando a essa conclusão; pelo modo como Kolo disse que elas deslizavam pelas bordas, onde isso encontrava com aquilo. Algumas delas se escondem no fogo, e pode viajar em centelhas.

Ele olhou para Kahlan com o canto do olho enquanto lembrava da maneira como a Casa dos Mortos, onde jazia o corpo de Juni,

explodiu em chamas.

– Quando ficavam inquietas ou com raiva, às vezes elas queimavam um lugar, só por maldade.

– Diziam que algumas delas possuíam uma beleza tão magnífica que contemplá-las seria como perder o fôlego, para sempre. Elas ficam visíveis apenas vagamente, a não ser que você chame sua atenção. O Diário de Kolo fazia parecer como se uma vez que sua vítima as enxergava, elas ganham forma de acordo com o desejo da vítima, e esse desejo é irresistível. Essa deve ser a maneira através da qual elas eram capazes de seduzir as pessoas até sua morte.

– Talvez isso tenha acontecido com Juni. Ele pode ter visto algo tão bonito que abandonou suas armas, seu poder de julgamento, até mesmo seu bom senso e seguiu aquilo na água até o local onde se afogou.

– Outras pedem atenção e gostam de serem adoradas. Eu acho, já que elas são oriundas do Submundo, que elas compartilham o desejo por veneração do Guardiã. Diziam que algumas até protegiam aqueles que as reverenciavam sem criticá-las, mas esse é um ato de equilíbrio perigoso. Isso as acalma, de acordo com aquilo que Kolo disse. Mas se parar de venerá-las, elas se voltarão contra você.

– Elas gostam mais da caçada, jamais ficando cansadas disso. Elas caçam pessoas. Não possuem misericórdia. Elas gostam de matar especialmente com fogo.

– A tradução completa do nome delas, do Alto D’Haran, significa grosseiramente “As Notas da Perdição”, ou “As Notas da Morte”.

Du Chaillu estava sombria, em silêncio. Os Mestres da Lâmina Baka Tau Mana em grande parte conseguiam permanecer com aparência indiferente, distante, e relaxada, mas eles estavam com uma nova inquietação em sua postura que era perceptível para Richard.

– De qualquer jeito, – Cara falou soltando um suspiro. – acho que podemos captar a ideia.

Chandalen, ouvindo atentamente, finalmente falou.

– Mas você não acredita nisso, Madre Confessora? Você acredita naquilo que Zedd falou, que são essas Notas da Morte?

Kahlan encarou o olhar de Richard antes de falar com Chandalen. Seu tom não estava rude.

– De muitas maneiras a explicação de Zedd sobre o problema é parecida, e assim poderia facilmente explicar o que aconteceu, mas embora seja similar, a coisa não seria menos perigosa. A diferença importante, segundo aquilo que ele falou, é que assim que chegarmos até Aydindril conseguiremos acabar com o problema. Mesmo relutante, creio que Zedd tinha razão. Não acredito que sejam as Notas.

– Gostaria que esse fosse o caso, realmente gostaria, porque conforme você falou, quando chegarmos até Aydindril poderíamos combater isso. – Richard disse. – Mas são as Notas. Eu apostaria que Zedd simplesmente estaria querendo nos afastar do perigo enquanto ele tenta resolver o problema de mandar as Notas de volta para o Submundo.

– Lorde Rahl é a magia contra a magia. – Cara falou para Kahlan. – Ele saberia a respeito disso. Ele acredita que são as Notas, então devem ser as Notas.

Suspirando de frustração, Kahlan jogou o longo cabelo para trás, por cima do ombro.

– Richard, você está convencendo a si mesmo que são as Notas. Falando sobre isso como se fosse verdade, está começando a convencer Cara, exatamente como está convencendo a si mesmo. Só porque tem medo que seja verdade, está fornecendo mais crédito do que isso merece.

Obviamente ela estava querendo lembrá-lo da Primeira Regra do Mago, sugerindo que ele estava acreditando em uma mentira.

Richard avaliou a feroz determinação tão evidente nos olhos verdes dela. Precisava que ela o ajudasse. Não conseguiria encarar isso sozinho.

Finalmente decidiu que não tinha escolha. Pedindo a todos que esperassem, colocou um dos braços em volta dos ombros dela e afastou-se caminhando junto com ela para ter certeza de que os outros não escutariam.

Precisava que ela acreditasse nele. Não tinha mais escolha. Precisava contar a ela.

CAPÍTULO 29



Kahlan seguiu de boa vontade enquanto caminhava através da grama molhada, achando melhor discutir com ele sozinha do que perto dos outros. Da parte de Richard, ele não queira dizer a ela o que precisava dizer na frente dos outros.

Por cima do ombro, Richard viu os caçadores de Chandalen apoiados em suas lanças, lanças com veneno. Eles pareciam aguardar preguiçosamente que Richard e Kahlan terminassem sua conversa e voltassem. Sabia que não havia nada de preguiçoso neles. Podia ver que eles estavam posicionados estrategicamente para manter os Baka Tau Mana sob guarda. Afinal de contas, essa era sua terra, e mesmo que eles conhecessem Richard, os Baka Tau Mana eram forasteiros.

Os Baka Tau Mana, da parte deles, pareciam completamente indiferentes aos caçadores do Povo da Lama. Os Mestres da Lâmina pronunciavam poucas palavras uns para os outros, olhavam para as nuvens de tempestade no horizonte, ou espreguiçavam e bocejavam.

Richard lutou com os Mestre da Lâmina Baka Ban Mana; sabia que eles poderiam ser qualquer coisa menos indiferentes. Estavam preparados para matar. Por terem vivido cercados por inimigos decididos a destruí-los, sua natureza, por causa do treinamento, era de estarem preparados para matar a qualquer momento.

Quando Richard esteve com Irmã Verna e encontrou pela primeira vez com os Mestres da Lâmina, perguntou a ela se eles eram perigosos. Irmã Verna contou a ele que, quando era jovem, viu

um Mestre da Lâmina Baka Ban Mana que tinha invadido a guarnição em Tanimura matar quase cinquenta soldados armados antes que fosse derrubado. Ela disse que eles lutavam como se fossem espíritos invencíveis, e que algumas pessoas acreditavam que eles eram mesmo.

Richard não gostaria que alguma pequena falha de julgamento ou tropeço na comunicação fizesse com que o Povo da Lama e os Baka Tau Mana lutassem. Todos eram bons demais na luta.

Cara, parecendo qualquer coisa menos imparcial, olhava para todos eles com frieza.

Como os três lados de um triângulo, o Povo da Lama, os Baka Tau Mana, e Cara eram todos parte do mesmo esforço. Todos eram aliados de Richard e Kahlan, e da causa deles, mesmo que cada um deles enxergasse o mundo de forma diferente. Todos eles valorizavam as mesmas coisas na vida. Família, amigos, trabalho, honestidade, dever, lealdade, liberdade.

Kahlan colocou a mão no peito dele gentilmente, mas de modo insistente.

– Richard, independente de qualquer outra coisa que eu esteja sentindo no momento, sei que o seu coração está no lugar certo, mas você simplesmente não está sendo razoável. Você é o *Seeker* da Verdade; tem que parar de insistir que está certo e enxergar a verdade. Podemos deter a magia das Irmãs e o *Lurk* delas. Zedd e Ann anularão o feitiço. Porque você está sendo tão obstinado nisso?

– Kahlan, – ele disse, mantendo a voz baixa. – a coisa galinha era uma Nota.

Distraidamente, inconscientemente, ela tocou na pedra escura na delicada corrente de ouro em volta do pescoço.

– Richard, sabe que eu te amo e sabe que acredito em você, mas nesse caso eu estou quase...

– Kahlan. – ele disse, interrompendo-a. Sabia o que ela pensou e o que ela precisava dizer. Agora queria apenas que ela escutasse.

Esperou até que os olhos dela falassem que ela escutaria. – Você invocou as Notas para esse mundo. Não fez isso intencionalmente, ou para causar algum dano, ninguém pensaria o contrário. Fez isso para me salvar. Eu estava quase morto e precisava de sua ajuda, então eu também sou parte disso. Sem as minhas ações, as suas não teriam sido necessárias.

– Não esqueça de nossos ancestrais. Se eles não tivessem filhos, nós não teríamos nascido para cometermos nossos crimes. Suponho que você queira levá-los em conta também? – ele molhou os lábios enquanto segurava suavemente nos ombros dela.

– Só estou dizendo que fornecer ajuda foi a coisa que começou tudo isso. Entretanto, isso não torna você, de modo algum, culpada por intenções maliciosas. Precisa entender isso. Mas por ter pronunciado as palavras completando o feitiço, isso a torna inadvertidamente responsável. Você trouxe as Notas para esse mundo.

– Por algum motivo, Zedd não queria que nós soubéssemos. Gostaria que ele tivesse confiado em nós mostrando a verdade, mas não confiou. Tenho certeza de que ele teve razões que para ele pareceram importantes o bastante para fazerem com que mentisse para nós. De acordo com o que eu sei, talvez tenham sido.

Kahlan colocou as pontas dos dedos na testa, fechou os olhos, e suspirou mantendo o autocontrole.

– Richard, concordo que tem aspectos confusos no que Zedd fez, e que ainda existem questões a serem respondidas, mas isso não significa que temos de agarrar uma resposta diferente apenas para termos uma. Zedd é o Primeiro Mago; devemos confiar naquilo que ele pediu para fazermos.

Richard tocou a bochecha dela. Ele gostaria de estar sozinho com ela, sozinho de verdade, e poderia tentar compensar o seu tolo esquecimento. Não queria falar essas coisas para ela, mas precisava.

– Por favor, Kahlan, vai escutar o que eu tenho a dizer, e depois disso você decide? Eu quero estar errado, quero mesmo. Você decide.

– Quando os caçadores do Povo da Lama estavam montando guarda para nós perto da Casa dos Espíritos, as Notas estavam do lado de fora. Uma delas matou uma galinha simplesmente porque elas gostam de matar.

– Quando Juni ouviu o barulho, o mesmo que eu ouvi, ele investigou mas não encontrou nada. Então insultou o espírito do assassino para fazer com que ele se revelasse. Ela apareceu, e o matou por insultá-las.

– Eu insultei a coisa galinha, então porque ela não me matou? – Kahlan passou uma das mãos sobre os olhos. – Responda isso, Richard. Porque ela não me matou?

Ele observou os belos olhos verdes dela durante um momento enquanto juntava coragem.

– A Nota falou para você porquê, Kahlan.

– O quê? – ela disse girando os olhos. – Do que você está falando?

– Aquela coisa galinha não era um *Lurk*. Era uma das Notas, e não estava chamando você por seu título de Madre Confessora. Era uma Nota. Ela disse o que isso significava.

– Chamou você de “Madre”.

Kahlan ficou olhando fixamente para ele, chocada.

– Elas a respeitam, – ele disse. – pelo menos, até certo ponto, porque você as trouxe para o mundo dos vivos. Deu vida para elas. Elas a consideram como aquela que deu a vida, a mãe deles. Você apenas concluiu que a coisa galinha adicionaria a palavra “Confessora” depois que ela a chamou de “Madre” porque está acostumada em ser chamada por esse título.

– Mas a Nota não estava chamando você pelo título, Kahlan. Estava chamando você pelo nome que ele significava: Mãe.

Ele quase podia ver a verdade das suas palavras inundarem a fortaleza de racionalidade cuidadosamente construída dela. Algumas verdades, depois de um certo ponto, podiam ser percebidas visceralmente, e naquele ponto tudo se encaixava de maneira definitiva.

Os olhos de Kahlan ficaram cheios de lágrimas. Ela encostou contra ele, dentro do conforto e da compreensão dos seus braços. Engoliu um gemido contra o peito dele e então esfregou a bochecha quando uma lágrima desceu.

– Acho que isso foi a única coisa que a salvou. – ele falou suavemente enquanto a segurava. – Eu não iria querer confiar novamente sua vida na caridade delas.

– Temos que impedir. – ela conteve outro gemido. – Queridos espíritos, temos que detê-las.

– Eu sei.

– Você sabe o que fazer? – ela perguntou. – Tem alguma ideia de como enviá-las de volta para o mundo dos mortos?

– Ainda não. Para encontrar uma solução, a primeira coisa a ser feita é reconhecer o verdadeiro problema. Acho que agora fizemos isso?

Kahlan assentiu enquanto enxugava os olhos. Tão rapidamente quanto a compreensão trouxe as lágrimas, a determinação mandou-as embora.

– Porque as Notas ficariam do lado de fora da Casa dos Espíritos?

Enquanto eles estavam juntos depois do casamento, felizes com seu amor, algo estivera do outro lado da porta feliz em causar morte. Apenas pensar nisso fazia com que o estômago dele ficasse embrulhado.

– Não sei. Talvez as Notas desejassem ficar perto de você.

Kahlan apenas assentiu. Ela entendeu. Perto da mãe delas.

Richard lembrou da expressão de choque no rosto de Kahlan quando Nissel levou o bebê morto até a Casa dos Mortos. As Notas também causaram aquilo. Era apenas o começo.

– O que é uma Graça Fatal? Você mencionou isso, ontem, quando fomos encontrar com Zedd e Ann.

– A maioria das histórias sobre as Notas que eu contei vieram de um relatório. Uma vez que Kolo estava assustado, ele escreveu muito mais do que o normal. O relatório do qual ele falava dizia no final, –Grave bem minhas palavras: Tenha cuidado com as Notas, e se a necessidade for grande, desenhe três vezes na terra árida, com areia, sal e sangue, uma Graça Fatal”.

– E o que isso significa?

– Não sei. Eu esperava que talvez Zedd ou Ann pudessem saber. Ele sabe tudo sobre a Graça. Pensei que ele pudesse saber a respeito disso.

– Mas você acha que essa Graça Fatal impediria as Notas?

– Simplesmente não sei, Kahlan. Me ocorreu que isso pode ser um conselho desesperado para cometer suicídio.

Kahlan assentiu distraidamente pensando nas palavras do Diário de Kolo.

– Eu poderia entender se isso fosse um conselho de suicídio. Conseguiria sentir a maldade das Notas nisso. – ela disse enquanto olhava para o vazio. – Quando eu estava dentro da casa onde o Povo da Lama preparava corpos para funeral, e a coisa galinha, a Nota, estava lá dentro comigo, eu podia sentir a malevolência nela. Queridos espíritos, foi horrível.

– Ela estava bicando os olhos de Juni. Mesmo que ele estivesse morto, aquilo ainda queria arrancar os olhos dele.

Ele a puxou para dentro dos braços outra vez.

– Eu sei.

Ela o empurrou com esperança renovada.

– Ontem, com Zedd e Ann, você disse que Kolo declarou que eles estavam bastante assustados no início, mas depois que investigaram descobriram que as Notas eram uma arma simples e facilmente vencida.

– Sim, mas Kolo só reportou o alívio na Fortaleza do Mago quando eles descobriram que isso não era um problema como inicialmente tinham pensado que seria. Ele não escreveu a solução. Eles enviaram um mago que chamavam de “Montanha” para cuidar disso. Obviamente, ele cuidou.

– Tem alguma ideia se existe alguma arma que seria eficaz contra elas? Juni estava bastante armado, e isso não ajudou muito, mas poderia haver alguma outra?

– Kolo jamais apresentou qualquer indicação. Flechas não mataram a coisa galinha, e o fogo certamente não causaria dano algum a elas.

– Porém, Zedd foi enfático a respeito de que eu deveria pegar a Espada da Verdade. Se ele mentiu sobre o *Lurk*, foi para nos manter longe do perigo. Não acredito que ele mentiria sobre a espada. Queria que eu a buscasse, e ele falou que ela pode ser a única magia que ainda funcionaria para nos proteger. Acredito nele sobre isso.

– Porque acha que a coisa galinha fugiu de você? Quer dizer, se elas me consideram sua mãe, eu poderia entender que tivessem algum tipo de... reverência, por mim, e que ficassem relutantes em me ferir, mas se elas são tão poderosas, porque fugiriam de você? Você atirou nela apenas uma flecha. Falou que flechas não poderiam machucá-las. Porque ela correu de você?

Richard passou a mão no cabelo.

– Eu mesmo fiquei pensando nisso. A única resposta que consigo imaginar é que elas são criaturas de Magia Subtrativa, e eu sou o único em milhares de anos que nasceu com esse lado da magia. Talvez elas tenham medo de que minha Magia Subtrativa possa feri-las, talvez ela possa. De qualquer modo, é uma esperança.

– E o fogo? Aquele resto solitário das fogueiras de nosso casamento que ainda estava ardendo, que você apagou? Aquilo era uma delas, não era?

Richard odiou que elas estivessem na fogueira de casamento deles. Isso foi uma profanação.

– Sim. *Sentrosi*, a segunda Nota. Significa “fogo”. *Reechani*, a primeira, significa “água”. A terceira, *Vasi*, significa “ar”.

– Mas você apagou o fogo. A Nota não fez nada para impedir. Se eles matariam Juni porque ele as insultou, parece que elas certamente ficariam zangadas com o que você fez. A coisa galinha também fugiu de você.

– Não sei, Kahlan. Não tenho resposta.

Olhando dentro dos olhos dele, ela hesitou por um momento.

– Talvez elas não tenham ferido você pela mesma razão que não fizeram isso comigo.

– Acham que eu também sou mãe delas?

– Pai. – ela disse, acariciando inconscientemente a pedra escura em seu pescoço. – Usei o feitiço para manter você vivo, para evitar que entrasse no mundo dos mortos. O feitiço invocou as Notas porque elas são do outro lado e tinham o poder para fazer aquilo. Talvez, já que nós dois estávamos envolvidos, elas nos considerem como pai e mãe, como os pais delas.

Richard soltou um longo suspiro.

– Isso é possível, não estou dizendo que não seja, mas quando sinto que elas estão perto, tenho uma sensação de algo mais, algo que deixa meu cabelo arrepiado.

– Mais? Mais como o quê?

– Era uma sensação impressionante do prazer delas sempre que estavam perto de mim, e ao mesmo tempo uma monstruosa sensação de repulsa.

Kahlan esfregou os braços, sentindo um calafrio por causa daquela malevolência obscena entre eles. Um sorriso sem humor,

amargo com a ironia, dominou o rosto dela.

– Shota sempre disse que juntos nós conceberíamos um descendente monstruoso.

Richard colocou as mãos nas bochechas dela.

– Algum dia, Kahlan. Algum dia.

Quase chorando, afastou o rosto das mãos dele, do olhar dele, para observar o horizonte. Limpou a garganta e preparou sua voz.

– Se a magia está falhando, pelo menos Jagang perderá sua ajuda. Ele controla pessoas com magia para que ajudem seu exército. Pelo menos se ele não conseguir mais fazer isso, haveria algo de bom nisso tudo.

– Ele usou um daqueles magos para tentar nos matar. Conseguiu usar uma das Irmãs da Luz para trazer a praga do Templo dos Ventos. Se a magia falhar por causa das Notas, pelo menos ela também falhará com Jagang.

Richard segurou o lábio inferior entre os dentes.

– Estive pensando nisso. Se a coisa galinha estava com medo de mim porque eu tenho Magia Subtrativa, o controle de Jagang sobre aqueles com magia pode muito bem não funcionar, mas...

– Queridos espíritos. – ela sussurrou, virando para olhar na direção dele.

– As Irmãs do Escuro. Elas podem não ter nascido com ela, mas sabem como usar Magia Subtrativa.

Relutante, Richard assentiu.

– Eu temo que Jagang, no mínimo, ainda poderá ter as Irmãs do Escuro. A magia delas funcionará.

– Então a nossa esperança está com Zedd e Ann. Vamos torcer para que eles consigam deter as Notas.

Richard não conseguiu forçar um sorriso.

– Como? Nenhum deles é capaz de usar Magia Subtrativa. A magia que eles possuem está falhando junto com todo o resto da

magia. Eles ficarão tão impotentes quanto aquela criança que nasceu morta. Tenho certeza de que eles partiram, mas para onde?

Ela lançou um olhar para ele, um olhar muito parecido com o de uma Madre Confessora.

– Se tivesse lembrado de sua primeira esposa quando devia ter lembrado, Richard, poderíamos ter falado para Zedd. Isso poderia ter feito diferença. Agora aquela chance foi perdida. Você escolheu uma hora muito ruim para ficar negligente.

Ele queria discutir com ela, dizer que não teria feito diferença, dizer que ela estava enganada, mas não conseguiu. Ela estava errada. Zedd teria partido sozinho para enfrentar as Notas. Richard imaginou se eles deveriam voltar e seguir o rastro do avô dele.

Finalmente ela segurou a mão dele, deu um leve tapa com a outra, e então eles marcharam de volta até o local onde os outros estavam esperando. Ela manteve a cabeça ereta. Seu rosto era o rosto de uma Confessora, desprovido de emoção, cheio de autoridade.

– Ainda não sabemos o que fazer a respeito delas, – Kahlan anunciou. – mas estou convencida além de qualquer dúvida: as Notas estão soltas no mundo.

CAPÍTULO 30



Para os caçadores, Kahlan repetiu a declaração na língua do Povo da Lama.

Richard queria que ela estivesse certa que fosse o *Lurk* e não as Notas. Para o *Lurk* eles teriam uma solução.

Todos pareceram compreensivelmente inquietos ao ouvirem Kahlan, depois de estar tão decidida em seus argumentos sobre o *Lurk*, agora dizer a eles que aceitava o fato de que eles estavam enfrentando nada menos do que a completa ameaça das Notas.

Para Richard não parecia, uma vez que ela falou que concordava com ele, que alguém ainda tivesse dúvidas.

Com as palavras de Kahlan, parecia que o mundo de todos acabava de mudar.

Um silêncio desconfortável dominou a planície.

Richard precisava continuar tentando descobrir o que fazer em seguida, mas realmente não fazia ideia de como fazer isso. Ele nem sabia por onde começar. Agora percebeu o que deveria ter feito, quando tinha a chance. Estivera tão concentrado no perigo que ignorou todo o resto.

Estava muito longe das florestas que conhecia. Gostaria de estar de volta naquelas florestas. Pelo menos quando era um guia, nunca esqueceu o caminho no qual estava, ou fez alguém cair de um penhasco.

Desviou sua atenção para a Mulher dos Espíritos de cabelo escuro dos Baka Tau Mana.

– Du Chaillu, porque fez toda essa viagem? O que está fazendo aqui?

– Ahh. – Du Chaillu enquanto cruzava as mãos diante de si com deliberado cuidado. – Agora o Caharin quer que eu fale?

A mulher era raiva engarrafada. Richard realmente não enxergava porque, e realmente não se importava.

– Sim, porque você veio?

– Nós viajamos muitos dias. Sofremos dificuldades. Enterramos alguns daqueles que partiram conosco. Tivemos que abrir caminho através de lugares hostis lutando. Derramamos o sangue de muitos para chegar até você.

– Deixamos nossas famílias e pessoas amadas para trazer o aviso ao nosso Caharin. Partimos sem comida, sem dormir, e sem o conforto de um lugar seguro. Encaramos as noites onde todos choramos porque sentimos o medo e a tristeza no coração longe de nossa terra natal.

– Viajei com a criança que o Caharin pediu que eu carregasse quando deveria ter ido até uma mulher das ervas e retirado ela, retirado as terríveis lembranças que carregou junto com ela. Mesmo assim ele nem mesmo reconhece que eu escolhi honrar as palavras dele e aceitar a responsabilidade dessa criança lançada sobre mim.

– O Caharin nem mesmo reconhece que todos os dias eu devo ser lembrada, pela criança que ele pediu que eu carregasse, do tempo que passei acorrentada nua a uma parede naquele lugar fedorento dos Majendie. Lembrada de onde acabei ganhando essa criança. Lembrada de como aqueles homens me usaram para seu prazer e então riram de mim. Lembrada do lugar onde eu encarei o medo diário de que aquele fosse o dia que eu seria sacrificada. Lembrada do lugar onde chorei por minhas próprias crianças que seriam deixadas sem a mãe, e chorei porque nunca mais veria os sorrisos delas ou teria a alegria de ver elas crescerem.

– Mas honrei as palavras do Caharin e carregue a criança dos cães, porque o Caharin pediu.

– O Caharin presta pouca atenção ao seu próprio povo, que viajou toda essa distância, como se não fôssemos mais do que pulgas que ele deve remover. Ele não pergunta como estamos em nossa terra natal. Não nos convida para finalmente sentar com ele para que possamos compartilhar a alegria de estarmos juntos. Ele não pergunta se estamos em paz. Não pergunta se estamos alimentados, ou se temos sede.

– Ele apenas grita e afirma que não somos seu povo porque ele ignora as leis sagradas pelas quais temos vivido durante incontáveis séculos, e coloca de lado essas mesmas leis apenas porque não recebeu o ensinamento sobre as suas palavras, como se apenas isso, as tornasse insignificantes. Muitos morreram por aquelas leis para que ele pudesse aprender com elas e vivesse outro dia.

– Ele não pensa em seu povo mais do que pensa no estreme debaixo de suas botas. Ele retira sua esposa por nossa lei de sua mente sem pensar duas vezes. Ele trata sua esposa por lei como um incômodo, que deve ser colocada de lado até que ele a queira.

– As leis antigas nos prometeram um Caharin. Admito que elas não prometeram um que honraria seu povo, seus costumes e leis que nos uniram em nosso objetivo, ainda que eu imagine que qualquer homem honraria aqueles que sofreram tanto por ele.

– Eu sofri com a perda de meus maridos através da sua mão e encarei o luto fora de sua vista para que você não sofresse por causa disso. Minhas crianças enfrentam com brava tristeza a perda de seus pais através da sua mão. Elas choram na cama pelo homem que beijava sua testa e desejava para elas bons sonhos de sua terra natal. Ainda assim você não se importa em perguntar como eu sigo adiante sem aqueles maridos que eu e minhas crianças amávamos tanto, nem ao menos pergunta como as minhas crianças suportam o sofrimento em seus corações.

– Você nem ao menos pergunta como eu sigo adiante sem o meu novo marido por nossa lei enquanto ele está longe arrumando outras esposas. Você tem consideração tão baixa por mim que não se importa em mencionar minha existência para sua nova esposa.

O queixo de Du Chaillu levantou com indignação.

– Então, agora eu tenho permissão para falar? Então, agora você finalmente quer ouvir minhas palavras depois de minha longa e difícil jornada? Então, agora você quer ouvir se tenho alguma coisa que tenha valor para seus ouvidos maravilhosos?

Du Chaillu cuspiu aos pés dele. – Você me envergonha. – Cruzou os braços e virou as costas para ele.

Richard ficou olhando atrás da cabeça dela. Os Mestres da Lâmina estavam olhando para longe como se estivessem surdos, e desejassem pouco mais do que avistar um pássaro no céu.

– Du Chaillu, – Richard disse, ele mesmo ficando um pouco esquentado.

– não jogue a responsabilidade pela morte daquelas pessoas sobre mim. Tentei evitar de todas as formas lutar com eles, machucá-los. Sabe que tentei. Implorei a você que parasse aquilo. Isso estava ao alcance do seu poder, mesmo assim você não impediu. Eu estava relutante em fazer o que fiz. Você sabe que não tive escolha.

Ela olhou com raiva por cima do ombro.

– Você teve escolha. Poderia ter escolhido morrer ao invés de matar. Em honra por causa daquilo que você fez por mim, me salvando do sacrifício dos Majendie, prometi a você que se não resistisse, sua morte seria rápida. Teria sido apenas a sua vida ao invés das trinta; se você é tão nobre e tão preocupado em preservar a vida, então permitiria que assim fosse.

Richard cerrou os dentes e balançou o dedo para ela.

– Você manda seus homens atacarem, e espera que eu simplesmente aceite ser assassinado ao invés de me defender? Depois que a salvei? Se eu tivesse morrido ao invés daqueles

homens, a verdadeira matança teria começado! Você sabe que eu trouxe uma paz que salvou muito mais vidas. E você não entende nem o começo sobre o resto.

Ela bufou. – Você está errado, meu marido. – Virou de costas novamente.

– Entendo mais do que você gostaria.

Cara girou os olhos.

– Lorde Rahl, você realmente precisa aprender a respeitar mais suas esposas, ou nunca terá um momento de tranquilidade. – ela falou com o canto da boca quando passou por ele. – Permita que eu converse com ela, de mulher para mulher. Vamos ver se consigo aliviar as coisas para você.

Cara enfiou uma das mãos embaixo do braço de Du Chaillu para levá-la em uma conversa particular. Seis espadas deixaram suas bainhas. Em um piscar de olhos, o aço estava girando na luz da manhã quando os Mestres da Lâmina avançaram, transferindo as armas da mão esquerda para a direita e da direita para a esquerda outra vez.

Os caçadores do Povo da Lama moveram-se para bloqueá-los. No espaço de uma batida do coração, a planície passou da paz inquieta quase até uma batalha sangrenta.

Richard levantou as mãos. – Fiquem todos parados!

Ele moveu-se na frente de Cara e Du Chaillu, bloqueando o avanço dos homens.

– Cara, solte ela. Ela é a Mulher dos Espíritos deles. Você não tem permissão para tocá-la. Os Baka Ban Mana foram perseguidos e sacrificados pelos Majendie durante um milênio. Compreensivelmente eles odeiam quando estranhos colocam as mãos neles.

Cara soltou o braço de Du Chaillu, mas os dois grupos de homens estavam relutantes em ser o primeiro a recuar. De repente o Povo da Lama tinha estranhos hostis em suas mãos. De repente os

Baka Tau Mana tinham homens prestes a atacá-los por defenderem sua Mulher dos Espíritos. Com todo aquele sangue quente, o risco era que alguém procurasse vantagem atacando primeiro e ficasse preocupado em contar os mortos mais tarde.

Richard manteve uma das mãos levantadas. – Escutem! Todos vocês! – ele esticou a outra mão e puxou a tira de couro em volta do pescoço de Du Chaillu, esperando que ela guardasse dentro do vestido aquilo que achava que guardava.

Os olhos dos caçadores ficaram arregalados quando Richard levantou mão e eles viram o apito do Homem Pássaro na ponta daquela tira de couro.

– Esse é o apito que o Homem Pássaro me deu. – Ele olhou com o canto do olho para Kahlan e pediu a ela que traduzisse. Ela começou a falar com os caçadores na língua do Povo da Lama enquanto Richard continuava.

– Vocês lembram que o Homem Pássaro, em um sinal de paz, deu esse apito para mim. Essa mulher, Du Chaillu, é uma protetora do povo dela. Em honra ao Homem Pássaro, e sua esperança de paz, dei para ela o apito para que pudesse chamar aves para comerem as sementes que os inimigos dela plantaram. Quando os inimigos dela ficaram com medo de não terem colheitas e passarem fome, finalmente concordaram com a paz. Foi a primeira vez que esses dois povos tiveram paz, e todos eles devem essa paz ao grande presente do apito do Homem Pássaro.

– Os Baka Tau Mana possuem uma grande dívida com o Povo da Lama. O Povo da Lama também tem uma grande dívida com os Baka Tau Mana por honrarem aquele presente como o Povo da Lama pretendia que ele fosse honrado usando-o para trazer a paz, ao invés de causar danos. O Povo da Lama deveria ficar orgulhoso de que os Baka Tau Mana confiariam no presente do Povo da Lama para dar segurança para as famílias deles.

– Os dois povos de vocês são amigos.

Ninguém se moveu enquanto eles consideravam as palavras de Richard. Finalmente, Jiaan colocou a espada sobre o ombro, deixando ela pendurada atrás de suas costas pela corda em volta do pescoço. Abriu a roupa, mostrando o peito para Chandalen.

– Nós agradecemos a você e ao seu povo pela segurança e paz transmitida a nosso povo pelo seu presente de poderosa magia. Não lutaremos contra vocês. Se desejarem tomar de volta a paz que nos deram, podem atacar nossos corações. Não lutaremos em nossa defesa contra grandes fornecedores de paz como o Povo da Lama.

Chandalen afastou sua lança, plantando a parte inferior dela no solo de sua terra natal.

– Richard, o Esquentado, fala a verdade. Ficamos felizes que o seu povo usou nosso presente como ele deveria ser usado, para trazer a paz. Vocês serão bem-vindos e estarão em segurança em nossa terra.

Junto com vários movimentos do braço, Chandalen deu ordens para seus caçadores. Quando todos os homens começaram a baixar as armas, Richard finalmente respirou e agradeceu aos bons espíritos pela ajuda.

Kahlan segurou o braço de Du Chaillu e falou de modo decidido.

– Eu terei uma conversa com Du Chaillu.

Os Baka Tau Mana claramente não gostaram daquilo, mas agora não tinham certeza do que deveriam fazer. Richard também não tinha certeza se gostava da ideia. Poderia ser o início de outra guerra.

Porém, mesmo relutante, ele decidiu que seria melhor deixar Kahlan fazer a coisa do jeito dela e conversar com Du Chaillu. De qualquer modo, ele percebeu através da expressão no rosto de Kahlan que essa decisão não era dele. Ele virou para os Mestres da Lâmina.

– Kahlan, minha esposa, é a Madre Confessora e líder de todos os povos do Mundo Novo. Ela deve ser respeitada assim como nossa Mulher dos Espíritos, Du Chaillu. Vocês tem minha palavra como Caharin de que a Madre Confessora não machucará Du Chaillu. Se eu estiver mentindo para vocês, podem considerar minha vida perdida.

Os homens assentiram. Richard não sabia se ele ou Du Chaillu tinha posição mais alta aos olhos deles, mas o seu tom calmo e confortador, se não outra coisa, ajudou a desarmar as objeções deles. Ele também sabia que esses homens o respeitavam, não apenas porque matou trinta deles, mas porque tinha feito algo muito mais difícil. Devolveu a eles sua terra natal ancestral.

Richard ficou ombro a ombro com Cara observando Kahlan guiar Du Chaillu na grama alta. Ela ainda cintilava com gotas de água da chuva noturna que havia deixado para trás poças aqui e ali.

– Lorde Rahl, – Cara perguntou baixinho. – você acha que isso é prudente?

– Confio no julgamento de Kahlan. Temos bastante problema em nossas mãos. Não temos tempo a perder.

Cara girou o Agiel nos dedos, considerando aquilo durante um longo momento silencioso.

– Lorde Rahl, se a magia está falhando, a sua ainda não falhou?

– Vamos torcer que não.

Cara ficou perto, ao lado dele, quando ele se aproximou dos Mestres da Lâmina. Embora reconhecesse vários deles, conhecia apenas um pelo nome.

– Jiaan, Du Chaillu falou que alguns do seu povo morreram em sua jornada até aqui.

Jiaan embainhou sua espada.

– Três.

– Em batalha... – parecendo desconfortável, o homem afastou o cabelo escuro da testa. – Um. Os outros dois... sofreram acidentes.

– Envolvendo fogo ou água?

Jiaan soltou um suspiro.

– Não água, mas enquanto montava guarda um caiu dentro do fogo. Ele queimou até a morte antes que soubéssemos o que tinha acontecido. Naquele momento nós pensamos que ele devia ter caído e batido a cabeça. De acordo com o que você diz, talvez isso não tenha sido verdade. Talvez essas Notas o mataram?

Richard assentiu. Ele sussurrou com tristeza o nome de uma das Notas da Morte “Sentrosi”, a Nota do fogo.

– E o terceiro?

Jiaan jogou o peso do corpo sobre a outra perna.

– Subindo em uma trilha alta, de repente ele achou que podia voar.

– Voar?

Jiaan assentiu. – Mas ele não podia voar melhor do que uma pedra.

– Talvez ele tenha pisado em falso e caiu.

– Eu vi o rosto dele pouco antes dele tentar voar. Estava sorrindo como fez quando viu nossa terra natal pela primeira vez.

Novamente com tristeza, Richard sussurrou o nome da Terceira Nota. As Três Notas, Reechani, Sentrosi, Vasi, água, fogo e ar, colheram mais vidas.

– As Notas também mataram pessoas do Povo da Lama. Eu estava esperando que elas estivessem somente aqui, onde Kahlan e eu estamos, mas parece que as Notas estão em outros lugares também.

Por cima dos ombros dos seis Mestres da Lâmina, Richard viu que o Povo da Lama tinha achatado uma área com grama e estavam preparando-se para fazer uma fogueira e compartilhar uma refeição com seus novos amigos.

– Chandalen! – o homem levantou os olhos. – Não acenda uma fogueira.

Richard correu até o local onde Chandalen e seus caçadores esperavam.

– Qual é o problema? – Chandalen perguntou. – Porque você não quer que façamos fogo? Enquanto paramos aqui algum tempo, queremos preparar carne e dividir nossa comida.

Richard coçou a testa. – O espírito do mal que matou Juni pode encontrar pessoas através da água e do fogo. Sinto muito, mas você precisa impedir que o seu povo use fogo de agora em diante. Se usar fogo pode receber mais espíritos do mal que matam seu povo.

– Tem certeza?

Richard colocou uma das mãos no ombro de Jiaan.

– Essas pessoas são fortes como o Povo da Lama. Em seu caminho até aqui, um deles foi morto por um espírito do mal de uma fogueira.

Chandalen viu Jiaan acenar com a cabeça, confirmando que era verdade.

– Antes que soubéssemos o que estava acontecendo, ele foi queimado vivo pelo fogo. – Jiaan disse. – Era um homem forte, e corajoso. Não era um homem a ser derrubado facilmente por um inimigo, mas não ouvimos uma só palavra antes que ele morresse.

A frustração deixou a mandíbula de Chandalen tensa enquanto ele olhava para a planície antes de voltar sua atenção para Richard.

– Mas se não podemos fazer fogo, como vamos comer? Devemos assar Pão de Tava e cozinhar nossa comida. Não podemos comer massa crua e carne crua. As mulheres usam fogo para fazer potes. Os homens usam para fazer armas. Como vamos sobreviver?

Richard soltou um suspiro, frustrado. – Não sei, Chandalen. Sei apenas que o fogo pode trazer o espírito do mal, as Notas, de novo. Estou apenas dizendo para você a única coisa que sei fazer para manter nosso povo em segurança.

– Acho que você será forçado a usar fogo, mas tenha em mente o perigo que isso pode trazer. Se todos souberem do perigo, talvez seja

seguro o bastante usar o fogo quando for necessário.

– E não devemos beber com medo de chegar perto da água?

– Chandalen, gostaria de ter as respostas. – Richard passou uma das mãos no rosto. – Sei apenas que água, fogo, e lugares altos são perigosos. As Notas conseguem usar essas coisas para ferir pessoas. Quanto mais pudermos ficar longe delas, mais seguro será.

– Mas mesmo fazendo isso, como você falou antes, as Notas ainda continuarão matando.

– Não tenho respostas suficientes, Chandalen. Estou tentando dizer a você tudo que consigo pensar para que você possa ajudar a manter nosso povo em segurança. Ainda podem haver muitos outros perigos sobre os quais eu ainda não sei.

Chandalen colocou as mãos nos quadris enquanto observava o terreno de seu povo. Os músculos da mandíbula dele flexionaram enquanto ele pensava em questões que Richard só poderia imaginar. Richard esperou silenciosamente até que Chandalen falou.

– É verdade, como você disse, que uma criança que ainda estava para nascer em nossa aldeia morreu por causa dessas Notas da Morte que estão soltas no mundo?

– Sinto muito, Chandalen, mas acredito que sim.

Os olhos escuros atentos dele encontraram com os de Richard.

– Como esses espíritos do mal vieram para esse mundo?

Richard lambeu os cantos da boca.

– Acredito que Kahlan, sem perceber ou pretender, pode ter invocado elas com magia para salvar minha vida. Porque elas foram usadas para salvar minha vida, a culpa por elas estarem aqui é minha.

Chandalen considerou a confissão de Richard.

– A Madre Confessora não iria querer fazer algo ruim. Você não iria querer fazer algo ruim. Mesmo assim, foi por causa de vocês que as Notas da Morte estão aqui?

O tom de Chandalen havia mudado de confusão e alarme para autoridade. Afinal de contas, agora ele era um ancião. Tinha responsabilidade com a segurança de seu povo que estava além da responsabilidade de caçador.

De forma muito parecida como o Povo da Lama e os Baka Tau Mana compartilhavam muitos dos mesmos valores e ainda assim estiveram a ponto de entrarem em luta, Chandalen e Richard uma vez tiveram um péssimo relacionamento. Felizmente, agora os dois entendiam que tinham muito mais em comum do que diferenças.

Richard olhou para as nuvens distantes e para os mantos de chuva que cobriam o horizonte escuro distante.

– Eu temo que essa seja a verdade. Além disso, eu falhei em lembrar de informação valiosa para contar a Zedd, quando tive chance. Agora ele partiu em busca das Notas.

Mais uma vez Chandalen avaliou as palavras de Richard antes de falar.

– Vocês são Povo da Lama e os dois lutaram para nos proteger. Sabemos que vocês não queriam trazer as Notas e causar qualquer mal. – Chandalen ficou ereto, ele não chegava até o ombro de Richard, e fez seu pronunciamento. – Sabemos que você e a Madre Confessora irão fazer o que deve ser feito para consertar isso.

Richard entendia muito bem o código de responsabilidade, obrigação, e dever pelo qual esse homem vivia. Embora ele e Chandalen fossem de povos muito diferentes, com culturas muito diferentes, Richard foi criado com muitos dos mesmos padrões. Talvez, ele pensou, na verdade eles não fossem tão diferentes. Talvez vestissem roupas diferentes, mas tinham corações muito parecidos, as mesmas vontades, e os mesmos desejos. Também compartilhavam muitos dos mesmos medos.

Não apenas o pai adotivo de Richard mas também Zedd havia ensinado a ele muitas das mesmas coisas que o povo de Chandalen

tinha ensinado a ele. Se você causou algum dano, não importa a razão, você tinha que consertar da melhor maneira que pudesse.

Enquanto era compreensível sentir medo, e ninguém estaria esperando que você não sentisse, a pior coisa que você poderia fazer era fugir do problema que tinha causado. Não importa o quanto aquilo fosse accidental, você não deveria tentar negar. Não deveria fugir. Você fazia o que deveria fazer para consertar isso.

Se não fosse por causa de Richard, as Notas não estariam livres. As ações de Kahlan para salvar a vida dele já custaram outras vidas. Ela também não hesitaria um instante sequer em sua obrigação de fazer o que pudesse para deter as Notas. Isso não era nem mesmo uma questão aberta a debate.

– Você tem minha palavra, Ancião Chandalen. Não descansarei até que o Povo da Lama e todos os outros estejam protegidos contra as Notas. Não descansarei até que as Notas estejam de volta no Submundo onde é o lugar delas. Ou morrerei tentando.

Um leve sorriso, caloroso com orgulho, surgiu no rosto de Chandalen.

– Sabia que não precisava lembrar você da sua promessa de sempre proteger nosso povo, mas é bom ouvir dos seus próprios lábios que você não esqueceu o seu juramento. – Chandalen surpreendeu Richard com um forte tapa. – Força para Richard, o Esquentado. Que sua fúria queime ardente e ligeira contra nossos inimigos.

Richard acariciou sua mandíbula e desviou os olhos de Chandalen quando notou que Kahlan estava retornando com Du Chaillu.

– Para um simples guia florestal, – Cara falou. – você consegue se meter em bastante problema. Acha que ainda sobrarão alguma esposa, agora que elas terminaram?

Ele sabia que Cara só estava implicando com ele, com sua maneira estranha de tentar animar o espírito dele. – Uma, eu espero.

– Bem, se não for assim, – Cara falou com um sorriso forçado. – sempre teremos um ao outro.

Richard começou a andar até as outras duas mulheres. – A posição de esposa já está ocupada, obrigado.

Kahlan e Du Chaillu caminhavam lado a lado através da grama, seus rostos não mostravam emoção alguma. Pelo menos ele não estava enxergando nenhum sangue.

– Sua outra esposa me convenceu a conversar com você. – falou Du Chaillu quando Richard chegou até elas. – Você tem sorte de ter nós duas. – ela adicionou.

Richard achou melhor não abrir a boca, para não deixar que sua língua soltasse o comentário sarcástico que estava preso ali.

CAPÍTULO 31



Du Chaillu caminhou até os Mestres da Lâmina dela, aparentemente falando para os homens sentarem e descansarem enquanto ela falava com o Caharin. Enquanto ela estava cuidando daquilo, Kahlan, com a ponta do dedo nas costelas dele, empurrou Richard na direção das coisas deles.

– Pegue um cobertor para Du Chaillu sentar. – Kahlan murmurou.

– Porque ela precisa do nosso? Eles possuem seus próprios cobertores. Além disso, ela não precisa de um cobertor para sentar e dizer porque está aqui.

Kahlan empurrou as costelas dele novamente.

– Apenas pegue o cobertor. – ela falou baixinho para que os outros não escutassem. – Caso você não tenha notado, a mulher está grávida e poderia gostar de descansar os pés.

– Bem, isso não...

– Richard. – Kahlan disparou, apressando ele. – Quando você insiste que uma pessoa ceda ao seu desejo, isso é conseguido mais facilmente se você der a ela uma pequena vitória para que possa manter sua dignidade quando faz o que você insiste. Se você quiser, eu carregarei o cobertor para ela.

– Bem, – Richard disse. – então está certo. Eu acho...

– Está vendo? Você acabou de comprovar isso. E vai carregar o cobertor.

– Então Du Chaillu consegue uma pequena vitória, mas eu não?

– Você é um rapaz grande. O preço de Du Chaillu é um cobertor para sentar enquanto conta para você porque ela está aqui. O preço é minúsculo. Não continue uma guerra que nós já vencemos apenas para tornar a humilhação do oponente esmagadora e completa.

– Mas ela...

– Eu sei. Du Chaillu saiu da linha naquilo que falou para você. Você sabe disso, eu sei, ela sabe. Mas os sentimentos dela estavam feridos e não inteiramente sem motivo. Todos nós cometemos erros.

– Ela não entendeu as dimensões do perigo que nós acabamos de descobrir que estamos enfrentando. Ela concordou com a paz pelo preço de nosso cobertor para sentar. Quer apenas que você faça uma gentileza para ela. Atender as sensibilidades dela não vai machucá-lo.

Richard olhou por cima do ombro quando alcançaram suas coisas. Du Chaillu estava falando com os Mestres da Lâmina.

– Você ameaçou ela? – Richard sussurrou enquanto tirava o cobertor da mochila dele.

– Oh, sim. – Kahlan respondeu sussurrando. Colocou uma das mãos no braço dele. – Seja gentil. Os ouvidos dela estão mais dispostos a serem um pouco mais atentos depois de nossa pequena conversa.

Richard marchou e fez uma encenação preparando a grama e esticou seu cobertor no chão diante de Du Chaillu. Com a palma da mão, ele alisou as dobras maiores. Colocou um cantil no meio. Quando terminou, esticou uma das mãos fazendo um convite.

– Por favor, Du Chaillu, – ele não conseguia chamá-la de esposa, mas não achava que isso tivesse importância. – sente-se e converse comigo? Suas palavras são importantes, e o tempo é precioso.

Ela inspecionou a maneira como ele havia preparado a grama, toda em uma direção, e observou o cobertor. Satisfeita com o arranjo, ela sentou em uma ponta e cruzou as pernas. Com a costa ereta, o

queixo levantado, e as mãos cruzadas no colo, de algum modo ela pareceu nobre. Ele imaginou.

Richard jogou sua capa dourada para trás, por cima dos ombros, e sentou com as pernas cruzadas na outra ponta do cobertor. Ele não era muito grande, então os joelhos deles quase se tocavam. Ele sorriu educadamente e ofereceu a ela o cantil.

Enquanto ela aceitava graciosamente o cantil, ele lembrou da primeira vez em que a viu. Ela estava em uma coleira e acorrentada a uma parede. Estava nua e suja, e fedia como se estivesse ali durante meses, e realmente estivera, mesmo assim a sua atitude era tal que de algum modo ela pareceu tão nobre quanto parecia agora, limpa e usando seu vestido de oração da Mulher dos Espíritos.

Lembrou também de como, no momento em que ele estava tentando libertá-la, ela temeu que ele fosse matá-la e o mordeu. Só de lembrar disso, ele quase conseguia sentir as marcas dos dentes dela.

Com o pensamento perturbador ocorreu a ele que essa mulher tinha o Dom. Não tinha certeza da extensão dos poderes dela, mas conseguia ver isso nos seus olhos. De alguma forma, essa habilidade dele permitia que reconhecesse aquela expressão atemporal nos olhos de outros que possuíam ao menos um pouco do Dom da magia.

Irmã Verna tinha falado para Richard que tentou algumas coisas em Du Chaillu, para testá-la. Verna disse que os feitiços que lançou em Du Chaillu desapareceram como pedrinhas atiradas em um poço, e eles não passaram despercebidos. Du Chaillu, Verna disse, sabia o que ela estava tentando fazer, e de algum modo estava conseguindo anular.

Através de outras coisas, Richard havia percebido que o Dom de Du Chaillu envolvia alguma forma primitiva de profecia. Uma vez que ela ficou acorrentada durante meses, ele duvidava que ela fosse capaz de afetar o mundo ao redor dela com sua habilidade mágica.

Pessoas cuja magia podia afetar outras de uma maneira visível não precisavam morder, ele pensou, nem permitiriam serem mantidas cativas esperando serem sacrificadas. Mas ela conseguia impedir que outros usassem magia contra ela, não era uma forma incomum de proteção mística contra a arma da magia, Richard aprendeu.

Com as Notas no mundo dos vivos, a magia de Du Chaillu, qualquer que fosse sua extensão, falharia, se já não tivesse falhado. Ele esperou até que ela bebesse e tivesse devolvido o cantil antes de começar.

– Du Chaillu, eu preciso...

– Pergunte como está o nosso povo.

Richard olhou para Kahlan. Kahlan girou os olhos e balançou a cabeça para ele. Richard colocou o cantil no chão e limpou a garganta.

– Du Chaillu, fico feliz em ver que você está bem. Obrigado por considerar minhas palavras de conselho sobre manter sua criança. Sei que é uma grande responsabilidade cuidar de uma criança. Tenho certeza que você será recompensada com uma vida de alegria por sua decisão, e a criança será recompensada por seus ensinamentos. Também sei que minhas palavras não foram tão importantes em sua decisão quanto o seu coração. Richard não precisava tentar soar sincero, porque realmente estava sendo. – Sinto muito que você tenha deixado suas outras crianças fazendo essa jornada longa e difícil para trazer suas palavras de sabedoria. Sei que você não teria feito uma viagem longa e árdua assim se isso não fosse importante.

Ela esperou, claramente sem ainda estar contente. Richard, tentando pacientemente jogar o jogo dela, soltou um suspiro e continuou.

– Por favor, Du Chaillu, diga como estão os Baka Tau Mana, agora que eles finalmente voltaram para sua terra natal?

Du Chaillu finalmente sorriu com satisfação.

– Nosso povo está bem e feliz em sua terra natal, graças a você, Caharin, mas falaremos deles mais tarde. Agora eu devo falar a você porque eu vim.

Richard fez um esforço para não mostrar uma expressão zangada.

– Estou ansioso para ouvir suas palavras.

Ela abriu a boca, mas então fez uma careta.

– Onde está sua espada?

– Não tenho ela comigo.

– Porque não?

– Tive que deixá-la em Aydindril. É uma longa história e isso não...

– Mas como você pode ser o *Seeker* se não tem sua espada?

Richard soltou um suspiro.

– O *Seeker* da Verdade é uma pessoa. A Espada da Verdade é uma ferramenta que o *Seeker* usa, de modo parecido como você usou o apito para trazer a paz. Ainda posso ser o *Seeker* sem a espada, assim como você pode ser a Mulher dos Espíritos sem ajuda do apito.

– Isso não parece certo. – ela pareceu assustada. – Eu gostava da sua espada. Ela cortou fora a coleira de ferro do meu pescoço e deixou minha cabeça onde estava. Ela anunciou você como o Caharin. Você deveria ter sua espada.

Decidindo que tinha feito o jogo dela tempo bastante, e considerando os assuntos vitais em sua mente, ele inclinou para frente e deixou que sua raiva ficasse evidente no rosto.

– Pegarei de volta minha espada logo que retornar até Aydindril. Estávamos indo para lá quando encontramos você aqui. Quanto menos tempo eu passar sentado em um dia bom para viajar, mais cedo chegarei em Aydindril e poderei recuperar minha espada.

– Sinto muito, Du Chaillu, se eu pareço estar com pressa. Não quero desrespeitá-la, mas temo pelas vidas inocentes e pelas vidas

daqueles que amo. Também é pelas vidas dos Baka Tau Mana que estou com pressa.

– Eu ficaria agradecido se você falasse o que está fazendo aqui. Pessoas estão morrendo. Alguns do seu próprio povo perderam suas vidas. Devo checar se tem alguma coisa que eu possa fazer para deter as Notas. Talvez a Espada da Verdade possa me ajudar. Preciso chegar até Aydindril e pegá-la. Podemos acabar logo com isso?

Du Chaillu sorriu, agora que ele havia mostrado o respeito apropriado. Lentamente, ela pareceu começar a perder sua habilidade de manter o sorriso, perdendo junto com isso o seu orgulho. Pela primeira vez, ela pareceu insegura, pareceu repentinamente pequena e assustada.

– Meu marido, eu tive uma visão perturbadora de você. Como a Mulher dos Espíritos, às vezes eu tenho essas visões.

– Bom para você, mas não quero ouvir isso.

Ela olhou para ele. – O quê?

– Você disse que era uma visão.

– Sim.

– Não quero ouvir a respeito de nenhuma visão.

– Mas... mas... você deve. Foi uma visão.

– Visões são uma forma de profecia. Até agora profecias não me ajudaram, e quase sempre causam sofrimento para mim. Não quero ouvir.

– Mas visões ajudam.

– Não, elas não ajudam.

– Elas revelam a verdade.

– Elas não são mais verdadeiras do que sonhos.

– Sonhos também podem ser verdadeiros.

– Não, sonhos não são verdadeiros. São apenas sonhos. Visões também não são verdadeiras. São apenas visões.

– Mas eu vi você em uma visão.

– Não me importo. Não quero ouvir.

– Você estava em chamas.

Richard soltou um suspiro.

– Também já tive sonhos onde eu podia voar. Isso não faz com que seja verdade.

Du Chaillu inclinou na direção dele. – Você sonha que pode voar? Verdade? Quer dizer, como um pássaro? – ela endireitou o corpo. – Nunca ouvi falar de uma coisa assim.

– É apenas um sonho, Du Chaillu. Como a sua visão.

– Mas eu tive uma visão disso. Isso significa que é verdade.

– Só porque eu consigo voar em meus sonhos, isso não faz com que seja verdade. Eu não pulo de lugares altos batendo os braços. É apenas um sonho, como a sua visão.

– Não posso voar, Du Chaillu.

– Mas pode queimar.

Richard colocou as mãos nos joelhos e inclinou para trás um pouco enquanto soltava um longo e paciente suspiro.

– Está certo, tudo bem. O que mais apareceu nessa visão?

– Nada. Isso foi tudo.

– Nada? Foi só isso? Eu, pegando fogo? Apenas um sonho onde eu pego fogo?

– Não um sonho. – ela levantou um dedo para reforçar sua afirmação. – Uma visão.

– E você fez toda essa viagem para dizer isso? Bem, muito obrigado por viajar toda essa distância para me contar, mas agora nós realmente precisamos seguir nosso caminho. Diga ao seu povo que o Caharin deseja que eles fiquem bem. Faça uma boa jornada para casa. – Richard fez parecer que estava prestes a levantar. – A não ser que você tenha mais alguma coisa para dizer? – ele adicionou.

Du Chaillu ficou um pouco triste com o tratamento frio.

– Ver meu marido em chamas me deixou muito assustada.

– Assim como eu ficaria assustado por estar em chamas.

– Eu não gostaria se o Caharin estivesse em chamas.

– Nem o Caharin gostaria de estar em chamas. Então, a sua visão falou para você como eu posso evitar pegar fogo?

Ela baixou os olhos e pegou no cobertor.

– Não.

– Está vendo? Então qual a utilidade disso?

– É bom saber coisas assim. – ela falou enquanto fazia uma pequena bola enrolando o cobertor. – Isso pode ajudar.

Richard coçou a testa. Ela estava reunindo coragem para dizer a ele algo mais importante, mais preocupante. A visão era um pretexto, ele concluiu. Suavizou o tom, esperando tornar mais fácil para ela.

– Du Chaillu, obrigado pelo seu aviso. Mantereí em mente que isso pode me ajudar de alguma maneira.

Ela encarou os olhos dele e assentiu.

– Como você me encontrou? – ele perguntou.

– Você é o Caharin. – ela estava com aparência nobre outra vez.

– Eu sou a Mulher dos Espíritos Baka Tau Mana, a guardiã das leis antigas. Sua esposa.

Richard entendeu. Ela estava ligada a ele, de maneira parecida como os D’Harans, como Cara. E como Cara, Du Chaillu conseguia sentir onde ele estava.

– Eu estava a um dia ao Sul daqui. Você quase me perdeu. Começou a ter dificuldade em saber onde eu estou?

Ela afastou os olhos quando confirmou balançando a cabeça.

– Eu sempre conseguia olhar para o horizonte, com a brisa em meu cabelo, o sol ou as estrelas sobre o meu rosto, e podia apontar, e dizer, –o Caharin está naquela direção”. – precisou de um momento para recuperar a voz novamente. – Começou a ficar mais e mais difícil saber para onde apontar.

– Nós estávamos em Aydindril até poucos dias atrás. – Richard disse. – Você teria iniciado sua jornada bastante tempo antes que eu

viesses para esse lugar.

– Sim. Você não estava nesse lugar quando eu fiquei sabendo que deveria vir até você. – ela fez um sinal por cima do ombro. – Você estava muito, muito mais longe a Nordeste.

– Porque você viria até aqui para me encontrar se podia sentir que eu estava a Nordeste, em Aydindril?

– Quando comecei a sentir você menos e menos, eu sabia que isso significava problema. Minhas visões disseram que eu precisava vir até você antes que você estivesse perdido para mim. Se eu tivesse viajado para onde eu sabia que você estava quando parti, você não estaria lá quando eu chegasse. Ao invés disso, consultei minhas visões, enquanto ainda tinha elas, e viajei para onde elas me disseram que você estaria.

– Perto do fim de nossa jornada, eu podia sentir que agora você estava nesse lugar. Logo depois, eu não conseguia mais sentir. Nós ainda estávamos a uma boa distância, então tudo o que pudemos fazer foi continuar nessa direção. Os bons espíritos responderam minhas preces, e permitiram que nossos caminhos se cruzassem.

– Fico feliz que os bons espíritos tenham ajudado você, Du Chaillu. Você é uma boa pessoa, e merece ajuda deles.

Ela agarrou o cobertor outra vez.

– Mas o meu marido não acredita nas minhas visões.

Richard molhou os lábios. – Meu pai costumava dizer para não comer cogumelos que eu encontrava na floresta. Ele dizia que podia me ver comendo um cogumelo venenoso e então ficando doente e morrendo. Ele não queria dizer que realmente podia ver que isso aconteceria, mas que ele temia por mim. Estava avisando sobre o que poderia acontecer se eu comesse cogumelos que eu não conhecia.

– Entendo. – ela falou com um pequeno sorriso.

– A sua foi uma visão verdadeira? Talvez fosse uma visão de algo que é apenas possível, uma visão de um perigo, mas não uma certeza?

– É verdade que algumas visões são de coisas que são possíveis, mas que ainda não estão estabelecidas no destino. A sua poderia ser desse tipo.

Richard segurou a mão dela com as duas mãos.

– Du Chaillu, – ele pediu com uma voz suave. – por favor, agora diga porque veio falar comigo.

Ela alisou com reverência as pequenas tiras coloridas que desciam pelo braço dela, como se estivesse lembrando das orações que o seu povo enviava junto com ela. Essa era uma mulher que carregava o manto da responsabilidade com espírito, coragem, e dignidade.

– Os Baka Tau Mana estão felizes por estarem em sua terra natal depois de todas essas gerações separados do lugar onde ficam nossos corações. Nossa terra natal é como todas as palavras antigas diziam que era. A terra é fértil. O clima favorável. É um bom lugar para criar nossas crianças. Um lugar onde podemos ser livres. Nossos corações estão alegres por estarmos ali.

– Todas as pessoas deveriam ter o que você deu para nós, Caharin. Todas as pessoas deveriam estar em segurança para viverem como quiserem.

Uma terrível tristeza tomou conta de sua expressão. – Você não está. Você e o seu povo dessa terra do Mundo Novo que você falou para mim não estão em segurança. Um grande exército se aproxima.

– Jagang. – Richard declarou. – Você teve uma visão disso?

– Não, meu marido. Vimos com nossos próprios olhos. Estava com vergonha de contar isso a você, com vergonha porque nós ficamos com tanto medo deles, e eu não queria admitir nosso medo.

– Quando eu estava acorrentada na parede, e eu sabia que os Majendie um dia viriam para me sacrificar, eu não estava com medo porque era somente eu, não todo o meu povo, que morreria. Meu povo era forte e eles encontrariam outra Mulher dos Espíritos para assumir meu lugar. Eles lutariam contra os Majendie, se eles

entrassem no pântano. Eu podia morrer sabendo que os Baka Ban Mana continuariam vivendo.

– Nós praticamos todos os dias com nossas armas, para que ninguém possa aparecer e nos destruir. Ficamos prontos, como as leis antigas dizem, para lutar por nossas vidas contra qualquer um que nos enfrentar. Não existe homem algum além do Caharin que poderia encarar um de nossos Mestres da Lâmina.

– Mas não importa como os nossos Mestres da Lâmina são bons, eles não conseguiriam lutar contra um exército como esse. Quando eles finalmente voltarem os olhos para nossa direção, não conseguiremos repelir esse inimigo.

– Entendo, Du Chaillu. Diga, o que você viu?

– O que eu vi não tenho como contar para você. Não sei como dizer a você de um jeito que possa entender quantos homens nós vimos. Quantos cavalos. Quantas carroças. Quantas armas.

– Esse exército se espalha de horizonte a horizonte durante dias enquanto eles passam. Eles estão além da contagem. Eu não conseguiria dizer a você quantas folhas de grama existem nessa planície. Não tenho palavras que consigam expressar um número tão vasto.

– Acho que já consegui. – Richard murmurou. – Então eles não atacaram seu povo?

– Não. Eles não passaram por nossa terra natal. O nosso medo é pelo futuro, quando esses homens decidirem nos engolir. Homens como esses não deixarão que fiquemos livres para sempre. Homens como esses tomam tudo; nunca existe o bastante para eles.

– Todos os nossos homens morrerão. Todas as nossas crianças serão assassinadas. Todas as nossas mulheres serão levadas. Não temos esperança contra esse inimigo.

– Você é o Caharin, então deve ouvir sobre essas coisas. Essa é a lei antiga. Como a Mulher dos Espíritos dos Baka Tau Mana, estou envergonhada por ter que mostrar a você o meu medo e dizer que

nosso povo teme a morte nos dentes dessa besta. Gostaria de poder dizer que nós olhamos para as presas da morte com bravura, mas não olhamos assim. Olhamos com nossos corações tremendo.

– Você é o Caharin, você não saberia. Você não tem medo.

– Du Chaillu, – Richard disse com uma risada assustada. – eu sinto medo o tempo todo.

– Você? Nunca. – o olhar dela desviou para o cobertor. – Só está falando isso para que eu não fique envergonhada. Você encarou os trinta sem medo e derrubou eles. Somente o Caharin poderia fazer uma coisa assim. O Caharin não sente medo.

Richard levantou o queixo dela. – Encarei os trinta, mas não sem medo. Estava apavorado, como estou agora com as Notas, e com a guerra que está sobre nós. Admitir que sente medo não é uma fraqueza, Du Chaillu.

Ela sorriu com a gentileza dele.

– Obrigada, Caharin.

– Então a Ordem Imperial não tentou atacar vocês?

– Por enquanto, estamos seguros. Eu vim avisar você, porque eles entram no Mundo Novo. Passaram por nós. Estão vindo primeiro atrás de você.

Richard assentiu. Eles estavam seguindo para o Norte, dentro de Midlands. O exército do General Reibisch, de quase cem mil homens, estava marchando para Leste, para guardar a extremidade ao sul de Midlands. O General pediu permissão de Richard para não retornar até Aydindril, o plano dele era de vigiar as passagens para dentro de Midlands ao sul, e especialmente as rotas para dentro de D'Hara. Para Richard isso fazia sentido.

Agora a sorte colocava o homem e seu exército D'Haran no caminho de Jagang.

A força de Reibisch pode não ser suficientemente grande para vencer a Ordem Imperial, mas os D'Harans eram lutadores ferozes e estariam bem posicionados para guardarem as passagens ao Norte.

Assim que eles soubessem para onde as forças de Jagang estavam seguindo, mais homens poderiam ser enviados para juntarem-se ao exército de Reibisch.

Jagang tinha magos e Irmãs com o Dom no exército dele. O General Reibisch tinha um certo número de Irmãs da Luz com ele. Irmã Verna, agora Prelada Verna, havia dado sua palavra para Richard de que as Irmãs lutariam contra a Ordem e a magia que eles usavam. Agora a magia estava falhando, mas a magia daqueles que ajudavam Jagang também falharia, a não ser, talvez, a magia das Irmãs do Escuro e dos magos que sabiam conjurar Magia Subtrativa.

O General Reibisch, assim como Richard e os outros Generais em Aydindril e D'Hara, estava contando com as Irmãs para usarem as habilidades delas para rastrear o exército de Jagang enquanto ele avançava dentro do Mundo Novo, e com esse conhecimento, ajudar as forças D'Haran a selecionar um lugar vantajoso para montar resistência. Agora, a magia estava falhando, deixando elas cegas.

Por sorte, Du Chaillu e os Baka Tau Mana impediram que a Ordem os surpreendessem.

– Isso é uma grande ajuda, Du Chaillu. – Richard sorriu para ela. – Essa informação que você traz é muito importante. Agora sabemos o que Jagang está fazendo. Então eles não tentaram vir através da terra de vocês? Simplesmente passaram perto de vocês?

– Teriam que sair do caminho deles para nos atacarem agora. Por causa do seu número, as bordas do exército deles chegaram perto, mas como um porco-espinho na barriga de um cachorro, nossos Mestres da Lâmina tornaram doloroso para eles nos tocarem.

– Nós capturamos alguns dos líderes desses cães sobre duas pernas. Eles disseram que por enquanto o exército deles não estava interessado em nossa pequena terra natal e em nosso povo, e que estavam contentes em passarem por nós. Eles estão caçando algo maior. Mas um dia eles voltarão, e varrerão os Baka Tau Mana da terra.

– Eles contaram seus planos?

– Todo mundo fala, se perguntarem do jeito certo. – ela sorriu. –

As Notas não são as únicas que usam fogo. Nós...

Richard levantou a mão.

– Entendi a ideia.

– Disseram que o exército deles estava seguindo para um lugar que poderia fornecer suprimentos para eles.

Richard passou o dedo no lábio inferior enquanto considerava aquela notícia importante.

– Isso faz sentido. Eles estiveram reunindo suas forças no Mundo Antigo faz algum tempo. Eles não podem ficar parados em um lugar para sempre, não um exército como aquele. Um exército precisa ser alimentado. Um exército daquele tamanho precisaria mover-se, e precisaria de suprimentos. Um monte de suprimentos. O Mundo Novo ofereceria a eles uma refeição tentadora junto com as conquistas deles.

Ele olhou para Kahlan, parada atrás do ombro esquerdo dele.

– Para onde eles iriam em busca de suprimentos?

– Tem vários lugares. – Kahlan disse. – Poderiam pilhar em cada lugar enquanto invadem, pegando o que precisam enquanto atacam mais fundo dentro de Midlands. Enquanto eles escolherem sua rota com isso em mente, poderiam alimentar o exército enquanto avançam, como um morcego colhendo insetos.

– Ou, eles podem atacar um lugar com estoques maiores. Lifany, por exemplo, poderia fornecer muitos grãos, Sanderia tem vastos rebanhos de ovelhas e forneceria carne. Se escolhessem alvos com bastante comida, poderiam abastecer seu exército durante um longo tempo, o que permitiria que eles tivessem liberdade para escolherem seus alvos de acordo com sua vontade, somente por razões estratégicas. Nós teríamos bastante dificuldade.

– Se eu estivesse no lugar deles, esse seria meu plano. Sem a sua necessidade urgente por comida, seriam eles e não nós, que

escolheriam um lugar para a batalha.

– Nós poderíamos usar o General Reibisch. – Richard disse, pensando em voz alta. – Talvez ele pudesse bloquear a Ordem, ou pelo menos atrasá-los, enquanto retiramos pessoas e suprimentos antes que Jagang consiga alcançá-los.

– Essa seria uma tarefa enorme, mover tantos suprimentos. Se Reibisch surpreender as tropas de Jagang, – Kahlan falou, também pensando em voz alta. – forçar ele a reduzir seu avanço, e nós conseguíssemos mover outras forças entrando pelos flancos...

Du Chaillu estava balançando a cabeça.

– Quando fomos banidos de nossa terra natal por aqueles que entregaram as leis, – ela disse. – fomos obrigados a viver naquele lugar molhado. Quando chovia ao Norte durante muitos dias, grandes inundações chegavam. O rio transbordava e enchia tudo.

– Em seu movimento veloz, cheio de lama e grandes árvores arrancadas pelas raízes, ele varria tudo diante dele. Não conseguíamos resistir ao peso e fúria de tanta água, ninguém conseguia. Você acha que consegue, até ver aquilo chegando. Você encontra terreno mais alto, ou morre.

– Esse exército é assim. Você não consegue imaginar como ele é grande.

Ver a carga de terror nos olhos dela e escutar o peso das suas palavras fez Richard sentir arrepios nos braços. Embora ela não conseguisse expressar o número, isso não tinha importância. Ele entendeu o conceito como se de algum modo ela estivesse colocando sua visão e impressões da Ordem Imperial diretamente em sua mente.

– Du Chaillu, obrigado por trazer essa informação para nós. Você pode ter salvo muitas vidas com suas palavras. Pelo menos agora, não seremos pegos de surpresa, como poderia ter acontecido. Obrigado.

– O General Reibisch já está direcionado ao Leste, então temos isso a nosso favor. – Kahlan disse. – Agora precisamos enviar uma mensagem para ele.

Richard assentiu. – Podemos pegar um caminho contornando até Aydindril para encontrarmos com ele e decidirmos o que fazer a seguir. Também podemos conseguir cavalos com ele. Isso nos pouparia tempo na longa corrida. Só gostaria que ele não estivesse tão longe. O tempo é vital.

Depois da batalha na qual o exército D’Haran derrotou a enorme força expedicionária de Jagang, Reibisch tinha virado seu exército e estava seguindo para Leste. Os D’Harans estavam retornando para guardar as rotas ao Norte do Mundo Antigo, onde Jagang havia reunido suas forças preparando-se para marchar dentro de Midlands ou possivelmente D’Hara.

– Se conseguirmos alcançar o General e avisá-lo que o exército de Jagang está vindo, – Cara declarou. – então poderíamos enviar os mensageiros dele até D’Hara para chamar reforços.

– E para Kelton, Jara, e Grennidon, entre outras. – Kahlan falou. – Temos um certo número de terras com exércitos que já estão do nosso lado.

Richard assentiu.

– Isso faz sentido. Pelo menos, saberemos onde eles são necessários. Queria que pudéssemos chegar até Aydindril mais rápido.

– Temos certeza se agora isso realmente faz alguma diferença? – Kahlan perguntou. – Lembre, são as Notas, não o *Lurk*.

– O que Zedd pediu para fazermos pode não ajudar, – Richard disse. – mas novamente, não sabemos com certeza, sabemos? Ele poderia estar dizendo a verdade sobre a urgência daquilo que precisamos fazer, mas simplesmente escondeu isso com o nome de *Lurk* ao invés de falar nas Notas.

– Poderíamos perder para Jagang antes que as Notas consigam nos alcançar. Morte é morte. – Kahlan soltou um suspiro de frustração. – Não conheço o jogo de Zedd, mas a verdade teria nos servido melhor.

– Devemos chegar até Aydindril. – Richard falou com determinação. – Isso é tudo. – a espada dele estava em Aydindril.

De forma muito parecida, Cara podia sentir a presença dele por sua ligação, e Du Chaillu conseguia dizer onde ele estava, Richard havia sido nomeado *Seeker* e estava conectado com a Espada da Verdade. Estava ligado com a lâmina. Sem ela, sentia como se estivesse faltando algo dentro dele.

– Du Chaillu, – Richard perguntou. – quando esse grande exército passou por vocês em seu caminho para Norte...

– Eu não disse que eles foram para o Norte.

Richard piscou.

– Mas... era para lá que eles deveriam estar seguindo. Eles estão querendo entrar em Midlands, ou D'Hara. Eles precisam vir pelo Norte para ambas.

Du Chaillu balançou a cabeça enfaticamente.

– Não. Eles não estão seguindo para Norte. Passaram por nossa terra no lado Sul, permanecendo perto da costa, acompanhando-a, e agora vão para Oeste.

Richard ficou chocado. – Oeste?

Kahlan caiu de joelhos ao lado dele.

– Du Chaillu, você tem certeza?

– Sim. Seguimos eles. Mandamos homens explorando em todas as direções, porque minhas visões avisaram que esses homens eram um grande perigo para o Caharin. Alguns dos homens de certa posição que capturamos conheciam o nome "Richard Rahl". Foi por isso que eu vim avisar você. Esse exército o conhece pelo nome.

– Você deu vários golpes neles e frustrou seus planos. Possuem grande ódio por você. Os homens deles disseram essas coisas para

nós.

– As suas visões de mim e do fogo poderiam na verdade representar o fogo do ódio por mim que esses homens possuem em seus corações?

Du Chaillu avaliou a pergunta dele durante algum tempo.

– Você entende visões, meu marido. Poderia ser como você diz. Uma visão nem sempre significa o que ela mostra. Às vezes significa apenas que essa coisa é possível e um perigo que deve ser observado, e às vezes é como você diz, uma visão de uma impressão de uma ideia, não um evento.

Kahlan esticou o braço e agarrou a manga de Du Chaillu.

– Mas para onde eles estão seguindo? Em algum lugar eles farão curva para o Norte entrando em Midlands. Vidas estão em jogo. Você descobriu onde? Temos que saber onde eles desviarão para o Norte.

– Não. – Du Chaillu disse, parecendo confusa com a surpresa deles. – Eles planejam seguir a linha da costa com a grande água.

– O oceano? – Kahlan perguntou.

– Sim, esse era o nome que eles davam para isso. Eles pretendem seguir a grande água e ir para Oeste. Os homens não sabiam como o lugar para onde eles vão é chamado, apenas que eles irão bem longe para Oeste, para uma terra que tem, como você disse, vastos suprimentos de comida.

Kahlan soltou a manga da mulher.

– Queridos espíritos. – ela sussurrou. – estamos com grandes problemas.

– Eu diria que sim. – Richard falou enquanto cerrava um dos punhos. – O General Reibisch está longe ao Leste, e correndo na direção errada.

– Pior, – Kahlan falou quando virou olhando para Sudoeste, como se pudesse ver para onde a Ordem estava direcionada.

– É claro. – Richard suspirou. – Aquela é a terra sobre a qual Zedd estava falando, perto daquele lugar onde fica o Vale Nareef, a terra isolada ao Sudoeste daqui onde crescem tantos grãos. Certo?

– Sim. – Kahlan disse, ainda olhando para o horizonte. – Jagang está seguindo para a fonte do pão de Midlands.

– Toscla. – Richard falou, lembrando de como Zedd havia chamado.

Kahlan virou de volta para ele, assentindo com resignada frustração.

– Parece que é assim. – ela disse. – Nunca imaginei que Jagang iria para tão longe fora do caminho. Teria esperado que ele atacasse rapidamente dentro do Mundo Novo, para não fornecer tempo para reunirmos nossas forças.

– Era isso que eu estava esperando. O General Reibisch também pensou assim; ele está correndo para guardar um portão que Jagang não vai usar.

Richard ficou batendo com um dedo no joelho enquanto considerava as opções deles.

– Pelo menos isso pode nos dar tempo, e agora sabemos para onde a Ordem Imperial está seguindo. Toscla.

Kahlan balançou a cabeça, ela também, parecia estar avaliando as opções.

– Zedd conhecia o lugar por um nome antigo. O nome daquela terra mudou com o passar do tempo. Foi conhecida como Vengren, Vendice, e Turslan, entre outros nomes. Ela não é chamada de Toscla já faz bastante tempo.

– Oh, – Richard disse, sem estar realmente escutando enquanto tinha começado a fazer uma lista mental das coisas que eles precisavam pensar. – Então, como ela é chamada agora?

– Agora, é Anderith. – ela falou.

A cabeça de Richard levantou. Ele sentiu uma onda gelada subir através de suas coxas.

– Anderith? Porquê? Porque ela é chamada Anderith?

A testa de Kahlan franziu quando ela viu a expressão no rosto dele.

– Ela recebeu esse nome por causa de um dos antigos fundadores. O nome dele era Ander.

A sensação de calafrio subiu o resto do caminho até os braços de Richard.

– Ander. – ele piscou para ela. – Joseph Ander?

– Como você sabe disso?

– O mago chamado –A Montanha”? Aquele que Kolo falou que eles enviaram para cuidar das Notas? – Kahlan assentiu. – Esse era o apelido dele, como todos o chamavam. O verdadeiro nome dele era Joseph Ander.

CAPÍTULO 32



Richard sentiu como se os seus pensamentos estivessem entrando em guerra na sua cabeça. Ao mesmo tempo que buscava por soluções para aquela ameaça espectral, era assaltado pela imagem de infinitos soldados inimigos surgindo do Mundo Antigo.

– Certo. – ele disse, levantando a mão para fazer todos ficarem calados ao mesmo tempo. – Está certo. Devagar. Vamos pensar bem nisso.

– O mundo todo pode estar morto por causa das Notas antes que Jagang consiga conquistar Midlands. – Kahlan falou. – Precisamos cuidar das Notas acima de tudo, foi você quem me convenceu disso. Não que o mundo dos vivos possa realmente depender da magia para sobreviver, mas precisamos de magia para enfrentar Jagang. Ele não gostaria de mais nada além de que nós tivéssemos que enfrentá-lo apenas com espadas.

– Precisamos chegar até Aydindril. Como você mesmo disse, e se Zedd estivesse falando a verdade sobre o que nós precisamos fazer na Fortaleza do Mago, com aquela garrafa? Se nós falharmos em realizar nossa missão, podemos acabar ajudando as Notas a dominar o mundo dos vivos. Se não agirmos logo, pode ser tarde demais para sempre.

– E eu preciso que o meu Agiel volte a funcionar. – Cara disse com dolorosa impaciência. – ou não poderei proteger vocês dois como preciso fazer. Digo que nós devemos seguir para Aydindril e deter as Notas.

Richard olhou de uma mulher para a outra.

– Certo. Mas como vamos deter as Notas se a tarefa de Zedd é apenas uma tola jornada para nos manter fora do caminho? E se ele só está preocupado e quer que fiquemos longe do perigo enquanto ele mesmo tenta cuidar do problema?

– Você sabe, como um pai, quando ele vê um estranho suspeito se aproximando, pode falar para suas crianças correrem para dentro de casa porque ele precisa que elas contem os pedaços de lenha dentro da caixa. – Richard observou os rostos das duas murchando com a frustração.

– Quer dizer, é uma boa informação que Joseph Ander foi aquele enviado para deter as Notas, e que ele seja o mesmo que fundou essa terra de Anderith. Talvez isso signifique alguma coisa, e talvez Zedd não esteja consciente disso.

– Não estou dizendo que deveríamos ir para Anderith. Os espíritos sabem que eu também quero ir até Aydindril. Mas não quero negligenciar algo importante. – Richard pressionou os dedos nas têmporas. – Não sei o que fazer.

– Então deveríamos ir para Aydindril. – Kahlan disse. – Sabemos que pelo menos existe uma chance.

Richard avaliou aquilo em voz alta. – Isso pode ser o melhor. Afinal de contas, e se a Montanha, Joseph Ander, tivesse bloqueado o caminho das Notas na direção oposta, do outro lado de Midlands, e depois disso, mais tarde, depois da guerra ou algo assim, ajudou a estabelecer essa terra agora chamada Anderith?

– Certo. Então devemos chegar até Aydindril o mais cedo possível. – Kahlan insistiu. – E esperar que isso acabe com as Notas.

– Olhe. – Richard disse, levantando um dedo pedindo paciência. – Eu concordo, mas o que faremos para deter as Notas se tudo isso falhar? Se isso for parte do truque de Zedd? Então não teremos feito nada para deter nenhuma das duas ameaças. Temos que considerar isso também.

– Lorde Rahl, – Cara declarou. – ir até Aydindril ainda valeria alguma coisa. Você não apenas poderia pegar sua espada e tentar fazer o que Zedd pediu, mas também teria o Diário de Kolo.

– Berdine está lá. Ela pode ajudar traduzindo ele. Ficaria trabalhando nele enquanto estivemos fora; ela pode já ter traduzido mais a respeito das Notas. Pode estar com algumas respostas lá esperando que você as veja. Se não, você terá o livro e sabe o que procurar.

– Isso é verdade. – Richard disse. – Também existem outros livros na Fortaleza. Kolo falou que as Notas acabaram sendo muito mais simples de conter do que todos eles haviam pensado.

– Mas todos eles tinham Magia Subtrativa. – Kahlan observou.

Richard também tinha, mas sabia pouco sobre como usá-la. A espada era a única coisa que ele realmente entendia.

– Talvez um dos livros na Fortaleza do Mago tenha a solução sobre como lidar com as Notas, – Cara disse. – e talvez não seja complicado. Talvez não seja necessária a Magia Subtrativa. – a Mord-Sith cruzou os braços com óbvio desgosto ao pensar em magia. – Talvez você possa levantar o dedo e mandar que elas desapareçam.

– Sim, você é um homem mágico. – Du Chaillu afirmou, sem perceber que Cara estava exercitando o seu talento para o sarcasmo.

– Você poderia fazer isso.

– Você me dá mais crédito do que eu mereço. – ele falou para Du Chaillu.

– Ainda parece que nossa única opção real é ir para Aydindril. – Kahlan disse.

Inseguro, Richard balançou a cabeça. Ele gostaria que não fosse tão difícil decidir a coisa certa a fazer. Ele estava balançando sobre uma linha, inclinando primeiro para um lado, e depois para outro. Queria ter alguma outra informação que alterasse a balança.

Às vezes ele só queria poder gritar que era apenas um guia florestal, e não sabia o que fazer, e ter alguém que entrasse e fizesse

tudo parecer simples.

Às vezes ele sentia-se como um impostor em seu papel de Lorde Rahl, e sentia vontade de simplesmente desistir e ir para casa em Westand. Esse era um daqueles momentos.

Gostaria que Zedd não tivesse mentido para ele. Agora vidas estavam na balança porque eles não conheciam a verdade. E porque Richard não tinha usado a sabedoria de Zedd quando teve chance. Se ao menos ele tivesse usado a cabeça e tivesse lembrado de Du Chaillu.

– Porque você está relutante em ir para Aydindril? – Kahlan perguntou.

– Gostaria de saber. – Richard disse. – Mas sabemos para onde Jagang está seguindo. Precisamos fazer algo a respeito. Se ele conquistar Midlands, estaremos mortos, sem condições de fazer qualquer coisa com as Notas.

Ele começou a andar de um lado para outro. – E se as Notas não forem uma ameaça tão grande quanto pensamos? Quer dizer, a longo prazo, sim, é claro, mas e se elas levarem anos para causar a erosão da magia que causaria qualquer dano real? Um dano irreversível? De acordo com o que sabemos, isso poderia levar séculos.

– Richard, qual é o problema com você? Elas estão matando pessoas agora.

– Kahlan fez um sinal para o campo na direção da aldeia do Povo da Lama. – Elas mataram Juni. Mataram alguns dos Baka Tau Mana. Temos que fazer o que pudermos para acabar com elas. Foi você quem me convenceu disso.

– Lorde Rahl, – Cara falou. – eu concordo com a Madre Confessora. Devemos ir para Aydindril.

Du Chaillu levantou.

– Eu posso falar, Caharin?

Richard levantou os olhos, abandonando seus pensamentos. – Sim, é claro.

Ela estava prestes a fazer aquilo quando parou com a boca aberta. Uma expressão de confusão tomou conta de seu rosto.

– Esse homem que lidera eles, esse Jagang, ele é um homem mágico?

– Sim. Bem, de certo modo. Ele tem a habilidade de entrar nas mentes das pessoas e desse modo controlá-las. Ele é chamado de Andarilho dos Sonhos. Porém, ele não tem outra magia.

Du Chaillu considerou as palavras dele durante um momento.

– Um exército não consegue perseverar sem o apoio do povo de sua terra. Então ele controla todas as pessoas da terra dele, desse jeito, todos que estão do lado dele?

– Não. Ele não consegue fazer isso com todos ao mesmo tempo. Tem que escolher aquele que vai dominar. De modo parecido como um Mestre da Lâmina, em uma batalha, primeiro cuidaria dos alvos mais importantes. Ele escolhe aqueles com magia e os controla para usar a magia deles em sua vantagem.

– Então, as feiticeiras são forçadas a fazer o mal por ele. Com a magia delas, elas agarram as pessoas pela garganta?

– Não. – Kahlan falou atrás de Richard. – As pessoas submetem-se por vontade própria.

Du Chaillu pareceu duvidar. – Você acredita que pessoas escolheriam permitir que um homem assim fosse líder delas?

– Tiranos só conseguem governar através do consentimento do seu povo.

– Então elas também são pessoas más, não apenas ele?

– São pessoas como quaisquer outras. – Kahlan disse. – Como cães de caça em um banquete, as pessoas se reúnem em volta da mesa da tirania, ávidas por saborosos pedaços jogados ao chão. Não são todos que sacodem as caudas para um tirano, mas a maioria fará isso, se primeiro ele os fizer salivar com o ódio e estimular seus

impulsos gananciosos fazendo com que eles sintam que possuem esse direito. Muitos iriam preferir tomar do que merecer.

– Tiranos deixam os invejosos confortáveis com a ganância deles.

– Chacais. – Du Chaillu disse.

– Chacais. – Kahlan concordou.

Perturbada por ouvir uma coisa assim, Du Chaillu abaixou os olhos.

– Então isso fica mais horrível. Eu preferia pensar que essas pessoas estivessem possuídas pela magia do homem, ou do próprio Guardião, do que pensar que eles seguiriam uma besta por sua própria vontade.

– Você pretendia dizer alguma coisa? – Richard perguntou. – Falou que queria dizer alguma coisa. Eu gostaria de ouvir.

Du Chaillu cruzou as mãos na frente do corpo. A expressão de espanto dela foi superada por uma expressão mais grave ainda.

– Em nosso caminho até aqui, seguimos o exército para ver para onde eles foram. Nós também capturamos alguns dos homens deles para ter certeza. Esse exército viaja muito lentamente.

– O líder deles, a cada noite, tem suas tendas montadas para ele e suas mulheres. As tendas são grandes o bastante para abrigar muitas pessoas, e possuem muitas acomodações para o conforto dele. Eles também montam outras tendas para outros homens importantes. A cada noite tem um banquete. O líder deles, Jagang, é como um grande e rico Rei em uma jornada.

– Eles possuem carroças de mulheres, algumas por sua vontade, outras não. Durante a noite, todas são passadas entre os soldados. Esse exército é movido pelo desejo por prazer tanto assim como pela conquista. Eles cuidam muito bem dos prazeres deles enquanto buscam conquista.

– Eles possuem muito equipamento. Muitos cavalos extras. Levam rebanhos para terem carne fresca. Longas fileiras de carroças

carregam comida e outros suprimentos de todo tipo. Eles possuem carroças com tudo, desde moinhos de trigo até forjas de ferreiro. Levam mesas e cadeiras, tapetes, pratos e objetos feitos de cristal que eles embrulham e colocam em caixas de madeira. A cada noite eles desempacotam tudo isso e fazem as tendas de Jagang parecendo um palácio, cercado pelas casas dos homens importantes dele.

– Com suas grandes tendas e todos os confortos que carregam com eles, tudo isso é quase como uma cidade que viaja. – Du Chaillu fez um movimento deslizando a mão através do ar. – Esse exército se move como um rio lento. Segue devagar, mas nada faz ele parar. Ele continua vindo. Cada dia mais um pouco. Uma cidade, deslizando através da terra. Eles são muitos, e são lentos, mas estão vindo.

– Eu sabia que devia avisar o Caharin, então decidimos não seguir mais aqueles homens. – ela virou a mão no ar, como terra agitada diante de um forte vento.

– Nós voltamos para nossa viagem rápida. Os Baka Tau Mana conseguem viajar a pé tão rápido quanto homens sobre cavalos.

Richard tinha viajado junto com ela. Aquilo era um exagero, mas nem tanto. Uma vez ele a fez andar em um cavalo; ela pensava que aquilo era uma besta maligna.

– Enquanto fizemos jornada rápida para Noroeste por essa terra aberta e vasta, para chegar até aqui, chegamos inesperadamente até uma grande cidade com altos muros.

– Essa seria Renwold. – Kahlan falou. – É a única cidade grande nas terras selvagens perto de sua rota até aqui. Ela tem os muros que você descreve.

Du Chaillu assentiu. – Renwold. Nós não conhecemos esse nome. – o olhar intenso dela, como aquele de uma Rainha com sérias notícias, moveu-se de Kahlan para Richard. – Eles foram visitados pelo exército desse homem, Jagang.

Du Chaillu ficou olhando para o vazio, como se estivesse vendo aquilo de novo. – Nunca pensei que pessoas poderiam ser tão cruéis

com outras. Os Majendie, independente do quanto odiamos eles, não fariam coisas assim como esses homens fizeram com aquelas pessoas ali.

Lágrimas brotaram nos olhos de Du Chaillu, finalmente escorrendo por suas bochechas. – Eles assassinaram as pessoas ali. Os velhos, os jovens, os bebês. Mas não antes de passarem dias...

Du Chaillu chorou perdendo o controle. Kahlan colocou um braço confortador em volta dos ombros da mulher. Du Chaillu repentinamente pareceu uma criança no abraço de Kahlan. Uma criança que tinha visto coisas demais.

– Eu sei. – Kahlan acalmou-a, quase chorando junto com Du Chaillu. – Eu sei. Eu também estive em uma grande cidade murada onde homens que seguiam Jagang estiveram. Eu sei as coisas que você viu.

– Caminhei entre os mortos dentro dos muros de Ebinissia. Eu vi a matança nas mãos da Ordem. Eu vi o que essas bestas fizeram primeiro com os vivos.

Du Chaillu, a mulher que liderava seu povo com unhas e dentes, que tinha enfrentado com audácia e coragem meses de cativeiro e a possibilidade do iminente sacrifício dela, que observou seu marido morrer para satisfazer as leis que ela apoiava, que por vontade própria confrontou a morte para ajudar Richard a destruir as Torres da Perdição na esperança de devolver para seu povo a terra deles, enterrou seu rosto no ombro de Kahlan e chorou como uma criança relembrando o que tinha visto em Renwold.

Os Mestres da Lâmina desviaram os olhos para não verem sua Mulher dos Espíritos tão fragilizada. Chandalen e seus caçadores, esperando que todos terminassem suas deliberações, também olharam para outro lado.

Richard não teria imaginado que algo pudesse fazer Du Chaillu mostrar tantas lágrimas na frente dos outros.

– Tinha um homem lá. – Du Chaillu disse entre gemidos. – O único que conseguimos encontrar ainda com vida.

– Como ele sobreviveu? – aquilo soou absurdo para Richard. – Ele falou?

– Ele estava louco. Chorava implorando aos bons espíritos por sua família. Gritava sem parar por causa daquilo que ele dizia ser resultado da sua tolice, e pedia aos espíritos que o perdoassem e devolvessem seus entes queridos.

– Carregava a cabeça podre de uma criança. Falava como ela, como se ela estivesse viva, implorando perdão.

O rosto de Kahlan assumiu um aspecto triste. Lentamente, com relutância aparente, ela falou.

– Ele tinha cabelo branco longo? Um casaco vermelho, com faixas douradas nos ombros?

– Você conhece ele? – Du Chaillu perguntou.

– Embaixador Seldon. Ele não sobreviveu ao ataque, ele não estava lá quando aconteceu. Estava em Aydindril.

Kahlan olhou para Richard. – Eu pedi a ele que se juntasse a nós. Ele recusou, dizendo que acreditava na mesma coisa que a Assembleia dos Sete, que sua terra de Mardovia estaria vulnerável se eles se juntassem a um lado ou outro. Ele recusava-se a se juntar conosco ou com a Ordem, dizendo que acreditava que a neutralidade fosse a segurança deles.

– O que você falou para ele? – Richard perguntou.

– As suas palavras, o seu decreto de que não existem espectadores nessa guerra. Falei para ele que como Madre Confessora, declarei que não haveria piedade contra a Ordem. Falei para o Embaixador Seldon que nós concordávamos nisso, você e eu, e que a terra dele estava conosco, ou contra nós, e que a Ordem Imperial veria a coisa da mesma maneira.

– Tentei dizer a ele o que aconteceria. Ele não escutou. Pedi a ele que considerasse as vidas da família dele. Ele disse que eles estavam

seguros atrás dos muros de Renwold.

– Eu não desejaria essa lição para ninguém. – Richard sussurrou.

Du Chaillu gemeu novamente. – Rezo para que a cabeça não fosse da criança dele. Gostaria de não ter visto isso em meus sonhos.

O toque de Richard no braço de Du Chaillu foi gentil.

– Nós entendemos, Du Chaillu. O terror da Ordem é um meio calculado para degradar futuras vítimas, de intimidar para que se rendam. É por isso que lutamos contra essas pessoas.

Du Chaillu olhou para ele, esfregando a bochecha com a costa da mão enquanto continha as lágrimas.

– Então eu peço a você para ir até esse lugar para onde a Ordem vai. Ou pelo menos enviar alguém para avisá-los. Para que as pessoas ali fujam antes que sejam torturadas e assassinadas como aquelas que vimos nesse lugar, Renwold. Esse povo Ander deve ser avisado. Eles devem fugir.

As lágrimas dela retornaram, acompanhadas por gemidos. Richard observou enquanto ela se afastava para chorar com privacidade. Richard sentiu a mão de Kahlan pousar sobre o ombro dele, e virou.

– Essa terra, Anderith, ainda não se rendeu a nós. Eles tinham representantes em Aydindril para ouvirem o nosso lado, não tinham? Conhecem nossa posição?

– Sim. – Kahlan disse. – Os representantes deles foram avisados do mesmo jeito que os das outras terras. Foram alertados sobre a ameaça e que desejamos lutar contra ela.

– Anderith sabe que a aliança de Midlands é uma coisa do passado, e nós esperamos a rendição da soberania deles para o Império D’Hara.

– Império D’Hara. – As palavras pareciam tão rudes, tão frias. Aqui estava ele, um guia florestal, sentindo-se como um impostor em algum trono que ele não tinha nem certeza que existia, a não ser em título, responsável por um Império. – Não faz muito tempo eu

estava aterrorizado por causa de D'Hara. Eu temia que eles dominassem todas as terras. Agora isso é a nossa única esperança.

Kahlan sorriu com a ironia.

– O nome, D'Hara, é a única coisa que é a mesma, Richard. A maioria das pessoas sabe que você luta pela liberdade, não pela escravidão delas. Agora a tirania usa a capa de ferro da Ordem Imperial.

– Anderith conhece os termos, os mesmos que nós oferecemos para todas as terras, de que se eles se juntassem a nós voluntariamente formariam um povo conosco, recebendo o mesmo tratamento honesto que todos e sendo governados por leis justas que todos nós obedecemos. Eles sabem que não existem exceções. E conhecem as sanções e consequências caso eles não se unam a nós.

– Renwold recebeu a mesma mensagem. – ele a lembrou. – Não acreditaram em nós.

– Nem todos estão dispostos a encarar a verdade. Não podemos contar com isso, e devemos nos preocupar com aqueles que compartilham da nossa convicção em lutar por liberdade. Você não pode sacrificar boas pessoas, Richard, e colocar em risco uma causa justa, por causa daqueles que não enxergam. Fazer isso seria trair aqueles com bravos corações que juntaram-se a nós, e por quem você é responsável.

– Você tem razão. – Richard soltou um suspiro. Sentia o mesmo, mas foi um conforto ouvir isso dela. – Anderith tem um grande exército?

– Bem... sim. – Kahlan disse. – Mas a verdadeira defesa para Anderith não é seu exército. É uma arma chamada de *Dominie Dirtch*.

Embora ele achasse que o nome soava como Alto D'Haran, com tudo mais em sua cabeça a tradução não surgiu imediatamente em sua mente.

– Isso é alguma coisa que podemos usar para deter a Ordem?

Olhando para o vazio, mergulhada em pensamentos enquanto considerava a pergunta dele, Kahlan arrancou pedaços de grama.

– É uma antiga arma de magia. Com a *Dominie Dirtch*, Anderith sempre esteve virtualmente imune ao ataque. Eles são parte de Midlands porque precisam de nós como parceiros comerciais, precisam de um mercado para as vastas quantidades de comida que eles geram. Mas com a *Dominie Dirtch* eles são quase autônomos, quase do lado de fora da aliança de Midlands.

– Esse sempre foi um relacionamento tênue. Como as Madre Confessoras antes de mim, eu os forcei a aceitarem minha autoridade e obedecerem as decisões do Conselho caso eles desejassem negociar suas mercadorias. Mesmo assim, os Anders são um povo orgulhoso, e sempre pensaram em si mesmos como algo separado, melhor do que os outros.

– Isso é o que eles podem pensar, mas não o que eu penso, e não o que Jagang pensará. Então, e quanto a essa arma? Acha que ela poderia deter a Ordem Imperial?

– Bem, ela não teve que ser usada em grande escala durante séculos. – Kahlan esfregou a ponta de um talo de grama pelo queixo enquanto pensava naquilo.

– Mas não consigo imaginar porque não poderia. A efetividade dela desencoraja qualquer ataque. Pelo menos em tempos normais. Desde o último grande conflito, ela só foi usada em problemas relativamente menores.

– Que proteção é essa? – Cara perguntou. – Como ela funciona?

– A *Dominie Dirtch* é uma cadeia de defesa não muito longe das fronteiras deles com as terras selvagens. É uma linha de sinos enormes, bem afastados, mas dentro do campo de visão um do outro. Eles montam guarda através de toda a fronteira Anderith.

– Sinos. – Richard disse. – Como esses sinos protegem eles? Está querendo dizer que eles são usados para alertar as pessoas? Para chamar as tropas?

Kahlan balançou o talo de grama do jeito que um professor pode balançar uma varinha para fazer um aluno abandonar uma ideia errada. Zedd costumava balançar o dedo de uma maneira muito parecida, adicionando aquele sorriso travesso para não dar a Richard uma impressão rude enquanto ele estava sendo corrigido. Kahlan, porém, não estava corrigindo, mas ensinando, e sempre que Midlands estava envolvida, Richard ainda era um aluno. A palavra “ensinando” ficou em sua cabeça logo que ela surgiu em sua mente.

– Não esse tipo de sino. – Kahlan falou. – Na verdade eles não parecem muito com sinos, além de sua forma. Eles são entalhados em rocha que com o passar das eras ficou incrustada com líquen e coisas assim. São como antigos monumentos. Monumentos terríveis.

– Projetando-se do solo das planícies, marchando em uma linha até o horizonte, eles quase parecem as vértebras de algum comprido monstro enorme morto.

Richard coçou o queixo, surpreso. – Qual o tamanho deles?

– Eles elevam-se acima da vegetação e do trigo sobre aqueles gordos pedestais de pedra, talvez cerca de oito ou dez pés.

Ela passou uma das mãos sobre a cabeça dela. – Os pedestais possuem quase a nossa altura. Degraus subindo no próprio sino estão cortados em cada base. Os sinos tem, eu não sei, oito, nove pés de altura, incluindo a base.

– A parte de trás de cada sino, entalhada como parte da mesma rocha, é arredondada... como um escudo. Ou um pouco parecido como uma lamparina de parede pode ter um refletor atrás dela. O exército Anderith vigia cada sino o tempo todo. Quando um inimigo se aproxima, o soldado, quando recebe a ordem, fica atrás do escudo, e a *Dominie Dirtch*, esses sinos, então são golpeados com um longo aríete de madeira.

– Eles emitem uma nota bastante forte. Pelo menos atrás da *Dominie Dirtch* dizem que é como uma nota forte. Ninguém que

estava atacando viveu para dizer como soa daquele lado, na zona da morte.

Richard tinha passado da simples surpresa para grande assombro.

– O que os sinos fazem com os atacantes? O que esse som faz?

Kahlan girou a grama nos dedos, esfarelado-a.

– Arranca a carne dos ossos.

Richard não conseguia ao menos imaginar uma coisa tão horrível.

– Você acha que isso é uma lenda, ou sabe que é um fato?

– Uma vez eu vi os resultados. Algum povo primitivo das terras selvagens tentou fazer um ataque como retribuição por algum dano causado em uma de suas mulheres por um soldado Anderith.

Ela balançou a cabeça com desânimo.

– Foi uma visão apavorante, Richard. Uma pilha de ossos ensanguentados no meio de uma, uma... massa disforme. Dava para ver cabelo naquilo, partes de escalpo. E as roupas. Eu vi algumas unhas, e a carne enrolada da ponta de um dedo, mas não consegui reconhecer muito mais coisas. Exceto por esses pequenos pedaços, e os ossos, não daria nem para saber que aquilo foi humano.

– Isso não deixaria dúvida; os sinos usam magia. – Richard disse. – Até que distância isso mata? E qual a velocidade?

– Pelo que eu entendo, a *Dominie Dirtch* mata cada pessoa na frente dela tão longe quanto os olhos podem ver. Uma vez que eles são tocados, um invasor dá apenas um passo ou dois antes que sua pele sofra rupturas catastróficas. Músculos e carne começam a soltar dos ossos. Sua partes internas, coração, pulmões, tudo, caem por baixo do grupo de costelas enquanto os intestinos deles desaparecem. Não existe defesa. Assim que ela começa, tudo diante da *Dominie Dirtch* morre.

– Um invasor consegue se esgueirar durante a noite? – Richard perguntou.

Kahlan negou balançando a cabeça.

– A terra é plana, então os defensores conseguem enxergar por milhas. Durante a noite tochas podem ser acesas. Adicionalmente, uma trincheira espalha-se na frente de toda a linha para que ninguém consiga rastejar sem ser visto através da grama ou do trigo. Enquanto a linha da *Dominie Dirtch* estiver guarnecida, não existe maneira de passar por ela. Pelo menos, faz milhares de anos desde que alguém conseguiu passar.

– O número de invasores tem importância?

– Pelo que eu sei, a *Dominie Dirtch* poderia matar qualquer número reunido que estivesse marchando para Anderith, na direção daqueles sinos, enquanto os soldados defensores continuarem tocando eles.

– Como um exército... – Richard sussurrou para si mesmo.

– Richard, eu sei o que você está pensando, mas com as Notas livres, a magia está falhando. Seria um grande risco depender da *Dominie Dirtch* para deter o exército de Jagang.

Richard observou Du Chaillu a uma certa distância, a cabeça dela estava entre as mãos enquanto chorava.

– Mas você disse que Anderith também tem um grande exército.

Kahlan suspirou com impaciência.

– Richard, você prometeu a Zedd que nós seguiríamos para Aydindril.

– Eu prometi. Mas não prometi a ele quando.

– Você deixou isso implícito.

Ele virou para encará-la.

– Ir primeiro para algum outro lugar não quebraria a promessa.

– Richard...

– Kahlan, talvez com a magia falhando, Jagang encare isso como sua chance de invadir Anderith com sucesso e capturar seus estoques de comida.

– Isso seria ruim para nós, mas Midlands tem outras fontes de alimento.

– E se a comida não for a única razão para Jagang ir até Anderith? – Ele levantou uma sobrancelha. – Ele tem pessoas com o Dom. Assim como Ann e Zedd eles saberiam que a magia estava falhando. E se eles conseguissem saber que eram as Notas? E se Jagang enxergasse isso como sua chance de tomar uma terra anteriormente invencível, e então, se as coisas mudarem, se as Notas forem banidas...?

– Ele não teria como saber que eram as Notas, mas mesmo se ele soubesse, como poderia saber o que fazer para bani-las?

– Ele tem algumas pessoas dotadas. Dotadas do Palácio dos Profetas. Aqueles homens e mulheres estudaram os livros nas câmaras lá. Durante centenas de anos estudaram aqueles livros. Não consigo imaginar o quanto eles sabem. Você consegue?

As possibilidades e implicações fizeram surgir o alarme no rosto de Kahlan.

– Você acha que eles podem ter uma maneira de banir as Notas?

– Não faço ideia. Mas se tivessem, ou fossem até Anderith e lá descobrissem a solução, pense no que isso significaria. O exército de Jagang, em massa, estaria em Midlands, atrás da *Dominie Dirtch*, e não haveria nada que pudéssemos fazer para repelir eles.

– De acordo com sua vontade, eles poderiam, onde e quando desejassem, atacar dentro de Midlands. Anderith é uma terra grande. Com a *Dominie Dirtch* sob o controle dele, não conseguiríamos nos mover além da fronteira e assim não teríamos ideia alguma de onde suas tropas estariam se reunindo. Não conseguiríamos guardar toda a fronteira, e os espiões dele ainda conseguiriam sair para detectar onde nossos exércitos aguardavam, e então retornar para relatar a Jagang.

– Assim ele poderia correr através de brechas em uma rede fina demais espalhada e efetuar seu ataque dentro de Midlands. Se fosse

necessário, eles poderiam lançar um ataque e então recuar para trás da *Dominie Dirtch*. Se ele usasse apenas um pouco de planejamento e paciência, poderia esperar até encontrar um ponto fraco, com nossas tropas longe demais para responder em tempo, e então o exército inteiro poderia invadir através de aberturas em nossas linhas e entrar em Midlands. Assim que conseguissem passar por nossas forças, poderiam agir virtualmente sem enfrentar oposição, com nossos homens conseguindo apenas beliscar os calcanhares deles enquanto corriam atrás deles.

– Uma vez escondidos atrás da cortina de rocha da *Dominie Dirtch*, o tempo estaria do lado dele. Ele poderia esperar uma semana, um mês, um ano. Poderia esperar dez anos, até que ficassemos entorpecidos e fracos por carregarmos o peso da vigilância constante. Então, ele poderia saltar repentinamente sobre nós.

– Queridos espíritos. – Kahlan sussurrou. Ela direcionou um olhar impetuoso para ele. – Tudo isso é apenas especulação. E se eles realmente não tiverem uma maneira de banir as Notas?

– Não sei, Kahlan. Só estou dizendo “E se?”. Precisamos decidir o que fazer. Se decidirmos errado, poderíamos perder tudo.

Kahlan soltou um suspiro. – Você tem razão a respeito disso.

Richard virou e observou Du Chaillu ajoelhar. Suas mãos estavam unidas, sua cabeça abaixada, parecendo fazer uma ardente oração.

– Anderith tem algum livro, alguma biblioteca?

– Bem, sim. – Kahlan falou. – Eles possuem uma enorme Biblioteca da Cultura, como eles a chamam.

Richard levantou uma sobrancelha.

– Se houver uma resposta, porque ela tem que estar em Aydindril? No Diário de Kolo? E se a resposta, se houver uma, estiver na biblioteca deles?

– Se realmente existir uma resposta em algum livro. – Cansada, Kahlan segurou um punhado do longo cabelo que pendia sobre o ombro dela. – Richard, concordo que tudo isso é preocupante, mas temos o dever com os outros de agir com responsabilidade. Vidas, nações estão em jogo. Se for preciso o sacrifício de uma terra para salvar o resto, com relutância e grande tristeza, eu deixaria essa terra por conta de seu destino enquanto cumpriria meu dever com a maioria.

– Zedd falou que devemos seguir até Aydindril para reverter o problema. Ele pode ter usado outro nome para ele, mas o problema é o mesmo. Se fazer o que ele pediu vai deter as Notas, então devemos fazê-lo. Temos um dever de agir em nosso melhor julgamento pelo benefício de todos.

– Eu sei. – A carga da responsabilidade podia ser enervante. Eles precisavam ir para dois lugares. – Simplesmente tem algo nessa coisa toda que está me incomodando, e não consigo descobrir o que é. Pior, eu temo pelas vidas que isso custará se fizermos a escolha errada.

Os dedos dela fecharam em volta do braço dele. – Eu sei, Richard.

Ele jogou as mãos para cima e virou para outro lado.

– Realmente preciso dar uma olhada naquele livro, Gêmeo da Montanha.

– Mas Ann não falou que escreveu para Verna em seu Livro de Jornada, e Verna disse que ele foi destruído?

– Sim, então não tem jeito... – Richard virou de volta para ela. – Livro de Jornada. – um raio de consciência brilhou. – Kahlan, os Livros de Jornada são a maneira como as Irmãs se comunicam quando uma sai em uma longa jornada longe das outras.

– Sim, eu sei.

– Os Livros de Jornada foram feitos para elas pelos antigos magos, naquele tempo da grande guerra.

O rosto dela contorceu com uma expressão de confusão. – E?
Richard piscou.

– Os livros trabalham em pares. Você só consegue comunicar com o gêmeo daquele que você tem.

– Richard eu não vejo...

– E se os magos costumavam fazer a mesma coisa? A Fortaleza do Mago em Aydindril sempre estava enviando magos em missões. E se fosse dessa maneira que eles sabiam o que estava acontecendo por toda parte? A maneira como eles coordenavam tudo? E se eles os usaram exatamente como as Irmãs da Luz? Afinal de contas, magos daquela época criaram o feitiço em volta do Palácio dos Profetas e criaram os Livros de Jornada para as Irmãs.

Ela estava com a testa franzida. – Ainda não tenho certeza se entendo...

Richard agarrou os ombros dela.

– E se o livro que foi destruído, o Gêmeo da Montanha, for um Livro de Jornada? O gêmeo do Livro de Jornada de Joseph Ander?

CAPÍTULO 33



Kahlan estava sem voz.

Richard apertou os ombros dela.

– E se o outro, a metade daquele par de Joseph Ander, ainda existir?

Ela lambeu os lábios. – É possível que eles estejam guardando algo assim em Anderith.

– Devem estar. Afinal de contas, eles o reverenciam, nomearam sua terra em homenagem a ele. Parece lógico que se ele ainda existisse eles guardariam esse livro.

– É possível. Mas isso nem sempre é o costume, Richard.

– O que você quer dizer?

– Às vezes uma pessoa não é estimada em sua própria época. Às vezes ela não é reconhecida como alguém importante até bem mais tarde, e às vezes apenas para promover as causas contemporâneas daqueles que estão atualmente no poder. Uma evidência dos verdadeiros pensamentos de uma pessoa pode ser uma inconveniência em casos assim, e às vezes ela é destruída.

– Mesmo se esse não for o caso, e eles realmente respeitarem o pensamento dele, a terra mudou seu nome para Anderith desde que Zedd deixou Midlands. Às vezes pessoas são reverenciadas porque não restou muita coisa das filosofias delas para que sejam consideradas condenáveis, e assim a pessoa pode tornar-se valiosa como um símbolo. O mais provável é que não tenha sobrado nada de Joseph Ander.

Pego de surpresa pela lógica das palavras dela, Richard coçou o queixo enquanto pensava naquilo.

– A outra coisa desconhecida, – ele disse finalmente. – é que palavras escritas em Livros de Jornada podem ser apagadas, liberando espaço para novas mensagens. Mesmo se tudo que estou pensado for verdade, e ele escreveu respondendo para a Fortaleza com a solução para as Notas, o livro ainda exista, e ele esteja mesmo em Anderith, isso ainda pode não servir de ajuda, porque esse trecho poderia facilmente ter sido apagado para abrir espaço para uma futura mensagem.

– Mas, – ele adicionou. – é a única possibilidade sólida que temos.

– Não, não é. – Kahlan insistiu. – Outra opção e aquela com mais peso de credibilidade do seu lado, é que devemos voltar até a Fortaleza do Mago.

Richard sentiu-se arrastado inexoravelmente em direção ao legado de Joseph Ander. Se ele tivesse alguma prova de que sua atração não era apenas imaginação, ele estaria convencido.

– Kahlan, eu sei...

A voz dele sumiu. O cabelo em sua nuca começou a ficar eriçado, fazendo seu pescoço formigar como se fosse espetado por agulhas de gelo. Sua capa dourada levantou letargicamente na brisa preguiçosa. A onda lenta soprando através dela fazia ela balançar como um chicote ao alcançar sua borda. A pele nos braços dele dançava com arrepios.

Richard sentiu os dedos delgados da perversidade deslizando por sua espinha.

– Qual é o problema? – Kahlan perguntou, a consternação deixando sua expressão fria.

Sem responder, dominado pelo medo, ele virou e escaneou o terreno. Enxergou apenas o vazio. Ondas verdejantes moviam-se diante dele, pintadas com arrojadas pinceladas de raios de sol. Ao

longe, nós de nuvens escuras no horizonte ferviam com luzes ondulantes. Mesmo que ele não conseguisse escutar o trovão, de vez em quando podia sentir o tremor no solo debaixo de seus pés.

– Onde está Du Chaillu?

Cara, parada alguns passos enquanto ficava de olho nos homens, apontou. – Vi ela partir naquela direção faz alguns minutos.

Richard procurou mas não conseguiu avistá-la.

– O que ela estava fazendo?

– Ela estava chorando. Então pensei que ela poderia querer se afastar para sentar e descansar um pouco, ou talvez para rezar.

Aquilo foi o que Richard também tinha visto. Ele gritou o nome de Du Chaillu. Longe, o canto cristalino de uma ave rompeu o vasto silêncio da planície. Colocou cada uma das mãos em um lado da boca e gritou novamente. Os Mestres da Lâmina, na segunda vez em que não houve resposta, entraram em ação, espalhando-se dentro da vegetação fazendo uma busca.

Richard trotou na direção em que Cara tinha apontado, na direção em que ele também lembrava ter visto a mulher pela última vez.

Kahlan e Cara estavam logo atrás dos calcanhares dele quando ele ganhou velocidade, cortando através da grama alta e pisando em poças. Os Mestres da Lâmina e os caçadores procuravam enquanto corriam, e sem nenhuma resposta enquanto todos chamavam o nome de Du Chaillu, a busca deles tornou-se frenética.

A vegetação, uma singular coisa ondulante consciente viva com zombeteiro desdém, provocando-os com movimentos que atraíam os olhos deles primeiro para cá, e então para lá, sugerindo mas nunca divulgando onde ela estava escondida.

No limite de sua visão periférica, Richard avistou uma forma escura, distinta do verde suave da grama nova que se erguia e descia por cima do marrom desbotado das folhas mortas. Ele cortou para a direita, avançando pesadamente através de uma área esponjosa onde

a grama, como se flutuasse sobre um mar de lama, ficava escapando debaixo dos pés dele.

O chão ficou firme. Ele avistou a forma escura fora de lugar e alterou levemente o seu curso enquanto pisava em uma extensão de água parada.

De repente Richard encontrou-a. Du Chaillu repousava na grama, parecendo como se estivesse dormindo, seu vestido estava esticado até os joelhos, suas pernas abaixo dele estavam com uma cor branca pastosa.

Ela estava com o rosto voltado para baixo, dentro da água com polegadas de profundidade.

Correndo através da grama úmida, Richard mergulhou por cima dela para evitar cair sobre ela. Agarrou o vestido dela nos ombros e puxou-a, fazendo ela rolar sobre as costas na grama ao lado dele. A frente do vestido encharcado dela estava colado em sua barriga saliente. Tiras de cabelo molhado jaziam sobre o rosto pálido dela.

Du Chaillu contemplava o céu com olhos escuros mortos. Estava com aquela mesma expressão estranha de prazer nos olhos que Juni mostrava quando Richard encontrou-o afogado na corrente rasa.

Richard balançou o corpo flácido dela. – Não! Du Chaillu! Não! Enxerguei você viva faz apenas um minuto! Você não pode estar morta! Du Chaillu!

Sua boca mole, seus braços frouxos, ela não exibiu resposta. Não havia resposta para mostrar. Ela se foi.

Quando Kahlan colocou uma das mãos no ombro dele, ele caiu para trás soltando um furioso grito de angústia.

– Ela estava viva agora mesmo. – Cara disse. – Acabei de vê-la viva faz um momento.

Richard enterrou o rosto nas mãos.

– Eu sei. Queridos espíritos, eu sei. Se apenas eu tivesse percebido o que estava acontecendo.

Cara afastou as mãos dele do rosto.

– Lorde Rahl, o espírito dela ainda pode estar com o corpo.

Os Mestres da Lâmina e os caçadores do Povo da Lama estavam ajoelhando ao redor.

Richard balançou a cabeça. – Sinto muito, Cara, mas ela se foi. – Fortes lembranças dela viva saltavam através da mente dele.

– Lorde Rahl...

– Ela não está respirando, Cara. – Ele esticou a mão para fechar os olhos dela. – Ela está morta.

Cara deu um forte puxão no pulso dele.

– Denna não ensinou a você? Uma Mord-Sith ensinaria o seu prisioneiro a compartilhar o Sopro da Vida!

Richard fez uma careta diante dos olhos azuis de Cara. Esse era um ritual horrível, compartilhar a dor daquele jeito. A lembrança fluiu através dele com horror comparável ao da morte de Du Chaillu.

Uma Mord-Sith compartilhava a respiração de sua vítima enquanto ela estava no limiar da morte. Compartilhar essa dor era uma coisa sagrada para uma Mord-Sith, compartilhar o Sopro da Vida enquanto ele deslizava até o limite da morte, como se desejasse com prazer obter a visão proibida daquilo que jazia além, no mundo seguinte. Compartilhando, quando chegasse a hora de matá-lo, da própria morte dele através do ato de experimentar o suspiro final de vida.

Antes que Richard matasse sua Senhora para conseguir fugir, ela pediu que ele compartilhasse o último sopro de vida dela. Richard tinha honrado o último desejo dela, e absorveu dentro de si o último suspiro de Denna quando ela morreu.

– Cara, eu não sei o que isso tem a ver com...

– Devolva para ela!

Richard só conseguiu olhar assustado. – O quê?

Cara grunhiu e empurrou-o para fora do caminho. Abaixou do lado do corpo e colocou a boca sobre a boca de Du Chaillu. Richard estava aterrorizado por causa daquilo que Cara estava fazendo. Ele pensou que tinha conseguido ensinar as Mord-Sith a terem mais respeito pela vida.

A visão o chocou com a lembrança obscena, ver isso outra vez diante de seus olhos, ver novamente ela forçar aquela intimidade corrupta. Ficou impressionado ao ver Cara usar algo tão medonho do passado dela. Ficou furioso porque ela não se ergueu acima do seu treinamento brutal e do seu modo de vida, como ele esperava que ela tivesse feito.

Segurando o nariz de Du Chaillu, Cara soprou dentro da boca da mulher morta. Richard esticou os braços até os ombros de Cara para afastá-la de Du Chaillu. Ver aquilo o deixava furioso, ver uma Mord-Sith fazer uma coisa dessas com a recém morta.

Ele parou, suas mãos flutuando logo acima dela. Algo na pressa de Cara, no comportamento dela, disse a ele que tudo aquilo não era o que tinha parecido inicialmente. Com uma das mãos debaixo do pescoço de Du Chaillu e a outra segurando o nariz dela fechado, Cara aplicou outro sopro. O peito de Du Chaillu levantou com ele, e então lentamente baixou novamente quando Cara absorveu mais uma vez.

Um Mestre da Lâmina, com o rosto vermelho de raiva, esticou-se até Cara, já que Richard pareceu ter mudado de ideia. Richard segurou o pulso do homem. Ele encarou os olhos questionadores de Jiaan e apenas balançou a cabeça. Relutante, Jiaan recuou.

– Richard, – Kahlan sussurrou. – o quê ela está fazendo? Porque ela faria uma coisa grotesca assim? Isso é algum tipo de ritual D’Haran para os mortos?

Cara inspirou profundamente e soprou na boca de Du Chaillu.

– Não sei. – Richard respondeu sussurrando. – Mas não é o que eu tinha pensado.

Kahlan pareceu ainda mais surpresa.

– E o que você poderia ter pensado?

Sem desejar colocar essa coisa em palavras, ele só conseguiu olhar fixamente nos olhos verdes dela. Conseguiu ouvir Cara soprar novamente dentro do corpo sem vida de Du Chaillu.

Virou para outro lado, sem conseguir olhar. Não conseguiu entender que bem Cara achava que estava fazendo, mas não podia ficar sentado ali enquanto outros observavam.

Tentou convencer a si mesmo de que, como Kahlan havia sugerido, talvez isso fosse algum ritual D’Haran para o espírito que partia. Richard levantou cambaleante. Kahlan segurou a mão dele. Ele ouviu uma tosse.

Richard virou e viu Cara girando Du Chaillu sobre o lado do corpo. Du Chaillu arfou tossindo. Cara bateu nas costas da mulher como se estivesse fazendo um bebê arrotar, mas com mais força.

Du Chaillu tossiu, arfou e ofegou. Então vomitou. Richard caiu de joelhos e segurou o cabelo escuro dela enquanto ela vomitava.

– Cara, o que você fez? – Richard estava pasmo em ver uma mulher morta voltar a vida. – Como você fez isso?

Cara bateu nas costas de Du Chaillu, fazendo ela botar para fora mais água.

– Denna não ensinou você a compartilhar o Sopro da Vida? – ela parecia irritada.

– Sim, mas, mas isso não...

Du Chaillu agarrou o braço de Richard enquanto ela ofegava e cuspiu mais água. Richard acariciou o cabelo e as costas dela de uma maneira confortadora para que ela soubesse que eles estavam com ela. O aperto no braço dele indicou que ela sabia.

– Cara, – Kahlan perguntou. – o que você fez? Como trouxe ela de volta dos mortos? Isso foi magia?

– Magia! – Cara zombou. – Não, não magia. Nada que chegue perto de magia. O espírito dela ainda não tinha deixado o corpo, só

isso. Às vezes, se o espírito ainda não teve tempo de deixar o corpo, você ainda tem tempo. Mas isso deve ser feito imediatamente. Se for assim, às vezes você consegue devolver o Sopro da Vida.

Os homens gesticulavam loucamente enquanto tagarelavam excitados uns com os outros. Tinham acabado de testemunhar uma maravilha que certamente era o nascimento de uma lenda. A Mulher dos Espíritos deles tinha viajado até o mundo dos mortos, e retornou.

Richard ficou olhando com a boca aberta para Cara.

– Você pode? Você pode devolver o Sopro da Vida para pessoas mortas?

Kahlan sussurrou palavras de encorajamento enquanto afastava tiras molhadas de cabelo do rosto de Du Chaillu. Ela teve que parar e segurar o cabelo da mulher quando a tosse da mulher foi interrompida por outro jato de vômito. Independente do quanto Du Chaillu estivesse parecendo abatida e enjoada, ela respirava melhor.

Kahlan pegou um cobertor que os homens entregaram e enrolou ele em volta dos ombros trêmulos de Du Chaillu. Cara inclinou perto de Richard, para que ninguém mais pudesse ouvir.

– Como você acha que Denna impediu sua morte por tanto tempo quando ela o torturava? Não havia ninguém melhor nisso do que Denna. Eu sou Mord-Sith, eu sei o que teria sido feito com você, e eu conheci Denna. Houve algumas vezes em que ela teve que fazer isso para impedir que você morresse quando ela ainda não tinha terminado. Mas você colocaria sangue para fora, não água.

Richard lembrou daquilo também, de tossir espumando sangue como se ele estivesse se afogando. Denna era a favorita de Darken Rahl, porque era a melhor; diziam que ela conseguia manter seu prisioneiro vivo e no limiar da morte mais tempo do que qualquer outra Mord-Sith. Isso era parte da maneira como ela fazia aquilo.

– Mas nunca pensei...

Cara franziu a testa. – Você nunca pensou o quê?

Richard balançou a cabeça.

– Nunca pensei que uma coisa assim fosse possível. Não depois que a pessoa tivesse morrido. – depois que ela fez uma coisa nobre, ele não teve coragem para dizer a Cara que tinha pensado que ela estava satisfazendo algum apetite horrível do passado. – Você fez uma coisa milagrosa, Cara. Estou orgulhoso de você.

A mulher fez uma careta.

– Lorde Rahl, pare de me olhar como se eu fosse um grande espírito que veio até nosso mundo. Eu sou Mord-Sith. Qualquer Mord-Sith poderia ter feito isso. Nós todas sabemos como. – ela segurou o colarinho da camisa dele e puxou-o para mais perto. – Você também sabe. Denna ensinou, eu sei que ela ensinou. Poderia ter feito isso tão facilmente quanto eu.

– Não sei, Cara, eu só peguei o Sopro da Vida. Nunca entreguei.

Ela soltou o colarinho dele.

– É a mesma coisa, apenas na outra direção.

Du Chaillu esparramou-se no colo de Richard. Ele acariciou o cabelo dela com gentil empatia. Ela agarrou no cinto dele, na camisa, na cintura dele, como se lutasse pela vida, enquanto ele tentava acalmá-la.

– Meu marido, – ela conseguiu falar no meio da tosse. – você me salvou... do beijo da morte.

Kahlan estava segurando uma das mãos de Du Chaillu. Richard pegou a outra e colocou-a sobre uma perna coberta de couro.

– Foi Cara que a salvou, Du Chaillu. Cara devolveu a você o Sopro da Vida.

Os dedos de Du Chaillu apertaram a perna de Cara, tateando até encontrar a mão de Cara.

– E o bebê do Caharin... Você salvou nós dois... Obrigada, Cara.

– Ela tossiu novamente.

– A criança de Richard viverá por causa de você. Obrigada.

Richard não achou que aquele fosse o momento para falar sobre paternidade.

– Não foi nada. Lorde Rahl teria feito isso, mas eu estava mais perto e cheguei primeiro.

Cara apertou levemente a mão antes de levantar abrindo espaço para que alguns dos agradecidos Mestres da Lâmina chegassem perto de sua Mulher dos Espíritos.

– Obrigada, Cara. – Du Chaillu repetiu.

A boca de Cara contorceu com o desgosto de pessoas agradecendo a ela por ter feito algo que mostrava compaixão.

– Nós todos estamos felizes que seu espírito ainda não tenha deixado você, para que assim pudesse ficar, Du Chaillu. O bebê de Lorde Rahl também.

CAPÍTULO 34



Não muito longe, Du Chaillu estava sendo tratada pelos Mestres da Lâmina e pela maioria dos caçadores. A Mulher dos Espíritos dos Baka Tau Mana tinha retornado do mundo dos espíritos, ou quase isso, e Richard podia ver que ela deixou para trás seu calor. Os cobertores foram insuficientes, então Richard disse aos homens que eles podiam acender uma fogueira para ajudar a aquecê-la se todos eles ficassem juntos para reduzir as chances de quaisquer surpresas.

Dois caçadores do Povo da Lama retiraram grama e cavaram um buraco raso enquanto os outros caçadores fizeram amarrados de grama em fardos bem apertados. Retorceram para retirar a maior parte da umidade. Cobriram quatro dos fardos de grama com uma substância resinosa que carregavam com eles e então empilharam em forma de uma pirâmide. Com aqueles fardos queimando, colocaram os outros ao redor da pequena fogueira para secá-los. Em pouco tempo tinham grama seca para alimentar as chamas e uma boa fogueira.

Du Chaillu parecia estar perdendo um pouco da palidez da morte. Ainda estava bastante debilitada. Pelo menos estava viva. A respiração dela estava melhor, mesmo que fosse interrompida por tosse. Os Mestres da Lâmina estavam cuidando para que ela bebesse o chá quente enquanto os caçadores, transformados em babás, preparavam para ela um pouco de mingau de Tava. Parecia que ela iria se recuperar e permanecer no mundo dos vivos por enquanto.

Richard achou um verdadeiro milagre pensar que uma pessoa podia voltar a viver depois de morrer. Se alguém tivesse falado algo assim para ele, ao invés de ter visto por si mesmo, duvidava que pudesse acreditar. De várias maneiras, suas crenças foram colocadas de lado e seu modo de pensar foi alterado. Richard não tinha mais dúvida a respeito daquilo que deveriam fazer.

Cara, com os braços cruzados, observava os homens enquanto eles tomavam conta de Du Chaillu. Kahlan também estava observando com fascinação igual a de todos os outros, exceto Cara; ela não considerava que fosse tão incomum uma pessoa morta respirar novamente. O que parecia comum para uma Mord-Sith parecia muito diferente do que os outros achavam comum.

Richard segurou o braço de Kahlan gentilmente e puxou-a para mais perto.

– Antes, você falou que ninguém tinha conseguido passar pela *Dominie Dirtch* em séculos. Alguém conseguiu passar por ela?

Kahlan desviou sua atenção para ele.

– De qualquer modo, isso não está claro e é uma questão de disputa, do lado de fora de Anderith.

Desde que isso tinha sido mencionado pela primeira vez por Du Chaillu, Richard teve a sensação de que Anderith não era o lugar favorito de Kahlan.

– Como assim?

– É uma história que requer uma certa explicação.

Richard tirou três pedaços do Pão de Tava de sua mochila e entregou um para Cara e outro para Kahlan. Concentrou seu olhar no rosto de Kahlan.

– Estou ouvindo.

Kahlan arrancou um pequeno pedaço do Pão de Tava, aparentemente ponderando por onde começar.

– A terra agora conhecida como Anderith uma vez foi invadida por pessoas conhecidas como Hakens. O povo de Anderith ensina

que os Hakens usaram a *Dominie Dirtch* contra as pessoas que viviam lá na época, aquelas pessoas agora são chamadas de Anders.

– Quando eu era jovem e estudava na Fortaleza, os magos me ensinaram de modo diferente. De qualquer jeito, isso aconteceu faz séculos; a história possui uma tendência a ser alterada por aqueles que controlam o seu ensino. Por exemplo, eu arriscaria dizer que a Ordem Imperial ensinará uma coisa diferente do que nós ensinaríamos sobre Renwold.

– Gostaria de ouvir a história Anderith. – ele disse enquanto ela comia o pedaço do Pão de Tava que arrancou. – Sobre a história como os magos ensinaram a você.

Kahlan engoliu em seco antes de começar.

– Bem, séculos atrás, talvez uns duzentos ou trezentos anos atrás, o povo Haken saiu da terras selvagens e invadiu Anderith. Acredita-se que eram um povo remoto cuja terra possivelmente tornou-se inadequada por alguma razão. Uma coisa assim já aconteceu em outros lugares, por exemplo quando o curso de um rio é alterado por um terremoto ou uma inundação. Às vezes uma área anteriormente produtiva fica seca demais para suportar o plantio ou animais. Às vezes as plantações são prejudicadas e as pessoas migram.

– De qualquer modo, de acordo com aquilo que me ensinaram, de alguma maneira os Hakens conseguiram passar pela *Dominie Dirtch*. Como, ninguém sabe. Muitos deles foram mortos, mas finalmente eles conseguiram passar e conquistaram a terra agora conhecida como Anderith.

– Os Anders eram um povo em sua maior parte nômade, composto por tribos que lutavam ferozmente entre si. Não tinham educação em coisas como linguagem escrita, trabalho com metal, construção, e coisas assim, e tinham pouca organização social. Em pouco tempo, comparados com os invasores Haken eles tornaram-se um povo atrasado. Não que eles não fossem inteligentes, só que os

Hakens eram um povo que possuía aprendizado e métodos mais avançados.

– As armas Haken também eram superiores. Eles tinham cavalaria por exemplo, e tinham mais coordenação e táticas em uma grande escala. Tinham uma estrutura de comando clara enquanto os Anders disputavam eternamente quem ficaria na liderança de suas forças. Essa foi uma das razões pelas quais os Hakens, assim que passaram pela *Dominie Dirtch*, conseguiram facilmente dominar os Anders.

Richard entregou um cantil para Kahlan.

– Os Hakens eram um povo de guerra e conquista, certo. Eles viviam para conquistar?

Kahlan enxugou água que estava escorrendo pelo seu queixo. – Não, eles não eram do tipo que conquistava simplesmente por pilhagem e escravos. Não faziam guerra por mera predação.

– Trouxeram com eles seu conhecimento sobre tudo, desde fazer sapatos de couro até o trabalho com ferro. Eram um povo culto. Tinham altos conhecimentos matemáticos e sobre como aplicá-los em esforços como arquitetura.

– Sua principal habilidade era a agricultura em larga escala, com equipamentos de arado puxados por bois e cavalos, ao invés de tratar jardins usando enxadas como os Anders faziam para complementar a caça e o trato com animais que cresciam livremente. Os Hakens criaram sistemas de irrigação e introduziram o arroz e outros tipos de plantações. Sabiam como desenvolver e selecionar melhores plantações, como trigo, para fazerem melhor uso da terra e do clima. Eram especialistas em criação de cavalos. Sabiam como criar melhor animais e formaram vastos rebanhos.

Kahlan devolveu o cantil e arrancou uma mordida do Pão de Tava. Fez um gesto com o Pão de Tava parcialmente comido.

– Como é de costume depois da conquista, os Hakens governaram como os vitoriosos geralmente fazem. Os costumes

Haken suplantaram os costumes Ander. A paz surgiu na terra, apesar da paz ter sido forçada por Soberanos Haken. Eles foram duros, mas não brutais; ao invés de matar os Anders como era o costume de muitos invasores conquistadores, eles envolveram os Anders na sociedade Haken, mesmo que no início fosse como mão de obra barata.

Richard falou com sua boca cheia. – Então os Anders também foram beneficiados com os costumes Haken?

– Sim. Sob direção dos Soberanos Haken, a comida era farta. Tanto o povo Haken quanto Ander prosperaram. Os Anders foram uma população esparsa sempre prestes a desaparecer. Com a comida abundante a população multiplicou-se.

Quando Du Chaillu começou a tossir, eles viraram na direção dela. Richard agachou e procurou em sua mochila até encontrar um embrulho de tecido que Nissel deu para ele. Desenrolando-o, encontrou lá dentro algumas das folhas que uma vez Nissel deu a ele para acalmar a dor. Kahlan indicou as ervas que deveriam acalmar o estômago. Ele amarrou um pouco em um pedaço de pano e entregou o pacote de ervas para Cara.

– Diga aos homens para colocar isso dentro do chá e deixar algum tempo. Isso ajudará o estômago dela. Diga a Chandalen que Nissel entregou isso para nós, ele pode explicar para os homens de Du Chaillu, para que não fiquem preocupados.

Cara assentiu. Ele colocou as folhas na palma da mão dela.

– Diga para ela que depois de beber o chá, deve mastigar uma dessas folhas. Isso acalmará sua dor. Mais tarde, se estiver com o estômago enjoado de novo, ou sentir dor, ela pode mastigar outra.

Cara foi cuidar da tarefa rapidamente. Cara não gostaria de admitir, mas Richard sabia que ela apreciaria a satisfação de ajudar alguém em necessidade. Não conseguia imaginar o quanto seria grande a satisfação de trazer uma pessoa de volta à vida.

– Então, o que aconteceu, com os Hakens e os Anders? Tudo ficou bem? Os Anders apenderam com os Hakens? – ele pegou o Pão de Tava para dar uma mordida.

– Fraternidade e paz?

– Em maior parte. Os Hakens trouxeram com eles um governo organizado, quando antes os Anders brigavam entre si, geralmente causando conflitos sangrentos. Na verdade, os invasores Hakens mataram menos Anders do que os próprios Anders matavam regularmente em suas próprias guerras territoriais. Pelo menos, assim disseram os magos que me ensinaram.

Embora eu não esteja dizendo que isso tenha sido de qualquer modo inteiramente justo ou igualitário, os Hakens realmente tinham um sistema de justiça; era mais do que o simples governo dos Anders, ou o direito dos mais fortes. Logo que conquistaram os Anders e mostraram a eles seus costumes, ensinaram os Anders a ler.

– Os Anders, que tinham sido um povo atrasado, podiam ter sido ignorantes, mas eram pessoas muito espertas. Podiam não divisar as coisas sozinhos, mas rapidamente absorviam um jeito melhor e tornavam aquilo uma coisa sua em uma escala completamente nova. Desse modo, eles eram brilhantes.

Richard sacudiu o Pão de Tava enrolado.

– Então, porque a terra não é chamada Hakenland, ou algo assim? Quer dizer, você falou que a vasta maioria das pessoas de Anderith são Haken.

– Isso foi mais tarde. Vou chegar lá. – Kahlan arrancou outro pedaço de Tava. – Pela maneira como os magos explicaram para mim, os Hakens tinham um sistema de justiça que, uma vez estabelecido em Anderith, e com a prosperidade que se espalhava, apenas tornou-se melhor.

– Justiça, dos invasores?

– A civilização não surge totalmente desenvolvida, Richard. É um processo em construção. Parte desse processo é a mistura de povos, e essa mistura geralmente ocorre via conquista, mas diversas vezes isso pode trazer costumes novos e melhores. Você não pode julgar impulsivamente as situações através de um critério tão simples como invasão e conquista.

– Mas se um povo entra e força outro povo...

– Olhe para D’Hara. Por causa da conquista, por você, ela está começando a tornar-se um lugar de justiça, onde a tortura e o assassinato não são mais a maneira de governar.

Richard não estava disposto a discutir esse ponto.

– Entendo. Mas simplesmente parece ser uma vergonha para uma cultura ser destruída por outra que invade. Não é justo.

Ela mostrou um daquelas seus olhares parecido com aqueles que Zedd às vezes mostrava: um olhar que dizia que ela esperava que ele conseguisse enxergar a verdade ao invés de repetir de cor uma noção popular mas incorreta. Por essa razão, ele escutou atentamente quando ela falou.

– A cultura não carrega privilégio algum de existir. A cultura não tem valor simplesmente porque é valiosa. O mundo ficaria muito melhor sem a existência de algumas culturas. – ela levantou uma sobrancelha. – Como exemplo, para que você avalie, eu cito a Ordem Imperial.

Richard soltou um suspiro.

– Entendo o que você quer dizer.

Ele bebeu um gole de água enquanto ela comia mais um pouco de Tava. Para ele, de algum modo ainda parecia errado que uma cultura, com sua própria história e tradições, fosse varrida, mas ele entendeu, até certo ponto, o que ela estava dizendo.

– Então o costume de vida Ander deixou de existir. Você estava falando, sobre o sistema de justiça Haken?

– Independente da maneira como agora podemos pensar que eles chegaram lá, os Hakens eram um povo que valorizava a justiça. De fato, eles consideravam isso algo essencial para uma sociedade ordeira e próspera.

– Assim, com o passar do tempo, subsequentes gerações de Hakens deram crescentes liberdades para os Anders que eles tinham conquistado, eventualmente passando a enxergá-los como iguais. Aquelas gerações subsequentes passaram a ter sensibilidades similares com as nossas, e também começaram a sentir vergonha daquilo que seus ancestrais fizeram com o povo Ander.

Kahlan desviou o olhar para as planícies.

– É claro, é mais fácil sentir vergonha se os culpados estão mortos faz séculos, especialmente quando tal dúvida, por padrão, confere a você mesmo um padrão de moral mais alto sem ter que suportar o teste no verdadeiro ambiente da época.

– De qualquer modo, sua aderência ao padrão de justiça deles acabou sendo o início da queda do povo Haken. Os Anders, por causa da conquista deles, sempre odiaram os Hakens e nunca deixaram de manter uma sede por vingança.

Um dos caçadores, que estava preparando mingau, trouxe um pedaço quente de Pão de Tava coberto com uma camada de mingau em cada mão. Kahlan e Richard pegaram a comida quente e ela agradeceu na língua dele.

– Então, como um sistema de justiça Haken, – Richard falou, depois que cada um deles tomou um pouco do mingau temperado com grãos doces secos. – acaba fazendo com que agora os Hakens sejam virtuais escravos por causa do senso de justiça dos Anders? Isso simplesmente não parece possível.

Ele viu que Du Chaillu, enrolada em cobertores ao lado do fogo, não estava interessada em mingau. Cara havia mergulhado o embrulho com ervas no chá, e estava agachada ao lado de Du

Chaillu, providenciando para que ela finalmente tomasse um pouco de um pequeno copo de madeira.

– Um sistema de justiça não foi a causa da queda Haken, Richard, apenas um passo no caminho, um dos ossos da história. Estou mostrando a você apenas os pontos salientes. Os resultados. Mudanças desse tipo na cultura e na sociedade acontecem com o passar do tempo.

– Por causa das leis deles, os Anders foram capazes de atingir avanços que no final permitiram que eles conseguissem obter poder. Anders não são diferentes de nenhum outro povo em sua fome de poder.

– Os Hakens eram o povo governante. Como a coisa mudou passando a ser o contrário? – Richard balançou a cabeça. Teve dificuldade em acreditar que aconteceu como os magos retratavam.

– Tem mais coisa no meio disso. – Kahlan lambeu mingau de um dedo. – Uma vez que os Anders tiveram acesso a leis justas, isso transformou-se para eles na ponta afiada de uma cunha.

– Fazendo parte da sociedade, os Anders usaram sua liberdade para ganharem posições importantes. No início, foi participação em negócios, os negociantes de trabalho que tornaram-se Guildas, e membros de pequenos conselhos locais, coisas assim. Um passo de cada vez. Não se engane, os Anders também trabalharam duro. Porque as leis eram justas para todos, eles conseguiram obter através de seu próprio trabalho duro os mesmos tipos de coisas que os Hakens tinham. Tornaram-se bem sucedidos e respeitados.

– Mais importante, porém, eles transformaram-se nos agiotas. Você entende, os Anders, acabaram mostrando possuir talento para negócios. Com o tempo tornaram-se a classe comerciante ao invés de simplesmente a classe trabalhadora. Serem comerciantes permitia que famílias, com o tempo, adquirissem fortunas.

– Eventualmente transformaram-se naqueles que emprestavam dinheiro, e desse modo conseguiram poder financeiro. Algumas

grandes famílias Ander controlaram muito das finanças e representavam em grande extensão o poder invisível por trás do governo Haken. Os Hakens ficaram complacentes, enquanto os Anders continuaram focados.

– Anders também viraram professores. Quase desde o início, os Hakens consideravam uma tarefa simples que o povo Ander deveria ter permissão de preencher, liberando os Hakens para assuntos de governo mais importantes. Os Anders assumiram todos os aspectos do ensino, não apenas o ato de ensinar, gradativamente ganhando controle da instrução de professores adequados, e assim do currículo.

Richard engoliu um punhado de mingau.

– Acredito que isso foi, para os Hakens, um erro de certa forma?

Com seu Pão de Tava parcialmente comido, Kahlan fez um gesto para dar ênfase.

– Além da leitura e matemática, as crianças foram ensinadas sobre história e cultura, ostensivamente para que eles crescessem e entendessem seu lugar na cultura e na sociedade da sua terra.

– Os Hakens queriam que todas as crianças aprendessem um caminho melhor do que a guerra e conquista. Eles acreditavam que o ensino Ander sobre a brutal conquista Haken ao custo do nobre povo Ander ajudaria suas crianças a crescerem civilizadas, com respeito pelos outros. Ao invés disso, a culpa que isso colocou nas mentes dos jovens contribuiu para a erosão da natureza coesiva da sociedade Haken, e do respeito pela autoridade do governo Haken.

– E então aconteceu um evento cataclísmico, uma década devastadora, longa aridez. Foi durante essa secura que os Anders finalmente fizeram seu movimento para remover o governo Haken.

– Toda a economia era baseada na produção de plantações, trigo, em sua maior parte. Fazendas faliram, e fazendeiros foram incapazes de entregar colheitas para exportação pelas quais os mercadores já tinham pago. Dívidas foram cobradas enquanto todos

tentavam sobreviver aos tempos difíceis. Muitos sem grandes recursos financeiros perderam suas fazendas.

– Devem ter havido medidas de controle do governo aplicadas ao sistema econômico, para reduzir o pânico, mas os Hakens governantes temeram desagradar os agiotas que os sustentavam.

– E então problemas piores surgiram. Pessoas começaram a morrer. Houve tumultos por causa de comida. Fairfield foi queimada. Haken e Ander levantaram-se em violentas revoltas fora da lei. A terra estava em caos. Muitas pessoas partiram para outras terras, esperando encontrar vida nova antes de morrerem de fome.

– Os Anders, entretanto, usaram seu dinheiro para comprar comida de fora. Somente os recursos financeiros dos ricos Anders podiam comprar comida de longe, e aquele suprimento de comida era a única esperança de sobrevivência para a maioria das pessoas. Os Anders, com esse suprimento de comida de fora, foram enxergados como a mão de salvação.

– Os Anders compraram negócios falidos e fazendas de pessoas desesperadas por dinheiro. O dinheiro dos Anders, pouco como fosse, e o suprimento de comida deles, eram as únicas coisas que impediam a maioria das famílias de passarem fome.

– Foi quando os Anders começaram a extrair o verdadeiro preço, e sua vingança.

– O governo, controlado pelos Hakens, foi culpado pelas multidões nas ruas por causa da fome. Os Anders, com suas conexões comerciais, fomentaram e espalharam a insurreição de um lugar a outro. A anarquia caiu sobre a terra quando os governantes Haken foram condenados a morte nas ruas, seus corpos arrastados diante das multidões excitadas.

– Intelectuais Haken atraíram o desejo de sangue das pessoas assustadas por, de alguma forma, serem responsáveis pela fome. Hakens bem educados foram enxergados como inimigos do povo, até mesmo pela maioria dos Hakens que eram fazendeiros e

trabalhadores. O expurgo dos Hakens cultos foi sangrento. No meio da revolta e com a falta de lei, toda a classe Haken governante foi sistematicamente assassinada. Cada um dos Haken bem sucedidos era suspeito, e assim condenado à morte.

– Os Anders rapidamente arruinaram, pelos meios financeiros assim como através das multidões violentas, qualquer negócio Haken que restou.

– No vácuo, os Anders ganharam poder e trouxeram ordem com a comida para as pessoas famintas, tanto Ander quanto Haken. Quando a poeira baixou, os Anders tinham o controle da terra, e com forças de mercenários que puderam contratar, logo dominavam a terra com mão de ferro.

Richard tinha parado de comer. Mal podia acreditar no que estava ouvindo. Ficou olhando estupefato enquanto Kahlan movia a mão expansivamente contando sobre a queda da razão.

– Os Anders mudaram a ordem de tudo, transformando o preto em branco e o branco em preto. Declararam que nenhum Haken podia julgar um Ander com justiça, por causa da antiga tradição de injustiça Haken com os Anders. De maneira oposta, os Anders declaravam, porque eles foram por tanto tempo subjugados por seus terríveis Soberanos Haken, que entendiam a natureza da desonestidade, e assim seriam os únicos qualificados a decidir assuntos sobre justiça.

– Histórias dolorosas a respeito da crueldade Haken eram a moeda de aceitação social. Hakens assustados, em uma tentativa de provarem que as acusações eram falsas, e evitar serem escolhidos pelas tropas bem armadas, aceitaram a submissão sob a autoridade Ander e daqueles mercenários impiedosos.

– Os Anders, tanto tempo fora do poder, foram brutais ao impor sua superioridade.

– Pessoas Haken eram proibidas de assumir posições de poder. Eventualmente, supostamente porque os Soberanos Haken exigiram

que os Anders os chamassem pelos sobrenomes, até mesmo o direito a um sobrenome foi negado aos Hakens, a não ser que eles de algum modo provassem o seu valor e recebessem uma permissão especial.

– Mas eles não estavam misturados? – Richard perguntou. – Depois de todo aquele tempo, as pessoas Haken e Ander não casaram entre si? Eles não tinham se juntado formando um só povo?

Kahlan balançou a cabeça.

– Desde o início, os Anders, pessoas altas de cabelo escuro, pensavam que casar com Hakens de cabeça vermelha era um crime contra o Criador. Eles acreditam que o Criador, em sua sabedoria, fez as pessoas diferentes. Não acreditavam que as pessoas deveriam misturar as espécies como animais sendo cruzados para gerar uma nova qualidade, que era o que os Hakens tinham feito. Não estou dizendo que isso não acontecia ocasionalmente, mas até nos dias atuais uma coisa assim é rara.

Richard enrolou o seu último pedaço de Tava com mingau.

– Então, como estão as coisas lá agora? – Ele enfiou a comida na boca.

– Já que somente os oprimidos, os Anders, podem ser virtuosos, porque foram humilhados, somente eles recebem permissão para governar. Eles ensinam que a opressão Haken continua até hoje. Até um olhar de um Haken pode ser interpretado como uma projeção de ódio. Ao contrário, os Hakens não podem ser os oprimidos, e desse modo serem virtuosos, uma vez que por natureza eles são corruptos.

– Agora é contra lei Hakens aprenderem a ler, por causa do medo de que eles pudessem assumir o governo outra vez e continuarem brutalizando e assassinando o povo Ander, tão certo quanto a noite acaba com o dia, para usar as palavras deles. Os Hakens devem participar de aulas chamadas Reuniões de Penitência para continuarem na linha. O modo como agora os Anders governam os Hakens está todo sistematizado e codificado.

– Tenha em mente, Richard, que a história que contei a você foi ensinada a mim pelos magos. Aquilo que os Anders ensinam é bem diferente. Eles ensinam que eram um povo oprimido que por sua própria natureza superior conseguiram, depois de séculos de dominação, mais uma vez manifestar sua superioridade cultural. De acordo com o que eu sei, a versão deles até poderia ser verdade.

Richard estava parado, com as mãos nos quadris, observando incrédulo.

– E o Conselho em Aydindril permitiu isso? Permitiram que os Anders escravizassem o povo Haken desse jeito?

– Os Hakens submeteram-se por vontade própria. Eles acreditam naquilo que foi ensinado pelos professores Ander, que essa é uma maneira melhor.

– Mas como o Conselho Central poderia permitir uma perversão da justiça como essa?

– Você esqueceu, Richard, que Midlands era uma aliança de terras soberanas. As Confessoras ajudavam a garantir que o governo em Midlands era, até certo ponto, justo. Nós não toleramos o assassinato de oponentes políticos, coisas como essa, mas se um povo como os Hakens acompanhasse por vontade própria a maneira como sua terra funcionava, o Conselho tinha pouco a dizer a respeito. O governo brutal era combatido. O governo bizarro não.

Richard jogou as mãos para cima.

– Mas os Hakens só concordavam com isso porque essa besteira era ensinada a eles. Não sabiam o quanto isso era ridículo. Isso é equivalente ao abuso de um povo ignorante.

– Pode ser abuso para você, Richard. Eles enxergam isso de modo diferente. Enxergam isso como um jeito para terem paz em sua terra. Isso é um direito deles.

– O fato de que eles recebiam deliberadamente o ensino de uma maneira que os deixava ignorantes é uma prova do abuso.

Ela inclinou a cabeça na direção dele. – Não foi você quem acabou de dizer que os Hakens não tinham direito de destruir a cultura Ander? Agora você argumenta que o Conselho não deveria fazer menos?

O rosto de Richard refletiu frustração.

– Você estava falando sobre o Conselho de Midlands?

Kahlan bebeu outro gole e então entregou o cantil para ele.

– Isso tudo aconteceu séculos atrás. Nenhuma terra era forte o bastante para forçar a lei sobre o resto de Midlands. Juntos, através do Conselho, nós apenas tentamos funcionar, em conjunto. As Confessoras intercediam quando governantes passavam dos limites.

– Se tivéssemos tentado ditar como cada uma das terras soberanas deveria ser governada, a aliança teria se desfeito e a guerra teria assumido o lugar da razão e da cooperação. Não estou dizendo que isso era perfeito, Richard, mas permitia que a maioria das pessoas vivesse em paz.

Ele suspirou.

– Entendo. Não sou especialista em governar. Acho que isso serviu para o povo de Midlands durante milhares de anos.

Kahlan arrancou um pedaço do Pão de Tava.

– Coisas como aquelas que aconteceram em Anderith são uma razão para que eu entendesse e acreditasse no que você está tentando realizar, Richard. Até que você entrasse, com D’Hara atrás de suas palavras, ninguém era forte o bastante para estabelecer leis para para todos os povos. Contra um inimigo como Jagang, a aliança de Midlands não tinha chance.

Richard realmente não conseguia imaginar como devia ser para ela, como Madre Confessora, ver o que tinha trabalhado a vida inteira desmoronar. O pai de Richard, Darken Rahl, colocou em ação eventos que alteraram o mundo. Pelo menos Kahlan tinha enxergado a oportunidade no meio do caos.

Richard coçou a sobrancelha enquanto pensava no que fazer em seguida.

– Certo, então agora eu entendo um pouco sobre a história de Anderith. Tenho certeza de que se eu conhecesse a história de D'Hara descobriria que era muito mais sórdida, e mesmo assim agora eles me seguem e lutam por justiça, ainda que eu perceba o quanto isso pode soar estranho. Os espíritos sabem que algumas pessoas colocaram os crimes do passado de D'Hara em volta do meu pescoço de Rahl.

– De acordo com o que você falou sobre a história de Anderith, eles parecem um povo que jamais iria submeter-se ao governo da Ordem Imperial. Acha que podemos conseguir que Anderith se junte a nós?

Kahlan suspirou profundamente enquanto considerava aquilo. Ele teve esperança de que ela fosse dizer “sim” sem ter que pensar a respeito.

– Eles são governados por um Soberano, que também é o líder religioso deles. Esse elemento da sociedade deles está baseado nas crenças religiosas dos Anders. Os Diretores do Escritório de Relações Culturais possuem influência sobre quem será nomeado Soberano pelo resto da vida. Os Diretores devem funcionar como um controle moral sobre o homem apontado como Soberano, de forma parecida como o Primeiro Mago seleciona a pessoa certa para ser o *Seeker*.

– O povo Anderith acredita que uma vez untado pelos Diretores, o homem nomeado Soberano transcende meros assuntos carnais, e está em contato com o Criador em pessoa. Alguns acreditam fervorosamente que ele fala pelo Criador nesse mundo. Alguns o enxergam com a reverência que reservariam ao próprio Criador.

– Então, ele é quem deverá ser convencido a se juntar a nós?

– Em parte, mas na verdade o Soberano não governa no sentido do dia-a-dia. Ele é mais um fantoche, amado pelo povo por aquilo

que representa. Atualmente os Anders representam menos de quinze ou vinte por cento da população, mas os Hakens possuem os mesmos sentimentos a respeito do Soberano deles.

– Ele tem o poder para ordenar que o resto do governo siga um curso, mas geralmente ele simplesmente aprova o único caminho que eles selecionam. Em sua maior parte, o governo de Anderith é feito pelo Ministro da Cultura. O Ministro define a agenda para a terra deles. Esse seria o homem chamado Bertrand Chanboor.

– No final das contas o escritório do Ministro da Cultura logo do lado de fora de Fairfield é o corpo governante que tomaria a decisão. Os Representantes com quem eu encontrei em Aydindril transmitirão nossas palavras ao Ministro Chanboor.

– Não importa o quanto a história seja turva, o fato dos dias atuais é que Anderith é um poder que devemos levar em conta. Se os antigos Anders eram um povo primitivo, não são mais. São ricos mercadores que controlam um comércio vasto e próspero. Eles governam com equiparável habilidade; possuem um firme controle de seu poder e de sua terra.

Richard observou o terreno vazio ao redor. Desde o momento em que a Nota veio para matar Du Chaillu, e ele sentiu o cabelo em sua nuca ficar eriçado, continuava checando a sensação, esperando que, se ela ocorresse novamente, estivesse consciente dela mais cedo e conseguisse avisar todos com tempo.

Deu uma olhada para ver Cara alimentando Du Chaillu com o mingau. Ela precisava voltar ao seu povo, não ficar carregando sua criança pelos campos.

– Porém, os Anders não são mercadores gordos, dóceis, e preguiçosos. – Kahlan continuou. – A não ser pelo exército, onde existe uma aparência de igualdade, somente os Anders possuem permissão para carregar armas, e eles tendem a serem bons com elas. Os Anders, independente do que você possa pensar a respeito deles, não são tolos e tão pouco podem ser convencidos facilmente.

Novamente Richard observou os campos enquanto fazia planos.

– Em Ebinissia, em Renwold, – ele disse. – Jagang mostrou o que ele faz com pessoas que se recusam a se unir a ele. Se Anderith não se unir a nós, eles cairão novamente diante de uma invasão estrangeira. Porém, dessa vez os invasores não terão qualquer senso de justiça.

CAPÍTULO 35



Richard, considerando tudo que Kahlan falou para ele, e o que as Notas disseram da sua própria maneira brutal, ficou olhando fixamente em direção a Aydindril. Aprender um pouco da história de Anderith só fez ele sentir-se mais certo de sua decisão.

– Eu sabia que tínhamos de estar seguindo o caminho errado. – ele finalmente falou.

Kahlan fez uma careta na direção da planície vazia a nordeste, para onde ele estava olhando.

– O que você quer dizer?

– Zedd costumava dizer que se a estrada é fácil, você deve estar seguindo o caminho errado.

– Richard, já passamos por tudo isso. – Kahlan falou com insistência enquanto puxava sua capa de volta sobre os ombros. – Precisamos chegar até Aydindril. Agora, mais do que nunca, você deve enxergar isso.

– A Madre Confessora tem razão. – Cara falou, voltando do lado de Du Chaillu, agora que a mulher estava descansando.

Richard notou que as articulações dos dedos de Cara estavam brancas em volta do Agiel. – Essas Notas devem ser banidas. Devemos ajudar Zedd a estabilizar a magia novamente.

– Oh, verdade? Você não sabe, Cara, o quanto fico feliz em ouvir que agora você é uma devota da magia. – Richard olhou ao redor, checando as coisas deles. – Tenho que ir até Anderith.

– Richard, poderíamos muito bem estar deixando inativo em Aydindril um feitiço que seria a solução para o problema das Notas.

– Eu sou o *Seeker*, lembra? – Richard estava agradecido pelo conselho de Kahlan, e ele valorizava isso demais, mas agora que tinha ouvido o que ela queria dizer, analisado as opções, e tomado sua decisão, sua paciência estava no fim. Era hora de agir. – Permita que eu faça meu trabalho.

– Richard, isso é...

– Uma vez você fez um juramento perante Zedd, comprometeu sua vida em defesa do *Seeker*. Você considerou isso bastante importante. Não estou pedindo sua vida, apenas que você entenda que estou fazendo o que devo fazer.

Kahlan deu um suspiro, tentando ser tolerante e ter calma quando ele mal a estava escutando.

– Zedd nos pediu para fazermos isso para ele para que ele pudesse combater o declínio da magia. – puxou a manga dele para chamar sua atenção. – Não podemos todos nós sairmos correndo para Anderith.

– Você tem razão.

Kahlan fez uma careta, desconfiada. – Bom.

– Não vamos nós todos para Anderith. – Richard encontrou o cobertor deles e o pegou. – Como você disse, Aydindril também é importante.

Kahlan agarrou a frente da camisa dele e puxou fazendo ele virar para encará-la.

– Ah, não, você não vai. – ela balançou um dedo no rosto dele. – Ah, não, você não vai fazer isso, Richard. Estamos casados. Passamos por coisas demais. Não vamos nos separar agora. Não agora. E certamente não porque estou zangada por você esquecer de contar a Zedd sobre a sua primeira esposa. Não aceitarei isso, Richard, está ouvindo?

– Kahlan, isso não tem nada a ver...

Os olhos verdes dela arderam, ela o balançou pela camisa.

– Não vou aceitar isso! Não depois de tudo que foi necessário para ficarmos juntos.

Richard olhou para Cara, não muito longe.

– Somente um de nós precisa ir até Aydindril. – ele tirou a mão dela da sua camisa, dando um leve aperto de apoio antes que ela pudesse falar mais alguma coisa.

– Você e eu iremos até Anderith.

As sobancelhas de Kahlan levantaram. – Mas se nós dois... – de repente ela olhou para Cara.

O alarme tomou conta da Mord-Sith.

– Porque vocês dois estão olhando para mim desse jeito?

Richard colocou um dos braços em volta dos ombros de Cara. Ela não pareceu ter gostado daquilo nem um pouco, então ele afastou o braço.

– Cara, você tem que ir para Aydindril.

– Nós todos vamos para Aydindril.

– Não, Kahlan e eu devemos ir para Anderith. Eles possuem a *Dominie Dirtch*. Possuem um exército. Precisamos conseguir que eles se juntem a nós, e então prepará-los para a chegada da Ordem. Preciso ver se existe alguma coisa lá que ajude a deter as Notas. Estamos muito mais perto de Anderith agora do que se eu tivesse que ir até lá partindo de Aydindril. Não posso deixar de cuidar disso.

– Talvez consigamos deter as Notas e Anderith renda-se, e nós possamos usar a *Dominie Dirtch* para deter ou até mesmo destruir o exército de Jagang. Tem coisa demais em jogo para deixar essa oportunidade escorrer por nossos dedos. Isso é importante demais, Cara. Certamente, você consegue ver que eu não tenho escolha?

– Não, você tem uma escolha. Nós todos podemos ir até Aydindril. Você é Lorde Rahl. Eu sou Mord-Sith. Devo permanecer com você para protegê-lo.

– Acharia melhor que eu mandasse Kahlan?

Cara apertou os lábios mas não respondeu.

Kahlan segurou ele pelo braço.

– Richard, como você disse, você é o *Seeker*. Precisa da sua espada, sem ela você fica vulnerável. Ela está em Aydindril. Assim como a garrafa com o feitiço, e o Diário de Kolo, e bibliotecas de outros livros que podem conter a resposta.

– Temos que ir até Aydindril. Se você tivesse falado com Zedd, poderíamos não estar nessa posição, mas agora que estamos, devemos fazer como ele pediu.

Richard endireitou o corpo e olhou nos olhos dela enquanto ela cruzava os braços.

– Kahlan, eu sou o *Seeker*. Como o *Seeker*, tenho obrigação de fazer aquilo que acho certo. Admito que cometi um erro antes, e sinto muito, mas não posso permitir que aquele erro faça com que eu me desvie daquilo que acredito ser o meu dever.

– Como o *Seeker*, eu vou para Anderith. Como Madre Confessora, você deve fazer aquilo que o seu coração e o dever indicam. Eu entendo isso. Quero você junto comigo, mas se você tiver que seguir outro caminho, ainda amarei você do mesmo jeito.

Ele chegou mais perto dela. – Escolha.

Com os braços ainda cruzados, Kahlan observou em silêncio. Finalmente, sua ira cedeu e ela assentiu. Olhou brevemente para Cara.

Parecendo achar que havia uma pessoa além do necessário para entregar as ordens inevitáveis, falou com ele em voz baixa.

– Vou checar como está Du Chaillu.

Quando Kahlan estava fora do alcance do ouvido, Cara começou a falar.

– Meu dever é guardar e proteger o Lorde Rahl e eu não vou...

Richard levantou uma das mãos para silenciá-la.

– Cara, por favor, me escute um minuto. Já passamos por muita coisa juntos, nós três. Nós três já estivemos bem perto da morte. Cada um de nós deve agradecer ao outro mais de uma vez por nossas vidas hoje. Você é mais do que uma guarda-costas para nós e sabe disso.

– Kahlan é sua irmã de Agiel. Você é minha amiga. Sei que significa mais para você do que simplesmente o seu Lord Rahl, ou então sem a ligação você não precisaria ficar comigo. Todos estamos ligados pela amizade.

– É por isso que não posso deixá-lo. Não deixarei você, Lorde Rahl. Protegerei você quer você queira ou não permitir isso.

– Qual é a sensação de estar sem o seu Agiel?

Ela não respondeu. Parecia como se ela não confiasse em si mesma para tentar falar.

– Cara, você ficaria surpresa em saber que eu me sinto da mesma maneira a respeito da Espada da Verdade? Estive sem ela mais tempo do que você ficou sem o seu Agiel. Isso causa uma horrível sensação de vazio em meu estômago. Uma dor constante, como se eu não precisasse de nada tanto quanto preciso sentir aquela coisa terrível em minhas mãos. Acontece o mesmo com você?

Ela assentiu.

– Cara, odeio aquela espada, do mesmo jeito que você com certeza, em algum lugar em seu interior, deve odiar o seu Agiel. Uma vez, você o entregou para mim. Lembra? Você, Berdine e Raina? Eu pedi a vocês que me perdoassem por ter que pedir a vocês para continuarem com suas armas por enquanto para nos ajudar em nossa luta.

– Eu lembro.

– Eu não gostaria de nada mais do que não ter que precisar da espada. Eu gostaria que o mundo ficasse em paz, e eu pudesse colocar aquela arma na Fortaleza e deixar ela ali.

– Mas preciso dela, Cara. Assim como você precisa do seu Agiel, assim como você sente um vazio sem ele, sente-se vulnerável, indefesa, com medo, e com vergonha de admitir isso, eu sinto a mesma coisa. Assim como você precisa do seu Agiel porque não quer nada mais do que nos proteger, eu preciso da minha espada para proteger Kahlan. Se alguma coisa acontecesse com ela porque eu estivesse sem a minha espada...

– Cara, eu me importo com você, é por isso que é importante para você que entenda. Você não é mais apenas uma Mord-Sith, apenas nossa protetora. Agora você é mais do que isso. É importante que você pense, e não apenas reaja. Você deve ser mais do que Mord-Sith se quiser realmente ajudar como nossa protetora.

– Estou contando com você para que você continue sendo uma pessoa importante nessa luta, uma pessoa que pode fazer uma diferença. Agora você deve ir até Aydindril em meu lugar.

– Não vou seguir essas ordens.

– Não estou ordenando a você, Cara. Estou pedindo.

– Isso não é justo.

– Isso não é um jogo, Cara. Estou pedindo sua ajuda. Você é a única a quem eu posso recorrer.

Ela fez uma careta na direção da tempestade no horizonte distante enquanto puxava a longa trança loura sobre o ombro. Apertou-a no punho da mesma maneira que apertava seu Agiel no calor da fúria. A brisa balançava os fios de cabelo louro do lado do seu rosto.

– Se você deseja isso, Lorde Rahl, eu irei.

Richard colocou uma das mãos atrás do ombro dela. Dessa vez ela não ficou tensa, e aceitou muito bem o toque daquela mão.

– O que você quer que eu faça lá?

– Quero que você vá até lá e retorne o mais breve possível. Preciso da minha espada.

– Entendo.

Quando Kahlan olhou na direção deles, Cara sinalizou para ela e Kahlan voltou rapidamente.

Cara manteve a costa ereta quando falou com Kahlan. – Lorde Rahl ordenou que eu retorne até Aydindril.

– Ordenou? – Kahlan perguntou.

Cara simplesmente sorriu. Levantou o Agiel até o peito de Kahlan.

– Para um guia florestal, ele se mete em um monte de problemas. Como uma irmã de Agiel, eu pediria a você que fique de olho nele no meu lugar, mas sei que não preciso dizer as palavras.

– Não deixarei ele fora da minha vista.

– Primeiro você precisa alcançar o exército do General Reibisch – Richard falou. – Pode conseguir cavalos com ele e chegar mais rápido até Aydindril.

– Mas também preciso muito que ele saiba o que estamos fazendo. Conte para ele toda a história. Conte para Verna e para as Irmãs também. Elas precisarão saber, e podem ter algum conhecimento que seria útil.

Richard olhou na direção do horizonte a Sudoeste. – Também preciso de uma escolta, se formos marchar entrando em Anderith e exigir a rendição deles.

– Não se preocupe, Lorde Rahl, Pretendo ordenar que Reibisch envie homens para guardar você. Não serão tão bons quanto ter uma Mord-Sith perto, mas assim mesmo eles ainda protegerão você.

– Preciso de homens suficientes para uma escolta impressionante. Quando marcharmos para dentro de Anderith, acho que seria melhor se parecesse algo sério, ao invés de apenas Kahlan, eu e alguns guardas entrando sozinhos. Especialmente quando os poderes de Kahlan podem falhar a qualquer momento. Quero transmitir ao povo ali que estamos tratando de negócios.

– Agora o que você diz está começando a fazer sentido. – Cara falou.

– Mil homens deve servir para uma escolta impressionante. – Kahlan disse. – Espadachins, lanceiros, e arqueiros, com seus melhores cavalos extras, é claro. E precisaremos de mensageiros. Temos notícias importantes sobre as Notas e Jagang que devemos enviar. Precisamos coordenar nossas forças e manter todos informados. Temos exércitos em várias terras que podemos precisar levar para o Sul imediatamente.

Cara assentiu.

– Escolherei pessoalmente os soldados a serem enviados para sua escolta. Reibisch terá tropas de elite.

– Bom, mas eu não quero que a capacidade de luta dele seja prejudicada retirando homens chave. – Richard disse. – Diga ao General que eu também quero que ele envie destacamentos para vigiar as rotas ao Norte do Mundo Antigo que ele pretendia vigiar, só para garantir.

– A coisa mais importante, porém, é que eu quero que a força principal dele dê meia volta e retorne nessa direção.

– Ele tem permissão para atacar de acordo com sua vontade?

– Não. Não quero que ele arrisque o exército dele contra a Ordem lá fora naquelas planícies. O custo seria alto demais. Não importa o quanto os homens dele sejam bons, não terão chance contra uma força do tamanho da Ordem até que possamos conseguir mais homens aqui. Mais importante ainda, eu não quero que ele ataque por causa do grande valor que ele tem se Jagang não souber que a força de Reibisch está lá.

– Quero que Reibisch venha para Oeste, acompanhando Jagang, mas ficando ao Norte e permanecendo afastado. Diga a ele para usar o mínimo possível de batedores, somente o bastante para rastrear a Ordem, não mais do que isso. Jagang não deve saber que a força de Reibisch está ali. Aqueles homens D’Haran serão tudo que ficará entre a Ordem e Midlands se Jagang virar para o Norte

repentinamente. A surpresa será o único aliado dele até que nós consigamos enviar mensageiros para chamar mais tropas.

– Não quero colocar em risco os homens de Reibisch se não for absolutamente necessário. Mas preciso que ele seja um recurso a mais, se as coisas derem errado.

– Se Anderith render-se, podemos combinar o exército deles com o nosso. Se conseguirmos banir as Notas, tendo o exército Anderith sob nosso comando, e conseguirmos reunir mais de nossas outras forças em tempo, podemos até conseguir encurralar o exército de Jagang com o oceano nas costas dele. Então poderia até ser possível usar nossas forças para conduzi-lo até os dentes da *Dominie Dirtch*. Aquela arma poderia matar sem que nossos homens perdessem suas vidas fazendo isso.

– E em Aydindril? – Cara perguntou.

– Você ouviu Zedd explicar o que deve ser feito?

– Sim. Na quinta coluna à esquerda, dentro do enclave do Primeiro Mago, tem uma garrafa negra com filigrana dourado no topo. Ela deve ser quebrada com a Espada da Verdade. Berdine e eu fomos com você até o enclave do Primeiro Mago. Eu lembro bem do lugar.

– Bom. Você pode usar a espada para quebrar a garrafa tão bem quanto eu.

– ela assentiu. – Apenas coloque a garrafa no chão, como Zedd falou, pegue a espada, e quebre a garrafa.

– Posso fazer isso. – Cara disse.

Richard sabia muito bem o quanto Cara não gostava de se envolver com magia. Também lembrou muito bem como ela e Berdine não gostaram de entrar no enclave do Primeiro Mago. Também havia a questão dos escudos de magia da Fortaleza.

– Se a magia da Fortaleza realmente estiver desativada, você não terá qualquer problema em passar pelos escudos; eles também estarão desativados.

– Lembro qual é a sensação que eles causam. Saberei se eles ainda estiverem vivos com a magia, ou se eu posso atravessar.

– Conte a Berdine tudo que você sabe a respeito das Notas. Pode ser que ela já tenha alguma informação valiosa. Se não tiver, pelo menos ela tem o Diário de Kolo e com tudo que você disser ela saberá o que deve procurar.

Richard levantou um dedo para enfatizar. Com sua outra mão, ele segurou o ombro dela.

– Mas antes de falar com Berdine, a espada e a garrafa primeiro. Não deixe nenhuma delas ficar ali desprotegida nem um momento a mais do que o necessário.

– As Notas podem tentar deter você. Esteja ciente disso. Fique alerta e mantenha a guarda. Fique longe de água e de fogo enquanto puder. Não fique confiante com nada. Elas podem saber que o feitiço na garrafa pode feri-las.

– Antes de você partir, falaremos com Du Chaillu e veremos se ela pode lançar alguma luz sobre como elas seduzem uma pessoa para matá-la. Se ela conseguir lembrar, essa informação pode ser valiosa para evitar as Notas.

Cara assentiu. Se ela estava com medo, não deixou isso visível.

– Assim que alcançar o General Reibisch, cavalgarei como o vento. Irei primeiro até a Fortaleza, pegarei sua espada e então quebrarei a garrafa. Depois disso, trarei a espada, Berdine, e o livro. Onde encontrarei você?

– Em Fairfield. – Kahlan disse. – Junto com nossas tropas, não muito longe da cidade, perto da Propriedade do Ministro da Cultura. Se tivermos que partir, deixaremos uma mensagem para você, ou algum dos nossos homens. Se não pudermos fazer isso, tentaremos falar para o General Reibisch.

Richard hesitou. – Cara... você precisará tirar a espada da bainha para quebrar a garrafa.

– É claro.

– Mas tenha cuidado. Ela é uma arma de magia, e Zedd acha que ela ainda estará funcionando, ainda terá magia.

Cara suspirou com pensamentos desagradáveis.

– O que ela fará quando eu tirá-la da bainha?

– Não tenho certeza. – Richard falou. – Ela pode reagir a pessoas diferentes de formas diferentes, dependendo daquilo que elas agregam para completar a magia. Eu ainda sou o *Seeker*, mas pode ser que ela funcione com qualquer pessoa que a segure. Simplesmente não sei como a magia dela afetará você.

– Mas ela é uma arma que usa a fúria. Apenas seja cuidadosa, e entenda que ela vai querer sugar isso de você, bem como você absorve dela. Ela fomentará suas emoções, especialmente sua raiva.

Os olhos azuis de cara brilharam. – Ela não terá que se esforçar muito.

Richard sorriu.

– Apenas tenha cuidado. Depois que quebrar a garrafa, não tire a espada da bainha por qualquer razão a não ser uma questão de vida ou morte. Se você matar com ela...

A testa dela franziu quando a voz dele desapareceu.

– Se eu matar com ela... o quê?

Richard precisava falar para ela, para que ela não fizesse algo perigoso.

– Ela causa dor.

– Como um Agiel?

Ele assentiu de modo relutante.

– Talvez pior. – a voz dele baixou conforme as lembranças retornavam. – A raiva é necessária para combater a dor. Se você estiver cheia de raiva justificada, isso a protegerá, mas, queridos espíritos, ela ainda vai machucá-la.

– Eu sou Mord-Sith. Receberei a dor de braços abertos.

Richard bateu no meio do peito. – Ela machuca você aqui, Cara. Não vai querer esse tipo de dor, acredite em mim. Seria melhor o seu

Agiel.

Ela mostrou um sorriso triste de compreensão.

– Você precisa da sua espada. Vou trazê-la para você.

– Obrigado, Cara.

– Mas não perdoarei você por me obrigar a deixá-lo sem proteção.

– Ele não estará sem proteção.

Todos viraram. Era Du Chaillu. Estava pálida, seu cabelo desgrenhado, mas enrolada em um cobertor ela não estava mais tremendo. Seu rosto era uma imagem de forte determinação.

Richard balançou a cabeça.

– Você precisa voltar para o seu povo.

– Nós vamos com meu marido. Nós protegemos o Caharin.

Richard decidiu não discutir a parte do marido.

– Teremos tropas conosco antes de chegarmos até Anderith.

– Eles não são Mestres da Lâmina. Tomaremos o lugar de Cara protegendo você.

Cara inclinou a cabeça para Du Chaillu.

– Isso é bom. Descansarei melhor sabendo que você e seus Mestres da Lâmina estão fazendo isso.

Richard lançou um olhar irritado para Cara antes de voltar sua atenção para a Mulher dos Espíritos dos Baka Tau Mana.

– Du Chaillu, agora que você está segura, não permitirei que vocês arrisquem suas vidas sem necessidade. Você já teve um vislumbre da morte. Deve retornar para o seu povo. Eles precisam de você.

– Nós somos os mortos que andam. Isso não importa.

– Do que você está falando?

Du Chaillu cruzou as mãos. Os Mestres da Lâmina estavam espalhados atrás dela, sua escolta real. Atrás deles, os caçadores do Povo da Lama observavam. Independente do quanto ainda parecesse doente, Du Chaillu estava mais uma vez parecendo nobre.

– Antes de partirmos, – ela falou. – dissemos a nosso povo que estávamos mortos. Dissemos a eles que estávamos perdidos para o mundo dos vivos, e que não voltaríamos para eles a não ser que encontrássemos o Caharin para avisá-lo e termos certeza de que ele estava seguro. Nosso povo chorou e sofreu por nós antes de partirmos, porque estamos mortos para eles. Somente se fizermos como falamos poderemos voltar.

– Não faz muito tempo, eu ouvi as Notas da morte. Cara, a protetora do Caharin, arrastou-me de volta do mundo dos espíritos. Os espíritos, em sua sabedoria, permitiram que eu voltasse para cumprir meu dever. Quando Cara voltar com sua espada, e você estiver seguro, somente então poderemos ter nossas vidas de volta para que possamos voltar para casa. Até lá, nos somos os mortos que caminham.

– Não estou perguntando se temos permissão de viajar com você. Estou dizendo que viajaremos com você.

Eu sou a Mulher dos Espíritos Baka Tau Mana. Eu falei.

Cerrando os dentes, Richard levantou a mão para balançar um dedo furioso. Kahlan segurou o pulso dele.

– Du Chaillu, – Kahlan disse. – eu também fiz um juramento assim. Quando fui até a cidade murada de Ebinissia e vi as pessoas assassinadas pela Ordem Imperial, jurei vingança. Chandalen e eu encontramos com um pequeno exército de jovens recrutas que também viram os mortos em sua cidade natal. Eles estavam determinados a punir os homens responsáveis.

– Fiz uma declaração jurando que eu estava morta, e só poderia voltar a viver quando os homens que cometeram aqueles crimes fossem punidos. Os homens comigo também deram suas vidas, para viverem novamente apenas se tivéssemos sucesso. Um em cada cinco daqueles jovens voltaram a viver junto comigo e Chandalen. Mas antes disso, cada um dos homens que assassinaram o povo de Ebinissia morreu.

– Entendo um juramento como esse que você fez, Du Chaillu. Uma coisa assim é sagrada e não deve ser ignorada. Você e os Mestres da Lâmina podem vir conosco.

Du Chaillu fez uma reverência para Kahlan.

– Obrigada por honrar os costumes do meu povo. Você é uma mulher sábia, e também é digna de ser esposa do meu marido.

Richard girou os olhos.

– Kahlan...

– O Povo da Lama precisa de Chandalen e seus homens. Cara está fazendo o que você pediu, e vai até o General Reibisch e depois para Aydindril. Até que o General possa enviar homens para se juntarem a nós, ficaremos sozinhos e vulneráveis. Du Chaillu e seus homens serão valiosos e uma proteção bem-vinda.

– Com tanta coisa em jogo, Richard, nosso orgulho é a última coisa que precisamos considerar. Eles virão.

Richard olhou dentro dos olhos azuis de Cara, frios como gelo de tanta determinação. Ela queria isso. Os olhos escuros de Du Chaillu estavam firmes como ferro. Ela tomou sua decisão. Os olhos verdes de Kahlan... bem, ele não queria nem mesmo pensar naquilo que estava gravado nos olhos verdes dela.

– Está certo. – ele disse. – Até que os soldados nos alcancem, vocês podem vir.

Du Chaillu direcionou um olhar surpreso para Kahlan.

– Ele também sempre diz para você coisas que você já sabe?

CAPÍTULO 36



Fitch, com sua cabeça abaixada, podia ver as pernas e os pés do Mestre Spink enquanto ele caminhava entre os bancos, sua botas emitindo um lento tum, tum, tum, contra o chão com tábuas. Pela sala, algumas pessoas, a maior parte mulheres mais velhas, fungavam enquanto choramingavam.

Fitch não podia culpá-las. Ele também ocasionalmente acabava chorando em Reuniões de Penitência. As lições que eles aprendiam eram necessárias se desejassem combater os costumes malignos Haken, ele entendia isso, mas isso não tornava mais fácil escutar.

Quando o Mestre Spink palestrava, Fitch preferia olhar para o chão do que arriscar encarar o olhar do homem. Encarar o olhar de um Ander enquanto aprendia sobre os horrores daquilo que foi feito com os ancestrais dele pelos ancestrais de Fitch era vergonhoso.

– E foi assim, – Mestre Spink prosseguiu. – que a horda Haken encontrou por acaso aquele pobre vilarejo de fazendeiros. Os homens, com frenética preocupação por suas famílias, haviam reunido-se com aqueles outros homens Ander simples de fazendas e outros vilarejos ao redor. Juntos, eles rezaram ao Criador que seus esforços para repelir os invasores sedentos de sangue fossem bem sucedidos.

– Em desespero, eles já tinham abandonado quase toda sua comida e animais como uma pacífica oferenda para os Hakens. Enviaram mensageiros para explicarem as oferendas, e que não

queriam guerra, mas nenhum daqueles bravos mensageiros retornou.

– Então aqueles homens tinham um plano simples, subir até o topo de uma colina e balançar suas armas sobre as cabeças para fazerem uma demonstração de força, não para chamar uma luta, é claro, mas em um esforço apressado para convencer os Hakens a passarem por seu vilarejo. Esses homens eram fazendeiros, não guerreiros, e as armas que eles balançaram eram simples ferramentas de fazenda. Eles não queriam luta; queriam paz.

– Ali estavam eles, aqueles sobre os quais eu ensinei a vocês, Shelby, Willan, Camden, Edgar, Newton, Kenway, e todos os outros, todos aqueles homens bons e gentis que vocês passaram a conhecer durante essas últimas semanas enquanto eu contava as histórias deles, seus amores, suas vidas, suas esperanças, seus sonhos simples e decentes. Lá estavam eles, sobre aquela colina, desejando não mais do que convencer os brutos Haken a deixá-los em paz. Ali estavam eles, agitando suas ferramentas, seus machados, suas enxadas, suas foices, seus garfos, seus manguais, balançando elas no ar, esperando manter aquelas esposas e crianças que vocês também conheceram protegidas do perigo.

Tum, tum, tum, continuaram as botas do Mestre Spink enquanto ele chegava mais perto de Fitch.

– O exército Haken não escolheu apenas passar por aqueles homens simples. Ao invés disso, os Haken riram e gritaram, viraram sua *Dominie Dirtch* na direção daqueles homens bondosos Ander.

Algumas das garotas gemeram. Outras choraram bem alto, o próprio Fitch sentiu uma pontada de medo em seu estômago, e um bolo em sua garganta. Ele teve que assoar o nariz enquanto imaginava a morte horrível deles. Ele ficou conhecendo aqueles homens sobre a colina. Sabia o nome das esposas deles, os nomes dos pais deles, e das crianças deles.

– E enquanto aqueles bastardos assassinos Haken, em seus belos uniformes... – Fitch conseguiu ver as botas parando bem ao lado dele no final do banco onde ele estava sentado, perto do corredor central. – ficaram rindo, ficaram gritando de alegria, a *Dominie Dirtch* tocou com sua terrível violência, arrancando a carne dos ossos daqueles homens.

Fitch podia sentir os olhos escuros do Mestre Spink atrás do seu pescoço enquanto as mulheres e muitos dos homens fungavam bem alto mostrando sua tristeza.

– Os gemidos daqueles pobres fazendeiros Ander ergueu-se até o céu. Foi o último grito deles nessa vida, quando seus corpos foram despedaçados pela horda Haken muito bem vestida, que ria, zombava, com sua impiedosa arma de matança, a *Dominie Dirtch*.

Uma das mulheres mais velhas gritou com o horror daquilo. O Mestre Spink ainda estava sobre Fitch. Naquele exato momento, Fitch não estava tão orgulhoso de seu uniforme de mensageiro quanto estivera mais cedo, quando as outras pessoas ficaram sussurrando uns com os outros quando ele sentou.

– Vejo que você conseguiu um novo uniforme, Fitch. – Mestre Spink falou com uma voz que fez o sangue de Fitch ficar gelado.

Fitch sabia que deveria falar alguma coisa.

– Sim, Senhor. Embora eu fosse um modesto ajudante de cozinha Haken, o Mestre Campbell foi muito bondoso em me dar um emprego de mensageiro. Ele quer que eu use esse uniforme para que todos os Hakens possam ver que com ajuda Ander podemos fazer melhor. Ele também quer que os mensageiros representem bem o escritório dele enquanto ajudamos em seu trabalho de espalhar a palavra do bom trabalho do Ministro da Cultura para nosso povo.

O Mestre Spink esbofeteou Fitch no lado da cabeça, derrubando-o do banco.

– Não responda para mim! Não estou interessado em suas desculpas Haken!

– Sinto muito, Senhor. – de quatro, ele sabia muito bem que não deveria levantar.

– Hakens sempre possuem desculpas para seus crimes de ódio. Você está usando um belo uniforme, exatamente como aqueles Soberanos Haken assassinos gostavam de usar, e você adora isso do mesmo jeito que eles, e então tenta fazer parecer que não gosta.

– Até os dias de hoje, nós Anders sofremos dolorosamente sob a incessante tortura do ódio Haken. Sem dúvida, cada olhar de um Haken transmite isso. Talvez nunca fiquemos livres disso. Sempre tem Hakens vestindo uniformes que eles gostam de usar para nos lembrar dos Soberanos Haken.

– Você prova sua desprezível natureza Haken tentando defender aquilo que é indefensável, a sua própria arrogância, o orgulho de si mesmo, seu orgulho em um uniforme. Todos vocês anseiam em serem Soberanos Haken. Todos os dias, como Anders, devemos sofrer tal abuso Haken.

– Me perdoe, Mestre Spink. Eu estava errado. Eu vesti isso por orgulho. Estava errado em permitir que minha natureza pecaminosa Haken me governe.

O Mestre Spink grunhiu mostrando desprezo, mas então continuou com a lição. Sabendo que merecia mais, Fitch suspirou, feliz por ser deixado em paz tão facilmente.

– Com os homens assassinados, as mulheres e crianças do vilarejo ficaram indefesas.

As botas batiam, tum, tum, quando o homem começou a andar novamente, entre os Hakens sentados em bancos simples. Somente depois que ele estava bem longe Fitch ousou levantar e sentar no banco mais uma vez. Seu ouvido zumbia bastante, como daquela vez em que Beata bateu nele. As palavras do Mestre Spink perfuravam através daquele som.

– Sendo Hakens, é claro, eles decidiram atravessar o vilarejo e conseguirem sua maligna diversão.

– Não! – uma mulher lá no fundo gritou. Ela começou a chorar.

Com as mãos cruzadas atrás das costas, o Mestre Spink continuou caminhando, ignorando a interrupção. Frequentemente aconteciam interrupções assim.

– Os Hakens, desejando um banquete, foram até o vilarejo. Estavam com vontade de comer um pouco de carne assada.

Alguns caíram de joelhos, tremendo de medo pelas pessoas que passaram a conhecer. Bancos por toda a sala arrastaram contra o chão quando a maioria das outras pessoas na sala também ajoelharam. Fitch juntou-se a elas.

– Mas era um vilarejo pequeno, como vocês sabem. Depois que os Hakens mataram os animais, perceberam que não havia carne suficiente. Hakens, sendo Hakens, não ficaram sem uma solução por muito tempo. As crianças foram amarradas.

Aquilo que Fitch mais queria era que a lição acabasse. Não sabia se conseguiria suportar ouvir mais. Aparentemente, algumas das mulheres pensavam da mesma forma. Elas encostaram os rostos no chão, com as mãos cruzadas, enquanto choravam e rezavam aos bons espíritos para que eles cuidassem daquelas pobres pessoas Ander inocentes assassinadas.

– Todos vocês sabem os nomes daquelas crianças. Agora vamos dar a volta na sala e cada um de vocês vai me dar um daqueles nomes que aprenderam, para que não esqueçamos daquelas vidas jovens que foram tomadas tão dolorosamente. Cada um de vocês vai me dar o nome de uma das crianças daquele vilarejo, garotinhas e garotinhos, que foram assados vivos na frente das suas mães.

Mestre Spink começou na última fileira. Cada uma das pessoas, quando ele apontava, falava o nome de uma daquelas crianças, depois disso, a maioria suplicava que os bons espíritos cuidassem delas. Antes que tivessem permissão de partir, Mestre Spink descreveu o horror de ser queimado vivo, os gritos, a dor, e quanto

tempo levou para as crianças morrerem. Quanto tempo levou para que seus corpos ficassem assados.

Foi um feito tão apavorante e sinistro que a certo ponto, mesmo que por um breve momento, Fitch considerou, talvez pela primeira vez, se a história poderia realmente ser verdadeira. Teve dificuldade em imaginar alguém, mesmo os brutais Soberanos Haken, fazendo uma coisa tão horrível.

Mas o Mestre Spink era um Ander. Não mentiria para eles. Não sobre algo tão importante quanto história.

– Uma vez que está ficando tarde, – o Mestre Spink disse, depois que todos tinham falado o nome de uma criança. – deixaremos a história daquilo que os invasores Haken fizeram com aquelas mulheres para a próxima Reunião. As crianças, talvez, tiveram sorte por não terem que ver suas mães sendo usadas para tais perversões como as que os Hakens cometeram.

Fitch, junto com o resto das pessoas atrás dele, correram pelas portas quando foram dispensados, felizes em escapar, durante essa noite, da lição de Penitência. Ele nunca sentiu-se tão agradecido em sentir o frio ar noturno. Estava sentindo-se quente e enjoado enquanto as imagens de uma morte como aquelas crianças sofreram continuava girando em sua cabeça. Pelo menos o ar frio causava uma sensação boa em seu rosto. Ele lançou o ar puro dentro de seus pulmões.

Enquanto estava apoiado contra uma árvore fina ao lado do caminho que levava até a estrada, esperando recuperar a firmeza em suas pernas, Beata saiu pela porta. Fitch endireitou o corpo. Havia bastante luz vindo da porta aberta e das janelas então ela não teria dificuldade em vê-lo em seu novo uniforme de mensageiro. Esperava que Beata considerasse ele mais atraente do que o Mestre Spink.

– Boa noite, Beata.

Ela parou. Olhou para ele dos pés até a cabeça, observando suas roupas.

- Fitch.
- Você parece adorável esta noite, Beata.
- Pareço do mesmo jeito de sempre. – ela colocou os punhos nos quadris.
- Vejo que você está apaixonado por si mesmo em um belo uniforme.

De repente Fitch perdeu sua habilidade de pensar ou falar. Ele sempre gostou da aparência dos mensageiros em seus uniformes, e tinha pensado que ela também gostaria. Estivera com esperança de ver o sorriso dela, ou algo assim. Ao invés disso, ela olhou para ele com raiva. Agora ele desejava mais do que tudo simplesmente ter seguido direto para casa.

- O Mestre Dalton ofereceu uma posição...
- E suponho que você ficará ansioso pela próxima Reunião de Penitência para poder ouvir sobre aquilo que aquelas bestas Haken em seus belos uniformes fizeram com aquelas mulheres indefesas. – ela inclinou na direção dele. – Vai gostar disso. Vai ser quase tão divertido para você quanto se estivesse lá observando.

Fitch ficou de boca aberta quando ela bufou e saiu andando furiosa dentro da noite.

Outras pessoas que desciam a rua viram a chicotada com a língua que ela deu nele, um Haken imundo. Elas sorriram com satisfação, ou simplesmente riram dele. Fitch enfiou as mãos nos bolsos quando virou as costas para a estrada e encostou um dos ombros contra a árvore. Ficou refletindo enquanto esperava que todos fossem cuidar dos seus próprios assuntos.

Era uma hora de caminhada até a Propriedade. Ele queria ter certeza de que todos que estavam voltando para lá tivessem partido para que ele pudesse caminhar sozinho e não ter que conversar com ninguém. Pensou em comprar um pouco de bebida. Ainda tinha algum dinheiro sobrando. Se não, voltaria e encontraria Morley, e os

dois beberiam. De um jeito ou de outro, ficar bêbado parecia bom para ele.

Repentinamente a brisa parecia mais fria. Ela fez um calafrio subir em sua espinha. Quase deu um pulo quando a mão pousou em seu ombro. Ele virou e viu que era uma mulher Ander mais velha. Seu cabelo penteado para trás quase até o ombro disse a ele que ela era alguém importante. Faixas grisalhas nas têmporas diziam que ela era idosa; não havia luz suficiente para ver exatamente o quanto era enrugada, mas ele ainda conseguia afirmar que era idosa.

Fitch fez uma reverência para a mulher Ander. Temeu que ela desejasse assumir do ponto em que Beata parou, e depois mandasse ele fazer algum trabalho qualquer.

– Ela é alguém de quem você gosta? – a mulher perguntou.

Fitch foi pego de surpresa pela curiosa pergunta.

– Não sei. – ele declarou.

– Ela foi bastante rude com você.

– Eu mereci, madame.

– Porquê?

Fitch encolheu os ombros.

– Não sei.

Não conseguia entender o que a mulher queria. A maneira como os olhos dela o estudavam causava arrepios, como se ela estivesse escolhendo uma galinha para o jantar.

Ela usava um vestido simples que na luz fraca parecia ter uma cor marrom escura. Tinha botões até o pescoço, diferente do estilo mais revelador que a maioria das mulheres Ander usavam. Seu vestido não fazia ela parecer uma mulher nobre, mas aquele cabelo longo dizia que ela era alguém importante.

De algum modo ela parecia diferente das outras mulheres Ander. Tinha algo nela que Fitch realmente achou estranho: ela usava uma larga faixa negra colada em volta do pescoço, subindo quase até o topo do pescoço.

– Às vezes uma garota fala coisas horríveis quando está com medo de admitir que gosta de um rapaz, temendo que ele não goste dela.

– E às vezes elas falam coisas horríveis porque pretendiam dizer mesmo aquilo.

– Verdade. – ela sorriu. – Ela mora na Propriedade, ou aqui em Fairfield?

– Aqui em Fairfield. Ela trabalha para Inger, o açougueiro.

Ela pareceu ter achado que aquilo era um pouco engraçado.

– Talvez ela esteja acostumada com mais carne nos ossos. Talvez quando você ficar um pouco mais velho e fique um pouco mais forte ela o considere atraente.

Fitch enfiou as mãos de volta nos bolsos. – Talvez.

Ele não acreditou naquilo. Além disso, ele não conseguia imaginar como ficaria forte, como ela disse. Ele concluiu que com a idade que tinha não cresceria muito mais.

Ela recuou um pouco para estudar o rosto dele durante algum tempo.

– Quer que ela goste de você? – finalmente ela perguntou.

Fitch limpou a garganta.

– Bem, às vezes, eu acho. Pelo menos, eu gostaria que ela não me odiasse.

A mulher tinha um daqueles sorrisos como se estivesse contente com alguma coisa, mas ele duvidou que algum dia entenderia.

– Isso poderia ser arranjado.

– Madame?

– Se você gosta dela, e gostaria que ela gostasse de você, isso poderia ser arranjado.

Fitch piscou, surpreso. – Como?

– Uma coisinha colocada dentro daquilo que ela beber, ou comer.

A compreensão surgiu para ele imediatamente. Essa era uma mulher com magia. Finalmente ele entendeu porque ela parecia tão estranha. Ouviu dizer que pessoas com magia eram estranhas.

– Está querendo dizer que você conseguiria fazer alguma coisa? Algum feitiço ou algo assim?

O sorriso dela cresceu. – Ou algo assim.

– Comecei a trabalhar para o Mestre Campbell faz pouco tempo. Sinto muito, madame, mas eu não poderia pagar.

– Ah, entendo. – o sorriso dela reduziu. – E se você pudesse pagar?

Antes que ele pudesse responder, ela olhou para o céu, pensativa.

– Ou talvez isso pudesse ficar pronto mais tarde, quando você recebesse. – a voz dela transformou-se em pouco mais do que um sussurro, como se estivesse falando consigo mesma. – Poderia me dar tempo para ver se eu conseguiria descobrir o problema e fazer funcionar novamente.

Ela olhou nos olhos dele. – Que tal isso?

Fitch engoliu em seco. Certamente ele não queria ofender uma mulher Ander, e além disso, uma com o Dom. Ele hesitou.

– Bem, madame, a verdade é que se algum dia uma garota tiver que gostar de mim, eu gostaria que ela gostasse de mim porque gostou de mim, sem ofensa, madame. A sua oferta é muito gentil. Mas não acho que gostaria se uma garota gostasse de mim apenas por causa de um feitiço. Acho que não me sentiria bem com isso, como se apenas a magia pudesse fazer uma garota gostar de mim.

A mulher riu enquanto dava tapinhas nas costas dele. Foi uma risada de prazer suave, não uma risada como se ela estivesse rindo dele. Fitch não imaginava que alguma vez um Ander que estivesse falando com ele tivesse soltado uma risada daquele jeito.

– Bom para você. – ela mostrou ênfase fazendo um gesto com um dedo. – Uma vez um mago disse para mim a mesma coisa, faz

muito tempo.

– Um mago! Isso deve ter sido assustador. Encontrar com um mago, eu quero dizer.

Ela encolheu os ombros.

– Na verdade não. Ele era um bom homem. Eu era uma garotinha na época. Nasci com o Dom, você sabe. Ele disse para sempre lembrar que a magia não era substituta para o verdadeiro carinho que as pessoas sentem por você, por aquilo que você é.

– Não sabia que havia magos aqui perto.

– Não aqui. – ela disse. Balançou uma das mãos dentro da noite.

– Lá em Aydindril.

As orelhas dele levantaram.

– Aydindril? Ao Nordeste?

– Nossa, mas você é uma pessoa esperta. Sim. A Nordeste. Na Fortaleza do Mago. – Ela levantou uma das mãos. – Eu sou Franca. E você?

Fitch pegou a mão dela e segurou-a levemente enquanto descia sobre um joelho e fazia uma grande reverência.

– Eu sou Fitch, madame.

– Franca.

– Madame?

– Franca. Esse é meu nome. Eu disse meu nome, Fitch, então pode me chamar pelo nome.

– Sinto muito, madame, quer dizer, Franca.

Ela soltou sua leve risada outra vez.

– Bem, Fitch, foi um prazer conhecê-lo. Devo retornar até a Propriedade. Suponho que você vai sair para ficar bêbado. Parece que isso é o que rapazes na sua idade gostam de fazer.

Fitch tinha que admitir que a ideia de ficar bêbado soou muito boa para ele. Porém, a possibilidade de ouvir sobre a Fortaleza do Mago pareceu intrigante.

– Acho que seria melhor eu voltar para a Propriedade. Se você não se importar em ter um Haken caminhando com você, Ficaria muito feliz em acompanhá-la. Franca. – ele adicionou, ao pensar novamente.

Ela estudou o rosto dele outra vez daquele jeito que o deixou inquieto.

– Eu tenho o Dom, Fitch. Isso significa que sou diferente da maioria das pessoas, e então a maioria das pessoas, tanto Ander quanto Haken, me enxergam da maneira que a maioria do povo Ander enxerga você porque você é Haken.

– Eles fazem isso? Mas você é uma Ander.

– Ser Ander não é suficiente para superar o estigma de ter magia. Sei qual é a sensação das pessoas não gostarem de você sem conhecerem nada a seu respeito.

– Eu ficaria muito feliz em ter você caminhando comigo, Fitch.

Fitch sorriu, em parte por causa do choque de perceber que estava conversando com uma mulher Ander, uma conversa de verdade, e em parte pelo choque de que Anders não gostariam dela, outra Ander, porque ela possuía magia.

– Mas eles não a respeitam porque você tem magia?

– Eles ficam com medo de mim. O medo pode ser bom, e ruim. Bom, porque mesmo que as pessoas não gostem de você, pelo menos elas o tratam bem. Ruim, porque as pessoas geralmente tentam derrubar aquilo que elas temem.

– Nunca vi a coisa dessa maneira.

Ele pensou sobre o quanto sentiu-se bem quando Claudine Winthrop chamou-o de Senhor. Ela só fez aquilo porque estava com medo, ele sabia, mas isso ainda fazia ele sentir-se bem. Porém, ele não entendeu a outra parte do que Franca disse.

– Você é muito sábia. A magia faz isso? Deixar uma pessoa sábia?

Ela soltou outra risada, como se o considerasse tão divertido quanto um peixe com pernas.

– Se ela fizesse isso, então eles a chamariam de Fortaleza do Homem Sábio, ao invés de Fortaleza do Mago. Talvez algumas pessoas fossem mais sábias, se não tivessem nascido com o suporte da magia.

Ele nunca conheceu alguém que tivesse estado em Aydindril, muito menos na Fortaleza do Mago. Mal conseguia acreditar que uma pessoa com magia conversaria com ele. Até certo ponto, estava preocupado porque não sabia nada sobre magia e imaginava que se ela ficasse zangada poderia machucá-lo. De qualquer maneira, achou que ela era fascinante, mesmo sendo velha.

Eles começaram a caminhar em silêncio descendo a estrada em direção a Propriedade. Às vezes o silêncio o deixava nervoso. Ficou imaginando se ela conseguiria dizer o que ele estava pensando com sua magia.

Fitch olhou para ela. Ela não parecia estar prestando nenhuma atenção aos pensamentos dele. Apontou para a garganta dela.

– Você se importa se eu perguntar que coisa é essa, Franca? Essa faixa que você usa na garganta? Nunca vi ninguém usando alguma coisa assim. Isso tem alguma coisa a ver com magia?

Ela riu bem alto.

– Você sabia, Fitch, que é a primeira pessoa em muitos anos a perguntar sobre isso? Mesmo que seja porque você não sabe o bastante para ter medo de fazer uma pergunta pessoal assim para uma feiticeira.

– Sinto muito, Franca. Eu não pretendia falar nada ofensivo.

Ele começou a ficar preocupado que tivesse stupidamente falado algo que a deixasse zangada. Certamente não queria deixar uma mulher Ander, e além disso uma mulher com magia, com raiva dele. Ela ficou em silêncio durante algum tempo enquanto

caminhavam pela estrada. Fitch enfiou as mãos suadas de volta nos bolsos. Finalmente ela falou novamente.

– Não é isso, Fitch. Ofensivo, quero dizer. É que isso apenas traz lembranças ruins.

– Sinto muito, Franca. Eu não devia ter falado. Às vezes eu falo coisas estúpidas. Sinto muito.

Estava desejando que tivesse escolhido ficar bêbado ao invés disso.

Depois de mais alguns passos, ela parou e virou para ele.

– Não, Fitch, isso não foi estúpido. Aqui.

Enfiou o dedo na faixa da garganta e abaixou-a para que ele pudesse ver. Embora estivesse escuro, havia lua e ele conseguiu ver uma grossa linha tufada, toda branca e com aparência de cera, ao redor do pescoço dela. Parecia uma cicatriz horrível para ele.

– Uma vez, algumas pessoas tentaram me matar. Porque eu tenho magia. – a luz do luar cintilou nos olhos úmidos dela. – Serin Rajak e os seguidores dele.

Fitch nunca ouviu aquele nome.

– Seguidores?

Ela levantou a faixa outra vez. – Serin Rajak odeia magia. Ele tem seguidores que pensam da mesma forma. Eles incentivam as pessoas contra aqueles que possuem magia. Fazem eles ficarem em um estado de ódio selvagem e com sede de sangue.

Não há nada mais terrível do que uma multidão de homens quando eles enfiam em suas cabeças que desejam machucar alguém. Aquilo que alguém sozinho não teria coragem de fazer, juntos eles podem facilmente decidir que é certo e então realizar. Uma multidão ganha mente própria, uma vida própria. Exatamente como uma matilha de cães perseguindo algum animal solitário.

– Rajak me capturou e colocou uma corda em volta do meu pescoço. Amarraram minhas mãos atrás das costas. Encontraram

uma árvore, jogaram a outra ponta da corda sobre um galho, e me suspenderam com aquela corda em volta do meu pescoço.

Fitch estava horrorizado. – Queridos espíritos, isso deve ter sido terrivelmente doloroso.

Ela não parecia escutar enquanto olhava para o vazio.

– Estavam empilhando gravetos debaixo de mim. Queriam fazer uma grande fogueira. Antes que pudessem acender o fogo, eu consegui fugir.

Os dedos de Fitch foram até a garganta dele, esfregando seu pescoço enquanto tentava imaginar como era estar pendurado por uma corda no pescoço.

– Esse homem, Serin Rajak. Ele é um Haken?

Ela balançou a cabeça enquanto eles começaram a andar novamente.

– Você não precisa ser Haken para ser mau, Fitch.

Andaram em silêncio durante algum tempo. Fitch teve a sensação de que ela estava distante, em algum lugar nas suas lembranças de estar pendurada com uma corda ao redor da garganta. Ele ficou imaginando porque ela não sufocou até a morte. Talvez a corda não estivesse apertada, ele concluiu, amarrada com um nó que mantivesse o laço. Imaginou como ela escapou. Entretanto, sabia que havia perguntado o bastante sobre isso, e não ousou perguntar mais.

Ele escutou os fragmentos de pedra estalando debaixo das botas. De vez em quando, ele olhava cautelosamente. Ela não parecia mais estar feliz, como estava no início. Desejou que tivesse guardado sua pergunta para si mesmo.

Finalmente, pensou em talvez perguntar a ela sobre algo que tinha feito ela sorrir anteriormente. Além disso, foi por isso que ele realmente desejou caminhar com ela em primeiro lugar.

– Franca, como era a Fortaleza do Mago?

Ele estava certo; ela sorriu mesmo.

– Enorme. Você não consegue nem imaginar, e eu não poderia dizer a você o tamanho dela. Ela fica sobre uma montanha com vista ampla de Aydindril, além de uma ponte de pedra cruzando um precipício com milhares de pés de profundidade. Parte da Fortaleza é cortada na própria montanha. Tem paredes entalhadas erguendo-se como penhascos. Largas muralhas, mais largas do que essa estrada, seguem por várias estruturas. Torres elevam-se acima da Fortaleza, aqui e ali. Era uma coisa magnífica.

– Você já viu algum *Seeker* da Verdade? Já viu a Espada da Verdade, quando estava lá?

Ela franziu a testa.

– Para dizer a verdade, eu vi. Minha mãe era uma feiticeira. Ela foi até Aydindril para falar com o Primeiro Mago sobre alguma coisa, o quê, eu não tenho ideia. Nós cruzamos uma daquelas muralhas até o enclave do Primeiro Mago na Fortaleza. Ele tem um lugar separado onde havia maravilhas de todos os tipos. Lembro daquela espada brilhante.

Ela parecia contente em contar a ele sobre aquilo, então ele perguntou.

– Como era? O enclave do Primeiro Mago? E a Espada da Verdade?

– Bem, deixe-me ver... – ela colocou um dedo no queixo para pensar durante um momento antes de começar a sua história.

CAPÍTULO 37



Quando Dalton Campbell esticou-se para molhar a pena, viu as pernas de uma mulher caminhando através do portal de entrada para o seu escritório. Pelos tornozelos grossos ele soube antes de levantar os olhos que era Hildemara Chanboor. Se havia uma mulher com pernas menos atraentes, ainda precisava encontrá-la.

Baixou a pena e levantou com um sorriso.

– Lady Chanboor, por favor, entre.

No escritório externo, os raios de sol da manhã revelaram Rowley de serviço, preparado para chamar os mensageiros caso Dalton pedisse por eles. Não tinha feito isso até o momento, mas com Hildemara Chanboor fazendo uma visita, isso eventualmente parecia mais provável.

Quando ela fechou a porta, Dalton deu a volta em sua escrivaninha e puxou uma confortável cadeira fazendo um convite. Ela usava um vestido de lã cor de palha. A cor do vestido transmitia uma palidez doentia para sua pele. A bainha subia até as panturrilhas em suas pernas gordas retas como pilares.

Hildemara olhou brevemente para a cadeira, mas continuou em pé.

– É muito bom vê-la, Lady Chanboor.

Ela mostrou um sorriso. – Oh, Dalton, você precisa ser tão formal? Conhecemos um ao outro faz bastante tempo para que você possa me chamar de Hildemara. – ele abriu a boca para agradecer, mas ela adicionou. – Quando estamos sozinhos.

– É claro, Hildemara.

Hildemara Chanboor nunca fazia visitas para perguntar a respeito de coisas tão mundanas quanto assuntos de trabalho. Ela só chegava como um vento frio antes de uma tempestade. Dalton decidiu que era melhor deixar o clima feio se formar por sua própria conta, sem ajuda dele, como algum mago que o invocasse. Também achou que seria melhor manter o encontro em um nível mais formal, independente da indulgência com o nome dela.

A testa dela franziu, como se a sua atenção fosse distraída. Moveu a mão para mexer em um possível fio solto no ombro. Raios de sol banhando as janelas cintilaram nas joias nos dedos dela, e o colar de rubis vermelho sangue pendurado na extensão de pele exposta sobre o peito dela. O vestido não era tão decotado quanto aqueles usados ultimamente em banquetes, mesmo assim ele ainda considerou o seu decote menos do que refinado.

Com um toque delicado de mulher, Hildemara retirou aquilo e então alisou o vestido. Dalton olhou, mas não viu nada. Parecendo estar satisfeita, a mão dela pressionou suavemente o tecido do fino casaco dele no ombro.

– Ora, ora, Dalton, ma você tem belos ombros. Tão musculosos e firmes. – Olhou dentro dos olhos dele. – Sua esposa é uma mulher de sorte por ter um homem tão bem favorecido.

– Obrigado, Hildemara. – a cautela dele evitou que falasse outra palavra.

A mão dela moveu-se até a bochecha dele, seus dedos enfeitados com joias deslizando sobre o lado do rosto dele.

– Sim, ela é uma mulher de muita sorte.

– E o seu marido é um homem de sorte.

Rindo, ela afastou a mão.

– Sim, ele geralmente tem sorte. Mas, como dizem, o que normalmente é considerado sorte geralmente é apenas o resultado da prática incessante.

– Sábias palavras, Hildemara.

A risada cínica evaporou e logo ela retornou com a mão para o colar, arrumando ele, como se ele precisasse de arrumação. A mão dela deslizou para o lado do pescoço dele, um dedo esfregando a borda da orelha dele.

– O que eu escuto falarem é que sua esposa é fiel a você.

– Eu sou um homem de sorte, minha lady.

– E que você é igualmente fiel a ela.

– Tenho profundo carinho por ela, e também respeito os votos que fizemos.

– Que coisa rara. – o sorriso dela cresceu. Ela beliscou a bochecha dele. Dalton considerou aquilo mais severo do que uma brincadeira. – Bem, algum dia espero convencê-lo a ser um pouco menos... limitado, em suas atitudes, podemos dizer assim.

– Se alguma mulher poderia abrir meu olhos para uma atitude mais ampla, Hildemara, seria você.

Ela deu um tapinha na bochecha dele, a risada cínica retornou.

– Oh, Dalton, mas você é um homem excepcional.

– Obrigado, Hildemara. Vindo de você isso é um verdadeiro elogio.

Ela inspirou profundamente como se desejasse mudar o humor.

– E você fez um trabalho excepcional com Claudine Winthrop e o Diretor Linscott. Ora, nunca imaginei que alguém pudesse cuidar de dois problemas ao mesmo tempo com tanta habilidade.

– Faço o melhor que posso pelo Ministro e sua adorável esposa.

Ela olhou para ele com fria avaliação.

– A esposa do Ministro foi bastante humilhada pela língua solta da mulher.

– Não acredito que ela cometerá mais algum...

– Quero que acabem com ela.

Dalton inclinou a cabeça.

– Como é?

A expressão de Hildemara Chanboor ficou azeda.

– Mate-a.

Dalton endireitou o corpo e cruzou as mãos atrás das costas.

– Posso perguntar a razão pela qual você pede uma coisa assim?

– Aquilo que o meu marido faz é assunto dele. O Criador sabe que ele é o que é e nada além da castração mudará isso. Mas não aceitarei mulheres me humilhando diante de toda a casa fazendo com que eu pareça uma tola. Indulgências discretas são uma coisa; histórias ventiladas publicamente para me transformarem no alvo de sussurros e piadas é uma coisa muito diferente.

– Hildemara, não acredito que a conversa de Claudine tinha qualquer objetivo de colocá-la em desvantagem, nem deveria, mas ao invés disso ela queria denunciar Bertrand por conduta inapropriada. Entretanto, posso assegurar-lhe que ela foi silenciada e perdeu sua posição de confiança entre pessoas de autoridade.

– Ora, ora, Dalton, mas você não é uma pessoa galante?

– De modo algum, Hildemara. Só espero mostrar a você...

Ela segurou o colar novamente, seu comportamento não estava mais gentil.

– Ela tornou-se reverenciada por pessoas tolas que realmente acreditam naquele monte de bobagens sobre crianças passando fome e colocar homens para trabalhar com a lei dela. Eles se amontoam na porta dela buscando o apoio dela em variado número de causas.

– Tal reverência das pessoas é perigosa, Dalton. Isso fornece a ela poder. Porém, o pior foi a natureza das acusações que ela fez. Estava falando para as pessoas que Bertrand a tomou a força. Isso significa estupro.

Ele sabia aonde ela queria chegar, mas preferiu que ela colocasse isso em palavras, e claras desculpas para suas ordens. Mais tarde isso forneceria a ele mais flechas caso precisasse delas e menos espaço para que ela negasse, ou para abandoná-lo no meio dos lobos, se isso atendesse aos propósitos dela ou pior, ao seu humor.

– Uma acusação de estupro dificilmente causaria mais do que um bocejo do povo. – Dalton falou. – Eu poderia facilmente fazer com que eles vejam tal coisa como a prerrogativa de um homem em uma posição de grande poder que precisava de uma simples e inofensiva liberação da tensão. Ninguém iria atribuir a ele um ato sem uma vítima. Eu conseguiria provar facilmente que o Ministro está acima da lei comum.

O punho dela apertou no colarinho dele.

– Mas Claudine poderia ser levada até o Escritório de Relações Culturais e convidada a testemunhar. Os diretores temem o poder de Bertrand, e sua habilidade. Eles também sentem inveja de mim. Caso eles decidissem, poderiam apoiar a causa da mulher como ofensiva ao Criador, mesmo, mesmo que fora da lei comum.

– Uma suposta ofensa assim contra o Criador poderia desqualificar Bertrand da consideração para Soberano. Os Diretores poderiam juntar forças e tomar uma posição, repentinamente nos deixando impotentes e dependentes da misericórdia deles. Nós todos poderíamos estar lá fora procurando novos aposentos antes que soubéssemos o que aconteceu.

– Hildemara, eu acho...

Ela puxou o rosto dele mais perto.

– Quero que ela seja morta.

Dalton sempre achou que a natureza gentil e generosa de uma mulher simples poderia torná-la tremendamente charmosa. O outro lado daquela moeda era Hildemara; a tirania egoísta dela e ódio sem limites contra qualquer um que estivesse no caminho de sua ambição corrompia qualquer aspecto charmoso que ela possuía transformando aquilo em irrecuperável feiura.

– É claro, Hildemara. Se esse é o seu desejo, então será feito. – Dalton removeu a mão dela do colarinho gentilmente. – Alguma instrução em particular sobre como você gostaria que isso fosse realizado?

– Sim. – ela sibilou. – Nenhum acidente, nesse feito. Isso é um assassinato e deveria parecer um assassinato. Não há valor na lição se as outras parceiras de cama do meu marido não conseguirem captar a mensagem. Quero que seja sujo. Algo que abra os olhos das mulheres. Nada daquele negócio de morrer dormindo pacificamente.

– Entendo.

– Nossas mãos devem parecer inteiramente limpas nisso. Sob nenhuma circunstância a suspeita pode apontar para o escritório do Ministro, mas quero que seja uma lição para aquelas que podem considerar sacudirem suas línguas.

Dalton já tinha um plano em mente. Isso atenderia os requisitos. Ninguém acharia que foi um acidente, certamente seria sujo, e ele sabia exatamente para onde os dedos apontariam, caso ele precisasse que alguns dedos apontassem.

Ele teve que admitir que Hildemara tinha argumentos válidos. Os Diretores haviam mostrado o brilho do machado do Ministro. Eles podem decidir balançar um machado eles mesmos para atender seus próprios interesses.

Claudine poderia gerar mais problemas. Não era sábio permitir conscientemente um perigo em potencial permanecer à solta. Ele lamentava o que tinha que ser feito, mas não podia discordar que isso precisava ser feito.

– Como desejar, Hildemara.

O sorriso dela fez outra visita ao seu rosto.

– Você esteve aqui faz pouco tempo, Dalton, mas passei a ter grande respeito por sua habilidade. E também, se existe uma coisa na qual confio a respeito de Bertrand, é na habilidade dele em encontrar pessoas que conseguem fazer o trabalho necessário.

– Ele tem que ser bom em escolher pessoas para cuidar do trabalho adequadamente, você sabe, ou ele poderia ter que cuidar dos assuntos ele mesmo, e isso exigiria que ele abrisse mão dos

quadris de seja lá quem fosse que o estivesse fascinando no momento.

– Acredito que você não chegou onde está sendo sensível demais, não é Dalton?

Ele sabia sem dúvida que ela fizera discretas perguntas sobre a competência dele. Ela já saberia que ele estava apto para realizar a tarefa. Além disso, ela não arriscaria um trabalho assim se não tivesse certeza de que ele o honraria. Tinha outros aos quais ela podia ter recorrido.

Com bastante cuidado, ele lançou uma nova linha em sua teia.

– Você pediu um favor a mim, Hildemara. O favor está dentro da minha capacidade.

Isso não era um favor, e os dois sabiam disso; era uma ordem. Mesmo assim, ele queria aproximá-la mais ainda daquele feito, mesmo que apenas na mente dela, e uma semente assim criaria raízes.

Ordenar um assassinato era muito pior do que qualquer acusação de um insignificante estupro. Algum dia ele poderia precisar de algo que estivesse dentro da esfera de influência dela.

Ela sorriu com satisfação quando segurou as bochechas dele.

– Sabia que você era o homem certo para o trabalho. Obrigada, Dalton.

Ele inclinou a cabeça.

Como o sol escondendo-se atrás de uma nuvem, a expressão dela ficou sombria. Sua mão deslizou descendo pelo rosto até que um dedo levantou o queixo dele.

– E tenha em mente que embora eu possa não ter o poder de castrar Bertrand, posso castrar você, Dalton. Na hora que me agradar.

Dalton sorriu.

– Então é melhor eu ter certeza de não dar a você motivo para isso, minha lady.

CAPÍTULO 38



Fitch coçou o braço através de sua roupa velha encrostada de ajudante de cozinha. Ele nunca percebeu que elas eram trapos até usar o seu uniforme de mensageiro durante algum tempo. Ele saboreou o respeito que recebeu como mensageiro. Não era como se ele fosse importante ou algo assim, mas a maioria das pessoas respeitava mensageiros como alguém com uma responsabilidade; ninguém respeitava ajudantes de cozinha.

Ele odiava vestir novamente suas roupas velhas. Parecia como se estivesse retornando para sua antiga vida, e ele jamais queria voltar para aquilo. Gostava de trabalhar para Dalton Campbell, e faria qualquer coisa para manter esse emprego.

Entretanto, para isso, era necessário usar suas roupas velhas.

A doce melodia de um alaúde ondulava de uma hospedaria distante. Provavelmente da taverna Jolly Man, lá na Rua Wavern, ele imaginou. Eles geralmente tinham um menestrel cantando ali.

O som agudo de uma flauta de junco cortava através da noite de forma intermitente. Às vezes a flauta ficava em silêncio, e então o menestrel cantava baladas cujas palavras eram ininteligíveis por causa da distância. Porém, a melodia, era veloz, agradável e fazia o coração de Fitch bater mais rápido.

Olhou para trás por cima do ombro e viu os rostos amargos dos outros mensageiros sob a luz da lua. Eles também estavam de volta nas roupas de sua vida anterior. Fitch pretendia continuar em sua

vida nova. Ele não desapontaria os outros homens. Não importa o que acontecesse, ele não os desapontaria.

Eles pareciam um grupo sujo, pareciam mesmo. Vestidos como estavam, ninguém os reconheceria. Ninguém conseguiria diferenciá-los de qualquer um dos outros homens Haken de cabeça vermelha usando trapos.

Sempre havia homens Haken jovens em Fairfield, esperando que alguém os contratasse para alguma tarefa.

Frequentemente eles eram expulsos das ruas onde ficavam reunidos. Alguns seguiam até o campo para ajudar no trabalho em fazendas, alguns encontravam trabalho em Fairfield pelo menos por um dia, alguns ficavam atrás de construções para beberem, e alguns esperavam no escuro para assaltar as pessoas. Esses, porém, não viviam muito se fossem capturados pelos guardas da cidade, e geralmente eram pegos.

As botas de Morley chiaram quando ele jogou o peso do corpo enquanto agachava ao lado de Fitch. Fitch, como o resto dos homens, usava suas botas para isso, mesmo que elas fossem parte de seu uniforme; as pessoas não conseguiriam identificar nada através das botas.

Embora Morley ainda não fosse um mensageiro, Mestre Campbell tinha pedido que ele se juntasse a Fitch e os outros que não saíram para lugares distantes com mensagens. Morley ficou desapontado por não ter conseguido ser um mensageiro junto com Fitch. Fitch falou para ele aquilo que Mestre Campbell falou sobre Morley ser útil de vez em quando para vários trabalhos, e como ele algum dia acabaria fazendo parte do serviço de mensagens. Por enquanto, isso era uma esperança boa o bastante para Morley.

Os novos amigos de Fitch entre os mensageiros eram bons, mas ele estava feliz em ter a companhia de Morley. Ele e Morley foram ajudantes de cozinha juntos durante muito tempo.

Isso tinha algum significado. Quando você ficou bêbado com alguém durante anos, essa era uma forte ligação, da maneira como Fitch considerava. Morley pareceu sentir o mesmo e estava feliz por ter sido chamado para poder provar seu valor.

Independente do seu medo, Fitch também não queria desapontar Dalton Campbell. Mais do que isso, para essa tarefa, ele e Morley tinham um bom motivo.

Para eles, diferente dos outros homens, isso era pessoal. Ainda assim, isso fazia as palmas de Fitch suarem e ele precisava esfregá-las nos joelhos de vez em quando.

Morley cutucou Fitch. Fitch olhou para a estrada fracamente iluminada do lado de fora da fila de construções de pedra com dois e três andares. Ele viu Claudine Winthrop caminhar para fora sobre a plataforma colada na frente de uma delas. Havia um homem ao lado dela, exatamente como Mestre Campbell tinha falado que haveria, um Ander finamente vestido carregando uma espada. Pela bainha fina ela parecia uma espada leve. Veloz, mas mortal, Fitch imaginou enquanto desferia alguns golpes com ela em sua mente.

Rowley, em sua roupa de mensageiro, caminhou até o alto homem Ander quando desceu da plataforma e entregou a ele uma mensagem enrolada. Rowley e o homem falaram enquanto ele quebrava o selo e desenrolava o papel, mas Fitch estava longe demais para ouvir as palavras.

A música de uma hospedaria longe aumentou. No Jolly Man, o menestrel cantava e tocava seu alaúde e a flauta.

As pessoas, a maioria usando uma capa leve ou xale, conversavam e riam enquanto subiam e desciam a rua.

Homens em algum lugar em um corredor riam todos juntos de vez em quando. Carruagens com topos curvados carregavam pessoas bem vestidas. Cavalos e carroças passavam, chiando e estalando, ampliando a confusão de sons nos limites de Fairfield.

O homem enfiou o papel no bolso do seu gibão escuro quando virou para Claudine Winthrop, gesticulando enquanto falava palavras que Fitch não conseguia ouvir. Ela olhou para a estrada subindo dentro de Fairfield, e então balançou a cabeça. Levantou uma das mãos na direção da Propriedade, na direção da estrada onde Fitch e os outros mensageiros com suas roupas velhas aguardavam. Ela estava sorrindo e parecia estar com bom humor.

Então o homem com ela segurou a sua mão, balançando-a enquanto parecia desejar boa noite. Ela acenou despedindo-se enquanto ele descia rapidamente a estrada entrando na cidade.

Dalton Campbell tinha enviado a mensagem com Rowley. Agora que a mensagem foi entregue, Rowley desapareceu nas ruas. Rowley os instruiu exatamente como isso deveria acontecer. Rowley sempre os orientava. Se Mestre Campbell não estava por perto, Rowley sempre sabia o que fazer.

Fitch gostava de Rowley. Para um Haken, o jovem parecia bastante confiante. Dalton Campbell o tratava com respeito, de modo parecido como tratava todos os outros, mas talvez um pouco mais. Se Fitch fosse cego poderia pensar que Rowley era Ander. Exceto que ele tratava Fitch com gentileza, mesmo que fosse de uma maneira formal de trabalho.

Claudine Winthrop, sozinha, virou para a estrada de volta para a Propriedade. Dois dos guardas que patrulhavam a cidade, grandes homens Ander armados com bastões, caminharam lentamente subindo a rua e observaram ela partir. Não era uma grande distância. Apenas uma hora de caminhada, aproximadamente.

A noite estava agradável, quente o bastante para estar confortável, e não tão quente que a caminhada pudesse fazer suar. E a lua estava visível. Uma noite agradável para uma pequena caminhada de volta até a Propriedade. Ela arrumou seu xale cor de creme em volta dos ombros, cobrindo sua pele, embora não houvesse tanta pele exposta quanto Fitch tinha visto antes.

Ela poderia ter sentado em um banco e esperado por uma das carruagens que passavam regularmente de um lado para outro entre a Propriedade e a cidade, mas não sentou. Realmente não havia necessidade. Quando uma carruagem estivesse perto dela enquanto caminhava de volta, ela sempre poderia subir, se estivesse cansada de caminhar.

Rowley estava fora para garantir que a carruagem fosse atrasada com uma viagem.

Fitch esperava com o resto dos homens, onde Rowley disse para eles esperarem, e observassem Claudine Winthrop caminhar subindo rapidamente a estrada. A batida da música ecoava na cabeça de Fitch. O som parecia estar conectado com as batidas do coração dele.

Ele observou-a começar a subir a estrada, seus dedos tamborilando contra seu joelho dobrado enquanto a flauta tocava uma melodia alegre que Fitch conhecia, chamada, *Ao Redor do Poço e de Volta*, sobre um homem que perseguia uma mulher que amava, mas que sempre o ignorava. O homem finalmente estava cansado e a tinha perseguido na canção até conseguir pegá-la. Então ele e a segurou e a pediu em casamento. Ela disse sim. Então o homem perdeu a coragem e agora era ela quem o perseguia ao redor do poço e de volta.

Conforme Claudine andava descendo a estrada, ela parecia menos confortável com sua decisão de caminhar. Olhou para os campos de trigo à sua direita e para o sorgo à sua esquerda. Acelerou o passo enquanto a luz da cidade desaparecia atrás dela. Apenas a luz do luar a acompanhava na faixa de estrada entre os campos silenciosos de cada um dos lados.

Fitch, agachado sobre os calcanhares, podia sentir a si mesmo balançando, seu coração estava batendo com tanta força. Gostaria que não estivesse ali, prestes a fazer o que faria. Sabia que nada jamais seria o mesmo novamente.

Também ficou imaginando se realmente seria capaz de fazer o que disseram a ele para fazer. Imaginava se teria coragem. Afinal de contas, haviam vários outros homens. Na verdade ele não teria que fazer nada. Eles poderiam fazer.

Mas Dalton Campbell queria que ele fizesse. Queria que ele aprendesse o que era necessário quando as pessoas não faziam aquilo que prometeram fazer. Queria que ele fosse parte da equipe de mensageiros.

Precisava fazer isso para ser parte da equipe. Para fazer parte de verdade. Eles não ficariam com medo como ele estava. Não poderia mostrar seu medo.

Estava congelado, observando com os olhos arregalados enquanto ela chegava mais perto, os sapatos dela esmagando pedrinhas na estrada. Ele sentiu o terror crescendo por dentro com aquela ideia. Gostaria de poder virar e correr. Ela ainda estava longe o bastante.

Pareceu tão simples quando ele assentiu diante das instruções de Dalton Campbell.

Pareceu bastante simples quando ele estava em pé ali no escritório de Dalton Campbell, enquanto ele explicava. Dentro da luz. Na luz aquilo fez sentido. Fitch havia tentado ajudá-la com um aviso. Não era culpa dele que ela tivesse agido contra as ordens.

Isso parecia completamente diferente no escuro, lá fora em um campo, enquanto ele a observava, completamente sozinha, chegando mais perto.

Ele cerrou a mandíbula. Não podia desapontar os outros. Ficariam orgulhosos dele por ser tão forte quanto eles. Mostraria para eles que poderia ser um deles.

Essa era sua nova vida. Não queria voltar para a cozinha. Voltar para Gillie torcer sua orelha e censurá-lo por seus vis costumes Haken. Voltar a ser "Fetch", como era antes que Dalton Campbell desse a ele uma chance de provar seu valor.

Fitch quase gritou de medo com o susto quando Morley levantou rapidamente, saltando sobre a mulher.

Antes que tivesse tempo de pensar, Fitch voou atrás de seu amigo.

Claudine arfou. Ela tentou gritar, mas Morley enfiou a mão carnuda sobre a boca da mulher enquanto ele e Fitch cuidavam dela. Fitch bateu o cotovelo no chão dolorosamente quando todos caíram na estrada. O impacto arrancou um grunhido dela quando Morley pousou sobre ela com todo seu peso.

Os braços dela sacudiram. As pernas dela chutaram. Ela tentou gritar, mas não conseguia muita coisa. Eles estavam longe demais para que alguém pudesse escutar mesmo se ela tivesse conseguido.

Ela parecia cheia de cotovelos e joelhos. Contorceu e lutou pela sua vida. Finalmente Fitch agarrou um dos braços dela e torceu ele atrás das costas dela. Morley segurou o outro braço dela e levantou-a. Com uma corda, Fitch amarrou seus pulsos atrás das costas enquanto Morley enfiava um pano em sua boca e amarrava uma mordaca em volta da cabeça dela.

Morley e Fitch, cada um deles segurou debaixo de um braço dela e começaram a arrastá-la descendo a estrada. Ela enfiou os calcanhares no chão, contorcendo-se e puxando. Os outros homens espalhavam-se ao redor. Dois deles agarraram as pernas dela e levantaram ela do chão. Outro homem segurou seu cabelo.

Juntos, os cinco, com os outros em um apertado círculo em volta deles, trotaram cerca de outra meia milha descendo a estrada, para longe da cidade. Claudine Winthrop, na garras do terror, gritava na mordaca. Ela contorceu e tremeu violentamente durante todo o caminho.

Tinha um bom motivo para sentir tal pânico, depois do que tinha feito.

Quando eles estavam fora de vista da cidade e um pouco mais adiante, eles saíram da estrada dobrando à direita, através do campo

de trigo. Queriam estar longe da estrada caso alguém aparecesse. Não queriam que uma carruagem surgisse sobre eles inesperadamente. Não queriam ter que largá-la e sair correndo. Dalton Campbell não gostaria de ouvir que eles estragaram tudo.

Quando eles passaram sobre uma suave ondulação na terra, até onde eles perceberam que ficariam fora de vista e fora do alcance de ouvidos, finalmente soltaram ela no chão. Ela soltou gritos abafados na mordaca. Sob a luz do luar Fitch podia ver os olhos arregalados dela, como um porco diante do açougueiro.

Fitch ofegou, menos pelo esforço do que pelo medo com aquilo que estavam fazendo. Seu coração pulsava nos ouvidos e batia contra seu peito. Podia sentir os joelhos tremendo.

Morley levantou Claudine Winthrop e segurou-a por trás.

– Eu avisei. – Fitch disse. – Você é estúpida? Avisei para nunca dizer para ninguém as suas acusações traiçoeiras contra nosso Ministro da Cultura, o Ministro ter estuprado você é uma mentira, e você falou que iria parar de falar isso, e agora quebrou sua palavra.

Ela estava balançando a cabeça vigorosamente. Que ela estivesse tentando negar apenas deixou Fitch mais determinado.

– Eu disse para você não falar essas mentiras horríveis sobre o nosso Ministro da Cultura! Você disse que não faria isso! Disse que não faria. Agora você agitou sua língua outra vez com aquelas mesma mentiras odiosas.

– Mostre para ela, Fitch. – um dos outros homens falou.

– Está certo. Fitch está certo. – outro disse.

– Você deu uma chance para ela. – falou um terceiro.

Vários deles deram tapinhas nas costas de Fitch. Que eles estivessem orgulhosos dele causava uma sensação boa. Isso fez ele sentir-se importante.

Ela balançou a cabeça. A testa dela estava enrugada formando um amontoado de pele.

– Eles estão certos. – Morley disse enquanto balançava ela. – Eu estava lá. Ouvi ele falar para você. Deveria ter feito o que mandaram. Fitch deu a você uma chance, ele deu.

Ela tentou falar freneticamente na mordação. Fitch puxou a mordação dela abaixo do queixo.

– Não! Nunca fiz isso! Eu juro, Senhor! Nunca falei nada depois que você disse para não falar! Eu juro! Por favor! Tem que acreditar em mim, eu não falaria para ninguém, não depois que você disse para ficar quieta, eu não falaria, não falei!

– Você falou! – os punhos de Fitch fecharam bem apertados. – Mestre Campbell disse que você falou. Agora você está chamando Mestre Campbell de mentiroso?

Ela balançou a cabeça. – Não! Por favor, Senhor, tem que acreditar em mim! – ela começou a gemer. – Por favor, Senhor, eu fiz como você disse.

Fitch estava furioso por ouvir ela negar. Tinha avisado para ela. Deu a ela uma chance. Mestre Campbell deu uma chance a ela, e ela continuou com sua traição.

Mesmo o fato dela o chamar de “Senhor” não causava muita alegria para ele. Mas os homens atrás dele, incentivando-o, sim. Fitch não queria mais ouvir as mentiras dela.

– Falei para manter sua boca fechada! Você não fez isso!

– Eu fiz. – ela falou enquanto chorava, pendurada nos braços de Morley.

– Eu fiz. Por favor, não falei nada para ninguém. Eu nunca falei...

O mais forte que podia, Fitch bateu com o punho no rosto dela. Um golpe direto. Com toda sua força. Ele sentiu osso estalar.

O impacto deixou seu punho formigando, mas foi apenas uma dor muito pequena. Grandes gotas de sangue espalharam-se no rosto dela em jatos.

– Muito bom, Fitch! – Morley gritou, recuando um passo com o golpe. Outros homens concordaram. – Bata nela de novo!

Sentindo orgulho com o elogio, Fitch deixou a fúria assumir o controle. Curvou o braço. Ela estava tentando prejudicar Dalton Campbell e o Ministro, o futuro Soberano. Liberou sua fúria nessa mulher Ander.

O segundo golpe dele no rosto dela arrancou -a das mãos de Morley. Ela caiu de lado no chão. Fitch viu que a mandíbula dela estava deslocada. Não conseguia reconhecer o rosto dela, do jeito que o seu nariz estava esmagado e com todo aquele sangue.

Isso era assustador, de uma maneira distante, como se ele estivesse observando outra pessoa fazendo aquilo.

Como uma matilha de cães, o resto dos homens caiu sobre ela. Morley era o mais forte, e mais feroz. Eles a levantaram. Parecia que todos estavam batendo nela ao mesmo tempo. Sua cabeça balançava para um lado e depois para outro. Curvou o corpo com os socos no estômago. Os homens a espancaram nos rins. Os golpes choveram um atrás do outro, arrancando-a dos braços que a mantinham em pé, jogando-a no chão.

Assim que ela estava caída, todos começaram a chutá-la. Morley chutou atrás da cabeça dela. Outro homem pisou no lado dela. Outros chutaram seu corpo com tanta força que a levantavam do chão, ou ela girava para um lado e para outro. Os sons dos golpes, fortes e secos, quase superavam os grunhidos de esforço.

Fitch, desferindo um chute nas costelas dela, parecia estar em algum lugar tranquilo, observando a coisa toda. Isso causava nojo, mas ao mesmo tempo o excitava. Ele era parte de algo importante, junto com outros homens bons, fazendo um trabalho importante para Dalton Campbell e o Ministro da Cultura, o futuro Soberano.

Mas uma parte dele estava enojada com o que estava acontecendo. Uma parte dele queria correr chorando por causa do

que estava acontecendo. Uma parte dele queria que eles nunca tivessem encontrado ela saindo daquele lugar.

Mas outra parte dele estava loucamente excitada, excitada em fazer parte daquilo, excitada por ser um dos homens.

Não sabia quanto tempo isso continuou. Pareceu uma eternidade.

O forte cheiro de sangue encheu suas narinas e pareceu cobrir sua língua. O sangue saturava as roupas deles. Cobria seus punhos. Estava esparramado em seus rostos.

A experiência emocionante encheu Fitch com uma profunda sensação de camaradagem. Eles riram com a alegria da irmandade.

Quando ouviram o som da carruagem, todos congelaram. Compartilhando a mesma expressão selvagem em seus olhos, todos ficaram ofegando enquanto escutavam.

A carruagem parou.

Antes que tivessem chance de descobrir porque, ou que alguém subisse a colina, todos eles correram, correram para mergulharem em um lago distante, para lavarem o sangue.

CAPÍTULO 39



Dalton levantou os olhos do relatório quando escutou a batida.

– Sim?

A porta abriu e a cabeça de cabelo vermelho de Rowley surgiu.

– Mestre Campbell, tem alguém aqui querendo falar com você. Diz que seu nome é Inger. Diz que é um açougueiro.

Dalton estava ocupado e não estava com humor para tratar de problemas da cozinha. Já tinha bastantes problemas dos quais precisava cuidar. Havia todo tipo de problema, na escala desde os insignificantes até os sérios, que precisavam de sua atenção.

O assassinato de Claudine Winthrop tinha causado grande comoção. Ela era bem conhecida e amplamente considerada. Era importante. A cidade estava agitada. Mas, se uma pessoa soubesse como lidar adequadamente com esse tipo de coisa, a confusão criava oportunidade. Dalton estava em seu elemento.

Certificou-se de que Stein estava falando com os Diretores de Relações Culturais naquele momento do assassinato para que ninguém pudesse lançar qualquer suspeita sobre ele. Um homem com uma capa de escalpos humanos, mesmo se eles fossem obtidos durante a guerra, costumava levantar suspeitas.

A guarda da cidade tinha reportado avistar Claudine Winthrop deixando Fairfield para caminhar de volta até a Propriedade, coisa feita comumente, mesmo durante a noite; era uma estrada bastante movimentada e anteriormente considerada perfeitamente segura. A guarda também reportou que homens jovens Haken estavam

reunidos bebendo naquela noite antes do assassinato. As pessoas concluíram naturalmente que ela foi atacada por Hakens e afirmaram que o incidente era mais uma prova do ódio Haken pelos Anders.

Agora guardas escoltavam pessoas que caminhavam durante a noite.

Havia um coro de exigências para que o Ministro fizesse algo. Edwin Winthrop, dominado pelo choque do assassinato de sua esposa, estava de cama. De sua cama, ele também enviava pedidos por justiça.

Mais tarde vários homens jovens foram presos, mas foram liberados quando foi provado que estiveram trabalhando em uma fazenda na noite do assassinato. Homens em uma taverna na noite seguinte, encorajados pelo rum, saíram em busca dos “assassinos Haken”. Encontraram vários rapazes Haken que, eles tinham certeza, eram culpados e bateram neles até a morte diante de espectadores que aplaudiam.

Dalton tinha escrito vários discursos para o Ministro e transmitiu ordens em nome dele para que diversas medidas contra a crise fossem tomadas. O assassinato deu ao Ministro uma desculpa para insinuar, em seus discursos ferozes, que aqueles que formavam oposição que ele fosse o Soberano eram responsáveis por desprezarem a lei a assim estimularem a violência. Ele pediu por leis mais severas que regulem “a coragem rancorosa”. Suas declarações ao Escritório de Relações Culturais, se não as novas leis, enfraqueceram os joelhos de Diretores que suspeitavam do Ministro.

Diante das multidões que se aglomeravam para ouvirem suas palavras, o Ministro tinha pedido por novos meios, não especificados, para lidar com a violência. Tais medidas sempre ficavam não especificadas e apenas raramente alguma ação real era tomada. A mera declaração inflamada era tudo que era necessário para convencer o povo de que o Ministro era decisivo e efetivo. O

sentimento era o objetivo e tudo que realmente importava. O sentimento era facilmente conseguido, requeria pouco esforço, e nunca tinha que suportar o teste da realidade.

É claro, taxas seriam aumentadas como preparativo para fundamentar essas medidas. Era uma fórmula perfeita: a oposição era enxergada como apoio para a violência e comparada com a brutalidade dos Soberanos Haken e assassinos. O

Ministro e Dalton então ganharam controle sobre uma grande parcela da economia. Controle era poder.

Bertrand saboreava estar no centro de tudo isso, emitindo ordens, denunciando o mal, reunindo vários grupos de cidadãos preocupados, transmitindo confiança ao povo. Tudo isso logo seria deixado de lado quando as pessoas continuassem a cuidar de outras coisas e esquecessem sobre o assassinato.

Hildemara estava feliz; isso era tudo que importava para Dalton.

Rowley continuava com a cabeça na porta, esperando.

– Diga para Inger levar esse problema para o Sr. Drummond. – Dalton falou enquanto pegava outras de suas mensagens. – Drummond é o Mestre da cozinha e é responsável pelo banquete. Dei a ele uma lista de instruções. O homem deve saber como cuidar da carne.

– Sim, Senhor.

A porta fechou e a sala ficou em silêncio a não ser pelo suave som da chuva de primavera. Uma leve chuva seria bom para as plantações. Uma boa colheita ajudaria a anular reclamações com o fardo de novas taxas. Dalton relaxou recostando em sua cadeira e voltou a ler.

Parecia que a pessoa que escreveu a mensagem tinha visto curandeiras seguindo para a residência do Soberano. Ele não conseguiu falar com as curandeiras, mas disse que elas ficaram na residência do Soberano, a noite toda.

Poderia ser outra pessoa ao invés do Soberano precisando de ajuda. Afinal de contas, o Soberano tinha uma enorme equipe de empregados, quase do tamanho da que havia na Propriedade do Ministro, exceto que ela era de uso exclusivo do Soberano. Negócios, quaisquer que fossem para o Soberano, eram conduzidos em uma construção separada. Lá ele também fazia audiências.

Também não era incomum que uma curandeira ou duas ficassem durante a noite com uma pessoa doente na Propriedade do Ministro da Cultura, mas isso não significava que o próprio Ministro precisava de cura, o maior perigo para o Ministro vinha de um marido ciumento, e isso era altamente incomum; maridos tinham a tendência de obterem favores através dos encontros de suas esposas com altos Oficiais. Levantar objeções não era saudável.

Assim que Bertrand fosse o Soberano, a possibilidade de sentimentos feridos não seria mais uma preocupação. Estar com o Soberano era uma grande honra para uma mulher, isso aproximava-se de uma experiência sagrada. Tais uniões divinas eram amplamente consideradas como sendo abençoadas pelo próprio Criador.

Qualquer marido lançaria sua mulher sobre a cama do Soberano, caso ela fosse solicitada. O prestígio desse privilégio carregava junto com a santidade um efeito periférico; o marido era o principal beneficiário dessa santidade colateral. Caso o receptáculo sagrado dos apetites carnis do Soberano fosse muito jovem, as bênçãos eram estendidas aos pais dela.

Dalton retornou para a mensagem anterior e leu de novo. A esposa do Soberano não tinha sido avistada faziam dias. Ela não compareceu a uma visita oficial a um orfanato. Talvez ela fosse a pessoa doente. Ou, podia estar ao lado da cama de seu marido.

Esperar pela morte do velho Soberano era como andar sobre uma corda bamba. A espera gerava suor na testa, e acelerava o pulso. A expectativa era deliciosa, mais ainda porque a morte do Soberano

era o evento que Dalton não podia controlar. O homem era fortemente guardado para arriscar ajudá-lo a seguir para o pós vida, especialmente quando ele, de qualquer modo, só estava sobrevivendo por um fio.

Tudo que ele podia fazer era esperar. Mas nesse meio tempo tudo tinha que ser gerenciado cuidadosamente. Eles precisavam estar prontos quando a oportunidade surgisse.

Dalton foi para a mensagem seguinte, mas ela tratava-se de nada mais do que a queixa de um homem contra uma mulher por supostamente lançar feitiços para afligir ele com gota. O homem estivera, publicamente, tentando solicitar a ajuda de Hildemara Chanboor, uma vez que ela era reconhecida universalmente por sua pureza e bons feitos, para fazer sexo com ele e assim para acabar com o feitiço maligno.

Dalton soltou uma leve risada com a sua imagem mental da união; evidentemente o homem era perturbado, além de não possuir bom gosto por mulheres. Dalton anotou o nome do homem para entregar aos guardas e então suspirou com a bobagem que consumia seu tempo.

A batida surgiu novamente.

– Sim?

Rowley enfiou a cabeça novamente.

– Mestre Campbell, eu falei para o açougueiro, Inger, o que você disse. Ele diz que não se trata de assuntos de cozinha. – Rowley baixou a voz em um sussurro.

– Diz que é sobre problema na Propriedade, e ele quer falar com você a respeito disso, mas se você não o receber, ele diz, ao invés disso terá que ir até o escritório do Diretor.

Dalton abriu uma gaveta e colocou as mensagens dentro dela. Virou diversos relatórios que estavam sobre a sua escrivaninha antes de levantar.

– Mande o homem entrar.

Inger, um Ander musculoso, talvez uma década mais velho do que Dalton, entrou fazendo uma reverência ao balançar a cabeça.

– Obrigado por me receber, Mestre Campbell.

– É claro. Por favor, aproxime-se.

O homem enxugou as mãos quando balançou a cabeça mais uma vez. Ele parecia surpreendentemente limpo, comparado com o que Dalton esperava de um açougueiro. Ele parecia mais um comerciante. Dalton percebeu que para abastecer a Propriedade provavelmente o homem tinha uma operação de tamanho considerável, e então seria mais como um comerciante do que um trabalhador braçal.

Dalton esticou uma das mãos fazendo um convite. – Por favor, sente-se, Mestre Inger.

Os olhos de Inger dardejavam de um lado para outro na sala, observando tudo. Só faltou soltar um assovio de admiração. Um pequeno comerciante, Dalton corrigiu a si mesmo.

– Obrigado, Mestre Campbell. – O homem forte colocou uma das mãos carnudas sobre a cadeira e puxou-a para perto da escrivaninha. – Apenas Inger está bom. Estou acostumado a ser chamado de Inger. – Os lábios dele curvaram com um sorriso. – Apenas meu antigo professor costumava me chamar de Mestre Inger, e isso pouco antes de esfolar meus dedos. Geralmente quando eu negligenciava a leitura de uma lição. Nunca fui castigado por causa de lições de matemática. Gostava de números. Acabou mostrando ser uma coisa boa. Os números ajudam com meu negócio.

– Sim, posso ver onde eles ajudariam. – Dalton falou.

Inger olhou para as bandeiras de batalha e lanças enquanto continuava.

– Agora tenho um bom negócio. A Propriedade do Ministro é o meu maior cliente. Os números são necessários para um negócio. Tenho que conhecer os números. Tenho muitas pessoas trabalhando

para mim. Faça com que todos eles aprendam os números para não receberem menos quando eles entregam.

– Bem, a Propriedade está bastante satisfeita com os seus serviços, posso assegurar. Os banquetes não seriam o sucesso que são sem a sua valiosa ajuda. O seu orgulho com seu negócio é óbvio em suas finas carnes e aves.

O homem sorriu como se tivesse acabado se ser beijado por uma garota bonita na barraca em uma feira.

– Obrigado, Mestre Campbell. Isso é muita gentileza sua. Tem razão a respeito do meu orgulho com meu trabalho. A maioria das pessoas não é tão gentil quanto você para notarem isso. Você é um homem tão bom quanto as pessoas dizem.

– Tento fazer o melhor para ajudar as pessoas. Não sou mais do que um humilde servo. – Dalton sorriu de forma agradável. – Posso ajudá-lo de alguma forma, Inger? Tem alguma coisa que eu possa fazer na Propriedade para tornar o seu trabalho mais fácil?

Inger arrastou sua cadeira chegando mais perto. Colocou um cotovelo sobre a escrivaninha e inclinou para frente. Seu braço era tão grosso quanto um pequeno barril de rum. Seus maneirismos tímidos pareceram evaporar quando sua testa baixou.

– Mestre Campbell, o negócio é que eu não aceito nenhuma insolência das pessoas que trabalham para mim. Passo bastante tempo ensinando a elas minhas formas de cortar e preparar a carne, e ensinando os números e coisas assim. Não concordo com pessoas que não fazem o seu trabalho e ficam orgulhosos disso. A pedra fundamental de um negócio de sucesso, como eu sempre digo, é que o cliente fique satisfeito. Aqueles trabalhando para mim que não andam na linha enxergam as costas da minha mão ou a porta da rua. Alguns dizem que eu sou cruel a respeito disso, mas simplesmente é assim que eu sou. Não consigo mudar nessa idade.

– Parece uma atitude bastante justa para mim.

– Mas por outro lado, – Inger prosseguiu. – valorizo aqueles que trabalham para mim. Eles fazem o bem para mim, e eu faço o bem para eles. Sei como algumas pessoas tratam seus trabalhadores, especialmente seus trabalhadores Haken, mas eu não maltrato ninguém. As pessoas me tratam direito, eu as trato direito. Isso é justo.

– As coisas sendo do jeito que são, você acaba fazendo amizade com pessoas que vivem e trabalham com você. Entende o que eu quero dizer? Com o passar dos anos elas passam a ser quase como parte da família. Você se importa com elas. É simplesmente natural, se você tiver algum sentimento.

– Sim. Posso entender como...

– Alguns daqueles que trabalham para mim são crianças das pessoas que trabalharam antes delas e ajudaram para que eu me tornasse o açougueiro respeitado que sou. – O homem inclinou um pouco mais. – Tenho dois filhos e eles são rapazes muito bons, mas às vezes eu acho que me preocupo com alguns daqueles que vivem e trabalham comigo mais do que com esses dois rapazes.

– Um deles é uma bela garota Haken chamada Beata.

Sinos de alarme começaram a tocar na cabeça de Dalton. Ele lembrou da garota Haken que Bertrand e Stein chamaram para sua diversão.

– Beata. Não posso dizer que lembro do nome, Inger.

– Não tem razão alguma para isso, o negócio dela é com a cozinha. Entre outras coisas, ela faz entregas para mim. Confio nela como se fosse minha filha. Ela é esperta com os números. Ela lembra daquilo que eu digo. Isso é importante porque Hakens não sabem ler, então não posso dar uma lista para eles. É importante que eles lembrem. Nunca tenho de carregar a mercadoria para ela; depois que eu digo o que deve levar ela entende direitinho. Nunca preciso me preocupar que ela não entenda as ordens ou em receber pagamento a menos.

– Entendo.

– Então, de repente, ela não quer mais fazer entregas na Propriedade.

Dalton observou o homem cerrar o punho com força.

– Tivemos uma carga para entregar hoje. Uma carga importante para um banquete. Disse para ela buscar Brownie amarrada a uma carroça porque tinha uma carga para ela levar até a Propriedade.

– Ela disse não. – o punho de Inger bateu na mesa. – Não!

O açougueiro recuou um pouco e arrumou uma vela apagada que tinha voado.

– Não aceito bem quando pessoas que trabalham para mim dizem não. Mas Beata, bem, ela é como uma filha. Então, ao invés de bater nela com a costa da minha mão, pensei em checar o motivo. Imaginei que talvez fosse algum rapaz que ela não gostava mais e não queria vê-lo, ou alguma coisa assim. Nem sempre consigo entender as coisas que uma garota pode enfiar na cabeça dela para deixá-la tão mau humorada.

– Fiz ela sentar e perguntei porque não queria levar a carga até a Propriedade. Ela falou que simplesmente não queria. Eu disse que isso não era explicação suficiente. Ela falou que faria duas entregas de carga para qualquer outro lugar. Falou que depararia aves a noite toda como punição, mas que não iria para a Propriedade.

– Perguntei porque ela não queria ir, se era porque alguém lá fez alguma coisa. Ela recusou-se a falar. Recusou! Disse que não levaria mais nenhuma carga para lá e que isso era tudo.

– Eu disse para ela que a não ser que ela falasse porque, para que eu pudesse entender, ela levaria a carga até a Propriedade quer ela quisesse ou não.

– Ela começou a chorar.

Inger estava cerrando o punho novamente.

– Agora, conheço Beata desde quando ela chupava o dedo. Acho que nunca vi aquela garota chorar nos últimos doze anos a não

ser uma vez. Já vi ela se cortar quando estava abatendo animais, e ela nunca chorou, nem mesmo quando eu dava pontos no corte dela. Fez algumas caretas de dor, mas nunca chorou. Quando a mãe dela morreu, ela chorou. Mas aquela foi a única vez.

– Até que hoje eu falasse para ela que deveria ir até a Propriedade.

– Então, eu mesmo trouxe a carga. Agora, Mestre Campbell, eu não sei o que aconteceu aqui, mas posso dizer que seja lá o que foi, isso fez Beata chorar, e isso me diz que não foi nada bom. Antes ela sempre gostou de vir.

Ela falava muito bem do Ministro como um homem que ela respeitava por tudo que ele fez por Anderith. Tinha orgulho de fazer entregas para a Propriedade.

– Não tem mais.

– Conhecendo Beata, eu diria que alguém aqui abusou dela. Conhecendo Beata, eu diria que não foi por vontade dela. Não foi mesmo. Como eu disse, considero aquela garota quase como minha filha.

Dalton não retirou os olhos do homem. – Ela é Haken.

– Ela é. – Inger não afastou os olhos de Dalton.

– Agora, Mestre Campbell, eu quero o jovem que machucou Beata. Pretendo pendurar esse jovem em um gancho de carne. Pelo modo como Beata estava chorando, tenho a sensação de que não foi apenas um, mas talvez mais. Talvez uma gangue de rapazes que a machucou.

– Sei que você é um homem ocupado, principalmente com o assassinato daquela mulher Winthrop, que sua alma descanse em paz, mas ficaria muito agradecido se você checasse isso para mim. Não pretendo deixar passar.

Dalton inclinou para frente e cruzou as mãos sobre a mesa.

– Inger, posso assegurar que não vou tolerar tal coisa acontecendo na Propriedade. Considero esse um assunto muito

sério. O escritório do Ministro da Cultura está aqui para servir ao povo de Anderith. Seria o pior resultado possível se um ou mais homens aqui machucassem uma jovem.

– Não “se” machucassem. – Inger disse. – Machucaram.

– É claro. Você tem minha garantia de que eu, pessoalmente, encontrarei uma solução para isso. Não aceitarei que ninguém, Ander ou Haken, represente qualquer tipo de perigo na Propriedade. Todos devem estar inteiramente seguros aqui. Não permitirei que ninguém, Ander ou Haken, escape da justiça.

– Entretanto, você deve entender que com o assassinato de uma mulher importante, e o possível perigo para as vidas de outras pessoas, incluindo mulheres Haken, minha primeira responsabilidade está aqui. A cidade está tumultuada por causa disso. As pessoas esperam que um ato tão grave seja punido.

Inger baixou a cabeça levemente.

– Entendo. Aceitarei sua garantia pessoal de que terei o nome do jovem ou dos jovens responsáveis. – a cadeira deslizou pelo chão quando Inger levantou. – Ou dos homens não tão jovens assim.

Dalton levantou.

– Jovens ou velhos, colocaremos todo o esforço necessário para encontrarmos os culpados. Tem a minha palavra.

Inger esticou o braço e apertou a mão de Dalton. O homem tinha um aperto esmagador.

– Fico feliz em saber que procurei o homem certo, Mestre Campbell.

– Com certeza.

* * *

– Sim? – Dalton gritou ao ouvir a batida na porta. Ele imaginou que sabia quem era e continuou escrevendo instruções para os novos guardas que estava ordenando serem posicionados na Propriedade.

Guardas na Propriedade ficavam separados do exército. Eles eram Anders. Não poderia confiar uma autêntica responsabilidade de guarda ao exército.

– Mestre Campbell?

Ele levantou os olhos.

– Entre, Fitch.

O rapaz entrou e parou ereto diante da escrivaninha. Ele parecia estar mais alto desde que vestiu o uniforme e mais ainda desde o trabalho com Claudine. Dalton estava contente com a maneira que Fitch e seu amigo musculoso seguiram as instruções. Alguns dos outros entregaram a Dalton um relatório confidencial.

Dalton baixou a pena de cristal. – Fitch, você lembra da primeira vez que conversamos?

A pergunta surpreendeu o rapaz um pouco.

– Sim... uh, sim, Senhor. – ele gaguejou. – Eu lembro.

– Subindo um pouco o corredor. Perto da plataforma.

– Sim, Senhor, Mestre Campbell. Certamente eu fiquei agradecido por você não... quer dizer, pela forma gentil que você me tratou.

– Por eu não informar que você estava em algum lugar ao qual não pertencia.

– Sim, Senhor. – ele lambeu os lábios. – Isso foi muita bondade sua, Mestre Campbell.

Dalton passou um dedo na têmpora.

– Lembro que você falou naquele dia como o Ministro era um bom homem e que você não gostaria de ouvir ninguém dizer alguma coisa contra ele.

– Sim, Senhor, isso é verdade.

– E você provou seu valor tão bem quanto sua palavra, provou que faria qualquer coisa que fosse preciso para protegê-lo. – Dalton sorriu só um pouquinho.

– Você lembra o que mais eu disse para você naquele dia na plataforma?

Fitch limpou a garganta.

– Quer dizer, sobre algum dia eu ganhar o meu nome de “Senhor”?

– Isso mesmo. Até agora, você está correspondendo minhas expectativas. Agora, lembra o que mais aconteceu naquele dia naquela plataforma?

Dalton sabia que sem dúvida o rapaz lembrava. Isso não seria algo que ele esqueceria tão cedo. Fitch ficou inquieto enquanto tentava pensar em uma maneira de dizer aquilo sem realmente dizer.

– Bem, Senhor, eu... quer dizer, aconteceu...

– Fitch, lembra daquela jovem que bateu em você?

Fitch limpou a garganta.

– Sim, Senhor, eu lembro disso.

– E você a conhece?

– O nome dela é Beata. Ela trabalha para o açougueiro, Inger. Ela está na minha Reunião de Penitência.

– E você deve ter visto o que ela estava fazendo lá em cima? O Ministro viu você. Stein viu você. Você deve ter visto eles com ela?

– Não foi culpa do Ministro, Senhor. Ela estava recebendo aquilo que pediu. Nada mais. Ela estava sempre bajulando ele, falando sobre como ele era bonito, falando sobre como ele era maravilhoso. Ela estava sempre suspirando bem alto toda vez que mencionava o nome dele. Conhecendo ela, ela pediu aquilo que recebeu. Senhor.

Dalton sorriu consigo mesmo.

– Você gostava dela, não gostava, Fitch?

– Bem, Senhor, eu não sei. É difícil gostar de uma pessoa que odeia você. Meio que derruba você, depois de um tempo.

Dalton podia perceber claramente os sentimentos do rapaz pela garota. Estava escrito no rosto dele, mesmo se ele negasse.

– Bem, o negócio é o seguinte, Fitch, de repente essa garota pode estar interessada em causar problemas. Às vezes as garotas ficam assim, mais tarde. Algum dia você aprenderá isso. Tenha cuidado ao fazer o que elas pedem, porque às vezes, mais tarde elas desejam fazer parecer que nunca pediram.

O rapaz pareceu confuso

– Não sabia de uma coisa assim, Senhor. Obrigado pelo conselho.

– Bem, como você disse, ela recebeu mais do que pedia. Não houve força envolvida. Agora, porém, ela pode estar mudando de ideia, e procurando alegar que foi estupro. Do mesmo jeito que Claudine Winthrop. Mulheres que estão com homens importantes às vezes fazem isso, mais tarde, para tentar conseguir algo. Elas ficam gananciosas.

– Mestre Campbell, tenho certeza que ela não...

– Inger fez uma visita para mim um pouco mais cedo.

Fitch perdeu um pouco de cor.

– Ela falou para Inger?

– Não. Ela disse para ele apenas que recusava fazer entregas aqui na Propriedade. Mas Inger é um homem esperto. Ele acha que sabe a razão. Quer que seja feita justiça por isso. Se ele forçar essa garota, Beata, a acusar um homem, o Ministro poderia ficar sujeito a terríveis acusações injustamente.

Dalton levantou. – Você conhece essa garota. Talvez seja necessário que você cuide dela do mesmo jeito que cuidou de Claudine Winthrop. Ela conhece você. Permitiria que você chegasse perto.

Fitch perdeu o resto da cor.

– Mestre Campbell... Senhor, eu...

– Você o quê, Fitch? Perdeu seu interesse em ganhar um nome de “Senhor”? Perdeu o seu interesse no seu novo trabalho como um mensageiro? Perdeu o seu interesse no seu novo uniforme?

– Não, Senhor, não é isso.

– Então o que foi, Fitch?

– Nada, Senhor. Eu acho... como eu disse, tudo que aconteceu não é mais do que aquilo que ela pediu. Posso ver que não seria certo que ela ficasse acusando o Ministro de algo errado quando ele não fez nada errado.

– Não mais do que era certo para Claudine fazer o mesmo.

Fitch engoliu em seco.

– Não, Senhor. Não mais certo do que isso.

Dalton voltou para sua cadeira.

– Fico feliz que nós entendemos um ao outro. Chamarei você se ela virar em um problema. Vamos torcer para que isso não seja necessário.

– Quem sabe, talvez ela pense melhor a respeito de tais acusações odiosas. Talvez alguém coloque um pouco de bom senso na cabeça dela antes que seja necessário proteger o Ministro das acusações injustas dela. Talvez ela até decida que o trabalho de açougueira não é para ela, e ela vá trabalhar em uma fazenda, ou algo assim.

Dalton chupou a ponta da pena enquanto observava Fitch fechar a porta atrás de si. Ele pensou que seria interessante ver como o rapaz cuidaria disso. Se ele não cuidasse, então Rowley certamente cuidaria.

Mas se Fitch cuidasse disso, então todas as peças se encaixariam em um grandioso mosaico.

CAPÍTULO 40



As botas do Mestre Spink batiam no chão de tábuas enquanto ele caminhava entre os bancos, as mãos cruzadas atrás das costas. As pessoas ainda estavam chorando por causa das mulheres Ander. Chorando por causa do que o exército Haken fez com elas. Fitch pensava que sabia qual seria a lição, mas estava errado. Foi mais horrível do que ele podia ter imaginado.

Ele podia sentir o rosto tão vermelho quanto seu cabelo. Mestre Spink havia preenchido muitas das partes vagas do conhecimento de Fitch sobre o ato do sexo. Não tinha sido a experiência de aprendizado prazerosa que ele sempre imaginou. Aquilo que ele sempre enxergou com desejo agora foi transformado em algo repugnante pelas histórias sobre aquelas mulheres Ander.

Ficou ainda pior pelo fato de que havia uma mulher de cada lado dele no banco. Sabendo qual seria a lição, todas as mulheres tentaram sentar juntas de um lado da sala e todos os homens tentaram sentar do outro lado. Mestre Spink nunca se importou muito onde eles sentavam.

Mas quando eles entraram, Mestre Spink fez com que eles sentassem onde ele mandou. Homem, mulher, homem, mulher. Ele conhecia todos na Reunião de Penitência, e sabia onde eles moravam e trabalhavam. Fez eles sentarem todos misturados, perto de pessoas de algum outro lugar, assim eles não conheceriam a pessoa perto tão bem.

Ele fez aquilo para tornar mais embaraçoso para eles quando contou as histórias de cada mulher e daquilo que foi feito com elas. Ele descreveu os atos em detalhes. Não houve muito choro durante a maior parte. As pessoas estavam chocadas demais com aquilo que escutaram para chorar, e envergonhadas demais para chamar atenção.

Fitch nunca tinha escutado essas coisas sobre um homem e uma mulher, e tinha escutado um monte de coisas de alguns dos outros ajudantes de cozinha e mensageiros. É claro, os homens eram Soberanos Haken, e naturalmente eles não eram nem um pouco gentis. Queriam machucar as mulheres Ander. Humilhá-las. Os Hakens eram tão odiosos assim.

– Sem dúvida todos vocês estão pensando, – Mestre Spink continuou. – “isso foi há muito tempo. Foi eras atrás. Aqueles eram os Soberanos Haken. Agora somos melhores do que isso”.

As botas do Mestre Spink pararam na frente de Fitch.

– É isso que você está pensando, Fitch? É isso que você está pensando em seu belo uniforme? Está pensando que é melhor do que os Soberanos Haken? Que os Hakens aprenderam a serem melhores?

– Não, Senhor. – Fitch disse. – Não somos melhores, Senhor.

Mestre Spink grunhiu e então continuou.

– Algum de vocês acha que nos dias atuais os Hakens estão se livrando de seus costumes odiosos? Acham que são pessoas melhores do que no passado?

Fitch deu uma olhada para cada lado. Cerca da metade das pessoas arriscaram levantar a mão.

Mestre Spink explodiu em fúria. – Então! Acham que os Hakens dos dias atuais são melhores? O seu povo arrogante acha que está melhor?

Todas as mãos rapidamente desceram até os colos.

– Vocês não são melhores! Seus costumes odiosos continuam até hoje!

As botas dele iniciaram o seu lento tum, tum, tum enquanto ele caminhava entre as pessoas silenciosas reunidas.

– Vocês não são melhores. – ele repetiu, mas dessa vez com uma voz tranquila. – Vocês são do mesmo jeito.

Fitch não lembrava da voz do homem algum dia ter parecido tão derrotada. Parecia que ele mesmo estava prestes a chorar.

– Claudine Winthrop era uma mulher muito respeitada e reconhecida. Enquanto estava viva, trabalhou para todas as pessoas, tanto Hakens quanto Anders. Um dos últimos trabalhos dela foi ajudar a mudar leis desatualizadas para que assim pessoas famintas, a maioria Hakens, conseguissem encontrar emprego.

– Antes que ela morresse, descobriu que vocês não são diferentes daqueles Soberanos Haken, que vocês são do mesmo jeito.

As botas dele ecoaram pela sala.

– Claudine Winthrop compartilhou algo com aquelas mulheres do passado, aquelas mulheres sobre as quais ensinei para vocês hoje. Ela compartilhou o mesmo destino.

Fitch estava com a testa franzida. Sabia que Claudine não compartilhou do mesmo destino. Ela morreu rapidamente.

– Assim como aquelas mulheres, Claudine Winthrop foi estuprada por uma gangue de Hakens.

Fitch levantou os olhos, sua expressão de surpresa crescendo. Logo que percebeu que estava fazendo uma careta, mudou a expressão em seu rosto. Felizmente, Mestre Spink estava do outro lado da sala, olhando dentro dos olhos de rapazes Haken lá adiante, e não viu a reação de surpresa de Fitch.

– Só podemos imaginar quantas horas a pobre Claudine Winthrop teve que suportar os homens risonhos, zombeteiros, que a estupraram. Só podemos imaginar o número de cruéis Hakens sem coração que a fizeram passar por tal experiência lá fora, naquele

campo mas, pelo jeito como o trigo estava pisoteado, as autoridades afirmam que devem ter sido entre trinta ou quarenta homens.

A classe arfou de terror. Fitch também. Não havia nem a metade daquele número. Ele queria levantar e dizer que aquilo estava errado, que eles não fizeram essas coisas vis com Claudine, e que ela mereceu a morte por desejar prejudicar o Ministro e futuro Soberano e que isso era sua obrigação. Fitch queria dizer que eles fizeram uma coisa boa para o Ministro e para Anderith. Ao invés disso, baixou a cabeça.

– Mas não foram trinta ou quarenta homens, – disse o Mestre Spink. Ele apontou o dedo para sala, movendo-o lentamente de um lado para o outro. – Foram todos vocês. Todos vocês Hakens estupraram e assassinaram ela. Por causa do ódio que ainda guardam em seus corações, todos vocês tomaram parte naquele estupro e assassinato.

Virou as costas para a sala. – Agora, saiam daqui. Já tive tudo que posso suportar por um dia dos seus olhos Haken cheios de ódio. Não consigo mais suportar os seus crimes. Vão. Vão, até a próxima Reunião e pensem em como poderem ser pessoas melhores.

Fitch correu até a porta. Não queria perdê-la. Não queria que ela saísse para a rua. Ele a perdeu de vista no meio da confusão dos outros saindo apressados, mas ele conseguiu se espremer chegando quase até a cabeça da fila.

Logo que estava no ar frio da noite, Fitch moveu-se para o lado. Checou aqueles que saíram antes dele e correram para a rua, mas não avistou-a. Aguardou nas sombras e observou o resto das pessoas saindo.

Quando ele a viu, chamou o nome dela. Beata parou e olhou. Espiou dentro das sombras tentando ver quem estava chamando seu nome. As pessoas passavam apressadas para descer o caminho, então ela afastou para o lado, mais perto dele.

Ela não estava mais usando o vestido azul escuro que ele gostava tanto, o vestido que estava usando naquele dia em que subiu para encontrar com o Ministro. Agora ela estava usando um vestido cor de trigo com um espartilho marrom escuro acima da longa saia.

– Beata, preciso falar com você.

– Fitch? – ela colocou as mãos nos quadris. – Fitch, é você?

– Sim. – ele sussurrou.

Ela virou para ir embora. Ele agarrou o pulso dela e puxou-a para dentro das sombras. A última das pessoas passou apressada descendo o caminho, ansiosa para chegar em casa e não estava interessada no encontro de dois jovens depois da Reunião. Beata tentou soltar o braço, mas ele manteve um aperto firme enquanto a conduzia mais fundo dentro das sombras das árvores e arbustos ao lado do salão de Reunião.

– Me larga! Me larga, Fitch, ou eu vou gritar.

– Preciso falar com você. – ele sussurrou apressado. – Venha!

Ao invés disso ela lutou com ele. Ele arrastou-a e puxou até finalmente chegarem até um local mais afastado entre os arbustos onde eles não seriam vistos. Se ficassem quietos, ninguém os escutaria também. A luz da lua espalhava-se sobre eles através das aberturas dos arbustos e árvores.

– Fitch! Não vou aceitar as suas mãos sujas Haken em mim!

Ele virou para ela quando soltou o seu pulso. Imediatamente, o outro braço dela moveu-se para acertá-lo. Ele estava esperando por isso e segurou o pulso dela. Ela deu um tapa forte com a outra mão.

Ele aplicou um tapa nela como resposta. Não bateu nela com muita força, mas o choque a deixou surpresa. Um homem Haken bater em alguém era um crime. Mas ele não havia batido com muita força. A intenção dele não foi machucá-la, apenas surpreendê-la e fazer com que prestasse atenção.

– Tem que me escutar. – ele rosnou. – Você está com problemas.

Sob a luz do luar ele conseguia ver claramente o olhar de raiva dela.

– É você quem está com problemas. Vou contar para Inger que você me arrastou para dentro dos arbustos, bateu em mim, e então...

– Você já falou o bastante para Inger!

Ela ficou em silêncio durante um momento.

– Não sei do que você está falando. Vou embora. Não ficarei aqui para deixar que me bata de novo, agora que provou os seus odiosos costumes Haken com as mulheres.

– Vai me escutar nem que eu tenha que jogar você no chão e sentar em cima.

– Apenas tente, sua enguiazinha magrela.

Fitch apertou os lábios com força enquanto tentava ignorar o golpe do insulto.

– Beata, por favor? Por favor, vai me escutar? Tenho coisas importantes que preciso falar para você.

– Importantes? Importantes para você, talvez, mas não são importantes para mim! Não quero ouvir nada que você tem para dizer. Sei como você é. Sei como você gosta...

– Quer ver as pessoas que trabalham para Inger ficarem machucadas? Quer que Inger seja ferido? Isso não tem nada a ver comigo. Não sei porque você tem uma consideração ruim comigo, mas não tentarei convencer você do contrário. Isso é apenas sobre você.

Beata cruzou os braços bufando. Ela avaliou aquilo por um instante. Ele olhou para o lado e verificou através de uma abertura no arbusto para ter certeza de que ninguém estava observando. Beata empurrou o cabelo para trás, por cima de uma orelha.

– Enquanto você não tentar falar que belo jovem você é dentro do seu belo uniforme, como aquelas bestas dos Soberanos, então fale. Mas seja rápido. Inger tem um trabalho para mim.

Fitch molhou os lábios.

– Inger foi até a Propriedade com o carregamento hoje. Ele foi porque você se recusou a entregar na Propriedade...

– Como você sabe disso?

– Eu escuto coisas.

– E como você...

– Como você escutaria? Você está com muitos problemas e se metendo em muito perigo.

Ela colocou os punhos nos quadris mas continuou em silêncio, então ele continuou.

– Inger descobriu que se aproveitaram de você na Propriedade. Ele veio e exigiu que alguma coisa seja feita. Ele está exigindo os nomes daqueles responsáveis por machucarem você.

Ela olhou para ele dos pés até a cabeça na luz do luar.

– Como você sabe disso?

– Eu já disse, eu escuto coisas.

– Não contei nada disso para Inger.

– Isso não importa. Ele descobriu sozinho ou algo assim, eu não sei, mas o importante é que ele se preocupa com você e deseja que algo seja feito. Ele meteu na cabeça essa ideia de querer que a justiça seja feita. Ele não vai deixar isso de lado. Está decidido a causar problemas por causa disso.

Ela suspirou irritada.

– Eu não devia ter recusado fazer a entrega. Deveria ter feito, não importa o que pudesse ter acontecido comigo de novo.

– Não culpo você, Beata. Se eu fosse você, teria feito a mesma coisa.

Ela olhou para ele desconfiada.

– Quero saber quem falou tudo isso para você.

– Eu sou um mensageiro, agora, e estou perto de pessoas importantes. Pessoas importantes falam sobre o que está acontecendo dentro da Propriedade. Ouvi o que eles dizem, só isso, e eu ouvi sobre isso. O negócio é que, se você decidisse falar sobre o

que aconteceu, pessoas enxergariam isso como se você estivesse tentando atingir o Ministro.

– Oh, vamos lá, Fitch, eu sou apenas uma garota Haken. Como eu poderia atingir o Ministro?

– Você mesma falou que as pessoas estão dizendo que ele será o Soberano. Você já ouviu alguma vez alguém falar qualquer coisa contra o Soberano? Bem, o Ministro está prestes a ser nomeado Soberano.

– Como você acha que as pessoas vão encarar isso se você falar sobre o que aconteceu? Você acha que elas acreditarão que você é uma boa garota dizendo a verdade e que o Ministro estaria mentindo se ele negar? Anders não mentem, foi isso que nos ensinaram. Se você falar qualquer coisa contra o Ministro, será marcada como uma mentirosa. Pior, uma mentirosa tentando prejudicar o Ministro da Cultura.

Ela pareceu considerar o que ele disse como se fosse um enigma insolúvel.

– Bem... não farei isso, mas se eu falasse alguma coisa, o ministro admitiria que aquilo que eu disse era verdade, porque seria. Anders não mentem. Somente Hakens são de natureza corrompida. Se ele falasse alguma coisa a respeito disso, admitiria a verdade.

Fitch suspirou de frustração. Sabia que Anders eram melhores do que eles, e que Hakens tinham a mancha de uma natureza maligna, mas estava começando a acreditar que Anders não eram totalmente puros e perfeitos.

– Olha, Beata, eu sei o que aprendemos, mas nem sempre isso é exatamente verdade. Algumas das coisas que eles ensinam não fazem sentido. Não é tudo verdade.

– É tudo verdade. – ela falou de modo definitivo.

– Você pode achar que sim, mas não é.

– É mesmo? Acho que você simplesmente não quer admitir o quanto os homens Haken são repulsivos. Simplesmente você

gostaria que não tivesse uma alma depravada assim. Gostaria que não fosse verdade aquilo que os homens Haken fizeram com aquelas mulheres no passado, e o que homens Haken fizeram com Claudine Winthrop.

Fitch afastou o cabelo da testa.

– Beata, pense nisso. Como o Mestre Spink poderia saber o que fizeram com cada uma daquelas mulheres?

– Dos livros, seu tolo. Caso você tenha esquecido, Anders conseguem ler. A Propriedade está cheia de livros que...

– E você acha que aqueles homens que estavam estuprando todas aquelas mulheres paravam para fazer registros? Acha que eles perguntavam para as mulheres os nomes delas e tudo mais e então anotavam tudo para que houvesse livros que listariam tudo que eles fizeram?

– Sim. Foi exatamente o que eles fizeram. Exatamente como todos os homens Haken, eles gostaram do que fizeram com aquelas mulheres. Escreveram tudo. Isso é conhecido. Está nos livros.

– E quanto a Claudine Winthrop? Diga onde está o livro que fala sobre ela ser estuprada pelos homens que a mataram.

– Bem, ela foi. Isso é óbvio. Os Hakens fizeram isso, e isso é o que os homens Haken fazem. Você devia saber como são os homens Haken, seu pequeno...

– Claudine Winthrop fez uma acusação contra o Ministro. Ela estava sempre suspirando por causa dele e mostrando interesse nele. Então, depois que chamou atenção dos olhos dele e se entregou a ele por vontade própria, decidiu mudar de ideia. Começou a dizer que ele a forçou. Exatamente como aconteceu com você. Então, depois que ela começou a falar para as pessoas essas mentiras cruéis de que ele a estuprou, ela acabou morta.

Beata ficou em silêncio. Fitch sabia que Claudine só estava tentando causar problemas para o Ministro. Dalton Campbell disse isso. O que aconteceu com Beata, por outro lado, não foi por vontade

dela, mas assim mesmo, Beata não estava tentando causar problemas por causa disso.

Cigarras zuniram enquanto ela ficava ali parada na escuridão olhando para ele. Fitch olhou ao redor novamente para ter certeza que não havia ninguém perto. Podia ver através dos arbustos que pessoas estavam caminhando pela rua. Ninguém estava prestando atenção nos arbustos escuros onde os dois estavam.

Finalmente ela falou, mas sua voz não tinha mais aquele calor.

– Inger não sabe de nada, e não tenho intenção alguma de falar para ele.

– Tarde demais para isso. Ele já foi até a Propriedade e deixou pessoas assustadas que você tenha sido estuprada lá. Deixou pessoas importantes assustadas. Ele fez exigências. Ele quer justiça. Inger vai obrigar você a contar quem a machucou.

– Ele não pode.

– Ele é Ander. Você é Haken. Ele pode. Mesmo se ele mudasse de ideia e não fizesse isso, por causa do ninho de vespas que ele mexeu, as pessoas na Propriedade podem decidir levar você diante do Magistrado e fazer com que ele ordene que diga o nome da pessoa.

– Simplesmente vou negar tudo. – ela hesitou. – Eles não poderiam me obrigar a falar.

– Não? Bem, isso certamente a transformaria em uma criminosa, se recusasse contar para eles o que aconteceu. Eles acham que foram homens Haken que fizeram isso e assim querem os nomes. Inger é um Ander e ele disse que isso aconteceu. Se não disser para eles, deixarão você acorrentada até que mude de ideia. Mesmo se eles não fizerem isso, pelo menos, você perderia o seu trabalho. Seria uma desabrigada.

– Você falou que queria se juntar ao exército, algum dia, esse é o seu sonho. Criminosos não podem entrar para o exército. Esse sonho estaria perdido. Você seria uma mendiga.

– Eu encontraria trabalho. Eu trabalho duro.

– Você é Haken. Recusar a cooperar com um Magistrado faia você ser considerada uma criminosa. Ninguém contrataria você. Acabaria como uma prostituta.

– Não acabaria!

– Sim, acabaria. Quando ficasse com fome e com bastante frio, você acabaria virando uma. Teria que se vender para homens. Homens velhos. Mestre Campbell disse que as prostitutas pegam doenças horríveis e morrem. Você morreria desse jeito, por ter ficado com homens velhos que...

– Não acabaria assim! Fitch, não acabaria. Não acabaria.

– Então como você viverá? Se você for considerada uma criminosa Haken por recusar responder as perguntas de um magistrado, como você viveria?

– E se contasse, quem acreditaria em você? Seria chamada de mentirosa e isso transformaria você em criminosa por mentir sobre um oficial Ander. Isso também é um crime, você sabe, mentir sobre oficiais Ander fazendo falsas acusações.

Ela observou os olhos dele durante um momento.

– Mas isso não é falso. Você poderia confirmar a verdade do que eu digo. Você falou que desejava ser o *Seeker* da Verdade, lembra? Esse é o seu sonho. Meu sonho é entrar para o exército, e o seu é ser o *Seeker* da Verdade. Como alguém que quer ser um *Seeker*, teria que se levantar e dizer que isso é verdade.

– Está vendo? Você disse que jamais contaria, e agora já está falando em contar.

– Mas você poderia me apoiar e dizer que é verdade.

– Eu sou um Haken. Acha que eles acreditariam em dois Hakens falando contra o Ministro da Cultura? Você está maluca?

– Beata, ninguém acreditou em Claudine Winthrop, e ela era Ander e além disso uma pessoa importante. Ela fez a acusação para tentar atingir o Ministro, e agora ela está morta.

– Mas, se isso é a verdade...

– E o que é a verdade, Beata? Que você me falou sobre o grande homem que o Ministro era? Que você me falou o quanto achava ele bonito? Que você olhou para a janela dele, suspirou, e chamou ele de Bertrand? Que você estava toda feliz quando foi convidada para subir e conhecer o Ministro? Que Dalton Campbell teve que segurar seu cotovelo para impedir que você flutuasse de prazer por causa do convite para conhecer o Ministro só para que ele pudesse dizer a você para entregar a mensagem de que ele gostava das carnes de Inger?

– Sei apenas que você e ele... Talvez você tenha ficado exigente, depois que acabaram. Às vezes as mulheres ficam assim mais tarde, pelo que ouvi dizerem: exigentes. Depois que agem por vontade própria, às vezes fazem acusações para conseguirem ganhar alguma coisa. Isso é o que as pessoas dizem.

– Pelo que eu sei, talvez você estivesse tão feliz por encontrar com ele que levantou a saia para mostrar que estava disposta, e perguntou se ele gostaria de possuir você. Nunca contou nada para mim. Tudo que recebi de você foi um tapa, talvez por ter visto que você estava se divertindo com o Ministro quando devia estar trabalhando. Até onde eu sei, essa poderia ser a verdade.

O queixo de Beata tremeu enquanto ela tentava remover as lágrimas dos olhos piscando. Ela caiu no chão, sentou sobre os calcanhares, e começou a chorar com o rosto nas mãos.

Fitch ficou parado durante um minuto pensando o que deveria fazer. Finalmente ele ajoelhou na frente dela. Estava assustadoramente preocupado vendo ela chorar. Conhecia ela bastante tempo, e nunca ouviu histórias sobre ela chorando, como as outras garotas. Agora ela estava gemendo como um bebê.

Fitch esticou o braço e colocou uma das mãos no ombro dela. Ela afastou a mão dele. Já que ela não estava interessada em receber conforto, ele apenas ficou sentado ali, sobre os calcanhares, e não

falou nada. Por um breve momento ele pensou a respeito de sair e deixar ela sozinha com seu choro, mas ele percebeu que talvez devesse pelo menos estar ali se ela quisesse alguma coisa.

– Fitch, – ela disse entre gemidos, lágrimas descendo pelas bochechas. – o que eu vou fazer? Estou tão envergonhada. Eu baguncei tudo. Foi tudo culpa minha, eu coloquei em tentação um bom homem Ander com a minha vil natureza Haken devassa. Eu não queria, não pensei que estava fazendo isso, mas foi o que fiz. O que ele fez é tudo culpa minha.

– Mas não posso mentir e dizer que estava aceitando isso quando não estava, nem um pouco. Tentei lutar, mas eles eram fortes demais. Estou com tanta vergonha. O que eu vou fazer?

Fitch engoliu o bolo em sua garganta. Não queria falar isso, mas pelo bem dela precisava falar. Se não falasse, ela poderia acabar como Claudine Winthrop e ele poderia ser a pessoa chamada para fazer isso. Então tudo estaria arruinado porque ele sabia que não conseguiria. Estaria de volta na cozinha, esfregando panelas, na melhor das hipóteses. Mas preferia isso do que ferir Beata.

Fitch segurou a mão dela e abriu-a gentilmente. Enfiou a mão no bolso do casaco dele. Na palma da mão dela ele colocou o alfinete com uma ponta em espiral. O alfinete que Beata usou para fechar o colarinho do vestido dela. O alfinete que ela perdeu no terceiro andar naquele dia.

– Bem, da maneira que eu vejo as coisas, você está com bastante problema, Beata. Não vejo nenhum jeito de sair dessa a não um.

CAPÍTULO 41



Teresa sorriu.

– Sim, por favor.

Dalton pegou dois pedaços de carne de vitela da bandeja oferecida pelo servo. O rapaz Haken dobrou os joelhos, girou com uma pisada suave, e afastou-se. Dalton colocou a carne na bandeja que dividia com Teresa enquanto ela beliscava sua comida favorita, filhote de coelho.

Dalton estava cansado e entediado com o banquete prolongado. Tinha trabalho importante do qual precisava cuidar. Certamente sua primeira responsabilidade era cuidar do Ministro, mas esse objetivo seria melhor atendido tratando de assuntos por trás da cortina do governo do que em um palco balançando a cabeça e rindo dos gracejos do Ministro.

Bertrand estava balançando uma salsicha enquanto contava uma piada para vários comerciantes ricos na ponta da mesa principal. Pela risada gutural dos comerciantes, e o modo como Bertrand empunhava a salsicha, Dalton sabia qual era o tipo da piada. Stein, particularmente, gostava da história grosseira.

Logo que as risadas terminaram, Bertrand desculpou-se graciosamente com sua mulher e pediu que ela perdoasse sua piada. Ela soltou uma risada e colocou o assunto de lado com o balanço de uma das mãos, adicionando que ele era incorrigível. Os comerciantes riram da indulgência dela com o marido.

Teresa cutucou Dalton com o cotovelo suavemente e sussurrou.

– Que piada foi aquela que o Ministro contou? Não consegui ouvir.

– Devia agradecer ao Criador por ele não ter abençoado você com audição melhor. Foi uma das piadas de Bertrand, se você me entende.

– Bem, – ela falou com um sorriso. – você vai me contar quando chegarmos em casa?

Dalton sorriu.

– Quando chegarmos em casa, Tess, eu vou demonstrar para você.

Ela soltou uma risada. Dalton pegou um dos pedaços de carne de vitela e esfregou dentro de um molho com vinho e gengibre. Deixou ela morder um pedaço e lambe um pouco do molho do dedo dele antes de colocar o resto em sua boca.

Enquanto mastigava, ele voltou sua atenção para três dos Diretores do outro lado da sala engajados no que parecia ser uma conversa séria. Eles gesticulavam bastante enquanto se inclinavam, franzindo as testas, balançando as cabeças, e levantando dedos para destacar suas observações. Dalton sabia do que se tratava a conversa. Quase toda conversa pela sala envolvia um tópico similar: o assassinato de Claudine Winthrop.

O Ministro, usando um jibão bem justo púrpura e com listras marrons, sem mangas, sobre uma camisa estampada em dourado e cor de trigo com mangas, colocou o braço sobre os ombros de Dalton enquanto ele se inclinava chegando mais perto. Os punhos brancos no pulso do Ministro estavam manchadas com vinho, fazendo ele parecer como se estivesse sangrando por baixo da manga apertada.

– Todos estão bastante revoltados com o assassinato de Claudine. – falou Bertrand.

– E com razão. – Dalton mergulhou um cubo de carne de carneiro em geleia de hortelã. – Foi uma tragédia terrível.

– Sim, isso fez com que todos nós percebêssemos como é frágil o controle que temos sobre os ideais do comportamento civilizado que tanto estimamos. Isso nos mostrou quanto trabalho ainda está diante de nós para juntarmos Hakens e Anders em uma sociedade pacífica.

– Com a sua sábia liderança, – Teresa falou com genuíno entusiasmo enquanto Dalton comia o cubo de carne de carneiro. – teremos sucesso.

– Obrigado pelo seu apoio, minha querida. – Bertrand chegou um pouco mais perto de Dalton, baixando também um pouco a voz. – Ouvi dizer que o Soberano pode estar doente.

– Verdade? – Dalton chupou a geleia de hortelã do dedo. – Isso é sério?

Bertrand balançou a cabeça com falsa tristeza. – Não recebemos nenhuma notícia.

– Rezaremos por ele. – Teresa declarou enquanto selecionava uma fina fatia de carne apimentada. – E pelo pobre Edwin Winthrop. Bertrand sorriu.

– Você é uma mulher muito atenciosa e de coração gentil, Teresa. – Olhou para o espartilho dela, como se tentasse enxergar o coração gentil dela batendo ali, por trás do decote expondo os seios. – Se algum dia eu ficasse doente, não poderia desejar uma mulher mais nobre do que você para rezar ao Criador em meu benefício. Certamente, o próprio coração dele derreteria com suas ternas palavras.

Teresa ficou radiante. Hildemara, beliscando uma fatia de pera, fez uma pergunta para seu marido e ele virou novamente para ela. Stein aproximou-se para conversar com eles sobre alguma coisa. Todos se afastaram quando um servo trouxe uma bandeja com carne assada.

Quando Stein pegou uma boa quantidade da carne assada, Dalton olhou novamente para os Diretores, ainda concentrados em sua discussão. Observou a mesa oposta a eles e encontrou os olhos

de Franca Gowenlock. O rosto da mulher disse para ele que ela não conseguia detectar nada. Dalton não sabia qual era o problema com os poderes dela, mas isso estava se transformando em um sério impedimento.

Um servo levantou uma bandeja na direção do Ministro. Ele pegou vários pedaços de carne de porco. Outro chegou com carneiro e lentilhas, que Hildemara adorava. Um servo colocou mais vinho na mesa principal antes de seguir adiante. O Ministro passou um braço em volta do ombro de Hildemara e falou com ela sussurrando.

Outro servo entrou carregando uma larga cesta cheia de pão. Levou-a até a mesa de serviço para que o pão fosse transferido para bandejas de prata. De uma certa distância, Dalton não conseguia perceber se havia algum problema com o pão. Uma grande quantidade dele havia sido declarada inadequada para o banquete e foi disponibilizada para doação aos pobres. Sobras de banquetes, geralmente grandes quantidades, eram distribuídas aos pobres.

Mestre Drummond teve algum tipo de problema lá na cozinha mais cedo durante o preparo do pão. Alguma coisa a respeito de fornos ficando “loucos”, como o homem descreveu. Uma mulher ficou bastante queimada antes que o fogo pudesse ser apagado. Dalton tinha coisas mais importantes para se preocupar do que o preparo de pão, e não tinha feito mais perguntas.

– Dalton, – o Ministro disse, voltando sua atenção para seu assistente. – você conseguiu encontrar alguma evidência sobre o assassinato da pobre Claudine Winthrop?

Do outro lado do Ministro, Hildemara pareceu bastante interessada em ouvir a resposta de Dalton.

– Estive procurando em várias áreas promissoras. – Dalton falou sem assumir compromisso. – Espero chegar a uma conclusão da investigação em breve.

Como sempre, eles precisavam ter prudência quando falavam em banquetes, para que as palavras que eles não queriam repetidas

não fossem carregadas até ouvidos atentos. Ouvintes dotados além de Franca poderiam estar presentes e sem problemas com sua habilidade. Dalton, para não falar de Bertrand e sua esposa, não duvidava que os Diretores deviam usar pessoas dotadas.

– Bem, o negócio é o seguinte, – Bertrand falou. – Hildemara diz que algumas pessoas estão ficando bastante preocupadas que nós não estejamos tratando do assunto com seriedade suficiente.

Dalton começaria a oferecer evidências do contrário, quando Bertrand levantou uma das mãos e prosseguiu.

– É claro que isso não é verdade de forma alguma. Sei o quanto você tem trabalhado duro para prender os criminosos.

– Dia e noite. – Teresa disse. – Posso assegurar, Ministro Chanboor, que ultimamente Dalton mal está dormindo, por causa do quanto esteve trabalhando desde o assassinato da pobre Claudine.

– Oh, eu sei. – Hildemara falou quando se inclinava passando pelo marido dando alguns tapinhas no pulso de Dalton em uma encenação para Teresa e qualquer um que estivesse observando. – Sei como Dalton tem trabalhado duro. Todos apreciam tudo que ele está fazendo. Sabemos do grande número de pessoas que foram trazidas e entrevistadas para obtermos informações.

– Só que algumas pessoas estão começando a questionar se tudo isso vai mesmo resultar na identificação dos culpados. As pessoas temem que os assassinos ainda estejam entre eles e estão ansiosos para que o assunto seja resolvido.

– Isso mesmo, – Bertrand disse. – e nós, mais do que qualquer um, queremos que o assassinato seja solucionado para termos paz de espírito sabendo que nosso povo pode repousar em segurança novamente.

– Sim, – Hildemara falou, com um brilho frio nos olhos. – isso deve ser resolvido.

Não havia dúvida quanto ao comando frio em seu tom. Dalton não sabia se Hildemara tinha falado a Bertrand o que tinha ordenado

a ser feito com Claudine, mas isso realmente não tinha importância. Terminou com a mulher e havia seguido para outros assuntos. Ele não se importaria nem um pouco se ela limpasse a bagunça atrás dele e silenciasse qualquer problema em potencial.

Dalton estava esperando que o Ministro e a esposa dele pudessem ficar preocupados com as reclamações de algumas pessoas, antes que o povo ficasse cansado de falar sobre o assassinato de uma mulher proeminente da Propriedade. Como precaução, ele já tinha feito planos; parecia que ele seria forçado a usá-los.

Sua primeira escolha seria aguardar, pois sabia que logo as conversas morreriam e todo o assunto seria esquecido, ou no máximo as pessoas ocasionalmente moveriam suas línguas mostrando tristeza e talvez até mesmo agitação. Mas Bertrand gostava de ser enxergado como uma pessoa competente em seu trabalho. Para ele, o preço para os outros era apenas uma consideração menor. Para Hildemara, isso era relevante. Entretanto, a impaciência deles era perigosa.

– Eu, assim como todos, quero que os assassinos sejam encontrados. – Dalton falou. – Porém, como um homem da lei, estou preso ao meu juramento profissional de ter certeza de encontrar os verdadeiros assassinos, e não simplesmente acusar outra pessoa falsamente só para ver alguém punido.

– Sei que no passado você me aconselhou com firmeza a respeito desse cuidado. – Dalton mentiu para qualquer ouvido que estivesse escutando.

Quando ele viu Hildemara prestes a reclamar de qualquer demora, Dalton adicionou com um tom repentinamente irritado.

– Não apenas seria errado ser tão apressado para acusar falsamente homens inocentes, mas também imprudente impor a responsabilidade do crime sobre os homens, e depois da sentença acabasse acontecendo que a Madre Confessora desejasse obter a

confissão deles, e ela descobrisse que nós sentenciamos homens inocentes, nossa incompetência seria imediatamente denunciada não somente pela Madre Confessora, mas também pelo Soberano e os Diretores. – ele queria ter certeza de que eles entenderiam completamente os riscos envolvidos.

– Entretanto, pior ainda seria caso nós sentenciássemos os homens à morte e efetuássemos as execuções antes que a Madre Confessora revisasse o caso, ela poderia se intrometer de uma maneira que poderia não apenas derrubar o governo, mas garantir que os altos oficiais fossem tocados por seu poder como punição.

Bertrand e Hildemara ficaram sentados de olhos arregalados depois da tranquila mas séria explicação de Dalton.

– É claro, Dalton. Claro que você tem razão. – Os dedos de Bertrand balançaram no ar em um movimento como o de um peixe agitando suas nadadeiras para nadar para trás. – Não quis dar a impressão de que estava sugerindo algo assim, é claro.

– Como Ministro eu não posso permitir que uma pessoa seja acusada falsamente. Não permitiria que tal coisa acontecesse. Isso não apenas seria uma terrível injustiça com aqueles acusados falsamente, como também permitiria que assim os verdadeiros assassinos escapassem para matar novamente.

– Mas depois que isso foi dito... – um tom de ameaça voltou a tomar conta da voz de Hildemara. – acredito que você esteja perto de conseguir os nomes dos assassinos? Ouvi falarem tão bem das suas habilidades que eu suspeito que você está sendo apenas perfeccionista. Certamente o assistente chefe do Ministro logo providenciará para que a justiça seja feita? As pessoas gostarão de saber que o Ministro da Cultura é competente. Ele deve ser enxergado como alguém eficaz em tratar da solução disso.

– Isso mesmo. – Bertrand disse, olhando para sua mulher até que ela recostou em sua cadeira. – Queremos uma solução justa.

– Além disso, – Hildemara falou. – existe uma conversa a respeito de uma pobre garota Haken que foi estuprada recentemente. Os rumores sobre o estupro estão se espalhando rapidamente. As pessoas acham que os dois crimes estão ligados.

– Também ouvi sussurros disso. – Teresa disse. – É simplesmente terrível.

Dalton devia ter imaginado que Hildemara teria descoberto sobre aquilo e iria querer que fosse resolvido também. Estava preparado para essa eventualidade, mas esperava conseguir evitar se pudesse.

– Uma garota Haken? E quem pode afirmar que ela está dizendo a verdade? Talvez esteja tentando esconder uma gravidez sem o casamento e declara um estupro para ganhar a simpatia em um tempo de sentimentos exaltados.

Bertrand passou um pedaço de carne de porco em uma pequena tigela com mostarda.

– Ainda não apareceu ninguém informando o nome dela, mas pelo que escutei, acredita-se que esse seja um caso verdadeiro. As pessoas ainda estão tentando descobrir o nome dela para colocá-la diante de um magistrado. – Bertrand fez uma careta lançando um certo olhar até que tivesse certeza de que Dalton entendeu que estavam falando sobre a garota do açougueiro. – O medo não é apenas que isso seja verdade, mas que sejam os mesmos que atacaram Claudine. As pessoas temem que os mesmos criminosos agora tenham atacado duas vezes, e temem que eles ataquem novamente.

Bertrand inclinou a cabeça para trás e largou a carne de porco dentro da boca. Stein, do outro lado de Hildemara, observava a conversa com crescente desprezo enquanto comia carne assada. Ele, é claro, resolveria o assunto rapidamente com sua lâmina. Dalton também, se isso fosse tão simples.

– É por isso... – Hildemara falou enquanto inclinava para frente mais uma vez. – que o crime deve ser solucionado. O povo deve saber quem é responsável. – Uma vez que já tinha entregue a ordem, ela endireitou o corpo na cadeira.

Bertrand apertou o ombro de Dalton.

– Conheço você, Dalton. Sei que não quer sair e falar algo até que tenha toda a colheita preparada, porque você é modesto demais, mas sei que solucionou o crime e logo anunciará os assassinos. E antes que as pessoas tenham o trabalho de arrastar uma pobre garota Haken até um magistrado. Depois que ela obviamente já sofreu com isso, seria uma vergonha para ela sofrer mais humilhação.

Eles não sabiam, mas Dalton já tinha conversado com Fitch para começar a fazer a pedra descer a colina. Entretanto, ele podia ver que ele mesmo teria que aplicar um empurrão em uma nova direção.

Stein, do outro lado de Hildemara, atirou o pão dele sobre a mesa com desgosto.

– Esse pão está queimado!

Dalton suspirou. O homem adorava as tolas explosões dele. Ele era traiçoeiro para ser ignorado, e como uma criança, fazia algo para chamar atenção. Eles o deixaram fora da conversa.

– Tivemos algum tipo de problema com os fornos lá na cozinha.
– Dalton falou. – Se você não gosta de pão escuro, corte a casca queimada.

– Você tem problemas com feiticeiras! – Stein rugiu. – E fala sobre cortar a casca? Essa é a sua solução?

– Temos problemas com fornos. – Dalton falou entre os dentes cerrados enquanto lançava um olhar preocupado pela sala verificando se alguém estava prestando atenção no homem. Algumas mulheres, longe demais para escutarem, estavam piscando para ele. – Provavelmente um cano entupido. Amanhã isso estará consertado.

– Feiticeiras! – Stein repetiu. – Feiticeiras lançaram feitiços para queimar o pão aqui. Todo mundo sabe que quando existe uma feiticeira na vizinhança ela não consegue resistir e lança feitiços para queimar pão.

– Dalton, – Teresa sussurrou. – ele conhece sobre magia. Talvez ele saiba de algo que não sabemos.

– Ele é uma pessoa supersticiosa, só isso. – Dalton sorriu para ela. – Conhecendo Stein, ele está fazendo uma piada.

– Poderia ajudar você a encontrá-las. – Stein inclinou sua cadeira para trás e começou a mexer nas unhas com sua faca. – Eu conheço a respeito de feiticeiras. Provavelmente foram feiticeiras que mataram aquela mulher, e estupraram a outra. Encontrarei elas para você, já que você não consegue. Outro escalpo para a minha capa poderia ser útil.

Dalton jogou o guardanapo sobre a mesa enquanto pedia desculpas a Teresa. Ele levantou, caminhou passando ao redor do Ministro e sua esposa, e curvou-se chegando perto do ouvido de Stein. O homem fedia.

– Tenho razões específicas para fazer as coisas do jeito que eu as planejo.

– Dalton sussurrou. – Fazendo isso do meu jeito, faremos esse cavalo arar o campo para nós, puxar nossa carroça, e carregar nossa água. Se eu simplesmente quisesse carne de cavalo, eu não precisaria de você; eu mesmo retalharia ele.

– Uma vez que já avisei a você anteriormente sobre tomar cuidado com suas palavras e parece que você não entendeu, permita que eu explique outra vez de um jeito que você entenderá.

O sorriso de Stein mostrou os seus dentes amarelos. Dalton chegou mais perto.

– Esse é um problema criado parcialmente por você e sua incapacidade de fazer uso gracioso daquilo que está sendo oferecido a você livremente. Ao invés disso, achou melhor forçar uma garota

que não estava se oferecendo e que não aceitava. Não posso mudar o que está feito, mas se algum dia você falar novamente desse modo para causar sensação, eu, pessoalmente, cortarei sua garganta e mandarei você de volta para o Imperador dentro de uma cesta. Pedirei a ele que envie para nós alguém com mais cérebro do que um porco no cio.

Dalton pressionou a faca que carregava em sua bota, escondida na palma da sua mão apenas com a ponta exposta, na parte debaixo do queixo de Stein.

– Você está na presença dos seus superiores. Agora, deixe claro para as boas pessoas na mesa que estava apenas fazendo uma piada grosseira. E Stein... é melhor que seja convincente ou eu juro que não sobreviverá além dessa noite.

Stein riu amigavelmente.

– Gosto de você, Campbell. Você e eu somos muito parecidos. Sei que conseguiremos fazer negócios; você e o Ministro gostarão da Ordem. Independente da sua bela dança no jantar, somos parecidos.

Dalton virou para Hildemara e Bertrand.

– Stein tem algo a dizer. Assim que ele terminar, devo me retirar para checar algumas novas informações. Acho que posso ter descoberto os nomes dos assassinos.

CAPÍTULO 42



Fitch seguiu apressado pelo corredor fracamente iluminado. Rowley falou para ele que era importante. Os pés descalços de Morley faziam barulho no piso de madeira. Agora isso soava estranho para Fitch. Por nunca ter usado botas, levou algum tempo para Fitch se acostumar com o som delas. Agora o som de pés descalços parecia estranho para ele. Além de estranho, era um som que o lembrava de quando era um ajudante de cozinha descalço, e não gostava de lembrar daquela parte de sua vida.

Ser um mensageiro era como um sonho realizado.

O som da música no banquete entrava pelas janelas abertas. A mulher com a harpa estava tocando e cantando. Fitch adorava o som puro da voz dela cantando junto com a harpa.

– Tem alguma ideia do que se trata?

– Não. – Fitch disse. – Mas não acho que teríamos mensagens para levar a essa hora da noite. Especialmente quando tem um banquete acontecendo.

– Espero que isso não demore.

Fitch sabia o que Morley queria dizer. Eles tinham acabado de sentar para ficarem bêbados. Morley tinha encontrado uma garrafa de rum quase cheia e eles estavam ansiosos para ficarem bêbados. Não apenas isso, Morley disse que uma garota que lavava pratos que ele conhecia queria ficar bêbada junto com eles. Morley falou para Fitch que eles deveriam deixar ela ficar bêbada primeiro. Fitch estava ofegante com as implicações daquilo.

Além disso, assim como gostava de ficar bêbado, ele queria esquecer sua conversa com Beata.

O escritório externo estava vazio e ali reinava um grande silêncio. Rowley não tinha voltado com eles, então estavam ali apenas os dois. Dalton Campbell, caminhando lentamente com suas mãos cruzadas atrás das costas, avistou eles e acenou pedindo que entrassem.

– Aí estão vocês dois. Bom.

– O que podemos fazer por você, Mestre Campbell? – Fitch perguntou.

O escritório interno estava iluminado por lâmparinas, que davam a ele uma sensação acolhedora. A janela estava aberta e as finas cortinas balançavam para frente e para trás em uma leve brisa. As bandeiras de batalha agitavam um pouco na brisa.

Dalton Campbell soltou um suspiro.

– Temos problema. Problema relacionado com o assassinato de Claudine Winthrop.

– Que tipo de problema? – Fitch perguntou. – Tem alguma coisa que podemos fazer para resolver isso?

O assistente do Ministro esfregou uma das mãos pelo queixo.

– Vocês foram vistos.

Fitch sentiu uma onda gelada de terror subindo por suas costas.

– Vistos? O que você quer dizer?

– Bem, lembra que vocês falaram que ouviram uma carruagem parar, e então todos vocês correram até aquele lago.

Fitch engoliu ar. – Sim, Senhor?

Dalton Campbell suspirou outra vez. Ele ficou batendo com um dedo na escrivaninha enquanto parecia considerar como colocar aquilo em palavras.

– Bem, o cocheiro da carruagem foi quem encontrou o corpo. Ele retornou para chamar a guarda da cidade.

– Você já falou isso para nós, Mestre Campbell. – Morley disse.

– Sim, bem, acabei de descobrir que antes dele partir, deixou o assistente dele para trás. O homem seguiu o rastro de vocês através do trigo. Seguiu vocês até o lago.

– Queridos espíritos. – Fitch suspirou. – Está querendo dizer que ele viu todos nós nadando e nos lavando?

– Ele viu vocês dois. Somente agora ele falou os seus nomes. Fitch e Morley, ele disse, da cozinha da Propriedade.

O coração de Fitch estava batendo fora de controle. Tentou pensar, mas o pânico estava girando em volta dos ouvidos dele mais rápido do que ele podia perceber. Por uma boa razão ou não, eles ainda o condenariam à morte.

– Mas porque esse homem não falou alguma coisa antes, se ele nos viu?

– O quê? Oh. Acho que ele estava em choque com a visão do cadáver, e tudo mais, então ele... – Dalton Campbell balançou uma das mãos. – Olhem, não há tempo para discutir o que já aconteceu. Agora não podemos fazer nada a respeito disso.

O alto Ander abriu uma gaveta. – Eu me sinto horrível com tudo isso. Sei que vocês dois fizeram um bom trabalho para mim, para Anderith. Mas o fato continua, vocês foram vistos.

Ele tirou uma pesada bolsa de couro da gaveta e colocou-a sobre a escrivaninha.

– O que vai acontecer com nós dois? – Morley perguntou. Os olhos deles estavam do tamanho de moedas de ouro. Fitch sabia como o seu amigo estava se sentindo. Seus próprios joelhos estavam tremendo enquanto tentava imaginar como eles o executariam.

Um novo terror subiu em sua garganta, quase liberando um grito. Ele lembrou de Franca contando como aquela multidão colocou uma corda em volta do pescoço dela e levantaram ela para montarem uma fogueira embaixo enquanto estava sendo estrangulada e seus pés chutavam no ar. Só que Fitch não tinha

magia para ajudá-lo a escapar. Levantou a mão até o pescoço e sentiu a corda áspera em volta dele.

Dalton Campbell empurrou a bolsa de couro pela mesa.

– Quero que vocês dois peguem isso.

Fitch teve que se concentrar para entender o que Dalton Campbell tinha falado.

– O que é isso?

– A maioria é prata. Também tem um pouco de ouro. Como eu falei, me sinto horrível com tudo isso. Vocês dois foram de grande ajuda e mostraram que são confiáveis. Entretanto, agora com alguém que viu vocês e pode identificá-los como aqueles que... vocês serão condenados à morte por matarem Claudine Winthrop.

– Mas você poderia falar para eles...

– Não posso falar nada para eles. Minha primeira responsabilidade é com Bertrand Chanboor e o futuro de Anderith. O Soberano está doente. Bertrand Chanboor pode ser chamado para tornar-se o novo Soberano a qualquer dia. Não posso colocar a terra toda no caos por causa de Claudine Winthrop. Vocês dois são como soldados na guerra. Na guerra, pessoas boas são perdidas.

– Além disso, com as emoções a respeito disso tão fortes, ninguém me escutaria. Uma multidão furiosa arrastaria vocês e...

Fitch achou que iria desmaiar. Ele estava respirando tão rápido que estava quase apagando.

– Quer dizer que seremos condenados à morte?

Dalton Campbell levantou os olhos, retornando de seus pensamentos.

– O quê? Não. – Ele empurrou novamente a bolsa de couro. – Eu falei, isso é um monte de dinheiro. Peguem. Fugam. Não entenderam? Devem fugir ou serão condenados à morte antes do pôr-do-sol.

– Mas para onde iremos? – Morley perguntou.

Dalton Campbell balançou uma das mãos na direção da janela.

– Para longe. Bem longe. Longe o bastante para que eles nunca encontrem vocês.

– Mas se isso pudesse ser resolvido, de algum jeito, para que as pessoas soubessem que só estávamos fazendo o que tinha de ser feito...

– E estuprar Beata? Vocês não tinham que estuprar Beata.

– O quê? – Fitch disse soltando um longo suspiro. – Eu nunca... eu juro, eu nunca faria isso. Por favor, Mestre Campbell, eu não faria.

– Não importa o que você nunca faria. De acordo com as pessoas que estão atrás de vocês, vocês fizeram isso. Eles não vão parar para que eu possa argumentar com eles. Eles não vão escutar. Pensam que as mesmas pessoas que estupraram e mataram Claudine também estupraram Beata. Não acreditarão em vocês, não quando um homem pode identificá-los como aqueles que mataram Claudine Winthrop. Se vocês estupraram Beata ou não, não importa. O homem que viu vocês é um Ander.

– As pessoas estão atrás de nós? – Morley passou a mão trêmula sobre o rosto pálido. – Quer dizer que já tem pessoas atrás de nós?

Dalton Campbell assentiu.

– Se ficarem aqui serão condenados à morte pelos dois crimes. A única chance de vocês é fugir, e depressa.

– Porque vocês dois são homens tão leais a mim, e serviram tão bem na causa da cultura Anderith, queria avisá-los para que pudessem ter pelo menos uma chance de escaparem. Estou entregando a vocês minhas economias para ajudá-los a escapar.

– Suas economias? – Fitch balançou a cabeça. – Não, Senhor, Mestre Campbell, não levaremos suas economias. Você tem uma esposa e...

– Eu insisto. Se for necessário, ordenarei. A única forma para que eu consiga dormir a noite é saber que pelo menos eu pude dar essa pequena ajuda para vocês. Eu faço o que puder para cuidar de

meus homens. Isso é o mínimo que posso fazer por vocês dois, bravos homens.

Ele apontou para a bolsa de couro. – Peguem. Dividam entre vocês. Usem isso para fugirem para bem longe. Comecem uma nova vida.

– Uma nova vida?

– Isso mesmo. – o Mestre Campbell disse. – Poderiam até mesmo comprar espadas para vocês.

Morley piscou, surpreso.

– Espadas?

– É claro. Tem o bastante ali para comprar uma dúzia de espadas para cada um de vocês. Se vocês fossem para uma nova terra, não seriam considerados como Hakens, como são aqui. Em muitos lugares vocês seriam homens livres e poderiam comprar espadas. Arrumem novas vidas para vocês. Novo trabalho, tudo novo. Com dinheiro como esse, poderiam encontrar boas mulheres e cortejá-las adequadamente.

– Mas nunca estivemos fora de Fairfield. – Morley falou, quase chorando.

Dalton Campbell colocou as mãos sobre a escrivaninha dele e inclinou na direção deles.

– Se vocês ficarem aqui, serão condenados à morte. Guardas estão com seus nomes, e sem dúvidas estão procurando por vocês enquanto conversamos. Provavelmente eles estão logo atrás dos seus calcanhares. Rezo ao Criador para que eles não tenham visto vocês subindo até aqui. Se querem viver, peguem o dinheiro e fujam. Encontrem novas vidas para vocês.

Fitch lançou um rápido olhar por cima do ombro. Não viu ou escutou ninguém, mas poderiam estar em cima deles a qualquer momento. Ele não sabia o que fazer, mas sabia que precisavam fazer o que Dalton Campbell disse e fugir.

Fitch pegou a bolsa de couro da mesa. – Mestre Campbell, você é o melhor homem que já conheci. Gostaria de ter conseguido trabalhar para você o resto da minha vida. Obrigado pelo aviso de que eles estão atrás de nós e por nos dar algo para começar.

Dalton Campbell esticou uma das mãos. Fitch nunca havia trocado um aperto de mão com um Ander, mas foi uma sensação muito boa. Fez ele sentir-se como um homem. Dalton Campbell apertou a mão de Morley também.

– Boa sorte para vocês dois. Aconselharia que conseguissem alguns cavalos. Comprem eles, não roubem, ou isso deixará o seu rastro para eles. Sei que isso será difícil, mas tentem agir normalmente ou deixarão as pessoas desconfiadas.

– Tomem cuidado com o dinheiro, não gastem com prostitutas e rum ou ele acabará antes que vocês percebam. Se isso acontecer, serão pegos e não viverão o bastante para morrerem com as doenças que as prostitutas passarão para vocês.

– Se usarem suas cabeças com o dinheiro, usarem de modo frugal, ele manterá vocês durante alguns anos, dará tempo para que vocês estabeleçam novas vidas em qualquer lugar que escolherem.

Fitch esticou o braço e apertou a mão dele novamente.

– Obrigado por todos os conselhos, Mestre Campbell. Faremos como você diz. Compraremos cavalos e então fugiremos.

– Não se preocupe. Morley e eu já vivemos na estrada. Sabemos como evitar que Anders que desejam fazer mal nos peguem.

Dalton Campbell sorriu.

– Suponho que sim. Então, que o Criador tome conta de vocês.

* * *

Quando Dalton retornou para o banquete, encontrou Teresa, sentada na cadeira dele, engajada em uma intensa conversa com o Ministro. A risada alegre dela se destacava entre os sons do banquete,

enquanto a de Bertrand ecoava mais baixo. Hildemara, Stein, e os comerciantes na outra ponta da mesa estavam concentrados sussurrando em sua própria discussão.

Sorrindo, Teresa esticou o braço e segurou a mão de Dalton.

– Aí está você, querido. Pode ficar agora, por favor? Bertrand, diga para Dalton que ele trabalha duro demais. Ele tem que comer.

– Ora, sim, Dalton, você realmente trabalha mais do que qualquer homem que eu já conheci. Sua esposa está terrivelmente solitária sem você. Estive tentando mantê-la entretida, mas ela não está interessada em minhas histórias. Ela é bastante educada a respeito disso, embora ela só queira dizer para mim que homem bom você é quando eu já sei disso.

Bertrand e Teresa o encorajaram a retornar para o assento dele enquanto ela voltava para o dela. Dalton levantou um dedo para sua esposa, implorando paciência só por mais um momento. Ele deu a volta e colocou uma das mãos no ombro do Ministro e a outra no de Hildemara quando inclinou abaixando-se entre eles. Os dois aproximaram suas cabeças.

– Acabei de receber uma nova informação que confirma minhas suspeitas. Acontece que os primeiros relatórios do crime foram exagerados. Na verdade Claudine Winthrop foi assassinada apenas por dois homens. – Ele entregou ao Ministro um pedaço de papel dobrado fechado com um selo de cera. – Aqui estão os nomes deles.

Bertrand pegou o papel enquanto um sorriso surgia no rosto da sua esposa.

– Agora, por favor escute atentamente. – Dalton adicionou. – Eu estava atrás deles, mas antes que eu conseguisse prendê-los, eles roubaram uma grande quantia em dinheiro da conta da cozinha e fugiram. Uma busca intensa já está acontecendo.

Ele levantou uma sobrancelha questionadora quando olhou para cada um dos rostos para ter certeza que eles entenderam que ele estava criando uma história por uma razão. As expressões deles

disseram para ele que eles captaram o significado não declarado entre as palavras dele.

– Amanhã, na hora que for do seu agrado, anuncie os nomes dos homens nesse pedaço de papel. Eles trabalharam na cozinha. Estupraram e mataram Claudine Winthrop. Estupraram uma garota Haken que trabalha para o açougueiro, Inger. E agora assaltaram a conta da cozinha e fugiram.

– Mas a garota Haken não terá alguma coisa a dizer? – Bertrand perguntou, preocupado que ela pudesse negar que fossem eles e virasse o dedo para ele, se fosse forçada a falar.

– Infelizmente, a experiência foi demais para ela, e ela fugiu. Não sabemos para onde ela foi, provavelmente para viver com uma família distante, mas ela não voltará. A guarda da cidade tem o nome dela; caso ela tente voltar, serei o primeiro a saber disso e cuidarei pessoalmente do interrogatório dela.

– Então ela não está aqui para contradizer a acusação dos assassinos. – Uma expressão de raiva retornou ao rosto de Hildemara. – Porque deveríamos dar a eles a noite para escaparem? Isso é tolice. As pessoas vão querer uma execução. Uma execução pública. Poderíamos fazer uma bela encenação para elas. Nada como uma boa execução pública para satisfazer as pessoas.

Dalton soltou um suspiro.

– As pessoas querem saber quem fez isso. Bertrand vai dar o nome deles. Isso mostrará para todos que o escritório do Ministro descobriu os assassinos. O fato deles fugirem antes que os seus nomes fossem anunciados prova que eles são culpados.

Dalton baixou a sobancelha. – Qualquer coisa mais do que isso poderia trazer problemas na forma da Madre Confessora. Esse é um problema além de nossa habilidade de controle.

– Uma execução não serviria a propósito algum e traria grande risco. As pessoas ficarão satisfeitas em saber que solucionamos o crime e que os assassinos não estão mais entre eles. Fazer mais do

que isso arriscaria tudo agora que estamos bem na porta de acesso para a câmara do Soberano.

Hildemara começou a fazer objeções.

– O homem tem razão. – Bertrand disse com autoridade.

Ela cedeu. – Suponho que sim.

– Farei um pronunciamento amanhã, com Edwin Winthrop ao meu lado, se ele estiver bem. – Bertrand falou. – Muito bom, Dalton. Muito bom mesmo. Você ganhou um prêmio com essa.

Dalton sorriu finalmente.

– Oh, eu também tenho tudo isso planejado, Ministro.

A risada manhosa de Bertrand retornou. – Sem dúvida, Dalton. Sem dúvida.

– A risada transformou-se em uma gargalhada que contagiou até a mulher dele.

* * *

Fitch teve que enxugar as lágrimas dos olhos enquanto ele e Morley desciam rapidamente os corredores da Propriedade. Seguiam o mais rápido que podiam sem correr, lembrando do que Dalton Campbell falou sobre tentarem agir normalmente.

Quando viam guardas, rapidamente mudavam de rota para evitar serem vistos de perto. De uma certa distância, Fitch era apenas um mensageiro e Morley um trabalhador da Propriedade.

Mas se avistassem algum guarda, e os guardas tentassem detê-los, então eles teriam que correr. Felizmente, o barulho do banquete cobria o som dos pés deles no piso de madeira.

Fitch teve uma ideia que podia ajudar na fuga deles. Sem explicar, puxou a manga de Morley, pedindo que ele o seguisse.

Fitch virou para a escadaria. Eles avançaram dois degraus por vez descendo até o andar mais baixo.

Fitch fez duas curvas e em pouco tempo encontrou a sala que ele queria. Ela estava deserta. Carregando uma lamparina, os dois deslizaram para dentro e fecharam a porta.

– Fitch, você está louco, nos trancando aqui? Agora poderíamos estar na metade do caminho até Fairfield.

Fitch lambeu os lábios.

– Quem eles estão procurando, Morley?

– Nós!

– Não, quero dizer, pela maneira como eles estão pensando, quem eles estão procurando? Um mensageiro, e um ajudante de cozinha, certo?

Morley coçou a cabeça enquanto ficava olhando para a porta.

– Eu acho que sim.

– Bem, essa é a sala de mantimentos da Propriedade, onde eles guardam alguns dos uniformes. Antes que uma costureira ajustasse um uniforme para mim, peguei um daqui para vestir até que ela terminasse o meu.

– Bem, se você tem o seu uniforme, então o que estamos fazendo...

– Tire suas roupas.

– Porque?

Fitch rosou de frustração.

– Morley, eles estão procurando por um mensageiro e um assistente de cozinha. Se você usar a roupa de um mensageiro, então seremos dois mensageiros.

As sobrancelhas de Morley levantaram. – Oh. Isso é uma boa ideia.

Morley tirou rapidamente suas roupas sujas de ajudante de cozinha. Fitch segurou a lamparina bem alto enquanto procurava roupas de mensageiros do assistente do Ministro. Jogou para Morley algumas calças marrom escuras.

– Essas servem?

Morley enfiou as pernas e levantou-as.

– Muito bem.

Fitch tirou uma camisa branca com colarinho franzido.

– E isso aqui?

Fitch observou enquanto Morley tentava abotoar. Era pequena demais para encaixar nos ombros largos de Morley.

– Dobre ela e coloque de volta. – Fitch falou enquanto procurava outra.

Morley jogou a camisa para um lado. – Porque se preocupar?

– Pegue ela e coloque de volta dobrada. Quer que nos peguem? Não quero que pareça que nós estivemos aqui. Se não souberem que alguém pegou roupas, então poderemos escapar mais facilmente.

– Oh. – Morley disse. Recolheu a camisa e começou a dobrá-la com suas mãos grandes.

Fitch entregou para ele outra que estava só um pouco grande demais. Em pouco tempo Fitch encontrou um jibão com mangas, acolchoado com um bordado de cornucópia. As bordas eram adornadas com a distintiva faixa cor de trigo com trançado marrom e negro dos mensageiros de Dalton Campbell.

Morley enfiou os braços nas mangas. Encaixou bem.

– Como estou?

Fitch levantou a lamparina. Soltou um assovio baixo. Seu amigo tinha uma constituição mais robusta do que Fitch. No uniforme de mensageiro Morley parecia quase nobre. Fitch nunca pensou que o amigo dele pudesse ficar com aparência tão boa, mas agora ele estava muito bem.

– Morley, você parece melhor do que Rowley. – Morley sorriu. – Verdade? – o sorriso desapareceu. – Vamos cair fora daqui.

Fitch observou. – Botas, você precisa de botas, ou vai parecer ridículo. Aqui, coloque essas meias ou ficará com bolhas.

Morley enfiou as meias e então sentou no chão enquanto encostava as solas de botas na parte debaixo do seu pé até encontrar

um par que combinasse. Fitch falou para ele recolher todas as suas roupas velhas para que ninguém soubesse que eles estiveram ali e pegaram um uniforme, se eles ao menos notassem que esse estava faltando, havia um monte de uniformes guardados na sala e ela não estava arrumada o bastante para afirmar se um dos uniformes tinha desaparecido.

Quando eles ouviram botas no corredor, Fitch apagou a lamparina. Ele e Morley ficaram congelados no escuro. Estavam aterrorizados demais para respirar. As botas chegaram mais perto. Fitch queria correr, mas se fizessem isso teriam que correr pela porta, e era ali que os homens estavam.

Homens. Ele percebeu que eram botas de dois homens. Guardas. Guardas fazendo suas rondas.

Mais uma vez, Fitch sentiu pânico com a ideia de ser condenado à morte diante de uma multidão excitada. Suor escorreu por suas costas.

A porta abriu.

Fitch podia ver o homem, parado com sua mão na maçaneta da porta, delineado na luz fraca do corredor. Ele podia ver a espada no quadril do homem.

Fitch e Morley estavam um pouco afastados na sala, em um espaço entre prateleiras. O longo retângulo de luz do portal espalhava-se pelo chão e chegava quase até as botas de Fitch. Ele prendeu a respiração. Não ousava mover um músculo.

Talvez, ele pensou, o guarda, seus olhos acostumados com a luz, não tivesse enxergado os dois parados ali no escuro.

O guarda fechou a porta e continuou caminhando com seu colega, que estava abrindo outras portas no corredor. O som de passos ecoava longe.

– Fitch. – Morley falou com um sussurro trêmulo. – estou precisando muito fazer xixi. Podemos cair fora daqui? Por favor?

Fitch teve que se esforçar para que a voz retornasse.

– Certo.

Seguiu por onde lembrava ter visto a porta na escuridão. A luz do corredor vazio era uma visão acolhedora. Os dois partiram rapidamente até a saída mais próxima, a entrada de serviço não muito longe da sala do cervejeiro. No caminho, eles jogaram as roupas velhas de Morley dentro da caixa para trapos perto da área de carga.

Ouviram o velho cervejeiro bêbado cantando uma canção. Morley quis parar e pegar alguma coisa para beber. Fitch lambeu os lábios enquanto pensava na ideia de Morley. Para ele isso também parecia bom. Certamente gostaria de beber um pouco nesse momento.

– Não. – finalmente ele sussurrou. – Não gostaria de ser condenado à morte por causa de uma bebida. Temos bastante dinheiro. Podemos comprar uma bebida mais tarde. Não quero ficar aqui nem um segundo a mais do que o necessário.

Morley assentiu, relutante. Cruzaram as portas de serviço apressadamente e saíram na doca. Com Fitch na liderança, eles desceram rapidamente os degraus, os degraus que Claudine subiu na primeira vez que ele e Morley tiveram sua conversa com ela. Se apenas ela tivesse escutado eles, e feito como Fitch avisou.

– Não vamos pegar nenhuma das nossas coisas? – Morley perguntou.

Fitch parou e olhou para seu amigo na luz que vinha das janelas da Propriedade.

– Você tem alguma coisa pela qual vale a pena morrer?

Morley coçou a orelha. – Bem, não, acho que não. Só um jogo de varas que o meu pai me deu. Acho que não tenho muito mais coisas a não ser minhas outras roupas, e na verdade elas são apenas trapos. Esse uniforme é melhor do que qualquer uma delas, até mesmo minhas roupas de Reunião.

Reunião de Penitência. Fitch percebeu com uma sensação de alegria que eles jamais teriam que participar de Reuniões de Penitência outra vez.

– Bem, eu também não tenho nada que valha a pena levar. Tenho algumas moedas de cobre que sobraram em meu baú, mas isso não é nada comparado com o que estamos carregando agora. Digo que devemos chegar até Fairfield e comprar alguns cavalos.

Morley fez uma careta.

– Sabe como andar em um cavalo?

Fitch olhou ao redor para ter certeza que não havia nenhum guarda por perto. Deu um leve empurrão em Morley para que eles continuassem andando.

– Não, mas imagino que aprenderemos bem rápido.

– Imagino que sim. – Morley falou. – Mas vamos comprar cavalos bem calmos.

Quando foram para a estrada, os dois olharam para trás por cima dos ombros, para a Propriedade, pela última vez.

– Estou feliz em ficar longe daqui. – Morley falou. – Especialmente depois do que aconteceu lá dentro hoje. Ficarei feliz por não ter que entrar naquela cozinha outra vez.

Fitch franziu a testa para seu amigo.

– Do que você está falando?

– Não ficou sabendo?

– Sabendo do quê? Eu estava em Fairfield entregando mensagens.

Morley segurou o braço de Fitch e fez ele parar.

– Sobre o fogo? não ouviu falarem sobre o fogo?

– Fogo? – Fitch estava confuso. – Do que você está falando?

– Lá na cozinha. Mais cedo, hoje. Aconteceu alguma coisa errada com os fornos e a lareira, com a coisa toda.

– Errada? Como o quê?

Morley levantou os braços enquanto fazia um som de rugido com a garganta. Seus braços afastaram, aparentemente para imitarem chamas se expandindo para o exterior.

– O fogo cresceu muito. Queimou o pão. Ficou tão quente que partiu um caldeirão.

– Não. – Fitch falou, surpreso. – Alguém ficou machucado?

Um sorriso diabólico surgiu no rosto de Morley.

– Gillie ficou bastante queimada. – Com um cotovelo ele acertou levemente nas costelas de Fitch. – Ela estava fazendo um molho quando o fogo ficou louco. Ela ficou com aquele rosto feio de ameixa seca queimado. O cabelo dela estava pegando fogo e tudo.

Morley riu com a satisfação de alguém que tinha esperado durante anos pela recompensa.

– Ela provavelmente não viveria, eles disseram. Mas pelo menos enquanto viver, ela sentirá uma dor horrível.

Fitch estava com sentimentos divididos. Não sentia simpatia por Gillie, mas assim mesmo...

– Morley, você não devia ficar feliz porque um Ander se feriu. Isso apenas mostra nossos costumes odiosos Haken.

Morley fez uma careta e eles começaram a andar novamente. Correram por todo o caminho, agachando nos campos sempre que uma carruagem aparecia na estrada. Esconderam-se no trigo, ou no sorgo, dependendo de qual lado oferecia a melhor cobertura. Ali eles deitaram e recuperavam o fôlego até a carruagem passar.

De certo modo, Fitch considerou a experiência da fuga mais como uma libertação do que um corrida apavorante. Longe da Propriedade ele sentiu um medo menor de ser capturado. Durante a noite, pelo menos.

– Acho que deveríamos nos esconder durante o dia. – ele disse para Morley. – Pelo menos no início. Nos esconder em algum lugar seguro enquanto continuamos, e onde possamos ver se alguém está

vindo. Podemos viajar durante a noite para que ninguém nos veja, ou se isso acontecer, não consigam saber quem somos.

– Mas, e se alguém nos encontrar durante o dia quando estamos dormindo?

– Teremos que montar vigia. Exatamente como os soldados fazem. Um de nós fica vigiando enquanto o outro dorme.

Morley pareceu achar a lógica de Fitch uma coisa maravilhosa.

– Nunca pensei nisso.

Reduziram a velocidade para uma caminhada quando aproximaram-se das ruas de Fairfield. Ali, sabiam como desaparecer tão efetivamente quanto fizeram nos campos quando uma carruagem aparecia na estrada.

– Podemos conseguir alguns cavalos, – Fitch disse. – e ainda ganhar alguma distância esta noite.

Morley pensou durante um minuto.

– Como vamos sair de Anderith? Mestre Campbell disse que tem lugares onde não importa se formos Haken. Mas como vamos passar pelo exército com a *Dominie Dirtch* na fronteira?

Fitch deu um puxão no ombro do gibão de Morley.

– Somos mensageiros. Lembra?

– Então?

– Então, nós falamos que temos assuntos oficiais.

– Mensageiros tratam de assuntos oficiais do lado de fora de Anderith?

Fitch pensou um pouco naquilo.

– Bem, quem vai dizer que não? Se falarmos que temos assuntos urgentes eles não poderão nos segurar até que eles enviem alguma mensagem de volta. Isso levaria tempo demais.

– Eles podem pedir para ver a mensagem.

– Não podemos mostrar para eles mensagens secretas, podemos? Simplesmente diremos que é uma missão secreta para

outra terra que não podemos dizer o nome com uma mensagem importante que eles não podem ver.

Morley sorriu.

– Acho que isso vai funcionar. Acho que vamos escapar.

– Pode apostar.

De repente, Morley fez Fitch parar.

– Fitch, para onde iremos? tem alguma ideia sobre essa parte?

Dessa vez foi Fitch quem sorriu.

CAPÍTULO 43



Beata fechou um pouco os olhos por causa da luz do sol quando colocou sua bolsa no chão. Afastou o cabelo soprado pelo vento dos olhos. Uma vez que não sabia ler não conseguia saber o que estava escrito na placa acima do alto portão, mas havia um número na frente dele: vinte e três. Ela conhecia números, então soube que tinha encontrado o lugar.

Ela ficou olhando para a palavra depois do número, tentando lembrar dela para que algum dia talvez a reconhecesse, mas tentar entender o significado daquilo era impossível. Pareciam apenas marcas incompreensíveis entalhadas em um pedaço de madeira. Marcas feitas por galinhas não faziam menos sentido. Ela não conseguia lembrar de uma marca feita por uma galinha; não conseguia entender como as pessoas lembravam das marcas aparentemente indecifráveis que formavam palavras, mas elas lembravam.

Novamente, ela ergueu a bolsa que continha todos os seus pertences. Era uma carga estranha para carregar, que ficava saltitando enquanto batia em seu quadril, mas não era tão pesada que não pudesse ser carregada e ela trocava de mão com frequência quando o braço ficava cansado.

Realmente não tinha tanta coisa assim para carregar: algumas roupas; seu par de sapatos, que foi de sua mãe, e que Beata usava apenas durante ocasiões especiais para não desgastá-los; uma escova entalhada em um chifre; sabão; algumas lembranças que alguns

amigos deram a ela; um pouco de água; um laço de presente; e material para costura.

Inger deu para ela um monte de comida. Estava com uma variedade de salsichas feitas de vários tipos de carnes, algumas da grossura do seu braço, algumas compridas e finas, algumas enroladas. Essas eram as coisas mais pesadas na bolsa dela. Mesmo que tivesse dado várias para pessoas que encontrou que estavam famintas e uma para um fazendeiro e sua esposa que deram uma carona para ela na carroça deles durante dois dias, parecia que ainda tinha bastante salsicha para durar um ano.

Inger também deu para ela uma carta. Estava escrita em fino papel de vitela e dobrada duas vezes. Não sabia ler, mas ele leu para ela antes que ela partisse para que soubesse o que dizia.

Toda vez que parou para descansar pelo caminho, ela pegou a carta, desdobrou cuidadosamente sobre o colo, e fingiu que estava lendo. Tentou lembrar exatamente como Inger falou as palavras para que pudesse tentar dizer qual era cada palavra. Não conseguiu. Marcas feitas por galinhas era tudo que aquilo representava para ela.

Uma vez Fitch fez marcas na terra, e falou para ela o que significavam, “Verdade”. Fitch. Ela balançou a cabeça.

Inger não quis que ela partisse. Disse que precisava dela. Ela falou que havia muitas outras pessoas que ele podia contratar. Podia contratar um homem com a costa mais forte que a dela. Não precisava dela.

Inger disse que ela era boa no trabalho que ele precisava. Ele disse que se preocupava com ela quase como se ela fosse sua filha. Ele falou sobre quando a mãe e o pai dela vieram trabalhar pela primeira vez para ele, e ela ainda era um bebê. Os olhos de Inger estavam vermelhos quando pediu a ela que ficasse.

Beata quase chorou outra vez, mas ela aguentou. Ela disse que o amava como um tio favorito, e que era por isso que precisava ir embora, se ficasse, causaria problemas e ele apenas seria prejudicado

por causa disso. Ele disse que podia cuidar disso. Ela falou que, se ficasse, seria ferida ou até mesmo morta, e estava com medo. Ele não teve resposta para aquilo.

Inger sempre a fez trabalhar duro, mas era justo. Sempre garantiu que ela estivesse alimentada. Nunca bateu nela. Às vezes dava um tapa em um dos garotos se ele respondesse para ele, mas nunca nas garotas. Mas de qualquer modo, as garotas nunca respondiam para ele.

Uma vez ou duas ele ficou zangado com ela, mas nunca bateu nela. Se ela fizesse algo tolo o bastante para deixá-lo zangado, ele fazia ela estripar e desossar galinhas até tarde da noite. Porém, ela não precisava fazer aquilo com muita frequência. Sempre tentava o melhor que podia fazer as coisas direito e não causar problemas.

Se havia uma coisa que Beata considerava importante, era fazer o que diziam e não causar problemas.

Sabia que nascera com uma vil natureza Haken, exatamente como todos os Hakens, e queria tentar agir melhor do que sua natureza.

De vez em quando Inger piscava para ela e falava que ela fizera um bom trabalho. Beata teria feito qualquer coisa para ganhar aquelas piscadas.

Antes dela partir, ele abraçou-a por um longo tempo, e então fez ela sentar enquanto ele escrevia a carta. Quando ele leu, ela pensou ter visto lágrimas nos olhos dele. Tudo que ela conseguiu fazer foi conter as suas para não chorar outra vez.

A mãe e o pai de Beata ensinaram a ela para não chorar na frente dos outros, ou achariam que ela era fraca e tola. Beata teve o cuidado de chorar apenas durante a noite, quando ninguém a escutaria. Ela sempre podia segurar aquilo até a noite, no escuro, sozinha.

Inger era um bom homem, e sentiria muita falta dele, mesmo se ele a fizesse trabalhar até desgastar os dedos. Ela não tinha medo do

trabalho.

Beata enxugou o nariz e então deu um passo para o lado abrindo espaço para uma carroça seguindo na direção do portão. Parecia um lugar bem grande. Ao mesmo tempo, parecia solitário, completamente isolado exposto ao vento no meio do nada, repousando sobre a sua própria colina baixa. O portão através da murada parecia o único caminho de entrada, a não ser que alguém escalasse a muralha íngreme.

Logo que a carroça passou, Beata seguiu-a através dos altos portões e entrou no pátio externo do castelo. Pessoas estavam andando por todos os lados. Aquilo era como uma cidade dentro dos portões. Ver tantas construções a surpreendeu, com ruas e passagens estreitas entre elas.

Um guarda do lado de dentro terminou de falar com o cocheiro e fez sinal para ele entrar. Voltou sua atenção para Beata.

Olhou rapidamente para ela dos pés até a cabeça, sem mostrar nada que pudesse indicar o que poderia estar pensando.

– Boa tarde.

Ele usou o mesmo tom que usou com o cocheiro, educado mas impessoal. Havia mais carroças chegando atrás dela e ele estava ocupado. Ela respondeu a saudação.

O cabelo escuro de Ander no pescoço dele estava molhado de suor. Provavelmente estava quente em seu pesado uniforme. Ele levantou uma das mãos e apontou.

– Bem ali. Segunda construção à direita. – Deu uma piscada para ela. –

Boa sorte.

Ela assentiu agradecendo e seguiu apressada entre os cavalos, antes que eles se aproximassem e ela tivesse que dar a volta. Por pouco ela não pisou em estrume fresco com os pés descalços. Multidões de pessoas estavam caminhando em todas as direções. Cavalos e carroças subiam e desciam as ruas. Cheirava a suor,

cavalos, couro, poeira, estrume, e trigo novo que crescia por todo lado.

Beata nunca esteve em qualquer outro lugar além de Fairfield. Era intimidador, mas também era excitante.

Ela encontrou a segunda construção à direita com facilidade. Lá dentro, uma mulher Ander estava sentada atrás de uma escrivaninha escrevendo sobre um pedaço de papel amarrotado bastante usado. Estava com uma pilha de papéis de um lado da escrivaninha dela, alguns bem gastos e alguns com aparência nova. Quando a mulher levantou os olhos, Beata fez uma reverência.

– Boa tarde, querida. – olhou para Beata dos pés até a cabeça, como o guarda tinha feito. – Caminhada longa?

– De Fairfield, madame.

A mulher baixou a pena.

– Fairfield! Então foi uma longa caminhada. Não fico surpresa que esteja coberta de poeira.

Beata assentiu.

– Seis dias, madame.

A testa da mulher franziu. Ela parecia uma mulher que franzia bastante a testa.

– Então porque veio até aqui, se você é de Fairfield? Tem vários postos mais próximos.

Beata sabia disso. Não queria um posto mais próximo. Queria ficar longe de Fairfield. Longe dos problemas. Inger tinha falado para ela vir até aqui, até a vinte e três.

– Eu trabalhei para um homem chamado Inger, madame. Ele é um açougueiro. Quando falei para ele o que eu queria, ele disse que esteve aqui e sabia que havia boas pessoas aqui. Foi por causa do conselho dele que vim para cá, madame.

Ela sorriu com um lado da boca.

– Não lembro de um açougueiro chamado Inger, mas ele deve ter estado aqui, porque está certo a respeito das pessoas daqui.

Beata baixou a bolsa e tirou a carta.

– Como eu disse, ele me aconselhou a vir aqui, madame.

Ele aconselhou-a a ir para bem longe de Fairfield, e esse lugar era bem longe. Ela estava com medo de aproximar-se da escrivania, então inclinou-se e esticou um braço com sua preciosa carta para a mulher.

– Ele mandou essa carta de apresentação.

A mulher desdobrou a carta e recostou para ler. Observando os olhos dela moverem-se por cada linha, Beata tentou lembrar das palavras de Inger. Estava triste por perceber que as palavras exatas estavam desaparecendo. Não levaria muito tempo até que ela lembrasse apenas dos trechos principais das palavras de Inger.

A mulher baixou a carta. – Bem, Mestre Inger parece ter grande consideração por você, jovem senhorita. Porque você desejaria abandonar um trabalho onde estava tão bem?

Beata não estava esperando que alguém perguntasse porque ela queria fazer isso. Pensou um pouco, e rapidamente decidiu ser honesta, mas não honesta demais.

– Esse sempre foi meu sonho, madame. Acho que uma pessoa deve tentar realizar o seu sonho algum dia. Não adiante viver sua vida e nunca tentar realizar o seu sonho.

– E porque esse é o seu sonho?

– Porque eu quero fazer o bem. E porque o Mi... o Ministro garantiu, que mulheres fossem respeitadas aqui. Então elas seriam iguais.

– O Ministro é um grande homem.

Beata engoliu seu orgulho. Orgulho não fazia nenhum bem para uma pessoa; apenas atrasava.

– Sim, madame. Ele é. Todos respeitam o Ministro. Ele aprovou a lei que permite mulheres Haken servirem junto com os homens e mulheres Ander. Essa lei também diz que todos devem mostrar respeito para aquelas mulheres Haken que servem a nossa terra.

Mulheres Haken possuem uma grande dívida com ele. O Ministro Chanboor é um herói para todas as mulheres Haken.

A mulher observou-a sem mostrar emoção.

– E você teve problemas com homens. Estou certa? Alguns homens não manteriam suas mãos longe de você, e finalmente você não aguentava mais e teve coragem de partir.

Beata limpou a garganta.

– Sim, madame. É verdade. Mas o que eu falei sobre isso sempre ter sido o meu sonho também é verdade. O homem apenas me fez decidir mais cedo, só isso. Ainda é o meu sonho, se você me aceitar.

A mulher sorriu.

– Muito bom. Então, qual é o seu nome?

– Beata, madame.

– Muito bom, Beata. Aqui nós tentamos seguir o exemplo do Ministro Chanboor, e fazer o bem.

– Foi por isso que eu vim, madame; para que pudesse fazer o bem.

– Eu sou a Tenente Yarrow. Me chame de Tenente.

– Sim, ma... Tenente. Então... eu posso entrar?

A Tenente Yarrow apontou com a pena.

– Pegue aquele saco bem ali.

Beata levantou o saco grosseiro. Parecia como se ele estivesse cheio de lenha. Ela passou um dos pulsos debaixo dele e segurou-o encostado no quadril com um braço.

– Sim, Tenente? O que gostaria que fizesse com isso?

– Coloque no seu ombro.

Beata ergueu ele e curvou o braço em volta e para frente sobre o saco para que ele ficasse apoiado sobre o músculo e a madeira não descansasse em cima do osso do ombro. Ficou esperando.

– Está certo. – falou a Tenente Yarrow. – Pode colocar ele no chão.

Beata o colocou de volta onde ele estivera.

– Você passou. – disse a Tenente. – Parabéns. O seu sonho acaba de virar realidade. Você está no exército Anderith. Hakens nunca podem ficar completamente limpos de sua natureza, mas aqui você será valorizada e poderá fazer o bem.

Beata sentiu uma repentina onda de orgulho. Não conseguiu evitar.

– Obrigada, Tenente.

A Tenente balançou a pena, apontando para trás por cima do ombro dela.

– Lá fora, descendo a passagem estreita até o fim, logo abaixo da muralha, você encontrará uma pilha de lixo. Leve a sua bolsa até lá e jogue lá com o resto das sobras.

Beata ficou chocada. Os sapatos da sua mãe estavam ali dentro. Eram caros. Sua mãe e o seu pai economizaram durante anos para comprar aqueles sapatos. Havia lembranças na bolsa dela, dadas por seus amigos. Beata conteve as lágrimas.

– Devo jogar também a comida que Inger mandou, Tenente?

– A comida também.

Beata sabia que se uma mulher Ander falasse para ela fazer isso, então ela estava certa e deveria fazer.

– Sim, Tenente. Então, se você permitir, vou cuidar disso agora mesmo.

A mulher observou-a por um momento. O tom dela suavizou um pouco.

– É para o seu próprio bem, Beata. Essas coisas são da sua vida antiga. Ser lembrada da sua vida antiga não fará bem algum. Quanto mais cedo esquecer dela, incluindo a comida, melhor será.

– Sim, Tenente, entendi. – Beata fez um esforço para ser corajosa.

– A carta, madame? Posso guardar a carta que Inger enviou comigo?

A Tenente Yarrow olhou para a carta sobre a escrivadinha. Finalmente dobrou-a duas vezes e entregou-a de volta.

– Uma vez que é uma carta de recomendação e não uma lembrança da sua vida antiga, pode ficar com ela. Ganhou isso por seus anos de serviço para o homem.

Beata tocou no alfinete que mantinha fechado o colarinho em sua garganta, aquele com a ponta em espiral, aquilo havia sido devolvido a ela. Seu pai deu aquilo quando ela era criança, antes que ele morresse com uma febre. Ela o perdeu quando o Ministro e aquela besta, Stein, arrancaram ele e jogaram no corredor para que pudessem abrir o vestido dela e dar uma olhada.

– O alfinete, Tenente Yarrow? Devo jogar fora também?

Quando ela viu seu pai fazendo o simples alfinete, ele disse que isso representava como tudo estava conectado, mesmo se você não conseguisse enxergar de onde estivesse, e como, se você pudesse seguir tudo girando e girando, algum dia tudo chegaria a um ponto. Falou a ela para sempre manter os seus sonhos, e que se fizesse o bem, os sonhos se aproximariam dela, mesmo se fosse na vida seguinte, e que os próprios bons espíritos responderiam suas preces. Sabia que essa era uma tola história para crianças, mas gostava dela.

A Tenente fechou um pouco os olhos observando o alfinete.

– Sim. De agora em diante, as pessoas de Anderith fornecerão tudo que você precisar.

– Sim, Tenente. Estou ansiosa para servir a eles bem e pagar pela oportunidade que somente eles poderiam fornecer.

Um sorriso suavizou o rosto da mulher.

– Você é mais esperta do que a maioria que vem até aqui, Beata. Homens e mulheres. Aprende as coisas depressa, e aceita o que é exigido de você. Essa é uma boa qualidade.

A Tenente levantou atrás da escrivania. – Eu acho que, com treinamento, você poderia ser uma boa líder, talvez Sargento. É mais duro do que o treinamento comum de um soldado, mas se você conseguir subir, em uma semana ou duas estará no comando do seu próprio pelotão.

– No comando de um pelotão? Em apenas uma semana ou duas?

A Tenente balançou os ombros.

– Isso não é difícil, estando no exército. Tenho certeza que é muito menos difícil do que aprender a ser açougueiro.

– Não teremos que aprender a lutar?

– Sim, mas o importante em um nível básico, em maior parte lutar é uma função trivial e obsoleta do exército. Uma vez o exército foi um refúgio para extremistas. O fanatismo de guerreiros sufoca a sociedade que eles estão encarregados de proteger.

Ela sorriu novamente. – Cérebro é o maior requisito e as mulheres são mais do que iguais aqui. Com a *Dominie Dirtch*, músculos são desnecessários. A própria arma é o músculo e, como tal, é invencível.

– Mulheres possuem a compaixão natural necessária para serem oficiais, por exemplo, o modo como eu expliquei a você porque deve descartar suas coisas antigas; os homens não se preocupam em explicar para suas tropas porque algo é necessário. A liderança depende de educar aqueles que estão sob o seu comando. As mulheres trazem benefícios para aquilo que costumava ser nada mais do que uma sociedade de destruição selvagem.

– Mulheres que defendem Anderith recebem o reconhecimento que é conferido a elas, o reconhecimento que conquistam. Nós ajudamos o exército a contribuir com a nossa cultura, ao invés de simplesmente ameaçá-la, como antigamente.

Beata olhou para a espada no quadril da Tenente Yarrow.

– Eu carregarei uma espada e tudo mais?

– E tudo mais, Beata. Espadas são feitas para ferir com objetivo de desencorajar um oponente, e você será ensinada como. Será um membro valioso do Vigésimo Terceiro Regimento. Nós todos estamos orgulhosos de servir a Bertrand Chanboor, o Ministro da Cultura.

O Vigésimo Terceiro Regimento. Era para onde Inger disse que ela deveria ir para se juntar ao exército: o Vigésimo Terceiro Regimento. Era isso que a placa sobre o portão dizia.

O Vigésimo Terceiro Regimento era aquele que cuidava da *Dominie Dirtch*. Inger falou que os soldados que cuidavam da *Dominie Dirtch* tinham o melhor trabalho no exército, e eram os mais respeitados. Ele os chamou de “a elite”.

Beata pensou novamente em Inger. Essa realmente parecia outra vida. Quando ela estava deixando seu lugar, Inger segurou-a gentilmente e fez ela virar.

Disse que ele acreditava que algum homem na Propriedade a machucou e pediu que ela falasse para ele se isso era verdade. Ela assentiu. Ele pediu que ela falasse que foi.

Beata contou para ele a verdade.

Ele limpou a garganta e disse que finalmente entendeu porque ela precisava partir. Provavelmente Inger era o único Ander que teria acreditado nela. Ou se preocupado.

Inger desejou a ela uma boa vida.

* * *

– De novo. – o Capitão ordenou.

Beata, estando na primeira fila, levantou a espada e correu adiante. Desferiu um golpe com sua espada no homem de palha balançando em uma corda. Dessa vez, enfiou sua espada através da perna dele.

– Lindo, Beata! – o Capitão Tolbert falou. Ele sempre os elogiava quando aprovava o que eles faziam. Sendo Haken, Beata considerava esse elogio uma experiência estranha.

Ela quase caiu tentando puxar a espada de volta da perna do homem de palha quando passou correndo. Finalmente ela

conseguiu, mesmo que não fosse de forma graciosa. Às vezes os outros não conseguiam.

Felizmente para Beata, ela possuía anos de experiência com lâminas. Embora as lâminas fossem menores, ela conhecia um pouco sobre empunhar lâminas e enterrá-las onde deveria.

Independente de ser Haken e supostamente não ter permissão para usar facas porque elas eram armas, Beata tinha trabalhado para um açougueiro e então isso era supervisionado, uma vez que açougueiros eram Ander e eles mantinham rédeas curtas em seus trabalhadores Haken. Açougueiros só deixavam garotas e mulheres Haken cortarem carne, junto com Anders. Os rapazes e homens Haken que trabalhavam para eles faziam, em maior parte, o serviço de carregar e puxar cargas, as coisas que não exigiam que eles utilizassem lâminas.

Três das outras garotas, Carine, Emmeline, e Annette, também eram Haken, e nunca empunharam nada além de uma estúpida faca de pão. Os quatro rapazes Ander, Turner, Norris, Karl, e Bryce, não eram de famílias abastadas e também nunca manusearam uma espada, mas sendo rapazes eles brincaram com varas como se fossem espadas.

Beata sabia que Anders eram melhores do que Hakens de todas as maneiras, mas ela estava sentindo dificuldade para não destacar-se perto de Turner, Norris, Karl, e Bryce. Eles ficavam mais satisfeitos em sorrir de modo estúpido. Era isso mesmo, até onde ela podia dizer. A maior parte do tempo eles ficavam de queixo empinado vangloriando-se um para o outro.

As duas garotas Ander recrutadas, Estelle Ruffin e Marie Fauvel, também não tinham experiência alguma com espadas.

Porém, elas realmente gostavam de balançar suas novas espadas, assim como faziam o resto deles. Elas também eram melhores nisso, do que os quatro rapazes Ander. Para dizer a

verdade, até mesmo as garotas Haken, Carine, Emmeline, e Annette, eram melhores para servir ao exército do que os quatro rapazes.

Os rapazes podiam balançar a espada com mais força, mas as garotas eram melhores em atingir o alvo. O Capitão Tolbert destacou isso para que os rapazes entendessem que não eram melhores do que as garotas. Falou para os rapazes que não importava a força com que eles podiam balançar a espada, se não conseguissem acertar em nada.

Karl tinha cortado a perna no primeiro dia, e ela teve que ser costurada. Ele ficava mancando, ainda sorrindo, um soldado com uma cicatriz de trabalho.

Emmeline atacou a perna do homem de palha quando passou correndo. Errou a perna que balançava e a ponta de sua espada acertou a corda em volta da cintura de palha. Ela caiu com o rosto Haken dela no chão.

Os quatro rapazes Ander explodiram em gargalhadas. As garotas, tanto Ander quando Haken, não. Os rapazes chamaram Emmeline de vaca desajeitada e algumas outras coisas rudes, baixinho.

O Capitão Tolbert rosnou de raiva quando agarrou o colarinho daquele que estava mais perto: Bryce.

– Eu já falei, vocês podem ter achado graça de outras pessoas em suas vidas antigas, mas não aqui! Vocês não acham graça de seus colegas soldados, mesmo se esse soldado for um Haken. Aqui todos vocês são iguais!

Ele empurrou Bryce.

– Uma violação do respeito com os colegas soldados como essa requer punição. Quero que cada um de vocês diga aquilo que acham uma punição justa.

O Capitão Tolbert apontou para Annette e pediu a ela que sugerisse uma punição justa. Ela pensou durante um momento e então disse que achava que os rapazes deveriam pedir desculpas.

Carine e Emmeline, as outras duas garotas Haken, disseram que concordavam. Ele perguntou para Estelle. Ela empurrou para trás seu cabelo escuro Ander e falou que os rapazes deveriam ser expulsos do exército. Marie Fauvel concordou, mas adicionou que eles poderiam ter permissão de voltar no ano seguinte. Os quatro rapazes, quando foram questionados a respeito da ideia deles de uma punição justa, disseram apenas que deveriam receber o aviso para não fazerem aquilo outra vez.

O Capitão Tolbert virou para Beata.

– Você espera ser um Sargento. O que você acharia uma boa punição, se fosse Sargento?

Beata tinha sua resposta pronta.

– Se nós somos iguais, então deveríamos todos sermos tratados de forma igual. Já que os quatro acham que isso é tão engraçado, o pelotão todo deveria ter que cavar uma nova latrina ao invés de jantar. – ela cruzou os braços. – Se algum de nós ficar com fome enquanto estivermos cavando, bem, temos esses quatro rapazes para quem devemos agradecer.

O Capitão Tolbert sorriu com satisfação.

– Beata indicou uma punição justa. Então, será isso. Se alguém reclamar, pode ir para casa procurar a saia da sua mãe porque não tem a coragem necessária para ser um soldado e respeitar seus colegas soldados.

Estelle e Marie, as duas Anders, lançaram olhares zangados para os rapazes Ander. Os rapazes baixaram as cabeças e ficaram olhando para o chão. As garotas Haken não estavam nem um pouco mais felizes a respeito disso, mas os rapazes estavam mais preocupados com os olhares das garotas Ander.

– Agora, – o Capitão Tolbert disse. – vamos acabar com o treinamento para que todos vocês possam começar a cavar quando o sino do jantar for tocado.

Ninguém resmungou. Tinham aprendido muito bem que era melhor não reclamar.

* * *

O suor escorria pelo pescoço de Beata enquanto eles marchavam em pares pela estrada estreita. Era uma trilha, na verdade, apenas duas valetas formadas pelas carroças com suprimentos. O Capitão Tolbert os conduzia, Beata estava na frente dos cinco soldados na valeta da esquerda, e Marie Fauvel marchava à direita dela, na frente dos cinco soldados atrás dela.

Beata sentia orgulho por marchar na frente do pelotão de soldados dela. Tinha trabalhado duro durante as duas semanas de treinamento, e foi nomeada Sargento, assim como a Tenente Yarrow disse que poderia acontecer. Beata tinha as faixas de seu posto costuradas em cada ombro. Marie, uma Ander, foi nomeada Cabo, segunda em comando do pelotão. Os outros oito receberam o posto de soldados.

Beata imaginava que o único mérito real disso era que se você fosse chutado para fora antes de terminar o treinamento, então não conseguia ser um soldado. Entretanto, nenhum dos que iniciaram foi chutado para fora.

O uniforme era desconfortável no calor da tarde, embora ela estivesse começando a acostumar com isso. Todos usavam calças verdes. Sobre elas usavam longos mantos acolchoados cor de canela apertados na cintura com um cinto fino.

Sobre o manto usavam cota de malha.

Porque a cota de malha era pesada, as mulheres tinham que usar apenas um colete de cota de malha, sem mangas. Os homens tinham que usar cotas de malha com mangas, e elas eram mais compridas. Também tinham que usar capuz de cota de malha que cobria a cabeça e o pescoço. Quando eles estavam marchando,

enrolavam ele em volta do pescoço. Quando precisavam usá-lo, colocavam um capacete de couro sobre ele. Todos tinham capacetes de couro.

Porém, Beata estava agradecida que as mulheres não tinham que usar todo o resto daquelas coisas. Sendo Sargento, às vezes ela precisava pegar as cotas de malha dos homens para inspecioná-las. Não conseguia imaginar como seria marchar o dia todo com todo aquele peso.

O que ela carregava já era o bastante. A felicidade de marchar com uma espada pesada havia desaparecido; agora era um fardo.

Cada um deles tinha uma longa capa, mas quente como estava, as capas estavam abotoadas somente no ombro direito deles, ficando penduradas para um lado. Sobre as cotas de malha usavam o cinto da espada. Adicionalmente, cada um deles carregava uma mochila e, é claro, suas duas lanças e uma faca do lado oposto da espada no mesmo cinto.

Beata achava que eles pareciam um belo pelotão. Os piqueiros que tinha visto lá atrás no Vigésimo Terceiro Regimento eram os soldados com a melhor aparência. Eram uma bela visão. Os homens ficavam bonitos nos uniformes de piqueiros. Ela teve sonhos agradáveis sobre aqueles homens. As mulheres de algum modo não pareciam tão bem, em comparação, mesmo que elas tivessem os mesmos uniformes.

Beata avistou alguma coisa escura adiante, parada acima do campo gramado. Quando chegaram mais perto, ela pensou que aquilo parecia uma pedra antiga. Atrás daquilo, mais perto deles, estavam três construções de pedra. Os tetos eram cobertos por telhas, talvez com ardósia.

Beata sentiu um formigamento de medo ao ver a coisa enorme, silenciosa, esquisita.

Era a *Dominie Dirtch*.

A *Dominie Dirtch* era a única coisa dos Hakens que os Anders mantinham para usar. Beata lembrou das lições que aprendeu sobre como os Hakens assassinaram incontáveis Anders com essas armas. Eram coisas terríveis. Isso parecia tão antigo quanto era, suas bordas desgastaram com o passar do tempo por causa do clima, do vento, e das mãos que manuseavam.

Pelo menos agora que os Anders tinham o controle daquilo, eram apenas instrumentos de paz.

O Capitão Tolbert fez eles pararem entre as construções. Beata podia ver soldados lá em cima, sobre a base de pedra da enorme *Dominie Dirtch* em forma de sino. Soldados também estavam nas construções. O pelotão ali estivera no posto durante meses, e estava sendo substituído pelo pelotão de Beata.

O Capitão Tolbert virou para eles. – Essas são as barracas. Uma para as mulheres e uma para os homens. Certifique-se de que isso continue assim, Sargento Beata. As outras construções são usadas para a cozinha e jantar, reuniões, reparos, e tudo mais. – ele apontou para a construção mais distante. – Aquela ali é o depósito.

Ele ordenou que eles seguissem quando marchou adiante. Eles marcharam atrás dele em suas duas fileiras quando ele passou pela *Dominie Dirtch*. Ela erguia-se acima deles, uma ameaça escura. As três mulheres e um homem lá em cima sobre a base em volta da parte com forma de sino observaram enquanto eles passavam.

Na frente da *Dominie Dirtch*, a uma certa distância, ele parou e falou para eles ficarem à vontade e para se espalharem. Eles formaram uma linha, ombro a ombro.

– Essa é a fronteira. A fronteira de Anderith. – o Capitão apontou para aquele terreno aparentemente sem fim. – Aquilo, ali fora, é a terra selvagem. Além desse lugar estão as terras de outros povos. Nós impedimos que os outros entrem e tomem nossa terra.

Beata sentiu o peito pulsando de orgulho. Ela estava protegendo a fronteira Anderith. Ela estava fazendo o bem.

– Durante os próximos dois dias, eu e o pelotão aqui ensinaremos o que vocês precisam saber sobre guardar a fronteira e sobre a *Dominie Dirtch*.

Ele caminhou descendo a linha e parou na frente de Beata, olhando nos olhos dela. Ele sorriu com orgulho.

– Então, vocês ficarão sob o capaz comando da Sargento Beata. Seguirão as ordens dela sem falhar, e se ela não estiver disponível, as ordens da Cabo Marie Fauvel. – ele fez um sinal apontando para trás deles. – Eu levarei um relatório do pelotão que eu lidero de volta até o Vigésimo Terceiro Regimento, e tratarei com dureza qualquer soldado que falhar em seguir as ordens do seu Sargento.

Olhou com seriedade para toda a linha. – Mantenham isso em mente. Mantenham em mente também que a Sargento tem uma responsabilidade de corresponder ao seu posto. Se ela falhar nisso, espero que vocês comuniquem isso quando eu retornar no momento em que for a vez de vocês de serem substituídos.

– Carroças com suprimentos virão uma vez a cada duas semanas. Mantenham os suprimentos em ordem e cuidem para que eles durem o quanto devem.

– O principal dever de vocês é cuidar da *Dominie Dirtch*. Nisso, vocês são a defesa de nossa amada terra Anderith. Lá de cima no posto de vigia da *Dominie Dirtch*, vocês conseguirão enxergar a *Dominie Dirtch* seguinte de cada lado. Elas se espalham por toda a fronteira para guardá-la. Os pelotões na tarefa não são trocados ao mesmo tempo, então soldados experientes estão sempre de cada um dos lados.

– Sargento Beata, será sua responsabilidade, assim que o seu pelotão estiver treinado e nós partirmos, providenciar para que os seus soldados estejam cumprindo sua tarefa na sua *Dominie Dirtch*, e então reunir-se com os pelotões de cada um dos lados para coordenar com eles todos os assuntos de defesa.

Beata bateu continência colocando uma das mãos na testa.

– Sim, Capitão.

Ele sorriu.

– Estou orgulhoso de todos vocês. Todos vocês são bons soldados Anderith, e sei que farão suas tarefas.

Atrás dela erguia-se a terrível arma de matança Haken. Agora, ela ficaria no comando dela para fazer o bem.

Beata sentiu um bolo em sua garganta. Pela primeira vez em sua vida, sabia que estava fazendo o bem. Estava vivendo seu sonho, e isso era bom.

CAPÍTULO 44



O soldado musculoso bateu no traseiro dela com o lado da bota. Ela tentou sair do caminho quando ele chutou, mas não foi rápida o bastante. Ela pressionou os lábios por causa da dor.

Se ao menos o poder do Dom funcionasse, ela teria dado a ele o troco. Considerou usar sua bengala, mas, mantendo em mente seu trabalho, achou que seria melhor dispensar a justiça nesse momento, não importava o quanto ela fosse incrivelmente necessária.

Agitando suas três moedas de cobre na caneca de lata, Annalina Aldurren, anterior Prelada das Irmãs da Luz, e mulher mais poderosa no Mundo Antigo por mais de três quartos de um milênio, seguiu adiante para pedir esmola aos soldados reunidos em volta da fogueira seguinte.

Como a maioria dos soldados, o grupo seguinte do qual ela se aproximou enquanto movia-se pelo acampamento mostrou interesse logo que ela chegou, pensando que poderia ser uma prostituta, mas seu ardor pela companhia de uma fêmea rapidamente desapareceu quando ela entrou na luz do fogo e deu um grande sorriso desdentado para eles, ou pelo menos a ilusão de um, com ajuda de um pouco de sujeira oleosa em alguns dentes selecionados.

Na verdade, estava bastante convincente, junto com os trapos que colocou sobre o vestido, a faixa manchada com estrume na cabeça, para evitar que alguém decidisse que podia ignorar o sorriso feio, e a bengala. A bengala era o pior; fingir ter uma costa ruim estava causando uma.

Duas vezes, soldados enfiaram em suas cabeças que podiam desconsiderar os defeitos dela em vista da escassez de mulheres. Embora eles fossem bonitos o bastante, de uma forma brutal selvagem, ela teve que recusar educadamente as ofertas deles. Rejeitar esses convites insistentes foi horrível. Felizmente, com toda agitação na vida do acampamento, ninguém notou um homem morrendo com uma garganta cortada repentinamente. Uma morte desse tipo entre homens como aqueles da Ordem Imperial nem mesmo seria questionada.

Tirar uma vida era algo que Ann fazia apenas com grande relutância. Por causa da missão desses soldados, e do uso que eles faziam dela antes de matá-la, sua relutância estava bastante reduzida.

Como os soldados estavam reunidos em volta da fogueira seguinte enquanto comiam e contavam histórias, nenhum deles desconfiou quando ela perambulava entre eles. A maioria deu apenas uma olhada para ela, mas rapidamente voltavam para sua carne cozida e pão grosseiro empurrado com cerveja e histórias rudes. Uma mendiga ganhava pouco mais do que um grunhido para fazer com que ela seguisse adiante.

Com um exército desse tamanho, havia toda uma cultura de seguidores do acampamento. Comerciantes viajavam com suas próprias carroças, ou dividiam uma com outros. Seguiam no rastro do exército, oferecendo uma ampla variedade de serviços que não eram fornecidos pela Ordem Imperial. Ann tinha visto até um artista ocupado em quadros de oficiais orgulhosos em uma campanha histórica. Como qualquer artista desejando ter trabalho estável e continuar com todos os seus dedos, ele usava seus talentos para enaltecer os seus clientes, colocando-os em poses triunfantes, mostrando-os com olhos aguçados e belos sorrisos, ou aparência de conquistadores, dependendo da preferência dos homens.

Vendedores ambulantes ofereciam tudo desde carnes e vegetais até frutas raras da terra natal, a própria Ann desejava esses lembretes suculentos do Mundo Antigo. Os negócios eram rápidos com amuletos da sorte. Se um soldado não gostasse da comida fornecida pela Ordem Imperial, e tivesse dinheiro, havia pessoas para preparar quase tudo que ele desejasse. Como uma nuvem de mosquitos, jogadores, vendedores, prostitutas, e mendigos zuniam ao redor do enorme exército.

Com a aparência de uma mendiga, Ann podia facilmente andar pelo acampamento da Ordem, procurando o que queria. Isso custava apenas o chute ocasional de uma bota no traseiro. Porém, fazer uma busca no meio de um exército desse tamanho era uma tarefa e tanto. Já estava ali quase uma semana. Estava com os ossos cansados e ficando impaciente.

Nessa semana ela poderia ter conseguido viver razoavelmente bem com aquilo que conseguiu juntar sob o disfarce de mendiga, contanto que não se importasse em comer carne apodrecida e vegetais estragados cheios de vermes. Aceitava tais oferendas graciosamente, e então as descartava quando estava fora de vista. Era uma piada cruel dos soldados, dar a ela o lixo que pretendiam jogar fora. Havia alguns entre os mendigos que usariam sal e pimenta naquilo e então comeriam.

Todo dia, quando ficava tarde demais para continuar procurando, ela retornava ao acampamento dos seguidores e então gastava um pouco do seu próprio dinheiro para comprar comida simples, mas um pouco mais sadia. Todos achavam que ela conseguia aquilo mendigando. Verdade seja dita, ela não era muito boa no negócio de mendigar, e isso era um negócio. Alguns dos mendigos, sentindo empatia quando viam a atuação dela, tentavam ajudá-la a melhorar sua técnica.

Ann suportava essas distrações para evitar que alguém descobrisse que ela era mais do que aparentava ser. Alguns dos

mendigos viviam muito bem assim. O fato deles conseguirem obter uma moeda de homens como esses era uma prova do talento deles.

Ela sabia que por um destino cruel as pessoas eram ocasionalmente lançadas, contra sua vontade, em uma vida de mendigagem. Também sabia por centenas de anos de experiência tentando ajudá-los que a maioria dos mendigos se agarravam ferozmente à vida.

Ann não confiava em ninguém no acampamento, mas de todas as pessoas ali, confiava menos ainda nos mendigos. Eles eram mais perigosos do que os soldados. Soldados eram o que eram e não fingiam. Se não desejassem você por perto, simplesmente o mandariam embora ou chutavam com sua bota. Alguns simplesmente mostravam uma lâmina como aviso. Se pretendiam ferir, ou assassinar, deixavam sua intenção clara.

Mendigos, por outro lado, viviam vidas de mentiras. Mentiam desde o momento em que abriam os olhos de manhã até contarem uma mentira para o Criador durante suas oração na hora de dormir.

De todas as criações miseráveis do Criador, o que Ann menos gostava eram mentirosos, e daqueles que repetidamente colocavam sua confiança e segurança nas mãos desses mentirosos. Mentirosos eram chacais da Criação. Um disfarce para um fim nobre, porém lamentável, às vezes era necessário para um bem maior. Mentir por razões egoístas era o terreno fértil da imoralidade, da qual brotavam os tentáculos do mal.

Confiar em homens que demonstravam uma tendência a mentir provava que você era um tolo, e tolos assim não significavam mais do que a terra debaixo das botas para o mentiroso, e estavam ali para serem pisados.

Ann sabia que mentirosos eram as crianças do Criador, do mesmo jeito que ela, e que tinha o dever de enxergá-los com paciência e clemência, mas não conseguia. Simplesmente não

conseguia suportar mentirosos e era isso. Estava resignada com o fato que na próxima vida teria que aceitar seu castigo por isso.

Mendigar estava provando ser algo que consumia bastante tempo, então para cobrir tanto terreno quanto possível, Ann tentava fazer isso o mínimo possível. Toda noite o acampamento ficava completamente fora de ordem, tornando impossível confiar nas buscas anteriores, então ela estava determinada a tirar o máximo proveito possível de cada investida. Felizmente, porque o exército era tão vasto, eles tendiam a ficar, a grosso modo, na mesma ordem, de forma parecida com uma fileira de carroças parando na estrada durante a noite.

De manhã, quase uma hora depois que a parte dianteira tinha partido a parte traseira do exército começava a se mover. À noite, quem estava na frente estava preparando o jantar muito antes que a guarda na traseira parasse. Eles não cobriam muito terreno a cada dia, mas seu avanço era inexorável.

Além do seu propósito, Ann estava incomodada por causa da direção em que eles viajavam. A Ordem ficou reunindo suas forças durante algum tempo ao redor do Porto Grafan, no Mundo Antigo. Quando eles finalmente começaram a moverem-se, subiram daquelas costas entrando no Mundo Novo, mas viraram junto com a costa, seguindo-a para oeste, onde Ann havia encontrado com eles inesperadamente.

Ann não era nenhuma especialista em táticas militares, mas para ela, aquilo parecia uma coisa estranha. Tinha imaginado que eles atacariam pelo norte, entrando no Mundo Novo. O fato de que eles estivessem seguindo em uma direção aparentemente infrutífera dizia a ela que deveria haver uma boa razão; Jagang não fazia nada sem motivo. Embora ele fosse cruel, confiante, e ousado, não era imprudente.

Jagang era habilidoso na fina arte da paciência.

O povo do Mundo Antigo sempre foram qualquer coisa menos uma sociedade homogênea. Afinal de contas, Ann estivera observando eles durante mais de nove séculos. Ela considerava generoso meramente dizer que eles eram diferentes, rebeldes, e intratáveis. Não havia duas áreas no Mundo Antigo que pudessem concordar em nada.

Nos quase vinte anos em que ela o esteve observando, Jagang metodicamente havia consolidado o aparentemente ingovernável em uma sociedade coesa. Que ela fosse brutal, corrupta, e injusta era outro assunto; ele os transformou em um e fazendo isso forjou uma força de poder sem precedentes.

Aquilo que os pais poderiam ter sido, independentes e leais apenas ao seu pequeno local no mundo, as crianças não eram. Uma grande porcentagem das tropas e do comando da Ordem Imperial eram bebês ou crianças quando a Ordem tomou o poder. Eles cresceram sob o governo de Jagang, e como as crianças sempre fizeram, acreditaram naquilo que foi ensinado por aqueles que as conduziam, adotando os mesmos valores e ética.

As Irmãs da Luz, entretanto, serviam a um propósito mais elevado do que assuntos de governo. Ann tinha visto governos eleitos, Reis, e outros governantes surgirem e desaparecerem. O Palácio dos Profetas e as Irmãs, existindo sob o antigo feitiço que reduzia dramaticamente a velocidade do envelhecimento delas, sempre permaneceram. Embora ela e suas Irmãs verdadeiramente trabalhassem para ajudar a estimular o melhor da natureza humana, a vocação delas estava em áreas relacionadas ao Dom, não ao governo.

Mas ela realmente ficava de olho nos governantes, para impedir que eles interferissem com o Dom do Criador. Jagang, recentemente tendo assumido o compromisso de eliminar a magia, havia ultrapassado as questões de governo. O domínio dele havia

transformado-se em algo real para ela. Agora, ele estava movendo-se dentro do Mundo Novo, em seus esforços para extinguir a magia.

Com o passar do tempo Ann tinha observado que todas as vezes que Jagang engolia uma terra nova ou reino, ele se organizava enquanto começava a infiltrar-se no alvo seguinte, e no seguinte depois desse. Ele encontraria ouvidos dispostos a escutá-lo e, com promessas tentadoras de suculentos pedaços do lucro que estava por vir, os bajulava para enfraquecer suas defesas usando a máscara da virtude: paz.

A disciplina e as defesas de algumas terras eram tão evisceradas internamente que lançavam um tapete de boas vindas para Jagang ao invés de ousarem desafiá-lo. As fundações de algumas terras anteriormente fortes tornavam-se tão fragmentadas com os cupins da falta de propósito, tão podres com a decadência da orgulhosa moderação, e tão enfraquecidas com os objetivos vacilantes de pacificadores, que até mesmo quando enxergavam o inimigo aproximando-se e resistiam, eram facilmente derrubados quando a Ordem Imperial finalmente os empurrava.

Com a direção inesperada para oeste que a Ordem estava seguindo, Ann estava começando a ficar preocupada que Jagang estivesse fazendo o inimaginável: enviando mensageiros em missões secretas navegando ao redor da grande barreira, anos antes que Richard destruísse as Torres da Perdição. Tais missões teriam sido incrivelmente arriscadas. Ann saberia; ela mesma fez isso.

Era possível que Jagang tivesse livros de profecia, ou magos com talento, que davam a ele razão para acreditar que a barreira cairia. Afinal de contas, Nathan havia dito para Ann exatamente isso.

Se fosse assim, Jagang não estava apenas marchando com objetivo de exploração, obter lucro, e conquista. De acordo sua experiência observando ele dominar completamente o Mundo Antigo, ela sabia que Jagang raramente seguia uma estrada que ele não tivesse primeiro alargado e pavimentado.

Ann fez uma pausa na escuridão entre grupos de homens. Ela moveu os olhos em várias direções. Mesmo que fosse difícil para ela acreditar, ainda não tinha avistado as tendas de Jagang. Queria encontrá-las porque tinha esperança de que elas pudessem fornecer uma valiosa pista para encontrar suas Irmãs da Luz; provavelmente ele as manteria perto.

Ela suspirou exasperada ao não enxergar nada além de mais fogueiras e tropas. Na escuridão e na confusão do acampamento da Ordem, ela sabia que poderia estar perto e ainda não enxergar as tendas de Jagang.

O pior de tudo, porém, era não ter o Dom para ajudá-la. Com o Dom poderia ter facilmente escutado conversas distantes, lançar pequenos feitiços, e invocado uma ajuda discreta. Sem o Dom, estava considerando a busca uma experiência frustrante e infrutífera.

Ela mal conseguia acreditar que poderia estar tão perto das Irmãs da Luz e não encontrá-las. Com o Dom, seria capaz de sentir a presença delas se estivesse perto o bastante.

Além da ajuda que ele forneceria, havia mais coisas. Ser incapaz de usar o Dom era como ter o amor do Criador negado. Seu tempo de vida devotado a fazer o trabalho do Criador, somado com a glória de tocar a magia interior, seu Han, a força da vida, sempre foi gratificante de forma suprema. Não que não houvessem frustrações, medos, e falhas, mas sempre houve a possibilidade de tocar o seu Han para enfrentar todos os testes.

Durante nove séculos o Han dela foi seu companheiro constante pela vida. Sua incapacidade de tocar seu Dom em mais de uma ocasião quase a fez chorar.

Em maior parte, ela sentia pouca diferença, enquanto não pensava nisso. Mas quando seus pensamentos voltavam-se para tocar aquela luz interior, e ela não conseguia, parecia como se a sua mente estivesse sufocando lentamente.

Enquanto não tentasse usar o seu Dom, ele parecia ainda estar ali, esperando, como um amigo confortador enxergado com o canto do olho. Mas quando ela tentava alcançá-lo, colocava o peso do pensamento nisso, parecia como se o chão abrisse e ela fosse lançada dentro de um abismo negro aterrorizante.

Sem o seu Dom, e não vivendo mais sob a proteção do feitiço que esteve ao redor do Palácio dos Profetas, Ann não era diferente das outras pessoas. Na verdade, era pouco mais do que uma mendiga. Era apenas uma mulher idosa, envelhecendo como qualquer outra pessoa, sem mais força do que qualquer outra mulher idosa. A percepção, o conhecimento, e, ela esperava, a sabedoria de ter vivido tanto tempo quanto vivera eram suas únicas vantagens.

Até que Zedd banisse as Notas, ela estaria, em maior parte, indefesa. Até que Zedd banisse as Notas. Se Zedd banisse as Notas...

Ann pegou a rota errada, entre carroças que estavam bem próximas, e ficou em um impasse com alguém seguindo no caminho contrário. Pediu desculpas e começou a sair do caminho. Mendigos mostravam respeito, mesmo que isso não fosse sincero.

– Prelada?

Ann congelou.

– Prelada, é você?

Ann levantou os olhos e viu o rosto assustado da Irmã Georgia Cifaro. Elas se conheciam fazia mais de quinhentos anos. A boca da mulher estava tremendo enquanto ela tentava encontrar palavras.

Ann esticou o braço e deu alguns tapinhas na mão que segurava um balde com mingau fumegante. Irmã Georgia se encolheu.

– Irmã Georgia, graças ao Criador encontrei uma de vocês, finalmente.

Irmã Georgia esticou-se cuidadosamente e tocou o rosto de Ann, aparentemente testando para ver se ele era real.

– Você está morta. – falou a Irmã Georgia. – Eu estava na cerimônia do seu funeral. Eu vi... você e Nathan... seus corpos foram enviados para dentro da Luz na pira do funeral. Eu vi. Nós rezamos durante toda a noite enquanto observamos você e Nathan queimando.

– Foi mesmo? Que gentileza sua. Você sempre foi uma pessoa bastante atenciosa, Irmã Georgia. Você seria assim mesmo, montando guarda através da escuridão, rezando por mim. Fico muito agradecida.

– Mas, não fui eu.

Irmã Georgia encolheu-se novamente.

– Mas, mas, Verna foi nomeada Prelada.

– Sim, eu sei. Eu escrevi as ordens, lembra? – a mulher assentiu. Ann prosseguiu. – Eu tive um motivo. Apesar de tudo, estou bastante viva, como você pode ver muito bem.

Finalmente, Irmã Georgia colocou o balde no chão e atirou os braços em volta de Ann.

– Oh, Prelada! Oh, Prelada!

Isso foi tudo que Irmã Georgia conseguiu dizer antes de começar a chorar como um bebê. Ann conseguiu acalmá-la rapidamente com algumas breves palavras. Elas não estavam em um lugar onde pudessem arriscar serem vistas desse jeito. As vidas delas estavam em jogo, e Ann não poderia aceitar perdê-las por causa de uma mulher chorando fora de controle.

– Prelada, qual é o problema com você? Você está com cheiro de estrume, e está com aparência horrível!

Ann riu.

– Eu não arriscaria permitir que minha beleza fosse enxergada por todos esses homens, ou poderia receber mais ofertas de casamento do que poderia recusar.

Irmã Georgia riu, mas isso dissolveu nas lágrimas outra vez.

– Eles são verdadeiras bestas. Todos eles.

Ann confortou-a. – Eu sei, Irmã Georgia. Eu sei. – Ela levantou o queixo da mulher. – Você é uma Irmã da Luz. Agora, endireite esse corpo. O que fizeram com esse corpo não importa. O que nos preocupa são nossas almas eternas. As bestas nesse mundo podem fazer o que desejarem com seu corpo, mas não podem tocar a sua alma pura. Agora, deve agir de acordo com aquilo que você é: uma Irmã da Luz.

Irmã Georgia sorriu entre as lágrimas.

– Obrigada, Prelada. Precisava ouvir sua censura para lembrar da minha vocação. Às vezes é fácil demais esquecer.

Ann foi até o ponto.

– Onde estão as outras?

Irmã Georgia levantou uma das mãos para apontar à direita de Ann e um pouco atrás.

– Bem ali.

– Estão todas juntas?

– Não. Prelada, algumas das Irmãs fizeram juramento para Aquele Sem Nome. – mordeu o lábio inferior e cruzou as mãos. – Existem Irmãs do Escuro em nossa ordem.

– Sim, eu sei.

– Sabe? Bem, Jagang as mantém em algum outro lugar. As Irmãs da Luz estão juntas, mas eu não sei onde as Irmãs do Escuro estão, ou me importo com isso.

– Louvado seja o Criador. – Ann falou soltando um suspiro. – Era isso que eu estava esperando, que não houvesse nenhuma delas entre vocês.

Irmã Georgia olhou por cima dos ombros.

– Prelada, deve sair daqui ou será morta ou capturada. – ela começou a empurrar Ann, tentando fazer ela virar e partir.

Ann agarrou a manga da Irmã Georgia em uma tentativa de fazer a mulher escutar.

– Estou aqui para resgatar os soldados. Algo aconteceu que nos fornece a rara oportunidade de ajudar vocês a escaparem.

– Não tem jeito...

– Silêncio. – Ann sussurrou. – Escute. As Notas estão soltas.

Irmã Georgia arfou.

– Isso não é possível.

– Oh, verdade? Estou dizendo que aconteceu. Se não acredita em mim, então porque acha que seu poder sumiu?

Irmã Georgia ficou muda enquanto Ann escutava a risada rouca dos homens jogando não muito longe. O olhar da Irmã continuou varrendo a área além das carroças, temendo que elas fossem descobertas.

– Bem? – Ann perguntou. – Qual você achou que fosse o motivo pelo qual seu poder sumiu?

A língua da Irmã Georgia apareceu para molhar os lábios.

– Não temos permissão para nos abirmos em busca de nosso Han. Jagang só permite que façamos isso se ele quiser alguma coisa. Caso contrário, não devemos. Ele está em nossas mentes, ele é um Andarilho dos Sonhos, Prelada. Ele consegue perceber se nós tocarmos o nosso Han sem permissão. Isso é uma coisa que você não ousa tentar duas vezes.

– Ele pode controlar. Pode fazer você se arrepender por qualquer coisa que fizer e ele não gostar. – A mulher estava derretendo em lágrimas outra vez. – Oh, Prelada...

Ann puxou a cabeça da mulher até o seu ombro.

– Calma, calma. Tenha calma. Agora está tudo bem, Georgia.

Calma agora. Estou aqui para levá-la para longe dessa loucura.

Irmã Georgia afastou-se.

– Para longe? Não pode. O Andarilho dos Sonhos está em nossas mentes. Ele poderia estar nos observando nesse exato momento. Ele pode fazer isso, você sabe.

Ann balançou a cabeça.

– Não, não pode. As notas, lembra? A sua magia falhou, a magia dele falhou. Ele não está mais na sua cabeça. Você está livre dele.

Irmã Georgia começou a fazer objeções. Ann agarrou o braço dela e fez ela começar a se mover.

– Leve-me até as outras Irmãs. Não aceitarei discussão, está ouvindo? Devemos escapar enquanto temos uma chance.

– Mas Prelada, não podemos...

Ann tocou no anel que estava no lábio da Irmã Georgia.

– Você deseja continuar a ser uma escrava dessa besta? Deseja continuar a ser usada por ele e os homens dele? – ela puxou levemente o anel. – Deseja?

Lágrimas brotaram nos olhos da mulher. – Não, Prelada.

– Então leve-me até a tenda com as outras Irmãs da Luz. Pretendo levar todas vocês para longe de Jagang esta noite mesmo.

– Mas Prelada...

– Mexa-se! Antes que sejamos encontradas aqui!

Irmã Georgia pegou o balde com o mingau e saiu caminhando. Ann seguiu nos calcanhares dela, com Georgia olhando para trás por cima dos ombros de vez em quando. A mulher avançou ligeira, evitando cada fogueira do acampamento e grupo de homens com a maior margem de distância possível sem chegar muito perto dos homens do outro lado.

Mesmo enquanto fazia isso, alguns homens ocasionalmente notavam sua presença e esticavam o braço para tocar na saia dela. A maioria ria quando ela gritava e se afastava.

Quando outro homem segurou no pulso da Irmã, Ann colocou-se entre eles. Ela sorriu para o homem. Ele ficou tão surpreso que soltou Irmã Georgia. As duas efetuaram uma rápida fuga.

– Você vai matar nós duas. – Irmã Georgia sussurrou enquanto andava rápido entre carroças.

– Bem, não achei que você estivesse com humor para aquilo que o colega tinha em mente.

– Se um soldado insistir, somos obrigadas. Se não permitirmos... Jagang nos ensina algumas lições se não...

Ann empurrou a mulher adiante.

– Eu sei. Mas vou tirar vocês daqui. Depressa. Temos que encontrar as Irmãs e escapar enquanto temos chance. De manhã, teremos partido faz muito tempo, e Jagang não saberá onde procurar.

A mulher abriu a boca para reclamar, mas Ann empurrou-a.

– Como o Criador é minha testemunha, Irmã Georgia, eu vi mais hesitação em você nos últimos dez minutos do que nos seus primeiros quinhentos anos nesse mundo. Agora, me leve até as outras Irmãs, ou farei você desejar estar nas garras de Jagang ao invés das minhas.

CAPÍTULO 45



Ann deu uma rápida olhada ao redor quando Irmã Georgia levantou a coberta da entrada da tenda. Satisfeita que ninguém estivesse prestando atenção, Ann entrou rapidamente.

Uma multidão de mulheres estavam espremidas dentro da tenda mal iluminada, algumas deitadas, algumas sentadas no chão abraçando os joelhos, algumas com os braços em volta uma da outra como crianças assustadas. Muitas nem mesmo preocuparam-se em levantar os olhos. Ann não conseguia lembrar de ter visto um grupo com aparência tão amedrontado.

Repreendeu a si mesma; essas mulheres sofreram abusos indescritíveis.

– Xô. – Irmã Rochelle, sentada perto da abertura da tenda, disse, sem olhar nos olhos de Ann. – Vá embora, mendiga.

– Bom para você, criança. – Ann falou. – Bom para você, Irmã Rochelle, por manter mendigos fora do seu humilde lar.

Metade das mulheres levantaram os olhos com o som da voz de Ann. Olhos arregalados ficaram observando na luz fraca da lamparina. Algumas das mulheres empurraram outras que não estavam prestando atenção, ou balançaram um braço, ou puxaram uma manga.

Algumas estavam usando roupas que Ann mal podia acreditar. As roupas cobriam do pescoço até o tornozelo, mas eram tão transparentes que deixavam as mulheres, para todos os propósitos

práticos, nuas. Outras usavam seus próprios vestidos, mas eles estavam em ruínas. Algumas usavam pouco mais do que trapos.

Ann sorriu.

– Fionola, você parece bem, considerando sua experiência. Irmã Kerena. Irmã Aubrey. Irmã Cherna, parece que você está ganhando alguns cabelos grisalhos. Está acontecendo com todas nós, mas você carrega isso muito bem.

As mulheres ao redor piscaram sem acreditar.

– Realmente é ela. – falou Irmã Georgia. – ela realmente está viva. Ela não morreu, como pensávamos. A Prelada Annalina Aldurren está viva.

– Bem, – Ann disse. – agora Verna é a prelada, mas...

As mulheres estavam levantando rapidamente. Isso fez Ann lembrar de ovelhas observando um lobo descendo a colina. Todas elas pareciam prestes a correr para o campo.

Irmãs da Luz eram mulheres fortes, mulheres de coragem, mulheres com inteligência decisiva. Ann temeu considerar o que seria necessário para reduzir todas essas mulheres a um estado de aparência tão deprimente como esse. Ela passou a mão suavemente em uma cabeça ao lado dela.

– Irmã Lucy. Você é uma bela visão para meus olhos cansados. – Ann sorriu com genuína alegria. – Todas vocês são. – ela sentiu uma lágrima descer pela sua bochecha. – Minhas queridas, queridas Irmãs, todas vocês são uma visão abençoada para meus olhos. Agradeço ao Criador que ele tenha me guiado até vocês.

E então todas estavam de joelhos para fazerem reverências, para fazerem suas preces ao Criador pela segurança dela, para gemerem sem acreditar.

– Calma, calma. Chega disso. – ela falou, passando os dedos pela bochecha da Irmã Lucy, enxugando as lágrimas. – Chega disso. Temos negócios importantes, e não temos tempo para chorar, não

que eu esteja dizendo que todas vocês não tenham direito. Mas o momento excelente para isso seria mais tarde, nesse momento não.

Irmãs beijaram a bainha do vestido dela. Mais avançaram de joelhos para fazerem o mesmo. Eram as perdidas, que agora foram encontradas. Isso quase partiu o coração de Ann.

Ela mostrou seu melhor sorriso de Prelada e correspondeu, tocando cada cabeça, abençoando cada uma delas pelo nome e agradecendo ao Criador bem alto por poupar cada vida e guardar cada alma. Era uma informal, “reunião formal” com a Prelada das Irmãs da Luz.

Ela não achou que esse fosse o momento apropriado para insistir ou lembrar a elas que não era mais a Prelada, que tinha passado o cargo para Verna por segurança. Naquele momento de alegria, isso simplesmente não era importante.

Ann permitiu que a reunião continuasse apenas por alguns minutos antes de colocar um fim nela.

– Agora escutem, todas vocês. Calma. Mais tarde teremos tempo mais do que suficiente para compartilhar nossa alegria por estarmos juntas. Agora devo dizer a vocês porque eu vim.

– Algo terrível aconteceu. Mas como vocês sabem mais do que a maioria, deve haver equilíbrio em todas as coisas. O equilíbrio é que o evento terrível, segundo o equilíbrio do Criador, permitirá que vocês escapem.

– A Prelada diz que as Notas estão soltas. – Irmã Georgia declarou. Todas ficaram assustadas. – Ela acredita nisso.

Era evidente que Irmã Georgia não acreditava, achava que isso era impossível, e que qualquer um seria um tolo em pensar que isso aconteceu.

– Agora, me escutem, todas vocês. – Ann baixou a testa de uma maneira que todas as mulheres no local conheciam muito bem para fazer o suor brotar em suas testas. – Todas lembram de Richard? – todas assentiram. – Bem, é uma longa história, mas Jagang liberou

uma praga que matou milhares de pessoas. Foi uma morte horrível para incontáveis pessoas. Um número incontável de crianças pereceram. Um número incontável de crianças foram deixadas órfãs.

– Irmã Amelia...

– Ela fez um juramento para o Guardião! – várias Irmãs no fundo gemeram.

– Eu sei. – Ann disse. – Ela foi a Irmã enviada até o Submundo. Ela trouxe de volta a praga para Jagang. Ela assassinou tantas pessoas inocentes... Richard conseguiu usar o poder dele para deter a praga.

Houve olhares surpresos ao redor, acompanhados por sussurros. Ann imaginou que provavelmente estava contando para elas coisas demais de uma só vez, mas precisava explicar o bastante para que elas entendessem o que estava em jogo.

– Richard contraiu a praga, e para salvar a vida dele, a Madre Confessora usou magia. – Ann levantou um dedo para silenciá-las. – Nathan escapou. – Novamente, exclamações de surpresa encheram a tenda. Ann procurou acalmá-las ou começariam a chorar. – Nathan disse para a Madre Confessora os nomes das Notas para salvar a vida de Richard. Foi uma escolha terrível que ele fez, mas acredito que ele só fez isso para salvar Richard. A Madre Confessora falou os nomes daquelas três Notas bem alto para completar o feitiço e salvar Richard.

– As Notas estão aqui. Ela invocou-as para esse mundo. Eu tenho conhecimento pessoal disso. Eu as vi, e vi elas matarem.

Dessa vez, não houve protestos. Até mesmo Irmã Georgia pareceu convencida. Ann sentiu que era justificada sua decisão de contar tudo isso para elas.

– Como todas vocês sabem, o fato das Notas estarem soltas tem o potencial para causar uma catástrofe sem precedentes. Já começou. A magia está falhando. Toda a nossa magia está reduzida ao ponto

de tornar-se inútil. Entretanto, nesse meio tempo a magia de Jagang também está inútil.

– Enquanto as coisas estão assim, podemos tirar todas vocês daqui.

– Mas que diferença as Notas fazem? – alguém perguntou.

Ann soltou um suspiro paciente.

– Com as Notas aqui, a magia está falhando. Isso significa que a magia de Jagang como Andarilho dos Sonhos falhou assim como nosso Dom falhou. Todas as suas mentes estão livres do Andarilho dos Sonhos.

Irmã Georgia olhou fixamente durante um momento, sem conseguir acreditar.

– Mas e se as Notas voltarem para o Submundo? Isso poderia acontecer a qualquer momento, inesperadamente. Jagang estaria de volta dentro de nossas cabeças. Você não consegue saber se ele está ali, Prelada. Não consegue.

– As Notas poderiam já ter retornado para o mundo dos mortos. Talvez não tenham conseguido coletar uma alma. Podem ter sido obrigadas a fugir buscando a proteção do Sem Nome. O Andarilho dos Sonhos poderia estar novamente na minha cabeça, observando, enquanto falamos.

Ann segurou os braços da mulher.

– Não, ele não está. Agora, me escutem. Minha magia falhou. A sua também sumiu. Nós todas estamos sem o Dom. Serei capaz de saber quando ele retornar, todas vocês conseguem. Por enquanto, ele se foi, e também o Andarilho dos Sonhos.

– Mas não devemos usar o nosso Dom sem permissão. – falou uma Irmã que estava à direita. – Não poderíamos saber quando nosso poder retornou para sabermos que as Notas partiram desse mundo.

– Eu saberei imediatamente. – Ann falou. – Jagang não me impede de tocar o meu Han, se eu puder.

Irmã Kerena deu um passo adiante.

– Mas se as Notas voltarem, então sua Excelência também voltará...

– Não. Escutem. Existe uma maneira de impedir o Andarilho dos Sonhos de entrar novamente nas mentes de vocês.

– Isso não é possível. – os olhos da Irmã Cherna dardejaram para todos os lados, como se Jagang pudesse estar escondido nas sombras, observando-as. – Prelada, você deve sair daqui. Será capturada. Alguém pode ter visto você. Podem estar falando para Jagang enquanto conversamos.

– Por favor, vá embora. – Irmã Fionola disse. – Nós estamos perdidas. Esqueça de nós e fuja. Você estar aqui não tem propósito algum.

Ann rosnou outra vez.

– Me escutem! É possível ficar a salvo impedindo que o Andarilho dos Sonhos entre em sua mente. Nós todas podemos escapar das garras malignas dele.

Irmã Georgia estava mostrando descrença outra vez.

– Mas não vejo como...

– Como acham que ele não entra na minha mente? Não acham que ele iria querer me dominar? A Prelada em pessoa? Ele não iria me conquistar se pudesse?

Todas ficaram em silêncio enquanto consideravam aquilo.

– Bem, acho que sim. – a testa da Irmã Aubrey baixou. – Como ele não consegue dominar você?

– Estou protegida. É isso que estou tentando dizer a vocês. Richard é um Mago Guerreiro. Todas vocês sabem o que isso significa: ele tem os dois lados do Dom.

As irmãs piscaram, admiradas, e então começaram a sussurrar uma para outra.

– Além disso, – Ann prosseguiu, fazendo a tenda cheia de mulheres silenciar. – ele é um Rahl.

– Que diferença isso faz? – Irmã Fionola perguntou.

– Os Andarilhos dos Sonhos são do tempo da Grande Guerra. Um mago daquela época, um Mago Guerreiro chamado Rahl, um ancestral de Richard, conjurou uma ligação para proteger seu povo deles. Descendentes dotados da Casa de Rahl nascem com essa ligação com seu povo que os protege dos Andarilhos dos Sonhos.

– Todas as pessoas da terra de Richard estão ligadas a ele como o Lorde Rahl deles. Por causa disso, e por causa da magia que isso transmitiu para ele, todos eles estão protegidos do Andarilho dos Sonhos. Isso mantém Jagang longe das mentes deles. Um Andarilho dos Sonhos não pode entrar na mente de alguém ligado ao Lorde Rahl.

– Mas não somos do povo dele. – algumas das mulheres ao redor estavam falando.

Ann levantou uma das mãos. – Isso não importa. Só precisam jurar sua fidelidade a Richard, jurem de forma sincera em seus corações, e estarão protegidas do Andarilho dos Sonhos.

Ela passou um dedo diante dos olhos delas. – Faz muito tempo eu fiz o juramento a Richard. Ele nos lidera em nossa luta contra esse monstro, Jagang, que acabaria com a magia nesse mundo. Minha fé em Richard, minha ligação com ele, meu juramento a ele de coração, me protege de Jagang impedindo que ele entre em minha mente.

– Mas se aquilo que você diz sobre as Notas estarem aqui nesse mundo é verdade, – uma Irmã no fundo disse gemendo. – então a magia da ligação também falhará, assim não teríamos proteção alguma.

Ann suspirou e tentou continuar paciente com essas mulheres assustadas e intimidadas. Lembrou a si mesma de manter em mente que essas mulheres estiveram nas mãos selvagens do inimigo durante um longo tempo.

– Mas os dois cancelam um ao outro, não estão vendo. – Ann virou as palmas das mãos para cima, como uma balança, movendo-

as para cima e para baixo em oposição.

– Enquanto as Notas estão aqui, a magia de Jagang não funciona, e ele não pode entrar em nossas mentes. – Ela moveu as mãos na direção oposta. – Quando as Notas forem banidas, e se tiverem feito o juramento a Richard, então essa ligação impede o acesso de Jagang em suas mentes. Uma coisa, ou outra, protege vocês.

– Estão entendendo? Só precisam fazer o juramento a Richard, que lidera a luta contra Jagang, luta por nossa causa, a causa da Luz, e vocês nunca mais precisarão temer que o Andarilho dos Sonhos consiga chegar até vocês.

– Irmãs, podemos escapar. Esta noite. Agora mesmo. Finalmente vocês estão percebendo? Podem ser livres.

Todas elas ficaram olhando abobalhadas. Finalmente, Irmã Rochelle falou.

– Mas, não estão todas aqui.

Ann olhou ao redor.

– Onde estão as outras? Vamos buscá-las e partir. Onde elas estão?

Mais uma vez, as mulheres ficaram retraídas, assustadas e em silêncio. Ann estalou os dedos para Irmã Rochelle pedindo que ela respondesse. Finalmente a mulher falou outra vez.

– Nas tendas.

Todas as mulheres na sala baixaram os olhos. Os anéis dourados em seus lábios inferiores brilharam na luz da lamparina.

– O que você quer dizer com, “nas tendas”?

Irmã Rochelle limpou a garganta, tentando conter as lágrimas que lutavam para descer.

– Jagang, quando uma de nós o desagrada, ou quando está com raiva de nós, ou quer nos punir, ou nos ensinar uma lição, ou simplesmente deseja ser cruel, nos envia para as tendas. Os soldados nos usam. Eles nos passam de mão em mão.

Irmã Cherna caiu de joelhos chorando.

– Servimos de prostitutas para os homens dele.

Ann reforçou a sua determinação.

– Me escutem, todas vocês. Isso acaba agora mesmo. Agora mesmo, vocês estão livres. Novamente vocês são Irmãs da Luz. Estão ouvindo? Não são mais escravas dele!

– Mas e as outras? – Irmã Rochelle perguntou. – Podemos buscá-las?

Irmã Georgia ficou ereta e firme.

– Você espera aqui, Prelada. Irmã Rochelle, Aubrey, e Kerena irão comigo para vermos o que podemos fazer. – lançou um olhar para as três. – Não vamos? Nós sabemos o que devemos fazer.

As três assentiram. Irmã Kerena colocou uma das mãos debaixo do braço de Ann.

– Você espera aqui. Está certo? Espera aqui até nós voltarmos.

– Sim, está certo. – Ann disse. – Mas vocês devem se apressar. Precisamos sair daqui antes que seja tarde demais da noite, ou levantaremos suspeitas vagando pelo acampamento quando todos estão dormindo. Não podemos esperar...

– Apenas espere aqui. – Irmã Rochelle falou com uma voz calma. – Nós cuidaremos disso. Tudo ficará bem.

Irmã Georgia virou para a tenda cheia de Irmãs. – Garantam que ela espere, está bem? Ela deve esperar aqui.

As Irmãs assentiram. Ann colocou os punhos nos quadris.

– Se vocês demorarem demais, teremos que partir sem vocês. Vocês entenderam? Não podemos...

Irmã Rochelle colocou uma das mãos no ombro de Ann.

– Voltaremos em tempo. Espere.

Ann suspirou.

– Que o Criador esteja com vocês.

Ann sentou entre as Irmãs, que pareciam ter recuado de volta para dentro da prisão dos seus pensamentos particulares. A alegria

delas, tão evidente quando a viram inicialmente, havia evaporado. Elas estavam novamente distantes e indiferentes.

Olhavam para o vazio sem escutar enquanto Ann tentava contar a elas alguma das histórias mais leves das suas aventuras. Ela riu enquanto recontava sobre momentos incômodos, esperando que alguém ficasse interessada e talvez ao menos sorrisse. Ninguém sorriu.

Nenhuma delas perguntou qualquer coisa, ou até mesmo pareceu estar ouvindo. Elas nem encaravam mais seu olhar. Como animais presos, queriam somente escapar do terror.

Ann estava ficando mais desconfortável a cada momento. A cada momento, sentada entre essas mulheres que conhecia tão bem, a preocupação dela estava começando a aumentar com o pensamento de que talvez não as conhecesse tão bem quanto acreditava.

Às vezes, animais presos não estavam preparados para correr através de um portão aberto.

Quando a cobertura da entrada da tenda abriu, elas afastaram-se. Ann levantou.

Quatro homens enormes, cobertos com placas de couro, cintos, correias, peles sobre os ombros, e armas penduradas nos cintos, entraram na tenda, seguidos pelas Irmãs Georgia, Rochelle, Aubrey, e Kerena. Os cabelos negros engordurados dos homens balançavam de um lado para outro enquanto eles checavam ao redor. Pela maneira como eles se comportavam, para Ann, eles pareciam homens de maior autoridade do que meros soldados.

Irmã Rochelle apontou. – É ela. A Prelada das Irmãs da Luz.

– Rochelle. – Ann rosnou. – Do que se trata isso? O que você acha...

O homem que parecia estar no comando agarrou a mandíbula dela, virando a cabeça dela para esquerda, então para a direita, enquanto observava.

– Tem certeza? – o olhar sombrio dele desviou para Irmã Rochelle. – Para mim ela parece como o resto dos mendigos.

Irmã Georgia apontou para Ann. – Estou dizendo, é ela. – os olhos do homem viraram para Irmã Georgia quando ela continuou. – Ela se disfarçou assim apenas para entrar aqui.

O homem fez um sinal para os outros soldados avançarem. Eles traziam algemas e correntes. Ann tentou afastá-los, escapulir, mas o soldado que a segurou, indiferente, agarrou os punhos dela para que outro colocasse as algemas.

Dois deles a forçaram a ajoelhar enquanto outro homem colocava uma bigorna. Eles seguraram as algemas sobre a bigorna enquanto martelavam os pinos através dos furos nelas e então esmagaram as cabeças dos pinos, fechando as algemas permanentemente. Elas estavam apertadas demais, então penetravam na carne dela, mas os homens estavam indiferentes aos gritos de dor.

Ann sabia que era melhor não lutar quando isso não faria bem algum, então ela ficou imóvel. Sem o Han dela, estava tão indefesa quanto uma criança contra esses grandes homens. As Irmãs se encolhiam o mais longe que podiam. Nenhuma observava.

Os homens fecharam os elos nas pontas das correntes martelando. Ann soltou um grunhido quando bateram seu rosto contra a terra no chão. Mais algemas foram colocadas em seus tornozelos. Mais correntes foram fechadas. Mãos grandes a levantaram. Uma corrente em volta da cintura dela unia todo o resto.

Ann não conseguiria ao menos alimentar-se. Um dos homens coçou a barba espessa.

– E não tem ninguém junto com ela?

As Irmãs Georgia e Rochelle balançaram as cabeças.

Ele riu. – Como ela conseguiu ser Prelada, se é tão estúpida?

A Irmã Georgia fez uma reverência sem olhar nos olhos dele.

– Não sabemos, Senhor. Mas ela é.

Ele balançou os ombros e começou a ir embora, mas então parou e lançou um olhar na direção das mulheres que tremiam no chão. Apontou para uma Irmã usando uma das roupas transparentes absurdas.

– Você.

Irmã Theola se encolheu. Fechou os olhos. Ann podia ver os lábios dela moverem-se em uma fútil oração ao Criador.

– Venha. – o homem ordenou.

Tremendo, Irmã Theola levantou. Os outros três homens sorriram mostrando que aprovaram a escolha do seu líder quando empurravam ela para fora na frente deles.

– Você disse que não faria isso. – a Irmã Georgia falou, mesmo que suavemente.

– Eu disse? – o homem perguntou. Mostrou um sorriso malvado. – Mudei de ideia.

– Permita que eu vá no lugar dela. – Irmã Georgia gritou quando o homem virou para ir embora.

Ele virou para trás. – Bem, bem. Então você é a garota nobre? – segurou o pulso da Irmã Georgia e puxou-a enquanto ele saía pela abertura da tenda. – Já que está tão ansiosa, pode vir junto com ela.

Depois que o homem saiu junto com as duas mulheres, a tenda foi dominada por um terrível silêncio. Nenhuma das Irmãs olharia para Ann enquanto ela estava sentada, acorrentada.

– Porque? – Ann tinha pronunciado a palavra suavemente, mas ela ecoou pela tenda como o som do enorme sino no topo do Palácio dos Profetas. Várias irmãs se encolheram com a palavra. Outras choraram.

– Sabemos muito bem que é melhor não tentar escapar. – Irmã Rochelle disse finalmente. – Todas nós tentamos no início. Realmente tentamos, Prelada. Algumas de nós morreram tentando. Foi uma coisa prolongada e horrível.

– Sua Excelência nos ensinou a futilidade de tentar escapar. Ajudar alguém em uma tentativa de fuga é uma ofensa grave. Nenhuma de nós quer que essa lição seja ensinada novamente.

– Mas vocês poderiam ficar livres!

– Nós sabemos muito bem. – falou Irmã Rochelle. – Não podemos ficar livres. Pertencemos a Sua Excelência.

– Primeiro como vítimas, – Ann disse. – mas agora por escolha. Arrisquei minha vida voluntariamente para que vocês pudessem ficar livres. Receberam essa opção, e vocês escolhem continuar como escravas ao invés de alcançar a liberdade.

– Porém, o pior de tudo é que todas vocês mentiram para mim. Mentiram pela causa do mal. – as mulheres esconderam os rostos quando Ann lançou um olhar zangado. – E cada uma de vocês sabe o que eu penso de mentirosos, o que o Criador pensa daqueles que mentem pela causa oposta ao trabalho dele.

– Mas Prelada... – Irmã Cherna gemeu.

– Silêncio! Suas palavras não possuem utilidade alguma para mim. Você não tem mais qualquer direito que eu as escute.

– Se eu escapar dessas correntes, será com ajuda daqueles que servem a Luz com sinceridade. Vocês não são melhores do que as Irmãs do Escuro. Pelo menos ela possuem a honestidade de admitirem seu vil mestre.

Ann ficou em silêncio quando um homem entrou na tenda pela abertura. Era de altura mediana e constituição poderosa, com braços e peito musculosos. Sua camisa de pele estava aberta, revelando dúzias de correntes de ouro ornamentadas com joias penduradas em seu pescoço grosso. Cada um dos dedos tinha um anel digno de um Rei.

Sua cabeça raspada lisa refletia pontos de luz gerados pelas velas. Uma bela corrente de ouro seguia de um anel de ouro em sua narina esquerda até outro na orelha esquerda. As longas pontas

trançadas do bigode dele penduradas passavam da mandíbula, combinando com a trança no centro, debaixo do lábio inferior.

Seus olhos, porém, estavam marcados com o pesadelo do Andarilho dos Sonhos. Não tinham nada de branco neles. As órbitas escuras estavam cobertas por formas turvas que moviam-se em um campo de obscuridade, e mesmo assim Ann não tinha dúvida de que ele estava olhando direto para ela. Ela não conseguia imaginar se o olhar do próprio Guardiã era pior.

– Uma visitante, eu vejo. – a voz dele combinava com seus músculos.

– O porco consegue falar. – Ann disse. – Que coisa fascinante. Jagang riu. Não foi um som agradável.

– Oh, querida, mas você é do tipo mais valente. Georgia diz que você seria a própria Prelada. Isso é verdade, querida?

Ela notou com o canto do olho que cada uma das mulheres na tenda estava de joelhos com o rosto no chão fazendo uma grande reverência. Ann não podia dizer que não entendia o fato delas não desejarem encarar o olhar perturbador do homem.

Mostrou um sorriso agradável para ele. – Annalina Aldurren, Prelada anterior das Irmãs da Luz, ao seu serviço.

A fenda entre os músculos prodigiosos do peito dele ficou mais profunda quando juntou as mãos fazendo pose de oração e fez uma reverência para ela, zombando ao fingir mostrar respeito pelo título dela.

– Imperador Jagang, ao seu.

Ann suspirou, irritada.

– Bem, como vai ser, Jagang? Tortura? Estupro? Enforcamento, decapitação, fogueira?

O sorriso surgiu no rosto dele outra vez.

– Nossa, minha querida, mas você não sabe como tentar um homem. – ele agarrou um monte de cabelo e levantou a Irmã Cherna.

– Veja, o negócio é o seguinte, eu tenho várias dessas Irmãs comuns,

e também tenho várias do outro tipo, aquelas que fizeram juramento ao Guardiã. Confesso que gosto mais delas. – ele curvou uma sobrancelha sobre um olho sombrio. – Elas ainda podem usar uma parte da magia delas.

Os olhos da Irmã Cherna ficaram úmidos com a dor quando ele apertou sua garganta.

– Mas só tenho uma Prelada.

Os pés da Irmã Cherna estavam acima do chão várias polegadas. Ela não conseguia respirar, mas não fez esforço para lutar. Os terríveis músculos dele tufaram e cintilaram na luz de velas.

As veias nos braços dele ficaram tensas. Os olhos de Cherna ficaram arregalados quando a força do aperto dele aumentou. A boca de Cherna ficou aberta em um terror silencioso.

– Então, – Jagang disse para as outras. – ela confirmou tudo sobre as Notas? Falou tudo sobre elas?

– Sim! – muitas delas falaram ao mesmo tempo, claramente esperando que ele soltasse Irmã Cherna.

Não tudo, Ann pensou. Se Zedd conseguiria ter sucesso em algo, ela esperava que fosse com as Notas.

– Bom. – Jagang largou a mulher.

Irmã Cherna desabou no chão, com suas mãos na garganta enquanto lutava para conseguir ar. Não conseguia respirar. Jagang tinha esmagado a traqueia dela. Seus dedos pareciam garras. Enquanto jazia aos pés dele, ela começou a ficar azul.

Com esforço desesperado, ela lutou para se arrastar até o colo de Ann. Ann acariciou a cabeça da pobre mulher destruída com grandiosa mostra de compaixão.

Ann sussurrou o seu amor e o perdão para Irmã Cherna, e então rezou silenciosamente ao Criador e aos bons espíritos.

Os braços de Irmã Cherna, tremendo por causa da agonia, envolveram a cintura de Ann em gratidão. Ann não podia fazer nada

a não ser rezar para que o Criador perdoasse sua criança enquanto ela morria lentamente no colo dela. Finalmente, ela ficou tranquila com a misericordiosa liberdade da morte.

Jagang chutou Irmã Cherna para um lado. Agarrou a corrente na garganta de Ann e com uma das mãos facilmente levantou-a, colocando-a de pé. Formas nebulosas dançaram nos olhos escuros dele de uma maneira que revirou o estômago dela.

– Acho que você pode ser útil. Talvez eu possa arrancar seus braços e mandá-los para Richard Rahl, só para fazer ele ter pesadelos. Talvez eu possa trocar você por algo de valor. Mas não tenha medo, pensarei em alguma utilidade para você, Prelada, agora você é minha propriedade.

– Você pode ter minha existência nesse mundo, – Ann disse com um sorriso de comprometimento. – mas não pode tocar minha alma. Esse presente do Criador é meu, e somente meu.

Ele riu.

– Um belo discurso. – puxou o rosto dela mais perto. – Um que eu já ouvi antes. – as sobrancelhas dele arquearam de prazer. – Ora, acho que todas as mulheres nesta sala falaram o mesmo para mim. Mas sabe de uma coisa, Prelada? Hoje elas adicionaram a mentira nesse discurso, não foi?

– Todas entregaram você, quando podiam ter escapado. No mínimo, elas podiam ter salvo a sua vida sem risco algum para elas mesmas. Mas escolheram continuarem escravas quando você ofereceu a liberdade.

– Eu diria, Prelada, que tenho as almas delas também.

– Irmã Cherna procurou a mim no momento de sua morte, não você, Jagang. Procurou a bondade e amor, mesmo que tenha me traído. Essa, Imperador, é a marca da verdadeira intenção de uma alma.

– Então, uma diferença de opiniões. – ele balançou os ombros. – O que diria de matarmos o resto delas, uma de cada vez, e ver o voto

de devoção de cada uma, e então contar os votos no final? Entretanto, para ser justo, faremos rodadas para matá-las. Eu matei a minha. Sua vez.

Ann não conseguiu fazer mais do que lançar um olhar zangado para a besta.

Ele soltou uma risada.

– Não? Está vendo, você não está tão confiante que vencerá na votação das almas de suas Irmãs. – ele virou para as Irmãs, ainda de joelhos. – Sorte de vocês hoje, queridas. Parece que a Prelada abriu mão das suas almas.

O olhar sombrio dele voltou para Ann.

– A propósito, provavelmente você está esperando que as Notas sejam banidas. Nós compartilhamos essa esperança. Tenho uso para a magia, mas se for necessário, certamente posso vencer desse jeito também.

– Mas se as Notas forem banidas, isso não vai adiantar. Veja bem, essas algemas e correntes estão investidas com um feitiço lançado por minhas outras Irmãs.

Você as conhece. As Irmãs do Escuro. Como sabe, elas podem usar Magia Subtrativa, e isso, minha querida Prelada, ainda funciona.

– Eu só não queria que você sofresse com falsas esperanças.

– Que consideração sua.

– Porém, não fique irritada. Pensarei em alguma utilidade criativa para você.

Ele curvou o braço. Os ombros tufaram na roupa de pele, os bíceps dele eram quase do tamanho da cintura de muitas das mulheres ali.

– Entretanto, por enquanto, acho que eu gostaria que você ficasse inconsciente.

Ela tentou invocar poder. Seu Dom não respondeu. Ann observou o punho chegando, mas não conseguiu fazer nada para

impedir.

CAPÍTULO 46



Zedd coçou o queixo enquanto olhava ao redor. Não viu ninguém. Era uma viela peculiar, estreito e escuro. Ele espiou o pequeno lugar lá no final. A residência escura parecia deserta.

Isso era um bom sinal.

Zedd acariciou o focinho de *Spider*. – Você espera aqui. Entendeu? Espere por mim aqui.

A égua balançou a cabeça e relinchou suavemente. Sorrindo, Zedd coçou a orelha dela. Em resposta, ela encostou a testa contra o peito dele, mantendo ela ali para que ele soubesse que ficaria muito feliz se ele continuasse coçando sua orelha pelo resto da tarde.

Batizada com esse nome por causa da inquietante mancha negra com linhas que pareciam pernas longas em sua parte traseira cor de creme, *Spider* havia provado que foi uma excelente aquisição, independente do alto preço. Sendo jovem, forte, e cheia de entusiasmo equino, a égua gostava de trotar e fazer ocasionais corridas impetuosas. Ela o levou até Toscla em um tempo consideravelmente curto.

Assim que chegou, ele descobriu que Toscla agora era chamada de Anderith. Na verdade, ele quase tinha sido arrancado de cima da égua por um homem que acusou Zedd de usar o nome antigo como uma afronta. Felizmente, *Spider* não sabia nada a respeito da peculiar sensibilidade humana com meras palavras; ela ficou feliz em disparar galopando.

Zedd, sem poder usar o Dom e estando vulnerável, além de sentir o peso de sua idade, resignou-se a uma longa e árdua jornada a pé através das terras selvagens. Mas pela magia da sorte, em seu terceiro dia fora da aldeia do Povo da Lama, ele encontrou com um homem que descobriu ser um agente de acordos comerciais. Uma vez que frequentemente andava de um lado para outro entre clientes, o homem viajava com vários cavalos. Podia aguentar ficar sem o seu cavalo extra até chegar ao seu destino, especialmente com o preço que Zedd ofereceu, e então Zedd partiu com *Spider*.

A grande jornada que Zedd antecipou acabou sendo incrivelmente curta e nem um pouco desagradável, enquanto ele não pensava nas suas razões para viajar até Anderith.

Misturando-se dentro da fila na fronteira, Zedd teve permissão de cruzar o ponto de checagem junto com carroças, comerciantes, e negociantes de todos os tipos. Vestido como estava em seu belo manto negro de mangas com brocado prateado e brocado dourado em volta do pescoço e descendo pela frente, junto com uma fivela de ouro em um cinto de cetim vermelho, ele facilmente conseguiu passar como um comerciante. Disse aos oficiais na fronteira que tinha pomares com frutas ao Norte e estava seguindo seu caminho até Fairfield para fazer acordos de negócios.

Pela aparência dos soldados que ele viu na fronteira, o povo de Anderith colocava fé demais na *Dominie Dirtch*. Fazia bastante tempo desde que estivera na terra anteriormente chamada Toscla, mas naquela época a fronteira era defendida por um exército formidável e muito bem treinado. Até os dias atuais o exército havia deteriorado e não era mais do que uma força dissuasora e cheia de uma confiança nascida da ignorância.

Zedd notou as orelhas de *Spider* virando na direção da casa que aparentava estar vazia descendo até o fim da viela. Cada músculo no cavalo estava tenso. Zedd imaginou que talvez um cavalo fosse tão

bom em certas coisas quanto sua magia poderia ter sido. Ele achou o pensamento desagradável. Queria sua magia de volta.

Depois de dar alguns tapinhas para tranquilizar *Spider*, e mais uma vez pedir que ela esperasse ali, Zedd seguiu descendo a estreita viela. Altas paredes de tábuas de cada lado impediam a entrada da maior parte da luz. Entretanto, uma grande variedade de ervas crescia ao lado do trilha estreita. Muitas das ervas que Zedd viu crescendo ali não gostavam nem um pouco de luz. Algumas delas eram extremamente raras; normalmente elas sibilavam sob a luz, mas agora pareciam doentes.

Zedd teve cuidado para pisar em cada um dos três degraus subindo até a porta, para não errar algum. Essas tentativas superficiais de furtividade seriam um erro, se esse fosse o lugar que esperava que fosse. Espiando, na abertura entre as cortinas, ele conseguiu ver que estava escuro lá dentro. Não viu nenhum olho observando, mas ele suspeitava fortemente, se não com ajuda de sua magia, mas pelo bom senso, que alguém estava ali.

Deu uma última olhada por cima do ombro para *Spider* que estava parada, atenta, com as orelhas voltadas para ele. Ela ergueu a cabeça, abriu a boca, e relinchou. Zedd esticou o braço e bateu. A porta rangeu quando abriu. Não havia ninguém atrás dela.

– Entre. – surgiu uma voz do meio das sombras. – e declare o seu pedido.

Zedd entrou na escuridão da sala estreita. Pouca luz entrava pela abertura entre as grossas cortinas, e a luz da porta desaparecia antes de ousar chegar muito longe. Ele não conseguiu ver nenhuma mobília, somente as tábuas do piso avançando dentro da escuridão onde ela permanecia.

Ele virou e espiou na parte superior da porta. Apontou com um dedo magro.

– Belo toque, a corda usada para abrir a porta enquanto você fica longe. Muito eficiente.

– Quem é você para testar minha fúria?

– Testar a sua fúria? Oh, querida, não. Você entendeu tudo errado. Estou aqui procurando uma feiticeira.

– Tome cuidado com o que deseja, estranho. Às vezes os desejos possuem uma maneira desagradável de tornaram-se realidade. Diga seu nome.

Zedd fez reverência de forma dramática.

– Zeddicus Zu’l Zorander. – ele inclinou a cabeça para observar a mulher nas sombras com um dos olhos. – Esse seria Zeddicus Zu’l Zorander, como o Primeiro Mago Zeddicus Zu’l Zorander.

A mulher entrou na luz, sua expressão estava mostrando surpresa. – Primeiro Mago...

Zedd mostrou um sorriso cativante. – Franca Gowenlock, eu suponho?

De boca aberta e olhos arregalados, pareceu que ela só conseguia confirmar balançando a cabeça.

– Ora, ora, mas não é que você cresceu? – Zedd colocou a mão abaixo da linha da cintura dele. – Você não devia estar maior do que isso quando a vi pela última vez. – ele sorriu com sincera admiração. – Parece que você cresceu e tornou-se uma mulher adorável.

Ela ficou vermelha quando levantou a mão para arrumar o cabelo.

– Ora, eu tenho cabelo grisalho.

– O desabrochar dele fica muito bem em você. Realmente fica.

Ele falou sério. Ela realmente era uma mulher atraente. Seu cabelo quase até o ombro jogado para trás mostrando traços orgulhosos de uma maneira muito bela. O toque de cinza em suas têmporas apenas reforçava a beleza de sua maturidade.

– E você...

– Sim, – ele falou com um suspiro. – eu sei. Não tenho exatamente certeza quando foi que isso aconteceu, mas eu virei um homem velho.

Com um sorriso crescente em seu rosto, ela deu um passo adiante e fez uma reverência, segurando a saia do seu vestido marrom simples quando abaixava.

– Estou honrada com sua presença em minha casa humilde, Primeiro Mago.

Zedd balançou uma das mãos. – Nada disso. Somos velhos conhecidos.

Apenas Zedd estaria bom para mim.

Ela levantou.

– Zedd, então. Mal posso acreditar que o Criador respondeu minhas preces de uma forma tão direta. Oh, mas como gostaria que minha mãe ainda estivesse viva para vê-lo novamente.

– Ela também era uma mulher adorável. Que os bons espíritos cuidem de sua alma gentil.

Radiante, Franca segurou o rosto dele entre as duas mãos.

– E você está tão bonito quanto eu lembro.

– Verdade? – Zedd endireitou os ombros. – Ora, obrigado, Franca. Eu tentei cuidar bem de mim. Tomar banho regularmente, e coisas assim, com algumas ervas e óleos especiais que eu colocava na água de vez em quando. Acho que isso explica minha pele ainda estar tão flexível.

– Oh, Zedd, não pode imaginar o quanto estou feliz. Graças ao Criador. – Ainda estava segurando o rosto dele entre as mãos. Os olhos dela cheios de lágrimas.

– Preciso de ajuda. Oh, Primeiro Mago, estou precisando da sua ajuda tão desesperadamente.

Ele segurou as mãos dela.

– Estranho você mencionar isso.

– Zedd, uma vez você ajudou minha mãe. Agora precisa me ajudar. Por favor. Meu poder falhou. Já tentei tudo que consigo imaginar. Consultei livros de encantos, feitiços. Nenhum deles

ajudou nem um pouquinho. Tive que amarrar aquela corda na parte de cima da porta para enganar as pessoas e mantê-las assustadas.

– Estive bastante preocupada. Eu mal tenho conseguido dormir. Já tentei...

– As Notas estão soltas.

As pálpebras dela ficaram imóveis enquanto olhava fixamente para ele. A casa silenciosa dela pareceu esticar junto com ela, virar um ouvido na direção dele junto com ela, prender a respiração junto com ela.

– O que você disse?

– As Notas estão soltas.

– Não. – ela falou, aparentando estar em um estado de confusão, chocada.

– Eu não acho que seja isso. Acho que pode ser um aquecimento do meu sangue. Possivelmente causado por um feitiço lançado em mim por mulheres de menor talento mas grande ambição. Inveja, acredito que seja isso, junto com uma natureza vingativa. Eu tento não pisar nos calos da pessoas, como dizem, mas algumas vezes...

Zedd agarrou os ombros dela.

– Franca, eu vim até aqui porque espero que você possa me ajudar. A Madre... a esposa de meu neto... sem querer, libertou as Notas enquanto invocava urgentemente o auxílio de magia poderosa como último recurso para salvar a vida do meu neto.

– Preciso da sua ajuda. Foi por isso que eu vim. O meu Dom também falhou. Toda a magia está falhando. O mundo dos vivos está em um terrível perigo. Não preciso explicar para uma mulher com seus talentos as consequências de um evento assim. Nós precisamos ver se existe algo que podemos fazer para banir as Notas. Como Primeiro Mago, eu vim pedir ajuda a você.

– Seu neto? Ele... ele sobreviveu ao teste? Ele se recuperou?

– Sim. Felizmente, com ajuda da mulher que seria sua esposa, ele sobreviveu e agora está muito bem.

Ela colocou uma unha entre os dentes durante um momento, seu olhar sombrio movendo-se de um lado para outro enquanto considerava as palavras dele.

– Então, pelo menos aconteceu isso de bom, ele ter sobrevivido. Mas em troca pela ajuda delas, isso significaria que as Notas poderiam atravessar o Véu...

A testa dela franziu.

– O seu neto, você diz. Ele tem o Dom?

De repente mil coisas passaram na mente de Zedd. – Sim. – ele respondeu simplesmente.

Franca sorriu educadamente, para mostrar que estava feliz por Zedd, e então entrou em ação. Afastou as cortinas, segurou o braço dele, e levou-o até uma mesa nos fundos. Ela abriu uma grossa cortina sobre uma pequena janela no fundo para deixar a luz banhar a mesa. O tampo de mogno escuro da mesa tinha uma Graça desenhada em prata.

Franca fez um gesto gracioso para que ele sentasse. Enquanto ele fazia isso, ela pegou duas xícaras. Depois de servir chá de uma chaleira pendurada sobre as brasas cintilantes na lareira, colocou uma diante dele e então sentou em uma cadeira de frente para ele. Ela hesitou antes de falar.

– Suspeito que deve ter mais coisas.

Zedd suspirou.

– Tem muito mais, mas o tempo está ficando curto.

– Importa-se de falar um pouco das coisas mais importantes?

– Bem, está certo. – primeiro Zedd tomou um gole de chá. – Você lembra de D’Hara?

A mão dela com a xícara fez uma pausa no caminho até os lábios.

– E como alguém poderia não lembrar de D’Hara?

– Sim, bem, o negócio é o seguinte, minha filha era mãe de Richard, esse é o meu neto. Ele nasceu como resultado de um cruel

ato de estupro.

– Sinto muito. – ela disse com sincera simpatia. – Mas o que isso tem a ver com D’Hara?

– O homem que gerou ele foi Darken Rahl, de D’Hara.

As mãos dela começaram a tremer. Ainda não tinha conseguido levar o chá até a boca. Com cuidado, Franca baixou a xícara cheia ou poderia derramar o chá antes de ao menos prová-lo.

– Você está querendo dizer que esse neto seu é prole de duas linhas de magos, e é o mesmo Lorde Rahl que está exigindo a rendição de todas as terras de Midlands?

– Ah, bem, sim, esse seria ele.

– E que esse seu neto, o próprio Lorde Rahl, é o mesmo que vai casar com a Madre Confessora?

– Foi uma cerimônia adorável. – Zedd falou. – Realmente adorável. Um tanto quanto exclusiva, mas ainda assim, com estilo.

Franca colocou a mão na testa.

– Queridos espíritos, isso é muita coisa para engolir.

– Oh, sim. Ele também é um Mago Guerreiro. Eu esqueci, sinto muito. Ele nasceu com os dois lados do Dom.

A cabeça dela levantou. – O quê?

– Você sabe, os dois lados. Magia Subtrativa, assim como a comum Aditiva. Os dois lados.

– Eu sei o que “dois lados” significa.

– Oh.

Franca engoliu em seco. – Espere só um minuto. As Notas... você quer dizer que foi a Madre Confessora que invocou as Notas?

– Bem, ela...

A mulher levantou rapidamente, sua cadeira arrastou no chão.

– Foi Lorde Rahl quem... queridos espíritos, a Madre Confessora prometeu a alma de Lorde Rahl, um Mago Guerreiro com os dois lados do Dom, para as Notas?

– Não é tão ruim assim. Ela não tinha conhecimento algum do feitiço; não fez isso intencionalmente. Ela é uma boa pessoa e jamais faria uma coisa dessas deliberadamente.

– Deliberadamente ou não, se as Notas pegarem ele...

– Enviei os dois para um lugar seguro, onde as Notas não podem alcançá-lo. Não temos necessidade de temer essa parte.

Ela suspirou aliviada. – Graças ao Criador.

Zedd tomou outro gole.

– Mas isso ainda nos deixa sem nosso poder, e o mundo sem magia, e possivelmente à beira da ruína. Como eu falei, preciso de ajuda.

Finalmente Franca recostou em sua cadeira quando Zedd assentiu. Ele sorriu e disse que o chá dela estava excelente, e que ela deveria tomar um pouco.

– Zedd, acho que você precisa que o próprio Criador venha ajudá-lo. O que você acha que eu poderia fazer? Sou apenas uma obscura feiticeira mediana comum, em uma terra distante. Porque você viria me procurar?

Zedd girou os olhos. Ele apontou.

– O que você está escondendo com essa faixa no pescoço?

Os dedos dela tocaram a garganta. – Uma cicatriz. Você lembra do Sangue da Congregação? – Zedd assentiu confirmando que lembrava. – Bem, a maioria dos lugares tem homens como aqueles, homens que odeiam magia, homens que consideram aqueles com magia responsáveis por cada coisa miserável que acontece nas vidas deles.

– Sim, cada lugar tem seus fanáticos.

– Aqui, o fanatismo atende pelo nome de Serin Rajak. Ele é do tipo comum: cruel e vingativo. É talentoso em expressar suas ilusões de uma maneira que atinge as emoções dos outros e os conduz para os costumes perversos dele.

– Então a ideia dele de livrar o mundo da magia foi matar você?

– Sim, e aqueles como eu.

Rapidamente ela baixou a faixa no pescoço para revelar uma cicatriz.

– Ele me pendurou pelo pescoço enquanto ele e seus seguidores começavam a construir uma fogueira debaixo de mim. Ele gosta bastante de queimar pessoas. Acha que isso purifica o mundo da magia da pessoa, impede que ela permaneça depois da morte.

Zedd suspirou.

– Isso nunca termina. Então, aparentemente você o convenceu a deixá-la em paz.

Ela sorriu. – O que ele fez comigo, custou a ele um olho.

– Não posso dizer que a culpo.

– Isso faz muito tempo.

Zedd procurou mudar de assunto. – Presumo que você ouviu falar sobre a guerra com o Mundo Antigo?

– É claro. Nós tivemos representantes da Ordem Imperial aqui para discutir o assunto com nosso povo.

Zedd sentou mais ereto.

– O quê? A Ordem tem pessoas aqui?

– É isso que estou dizendo. Certas pessoas no governo escutam atentamente aquilo que a Ordem tem a dizer. Eu temo que a Ordem esteja fazendo ofertas para altos oficiais. E estive fazendo isso durante algum tempo.

Ela observou por cima da borda da xícara enquanto tomava um gole. Ela pareceu decidir falar mais para ele.

– Algumas pessoas estiveram considerando enviar uma mensagem secreta para a Madre Confessora, para pedir que ela venha e investigue.

– Com as Notas livres, ela estará sem o seu poder, do mesmo jeito que você e eu. Até que as Notas sejam banidas, ela não pode ajudar em nada desse tipo.

Franca suspirou.

– Sim, entendo o que você está dizendo. Seria melhor se conseguíssemos garantir que as Notas sejam banidas.

– Nesse meio tempo, talvez pessoas aqui devessem investigar o assunto.

Ela baixou a xícara.

– Quem vai questionar o escritório do Ministro da Cultura?

– Os Diretores. – Zedd sugeriu.

Ela ficou girando a xícara sobre o tampo da mesa. – Talvez. – foi tudo que ela disse. Quando Zedd não falou nada, ela tentou preencher o silêncio. – Em Anderith, você faz o que for necessário para seguir adiante.

– Sempre existem aqueles que farão. – Zedd afundou de volta em sua cadeira. – Isso acabará sendo irrelevante de qualquer maneira. Anderith terá que render-se à Richard e ao novo Império D’Haran que ele está reunindo para resistir contra a invasão da Ordem Imperial. – Zedd tomou outro gole. – Eu mencionei que ele também é o *Seeker* da Verdade?

Franca levantou os olhos. – Não, você esqueceu de mencionar isso.

– Richard não permitirá que Anderith continue do jeito que eles parecem estar fazendo, tendo oficiais corruptos colaborando com a Ordem. Ele e a Madre Confessora colocarão um fim nesse perigoso esquema clandestino. Essa é uma das razões pelas quais ele está sendo forçado a tomar o poder. Deseja consolidar o governo sob uma lei justa e aberta.

– Lei justa. – ela refletiu, como se esse fosse o desejo de uma criança. – Somos uma terra próspera, Zedd. Anders possuem uma boa vida.

Se fossem os Hakens escutando a Ordem Imperial, eu poderia entender, poderiam dizer que eles teriam motivo, mas são os Anders que estão escutando, e eles são aqueles que já possuem o poder.

Zedd ficou observando o chá.

– Nada incomoda mais algumas pessoas do que outras pessoas estarem livres. De uma forma muito parecida como Serin Rajak odeia aqueles que tem magia, a elite governante, ou aqueles que serão, desprezam a liberdade. Eles sentem alegria apenas perpetuando a miséria.

Zedd procurou tirar a camada de gelo do assunto frio. – Então, Franca, você tem um marido, ou os homens bonitos do mundo ainda possuem uma chance de cortejá-la?

Franca sorriu algum tempo antes de falar.

– Meu coração pertence a alguém...

Zedd esticou o braço pela mesa e deu alguns tapinhas na mão dela.

– Bom para você.

Ela balançou a cabeça enquanto o sorriso desaparecia.

– Não. Ele está casado. Não posso revelar meus sentimentos. Odiaria a mim mesma para sempre se desse a ele qualquer razão para decidir abandonar a sua bela esposa e ao invés disso ficar com uma solteirona que está ficando velha como eu. Não ousou permitir que ele nem ao menos suspeite dos meus sentimentos.

– Sinto muito, Franca. – ele falou com gentil simpatia. – A vida, ou eu deveria dizer o amor, às vezes parece algo tão injusto. Pelo menos pode parecer agora, mas algum dia...

Franca colocou o assunto de lado com um gesto, mais por causa de si mesma do que por ele, ele pensou. Ela encarou o olhar dele outra vez.

– Zedd, fico lisonjeada que você tenha vindo me procurar, para dizer a verdade, que você até mesmo lembre do meu nome, mas porque você acharia que eu posso ajudá-lo? Você tem mais poder do que eu. Ou pelo menos você tinha.

– Para ser honesto, eu não vim com o objetivo de buscar a sua ajuda do jeito que você pode estar pensando. Eu vim até aqui pois quando era um jovem mago aprendi que este era o lugar onde as

Notas foram sepultadas, em Toscla, ou Anderith, como agora ela é chamada.

– Verdade? Eu não sabia disso. Em que local de Anderith elas estão sepultadas?

Zedd afastou as mãos. – Esperava que você pudesse saber. Você era o único nome que eu conhecia aqui, então vim procurá-la. Preciso de ajuda.

– Sinto muito, Zedd, mas não tenho ideia de onde as Notas foram sepultadas. – ela levantou a xícara mais uma vez e bebeu, pensativa. – Entretanto, se, como você diz, as Notas não podem pegar a alma do seu neto, eventualmente elas podem acabar sendo arrastadas de volta para o mundo dos mortos. Podemos acabar não precisando fazer nada para que isso aconteça. O problema todo poderia simplesmente desaparecer.

– Sim, existe essa esperança, mas você deve manter em mente a natureza do Submundo.

– E isso significa?

Zedd tocou no círculo exterior da Graça sobre o tampo da mesa.

– Aqui começa o Submundo, onde ocorre o cruzamento da vida. – ele deslizou a mão ultrapassando a borda da mesa. – Além está a eternidade.

– Uma vez que o Submundo é eterno, o tempo não possui significado. Pode haver o início quando atravessamos, mas não existe fim, então o conceito de tempo desenrola-se ali. Somente aqui no mundo dos vivos onde o tempo é definido pelo início e fim conferindo a ele alguns pontos de referência, que ele possui significância.

– As Notas foram conjuradas daquele local atemporal além, e recebem seu poder de lá, então o tempo não tem significado para elas.

– Talvez seja verdade que sem obterem a alma pela qual elas atravessaram, para ajudar, elas sejam puxadas de volta ao

Submundo. Porém, para seres eternos, seu tempo aqui pode ser enxergado por elas apenas como um instante enquanto aguardam para verem se, terão sucesso, ou enquanto aproveitam um pouco da brincadeira de trazer a morte e destruição, exceto que esse instante para elas poderia significar um milênio para esse mundo. Poderia levar dez milênios e ainda significar apenas um mero piscar de olhos no tempo para elas, especialmente já que elas não possuem alma e não podem realmente experimentar a vida.

Ela estava absorvendo cada palavra, parecendo faminta para conversar sobre coisas que poucos além dos dotados conseguiriam compreender.

– Sim, entendo o que você quer dizer. – ela levantou um dedo. – Mas da mesma maneira, elas poderiam sumir hoje, desaparecer enquanto conversamos, sentindo uma frustração infinita em um mundo com tempo, uma vez que elas comecem a perceber que devem funcionar dentro do estranho confinamento do tempo. Afinal de contas, a alma que elas buscam, possuem apenas esse tempo nesse mundo. Elas devem perseguir e capturar a alma dele enquanto ele estiver vivo.

– Bem colocado e uma consideração valiosa, mas quanto tempo deveremos esperar? Em algum ponto será tarde demais para as coisas com magia se recuperarem. Certamente agora mesmo algumas estão ficando doentes com o desaparecimento da magia. Quanto tempo levará até que desapareçam para sempre?

– Já imagino os seus astrólogos definindo durante o caminho até a casa de vocês. – Zedd levantou uma sobrancelha. – Mas, pior ainda, quanto tempo até que a magia como aquela da mariposa Gambit falhe? E se as plantações que estão crescendo agora logo ficarem contaminadas?

O rosto dela, mostrando preocupação, abaixou. Não a conhecendo bem, Zedd preferiu não mencionar que, em um mundo sem a magia, Jagang e a Ordem Imperial ficavam ainda mais

poderosos. Sem a magia para ajudá-los, muitos mais iriam morrer lutando contra ele, e esse sangue todo poderia ser derramado sem nenhuma conclusão boa.

– Franca, como guardiões do Véu, protetores das criaturas mágicas indefesas, e como representantes do compromisso da magia com a humanidade, devemos agir o mais rápido possível. Não sabemos onde está a linha que define quando será tarde demais.

Ela assentiu, pensativa.

– Sim. Sim, você tem razão, é claro. Porque você precisa saber onde as Notas estão sepultadas? Em quê isso ajudará?

– O antigo banimento delas, para anular a conjuração original que as trouxe aqui, teria necessariamente que rasgar o Véu novamente. Um contrafeitiço desse tipo teria que ter sido equilibrado com um feitiço secundário para permitir que elas retornassem ao mundo dos vivos. Um feitiço de retorno assim podia ter sido incrivelmente restritivo, invocação de três e tudo aquilo, mas isso não teria importância; a mera existência de um mecanismo de retorno seria todo o equilíbrio que o feitiço de banimento teria requerido.

Zedd passou o dedo lentamente pela borda da sua xícara de chá.

– De acordo com o que sei sobre o assunto, acredito que a natureza da existência delas dita que as Notas só podem retornar ao mundo dos vivos, uma vez que os requisitos restritivos do mecanismo de equilíbrio sejam satisfeitos, através do portal do banimento delas. Foi por isso que eu tive que vir até aqui.

Ela ficou olhando para o vazio, refletindo.

– Sim, isso faz sentido. O portal, onde quer que ele esteja, estaria aberto.

– Já que você não sabe onde as Notas estão sepultadas, talvez você possa servir como minha guia aqui.

O olhar dela voltou para ele.

– Aonde poderíamos procurar? Tem algum lugar em mente por onde começar?

Depois de outro gole, Zedd baixou a xícara.

– Minha ideia era que você pudesse conseguir me ajudar a entrar na biblioteca.

– A Biblioteca da Cultura? Na Propriedade do Ministro da Cultura?

– Isso mesmo. Eles possuem textos antigos lá. Pelo menos costumavam ter. Uma vez que as Notas foram banidas aqui em Anderith, a biblioteca pode conter registros ou outra informação que me ajude a encontrar aonde isso aconteceu, e dessa forma o portal. Eles podem ter até mesmo outras informações úteis.

– Quais são os nomes dos livros que você procura? Talvez eu os conheça.

– Não sei quais livros podem ajudar, se tais livros existirem, ou se existirem, se estão aqui. Simplesmente terei que começar a procurar através daqueles volumes na biblioteca e ver o que consigo encontrar.

Ela inclinou para frente.

– Zedd, existem milhares de livros aqui.

– Eu sei. Já vi eles antes.

– E se você encontrar um livro que informe o nome desse lugar, e então?

Zedd balançou os ombros de uma maneira deliberadamente tranquila.

– Primeiro o passo inicial.

Se não conseguisse encontrar nenhuma informação sobre o mecanismo do banimento delas, ele tinha uma ideia daquilo que poderia ter que fazer se conseguisse encontrar a localização da sepultura. Mesmo se realmente encontrasse essa informação e fosse uma questão simples, sem o uso de sua magia estaria incapaz de

reverter o problema. Ele poderia ser forçado a tomar medidas desesperadas.

– Então, e quanto a Biblioteca da Cultura? Eu consigo entrar lá?

– Acho que eu poderia ajudar nessa parte. Como Ander, e conhecida na Propriedade do Ministro, eu tenho acesso. Nem todos possuem. Aqueles com autoridade estiveram alterando a história de tal maneira que aqueles de nós que viveram um pouco dela não reconhecem nem mesmo nosso próprio passado, muito menos confiam no resto daquilo que é transmitido. – ela emergiu dos seus pensamentos particulares e ficou ereta com um sorriso audacioso. – Quando você quer ir até lá?

– Quanto mais cedo melhor...

– Acha que você conseguiria fingir ser um estudioso visitante?

– Acho que poderia conseguir parecer como se tivesse dificuldade de lembrar do meu próprio nome.

CAPÍTULO 47



– Oh, que gentil! – Zedd exclamou fingindo prazer enquanto a mulher depositava o pesado volume sob o brilho da alta lamparina.
– Agora tenho certeza. Não tenho dúvida. Você não pode ser outra coisa além de um bom espírito que veio me ajudar, Senhora Firkin.

Repentinamente a mulher ficou com tanta vergonha quanto uma garota adolescente. Suas bochechas ficaram vermelhas quando ela sorriu.

– É o meu trabalho, Mestre Rybnik.

Ele inclinou chegando mais perto dela e baixou a voz até um sussurro alegre.

– Prefiro que as mulheres bonitas me chamem de Ruben.

Quando as circunstâncias exigiam o uso de um nome falso, Zedd preferia o nome Ruben Rybnik. Considerava que esse era um nome arrojado. Levar uma vida simples estimulava um impulso para uma certa extravagância de vez em quando. Zedd considerava uma diversão alegre essencial para o equilíbrio. Algo tão simples como usar o nome Ruben Rybnik satisfazia essa necessidade.

A mulher piscou, sem captar o seu flerte, algo incrível, ele pensou, considerando que ela possuía uma aparência suficientemente bela para que tivesse conseguido ardentes pretendentes durante sua longa vida. Zedd foi obrigado a esclarecer as coisas.

– Porém, Senhora Firkin, eu prefiro que você me chame de Ruben.

Ela ficou olhando com expressão vazia, e então, quando ele viu a percepção fazendo conexões nos olhos castanhos escuros dela, uma risada repentina ecoou pela sala comprida. Algumas pessoas nas outras mesas levantaram os olhos. Ele notou os olhos de um dos guardas virando na direção deles. A Senhora Firkin colocou a parte de trás da mão cobrindo o sorriso enquanto seu rosto ficava vermelho.

– Ruben. – ela riu novamente por causa da sensação de usar o primeiro nome dele. Olhou em volta antes de inclinar na direção dele. – Vedetta.

– Ah, – Zedd sussurrou. – Vedetta. Que nome adorável.

Ela ficou rindo enquanto partia, seus passos ecoando suavemente através da sala enorme, o andar inferior dos dois andares da elegante Biblioteca Anderith. Do seu lugar em uma mesa, Zedd havia observado o por do sol através da janela. O conjunto de lamparinas iluminava com um caloroso brilho o carvalho cor de mel da sala e fornecia iluminação para aqueles ainda mais interessados em devorar palavras do que o jantar.

Zedd arrastou na sua frente o pesado volume que Vedetta Firkin havia encontrado. Uma rápida olhada disse a ele que não tinha valor. Abriu-o de qualquer maneira para fazer parecer que estava lendo com grande interesse.

Não estava. O livro que estava lendo na verdade estava no lado superior direito, mas mesmo estando com sua cabeça abaixada, ele ainda conseguia virar os olhos para cima, à direita, e ler o outro, e qualquer pessoa intrometida que estivesse passando seria enganada. Algumas dessas pessoas estavam nas proximidades.

Ele já tinha criado uma sensação com sua grande entrada quando posicionou-se na biblioteca e fez envolventes proclamações de ter uma hipótese de lei envolvendo a responsabilidade de fornecedores secundários de mercadorias com os signatários em acordos comerciais anulada por cláusulas envolvendo atos de

Criação não indicados especificamente no subtexto mas implícitos pela lei comum de antigos princípios de comércio, e ele sabia que seria capaz de provar a eles com os belos exemplos da lei racional definidos mais tarde nos exemplos encontrados na história da lei Anderith.

Ninguém tinha sido audacioso o bastante para contestar as afirmações dele. Todos na biblioteca estavam perfeitamente felizes em deixá-lo fazer sua pesquisa. Ter Franca para escoltá-lo ajudou, uma vez que ela era conhecida na biblioteca.

Estava tarde, e as pessoas que cuidavam da biblioteca queriam ir para casa, mas temiam causar a ira de alguém que possuía tal comando extraordinário da lei. Porque ele ficava, alguns outros também ficavam. Zedd não sabia se isso era para aproveitar o tempo extra que a biblioteca estava aberta, ou para mantê-lo sob observação.

Franca sentou do outro lado da mesa mas um pouco afastada, fornecendo espaço para todos os livros espalhados, logo na frente dos dois. Ela concentrou-se nos livros e ocasionalmente mostrava a ele itens que pensava que ele poderia precisar ver. Franca era esperta, e apontava coisas que outros deixariam passar, coisas que poderiam ser concebivelmente significantes, mas até agora ele não tinha visto nada com qualquer uso prático. Não tinha exatamente certeza do que estava procurando, mas tinha certeza que ainda não tinha visto isso.

Mergulhado em concentração, Zedd tomou um susto quando alguém tocou no ombro dele.

– Sinto muito. – Vedetta sussurrou.

Zedd sorriu para a moça tímida.

– Está tudo bem, minha querida Vedetta. – Levantou uma sobancelha, mostrando curiosidade.

– Oh. – ela enfiou a mão no bolso do avental. Ficou vermelha novamente enquanto sua mão vasculhava. A mão fez uma pausa. –

Achei.

– Achou o quê? – Zedd sussurrou.

Ela inclinou chegando mais perto, baixou a voz mais ainda. Zedd notou Franca observando do outro lado da mesa enquanto sua cabeça estava abaixada sobre um livro.

– Não devemos permitir que ninguém veja isso. É muito precioso e raro. – O rosto dela ficou vermelho outra vez. – Mas você é um homem especial, Ruben, tão brilhante e tudo, que eu trouxe isso da câmara para que você veja só por um minuto.

– Verdade, Vedetta? Que gentileza extraordinária da sua parte. Então, o que é isso?

– Não sei muito bem. Exatamente. Mas pertenceu ao próprio Joseph Ander.

– É mesmo? – Zedd falou lentamente.

Ela assentiu com vigor.

– A Montanha.

– O quê?

– A Montanha. Era assim que alguns daquela época o chamavam. Quando não tenho nada para fazer, às vezes leio os textos antigos daquela época, para aprender mais sobre o nosso honrado ancestral, Joseph Ander. Naquele tempo, como fiquei sabendo, alguns o chamavam de A Montanha.

Zedd estava bastante atento enquanto observava ela tirar a mão do avental. Ela estava com algo pequeno. A esperança dele murchou porque pensou que aquilo era pequeno demais para ser um livro.

Mas então seu coração pareceu bater fora de compasso quando viu que realmente era um pequeno livro negro. Um Livro de Jornada. Ele ainda estava até com a pena na lombada.

Zedd umedeceu os lábios quando ela ofereceu o livro segurando-o com as duas mãos diante dele. Zedd colocou um dedo no lábio inferior. Ela não tinha intenção alguma de deixar uma peça tão valiosa longe da sua vista, mesmo se ele fosse um estudioso

bastante gentil. Perto da porta da câmara dois guardas armados observavam as pessoas, mas não prestavam atenção especial em Zedd.

– Posso ver o interior, Vedetta? – ele perguntou com um sussurro forçado.

– Bem... bem, acho que isso não pode ferir ninguém.

A mulher abriu a capa cuidadosamente. O Livro de Jornada estava em boas condições, da mesma maneira, como aquele que Ann carregava também era bastante antigo, e estava em boas condições. Livros de Jornada eram coisas que continham magia, então isso provavelmente explicava eles estarem quase tão bem quanto novos independente dos milhares de anos de uso deles. Isso, e o cuidado com o qual as Irmãs manuseavam os valiosos livros. As pessoas aqui não usavam de menor cuidado.

Zedd congelou quase deixando de respirar. Montanha. Ele entendeu. *O Gêmeo da Montanha* era o par desse Livro de Jornada. Tudo se encaixou na cabeça dele. *O Gêmeo da Montanha* foi destruído, e, junto com ele, possivelmente a informação sobre as Notas.

Mas esse livro, o Livro de Jornada de Joseph Ander, teria as mesmas palavras, se ainda não tivessem sido apagadas com a pena.

Ele observou, fascinado, enquanto Vedetta Firkin virava a primeira página em branco. Um mago que morreu fazia três mil ano estava prestes a falar com ele.

Zedd ficou olhando para as palavras ali na página seguinte. Olhou o máximo que podia. Não faziam sentido algum. Um feitiço, ele temeu, para impedir que qualquer pessoa lesse.

Não, não era isso. Além disso, a magia falhou; um feitiço desses não continuaria funcionando. Enquanto ele estudava a escrita, percebeu que era uma língua que não conhecia.

Então ele entendeu. Estava em Alto D'Haran. A euforia de Zedd desapareceu. Virtualmente ninguém mais conhecia o Alto D'Haran. Richard disse que aprendeu. Zedd não duvidou dele, mas Richard

estava longe seguindo para Aydindril. Zedd nunca conseguiria encontrar, muito menos alcançar ele.

Além disso, as pessoas da biblioteca não deixariam que ele levasse esse livro, e Zedd não tinha magia para fazer qualquer coisa a respeito.

– Que coisa gloriosa para ver. – Zedd sussurrou enquanto observava a mulher virar as páginas lentamente diante dos seus olhos.

– Sim, não é mesmo? – ela falou com profunda reverência. – Às vezes eu vou até a câmara e apenas sento para olhar as coisas escritas por Joseph Ander, e imagino os dedos dele virando as páginas. Isso me dá calafrios. – ela confidenciou.

– Em mim também. – Zedd falou.

Ela pareceu feliz em ouvir aquilo. – É muito ruim que ninguém jamais conseguiu traduzir. Nem mesmo sabemos qual deve ser essa língua. Alguns de nossos estudiosos aqui suspeitam que seja um antigo código usado por magos.

– Joseph Ander era um mago. – ela disse com um tom apressado. – Não são todos que sabem disso, mas ele era. Era um grande homem.

Zedd ficou imaginando como eles podiam saber se ele era um grande homem se não tinham ideia do que ele falava. Mas então percebeu que era exatamente por isso que eles o consideravam tão importante.

– Um mago. – Zedd repetiu. – Alguém poderia imaginar que um mago gostaria que as suas palavras fossem conhecidas.

Vedetta riu.

– Oh, você não sabe nada sobre magos, Ruben. Eles são assim. Misteriosos e tudo.

– Imagino. – ele falou distraidamente enquanto tentava encontrar uma palavra que possivelmente pudesse fazer sentido enquanto elas deslizavam na frente dos olhos dele.

Nenhuma fazia.

– Exceto, – Vedetta confidenciou com um sussurro muito baixo enquanto seus olhos moviam-se de um lado para outro dando uma rápida olhada. – isso aqui. – ela encostou um dedo em uma página bem perto do fim. – Essas palavras aqui eu consegui decifrar, por uma acidente da coincidência. Só essas duas.

– Conseguiu? – Zedd girou os olhos na direção das palavras. – “*Fuer Owbens* “. – ele observou os olhos excitados dela. – Vedetta, você realmente sabe o que “*Fuer Owbens*” significa, ou apenas acha que sabe?

Ela franziu a testa com bastante seriedade. – Eu sei mesmo. Por acaso eu encontrei um trecho em outro livro, chamado *Domínio Inflamável*, onde as mesmas palavras são mencionadas e as duas versões são usadas. Era sobre alguma...

– Então, você decifrou as palavras. O que elas significam?

Ela colocou a boca perto do ouvido dele. – As Fornalhas.

Zedd virou a cabeça e olhou dentro dos olhos escuros dela.

– As Fornalhas?

Ela assentiu. – As Fornalhas.

Ele fez uma careta. – Tem alguma ideia do que isso significa?

Vedetta fechou o pequeno Livro de Jornada negro.

– Sinto muito, mas não sei. – ela endireitou o corpo. – Está ficando tarde, Ruben. Os guardas disseram que depois que mostrasse isso a você, eles querem fechar a biblioteca.

Zedd não tentou esconder sua decepção.

– É claro. Todos vão querer seguir para casa, jantar e dormir.

– Mas você pode voltar amanhã, Ruben. Adoraria ajudá-lo mais um pouco amanhã.

Zedd estava tocando em seu lábio enquanto a mente dele trabalhava acelerada, procurando juntar cada pedaço de informação que aprendeu e tentando pensar se alguma coisa disso tudo seria útil. Parecia que não.

– O quê? – ele levantou os olhos. – O que foi?

– Eu disse que espero seu retorno amanhã. Adoraria ajudá-lo novamente. – ela sorriu do seu jeito envergonhado. – Você é um desafio maior do que a maioria das pessoas que entram aqui. Poucas pessoas preocupam-se em pesquisar esses livros antigos como você. Acho que isso é uma pena. Hoje em dia as pessoas não respeitam o conhecimento do passado.

– Não, elas não respeitam. – ele falou com toda a seriedade. – Adoraria voltar amanhã, Vedetta.

O rosto dela ficou vermelho outra vez.

– Talvez... se você quiser, poderia passar nos meus aposentos e eu prepararia algo para você comer?

Zedd sorriu. – Adoraria isso, Vedetta, e você realmente é uma pessoa gentil, mas isso não seria possível. Estou com Franca. Ela é minha anfitriã, e devemos retornar a Fairfield e discutir toda nossa pesquisa. Meu projeto, você sabe. A lei.

O sorriso dela murchou. – Eu entendo. Bem, espero encontrar você amanhã.

Zedd segurou a manga dela quando ela começou a partir.

– Vedetta, talvez amanhã eu pudesse aceitar a sua oferta? Quer dizer, se ela estiver de pé amanhã.

O sorriso radiante dela voltou.

– Ora, sim, na verdade, amanhã seria melhor. Eu teria uma chance de... bem, amanhã estaria bom. Minha filha estará fora amanhã à noite, tenho certeza, e poderíamos desfrutar de um jantar adorável, só nós dois.

– Meu marido morreu faz seis anos. – ela completou enquanto mexia no colarinho. – Um bom homem.

– Tenho certeza de que era. – Zedd levantou e fez uma grande reverência.

– Então, amanhã. – ele levantou um dedo. – E obrigado por mostrar o livro especial da câmara. Fiquei bastante honrado.

Ela virou e começou a se afastar, levando um grande sorriso no rosto.

– Boa noite, Ruben.

Ele agitou os dedos acenando enquanto mostrava um largo sorriso. Logo que viu ela desaparecer na câmara, Zedd virou e fez um sinal para Franca.

– Vamos lá.

Franca fechou os livros dela e deu a volta na mesa. Zedd ofereceu o braço quando eles subiam a grande escadaria juntos. O corrimão de carvalho, de quase um pé de espessura e esculpido em um perfil delicado, refletia os pontos de luz gerados pelas lamparinas que flanqueavam a escadaria.

– Teve sorte? – ela sussurrou quando eles estavam fora do alcance dos ouvidos dos outros.

Zedd checou por cima do ombro para ter certeza de que nenhuma das pessoas que mostraram interesse nos dois estava aproximando-se por trás. Zedd tinha considerado pelo menos três pessoas suspeitas, mas elas estavam bem longe arrumando seus papéis e guardando livros para escutarem, a não ser que fossem dotados.

Já que a magia não funcionava, ele não precisava temer isso. Uma pequena conveniência da falha da magia.

– Não. – Zedd falou com resignação. – Não vi nada que fosse útil.

– O que era aquele pequeno livro que ela trouxe das câmaras? Aquela que não deixava você segurar?

Zedd balançou uma das mãos. – Nada que tenha qualquer utilidade. Estava em Alto D’Haran. – ele lançou um olhar com o canto do olho. – A não ser que você conheça Alto D’Haran?

– Não. Só vi umas duas vezes durante minha vida.

Zedd suspirou.

– A mulher conhecia o significado de duas palavras apenas em todo o livro: “As Fornalhas”.

Franca parou repentinamente nos degraus. Eles estavam perto do topo.

– As Fornalhas?

Zedd franziu a testa. – Sabe o que isso significa?

Franca assentiu.

– É um lugar. Não são muitas pessoas além dos dotados que saberiam disso. Minha mãe me levou até lá uma vez.

– Que lugar é esse? Que tipo de lugar?

Franca mergulhou em suas lembranças.

– Bem... é um lugar incrivelmente quente. Uma caverna. Você consegue sentir o poder, a magia, naquela caverna quente, mas não tem nada lá.

– Não entendo.

Franca encolheu os ombros.

– Nem eu. Não tem nada lá, mas é um lugar estranho do qual apenas os dotados gostariam. Ele simplesmente causa em você um tipo de... não sei. Um tipo de estímulo do poder correndo através de você só de ficar parado ali dentro, nas Fornalhas. Mas aqueles que não possuem o Dom não conseguem sentir nada.

Ela verificou os outros, para certificar-se de que ninguém estava escutando.

– É um lugar sobre o qual não falamos para as pessoas. Um lugar secreto somente para os dotados. Uma vez que não sabemos o que tem lá dentro, mantemos em segredo.

– Preciso ver esse lugar. Podemos ir agora?

– Fica subindo as montanhas, vários dias de distância. Se quiser, podemos partir de manhã.

Zedd pensou naquilo.

– Não, acho que preferia ir sozinho.

Franca pareceu magoada, mas se isso fosse aquilo que ele achava que podia ser, não queria que ela estivesse perto. Além disso, não conhecia realmente essa mulher, e não tinha certeza se podia confiar nela.

– Olhe, Franca, poderia ser perigoso, e eu nunca me perdoaria se algo acontecesse com você. Você já me deu um pouco do seu tempo sem pedir nada e arriscou o bastante.

Aquilo pareceu ter feito ela sentir-se melhor.

– Acho que alguém precisará dizer para Vedetta que você não conseguirá jantar amanhã. Ela ficará desapontada. – Franca sorriu. – Sei que eu ficaria, se eu fosse ela.

CAPÍTULO 48



Zedd grunhiu com o peso quando retirava a sela de *Spider*. Estava ficando velho demais para esse tipo de coisa, ele concluiu. Sorriu com a ironia.

Colocou a sela sobre uma tora para mantê-la longe do chão. *Spider* entregou alegremente o arreio, que Zedd depositou sobre a sela. Cobriu tudo com o cobertor da sela.

A tora com as coisas estava encostada no tronco de um velho abeto, então ficava protegida do tempo, até certo ponto, pelo menos. Ele colocou galhos de pinheiro sobre o equipamento, encostando-os contra o tronco do abeto, entrelaçando-os, para manter as coisas secas o melhor que podia. Logo o chuvisco transformaria-se em chuva, ele não tinha dúvida.

Spider, livre de tarefas, comia grama ali perto, mas mantinha um olho e uma orelha voltados para ele. Foram quatro dias de árdua cavalgada para cruzar o *Rio Drun* e subindo pelas montanhas. Mais árdua para ele do que para a égua; a égua não era velha. Zedd, vendo que *Spider* estava alegremente engajada, concentrou-se em seus próprios assuntos.

Um pequeno grupo de meia dúzia de abetos encobria a visão do seu destino. Caminhou rapidamente pela praia tranquila para dar a volta nas árvores. Logo que estava atrás delas, ele subiu em uma rocha que projetava-se, quase como se fosse colocada ali como um palanque.

Com as mãos nos quadris, Zedd observou o lago.

Era um ponto enganador. Atrás dele, a floresta fechada parava a uma certa distância do lago, como se tivesse medo de aproximar-se demais, deixando o pequeno e suave acesso, mas a não ser por aqueles poucos abetos audaciosos, livre de árvores. A península estava coberta aqui e ali com arbustos mas em sua maior parte ela continha espessos tufo de grama. Pequenas flores selvagens azuis e rosadas saltavam no meio da grama.

Paredes escarpadas de rocha erguiam-se ao redor do resto do profundo lago da montanha. Se a isolada e remota extensão de água tinha um nome, ele não o conhecia, não havia nenhuma maneira prática para chegar até ele a não ser através dessa praia.

Do outro lado e à esquerda, as montanhas irregulares, com um campo inclinado nelas, elevavam-se ainda mais alto ao longe, dando pouca oportunidade para que apenas algumas árvores desordenadas, aqui e ali, mantivessem firmes raízes obstinadas. À direita, um penhasco de rochas escuras obscureciam a visão além, mas ele sabia que ultrapassando-o, estariam mais montanhas.

Do outro lado do lago, uma cachoeira sobre a borda de um muro de rochas proeminente. Diante dele, o calmo lago refletia a cena tranquila.

As águas geladas que entravam no lago vinham de terras montanhosas, do vasto lago mais alto dentro da gélida terra desolada, onde apenas as aves atentas observavam. Essas eram parte das fontes do *Rio Dammar*, que por sua vez fluía para dentro do *Drun*. Essas águas frias, originadas de um local de morte, serpenteavam para dentro no *Vale Nareef* abaixo, e forneciam vida.

Atrás das cachoeiras estavam as Fornalhas.

No muro rochoso atrás que derramava água, três mil anos antes, através de um portal para o *Submundo*, uma vez as *Notas* foram sepultadas.

E agora elas estavam livres.

Ali elas aguardaram a alma delas.

Só de pensar nisso, Zedd podia sentir arrepios, como se houvessem milhares de aranhas em suas pernas.

Ele tentou novamente, como tinha feito incontáveis vezes, invocar seu Dom, sua magia. Tentou o melhor que podia convencer a si mesmo que dessa vez ele viria.

Abriu os braços, levantando-os, com as palmas para cima, em direção ao céu, enquanto se esforçava para alcançar a magia.

O lago tranquilo não viu magia alguma sair dele. As montanhas aguardaram, e estavam silenciosas diante da falha dele.

Zedd, sentindo-se bastante sozinho, bastante velho, soltou um forte suspiro. Imaginou isso de milhares maneiras diferentes.

Mas nunca tinha imaginado que morreria desse jeito.

Era por isso que não podia permitir que Richard soubesse que eram as Notas que estavam soltas. Richard não teria aceito o que Zedd pretendia fazer, o que Zedd sabia que deveria fazer.

Afastando sua mente da sufocante melancolia, observou o lago. Precisava concentrar sua mente naquilo que estava fazendo, ou poderia falhar facilmente e o seu sacrifício seria em vão. Se faria isso, pretendia fazer direito. Havia satisfação em realizar um trabalho bem feito, até mesmo um trabalho como esse.

Enquanto ele estudava a cena com olhos experientes, aquilo que inicialmente pareciam águas pacíficas agora revelavam mais. A água estava viva com criaturas invisíveis, movendo-se em correntes, fervilhando com intenções sombrias.

A água estava viva com as *Notas da Morte*.

Zedd olhou novamente para a cachoeira. Conseguia ver, pouco depois dela, a bocarra escura da caverna. Precisava chegar até lá, do outro lado da água, do outro lado da água fervilhando com as Notas.

– *Sentrosi!* – Zedd abriu os braços. – Eu vim aqui oferecer voluntariamente a alma que você busca! Minha alma! O que é meu, eu entrego a você!

Chamas arderam ao redor da coluna de água, engolindo-a em grandes labaredas de fogo que rugiram, girando e ondulando para fora do lugar chamado de Fornalhas. O fogo deixou a superfície do lago laranja com o reflexo do seu calor. Durante um momento, a cachoeira foi transformada em vapor. Fumaça negra formou vagalhões subindo com o vapor branco entrelaçando em um sinistro pilar que marcava a boca da morte.

Uma clara nota ecoou, reverberando pelas montanhas.

Sentrosi havia respondido.

A resposta foi “sim”.

– *Reechani!* – ele gritou para a água diante dele. – *Vasi!* – gritou para o ar ao redor dele. – Permitam que eu atravesse, pois eu vim para entregar minha alma para todas vocês.

A água rodopiou e ondulou, como se peixes treinados se juntassem na praia diante dele. Mais ainda, a própria água parecia viva, ansiosa, faminta. Zedd imaginou que ela estava.

O ar ficou espesso em volta dele, pressionando, empurrando-o adiante.

A água levantou e girou fazendo um movimento na direção das Fornalhas. O ar zuniu com notas, incontáveis sinos separados que juntos criaram um som cristalino. O ar estava com um cheiro de queimado.

Uma vez que já tinha começado a chover, Zedd não achou que realmente importava se ele ficasse mais molhado ainda. Caminhou para dentro da água.

Ao invés de ser obrigado a nadar como esperava, ele encontrou a superfície sólida o bastante para suportar o seu peso, quase como gelo, exceto que ela se movia. Ondas irradiavam dos passos dele, tocando e recuando, como se ele estivesse caminhando através de nada além de poças. Cada passo que ele dava encontrava apoio.

Era o apoio das *Notas*, de *Reechani*, conduzindo ele para sua perdição, para a Rainha delas. Vasi, a Nota do ar, o escoltou, um

manto de morte ao seu redor.

Zedd podia sentir o toque do Submundo no ar. Podia sentir a morte úmida sob os seus pés. Sabia que cada passo poderia ser o último.

Lembrou de Juni, o caçador do Povo da Lama, que afogou-se. Zedd imaginou se Juni havia encontrado a paz que procurava, a paz que foi oferecida a ele, antes que morresse.

Conhecendo o propósito das *Notas*, Zedd suspeitava fortemente que, depois de atrair com sua tentadora tranquilidade e antes que sugassem a vida, elas entregavam o terror.

Antes que ele chegasse até a cachoeira, algo invisível cortou a coluna líquida. Mãos intangíveis partiram a cachoeira em duas, deixando uma abertura no meio por onde ele poderia atravessar entrando na caverna além. *Sentrosi*, o fogo, preferia que ele estivesse razoavelmente seco, ele pensou.

Entrando na abertura na rocha, antes de cruzar entrando na caverna, ele ouviu *Spider* soltar um relincho de censura. Zedd virou.

A égua estava parada no banco de areia, patas afastadas, músculos tensos. Sua orelhas estavam curvadas para trás, seus olhos fixos. Sua cauda chicoteava de um lado para outro, batendo nos flancos dela.

– Está tudo bem, *Spider*. – Zedd gritou para o animal agitado. – Eu entrego a você sua liberdade. – Zedd sorriu. – Se eu não voltar... aproveite sua vida, minha amiga. Aproveite sua vida.

Spider soltou um relincho agudo. Zedd acenou despedindo-se dela, e o relincho tornou-se um som profundo.

Zedd virou e caminhou além da água da cachoeira, para dentro da escuridão. A cortina de água fechou atrás dele.

Ele não hesitou. Pretendia dar para as *Notas* aquilo que elas desejavam: uma alma. Se conseguisse fazer isso de uma maneira que preservasse sua vida no processo, ele o faria, mas sem a sua magia

tinha pouca esperança de realizar uma coisa dessas que pretendia e ao mesmo tempo continuar inteiro.

Sendo o Primeiro Mago, ele possuía algum conhecimento do problema atual. As Notas precisavam de uma alma para continuarem no mundo dos vivos, essa foi a maneira com a qual elas foram conjuradas. Mais do que isso, elas precisavam de uma alma específica: aquela que foi prometida.

Seres do *Submundo*, e seres desalmados assim, teriam limitações em sua compreensão do conceito do que seria ter uma alma, ou da natureza da alma que lhes foi prometida. Naturalmente, haviam certos preceitos intrínsecos que se aplicavam, mas além disso, as Notas estavam naquilo que era, para elas, um mundo alienígena. A única esperança dele era nessa ignorância.

Uma vez que Zedd tinha uma relação de parentesco tão estreita com Richard, e a vida de Richard havia sido transmitida adiante através de Zedd, suas almas compartilhavam laços e conexões etéreas; exatamente como em um corpo, suas almas estavam relacionadas. De forma muito parecida como eles compartilhavam algumas coisas, a forma de suas bocas, por exemplo, suas almas compartilhavam características.

Mesmo assim, cada um deles era um indivíduo, e nisso estava o perigo.

Sua esperança era que as Notas confundissem a sua com a alma de que precisavam, tomassem a alma dele como a alma que precisavam, e que no final das contas sendo essa a alma errada, “sufocassem” com ela. Por assim dizer.

Essa era a única esperança de Zedd. Não conhecia outra maneira de deter as Notas. A cada dia que passava a ameaça ao mundo dos vivos crescia ficando mais séria. Todos os dias pessoas morriam. A cada dia a magia ficava mais fraca.

Não importava o quanto desejasse viver, não conseguiu pensar em outra maneira a não ser arriscar entregar sua vida para deter as

Notas, agora, antes que fosse tarde demais.

Quando elas se abrissem para a alma que lhes foi prometida, e assim ficassem vulneráveis, ele esperava que sua alma destruísse o fluxo do feitiço através do qual elas entraram nesse mundo.

Uma vez que ele era um mago, essa não era nenhuma esperança louca; na verdade, era uma abordagem bastante racional. Duvidosa, mas racional.

Zedd sabia que pelo menos, uma coisa como essa que ele planejou, até certo ponto, danificaria o feitiço, mais ou menos como lançar uma flecha em um animal, querendo matá-lo, mas se errasse o alvo, ao menos ferindo-o.

O que não sabia era o que isso faria com ele. Porém, Zedd não teve ilusão alguma. Ele esperava que certamente o que ele fez, se não arrancasse sua alma e dessa maneira matando-o, enfureceria as Notas e elas teriam sua vingança.

Zedd sorriu. O equilíbrio disso era que pelo menos veria sua querida Erilyn novamente, no mundo dos espíritos, onde ele sabia que ela aguardava por ele.

Lá dentro, o calor era opressivo.

As paredes estavam girando lentamente, tremendo, virando, contorcendo, fogo líquido.

Ele estava dentro da besta.

No centro da caverna pulsante, *Sentrosi*, a Rainha do fogo, virou seu olhar letal para ele. Línguas de fogo provaram o ar em volta dele. Ela sorriu, uma ondulação de chamas amarelas.

Uma última vez, Zedd fez uma fútil tentativa de invocar sua magia.

Sentrosi moveu-se em direção à ele com velocidade assustadora, com necessidade assustadora.

Zedd sentiu uma dor excruciante através de cada nervo quando uma agonia inimaginável tocou a alma dele.

O mundo explodiu em chamas. O grito dele irrompeu como uma nota ensurdecadora.

* * *

Richard gritou. A dor da nota reverberante, esfaceladora, causou uma sensação como se o crânio dele fosse despedaçado.

Ele estava apenas vagamente consciente das coisas em volta dele quando caiu para trás, por cima do flanco do cavalo. A dor de bater no chão foi uma agradável distração da coisa opressora que superava o controle dele e conduzia o seu grito.

Agarrou a cabeça enquanto enrolava formando uma bola na estrada, gritando incontrolavelmente com o sofrimento.

O mundo era uma agonia ardente.

Ao redor, pessoas saltavam dos cavalos, gritando ordens. Richard só conseguia perceber a presença deles como formas borradas correndo de um lado para outro. Não conseguia entender as palavras. Não conseguia reconhecer ninguém.

Não conseguia entender nada além da dor. Não conseguiu fazer nada além de manter sua fina linha de conexão com a consciência, com a vida, enquanto lutava contra a impiedosa torrente de agonia.

O fato dele ter passado pelo Teste da Dor, tivesse conseguido viver, como deviam fazer todos que seriam magos, foi a única coisa que o manteve vivo. Sem as lições que aprendeu, ele já estaria morto.

Estava sozinho em um inferno particular.

Não sabia quanto tempo conseguiria manter a ligação com a vida.

* * *

Tudo pareceu ter ficado louco ao mesmo tempo. Beata saiu correndo pela campina, correndo como se desejasse salvar a vida. O terror

espalhou-se através dela.

O grito de Turner havia cessado. Foi apavorante enquanto continuava, mas durou apenas alguns segundos.

– Parem! – Beata gritou com todo o poder de seus pulmões. – Parem! Vocês estão loucos? Parem!

O ar ainda reverberava com o som da *Dominie Dirtch*. O som grave levantou terra da grama, fazendo parecer como se todo o chão ao redor estivesse soltando fumaça. Fez terra tremer em pequenas bolas. Derrubou uma pequena árvore solitária que o último esquadrão tinha plantado.

Fez o mundo todo vibrar com um forte zumbido.

Lágrimas desciam pelas bochechas de Beata enquanto ela corria pelo campo, gritando para que eles parassem de tocar o sino.

Turner estivera fora, explorando na patrulha regular para certificar-se de que a área diante da *Dominie Dirtch* estava livre.

O grito dele cessou meros segundos depois que a *Dominie Dirtch* foi ativada, mas a dor e o horror dele ainda ecoava dentro da cabeça dela. Foi um grito que, ela sabia, jamais conseguiria esquecer enquanto vivesse.

– Parem! – gritou enquanto agarrava o corrimão para girar o corpo subindo os degraus. – Parem! – ela gritou outra vez enquanto corria subindo os degraus.

Beata subiu na plataforma, com o punho erguido, pronta para acertar o idiota que estava tocando a *Dominie Dirtch*.

Beata parou, ofegando loucamente, olhando ao redor. Emmeline estava congelada, de olhos arregalados, em choque. Bryce, também parecia fora de si. Ele ficava apenas olhando fixamente para ela imobilizado por causa do pânico.

O longo aríete de madeira, usado para tocar a *Dominie Dirtch*, ainda estava no suporte. Nenhum dos dois sobre a plataforma estava ao menos perto dele. Nenhum dos dois tinha usado o aríete de madeira para ativar a arma mortal.

– O que vocês fizeram! – ela gritou para eles. – O que fizeram para tocá-la! Ficaram loucos? – olhou por cima do ombro para a pilha de ossos e massa disforme que momentos antes foi Turner.

Beata esticou o braço, apontando. – Vocês mataram ele! Porque fariam isso? Qual é o problema com vocês?

Emmeline balançou a cabeça lentamente.

– Eu não dei um passo desse lugar.

Bryce estava começando a tremer.

– Nem eu. Sargento, não tocamos essa coisa. Eu juro. Não estávamos nem perto. Nenhum de nós estava perto. Não fizemos isso.

No meio do silêncio enquanto olhava para eles, Beata percebeu que estava ouvindo gritos distantes. Olhou para os campos, até a *Dominie Dirtch* seguinte. Só conseguia perceber que haviam pessoas lá correndo para todos os lados como se o mundo tivesse ficado louco.

Ela virou e olhou para a direção oposta. Era a mesma coisa: pessoas gritando, correndo de um lado para outro. Beata protegeu os olhos do sol com a mão e espiou ao longe. Lá estavam os restos de dois soldados na frente da arma deles.

Estelle Ruffin e a Cabo Marie Fauvel alcançaram o que restava de Turner. Estelle, segurando tufo do cabelo dela, começou a gritar. Marie virou e ficou tentando vomitar.

Foi dessa maneira que ela foi treinada. Era desse jeito que as coisas eram feitas. Eles disseram que isso tinha sido feito assim durante o milênio.

Cada esquadrão, de cada *Dominie Dirtch*, enviava uma patrulha ao mesmo tempo para patrulhar a área. Desse modo, se houvesse qualquer coisa ou alguém espreitando lá fora, não conseguiria simplesmente escapar de um soldado e esconder-se em outro lugar.

Não foi somente a dela. Cada *Dominie Dirtch* descendo a fileira havia tocado, aparente por sua própria vontade.

* * *

Kahlan agarrava na camisa de Richard. Ele ainda estava fora de si por causa da dor. Ela não conseguia fazer ele sair da posição em forma de bola. Ela não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas estava com medo que na verdade soubesse.

Obviamente ele estava em algum tipo de perigo mortal.

Tinha escutado ele gritar. Viu ele cair do cavalo e bater no chão. Apenas não sabia porquê.

O primeiro pensamento dela foi uma flecha. Tinha ficado aterrorizada que fosse uma flecha de um assassino e que ela tivesse acabado com ele. Mas não conseguiu ver sangue algum. Suas emoções foram bloqueadas, procurou pelo sangue, mas em sua rápida inspeção inicial não encontrou.

Kahlan levantou os olhos enquanto mil soldados D'Haran espalhavam-se ao redor deles. No primeiro instante, quando Richard gritou e caiu do cavalo, sem ordens dela, eles entraram em ação. Espadas foram sacadas das bainhas em um piscar de olhos. Machados foram retirados dos cintos por mãos preparadas. Lanças foram posicionadas.

No perímetro ao redor deles, homens passaram uma perna sobre o pescoço dos cavalos e saltaram para o chão, prontos para a luta, com as armas ao alcance das mãos. Outros homens, fechando fileiras, formando o círculo de proteção seguinte, viraram seus cavalos para a direção externa, prontos para atacar. Mais ainda, a borda externa de tropas tinha avançado para encontrar os agressores e limpar a área de inimigos.

Kahlan estivera perto de exércitos durante toda sua vida, e sabia a respeito de tropas de combate. Ela soube pela maneira como eles reagiram que esses homens eram muito bons. Não precisou transmitir nenhuma ordem; eles executaram cada manobra

defensiva que ela teria esperado, e fizeram isso mais rápido do que ela poderia ter gritado os comandos.

Acima dela e Richard, os Mestres da Lâmina Baka Tau Mana formavam um círculo apertado, com as espadas prontas. Qualquer que fosse o ataque, flecha, dardo, ou alguma outra coisa, Kahlan não conseguiu imaginar as pessoas que os protegiam permitirem outra chance de ataque ao Lorde Rahl. No mínimo, agora haviam homens demais formando camadas em volta deles para que uma flecha cruzasse.

Kahlan, um pouco tonta com a confusão, sentiu uma certa preocupação que Cara ficaria zangada porque eles permitiram que Richard fosse ferido. Afinal de contas, Kahlan havia prometido não deixar qualquer coisa ruim acontecer com ele, como se fosse necessário fazer essa promessa para Cara.

Du Chaillu abriu caminho entre os seus Mestres da Lâmina para agachar do outro lado de Richard. Ela estava com um cantil e pano para cobrir um ferimento.

– Encontrou a ferida?

– Não. – Kahlan falou enquanto tateava nele.

Pressionou uma das mãos no lado do rosto de Richard. Isso fez ela lembrar de quando ele estava com a praga, desorientado pela febre e sem saber onde estava. Ele não podia ter sido derrubado pela doença, não do jeito que gritou e caiu do cavalo, mas realmente parecia como se ele estivesse ardendo em febre.

Du Chaillu encostou suavemente um pano molhado no rosto de Richard. Kahlan viu que o rosto de Du Chaillu mostrava expressão de grande preocupação.

Kahlan continuou a examinar Richard, tentando ver se ele foi atingido por algum tipo de dardo, ou talvez uma flecha. Ele estava tremendo, quase em convulsões. Procurou freneticamente, virando-o de lado para checar as costas, tentando encontrar aquilo que o estava machucando. Concentrou-se em seu trabalho, e tentou não pensar

em quanto estava preocupada, para evitar que o choque a dominasse.

Du Chaillu acariciou o rosto de Richard quando Kahlan colocou ele deitado, parecendo ignorar a necessidade de procurar por um ferimento. A Mulher dos Espíritos curvou-se para frente, sussurrando suavemente um canto com palavras que Kahlan não entendeu.

– Não consigo encontrar nada. – Kahlan disse finalmente, exasperada.

– Não vai encontrar. – Du Chaillu respondeu, distante.

– Porque não?

A Mulher dos Espíritos Baka Tau Mana murmurou palavras suaves para Richard. Mesmo se Kahlan não conseguisse entender o significado literal delas, entendia a emoção por trás das mesmas.

– Esse não é um ferimento desse mundo. – Du Chaillu disse.

Kahlan olhou ao redor para os soldados que os cercavam. Colocou as mãos de forma protetora no peito de Richard.

– O que isso significa?

Du Chaillu afastou as mãos de Kahlan gentilmente.

– É um ferimento no espírito. Na alma. Deixe que eu cuide dele.

Kahlan encostou a mão no rosto de Richard carinhosamente.

– Como você sabe? Não sabe disso. Como poderia saber?

– Eu sou uma Mulher dos Espíritos. Reconheço essas coisas.

– Só porque...

– Encontrou alguma ferida?

Kahlan ficou em silêncio durante um momento, reconsiderando seus próprios sentimentos.

– Sabe o que podemos fazer para ajudá-lo?

– Isso é uma coisa além da sua habilidade. – Du Chaillu abaixou a cabeça de cabelos escuros enquanto pressionava as mãos no peito de Richard.

– Deixe isso comigo, – Du Chaillu murmurou. – ou nosso marido morrerá.

Kahlan sentou sobre os joelhos e observou enquanto a Mulher dos Espíritos Baka Tau Mana, com a cabeça abaixada e as mãos sobre Richard, fechou os olhos como se entrasse em algum tipo de transe. Palavras foram sussurradas, talvez para ela mesma, mas não para os outros. Ela tremeu. Seus braços balançaram. O rosto de Du Chaillu contorceu de dor. De repente, ela caiu para trás, cortando a conexão. Kahlan segurou o braço dela, para evitar sua queda.

– Você está bem?

Du Chaillu assentiu.

– Meu poder. Ele funcionou. Ele voltou.

Kahlan desviou os olhos da mulher para Richard. Ele parecia mais calmo.

– O que você fez? O que aconteceu?

– Alguma coisa estava tentando levar o espírito dele. Usei minha habilidade para anular esse poder e manter as mãos da morte longe dele.

– O seu poder voltou? – Kahlan estava duvidando. – Mas como poderia ser?

Du Chaillu balançou a cabeça.

– Não sei. Ele voltou quando o Caharin gritou e caiu do cavalo. Eu percebi porque consegui sentir minha ligação com ele outra vez.

– Talvez as Notas tenham retornado para o *Submundo*.

Novamente Du Chaillu balançou a cabeça.

– Seja lá o que for, está passando. Meu poder está sumindo outra vez. – ela ficou olhando para o vazio. – Ele sumiu outra vez. Só ficou ali tempo bastante para que eu ajudasse ele.

Du Chaillu deu ordens aos seus homens para que relaxassem, que estava acabado.

Kahlan não estava convencida. Olhou para Richard mais uma vez. Realmente parecia que ele estava se acalmando. Sua respiração

estava estabilizando.

Os olhos dele abriram repentinamente. Fechou parcialmente os olhos por causa da luz.

Du Chaillu inclinou sobre ele e encostou o pano molhado na testa dele, removendo o suor.

– Agora você está bem, meu marido. – ela disse.

– Du Chaillu, – ele murmurou. – quantas vezes eu tenho que dizer, eu não sou o seu marido. Você está interpretando mal antigas leis.

Du Chaillu sorriu para Kahlan.

– Está vendo? Ele está melhor.

– Graças aos bons espíritos você estava aqui, Du Chaillu. – Kahlan sussurrou.

– Diga para ele que na próxima vez que ele reclamar eu deixarei ele.

Kahlan não conseguiu evitar sorrir da frustração de Richard com Du Chaillu e por causa do seu alívio que ele realmente estivesse bem. Agora as lágrimas tentavam brotar, mas ela as conteve.

– Richard, você está bem? O que aconteceu? O que fez você cair do cavalo?

Richard tentou sentar mas Kahlan e Du Chaillu fizeram ele deitar outra vez.

– As suas duas esposas acham que você deve descansar um pouco. – Du Chaillu falou.

Richard parou de tentar levantar. Seus olhos cinzentos viraram para Kahlan. Ela agarrou o braço dele, silenciosamente agradecendo mais uma vez aos bons espíritos.

– Não tenho certeza do que aconteceu. – finalmente ele disse. – Foi como se esse som, como se um sino ensurdecedor, explodisse em minha cabeça. A dor foi como... – o rosto dele perdeu um pouco da cor. – Não sei como explicar isso. Nunca senti algo como isso. – ele sentou, dessa vez empurrando as mãos delas para o lado.

– Estou bem, agora. Fosse lá o que fosse, desapareceu. Já acabou.
– Não tenho tanta certeza. – Kahlan disse.
– Eu tenho. – ele disse. Parecia assustado. – Foi como se algo estivesse rasgando minha alma.
– Aquilo não conseguiu. – Du Chaillu falou. – Tentou, mas não conseguiu.
Ela estava falando sério. Kahlan acreditou nela.

* * *

Com o couro tremendo, a égua estava parada, os cascos dela enfiados no terreno gramado. Seu instinto exigia que corresse. Ondas de pânico espalharam-se por sua carne, mas ela continuou ali.
O homem estava atrás da água que caía, no buraco escuro.
Ela não gostava de buracos. Nenhum cavalo gostava.
Ela relinchou. O chão tremeu. Já fazia bastante tempo. Ela não tinha se movido desde então.
Agora tudo estava silencioso.
Porém, a égua sabia que o amigo dela ainda estava vivo.
Soltou um longo relincho.
Ele ainda estava vivo, mas não saiu.
A égua estava só.
Não havia coisa pior para um cavalo do que ficar só.

CAPÍTULO 49



Ann abriu os olhos. Estava surpresa, na luz fraca, em ver o rosto que não tinha visto durante meses, não desde que ainda era Prelada, no Palácio dos Profetas em Tanimura, no Mundo Antigo.

A Irmã de meia idade a estava observando. Meia idade, Ann corrigiu, se você considera quinhentos e alguns anos de idade como meia idade.

– Irmã Alessandra.

Formar as palavras alto machucava. Seu lábio não estava curado. Sua mandíbula ainda não funcionava muito bem. Ann não sabia se ela estava quebrada. Se estivesse, não havia nada que pudesse fazer. Ela teria que curar por si mesma; não havia magia alguma para fazer isso para ela.

– Prelada. – a mulher fez uma saudação, em um tom distante.

Ela costumava ter uma longa trança, Ann lembrou. Uma longa trança que ela sempre enrolava e prendia atrás da cabeça. Agora seu cabelo castanho que estava ficando grisalho estava cortado e solto, não chegava a tocar os seus ombros. Ann pensou que de algum modo ele equilibrava melhor o seu nariz proeminente.

– Trouxe alguma coisa para você comer, Prelada, se estiver com vontade.

– Ora? Porque você trouxe alguma comida para mim?

– Sua Excelência queria você alimentada.

– Porque você?

A mulher sorriu só um pouquinho.

– Você não gosta de mim, Prelada.

Ann fez o melhor que podia para mostrar um olhar de raiva. Do jeito que seu rosto estava inchado, não tinha certeza se estava fazendo um bom trabalho nisso.

– Para dizer a verdade, Irmã Alessandra, amo você assim como amo todas as crianças do Criador. Eu apenas abomino suas ações, que você tenha jurado sua alma para o Sem Nome.

– Guardião do Submundo. – o sorriso de Irmã Alessandra aumentou um pouco mais. – Então, você ainda consegue se importar com uma mulher que é uma Irmã do Escuro?

Ann virou o rosto para outro lado, mesmo que a tigela fumegante estivesse com cheiro apetitoso. Ela não queria conversar com a Irmã corrompida.

Em suas correntes, Ann não conseguia alimentar-se sozinha. Incondicionalmente ela recusava-se a aceitar comida das Irmãs que mentiram para ela e a traíram ao invés de conseguirem sua liberdade. Até agora, soldados a alimentavam. Eles odiavam a tarefa. O desgosto deles em alimentar uma velha aparentemente havia resultado no surgimento da Irmã Alessandra.

Irmã Alessandra levantou uma colher cheia de sopa até a boca de Ann.

– Aqui, prove um pouco disso. Eu mesma fiz.

– Porquê?

– Porque imaginei que você poderia gostar.

– Ficando entediada, Irmã, de arrancar as pernas de formigas?

– Ora, ora, Prelada, mas não é que você lembra? Não tinha feito isso desde que era uma criança, logo que fui ao Palácio dos Profetas. Como eu lembro, foi você quem me convenceu a parar de fazer aquilo, reconhecendo que eu estava infeliz por deixar meu lar.

– Aqui, agora, prove um pouquinho. Por favor?

Ann ficou sinceramente surpresa em escutar a mulher dizer, “por favor”. Ela abriu a boca para a colher. Comer machucava, mas

não comer a deixaria fraca. Podia ter recusado comer, ou ter feito alguma outra coisa para ser morta, ela imaginou, mas tinha uma missão, e assim uma razão para viver.

– Nada mal, Irmã Alessandra. Nada mal mesmo.

Irmã Alessandra sorriu com o que pareceu ser orgulho.

– Eu disse. Aqui, mais um pouco.

Ann comeu lentamente, tentando mastigar suavemente os vegetais macios para não machucar mais a sua mandíbula. Simplesmente engoliu os pedaços duros de carne, não ousando ao menos amaciá-los, evitando estragar qualquer melhora que sua mandíbula tivesse conseguido obter.

– Parece que o seu lábio ficará com uma cicatriz.

– Meus amantes ficarão desapontados que minha beleza fique arruinada.

Irmã Alessandra riu. Não uma risada grosseira ou cínica, mas uma risada alegre de verdadeira diversão.

– Você sempre conseguia me fazer rir, Prelada.

– Sim, – Ann falou com veneno. – foi por isso que demorei tanto tempo para perceber que você tinha se juntado ao lado do mal. Pensei que minha pequena Alessandra, minha pequena e alegre Alessandra, não seria desviada para o coração da perversidade. Acreditei mesmo que você amava a Luz.

O sorriso da Irmã Alessandra murchou.

– Eu amei, Prelada.

– Bah, – Ann zombou. – você amou apenas a si mesma.

A mulher mexeu a sopa durante algum tempo e finalmente levantou outra colher cheia.

– Talvez você tenha razão, Prelada. Geralmente você sempre tinha.

Ann mastigou cuidadosamente os fragmentos na sopa enquanto inspecionava a pequena tenda suja. Tinha causado tanta agitação estando junto com as Irmãs da Luz que Jagang aparentemente havia

ordenado que ela fosse colocada em sua própria tenda. A cada noite um longo pino de aço era enterrado no chão e ela era acorrentada a ele. A tenda era levantada ao redor dela.

Durante o dia, quando eles se preparavam para mudar de local, ela era jogada em uma caixa de madeira fechada com um ferrolho trancado bem apertado com um pino ou algum tipo de trava. Ela não tinha certeza, uma vez que estava sempre dentro da caixa quando eles colocavam aquilo e quando retiravam. A caixa, com ela dentro, então era carregada sobre uma carroça fechada sem janelas ou ventilação. Ela sabia porque espiava pela abertura onde a tampa da caixa não encaixava muito bem.

Depois que eles paravam para passar a noite, eventualmente a retiravam e uma das Irmãs a escoltava até a latrina antes de prenderem ela ao chão e montar sua tenda. Se fosse necessário levá-la durante o dia, para ela havia pouca escolha sobre o que fazer a respeito. Era esperar, ou não.

Ocasionalmente eles não se preocupavam em levantar a tenda, e simplesmente a deixavam acorrentada, como um cão.

Ann passou a gostar da sua pequena tenda, e ficava feliz quando ela era erguida em volta dela. Era o seu santuário particular, onde podia esticar suas pernas e braços, deitar, e rezar.

Ann engoliu a sopa que estava na boca.

– Então, Jagang falou para você que deveria fazer mais para mim do que me alimentar? Talvez torturar-me para diversão dele, ou sua?

– Não. – Irmã Alessandra suspirou. – Apenas alimentá-la. De acordo com o que consigo perceber, ele ainda não decidiu o que fazer com você, mas nesse meio tempo quer mantê-la viva pois você poderá ser valiosa para ele algum dia.

Ann observou a mulher mexer a tigela com sopa.

– Ele não consegue entrar na sua mente, você sabe. Não agora.

Irmã Alessandra levantou os olhos.

– O que faz você pensar assim?

– As Notas estão soltas.

A colher parou.

– Assim ouvi dizerem. – A colher começou a circular novamente. – Boatos. Isso é tudo.

Ann contorceu o corpo, tentando ficar mais confortável no chão irregular. Parecia que com todo o “acolchoamento” natural dela não deveria ficar tão incomodada com as irregularidades do solo.

– Gostaria que fossem apenas boatos. Porque você acha que sua magia não funciona?

– Mas ela funciona.

– Estou falando da sua Magia Aditiva.

Os olhos castanhos da mulher abaixaram.

– Bem, eu acho que não tentei usá-la realmente, só isso. Se eu tentasse, ela funcionaria, não tenho dúvida alguma.

– Então tente. Verá que tenho razão.

Ela balançou a cabeça.

– Sua Excelência não permite, a não ser que ele solicite isso especificamente. Não é... inteligente fazer uma coisa diferente daquilo que sua Excelência diz para fazer.

Ann inclinou na direção da mulher.

– Alessandra, as Notas estão soltas. A magia falhou. Pelo amor do Criador, porque você acha que estou nessa situação? Se eu pudesse usar magia, não acha que eu teria causado ao menos algum problema quando fui capturada? Use a sua cabeça, Alessandra. Você não é estúpida, não fique agindo como se fosse.

Se havia uma coisa que podia ser falado sobre Alessandra, era que ela não era estúpida. Como uma mulher esperta podia ter caído nas promessas do Guardiã, Ann não sabia. Ela imaginou que mentiras podiam enganar até pessoas espertas.

Ann evitava usar a denominação “Irmã” não apenas porque era um termo de respeito, mas porque parecia uma maneira de falar

mais diretamente, mais intimamente, com uma mulher que Ann havia conhecido durante cerca de meio milênio. Usar o título “Irmã” parecia apenas invocar a conexão dela com as Irmãs do Escuro.

– Alessandra, Jagang não pode entrar na sua cabeça. O poder dele como um Andarilho dos Sonhos falhou, do mesmo jeito que o meu poder.

Irmã Alessandra observou sem mostrar emoção.

– Talvez o poder dele funcione em conjunto com o nosso, ou até mesmo através do nosso, e ele ainda pudesse entrar nas mentes das Irmãs do Escuro.

– Bah. Agora você está pensando como uma escrava. Vá embora se vai pensar como uma escrava, como as Irmãs da Luz, eu tenho vergonha em dizer.

A mulher pareceu sentir dificuldade em decidir se partia ou se ficava para concluir a conversa.

– Não acredito em você. Jagang está com pleno poder. Certamente ele deve estar observando nesse momento, através de meus olhos, enquanto falamos, e eu simplesmente não sei.

Ann foi forçada a aceitar a colher cheia de sopa quando ela avançou inesperadamente na direção da sua boca. Mastigou lentamente enquanto estudava o rosto da mulher.

– Você poderia voltar para a Luz, Alessandra.

– O quê! – O brilho instantâneo de raiva nos olhos da mulher transformou-se em divertimento. – Prelada, você ficou louca.

– Fiquei?

Irmã Alessandra enfiou outra colher cheia nos lábios de Ann.

– Sim. Eu fiz juramento para o meu mestre do Submundo. Eu sirvo ao Guardiã. Agora, coma.

Antes que Ann conseguisse engolir, outra colher estava à caminho. Ela engoliu mais meia dúzia antes que conseguisse soltar uma palavra.

– Alessandra, o Criador perdoará você. O Criador é todo amor e todo perdão. Ele aceitaria você de volta. Poderia voltar para a Luz. Não gostaria de voltar para o abraço confortador do Criador?

Inesperadamente, Irmã Alessandra deu um tapa nela. Ann caiu para o lado. A mulher levantou, irritada.

– O Guardião é o meu mestre! Você não falará blasfêmias! Sua Excelência é o meu mestre nesse mundo. No seguinte, estou jurada ao Guardião. Não ficarei ouvindo você profanar meu juramento com o meu mestre. Está ouvindo?

Ann temeu que qualquer melhora que sua mandíbula tivesse conseguido agora estivesse perdida. Estava doendo bastante. Seus olhos estavam úmidos. Finalmente a Irmã Alessandra agarrou no ombro do vestido sujo de Ann e levantou-a.

– Não aceitarei que fique falando esse tipo de coisa. Está ouvindo?

Ann manteve silêncio, com medo de gerar outra explosão de fúria. Aparentemente, o assunto causava tanta dor quanto a mandíbula de Ann.

Irmã Alessandra pegou a tigela com sopa.

– Não sobrou muito, mas você deveria acabar com tudo.

Alessandra olhou para a tigela, como se estivesse observando a colher dando voltas. Limpou a garganta.

– Sinto muito ter batido em você.

Ann assentiu.

– Eu a perdoo, Alessandra. – os olhos da mulher, que não estavam mais cheios de raiva, levantaram. – Eu a perdoo, Alessandra. – Ann sussurrou com sinceridade, imaginando as terríveis emoções que lutavam dentro de sua antiga discípula.

Os olhos abaixaram outra vez.

– Não há nada para perdoar. Eu sou o que sou, e nada mudará isso. Não tem ideia das coisas que fiz para me tornar uma Irmã do Escuro. – ela levantou os olhos com uma expressão distante. – Não

tem ideia do poder que recebi em troca. Não consegue imaginar, Prelada.

Ann quase perguntou que bem isso fez para ela, mas segurou a língua e terminou a sopa em silêncio. Encolheu de dor cada vez que engolia. A colher retiniu quando Alessandra largou-a dentro da tigela vazia.

– Estava muito bom, Alessandra. A melhor refeição que eu já tive em... seja lá quanto tempo for que eu esteja aqui. Semanas, eu acho.

Irmã Alessandra assentiu e levantou.

– Se eu não estiver ocupada, trarei mais para você amanhã.

– Alessandra. – a mulher virou. Ann encarou seu olhar. – Você poderia sentar junto comigo um pouco?

– Porquê?

Ann riu com amargura.

– Sou enfiada em uma caixa todo dia. Fico presa ao chão toda noite. Seria bom ter alguém que eu conheço sentada junto comigo um pouco, só isso.

– Eu sou uma Irmã do Escuro.

Ann balançou os ombros.

– Eu sou uma Irmã da Luz. Mesmo assim você trouxe sopa para mim.

– Fui ordenada.

– Ah. Mais honestidade do que recebi das Irmãs da Luz, fico triste em dizer. – Ann deu uma volta em sua corrente e então deitou de lado, virando para longe da Irmã Alessandra. – Sinto muito que você foi obrigada a parar de cuidar de mim. Jagang provavelmente quer que você volte a servir como prostituta para os homens dele.

O silêncio reinou dentro da tenda. Do lado de fora, soldados riam, bebiam, e apostavam. O cheiro de carne assando espalhava-se. Pelo menos o estômago de Ann não estava rugindo de fome. A sopa estava boa.

Ann ouviu o som do grito de uma mulher ao longe. O grito transformou-se em uma risada. Uma das seguidoras do acampamento, sem dúvida. Às vezes, os gritos eram de sincero terror. Às vezes o som deles faziam Ann suar, pensando no que estaria acontecendo com aquelas pobres mulheres.

Finalmente, Irmã Alessandra sentou no chão outra vez.

– Eu poderia sentar com você um pouco.

Ann moveu o corpo. – Eu gostaria disso, Alessandra. Realmente gostaria.

Irmã Alessandra ajudou-a a sentar, e então as duas ficaram sentadas em um estranho silêncio enquanto ouviam os sons do acampamento.

– A tenda de Jagang. – Ann falou. – Ouvi dizerem que ela era uma coisa. Uma visão muito bonita.

– Sim, ela é. É como um palácio que ele monta a cada noite. Porém, não posso dizer que gosto de ir até lá.

– Não, depois do meu encontro com o homem, imagino que não. Sabe para onde estamos indo?

A outra balançou a cabeça.

– Aqui, ali, não faz diferença. Somos escravas servindo a sua Excelência.

Isso teve o toque da falta de esperança, e fez Ann pensar em transformar sutilmente esse sentimento em esperança.

– Sabe de uma coisa, Alessandra, ele não pode entrar na minha mente.

Irmã Alessandra olhou para ela com a testa franzida, e Ann contou como a ligação com o Lorde Rahl protegia qualquer um que fosse jurado a ele. Ann teve cuidado de colocar isso em termos do que aquilo significava para ela, e para as outras que fizeram o juramento a Richard, em um nível pessoal, ao invés de fazer parecer como uma oferta. A mulher escutou sem fazer objeções.

– Agora, – Ann falou concluindo. – a magia da ligação com Richard como Lorde Rahl não funciona, mas a magia de Jagang também não, então ainda continuo protegida do Andarilho dos Sonhos. – ela riu. – Quer dizer, a não ser que ele entre na tenda.

Irmã Alessandra riu com ela. Ann ajeitou as mãos algemadas no colo, puxando as correntes mais perto para que tivesse espaço suficiente para cruzar as pernas.

– Quando as Notas eventualmente retornarem para o mestre delas no Submundo, então a ligação com Richard voltará a funcionar outra vez, e novamente estarei protegida da magia de Jagang, quando ela também retornar. No meio de tudo isso, esse é o único conforto que tenho, saber que o poder de Jagang não pode entrar na minha mente.

Irmã Alessandra ficava muda.

– É claro, – Ann adicionou. – deve ser um alívio para você estar sem Jagang dentro da sua mente, pelo menos por algum tempo.

– Você não sabe quando ele está ali. Não sente diferença alguma. Exceto... se ele quiser que você saiba.

Ela alisou o colo do vestido quando Ann não falou coisa alguma.

– Mas acho que você não sabe do que está falando, Prelada. O Andarilho dos Sonhos está em minha mente, agora mesmo, nos observando.

Ela levantou os olhos, esperando que Ann discutisse. Ao invés disso, Ann falou.

– Apenas pense nisso, Alessandra. Apenas pense.

Irmã Alessandra pegou a tigela.

– Seria melhor eu voltar.

– Obrigada por vir, Alessandra. Obrigada pela sopa. E obrigada por sentar comigo. Foi gentil da sua parte, outra vez.

Irmã Alessandra assentiu e saiu da tenda.

CAPÍTULO 50



Embora isso dificilmente fosse perceptível, o terreno gramado esticando-se até o horizonte diante da *Dominie Dirtch* de Beata estava levemente mais alto do que o terreno de cada um dos lados da enorme arma de pedra, e desse modo fornecia solo mais firme, especialmente para cavalos. Depois das chuvas recentes a suave depressão à direita estava lamacenta. À esquerda não estava melhor. Por causa do formato único da terra, especialmente depois da chuva, as pessoas tendiam a aproximarem-se do posto de Beata, da sua *Dominie Dirtch*, mais do que das outras.

Não haviam muitos, mas aqueles na área viajando para dentro de Anderith provenientes dos campos das terras selvagens estavam inclinados a seguir primeiro até a estação dela. Beata gostava de estar no comando para variar, de avaliar as pessoas e dizer se poderiam entrar. Se ela considerasse que pareciam pessoas que não deveriam ter permissão para entrar, ela as enviava para um posto de fronteira, onde poderiam solicitar entrada com os guardas do posto.

Era uma sensação boa estar no controle de assuntos importantes, ao invés de ficar impotente. Agora, ela decidia coisas.

Também era excitante quando viajantes apareciam, algo diferente, uma chance de falar com pessoas de longe, ou para ver suas roupas estranhas. Raramente eram mais do que duas ou três pessoas viajando juntas. Mas elas a procuravam; ela estava no comando.

Porém, nesta manhã ensolarada, o coração de Beata batia forte contra suas costelas. Dessa vez, aqueles que se aproximavam eram diferentes. Dessa vez, eram consideravelmente mais do que alguns. Dessa vez, parecia como uma ameaça verdadeira.

– Carine, – Beata ordenou. – fique pronta no aríete.

A mulher Haken girou os olhos para ela. – Tem certeza, Sargento? – Carine tinha uma visão péssima; raramente enxergava qualquer coisa além de trinta passos, e essas pessoas estavam longe no horizonte.

Isso era uma coisa que Beata nunca tinha feito antes, ordenar que o aríete fosse retirado. Pelo menos, não quando pessoas se aproximavam. Eles praticavam retirá-lo, é claro, mas ela nunca havia ordenado isso. Se ela não estivesse ali, aqueles que estivessem de serviço deveriam retirá-lo se julgassem que uma ameaça estava se aproximando, mas com Beata ali, dependia dela ordenar que ele estivesse pronto. Ela estava no comando. Eles dependiam dela.

Desde o terrível acidente, uma barra extra foi adicionada no suporte onde ficava o aríete, mesmo que soubessem que não foi o aríete que disparou a arma. Ninguém disse para eles fazerem isso; Beata simplesmente sentia-se melhor com outra contenção no aríete. Isso fazia parecer como se eles estivessem fazendo alguma coisa a respeito do acidente, mesmo se na verdade não estivessem. Ninguém sabia porque todas as *Dominie Dirtch* tocaram.

Beata esfregou as palmas suadas nos quadris.

– Tenho certeza. Faça isso.

Outras vezes, quando pessoas se aproximavam, era muito fácil dizer se elas eram inofensivas. Comerciantes com uma carroça, algumas das pessoas nômades das terras selvagens querendo negociar com os soldados posicionados na fronteira, Beata nunca deixava eles atravessarem, comerciantes tomando uma rota incomum por uma razão ou outra, até mesmo algumas tropas da guarda especial Ander retornando de patrulhas distantes.

Aquelas tropas da guarda Ander não eram soldados comuns do exército. Eram especiais. Eram apenas homens, e para Beata pareciam acostumados a lidar com vários tipos de problemas. Eles não prestavam atenção nos soldados comuns de Anderith, como Beata.

Ela havia ordenado que eles parassem, uma vez, enquanto se aproximavam. Beata sabia quem eles eram, porque o Capitão Tolbert a instruiu e instruiu seus colegas sobre as tropas da guarda especial Ander, e falou a eles para deixarem os homens passarem se eles aparecessem. Ela só queria perguntar a eles, sendo uma colega entre os soldados e tudo, se eles precisavam de algo.

Eles não pararam quando ela ordenou. O homem na liderança simplesmente sorriu enquanto passava com sua coluna de grandes homens.

Entretanto, essas pessoas que se aproximavam não eram tropas da guarda. Beata não sabia o que fazer com eles, a não ser que eles tinham aparência de uma séria ameaça. Ela conseguia ver centenas de soldados montados com uniformes escuros espalhando-se quando pararam.

Mesmo de longe, era uma visão formidável.

Beata olhou para o lado, e viu Carine levantando o aríete. Annette segurou o cabo dele para ajudá-la a tocar a *Dominie Dirtch*. Beata correu na direção deles e segurou o cabo do aríete antes que eles conseguissem balançar ele.

– Nenhuma ordem foi dada! Qual é o problema com vocês? Abaixem essa coisa.

– Mas Sargento, – Annette reclamou. – eles são soldados, um monte de soldados, e não são dos nossos. Isso eu posso afirmar.

Beata empurrou a mulher para trás.

– Eles estão dando o sinal. Não estão vendo?

– Mas, Sargento Beata, – Annette choramingou. – não são do nosso povo. Eles não tem nenhum assunto...

– Você ainda não sabe qual é o objetivo deles! – Beata estava assustada e zangada porque Carine e Annette quase tocaram a arma por sua própria conta. – Estão malucas? Vocês nem sabem quem são eles. Poderiam matar pessoas inocentes.

– As duas farão um turno extra esta noite e durante a próxima semana por não seguirem ordens. Vocês entenderam?

Annette baixou a cabeça. Carine bateu continência, sem saber como deveria reagir a essa disciplina. Beata teria ficado zangada com qualquer um do seu pelotão que tentasse de forma incorreta tocar a *Dominie Dirtch*, mas lá no fundo, estava feliz que fossem as duas garotas Haken, e não um dos Anders.

No horizonte, uma pessoa sobre um cavalo balançou uma bandeira branca na ponta de uma vara, ou lança. Beata não sabia a distância em que a *Dominie Dirtch* podia matar. Talvez se Carine e Annette tivessem tocado, isso não machucasse aquelas pessoas lá fora, mas depois do que aconteceu com Turner, esperava nunca mais ver a arma tocar com pessoas na frente dela, a não ser que eles estivessem claramente atacando.

Beata observou quando as estranhas tropas ficaram aguardando onde estavam enquanto apenas algumas pessoas se aproximavam. Essas eram as regras, do modo como foi ensinado a Beata e para o pelotão dela. As pessoas precisavam balançar algum tipo de bandeira, e se houvessem muitos, apenas alguns deveriam chegar perto para declarar seus negócios e pedir permissão para passar.

Não era um risco que algumas pessoas se aproximassem. A *Dominie Dirtch* podia matar um inimigo mesmo se ele estivesse apenas a um passo de distância, na frente dela. Ele ainda morreria. O quanto a pessoa estava perto realmente era irrelevante, assim como o número deles, para dizer a verdade.

Quatro pessoas, duas a pé e duas a cavalo, avançaram, deixando o resto deles para trás. Enquanto chegavam mais perto, ela conseguiu ver que eram dois homens e duas mulheres. Um homem e

uma mulher cavalgavam, o outro casal caminhava. Tinha alguma coisa familiar na mulher em cima do cavalo...

Quando Beata percebeu quem devia ser a mulher, o coração dela pareceu saltar até a garganta.

– Estão vendo? – Beata falou para Carine e Annette. – Conseguem imaginar se tivessem tocado aquela coisa? Conseguem imaginar?

As duas, de bocas abertas, ficaram olhando fixamente para as pessoas que se aproximavam. Os joelhos de Beata tremeram pensando naquilo que quase havia acontecido.

Beata virou e balançou um punho para as duas.

– Guardem essa coisa. E não ousem chegar perto da *Dominie Dirtch!* Entenderam?

As duas bateram continência. Beata virou e desceu correndo os degraus dois de cada vez. Em toda sua vida, nunca imaginou algo como isso. Nunca imaginou que encontraria com a Madre Confessora em pessoa.

Ficou boquiaberta, junto com o resto do seu pelotão que saiu para ver, enquanto a mulher no longo vestido branco cavalgava adiante. Um homem cavalgava ao lado direito dela. Um homem e uma mulher estavam a pé. A mulher estava grávida. O homem a pé, à esquerda da Madre Confessora, estava usando roupas folgadas sem um estilo em particular. Tinha uma espada, mas a mantinha na bainha.

O homem cavalgando à direita da Madre Confessora era outra coisa completamente diferente. Beata nunca tinha visto um homem assim, todo vestido de preto, com uma capa dourada esvoaçando. A visão tirou o seu fôlego.

Beata imaginou se poderia ser o homem do qual ouviu falar, aquele que casaria com a Madre Confessora: Lorde Rahl. Certamente ele parecia um Lorde. Simplesmente era o homem de aparência mais imponente que Beata já tinha visto.

Beata gritou para as duas em cima da plataforma. – Desçam aqui!

As duas mulheres desceram os degraus e Beata alinhou-as com o resto do seu pelotão. Cabo Marie Fauvel, Estelle Ruffin, e Emmeline ficaram à direita de Beata. As duas que estiveram em cima da plataforma juntaram-se aos três homens Ander, Morris, Karl, e Bryce, à esquerda dela. Eles formaram uma linha reta, observando enquanto as quatro pessoas chegavam.

Quando a Madre Confessora desmontou, sem que ninguém precisasse dar ordens, Beata e todo o seu pelotão ficaram de joelhos e abaixaram as cabeças. Enquanto ajoelhava, Beata tinha visto o lindo vestido branco da Madre Confessora e o longo cabelo castanho brilhante. Beata nunca tinha visto um cabelo desse tipo, tão longo e com aparência elegante. Estava acostumada a ver o cabelo escuro Ander, ou o cabelo vermelho Haken, então um cabelo que brilhava sob a luz do sol com a cor de mel marrom era uma visão extraordinariamente rara que fazia a mulher parecer quase algo inumano.

Beata estava feliz em ficar com a cabeça abaixada, por causa do medo que sentia de encarar o olhar da Madre Confessora. Somente o medo profundo impediu que Beata ficasse olhando fixamente.

Durante toda sua vida tinha escutado histórias sobre o poder da Madre Confessora, sobre as façanhas de magia que ela podia realizar, sobre como ela podia transformar pessoas em pedra com um olhar se não gostasse delas, ou outras coisas muito piores.

Beata engoliu ar, arfando, no limiar do pânico. Era apenas uma garota Haken, de repente sentindo-se bastante deslocada. Nunca esperou encontrar-se diante da Madre Confessora.

– Levantem, minhas crianças. – falou uma voz que vinha de cima.

Apenas o som dela, tão suave, tão clara, aparentemente tão gentil, aliviou demais o medo de Beata. Nunca imaginou que a

Madre Confessora teria uma voz tão... tão feminina. Beata sempre pensou que deveria ser uma voz como a de um espírito, trovejando direto do mundo dos mortos.

Com o resto do seu pelotão, Beata levantou, mas manteve a cabeça abaixada, ainda temendo olhar diretamente nos olhos da Madre Confessora. Beata não foi instruída como deveria se comportar quando encontrasse com a Madre Confessora, uma vez que isso era um evento que ninguém jamais imaginou que pudesse acontecer com ela, uma garota Haken. Mas aqui estava, acontecendo.

– Quem está no comando aqui? – era a voz da Madre Confessora, ainda soando bastante gentil, mas tinha um claro toque de autoridade que era inconfundível. Pelo menos não soava como se ela pretendesse lançar um raio sobre alguém.

Beata deu um passo adiante, mas manteve os olhos direcionados para o chão.

– Eu estou, Madre Confessora.

– E você é?

O coração acelerado de Beata recusava-se a reduzir o ritmo. Ela não conseguia parar de tremer.

– Sua humilde serva, Madre Confessora. Eu sou a Sargento Beata.

Beata quase deu um pulo quando dedos levantaram seu queixo. E então ela estava olhando diretamente nos olhos verdes da Madre Confessora. Era como olhar para um bom espírito grandioso, lindo, sorridente.

Bom espírito ou não, Beata ficou congelada com terror renovado.

– É um prazer conhecê-la, Sargento Beata. – A Madre Confessora fez um gesto para o lado esquerdo. – Esta é Du Chaillu, uma amiga, e Jiaan, outro amigo. – Ela colocou a mão no ombro do grande homem ao lado dela. – Este é Lorde Rahl, – ela disse, enquanto seu sorriso aumentava. – meu marido.

O olhar de Beata finalmente moveu-se para Lorde Rahl. Ele também sorria de forma agradável. Nunca pessoas importantes assim sorriram para Beata dessa maneira. Tudo isso era porque ela havia se juntado ao exército Anderith, para tornar-se uma Haken que pelo menos fazia o bem.

– Importa-se se eu subir e der uma olhada na *Dominie Dirtch*, Sargento Beata? – Lorde Rahl perguntou.

Beata limpou a garganta.

– Hum, bem, não, Senhor. Não Senhor. Por favor, ficaria feliz em mostrar a *Dominie Dirtch* a você. Honrada, quero dizer. Eu quero dizer que ficaria honrada em mostrar a você...

– E nossos homens, – a Madre Confessora perguntou, colocando um misericordioso fim no balbuciar de Beata. – eles podem se aproximar agora, Sargento?

Beata fez uma reverência.

– Me perdoe. Sinto muito. É claro que podem, Madre Confessora. É claro. Sinto muito. Se você permitir, providenciarei isso.

Depois que a Madre Confessora assentiu, Beata subiu os degraus correndo na frente de Lorde Rahl, sentindo-se tola por não ter falado imediatamente para a Madre Confessora que ela era bem-vinda em Anderith. Beata agarrou o chifre e soprou o sinal de “tudo limpo” para o pelotão na *Dominie Dirtch* de cada um dos lados. Virou para os soldados distantes que aguardavam e soprou uma longa nota, para que eles soubessem que tinham permissão de aproximarem-se da *Dominie Dirtch* em segurança.

O Lorde Rahl estava subindo os degraus. Beata tirou o chifre dos lábios e recuou contra o corrimão. Tinha algo nele, apenas sua presença, que tirava o fôlego dela. Nem mesmo o próprio Ministro da Cultura, antes de fazer o que fez, causava tal sensação de respeito como esse homem fazia, o Lorde Rahl.

Não era apenas o seu tamanho, seus ombros largos, seus olhos cinzentos penetrantes, ou sua roupa preta e dourada com o largo cinto que carregava bolsas de couro trabalhadas em ouro e estranhos símbolos. Era sua presença.

Ele não parecia elegante e pomposo como os oficiais Ander, como Dalton Campbell ou o Ministro da Cultura, mas ao invés disso, parecia nobre, decidido, e ao mesmo tempo... perigoso. Mortal.

Tinha uma aparência bastante gentil, e bela, mas ela sabia que se alguma vez ele virasse aqueles olhos cinzentos para ela com raiva, poderia cair morta apenas com a intensidade deles.

Se existia um homem que parecia poder ser marido da Madre Confessora, esse era o homem.

A mulher grávida subiu os degraus, seus olhos observando tudo. Tinha alguma coisa nessa mulher de cabelo escuro que também parecia nobre. Ela e o outro homem, ambos com cabelo escuro, quase pareciam Ander. Ela estava usando o vestido mais estranho que Beata já tinha visto; haviam pequenas tiras de tecido coloridas presas subindo pelos braços dela e sobre os ombros.

Beata levantou uma das mãos. – Esta, Lorde Rahl, é a *Dominie Dirtch*. – Beata queria dizer o nome da mulher também, mas ele tinha desaparecido da sua cabeça, e não conseguia lembrar.

Os olhos de Lorde Rahl observaram a enorme arma de pedra em forma de sino.

– Foi criada há milhares de anos pelos Hakens, – Beata disse. – como uma arma assassina contra os Anders, mas agora ao invés disso ela serve como um meio para a paz.

Cruzando as mãos atrás das costas, Lorde Rahl avaliou os incontáveis tons de rocha que formavam a *Dominie Dirtch*. Seu olhar deslizou por cada nuance dela de uma maneira com a qual Beata nunca tinha visto ninguém mais fazer. Beata quase esperou que ele falasse com ela, e que a *Dominie Dirtch* respondesse.

– E como seria isso, Sargento? – ele perguntou sem olhar para ela.

– Senhor?

Quando ele virou para ela, seus olhos cinzentos cortaram sua respiração.

– Bem, os Hakens invadiram Anderith, certo?

Sob o exame daqueles olhos, ela precisou se esforçar para fazer a voz funcionar.

– Sim, Senhor. – aquilo saiu como pouco mais do que um gemido.

Ele levantou um dedão, apontando para trás, para o sino de pedra.

– E então você imagina que os invasores entraram cavalgando com essas *Dominie Dirtch* penduradas sobre as costas, Sargento?

Os joelhos de Beata começaram a tremer. Ela gostaria que ele não fizesse perguntas. Gostaria que ele apenas os deixasse em paz e seguisse adiante até Fairfield e conversasse com as pessoas importantes que sabiam como responder perguntas.

– Senhor?

Lorde Rahl virou e apontou para a rocha erguendo-se diante dele.

– É óbvio que essas armas não foram trazidas para cá, Sargento. São grandes demais. Existem muitas delas. Teriam que ser construídas aqui, onde estão, com ajuda de magia, sem dúvida.

– Mas os assassinos Haken, quando eles invadiram...

– Elas estão apontadas lá para fora, Sargento, na direção de qualquer invasor, não para dentro, na direção do povo de Anderith. Está claro que elas foram construídas como armas de defesa.

Beata engoliu em seco.

– Mas nos ensinaram...

– Ensinaram uma mentira para vocês. – ele parecia decididamente descontente com o que estava vendo. – Isso é uma

arma defensiva. – olhou para a *Dominie Dirtch* de cada um dos lados, analisando-as com olhos críticos. – Elas funcionam em conjunto. Foram colocadas aqui como uma linha de defesa, não eram ferramentas de invasão.

Para Beata, a maneira como ele falou isso, quase com um tom de tristeza, pareceu que ele não pretendia causar nenhuma ofensa. Pareceu ter falado o que surgiu em sua mente quando concluiu aquilo.

– Mas os Hakens... – Beata falou em pouco mais do que um sussurro.

Lorde Rahl ficou parado educadamente, esperando que ela declarasse o seu argumento. A mente dela estava rodopiando com pensamentos confusos.

– Eu não sou uma pessoa educada, Lorde Rahl. Sou apenas uma Haken, maligna por natureza. Peço que me perdoe por não ter sido ensinada bem o bastante para conseguir responder melhor suas perguntas.

Ele soltou um suspiro.

– Não é preciso educação, Sargento Beata, para ver o que está bem na frente dos seus olhos. Use a sua cabeça.

Beata ficou muda, incapaz de retomar a conversa. Esse era um homem importante. Ela ouviu coisas sobre o Lorde Rahl, sobre que homem poderoso ele era, sobre como ele era um mago com o poder para transformar o dia em noite, o lado de cima no lado de baixo. Não era um homem que governava somente uma terra, como o Ministro da Cultura e o Soberano, mas um homem que governava o misterioso Império de D’Hara, e agora estava capturando toda Midlands.

Mas ele também era um homem que estava casado com a Madre Confessora. Beata tinha visto a expressão nos olhos da Madre Confessora quando ela olhava para Lorde Rahl. Por aquele olhar ela

sabia que a mulher amava e respeitava esse homem. Era tão claro quanto o dia.

– Deveria escutar o que ele diz, – a mulher grávida disse. – ele também é o *Seeker* da Verdade.

Beata ficou de boca aberta. Ela falou antes que o medo pudesse impedir.

– Quer dizer que essa é a Espada da Verdade que você carrega, Senhor?

Para ela, parecia uma arma comum, pouco diferente da espada dela. Tinha apenas uma bainha de couro preta, nada de especial, e um cabo com couro trançado.

Ele olhou para baixo e levantou um pouco a arma da bainha, depois deixou ela escorregar de volta. O rosto dele perdeu a vivacidade.

– Essa? não... essa não é a Espada da Verdade. Não tenho ela comigo... neste momento.

Beata não teve coragem de perguntar porque não. Gostaria de poder ter visto a espada verdadeira. Ela possuía magia. Isso seria algo importante, que ela visse a Espada da Verdade sobre a qual Fitch pensava tanto, ao invés dele. Estando no exército, e responsável por uma *Dominie Dirtch*, ela estava fazendo muito mais do que ele jamais faria.

Lorde Rahl tinha virado para a grandiosa arma. Pareceu ter esquecido que todos os outros existiam, enquanto concentrava-se na rocha coberta de líquen diante dele. Ficou imóvel como pedra. Parecia quase fazer parte daquilo.

Sua mão levantou para tocar na *Dominie Dirtch*.

A mulher agarrou o pulso dele, mantendo sua mão afastada.

– Não, meu marido. Não toque nessa coisa. Ela é...

Lorde Rahl virou para olhar dentro dos olhos dela, concluindo o que ela não havia terminando de falar.

– Maligna.

– Então, você consegue sentir?

Ele assentiu.

Claro que era maligna, Beata quis dizer; foi feita por Hakens.

Beata franziu a testa, confusa. A mulher o chamou de “marido” mas a Madre Confessora tinha falado que Lorde Rahl era o marido dela.

Lorde Rahl, vendo suas tropas se aproximando, começou a descer os degraus dois de cada vez. A mulher observou a *Dominie Dirtch* uma última vez e então moveu-se para seguir atrás dele.

– Marido? – Beata não conseguiu resistir perguntar para a mulher grávida.

Ela levantou o queixo quando virou para Beata.

– Sim. Eu sou a esposa de Lorde Rahl, o *Seeker*, o Caharin, Richard.

– Mas, mas a Madre Confessora disse...

A mulher balançou os ombros.

– Sim, nós duas somos esposas dele.

– As duas?

A mulher começou a descer os degraus.

– Ele é um homem importante. Pode ter mais do que uma esposa. – A mulher parou e olhou para trás. – Uma vez eu tive cinco maridos.

Os olhos de Beata ficaram arregalados enquanto ela observava a mulher desaparecer descendo as escadas. O ar da manhã estremeceu com a aproximação dos soldados montados. Beata jamais imaginou homens de aparência tão feroz. Estava feliz com seu treinamento; o Capitão Tolbert tinha falado que com o treinamento dela, ela conseguiria defender Anderith contra qualquer um, até mesmo homens como esses.

– Sargento Beata. – Lorde Rahl falou para ela.

Beata foi até o corrimão na frente do sino. Ele havia parado quando seguia até o cavalo e virado para trás. A Madre Confessora

estava pegando as rédeas. Colocou um pé em um estribo.

– Sim, Senhor?

– Imagino que você não tocou aquela coisa a cerca de uma semana?

– Não, Senhor, não tocamos.

Ele virou para o cavalo. – Obrigado, Sargento.

– Mas ela tocou sozinha.

O Lorde Rahl congelou no lugar. A mulher grávida deu meia volta. A Madre Confessora, no meio do caminho quando subia no cavalo, desceu novamente.

Beata desceu rapidamente os degraus para não precisar gritar os terríveis detalhes para ele. O resto do pelotão dela tinha recuado atrás da *Dominie Dirtch*, com medo de ficar no caminho de pessoas tão importantes; temendo, Beata imaginou, que a Madre Confessora fizesse eles pegarem fogo com um olhar. Beata ainda temia a mulher, mas a maior parte do medo dela tinha reduzido.

Lorde Rahl assobiou para os soldados e balançou o braço, ordenando que eles atravessassem depressa, passando pela *Dominie Dirtch*, para fora do perigo, caso a *Dominie Dirtch* tocasse por sua própria vontade outra vez. Enquanto centenas de homens montados galopavam pelos dois lados, ele foi rapidamente conduzir a Madre Confessora e a mulher grávida, junto com o outro homem, até a parte de trás da base de pedra.

Assim que as mulheres estavam à salvo, ele agarrou o ombro do uniforme de Beata e puxou-a para trás, protegendo-a, tirando-a da frente da *Dominie Dirtch*. Ela ficou em posição de sentido, em maior parte por causa do medo, diante dele.

A testa dele franziu de uma maneira que fez os joelhos de Beata tremerem.

– O que aconteceu? – ele perguntou com uma voz tranquila que pareceu capaz de ter feito a *Dominie Dirtch* tocar novamente.

A Madre Confessora estava parada ao lado dele. Sua esposa grávida estava do outro lado.

– Bem, não sabemos, Senhor. – Beata lambeu os lábios. – Um dos meus homens... Turner, ele estava... – fez um gesto apontando para trás de Lorde Rahl. – Ele estava em patrulha quando a coisa tocou. Foi um som horrível. Simplesmente horrível. E Turner...

Beata conseguiu sentir uma lágrima rolar pela bochecha. Independente do quanto não queria que esse homem e a Madre Confessora vissem ela mostrar fraqueza, não conseguiu conter aquela lágrima.

– No final da tarde? – Lorde Rahl perguntou.

Beata assentiu. – Como você sabe?

Ele ignorou a pergunta.

– Todas elas tocaram? Não apenas essa, mas todas elas subindo e descendo a fileira tocaram, não foi?

– Sim, Senhor. Ninguém sabe a razão. Alguns oficiais desceram a fileira, checando-as, mas não conseguiram nos dizer nada a respeito.

– Muitas pessoas foram mortas?

Beata desviou do olhar dele.

– Sim, Senhor. Um dos meus homens, e vários outros, como ouvi dizerem. Carroças com comerciantes na fronteira, pessoas retornando para atravessar a fronteira... todos na frente da *Dominie Dirtch* quando elas tocaram.... Foi simplesmente horrível. Morrer desse jeito...

– Nós entendemos. – a Madre Confessora falou com um tom que mostrava compaixão. – Sentimos muito por sua perda.

– Então ninguém tem ideia de porque elas tocaram? – Lorde Rahl pressionou.

– Não, Senhor, pelo menos ninguém falou para nós a razão. Falei com os pelotões de cada lado, na *Dominie Dirtch* seguinte de cada lado, e foi a mesma coisa com eles; as deles também tocaram

por vontade própria, mas ninguém sabe porque. Os oficiais que passaram também não sabiam o motivo, porque estavam perguntando para nós o que aconteceu.

Lorde Rahl assentiu, parecendo estar perdido em profundos pensamentos. O vento levantou a capa dourada dele. A Madre Confessora afastou um pouco de cabelo do rosto, assim como a esposa grávida de Lorde Rahl fez. Lorde Rahl apontou para o restante do pelotão dela.

– E essas pessoas, são todas que você tem aqui, guardando a fronteira? Só alguns... soldados?

Beata lançou um olhar para a arma que erguia-se acima deles.

– Bem, Senhor, só é preciso uma pessoa para tocar a *Dominie Dirtch*.

O olhar dele avaliou mais uma vez o resto do pelotão dela.

– Entendo. Obrigado por sua ajuda, Sargento.

Ele e a Madre Confessora montaram rapidamente. Ela e as pessoas à pé moveram-se junto com o resto dos soldados deles. Lorde Rahl virou para trás.

– Diga-me, Sargento Beata, você acha que eu, e a Madre Confessora, não somos tão bons quanto o povo Ander? Acha que nós também temos uma natureza maligna?

– Oh, não, Senhor. Somente Hakens nascem corrompidos com almas desprezíveis. Nunca poderemos ser tão bons quanto Anders. Nossas almas são corrompidas e incapazes de serem puras; as almas deles são puras, e incapazes de serem corrompidas. Nós jamais poderemos ficar completamente limpos; só podemos ter esperança de controlar nossa natureza vil.

Ele sorriu para ela com tristeza. Sua voz suavizou.

– Beata, o Criador não cria o mal. Ele não criaria vocês e colocaria almas malignas. Vocês possuem tanto potencial para o bem quanto qualquer outra pessoa, e Anders possuem potencial para o mal igual a qualquer um.

– Não foi isso que nos ensinaram, Senhor.

A égua dele balançou a cabeça e dançou para o lado, ansiosa em partir junto com os outros. Com um tapinha no pescoço marrom da égua, como se estivesse falando com ela através daquela mão gentil, ele acalmou-a.

– Como eu falei, ensinaram errado a vocês. Vocês são tão bons quanto qualquer outra pessoa Beata, Haken, ou Ander, ou qualquer um. Esse é o nosso propósito nessa luta: ter certeza de que todas as pessoas tenham chances iguais.

– Tenha cuidado com essa coisa, Sargento, essa *Dominie Dirtch*.

Beata bateu continência com a mão na testa.

– Sim, Senhor, certamente eu pretendo tomar cuidado.

O olhar dele conectou-se solidamente com o dela e ele bateu com o punho sobre o coração como resposta. Então, o cavalo dele saltou em um galope para alcançar os outros.

Enquanto Beata observava ele partir, ela percebeu que essa provavelmente havia sido a coisa mais excitante que aconteceria no resto de sua vida, falar com a Madre Confessora e com o Lorde Rahl.

CAPÍTULO 51



Bertrand Chanboor levantou os olhos quando Dalton entrou na sala. A esposa de Bertrand também estava lá, diante da escrivaninha ornamentada dele. Dalton encarou os olhos dela brevemente. Estava um pouco surpreso em vê-la ali, mas imaginou que isso era importante o bastante para que ela encontrasse com seu marido.

– Bem? – Bertrand perguntou.

– Eles confirmaram o que nos falaram. – Dalton disse. – Viram com os próprios olhos.

– E eles estão com soldados? – Hildemara perguntou. – Essa parte também é verdade?

– Sim. A melhor avaliação seria algo em torno de mil homens.

Praguejando baixinho, ela começou a bater com um dedo na escrivaninha de Bertrand enquanto pensava.

– E os tolos na fronteira simplesmente deixaram eles passarem sem preocupação alguma.

– Nós cultivamos um exército assim, você deve lembrar. – Bertrand refrescou a memória dela quando levantou. – Afinal de contas, eles também deixaram passar as nossas “tropas especiais da guarda Ander”.

– Os soldados na fronteira não podem ser culpados. – Dalton declarou. – Eles não poderiam recusar a entrada da Madre Confessora. O homem não podia ser nenhum outro a não ser o Lorde Rahl em pessoa.

Explodindo em fúria, o Ministro jogou sua pena com corpo de vidro. Ela quicou pelo chão antes de estilhaçar contra a parede. Ele foi até a janela e inclinou contra o peitoril enquanto olhava para fora.

– Pelo amor da Criação, Bertrand, recomponha-se. – Lady Chanboor grunhiu.

Ele virou com o rosto vermelho de raiva e balançou um dedo para sua esposa.

– Isso poderia arruinar tudo! Trabalhamos nisso durante anos, cultivando o relacionamento cuidadosamente, plantando as sementes, retirando as ervas daninhas que cresceram, e justamente quando estamos prestes a finalmente fazer a colheita de nossas vidas, ela aparece cavalgando com aquele, aquele, aquele bastardo D'Haran Lorde Rahl!

Hildemara cruzou os braços.

– Bem, acho que isso realmente soluciona o problema, ficar praguejando. Eu juro, Bertrand, às vezes você tem menos bom senso do que um pescador bêbado.

– E tenho o tipo de esposa presunçosa que faz o pescador beber!

Ele cerrou os dentes e empurrou sua cadeira para o lado, sem dúvida preparando-se para iniciar uma longa discussão. Dalton quase podia ver as costas dela arqueando, o pelo eriçado, e as garras saltando.

Geralmente Dalton era ignorado, como uma peça da mobília, quando eles começavam a discutir. Dessa vez, ele tinha coisas melhores a fazer do que esperar aquilo aumentar transformando-se em um bate boca pior que apenas desperdiçaria tempo valioso. Precisava transmitir ordens, dependendo do que fosse decidido. Tinha que colocar as pessoas em seus lugares.

Pensou em Franca, imaginando se ela podia ter recuperado seu poder. Não tinha visto Franca muito ultimamente, e quando via, ela parecia distraída. Ela esteve passando bastante tempo na biblioteca.

Em um momento como esse seria valioso ter a ajuda de Franca. A verdadeira ajuda dela.

– A Madre Confessora e o Lorde Rahl estão cavalgando rápido, e meus homens conseguiram chegar pouco antes deles. – Dalton falou, antes que Bertrand pudesse cair em cima de sua esposa, ou que ela conseguisse atirar algo nele. – Devem chegar aqui dentro de uma hora, duas no máximo. Deveríamos estar preparados.

Bertrand ficou olhando com raiva durante um momento antes de puxar sua cadeira para mais perto e sentar. Cruzou as mãos sobre a mesa.

– Sim, você tem razão, Dalton. Muita razão. A primeira coisa é tirar Stein e seus homens de vista. Não seria bom ter...

– Já tomei a liberdade de cuidar disso, Ministro. Enviei alguns deles em uma inspeção de instalações de armazenamento de grãos, e outros queriam dar uma olhada em rotas estratégicas de entrada para Anderith.

Bertrand levantou os olhos. – Bom.

– Trabalhamos anos demais para perder tudo, agora, quando estamos tão perto. – Hildemara disse. – Porém, se apenas mantivermos nossas cabeças nos lugares, não vejo razão alguma para que não possamos proceder com tudo como planejado.

O marido dela assentiu, tendo acalmado consideravelmente, como ele fazia quando concentrava sua mente em assuntos difíceis. Tinha a estranha habilidade de estar tomado pela fúria em um momento, e sorrindo logo a seguir.

– Possivelmente. – ele virou para Dalton. – Qual a distância da Ordem?

– Ainda a uma boa distância, Ministro. As “tropas especiais da guarda Ander” de Stein, que chegaram antes do dia de ontem, disseram pelo menos quatro semanas. Provavelmente um pouco mais.

Bertrand encolheu os ombros e levantou uma sobrancelha, um sorriso surgiu em seus lábios.

– Então teremos simplesmente que atrasar a Madre Confessora e o Lorde Rahl.

Hildemara colocou os punhos sobre a escrivaninha dele e inclinou em direção ao seu marido.

– Os dois, o Lorde Rahl e a Madre Confessora, estarão esperando nossa resposta. Faz muito tempo desde que eles explicaram para nossos representantes em Aydindril a escolha que temos, e enviaram eles de volta com a oferta de nos unirmos ao Império D’Haran, ou encarar a probabilidade de conquista e as perdas resultantes de ficarmos em nossa própria terra.

Dalton concordava com ela.

– A nossa seria uma terra para a qual eles voltariam suas forças se não concordarmos com os termos de rendição. Se fôssemos alguma terra pequena, sem importância, sem dúvida eles nos ignorariam enquanto nós protelamos, mas nós seríamos um imediato alvo principal caso recusemos nos unir a eles.

– E eles possuem forças em algum lugar descendo ao Sul, de acordo com o que ouvi dizerem. – Hildemara declarou. – O Lord Rahl não é um homem que aceita negação, ou ser tratado como tolo. Algumas das outras terras, Jara, Galea, Herjborgue, Grennidon, e Kelton, entre outras, já caíram ou se uniram voluntariamente. Lorde Rahl tem suas próprias forças consideráveis em D’Hara, mas com aquelas terras seu exército agora está formidável.

– Mas eles não estão todos aqui. – Bertrand falou, repentinamente calmo por alguma razão. – A Ordem será capaz de esmagá-los. A *Dominie Dirtch* pode repelir qualquer força do Império D’Haran.

Dalton achou que a confiança era infundada.

– De acordo com o que as minhas fontes dizem, esse Lorde Rahl é um mago de formidável talento. Ele também é o *Seeker* da Verdade.

Eu temo que um homem assim pode ter maneiras de vencer a *Dominie Dirtch*.

Hildemara fez uma careta. – Além disso, a Madre Confessora, o Lorde Rahl, e talvez uma tropa de mil homens já estejam dentro da linha da *Dominie Dirtch*. Exigirão nossa rendição. Seremos retirados do poder se isso acontecer. A Ordem não estará aqui durante semanas, até lá será tarde demais.

Ela balançou o dedo para o marido dela. – Nós trabalhamos anos demais para perdermos tudo agora.

Bertrand ficou batendo os polegares enquanto sorria.

– Então nós simplesmente, como eu falei antes, teremos que enrolar eles, não é mesmo, minha querida?

* * *

As tropas D’Haran formavam uma faixa escura na estrada atrás deles enquanto Richard e Kahlan os conduziam até a propriedade do Ministro da Cultura. Uma faixa escura empunhando aço. Não levaria uma hora até que o sol se escondesse atrás de nuvens espalhadas, mas pelo menos eles haviam chegado.

Richard afastou sua camisa D’Haran molhada do peito enquanto observava um corvo curioso circulando logo acima deles. Com sons roucos, ele fez com que sua presença fosse percebida, como era o costume dos corvos.

Esse foi um dia quente e úmido. Ele e Kahlan usavam roupas extras que os soldados trouxeram para que as suas estivessem limpas e prontas para a reunião que os dois sabiam, logo aconteceria.

Richard olhou para trás por cima do ombro e recebeu um olhar cruel de Du Chaillu. Ele tinha feito ela cavalgar para conseguirem cobrir a distância e não perderem outro dia. A jornada deles havia demorado mais do que devia.

Os Baka Tau Mana não gostavam de cavalgar. Na maioria das vezes, Du Chaillu simplesmente teria ignorado quando ele falasse para ela cavalgar. Dessa vez, ela sabia que se ignorasse o pedido dele ela seria deixada para trás.

Aparentemente Cara tinha levado algum tempo para localizar as forças do General Reibisch e enviar uma escolta. Richard, Kahlan, e os Baka Tau Mana estiveram à pé, avançando arduamente através de terrenos alagados, durante tempo demais. Eles não tinham coberto uma longa distância à pé antes que as tropas D'Haran finalmente chegassem com os cavalos.

Du Chaillu também tinha reduzido a velocidade da jornada deles, ainda que não fosse propositalmente. Ela não parava de protestar dizendo que a cavalgada prejudicaria seu bebê antes dele nascer, o bebê que Richard sugeriu que ela carregasse. Por causa da criança dela, Richard ficou relutante em forçá-la a cavalgar.

Em primeiro lugar, ele não queria que ela viesse. Depois que a tropa D'Haran chegou com suprimentos e cavalos extras ela recusou-se a voltar para casa, como inicialmente ela prometera que faria.

Para seu crédito, ela nunca reclamou sobre a dificuldade da jornada. Mas quando Richard obrigou-a a cavalgar, isso a deixou com péssimo humor.

Kahlan, que no início foi contra a presença da Mulher dos Espíritos Baka Tau Mana, tinha aceito a situação desde o dia em que Richard caiu do cavalo. Kahlan acreditava que Du Chaillu salvara a vida dele. Richard apreciava a vontade de Du Chaillu em ajudar, mas não acreditava que ela foi a responsável por ele continuar vivo.

Não tinha certeza a respeito do que aconteceu. Assim que viu a *Dominie Dirtch*, e ouviu sobre como ela tocou por sua própria vontade ao mesmo tempo em que sentiu aquela dor terrível, ele soube que a coisa toda devia estar relacionada de alguma maneira, e não acreditava que Du Chaillu fosse capaz de interferir muito nisso.

Isso era uma coisa muito maior do que ela percebia, e mais complexa do que Richard podia entender.

Richard não tinha reduzido a velocidade por nada desde o momento em que viu a *Dominie Dirtch*, mesmo com a condição de gravidez dela. Desde que esteve perto dos sinos de pedra e sentiu um pouco do que ele sentiu, ela estivera mais cooperativa a respeito da pressa dele.

Richard levantou uma das mãos quando avistou o cavaleiro levantando uma nuvem de poeira. Conseguiu ouvir ordens sendo transmitidas através das fileiras em resposta ao sinal dele, fazendo toda a coluna parar. Somente quando ela parou, no meio do repentino silêncio, ele percebeu quanto barulho ela fazia quando eles estavam em movimento.

– Essa será nossa recepção. – Kahlan disse.

– Quanto falta até a Propriedade do Ministro? – Richard perguntou.

– Não muito. Estamos a mais da metade da distância de Fairfield. Talvez uma milha.

Richard e Kahlan desmontaram para receberem o cavaleiro que se aproximava. Um soldado segurou as rédeas do cavalo de Kahlan. Richard entregou também as dele para o homem, e então afastou-se dos outros. Kahlan e ele caminharam sozinhos. Ele teve que fazer um sinal com uma das mãos para evitar que os soldados formassem um anel defensivo ao redor deles.

O jovem saltou do cavalo antes dele parar. Segurando as rédeas em uma das mãos, ele abaixou sobre um joelho fazendo uma reverência. Kahlan fez a saudação como era o costume da Madre Confessora e ele levantou. Ele usava um uniforme de botas negras, calças escuras, camiseta branca com um colarinho e mangas enfeitadas com bordados, e um gibão cor de canela acolchoado com trançados negros e marrons nas bordas. O homem abaixou levemente uma cabeça com cabelo vermelho para Richard.

– Lorde Rahl?

– Sim, isso mesmo.

Ele levantou o corpo. – Eu sou Rowley. O Ministro da Cultura me enviou para recebê-los e transmitir sua alegria em ter você e a Madre Confessora agraciando o povo de Anderith com a sua presença.

– Tenho certeza disso. – Richard falou.

Kahlan bateu levemente com o cotovelo nas costelas dele.

– Obrigada, Rowley. Precisaremos de um lugar para que nossos homens montem acampamento.

– Sim, Madre Confessora. O Ministro queria que eu informasse a vocês que podem escolher qualquer local em nossa terra. Se for aceitável, podem usar os terrenos na propriedade.

Richard não gostou nem um pouco daquela ideia. Não queria os homens confinados daquela maneira. Queria que eles ficassem perto, mas capazes de montar uma posição defensiva adequada. Independente do que qualquer outra pessoa imagine, ele precisava tratar esse como sendo um território potencialmente hostil.

Ele fez um sinal apontando para o campo de trigo. – Que tal aqui? É claro que reembolsaremos o proprietário da terra pelas plantações que estragarmos.

Rowley fez uma reverência.

– Se isso lhe agrada, Lorde Rahl. O Ministro queria que a escolha fosse sua. A terra é área comum de Anderith, e as plantações excessivas, sem nenhum valor real que cause preocupação.

– Depois que cuidar da sua escolta, de acordo com sua conveniência, o Ministro deseja convidá-los para jantar. Pediu para transmitir sua ansiedade em falar com vocês, e em ver a Madre Confessora novamente.

– Nós não...

Kahlan deu outra cotovelada nele.

– Ficaríamos felizes em nos juntarmos ao Ministro Chanboor para o jantar. Por favor peça a ele, porém, para entender que estivemos cavalgando bastante, e estamos cansados. Agradeceríamos se ele mantivesse o jantar bem simples, não mais do que três pratos.

Rowley claramente não estava preparado para esse pedido, mas prometeu informar o pedido imediatamente.

Assim que o homem estava cavalgando de volta, Du Chaillu aproximou-se.

– Você precisa de um banho. – ela anunciou para Richard. – Jiaan diz que existe um lago não muito longe acima dessa colina. Venha, tomaremos banho.

Kahlan fez uma careta. Du Chaillu sorriu com doçura.

– Geralmente eu preciso sugerir. – ela falou. – Ele fica tímido quando tomamos banho juntos. O rosto dele fica vermelho. – ela apontou para o rosto de Richard. – desse jeito, quando tiramos as roupas para tomar banho. O rosto dele fica vermelho desse jeito sempre que ele pede que eu tire a roupa.

Kahlan cruzou os braços. – É mesmo?

Du Chaillu assentiu.

– Você também gosta de tomar banho com ele? Parece que ele gosta disso, tomar banho com mulheres.

Agora Richard sabia o quanto Du Chaillu estava desgostosa com sua cavalgada, e o quanto ela pretendia acertar as contas.

Os olhos verdes de Kahlan desviaram para ele. – Que negócio é esse entre você, as mulheres e água?

Richard encolheu os ombros, sem estar disposto a entrar no jogo.

– Quer se juntar a nós? Pode ser divertido. – ele piscou para ela e então virou e agarrou o braço de Du Chaillu. – Então, venha, esposa. Iremos primeiro, talvez Kahlan junte-se a nós mais tarde.

Du Chaillu afastou o braço. A piada foi longe demais para ela.

– Não. Eu não quero chegar perto da água.

Os olhos dela mostravam o medo óbvio. Não queria dar uma chance para as Notas afogarem ela outra vez.

CAPÍTULO 52



Richard suspirou, impaciente, enquanto avaliava as pessoas aproveitando o jantar. Um jantar particular, Bertrand Chanboor tinha chamado aquilo. Kahlan havia sussurrado para Richard que, para Anderith, um jantar com cinquenta ou sessenta pessoas era considerado particular.

Quando Richard olhava para as pessoas, muitas delas, especialmente os homens, olhavam para outro lado. Muitas das mulheres não. Pelo modo como elas piscavam para ele, tinha muita sorte que Kahlan não fosse ciumenta. Ela não teve ciúmes de verdade de Du Chaillu; sabia que a mulher estava apenas tentando irritá-lo. Porém, ele sabia que teria que explicar o quanto o banho dele com Du Chaillu foi inocente.

Era difícil explicar qualquer coisa para Kahlan, com tantas pessoas ao redor o tempo todo. Mesmo quando dormiam, lá estavam Mestres da Lâmina, e agora tropas, pertinho deles a cada minuto. Isso não era muito particular, muito menos romântico. Estava começando a esquecer que eles estavam casados, por causa de todo o tempo que tinham para ficarem sozinhos.

Porém, o objetivo deles tornava essas considerações bastante insignificantes. A consciência de que pessoas estavam morrendo por causa das Notas estarem livres não ajudava na privacidade.

Sentado perto dela, compartilhando a comida da bandeja, vendo a luz da lamparina refletir nos olhos verdes dela, no cabelo, vendo a forma como as mechas dela repousavam sobre a curva do pescoço

dela, estava começando a pensar em semanas anteriores, na Casa dos Espíritos, na última vez que fez amor com ela... lembrando do corpo exuberante dela. Essa era uma imagem mental impossível de esquecer.

Kahlan limpou a garganta.

– Ele fez uma pergunta para você, Richard. – ela sussurrou.

Richard piscou.

– O quê?

– O Ministro Chanboor fez uma pergunta para você.

Richard virou para o outro lado.

– Sinto muito, minha mente estava em outro lugar. Em uma ação importante.

– Sim, é claro. – o Ministro Chanboor disse, sorrindo. – Eu só estava curioso sobre... onde você cresceu.

Uma lembrança da juventude esquecida há muito tempo veio à tona na mente de Richard, uma lembrança de lutar com seu irmão mais velho, seu irmão adotivo, Michael. Tinha gostado tanto dos momentos alegres que tiveram. Foi uma época de risadas.

– Oh, você sabe, aonde quer que tivesse uma boa luta.

O Ministro gaguejou procurando as palavras.

– Eu... eu suponho que teve um bom professor.

Mas tarde, quando eles estavam crescidos, seu irmão adotivo o traiu com Darken Rahl. Michael traiu muitas pessoas. Por causa da traição de Michael, muitas pessoas inocentes morreram.

– Sim, – Richard disse, com a lembrança bastante evidente entre ele e o rosto ansioso do Ministro. – eu tive um bom professor. No último inverno fiz ele ser decapitado.

O Ministro ficou pálido.

Richard virou para Kahlan. Ela escondeu o sorriso.

– Boa resposta. – sussurrou para ele por trás de um guardanapo para que ninguém mais escutasse com a música que vinha da harpa posicionada diante e abaixo da mesa deles.

Lady Chanboor, do outro lado de Kahlan, se ficou chocada, não demonstrou. Dalton Campbell, do outro lado do Ministro, levantou uma sobrancelha. Atrás dele, sua esposa, Teresa, uma mulher gentil, Richard imaginou, não tinha escutado as palavras dele. Quando Dalton virou e sussurrou para ela, seus olhos ficaram arregalados, mais por excitação do que por horror.

Kahlan tinha avisado a ele que essas pessoas respondiam ao poder, e sugeriu que ele mostrasse mais força de intimidação do que ofertas de vantagens se desejasse obter a cooperação dos Anders.

O Ministro, com um pedaço de carne enrolada pingando um molho vermelho nos dedos, fez um gesto e procurou mudar o assunto para algo menos sangrento.

– Lorde Rahl, não quer um pouco de carne?

Para Richard, o prato de carne parecia ter continuado durante uma hora. Decidiu falar a verdade para o homem.

– Eu sou um Mago Guerreiro, Ministro Chanboor. Como meu pai, Darken Rahl, eu não como carne. – Richard fez uma pausa para ter certeza que tinha a atenção de todos na mesa. – Magos, você entende, devem manter o equilíbrio em suas vidas. Não comer carne é uma maneira de equilibrar toda a matança que eu faço.

A harpista errou uma nota. Todos os outros prenderam a respiração.

Richard preencheu o silêncio que se arrastava. – Tenho certeza de que nesse momento você já deve ter ouvido a proposta que fiz para as terras de Midlands juntarem-se a nós. Os termos são justos e iguais para todos. Seus representantes devem ter apresentado nossos termos. Se vocês se unirem por espontânea vontade, seu povo será bem recebido. Se vocês se opuserem a nós... bem, se vocês se opuserem a nós, então teremos que conquistá-los e os termos serão desagradáveis.

– Assim ouvi dizerem. – o Ministro falou.

Kahlan inclinou para frente.

– E vocês foram informados que a minha palavra apoia Lorde Rahl? Sabem que o meu conselho é que todas as terras se unam a nós?

O Ministro inclinou a cabeça fazendo uma leve reverência.

– Sim, Madre Confessora, e por favor tenha certeza que valorizamos muito o seu bom conselho.

– Então a intenção de vocês é a de unirem-se a nós, Ministro, em nossa luta pela liberdade?

– Bem... entenda, Madre Confessora, isso não é tão simples assim.

– Certo. – Richard disse, começando a levantar. – Então falarei com o Soberano.

– Você não pode. – Dalton Campbell disse.

Richard, com uma expressão de raiva crescendo, sentou novamente.

– E qual seria o motivo?

O Ministro lambeu os lábios.

– O Soberano, que o Criador tome conta de sua alma abençoada, está muito doente. Ele está de cama. Nem mesmo eu consigo vê-lo. Ele não está em condições de falar, pelo que ouvi as curandeiras e a esposa dele falarem. Falar com ele seria inútil, uma vez que ele raramente está consciente.

– Sinto muito. – Kahlan disse. – Não tínhamos ideia disso.

– Nós os levaríamos para falarem com ele, Madre Confessora, Lorde Rahl,

– Dalton Campbell disse com uma voz que soava sincera. – mas o homem está tão doente que estaria incapaz de oferecer o seu conselho.

A harpista iniciou um trecho mais alto, mais complexo e dramático, parecendo usar todas as cordas.

– Então vocês terão que decidir sem o conselho dele. – Richard falou. – A Ordem Imperial já está invadindo o Mundo Novo.

Precisamos de todos que pudermos conseguir para resistirmos contra a tirania deles, caso contrário a sombra deles cobrirá a todos nós.

– Bem, – o Ministro disse, concentrado, enquanto pegava coisas invisíveis na toalha da mesa. – quero que a terra de Anderith junte-se a vocês e a sua nobre causa. Realmente quero. Como desejam muitas pessoas de Anderith, tenho certeza...

– Bom. Então está decidido.

– Não, não está. – o Ministro Chanboor levantou os olhos. – Embora eu queira isso, assim como minha esposa, e conforme Dalton nos aconselha tão insistentemente, não podemos decidir algo tão importante como isso sozinhos.

– Os Diretores? – Kahlan perguntou. – Falaremos com eles imediatamente.

– Eles são parte disso, – o Ministro falou. – mas não são tudo. Tem outros que devem fazer parte de uma decisão tão importante como essa.

Richard ficou surpreso. – Quem mais?

O Ministro recostou em sua cadeira e olhou para a sala durante algum tempo antes que seus olhos escuros retornassem para Richard.

– O povo de Anderith.

– Você é o Ministro da Cultura, – Kahlan disse calorosamente quando se aproximava. – Você fala por eles. Só precisa dizer que será assim e assim será.

O homem afastou as mãos.

– Madre Confessora, Lorde Rahl, estão pedindo a nós que entreguemos nossa soberania. Não posso fazer isso sozinho de forma insensível.

– É por isso que é chamado “rendição”. – Richard grunhiu.

– Mas estão pedindo ao nosso povo para deixarem de ser quem são, e tornarem-se iguais a vocês e ao seu povo. Não acho que vocês

percebam o que isso significa. Estão pedindo que entreguemos não apenas nossa soberania, mas nossa própria cultura.

– Não percebem? Deixaríamos de ser quem somos. Temos uma cultura com milhares de anos. Agora você aparece, um homem, e pede que nosso povo jogue fora toda essa história? Como podem achar que esquecer nossa herança, nossa cultura, seja uma coisa tão simples?

Richard tamborilou com os dedos na mesa. Observou as pessoas aproveitando o jantar, que não tinham ideia alguma do quanto eram importantes as palavras sendo faladas na mesa principal.

– Está colocando isso de forma incorreta, Ministro Chanboor. Não temos desejo de destruir sua cultura, – Richard curvou-se na direção do homem. – porém, de acordo com o que ouvi dizerem, existem aspectos injustos nela que não serão permitidos. Sob a nossa lei, todos são tratados de forma igual.

– Enquanto seguirem as leis comuns para todos, podem manter sua cultura.

– Sim, mas.

– Em primeiro lugar, isso é uma questão de necessidade para a liberdade de centenas de milhares de pessoas do Mundo Novo. Não vamos tolerar um risco para tantas pessoas. Se vocês não se juntarem a nós, conquistaremos vocês. Quando isso acontecer, perderão sua voz nas leis comuns que iremos estabelecer, e pagarão penalidades que terão impactos nocivos à sua terra durante uma geração.

O calor nos olhos de Richard fez o Ministro recuar um pouco.

– Entretanto, pior ainda seria se a Ordem Imperial chegasse até vocês primeiro. Eles não definirão penalidades financeiras, eles esmagarão vocês. Matarão e escravizarão vocês.

– A Ordem Imperial exigiu a rendição de Ebinissia, – Kahlan falou com uma voz distante. – Eu estive lá. Eu vi o que a Ordem fez com aquele povo quando eles se recusaram a entregar sua terra e transformaram-se em escravos. Os homens da Ordem Imperial

torturaram e assassinaram cada homem, mulher, e criança na cidade. Cada um deles. Nenhuma pessoa foi deixada viva.

– Bem, qualquer homem que.

– Mais de cinquenta mil homens da Ordem participaram da matança do inocente povo de Ebinissia. – Kahlan falou com uma voz friamente poderosa. – Eu liderei as tropas que os caçaram. Nós matamos cada um dos homens que participaram no massacre em Ebinissia.

Kahlan aproximou-se do Ministro. – Muitos choraram pedindo misericórdia. Eu declarei, como Madre Confessora, que não houvesse misericórdia para a Ordem. Isso inclui qualquer um que se aliar a eles. Matamos cada um daqueles homens, Ministro Chanboor. Cada um deles.

A frieza assustadora das palavras dela impressionaram todos na mesa causando silêncio. A esposa de Dalton Campbell, Teresa, parecia estar prestes a sair correndo.

– A única salvação de vocês, – disse Richard finalmente. – é juntarem-se a nós. Juntos, formaremos uma força formidável capaz de repelir a Ordem Imperial e preservar a paz é a liberdade no Mundo Novo.

O Ministro Chanboor finalmente falou. – Como eu disse, se a escolha fosse minha, concordaria na união a vocês, assim como minha esposa, assim como Dalton. O problema é que o Imperador Jagang fez ofertas generosas para pessoas aqui, ofertas de paz e...

Kahlan levantou rapidamente. – O quê! Vocês estiveram conversando com aqueles assassinos!

Algumas das pessoas em volta na sala interromperam suas conversas para olharem na direção da mesa principal. Algumas, Richard havia notado, jamais retiravam seus olhos do Ministro e dos convidados dele.

O Ministro, pela primeira vez, pareceu ousado.

– Quando sua terra é ameaçada com a extinção por forças opostas, sendo que nenhuma delas foi convidada a exigir nossa rendição, é nosso dever como líderes e conselheiros escutarmos o que cada lado tem a dizer. Não queremos nenhuma guerra, mas a guerra está sendo lançada sobre nós. É nossa responsabilidade ouvir quais podem ser as opções. Não pode nos culpar por ouvirmos nossas opções.

– Liberdade ou escravidão. – Richard disse, ficando em pé ao lado de sua esposa.

O Ministro também levantou.

– Escutar o que as pessoas tem a dizer não é considerado uma ofensa, aqui em Anderith. Não atacamos as pessoas antes que elas façam ameaças. A Ordem Imperial implorou para que não escutássemos o que vocês tem a dizer, mas aqui estão vocês. Nós oferecemos para as pessoas a oportunidade de falarem.

A mão de Richard apertou com força no cabo da espada. Esperou sentir as letras em alto relevo feitas em fios de ouro, as letras que formavam a palavra “Verdade”. Ficou momentaneamente surpreso em perceber que elas não estavam ali.

– E quais as mentiras que a Ordem falou para vocês, Ministro?

O Ministro Chanboor balançou os ombros.

– Como eu disse, gostamos mais da oferta de vocês.

Ele levantou a mão fazendo um convite. Relutantes, Richard e Kahlan retornaram aos seus assentos.

– Serei bem direto com você Ministro, – Richard disse. – seja lá o que você queira, não entregaremos. Nem se preocupe em listar suas condições para nós. Como explicamos aos seus representantes lá em Aydindril, fizemos a mesma oferta a todas as terras. Para sermos justos com todos, não pode haver exceções, e nenhuma acomodação especial para alguns.

– Não pedimos nada disso. – disse o Ministro Chanboor.

Quando Kahlan tocou nas costas de Richard, ele reconheceu aquilo como um sinal para respirar fundo e controlar o seu temperamento. Respirou profundamente e lembrou a si mesmo do objetivo deles. Kahlan estava certa. Ele precisava pensar, e não apenas reagir.

– Está certo, Ministro, qual é o problema que impede você de aceitar nossos termos de rendição?

– Bem, como eu falei, se dependesse de mim e...

– Qual é o problema? – o tom de Richard estava mortal, tendo respirado profundamente ou não.

Ele já estava considerando suas tropas, a menos de uma milha. Os guardas na propriedade representariam pouca oposição para aqueles soldados de elite D’Haran. Essa não era uma opção que desejava utilizar, mas poderia ser forçado a isso. Não poderiam permitir que o Ministro, inadvertidamente ou não, interferisse no esforço para deter Jagang.

O Ministro limpou a garganta. Todos os outros na mesa estavam rígidos, quase com medo de moverem-se, como se pudessem ler os pensamentos de Richard nos olhos dele.

– Isso afeta todos em nossa terra. Está pedindo a nós que abandonemos nossa cultura, assim como a Ordem Imperial, embora com você isso fosse uma mudança menor e pudéssemos manter alguns dos nossos costumes.

– Isso não é uma coisa que eu possa impor ao nosso povo. Isso deve ser decidido por eles.

A testa de Richard franziu. – O quê? O que você quer dizer?

– Não posso ditar uma coisa assim para nosso povo. Eles terão que decidir o que fazer por si mesmos.

Richard levantou uma das mãos. Deixou ela descer até a mesa.

– Mas, como eles podem fazer isso?

O Ministro umedeceu os lábios.

– Todos decidirão qual será o destino de todos através dos votos deles.

– Através do quê? – Kahlan perguntou.

– Dos votos deles. Cada um deles deve receber a oportunidade para declarar sua opinião nesse assunto.

– Não. – Kahlan falou sem rodeios.

O Ministro afastou as mãos. – Mas, Madre Confessora, você diz que isso é sobre a liberdade de nosso povo. Como pode insistir que eu imponha uma coisa dessas a eles sem perguntar sua opinião?

– Não. – Kahlan repetiu.

Todos os outros na mesa pareciam em choque. Parecia que os olhos de Lady Chanboor estavam prestes a saltar com a sugestão do seu marido. Dalton Campbell estava imóvel, sua boca levemente aberta. As sobrancelhas de Teresa estavam levantadas por causa do susto. Claramente, nenhum deles sabia da intenção do Ministro Chanboor, nem pareciam considerar que aquilo fosse algo sábio, mas ficaram em silêncio, apesar de tudo.

– Não. – Kahlan falou novamente.

– E como pode esperar que nosso povo acredite na sinceridade de vocês sobre a causa da liberdade, se vocês recusam permitir que eles escolham seu próprio destino? Se o que vocês oferecem é verdadeira liberdade, então porque teriam medo que as pessoas usem a liberdade nessa escolha? Se aquilo que vocês oferecem é tão justo e bom, e a Ordem Imperial tão brutal e injusto, então porque não permitiriam que nosso povo escolha livremente juntar-se a vocês? Tem algo tão ruim nisso para que vocês não permitam que eles decidam seu destino e escolham conforme a vontade deles?

Richard olhou para Kahlan.

– O que ele diz faz sentido...

– Não. – Kahlan disparou.

Ninguém se movia ainda, pois estavam tão atentos no futuro da terra deles, oscilando na balança.

Richard segurou o braço de Kahlan. Ele virou rapidamente para o Ministro.

– Se nos der licença um momento, temos alguns assuntos que precisamos discutir.

Richard puxou Kahlan para longe da mesa, para perto das cortinas atrás da mesa de serviço. Olhou pela janela para ter certeza de que ninguém estava perto, escutando. Pessoas na mesa principal, ao invés de observar, recostaram em silêncio e olharam para o salão de jantar cheio de pessoas comendo, conversando, e rindo, sem perceberem o drama que tomava lugar na mesa principal.

– Kahlan, não vejo porque...

– Não. Não, Richard, não. Que parte do “não” você não entende?

– A parte que tem a razão disso.

Ela soltou um suspiro impaciente.

– Olhe, Richard, simplesmente não acredito que seja uma boa ideia. Não, isso não está certo. Acho que é uma ideia terrível.

– Está certo. Kahlan, você sabe que eu dependo da sua opinião em coisas como essa...

– Então aceite ela. Não.

Frustrado, Richard passou os dedos pelo cabelo. Olhou ao redor outra vez. Eles estavam sendo ignorados.

– O que eu estava prestes a dizer é que, eu gostaria de saber a razão. O que o homem diz faz sentido. Se estamos oferecendo ao povo uma chance de se juntarem a nós na luta pela liberdade de todos, então porque negaríamos a eles uma chance de escolherem livremente juntarem-se ao nosso lado? A liberdade não deveria ser algo imposto sobre as pessoas que a recusam.

Kahlan apertou o braço dele.

– Não consigo dar a você uma razão, Richard. Sim, isso parece certo. Sim, entendo o raciocínio por trás disso. Sim, seria apenas justo.

A mão dela no braço dele apertou com mais força.

– Mas o meu instinto está gritando “não”. Devo confiar no meu instinto a respeito disso, Richard, e você também. Ele está forte e insistente. “Não faça isso”.

Richard passou uma das mãos no rosto. Tentou pensar em algum motivo pelo qual deveria se opor a uma coisa daquelas. Estava apenas começando a encontrar mais razões para que aquilo fizesse sentido, e mais do que a simples necessidade de Anderith assumir posição contra a Ordem.

– Kahlan, eu confio em você, realmente confio. Você é a Madre Confessora, e teve uma vida no aprendizado e experiência de governar pessoas. Eu sou apenas um guia florestal. Mas eu gostaria de uma razão um pouco melhor do que “o meu instinto diz não”.

– Não consigo dar mais a você. Conheço essas pessoas, e sei que elas são arrogantes e dissimuladas. Não acredito que Bertrand Chanboor se importe com aquilo que o povo quer. Ele e sua esposa importam-se apenas com eles mesmos, de acordo com o que conheço deles. Alguma coisa nisso simplesmente não está certa.

Richard passou um dedo na têmpora dela. – Kahlan, eu amo você. Confio em você. Mas trata-se das vidas dessas pessoas. Bertrand Chanboor não será o único a decidir, isso é o que importa. Se aquilo que temos para oferecer é certo, então porque o povo de Anderith não deveria ser capaz de dizer “sim”? Não acha que assim eles estariam mais engajados na causa do que se apenas os líderes deles escolhessem?

– Acha que é justo exigirmos que a cultura deles seja tão alterada, dizermos a eles que isso é a coisa certa a fazer, e assim mesmo recusarmos oferecer a liberdade para se juntarem a nós por vontade própria? Porque somente o líder pode escolher por todo o seu povo? E se o Ministro desejasse ficar com Jagang? Então você não iria querer que o povo tivesse chance de derrubar o líder e ao invés disso escolher a liberdade?

Ela passou os dedos pelo cabelo, parecendo incapaz de expressar suas reservas e frustrações.

– Richard, você está fazendo isso soar... certo, mas eu apenas... não sei, apenas sinto que é um erro. E se eles trapacearem? E se intimidarem o povo, ameaçando. Como saberíamos? Quem vai cuidar para que as pessoas digam o que querem? Quem vai garantir a justiça na contagem?

Richard deslizou um dedão pela manga de seda do vestido branco de Madre Confessora dela.

– Bem, então, e se colocarmos condições? Condições para termos certeza que estamos no controle, e não eles.

– Quais?

– Temos mil homens aqui. Poderíamos usá-los para ir de casa em casa, ir a todas as cidades em Anderith e observar as pessoas votarem. Todos poderiam colocar uma marca em um pedaço de papel... digamos, que cada um faça um círculo para se juntar a nós, ou um X para não. Então nossos homens poderiam guardar os papéis e observar eles serem contados. Ele garantiriam que fosse uma coisa justa.

– E como as pessoas saberiam o que isso realmente significa, as duas opções?

– Teremos que explicar para eles. Anderith não é tão grande. Poderíamos ir a cada lugar e explicar para as pessoas lá porque eles devem se juntar a nós, porque isso é tão importante para eles e como eles sofreriam se a Ordem Imperial os dominasse. Se a verdade realmente está do nosso lado, não seria tão difícil fazer a maioria das pessoas enxergar isso.

Ela mordeu o lábio enquanto pensava.

– Quanto tempo? Os batedores informam que a Ordem estará ao alcance para atacar em menos do que seis semanas.

– Então digamos... quatro. Quatro semanas e as pessoas votam. Isso nos dará tempo mais do que suficiente para circularmos e

falarmos com as pessoas, para falarmos a eles o quanto isso é importante. Então, depois que eles votarem para juntarem-se a nós, teremos bastante tempo para trazermos nosso exército e usarmos a *Dominie Dirtch* para deter Jagang.

Kahlan pressionou uma das mãos no estômago.

– Não gosto disso, Richard.

Ele balançou os ombros.

– Então, está certo. O exército do General Reibisch está a caminho. Eles estarão aqui antes que Jagang possa chegar até Anderith. Nós dissemos a ele para ficar ao Norte, fora de vista, mas poderíamos trazer nossos homens, capturar a *Dominie Dirtch*, e derrubar o governo aqui.

– Pelo que tenho visto do exército deles, não levará muito tempo.

– Eu sei. – Kahlan disse, franzindo a testa, pensativa. – Não entendo. Já estive aqui antes. O exército deles era uma força formidável. As pessoas que temos visto parecem pouco mais do que... crianças.

Richard olhou para fora através da janela. Com todas as luzes que vinham de tantas janelas, os campos estavam bastante iluminados para que fosse possível enxergar o quanto eles eram bonitos. Esse parecia um lugar pacífico para morar.

– Crianças treinadas pobremente. – ele falou. – Também não consigo entender. A não ser, como a soldado na fronteira, Beata, disse: é necessária apenas uma pessoa para tocar a *Dominie Dirtch*.

– Talvez eles não tenham necessidade de gastar seus recursos para suportar um grande exército quando tudo que eles precisam fazer é ter alguns soldados na fronteira, manuseando a *Dominie Dirtch*. Afinal de contas, você saberia tão bem quanto qualquer um os vastos recursos necessários para manter uma força de tamanho considerável. Todos os dias eles precisam ser alimentados. É por isso

que Jagang está seguindo nessa direção. Talvez Anderith apenas não tenha necessidade de esgotar seus recursos.

Kahlan assentiu.

– Talvez. Sei que o Ministro da Cultura tem uma longa tradição de patrocinadores, agiotas, comerciantes, e pessoas assim, para ajudar a defender seus interesses. Manter um exército é altamente caro, mesmo para uma terra rica. Mas acho que tem mais coisa nisso para fazer com que um exército fique deteriorado desse jeito.

– Então, o que você acha? Voto, ou conquista?

Ela olhou dentro dos olhos dele.

– Eu ainda digo não para o voto.

– Você sabe que pessoas serão machucadas. Mortas. Isso não vai acontecer sem derramamento de sangue. Podemos ser obrigados a matar os soldados deles, como a Sargento Beata, que estava na *Dominie Dirtch*. Eles podem ser pouco mais do que crianças, mas resistirão quando tentarmos dominá-los, e provavelmente serão mortos.

– Não podemos permitir que eles mantenham o controle da *Dominie Dirtch*. Temos que tomar aquelas armas, se quisermos permitir que nosso exército entre. Não podemos arriscar que nossos homens sejam massacrados por aquelas coisas.

– Mas a magia está falhando.

– Elas tocaram faz apenas uma semana. Pessoas lá fora na frente delas foram mortas. Ainda estão funcionando. Não podemos contar com a possibilidade de falha delas.

– Ou atacamos, ou deixamos que eles façam como o Ministro sugeriu: deixamos as pessoas decidirem seu próprio destino. Mas mesmo que algo dê errado, possivelmente ainda poderíamos usar a opção de nossas tropas. Com tudo que está em jogo, eu não hesitaria em atacá-los se for necessário. Vidas demais estão em risco.

– Isso é verdade. Como último recurso, poderemos atacá-los.

– Mas tem mais uma coisa que devemos considerar. Talvez o elemento mais importante.

– Que elemento é esse? – ela perguntou.

– As Notas. É por isso que estamos aqui, lembra? Esse negócio de deixar as pessoas decidirem pode funcionar a nosso favor com as Notas.

Ela não pareceu convencida.

– Como?

– Temos que procurar na biblioteca. Se conseguirmos encontrar o que precisamos saber para determos as Notas, como aquilo que Joseph Ander fez uma vez, então podemos fazer isso antes que seja tarde demais para a magia. Você não esqueceu, esqueceu, sobre a mariposa Gambit, e o resto?

– Não, é claro que não.

– E o seu poder de Confessora, e a magia de Du Chaillu, e a ligação e tudo mais. Jagang pode vencer facilmente sem magia; o perigo da Ordem apenas ficaria mais forte. Somos apenas duas pessoas, como quaisquer outras, sem magia para nos proteger, ou nos ajudar. Não há lugar tão perigoso quanto um mundo sem magia.

– Enquanto ganhamos tempo durante quatro semanas, talvez consigamos encontrar a informação da qual precisamos sobre as Notas. E viajar para conversarmos com as pessoas sobre votarem e unirem-se a nós, seria o disfarce perfeito para evitar que alguém suspeite do que estamos fazendo. Acho arriscado deixar que essas pessoas saibam que a magia está falhando. É melhor mantê-los sob controle.

Richard inclinou, aproximando-se.

– Kahlan, as Notas podem ser a coisa mais importante. Isso nos forneceria tempo para procurar. Acho que deveríamos concordar em deixar as pessoas de Anderith votarem.

– Ainda digo “não”, mas se você quer tentar. – ela apertou o nariz com o dedão e um indicador. – Não posso acreditar que estou

concordando com isso, então confiarei no seu julgamento, Richard. Afinal de contas, você é o Lorde Rahl.

– Mas eu dependo do seu conselho.

– Você também é o *Seeker*.

Ele sorriu. – Mas não tenho minha espada.

Kahlan sorriu.

– Você nos trouxe até aqui. Se diz que devemos tentar, então acompanharei você, mas não gosto disso. Mesmo assim, você tem razão a respeito das Notas. Essa é a nossa primeira responsabilidade. Isso nos ajudará a procurar a solução para as Notas.

Richard estava aliviado que ela finalmente tivesse concordado, mas preocupado com as razões pelas quais ela estava relutante. Com a mão no braço dele, eles retornaram até a mesa principal. O Ministro, sua esposa, e Dalton Campbell levantaram.

– Existem condições. – Richard falou.

– Quais são? – o Ministro perguntou.

– Nossos homens observarão tudo, para garantir que ninguém trapaceie. Todos terão que votar ao mesmo tempo, para que as pessoas não possam ir a mais de um lugar e votar mais de uma vez. Eles se reunirão nas cidades, e cada um deles marcará em um pedaço de papel, com um círculo indicando que deseja unir-se a nós, ou um X para deixarem sua sorte nas presas cruéis do destino. Nossos homens vigiarão a contagem e comunicarão para que saibamos que tudo foi justo.

O Ministro sorriu.

– Sugestões excelentes. Concordo com cada uma delas.

Richard aproximou-se do homem.

– Mais uma coisa.

– Que seria?

– Todas as pessoas votarão. Não apenas Anders, mas os Hakens também. Eles fazem parte da terra, assim como os Anders. O destino

deles também será alterado por isso. Se haverá voto, todo o povo de Anderith votará.

Lady Chanboor e Dalton Campbell trocaram um olhar. O Ministro afastou as mãos, com o sorriso crescendo.

– Mas é claro. Todo o povo votará. Então, está decidido.

CAPÍTULO 53



Hildemara estava lívida.

– Bertrand, a sua pele será arrancada pelos homens de Jagang, e terei prazer em assistir, minha única tristeza é que você me condenou a um destino similar!

Bertrand levantou uma das mãos, mostrando desprezo.

– Bobagem, minha querida. Na verdade, eu consegui atrasar a Madre Confessora e Lorde Rahl enquanto Jagang está cada vez mais perto.

Dalton, pela primeira vez, estava propenso a concordar com Hildemara. Independente de tudo mais, ela era uma estrategista brilhante. Encarando isso, parecia que se tivessem a chance, o povo, os Hakens certamente, escolheriam as liberdades do Império de Lorde Rahl ao invés de submeterem-se na tirania da Ordem Imperial.

Mas Dalton também sabia que devia haver alguma coisa por trás do sorriso satisfeito de Bertrand. O homem tinha a estranha habilidade do cálculo tático privado da influência emocional em direção ao seu resultado desejado, que iria corromper a validação da equação. Bertrand só dava um salto se ele soubesse que conseguiria transpor o precipício; não saltava simplesmente porque esperava transpor.

Com seu vasto conhecimento da lei, Dalton sabia que haviam poucas armas tão efetivas em eviscerar um adversário quanto a simples tática do atraso. Esperava que Bertrand não estivesse

empunhando uma arma que acabasse ferindo eles, ao invés do inimigo.

– Ministro, eu temo que isso possa causar problemas. Atrasar Lorde Rahl é bom, mas não se isso não servir a um fim melhor e permitir que ele agite as pessoas contra a Ordem Imperial e, ao invés disso, os conduza para dentro dos braços da causa dele. Se isso acontecesse, não conseguiríamos cumprir nossos acordos. Então estaríamos no centro da tempestade de uma guerra.

– E Jagang nos transformaria em exemplo, para mostrar aos outros o que acontece com aqueles que não entregam o prometido. – Hildemara completou.

Bertrand bebeu um gole do cálice que trouxe com ele até o escritório particular. Colocou o cálice prateado sobre o tampo de uma pequena mesa de mármore e saboreou o gosto do rum antes de engolir.

– Minha querida esposa, e meu assistente de confiança, você dois não conseguem enxergar o brilho simples nisso? Vamos atrasá-los para que a Ordem Imperial tenha tempo de chegar aqui. Atrasá-los até que seja tarde demais para que eles façam qualquer coisa efetiva. Acima de tudo mais, conseguem imaginar o quanto Jagang ficará agradecido quando entregarmos a ele seu maior inimigo?

– E como faríamos isso? – a esposa dele perguntou.

– Um mês desse negócio de votação permitirá que a Ordem coloque o resto de sua guarda avançada em posição. Então eles poderão tomar a *Dominie Dirtch* com discricção. As forças de Lorde Rahl, mesmo se estiverem perto, serão impedidas de resgatar Lorde Rahl e a Madre Confessora, uma vez que perderam o apoio do povo. Jagang será invencível.

– O Imperador consegue uma terra e as pessoas para trabalhar nela, como prometido, e nós somos recompensados formosamente por entregarmos isso a ele. Teremos autoridade inquestionável. Nenhum Diretor com o qual nos preocupar, nunca mais.

Governaremos Anderith a vida toda, do jeito que escolhermos, sem preocupação com oposição.

A vida, para o povo de Anderith, continuaria, Dalton sabia. Na maior parte, as vidas de muitos seriam quase do mesmo jeito, mesmo que mais pobres, servindo ao bem maior da Ordem. Aconteceriam os deslocamentos e mortes inevitáveis. Alguns seriam levados para servirem ao Imperador. A maioria ficaria agradecida apenas por viver.

Dalton imaginou seu próprio destino, se não tivesse se transformado no assistente chefe de confiança do Ministro, e desse modo entrasse no acordo tanto pelo trabalho quanto pela necessidade. Tremeu só de pensar no que poderia acontecer com Teresa.

– Se ele realmente honrar os acordos. – Hildemara murmurou.

– O Imperador, com suas forças tendo um porto seguro imune ao ataque, simplesmente ficará feliz demais em honrar nossos acordos. – Bertrand disse. – Aquilo que ele nos prometeu, em pagamento pela tarefa de providenciarmos que o povo de Anderith continue trabalhando como faz agora, é grandioso além de nossa capacidade de gastar; entretanto, para ele é apenas uma coisinha comparada com o que ele ganhará. Devemos apenas garantir que a Ordem receba suprimentos de comida enquanto eles conquistam Midlands. Ele ficará feliz em pagar o que foi acertado.

Lady Chanboor bufou irritada.

– Mas quando Lorde Rahl conseguir que o povo vote para juntarem-se a ele, isso não fará bem algum para nós.

Bertrand gargalhou.

– Você deve estar brincando. Isso, minha querida, é a parte mais simples da coisa toda.

Ela cruzou os braços como se estivesse pedindo para saber como. Dalton também estava preocupado com essa parte.

– Então, você não tem intenção alguma de permitir que a votação realmente aconteça?

Bertrand olhou de um para outro.

– Não estão vendo? Venceremos facilmente uma votação assim.

– Talvez com os Anders, – ela disse. – mas os Hakens? Você colocou nossos destinos nas mãos dos Hakens? Que são maiores em número do que nós muitas vezes? Eles escolherão a liberdade.

– Dificilmente. Os Hakens são mantidos ignorantes. Não possuem capacidade de compreender as coisas. Acreditam que a única maneira de conseguirem obter qualquer coisa, desde o trabalho até comida, até mesmo entrar para o exército, é através da nossa mão benevolente. Acreditam que as liberdades que possuem, ou esperam possuir, só podem ser fornecidas pelos Anders. Com a liberdade vem a responsabilidade, não o caminho fácil que eles achariam melhor.

A mulher dele ficou olhando, imóvel.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Mandaremos oradores falarem com o povo, apertando suas mãos, derramando lágrimas, expressando profundo medo por aquilo que acontecerá com o povo subjugado pelo cruel Império D'Haran, nas mãos frias de um Lorde Rahl que não sabe nada a respeito das necessidades deles como Hakens e preocupa-se apenas com sua própria magia sombria. O povo Haken ficará tão aterrorizado em perder as migalhas que jogamos para eles que fugirão do pão diante deles, se fizermos eles acreditarem que o pão está envenenado.

A mente de Dalton já estava girando com pensamentos sobre como realizariam o plano do Ministro. As verdadeiras possibilidades que ele apresentava estavam apenas começando a florescer nele.

– Devemos considerar como fazer isso corretamente. – Dalton falou. – Seria melhor se nos mantivéssemos completamente fora disso.

– Exatamente o que pensei.

– Sim... – Hildemara falou lentamente enquanto imaginava, agora envolvida no esquema. – Temos que fazer parecer como se estivéssemos buscando a opinião das pessoas, e não o contrário.

– Outros irão transmitir as palavras que lançarmos. – Bertrand falou enquanto balançava a cabeça para ela. – Devemos permanecer acima disso a todo custo, como se nossas mãos estivessem amarradas por uma nobre adesão com a justiça, com nossos destinos nas mãos da sabedoria do povo, como se colocássemos esse princípio e os desejos deles acima de tudo.

– Tenho homens que seriam bons em expressar o tom apropriado. – Dalton enfiou um dedo debaixo do lábio inferior. – Em qualquer lugar para onde Lorde Rahl for, aqueles que falam por nós devem seguir atrás, e entregar a mensagem que criamos.

– Está certo. – Bertrand disse. – Uma mensagem mais poderosa, mais cortante, mais assustadora.

Pensativo, tentando prever todos os elementos necessários da estratégia, Dalton balançou um dedo.

– Lorde Rahl e a Madre Confessora efetuarão uma ação rápida e desagradável, caso suspeitem de uma coisa assim. De fato, seria melhor se eles não soubessem das coisas que são faladas para as pessoas, pelo menos no começo. Nossas mensagens só devem ser entregues depois que eles tiverem partido para o local seguinte.

– Deixem que eles ofereçam esperança. Iremos atrás e retrataremos como mentiras a esperança de liberdade que eles oferecem, deixando as pessoas assustadas com esse tipo de pensamento.

Dalton sabia como as mentes do povo podiam ser manipuladas facilmente com as palavras certas, especialmente se as pessoas estivessem distraídas por outras questões e confusas com as contradições.

– Se isso for bem feito, as pessoas nos aprovarão ao mesmo tempo em que nós os traímos. – Dalton finalmente sorriu. – Quando eu terminar, eles baterão palmas para nós.

Bertrand tomou outro gole do rum.

– Agora você está pensando como o homem que eu contratei.

– Mas quando o povo rejeitar a oferta dele, – Hildemara disse. – Lorde Rahl sem dúvida não vai aceitar a derrota muito bem; usará a força.

– Possivelmente. – Bertrand baixou o cálice. – Mas nessa hora a Ordem terá capturado a *Dominie Dirtch*, e será tarde demais para Lorde Rahl fazer alguma coisa a respeito. Ele e a Madre Confessora estarão isolados, sem esperança de conseguirem reforços.

– Lorde Rahl e a Madre Confessora ficarão aprisionados em Anderith... – Ela finalmente sorriu, fechando os dedos como se fossem garras. – E Jagang terá eles.

Bertrand riu.

– E nos recompensará. – ele virou para Dalton. – Onde as tropas D’Haran estão alojadas?

– Entre aqui e Fairfield.

– Bom. Providencie para que Lorde Rahl e a Madre Confessora tenham tudo que eles quiserem. Permita que eles façam o que desejarem. Devemos parecer altamente solícitos.

Dalton assentiu.

– Eles disseram que desejavam ver a biblioteca.

Bertrand pegou seu cálice outra vez.

– Ótimo. Permitam que eles fiquem no controle, que vejam o que desejam. Não há nada na biblioteca que poderia servir de qualquer ajuda para eles.

* * *

Richard virou em direção ao barulho.

– Xô! – Vedetta Firkin gritou. A mulher idosa lançou os braços para frente, adicionando uma ameaça física na ameaça verbal que já havia entregue. – Xô, seu ladrão!

O corvo do lado de fora sobre a tábua colada ao peitoril da janela deu alguns saltos, batendo as asas, expressando bem alto o seu desgosto com ela. Ela olhou ao redor e então agarrou uma vara que estava apoiada contra a parede, usada para manter a janela próxima aberta. Empunhando a vara como uma espada, inclinou para fora pela janela aberta e bateu no corvo. Com as asas esticadas, a plumagem do pescoço inchada, as penas sobre a cabeça levantadas como chifres, ele saltou para trás e gritou para ela.

Ela bateu mais uma vez na grande ave negra. Dessa vez o corvo efetuou uma retirada estratégica saltando para um galho próximo. De uma posição segura, ele reclamou fazendo bastante barulho. Ela fechou a janela, batendo-a.

Vedetta Firkin virou e, depois de colocar a vara de lado, limpou as mãos esfregando-as de modo triunfante. Levantou o nariz quando retornou aos assuntos de pessoas.

Richard e Kahlan haviam falado com ela quando foram até a biblioteca para acalmá-la. Richard queria garantir sua cooperação ao invés de fazer com que ela talvez tivesse a noção de que, de alguma maneira, fosse seu dever esconder livros deles. Ela havia respondido a maneira casual e amigável que eles demonstraram de forma alegre.

– Sinto muito. – ela sussurrou com uma voz baixa, como se desejasse compensar pela gritaria. Aproximou-se rapidamente de Richard e Kahlan. – Preguei aquela tábua no peitoril da janela, e coloquei sementes nela para as aves, mas aqueles corvos desprezíveis aparecem e roubam as sementes.

– Corvos também são aves. – Richard disse.

A mulher ficou ereta, um pouco confusa.

– Sim, mas... são corvos. Aves perturbadoras, eles são. Roubam todas as sementes e então as adoráveis aves cantoras não aparecem.

Gosto tanto das aves cantoras.

– Entendo. – Richard disse com um sorriso antes de voltar a olhar o seu livro.

– De qualquer modo, Lorde Rahl, Madre Confessora, sinto muito pela perturbação. Apenas não queria aqueles corvos barulhentos incomodando vocês como eles costumam fazer. Melhor livrar-se deles imediatamente. Tentarei manter tudo quieto para vocês de agora em diante.

Kahlan sorriu para a mulher. – Obrigada, Senhora Firkin.

Ela fez uma pausa antes de ir embora.

– Perdoe-me por dizer isso, Lorde Rahl, mas você te um sorriso maravilhoso. Ele me lembra muito o sorriso de um amigo meu.

– Verdade? Quem seria esse? – Richard perguntou, distraidamente.

– Ruben. – o rosto dela ficou vermelho. – Ele é um cavalheiro.

Richard mostrou o sorriso que ela gostava.

– Tenho certeza que você deu motivo para ele sorrir, Senhora Firkin.

– Ruben. – Kahlan murmurou quando a mulher começou a se afastar. – Isso me faz lembrar de Zedd. Às vezes ele costumava usar o nome Ruben.

Richard suspirou sentindo saudade do seu avô.

– Gostaria que aquele velho estivesse aqui, agora. – ele sussurrou para Kahlan.

– Se precisarem de alguma coisa, – Vedetta Firkin disse por cima do ombro enquanto caminhava. – por favor não hesitem em pedir. Tenho bastante conhecimento sobre a cultura de Anderith, sobre nossa história.

– Sim, obrigado. – Richard gritou para a mulher, usando a oportunidade enquanto a costa dela estava virada para dar um leve aperto na perna de Kahlan embaixo da mesa.

– Richard, – Kahlan falou com um tom crescente. – mantenha a sua mente em nosso trabalho.

Richard deu alguns tapinhas na coxa dela. Seria mais fácil manter a sua mente no que estava lendo sem o doce calor dela tão perto. Ele fechou o livro e puxou outro. Abriu o antigo livro de registros da cidade e procurou por qualquer coisa que parecesse remotamente útil.

Eles não haviam encontrado muita informação, mas ele tinha conseguido encontrar o suficiente para juntar fatos que poderiam ser úteis. Sem dúvida, a biblioteca estava provando que valia o tempo dele, pois ele estava começando a ter uma noção a respeito de Anderith. Essa realmente era uma biblioteca da cultura. Por causa das atitudes deles e crenças declaradas, Richard duvidou que muitas pessoas tivessem a mais vaga ideia da história obscura logo debaixo dos narizes deles, escondida bem à vista.

Ele estava começando a concluir que muito da antiga Anderith, antes dos Hakens, havia sido beneficiada com a instrução que eclipsava o desenvolvimento do povo da época. Uma benevolente mão os havia protegido.

Pelas canções antigas e orações que ele encontrou, e os posteriores registros do modo como era prestada homenagem a esse protetor que os conduzia, Richard suspeitou que aquela era a mão de Joseph Ander. Tal adoração seria adequada para aquele homem, de acordo como Kolo o descreveu. Richard reconheceu grande parte da liderança miraculosa como se fosse possivelmente o trabalho de um mago. Sem essa figura depois que ele se foi, o povo ficou como órfão, perdido sem o auxílio de ídolos que eles veneravam mas que não respondiam mais. Eles estavam desnorteados e à mercê de forças que não compreendiam.

Richard recostou e espreguiçou enquanto bocejava. O livros velhos impregnavam a biblioteca com um aroma de mofo. Particularmente intrigante, de certa forma como uma espécie de

mistério há muito tempo escondido, mas de um modo geral o cheiro também não era agradável. Ele estava começando a desejar o ar fresco ensolarado do outro lado das janelas tanto quanto desejava o fim do mistério há muito tempo escondido.

Du Chaillu estava sentada perto dali, acariciando a barriga com o bebê enquanto estudava um livro com ilustrações complexas em muitas de suas páginas. Desenhos de pequenos animais: furões, doninhas, arganazes, raposas, e coisas assim. Não podia ler, mas o livro cheio de desenhos a deixava com um sorriso constante. Ela nunca tinha visto nada como isso. Richard nunca tinha visto os olhos escuros dela brilharem tanto. Ela estava encantada como uma criança.

Jiaan descansava ali perto. Pelo menos, o Mestre da Lâmina fazia um bom trabalho fingindo descansar. Richard sabia que ele estava sendo discreto para ser capaz de observar tudo. Meia dúzia de soldados D'Haran caminhavam pela sala. Também haviam guardas Ander, nas portas.

Algumas das outras pessoas tinham deixado a biblioteca imediatamente, temendo perturbarem a Madre Confessora e Lorde Rahl. Alguns permaneceram. Espiões, Kahlan tinha sugerido a ele, enviados para vigiá-los. Ele já havia chegado a essa conclusão.

Não confiava no Ministro mais do que Kahlan. Na primeira vez que Anderith foi mencionada, o óbvio desgosto dela pelo lugar havia lançado cores na visão dele sobre aquilo. O Ministro da Cultura não fizera nada para alterar a impressão dele, e colocou peso nos avisos de Kahlan a respeito do homem.

– Aqui, – Richard disse, batendo com o dedo na página. – Aqui está novamente.

Kahlan inclinou o corpo, aproximando-se, e olhou. Ela emitiu um som rouco ao ver o nome: Westbrook.

– O que está dizendo aqui confirma o que descobrimos antes. – Richard disse.

– Conheço o lugar. É uma pequena cidade. Não tem muita coisa lá, de acordo com o que lembro.

Richard levantou o braço e sinalizou chamando atenção da mulher idosa. Ela chegou imediatamente.

– Sim, Lorde Rahl? Posso ajudá-lo?

– Senhora Firkin, você disse que conhece bastante sobre a história de Anderith.

– Oh, sim, eu conheço. É o meu assunto favorito.

– Bem, agora já encontrei vários pontos onde é mencionado um lugar chamado Westbrook. Aqui diz que um dia Joseph Ander viveu lá.

– Sim, isso é verdade. Fica lá em cima na base de uma cadeia de montanhas. Acima do Vale Nareef.

Kahlan já tinha falado isso para ele, mas isso foi bom para saber que a mulher não estava tentando enganá-los, ou esconder informação.

– E tem alguma coisa lá que restou dele? Qualquer coisa que pertenceu a ele?

Ela sorriu com entusiasmo, feliz que ele desejasse saber a respeito de Joseph Ander, o homônimo da terra dela.

– Ora, sim, lá existe um pequeno santuário de Joseph Ander. As pessoas podem ir e ver a cadeira que ele usou, e alguns outros pequenos itens.

– A casa onde ele morou queimou recentemente, foi um terrível incêndio, mas algumas coisas foram salvas porque foram retiradas enquanto a casa estava sendo reparada. A água continuava entrando, arruinando coisas. O vento arrancou telhas. Galhos de árvores, devem ter sido galhos, quebraram as janelas e o vento entrou ali com força, soprando a chuva para dentro, deixando tudo molhado. Arruinou várias coisas valiosas dele. Então o fogo, causado por um raio, as pessoas acreditam, queimou todo o lugar.

– Mas algumas coisas dele foram salvas, como eu disse, porque estavam fora de lá enquanto reparos estavam sendo feitos, antes do fogo. Então, agora, aquelas coisas estão em exposição para que as pessoas possam vê-las. Ver a cadeira na qual ele sentou.

Ela inclinou o corpo. – E, o mais interessante para mim, tem algumas das escrituras dele que ainda estão intactas.

Richard endireitou o corpo.

– Escrituras?

Ela balançou a cabeça com cabelo grisalho.

– Eu li todas elas. Nada realmente importante. Apenas suas observações sobre as montanhas ao redor do local onde ele vivia, sobre a cidade, e sobre algumas das pessoas que ele conhecia. Nada importante, mas ainda é interessante.

– Entendo.

– Nada importante, de qualquer modo, como as coisas dele que temos aqui.

Agora Richard estava mostrando total atenção.

– Que coisas?

Ela balançou uma das mãos.

– Temos algumas das escrituras dele, aqui, em nossa câmara. Seus negócios com outras pessoas, cartas, livros sobre as crenças dele. Coisas assim. Gostaria de vê-las?

Richard tentou, o melhor que podia, não parecer interessado demais. Não queria que essas pessoas soubessem o que ele estava procurando; foi por isso que não tinha pedido nada específico em primeiro lugar.

– Sim, isso seria interessante. Sempre tive interesse em... em história. Eu gostaria de ver as escrituras dele.

Ele, junto com Vedetta Firkin, notou alguém descendo os degraus. Era algum tipo de mensageiro, Richard tinha visto vários deles, todos vestidos da mesma maneira. O homem de cabelo vermelho viu a Senhora Firkin falando com Richard e Kahlan, então

afastou os pés e cruzou as mãos atrás das costas enquanto esperava a uma certa distância.

Richard não queria falar sobre os trabalhos de Joseph Ander enquanto um mensageiro ficava observando, então fez um sinal.

– Porque não fala com ele?

Vedetta Firkin fez um sinal com a cabeça mostrando que apreciava a indulgência dele.

– Se me derem licença por um momento.

Kahlan fechou o livro que estava com ela e colocou-o sobre os outros que já tinha folheado.

– Richard, precisamos ir. Temos reuniões com os Diretores e algumas outras pessoas. Podemos voltar outra hora.

– Certo. – Ele soltou um suspiro. – Pelo menos não temos que encontrar novamente com o Ministro. Eu não aguentaria outro daqueles banquetes.

– Tenho certeza de que ele também ficará contente se recusarmos o convite. Não sei porque, mas parece que de algum modo nós dois sempre estragamos reuniões festivas.

Richard concordou e foi chamar Du Chaillu. S enhora Firkin retornou quando Du Chaillu estava levantando.

– Ficaria feliz em localizar os livros e trazê-los da câmara para você, Lorde Rahl, mas primeiro tenho que cuidar de um assunto, se pudesse esperar só um pouquinho. Não vai demorar. Tenho certeza que vai considerar as escrituras de Joseph Ander algo maravilhoso. Não são muitas pessoas que tem chance de vê-las, mas para alguém tão importante quanto você e a Madre Confessora, eu...

– Para dizer a verdade, Senhora Firkin, eu adoraria ver os livros. Agora mesmo, porém, temos que falar com os Diretores, mas eu poderia voltar depois, mais tarde, nesta tarde, ou à noite?

– Isso seria perfeito. – ela disse, sorrindo e esfregando as mãos. – Isso dará tempo para que eu localize e retire tudo. Estarei com tudo pronto quando vocês voltarem.

– Muito obrigado. A Madre Confessora e eu estamos ansiosos para ver livros raros assim.

Richard fez uma pausa e virou na direção dela. – E Senhora Firkin, eu sugiro que você dê algumas sementes para aquele corvo. A pobre criatura parece desesperada.

Ela balançou os dedos. – Se você diz, Lorde Rahl.

* * *

Ele levantou quando a mulher idosa entrou na sala segurando o braço de um dos mensageiros dele.

– Senhora Firkin, obrigado por vir.

– Bem, ora, ora, Mestre Campbell, mas não é que você tem um belo escritório. – ela olhou ao redor como se estivesse interessada em comprar o lugar. – Sim, muito bonito mesmo.

– Obrigado, Senhora Firkin.

Ele inclinou a cabeça, ordenando que o mensageiro fosse embora. O homem fechou a porta atrás de si.

– Oh, e vejam só. – ela disse, pressionando as mãos debaixo do queixo como se fosse rezar. – Vejam todos os belos livros. Ora, não sabia que tantos volumes estavam aqui em cima.

– Livros sobre leis, a maior parte. Meu interesse é na lei.

Ela voltou sua atenção na direção dele. – Uma bela vocação, Mestre Campbell. Uma bela vocação. Bom para você. Que você continue assim.

– Sim, eu pretendo continuar. Senhora Firkin, falando na lei, isso me faz lembrar do motivo de ter chamado você aqui.

Ela olhou com o canto dos olhos para a cadeira. Ele não tinha oferecido uma cadeira deliberadamente, e ao invés disso a manteve em pé.

– Recebi um relatório a respeito de um homem que visitou a biblioteca que também estava interessado na lei. Parece que ele

causou uma grande agitação. – Dalton colocou os punhos sobre a almofada de couro embutida em sua escrivaninha e inclinou para frente, apoiado neles, com olhar fixo nela. – Foi relatado que você tirou um livro restrito da câmara, sem autorização, e mostrou a ele.

Rapidamente, ela passou de uma mulher idosa falante para uma mulher idosa aterrorizada.

Embora o que ela tivesse feito, de maneira geral, não fosse incomum, foi uma violação das regras, e assim uma violação da lei. A maioria dessas leis eram aplicadas apenas de forma seletiva, com violações punidas apenas de forma branda, quando muito. Mas ocasionalmente as pessoas realmente se metiam em problemas violando leis assim. Como um homem da lei, Dalton entendia o valor de leis ignoradas amplamente; elas enlaçavam quase todos, fornecendo poder sobre o povo. A ofensa dela foi uma coisa séria, apenas um passo abaixo do roubo de tesouros culturais, se ele decidisse levar isso adiante.

Ela ficou remexendo em um botão em sua garganta. – Mas não deixei que ele tocasse, Mestre Campbell. Eu juro. Eu mantive ele na minha mão o tempo todo. Até virei as páginas. Eu só estava permitindo que ele desse uma olhada na escrita de nosso glorioso pai fundador. Eu não pretendia...

– Entretanto, isso não é permitido, e foi reportado, então eu devo tomar alguma ação.

– Sim, Senhor.

Dalton endireitou o corpo.

– Traga o livro para mim. – ele deu alguns tapinhas na escrivaninha. – Traga o livro imediatamente. Imediatamente, você entendeu?

– Sim, Senhor. Imediatamente.

– Traga ele aqui em cima para mim e coloque sobre a minha escrivaninha para que eu possa dar uma olhada. Se não houver nenhuma informação valiosa que possa ter sido entregue a um

espião, eu não recomendaria nenhuma ação disciplinar, dessa vez. Mas é melhor que você não seja pega quebrando as regras outra vez, Senhora Firkin. Você entendeu?

– Sim, Senhor. Obrigada, Senhor. – ela estava quase chorando. – Mestre Campbell, a Madre Confessora e o Lorde Rahl estiveram lá embaixo na biblioteca.

– Sim, eu sei.

– Lorde Rahl pediu para ver os livros e escrituras de Joseph Ander. O que eu devo fazer?

Dalton mal podia acreditar que o homem estava desperdiçando o tempo dele olhando aqueles livros inúteis. Quase sentiu pena de Lorde Rahl por sua ignorância. Quase.

– A Madre Confessora e o Lorde Rahl são convidados de honra assim como pessoas importantes. Eles podem ver qualquer livro em nossa biblioteca. Não deve haver restrição alguma para eles. Nenhuma. Dessa forma você tem autorização para mostrar a eles qualquer coisa que tivermos.

Ele deu alguns tapinhas na escrivaninha outra vez. – Mas aquele livro que mostrou para aquele outro homem, aquele Ruben, eu quero aquele livro em cima da minha escrivaninha, e quero agora.

A mulher estava inquieta como se estivesse prestes a molhar as pernas.

– Sim, Senhor. Agora mesmo, Mestre Campbell. – ela saiu rapidamente da sala, agora toda sua vida estava focada em buscar o livro.

Na verdade Dalton não se importava com o livro, qualquer que fosse. Apenas não queria que as pessoas na biblioteca ficassem negligentes e comesçassem a violar as regras. Não podia aceitar ter pessoas nas quais não confiava cuidando de coisas valiosas.

Sua teia estava vibrando com assuntos mais importantes do que alguns livros velhos inúteis empoeirados de Joseph Ander, mas ele precisava cuidar de tudo, independente do quanto fosse algo

pequeno. Daria uma olhada no livro, mas somente o fato dela trazer o livro era o que importava para ele.

De vez em quando era necessário colocar um pouco de medo nas pessoas para lembrá-las de quem estava no comando e quem tomava decisões sobre as vidas delas. Notícias sobre isso poderiam se espalhar para outros na Propriedade. O medo deste incidente deixaria todos em alerta. Se não funcionasse, da próxima vez ele colocaria o violador para fora da Propriedade criando uma forte impressão.

Dalton mergulhou de volta na cadeira e retornou para sua pilha de mensagens. A mais perturbadora delas era aquela dizendo que o Soberano estava melhorando. Era informado que ele estava comendo outra vez. Não era um bom sinal, mas o homem não podia durar para sempre. Mais cedo ou mais tarde, Bertrand Chanboor seria o Soberano.

Porém, havia um bom número de mensagens e relatórios sobre outras pessoas morrendo. As pessoas no campo estavam assustadas com estranhas ocorrências, mortes fora do comum. Incêndios, afogamentos, quedas. Pessoas do campo, com medo de coisas dentro da noite, estavam correndo para dentro da cidade, buscando segurança.

Também haviam relatórios de pessoas na cidade morrendo em eventos similares, e de modo semelhante elas estavam assustadas. Procurando segurança; estavam saindo da cidade e seguindo para o campo.

Dalton balançou a cabeça desgostoso com a tolice dos medos das pessoas. Reuniu os relatórios dentro de uma pilha. Pouco antes de colocá-los no fogo da lamparina, um pensamento lhe ocorreu. Sua mão parou. Afastou o monte de mensagem da chama.

Algo que Franca disse uma vez deu a ele uma ideia. Eles poderiam ser úteis. Enfiou os relatórios dentro de uma gaveta.

– Querido, ainda está trabalhando?

Dalton levantou os olhos ao escutar o som da voz familiar. Teresa, usando um sedutor vestido cor de rosa que ele não lembrava ter visto antes, estava deslizando dentro da sala.

Ele sorriu. – Tess, querida. O que traz você aqui?

– Eu vim pegar você com uma amante.

– O quê?

Ela passou pela escrivaninha dele para fazer uma pausa e olhar para fora através da janela. Um cinto verde apertava a cintura do vestido, acentuando as curvas dela. Ele visualizou as suas mãos no local onde o cinto a envolvia.

– Eu estava bastante solitária noite passada. – ela falou enquanto observava pessoas lá fora nos gramados.

– Eu sei. Sinto muito, mas haviam mensagens que eu tinha de...

– Pensei que você estivesse com outra mulher.

– O quê? Tess, eu enviei uma mensagem para você, explicando que eu precisava trabalhar.

Ela virou para ele.

– Quando você enviou... notícia de que trabalharia até tarde, eu não dei muita importância. Você esteve trabalhando até tarde todas as noites. Mas quando eu acordei e era quase de manhã, e você não estava ali ao meu lado... bem, pensei que certamente você estava na cama com outra mulher.

– Tess, eu não...

– Pensei em me atirar sobre Lorde Rahl, só para igualar as coisas, mas ele tem a Madre Confessora e ela é mais bonita do que eu, então eu soube que ele apenas acharia graça e me mandaria embora.

– Então, eu vesti a roupa e vim até aqui, só para dizer que eu sabia que você não estava realmente trabalhando, quando mais tarde você mentiu e disse que estava. Ao invés de um escritório vazio, eu vi todos os seus mensageiros correndo de um lado para outro como se estivessem preparando-se para a guerra. Vi você aqui dentro

manuseando papéis, transmitindo ordens. Você realmente estava trabalhando. Eu observei durante algum tempo.

– Porque não entrou?

Finalmente ela caminhou até ele e sentou no colo dele. Colocou os braços em volta do pescoço dele enquanto olhava dentro dos seus olhos.

– Não queria incomodá-lo quando estava ocupado.

– Mas você não me incomoda, Tess. Você é a única coisa na minha vida que não me incomoda.

Ela balançou os ombros.

– Eu estava com vergonha que você soubesse que eu pensava que estava me enganando.

– Então porque confessar isso agora?

Ela o beijou, de uma maneira que somente Tess conseguiria, ofegante, quente, molhada. Ela afastou para sorrir enquanto observava ele olhar para seu decote.

– Porque... – ela sussurrou. – eu te amo, e sinto falta de você. Acabei de receber meu novo vestido. Pensei que ele poderia fazer você ir para cama.

– Acho você mais bonita do que a Madre Confessora.

Ela sorriu e deu um beijinho na testa dele.

– Que tal ir para casa só um pouquinho?

Ele deu um tapa no traseiro dela quando ela levantou. – Eu irei daqui a pouco.

* * *

Ann espiou e viu Alessandra observando ela rezar. Ann tinha perguntado para a mulher se rezar antes da refeição a incomodaria.

Alessandra, inicialmente pega de surpresa, tinha falado. – Não, porque deveria?

Sentada no chão dentro da sua tenda suja, Ann, com seriedade, concentrou-se na reza. Permitiu ser preenchida pela alegria do Criador, de uma maneira muito parecida como se entregava ao Han. Deixou que a Luz a preenchesse de alegria. Deixou que o seu coração sentisse a paz do Criador dentro dela, ficou agradecida por tudo que teve, quando outros estavam em situação muito pior.

Ela rezou para que Alessandra sentisse apenas um raio da Luz calorosa, e abrisse seu coração para ele.

Quando terminou, esticou-se o mais longe que suas correntes permitiam e deu um beijo na direção do seu dedo anular em fidelidade ao Criador, com quem ela estava casada simbolicamente.

Sabia que Alessandra lembraria da indescritível satisfação de rezar ao Criador, de abrir o seu coração em agradecimento para aquele que deu sua alma. Havia algumas vezes na vida de toda Irmã quando ela havia chorado de alegria, em particular, humildemente.

Ann viu a pontada de vontade quando Alessandra quase levou o seu próprio dedo até os lábios por reflexo. Como uma Irmã do Escuro, um ato desses representaria uma traição para o Guardião.

Alessandra havia prometido aquela alma, dada pelo Criador, ao Guardião do Submundo, ao mal. Ann não conseguia imaginar que houvesse qualquer coisa que o Guardião pudesse dar em troca, que conseguisse se equiparar com a simples alegria de expressar agradecimento para aquele do qual todas as coisas emanavam.

– Obrigada, Alessandra. Foi muita gentileza sua permitir que eu fizesse minha oração antes de comer.

– Não há nada de gentil nisso. – a mulher disse. – Simplesmente faz a comida descer mais fácil para que eu possa continuar com meu outro assunto.

Ann assentiu, feliz que ela tivesse sentido o Criador em seu coração.

CAPÍTULO 54



– O que vamos fazer? – Morley sussurrou.

Fitch coçou a orelha. – Calma, estou planejando.

Fitch não tinha ideia alguma do que fazer, mas não queria que Morley soubesse disso. Morley estava impressionado que Fitch tivesse encontrado o lugar. Estava dependendo de Fitch para saber o que fazer.

Não que houvesse tanta coisa para saber. Em maior parte, eles cavalgaram duramente. Tinham todo aquele dinheiro que Dalton Campbell deu a eles, então não precisavam saber muita coisa. Podiam comprar comida; não precisavam caçar, ou guardá-la. Podiam comprar qualquer roupa que precisavam; não tinham que fazer as roupas.

Fitch tinha aprendido que o dinheiro seguia um longo caminho na direção para compensar aquilo que uma pessoa não sabia. Tendo crescido nas ruas de Fairfield, ele sabia como guardar seu dinheiro, e como evitar ser enganado ou roubado. Era cuidadoso com o dinheiro, nunca usando ele para comprar roupas chamativas ou qualquer coisa que fizesse parecer que valeria a pena bater em suas cabeças para derrubá-los, ou pior.

A surpresa era que ninguém se importava que eles fossem Hakens, ou ao menos pareciam saber disso. Eles eram tratados de modo decente pela maioria das pessoas, que os consideravam jovens educados.

Fitch não permitia que Morley o convencesse a comprar bebidas em hospedarias; ele sabia que isso certamente seria uma maneira de pessoas indesejáveis saberem que eles tinham dinheiro, e estarem bêbados apenas tornaria mais fácil esquecer de serem cuidadosos. Ao invés disso, eles compravam uma garrafa, e somente quando montavam acampamento durante a noite, em algum lugar onde pessoas não costumariam encontrar com eles, ele e Morley ficavam bêbados. No início faziam isso bastante. Ajudava Fitch a esquecer que pessoas achavam que ele havia estuprado Beata.

Morley quis gastar algum dinheiro com prostitutas em uma cidade pela qual passaram, mas Fitch não concordou. Finalmente ele desistiu e deixou que Morley fizesse isso, uma vez que o dinheiro também era dele. Fitch tinha esperado com os cavalos e outras coisas do lado de fora da cidade. Ele sabia o que acontecia às vezes com viajantes que vinham até Fairfield para visitar prostitutas.

Mais tarde, um Morley sorridente disse que cuidaria das coisas deles enquanto Fitch voltava e tinha sua vez visitando uma mulher. Fitch ficou tentado, mas a ideia o deixou todo tenso. Justamente quando pensou que havia controlado o nervosismo, ele imaginou a mulher rindo dele, e então seus joelhos ficaram tremendo e suas palmas suaram bastante. Simplesmente sabia que ela iria rir.

Morley, ele era grande e forte, e viril. Mulheres não ririam de Morley. Beata sempre costumava rir de Fitch. Não queria que alguma mulher que ele nem ao menos conhecia começasse a rir de seu corpo magro logo que ele tirasse as roupas.

Finalmente ele decidiu que não queria arriscar seu objetivo, ou gastar dinheiro com isso. Não sabia quanto custaria chegar até o lugar para onde estavam seguindo e teve medo de ficar sem dinheiro cedo demais. Morley o chamou de tolo, e disse que aquilo realmente valia o custo. Foi tudo sobre o que ele falou durante a semana seguinte. Fitch acabou desejando ter feito aquilo só para Morley calar a boca.

No final das contas, ele não precisava ter se preocupado com o dinheiro. Não tinham gasto muito, não comparado com o valor que eles tinham. O dinheiro tinha ajudado a tornar a viagem rápida. Com dinheiro, puderam trocar os cavalos e seguir adiante sem terem que reduzir o passo tendo cuidado com os animais.

Morley balançou a cabeça. – Todo esse caminho, e aqui estamos nós parados tão perto.

– Eu disse calma. Quer que nos peguem?

Morley ficou em silêncio, a não ser pelo som dele coçando a barba rala. Fitch queria ter mais do que alguns cabelinhos no queixo. Morley estava ganhando uma barba. Às vezes Fitch sentia-se como uma criança perto de Morley, com seus ombros largos e pelos no rosto todo.

Fitch observou enquanto os guardas distantes patrulhavam caminhando para frente e para trás. Não havia caminho de entrada exceto a ponte. Franca tinha falado isso para ele, e agora que estava aqui podia ver por si mesmo. Eles precisavam atravessar aquela ponte, ou estava tudo acabado.

Fitch sentiu um estranho vento sussurrante acariciar sua nuca. Tremeu depois que ele passou.

– O que acha que ele está fazendo? – Morley sussurrou.

Fitch cerrou um pouco os olhos, tentando enxergar melhor de longe. Parecia que um dos guardas estava subindo no muro de pedra do lado da ponte.

Fitch ficou de boca aberta.

– Queridos espíritos! Você viu aquilo!

Morley arfou.

– Porque ele fez aquilo?

Mesmo de longe Fitch conseguiu ouvir os homens gritando, correndo até a borda, olhando para baixo.

– Não consigo acreditar nisso. – Morley falou. – Porque ele pularia?

Fitch balançou a cabeça. Estava prestes a falar quando viu um homem do outro lado da ponte subir no muro de pedra.

Fitch esticou o braço.

– Veja! Lá vai outro!

O homem levantou os braços, abraçando o ar, quando saltou da ponte, para dentro do abismo.

Então, quando os soldados correram para aquele lado, um terceiro saltou para a morte. Isso foi loucura. Fitch ficou deitado ali, sobre a barriga, surpreso.

Ao longe, os sons dos homens gritando quando mais deles pularam da ponte eram como sinos tocando. Eles sacaram as armas, apenas para largá-las e subirem nos muros de pedra também.

Parecia como se algo empurrasse nas costas de Fitch, como a sua própria imaginação pedindo que ele aproveitasse a sua chance enquanto podia. A sensação fez o cabelo em sua nuca ficar eriçado. Ele levantou.

– Vamos lá, Morley. Vamos.

Morley seguiu atrás dele quando Fitch correu de volta até os cavalos, escondidos no meio das árvores. Fitch enfiou o pé no estribo e saltou para cima da sela. Morley estava logo atrás dele quando Fitch bateu no cavalo com os calcanhares, fazendo ele galopar subindo a estrada.

Era uma grande subida, em zigue zague, e ele não podia ver através das árvores se os soldados estavam se reunindo. Não sabia se eles estariam em um estado de choque e confusão que acabaria permitindo a passagem dos dois. Fitch não imaginou que eles teriam qualquer outra chance a não ser esta. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas não acreditava que fosse comum os guardas pularem da ponte todos os dias. Era agora ou nunca.

Quando fizeram a última curva, estavam correndo como o vento. Ele pensou que com a confusão, ele e Morley poderiam passar correndo pelo último dos guardas e cruzar a ponte.

A ponte estava vazia. Não havia soldados em lugar algum. Fitch deixou os cavalos reduzirem para uma caminhada. Lembrar de todos os homens que tinha visto momentos antes causou arrepios na sua espinha. Agora apenas o vento guardava a ponte.

– Fitch, tem certeza que você quer subir ali?

A voz do seu amigo estava trêmula. Então Fitch seguiu o olhar de Morley, e viu aquilo também. Projetava-se da rocha da montanha, como se fosse feita da montanha, como se fosse parte da montanha. Era escura, e de aparência maligna. Simplesmente era o lugar mais terrível que já tinha visto, ou conseguiria imaginar. Havia muralhas, torres, e muros elevando-se além da monumental parede externa dentada.

Estava feliz por estar sentado em uma sela; não sabia se as suas pernas teriam segurado ele com a visão daquele lugar. Nunca tinha visto nada tão grande ou de aparência tão sinistra como a Fortaleza do Mago.

– Vamos. – Fitch, disse. – Antes que eles descubram o que aconteceu e mandem mais guardas.

Morley olhou ao redor na ponte vazia.

– E o que aconteceu?

– É um lugar de magia. Qualquer coisa poderia ter acontecido.

Fitch arrastou o traseiro para frente na sela, sinalizando para seu cavalo avançar. O cavalo não gostou da ponte e estava feliz em correr. Eles não pararam de correr enquanto movimentavam-se através da abertura no muro externo, sob o portão de ferro corrediço com pontas.

Havia um terreno cercado para os cavalos do lado de dentro. Antes que soltassem os cavalos, Fitch disse para Morley deixar as selas neles para que pudessem partir rapidamente. Morley não estava mais interessado em ficar ali do que Fitch. Juntos, eles subiram correndo os doze degraus largos de granito gastos e

rebaixados com o passar dos séculos, certamente pelos pés de incontáveis magos.

Lá dentro, era exatamente como Franca tinha falado, só que as palavras dela sobre o quanto isso era grande não podiam ser comparadas com a verdade da visão. Cem pés acima, um teto envidraçado deixava os raios de sol entrarem. No centro do chão ladrilhado estava uma fonte em forma de trevo. Água era lançada quinze pés no ar acima do recipiente superior, fluindo sobre cada um maior logo abaixo até correr para dentro de uma piscina na parte inferior, cercada por um muro de mármore branco que poderia ser um banco.

As colunas de mármore vermelho eram tão grandes quanto Franca disse. Elas suportavam arcos sob uma sacada que corria por toda extensão ao redor da sala em formato oval. Morley assoviou. O eco retornou de longe.

– Vamos. – disse Fitch, livrando-se de sua própria surpresa.

Eles correram pelo corredor sobre o qual Franca falou e cruzaram uma porta no topo de vários lances de escadas. Seguiram por uma passarela ao redor de construções quadradas sem janelas e então subiram degraus que levavam até a metade do caminho ao redor de uma torre, até uma passarela parecida com um túnel debaixo do que parecia ser uma estrada logo acima, antes de cruzarem uma ponte de pedra sobre um pequeno pátio verde lá embaixo.

Finalmente, eles chegaram até uma muralha massiva tão larga quanto uma estrada. Fitch olhou para o lado direito, entre as aberturas da ameia que eram grandes o bastante para encaixar um homem. Ele podia ver a cidade de Aydindril espalhando-se abaixo. Para um rapaz que cresceu na terra plana de Anderith, era uma visão estonteante. Fitch havia ficado impressionado com muitas coisas que tinha visto pelo caminho, mas nada chegava perto desse lugar.

Na outra ponta da muralha, uma dúzia de colunas imensas de pedras vermelhas variegadas suportava uma plataforma de pedra escura que ficava projetada. Seis das colunas ficavam posicionadas de cada lado de uma porta folheada com ouro. Acima estavam mais camadas de belas pedras esculpidas, algumas decoradas com placas de latão e discos de metal arredondados, todos cobertos com estranhos símbolos.

Quando cruzavam pela longa muralha, Fitch percebeu que a porta devia ter pelo menos dez ou doze pés de altura, e cerca de quatro pés de largura. A porta folheada com ouro estava marcada com alguns dos mesmos símbolos nas placas e discos.

Quando Fitch abriu a porta, ela moveu-se lentamente para o lado de dentro.

– Aqui. – Fitch sussurrou. Não sabia porque estava sussurrando, exceto que talvez tivesse medo de acordar os espíritos dos magos que assombravam o lugar.

Ele não queria que os espíritos fizessem ele pular da muralha como os soldados tinham feito na ponte; parecia como se a borda dela iniciasse uma queda de milhares de pés pelo lado da montanha.

– Tem certeza? – Morley perguntou.

– Vou entrar. Pode esperar aqui ou ir comigo. Você decide.

Os olhos de Morley estavam espiando ao redor, aparentemente sem conseguirem decidir onde focar.

– Acho que vou com você.

Lá dentro, de cada lado, esferas de vidro, quase do tamanho de uma cabeça, repousavam sobre pedestais de mármore verde, como estátuas sem braços esperando para receberem os visitantes da enorme sala com enfeites trabalhados na rocha, no meio, quatro colunas de mármore negro polido, pelo menos tão grandes quanto o comprimento de um cavalo, da cabeça até a cauda, formavam um quadrado que suportava arcos nas bordas externas de um domo central.

Haviam castiçais de ferro trançado segurando velas ao redor de toda a sala, mas lá em cima no domo um anel de janelas deixava a luz entrar, então eles não precisavam acender as velas. Fitch sentiu como se estivesse em um lugar que o próprio Criador pudesse ter feito. Sentiu como se devesse cair de joelhos e rezar em um lugar assim.

Um tapete vermelho seguia descendo da ala onde eles estavam. Em uma fila descendo por cada lado do tapete estavam seis pedestais de mármore branco com seis pés de altura. Cada um devia ter uma circunferência maior do que a barriga de Mestre Drummond. Em cima de cada pedestal estavam diferentes objetos. Belas tigelas, lindas correntes de ouro, uma garrafa negra, e outros objetos entalhados em madeira. Algumas das coisas Fitch não conseguia entender.

Não prestou muita atenção nas coisas sobre as colunas; ao invés disso olhou pela enorme sala, do outro lado do domo central. Ali, ele viu uma mesa cheia de um amontoado de coisas, e lá, apoiada contra a mesa, parecia estar a coisa pela qual tinha vindo.

Entre cada par das colunas negras com topo em ouro, uma ala espalhava-se partindo da vasta câmara central. Do lado esquerdo parecia uma biblioteca bagunçada, com livros empilhados pelo chão todo em altas pilhas. O lado direito da ala estava escuro.

Fitch trotou descendo o tapete vermelho. No final dele, largos degraus, aproximadamente uma dúzia, conduziam até o chão rebaixado de mármore cor de creme no centro do enclave do Primeiro Mago, abaixo do domo. Desceu os degraus dois de cada vez subindo do outro lado, subindo em direção à mesa diante de uma janela alta com o topo arredondado logo adiante.

Um emaranhado de coisas estava espalhado sobre a mesa: tigelas, velas, pergaminhos, livros, jarras, esferas, cubos e pirâmides de metal, havia até mesmo um crânio. Outros objetos maiores estavam jogados pelo chão.

Morley esticou o braço na direção do crânio. Fitch afastou a mão dele com um tapa.

– Não toque em nada. – Fitch apontou para o crânio que olhava para eles.

– Esse poderia ser o crânio de um mago, e se tocar nele, ele poderia voltar a viver. Magos podem fazer isso, você sabe.

Morley afastou a mão.

Com os dedos tremendo, Fitch finalmente esticou o braço e pegou a coisa que tinha vindo buscar. Parecia exatamente como ele imaginava que deveria parecer. O trabalho em ouro e prata era mais belo do que qualquer coisa que Fitch já tinha visto, e tinha visto diversos trabalhos em ouro e prata na Propriedade do Ministro. Nenhum Ander tinha algo que chegasse perto da beleza disso.

– É isso? – Morley perguntou.

Fitch passou os dedos sobre as letras em alto relevo no cabo. Essa era a única palavra que ele conseguia ler.

– É isso. A Espada da Verdade.

Fitch sentiu-se enraizado naquele local enquanto segurava a arma magnífica, permitindo que seus dedos deslizassem sobre o cabo com fios de metal trançado, a guarda, a bainha finamente trabalhada em ouro e prata. Até mesmo o boldrié de couro era feito de forma primorosa, transmitindo uma sensação suave entre os dedos.

– Bem, se você vai levar isso, – Morley disse. – o que acha que eu posso pegar?

– Nada. – surgiu uma voz atrás deles.

Os dois se encolheram e gritaram, ao mesmo tempo. Juntos, deram meia volta.

Os dois ficaram surpresos com o que viram, mal acreditando em seus olhos. Era uma bonita mulher loura de olhos azuis usando uma roupa de couro colada como se fosse uma segunda pele. Ela exibia suas formas femininas de uma maneira que Fitch nunca tinha visto.

Os vestidos decotados que as mulheres Ander usavam mostravam a parte de cima dos seios delas, mas essa roupa, embora cobrisse tudo, de algum modo mostrava mais. Ele podia ver os músculos bem definidos dela flexionando enquanto caminhava em direção à eles.

– Isso não é de vocês. – a mulher falou. – Entregue para mim antes que os garotos se machuquem.

Morley não gostava de ser chamado de garoto, pelo menos não por alguma mulher sozinha. Fitch podia ver os músculos poderosos dele tensos.

A mulher colocou os punhos nos quadris. Para uma mulher sozinha com os dois mais do que capazes de enfrentá-la, ela possuía bastante coragem. Fitch não achou que já tivesse visto muitas mulheres que conseguiam mostrar fúria no olhar tão bem quanto ela conseguia, mas ele não restava realmente com medo. Agora ele era um homem que estava por sua própria conta, e não precisava responder a ninguém.

Fitch lembrou de como Claudine Winthrop ficara indefesa. Lembrou de como foi fácil segurá-la. Essa era uma mulher, exatamente como Claudine, nada mais.

– O que vocês dois estão fazendo aqui? – ela perguntou.

– Acho que poderíamos fazer a mesma pergunta para você. – Morley disse.

Ela olhou para ele e então levantou a mão para Fitch.

– Isso não pertence a você. – balançou os dedos. – Passe para cá antes que eu perca a paciência e acabe machucando você.

No mesmo instante, Fitch e Morley correram em direções opostas. A mulher foi atrás de Fitch. Fitch jogou a espada para Morley. Morley, rindo, pegou a espada, balançando-a para a mulher, provocando-a com ela.

Fitch cortou dando a volta por trás dela e seguiu em direção à porta. Ela correu atrás de Morley. Ele jogou a espada por cima da cabeça e dos braços esticados dela.

Os três dispararam pelo chão rebaixado no centro da sala. Ela mergulhou até Fitch e agarrou a perna dele, derrubando-o. Quando estava caindo, ele lançou a espada para Morley.

Ela estava de pé e correndo antes que Fitch pudesse girar o corpo e levantar. Morley empurrou com o ombro uma das colunas de mármore branco, derrubando-a no tapete vermelho na frente dela. Uma jarra que estava sobre a coluna bateu no chão, despedaçando em milhares de fragmentos que espalharam-se pelo mármore e pelo tapete com um som vibrante, quase musical.

– Vocês dois não sabem o que estão fazendo! – ela gritou. – Parem com isso imediatamente! Isso não é de vocês! Isso não é um jogo de criança! Não possuem o direito de tocar em nada nesse lugar! Poderiam causar um grande dano! Parem! Vidas estão em jogo!

Ela e Morley dançaram em volta dos lados opostos de outra coluna. Quando ela pulou para alcançá-lo, ele empurrou a coluna na direção dela. Ela soltou um grito quando o pesado vaso de ouro sobre a coluna caiu e bateu em seu ombro. Fitch não sabia se foi a dor ou a raiva que fez ela gritar.

Os três serpentearam ao redor das colunas nos dois lados do tapete vermelho, chegando cada vez mais perto da porta. Fitch e Morley jogaram a espada de um lado para outro entre eles, mantendo-a confusa. Fitch empurrou uma das colunas para tentar atrasá-la e ficou surpreso com o peso dela. Pela maneira como Morley as jogava Fitch havia pensado que eram fáceis de derrubar; não eram, então ele não tentou mais.

Ela estava falando para eles que parassem de destruir as valiosas coisas de magia, mas quando Morley derrubou a coluna com a garrafa negra, ela gritou. A coluna desabou. A garrafa rodopiou no ar.

Ela mergulhou no chão, sua longa trança loura voando quando atingiu o solo e deslizou. A garrafa quicou nas mãos dela,

escapulindo, e então bateu no tapete e rolou, mas não quebrou.

Pela expressão no rosto dela, Fitch podia pensar que era a própria vida dela que seria poupada se a garrafa não quebrasse.

Ela levantou e correu atrás deles enquanto eles cruzavam a porta. Do lado de fora, Morley, rindo, jogou a espada para Fitch enquanto corriam pela borda da muralha.

– Vocês, garotos, não fazem ideia do que está em jogo. Preciso dessa espada. Isso é importante. Ela não pertence a vocês. Entreguem para mim, por favor, e deixarei vocês irem embora.

Morley estava com aquele olhar, aquela expressão que mostrava o seu desejo de machucá-la. Machucá-la bastante. Ele ficou desse jeito com Claudine Winthrop.

Fitch só queria a espada, mas podia ver que seriam obrigados a fazer algo sério para detê-la, caso contrário ela causaria problemas sem fim para eles. Não estava disposto a entregar a espada. Não agora, não depois de tudo que eles passaram.

– Ei, Fitch, – Morley gritou. – acho que está na hora de você ter sua vez com uma mulher. Essa aqui é de graça. O que você acharia se eu segurasse ela para você?

Fitch certamente achava que ela era uma mulher de aparência muito boa. E era ela quem estava causando problemas para eles. Seria culpa dela. Ela não os deixaria em paz. Não iria cuidar dos seus próprios assuntos. Ela pediu por isso.

Fitch sabia que uma vez que estava fazendo isso pelas razões certas, com boas razões, ele merecia ser o *Seeker* da Verdade. Essa mulher não tinha direito algum de interferir nisso.

Ali fora, sob o sol brilhante, o couro vermelho dela parecia de uma cor mais agressiva. Seu rosto certamente estava. Ela estava com uma aparência como se alguém a tivesse levantado por sua longa trança loura, e mergulhado em sangue.

– Tentei fazer do jeito dele. – ela resmungou para si mesma. – Tentei agradá-lo. – Fitch pensou que ela podia ser louca, parada ali,

com as mãos nos quadris, falando para o céu. – E o que eu ganhei? Isso. Chega. Já tive o bastante disso.

Ela forçou um suspiro raivoso, então tirou luvas de couro vermelho que tinha enfiado no cinto com duas voltas apertando a parte superior da roupa na cintura. O modo como ela colocou as luvas, balançando os dedos dentro delas, mostrou uma determinação assustadora.

– Não avisarei vocês outra vez, garotos. – ela disse, dessa vez com um rosnado que fez os cabelos da nuca de Fitch ficarem eriçados.

– Entreguem isso, e entreguem agora.

Enquanto ela estava olhando com ódio para Fitch, Morley correu para cima dela. Girou seu grande punho para acertar o lado da cabeça dela. Tão forte quanto ele moveu o punho, Fitch pensou que ele a mataria com o primeiro golpe.

A mulher nem ao menos olhou para Morley. Segurou o punho dele, girou ele, e num piscar de olhos passou por baixo, torcendo o braço dele nas suas costas. Ela cerrou os dentes, e moveu o braço dele para cima.

Fitch ficou chocado quando ouviu o ombro de Morley soltar um estalo horrível. Morley gritou. A dor fez ele cair de joelhos.

Essa mulher não era como qualquer outra que Fitch já tinha visto. Agora ela estava aproximando-se dele. Não estava correndo, mas caminhando com uma determinação que tirou o fôlego de Fitch.

Ele ficou congelado, sem saber o que fazer. Não queria abandonar seu amigo, mas seus pés queriam correr. Também não queria entregar a espada. Tateou cegamente pelo muro com ameias atrás dele quando começou a recuar. Morley estava de pé. Correu até a mulher. Ela simplesmente continuava seguindo atrás de Fitch, atrás da espada. Fitch decidiu que poderia ter que sacar a espada e enfiar nela, na perna, ou algo assim, ele imaginou. Poderia feri-la.

Mas então não parecia que precisaria fazer isso; Morley estava chegando perto dela, um touro enfurecido atacando com força total.

Não haveria como parar o homem dessa vez.

Sem ao menos virar para Morley, ela deslizou para o lado, jamais tirando os olhos de Fitch, e levantou o braço, golpeando com o cotovelo, no rosto de Morley.

A cabeça dele moveu-se para trás. Sangue espirrou.

Nem mesmo respirando com esforço, ela virou e agarrou a mão esquerda boa de Morley. Com os dedos na palma dele e o dedão atrás da mão dele, ela dobrou-a para baixo no pulso até que os joelhos de Morley dobrassem enquanto ela o conduzia até o muro.

Morley estava chorando como uma criança, implorando para que ela parasse. Seu outro braço estava inutilizado. Seu nariz estava esmagado horivelmente. Sangue escorria do rosto dele. Devia estar espalhado nela também, mas com aquele couro vermelho dela, Fitch não podia afirmar.

Ela continuou empurrando Morley com firmeza, impiedosamente, até o muro. Sem uma palavra, agarrou ele pela garganta com a outra mão, e, tranquilamente, de modo indiferente, jogou ele através da abertura de uma ameia, direto no ar.

Fitch ficou de boca aberta. Não esperava que ela fizesse aquilo, que isso fosse tão longe.

Morley gritou com toda força enquanto despencava pelo lado da montanha. Fitch ficou imóvel, escutando seu amigo da terra plana de Anderith mergulhar descendo o lado de uma montanha. O grito de Morley cessou de forma brusca.

A mulher não estava mais falando, fazendo nenhuma exigência. Agora estava simplesmente seguindo atrás de Fitch. Seus olhos azuis estavam fixos nele. Ele sabia que se ela o pegasse sem dúvida o mataria também.

Essa não era nenhuma Claudine Winthrop. Essa não era nenhuma mulher que o chamaria de “Senhor”.

Finalmente os pés de Fitch encontraram seu caminho.

Se havia uma coisa a respeito de Fitch que era melhor do que Morley e todos os músculos dele, era que Fitch conseguia correr como o vento. Agora, ele corria como uma ventania.

Uma rápida olhada para trás o deixou chocado; a mulher conseguia correr mais rápido. Era alta, e tinha pernas mais longas. Ela o alcançaria. Se isso acontecesse, esmagaria seu rosto, tão facilmente quanto esmagou o de Morley. Também jogaria ele para a morte. Ou tomaria a espada dele e arrancaria seu coração.

Fitch podia sentir lágrimas rolando por suas bochechas. Nunca correu tão rápido. Ela estava correndo mais rápido.

Desceu degraus, mais caindo do que correndo. Mergulhou para o nível seguinte da escada por cima do lado da plataforma.

Tudo era um borrão. Paredes de pedra, janelas, corrimões, degraus, tudo passava velozmente em uma mancha de luz e escuridão.

Fitch, segurando a Espada da Verdade contra o peito, passou através de um portal, agarrou a borda da grossa porta com sua mão livre, e fechou-a batendo. Enquanto a porta ainda estava tremendo no portal, ele derrubou um grande pedestal de pedra no chão atrás da porta. Era mais pesado do que as colunas de mármore branco, mas o terror deu forças a ele.

Justamente quando o pedestal de granito atingiu o chão, ela bateu contra a pesada porta de carvalho. O impacto abriu a porta algumas polegadas. Poeira levantou. Tudo ficou quieto durante um momento; então a mulher soltou um grunhido e Fitch soube que ela foi machucada.

Sem desperdiçar a chance, ele correu através da Fortaleza do Mago, fechando portas, empurrando coisas atrás delas se houvesse algo perto. Nem mesmo sabia se estava indo na direção certa. Seus pulmões ardiavam enquanto ele corria, chorando por seu amigo. Fitch mal conseguia acreditar que aquilo aconteceu, que Morley estava

morto. Ficou vendo a imagem de novo e de novo em sua mente. Quase teve esperança de que o grande tolo o alcançasse e falasse que foi uma brincadeira.

A espada nos braços de Fitch havia custado a vida de Morley. Fitch teve que enxugar as lágrimas para conseguir enxergar. Uma espiada por cima do ombro mostrou um longo corredor serpenteante vazio.

Mas ele podia ouvir portas abrindo. Ela estava chegando.

Ela não desistiria por nada. Era um espírito da vingança chegando para tomar a vida dele por ter removido a Espada da Verdade de seu lugar na Fortaleza do Mago. Ele continuou correndo, mais rápido.

Fitch saiu no meio da luz do sol, desorientado durante um momento. Girou o corpo e viu os cavalos. Três. O dele e o de Morley, e o da mulher. Alforjes com as coisas dela estavam pendurados na cerca.

Para ficar com as mãos livres, Fitch passou o boldrié da espada por cima da cabeça, colocando a faixa de couro sobre o ombro direito e diagonalmente sobre o peito para deixar a arma pendurada no quadril esquerdo como deveria ficar. Pegou as rédeas dos três cavalos. Segurou a sela do que estava mais próximo e subiu.

Com um grito para encorajá-los a partir, enfiou os calcanhares no cavalo. Era o cavalo dela; os estribos estavam ajustados longos demais e seus pés não alcançavam, então pressionou as pernas na barriga do cavalo e segurou-se como podia enquanto o grande animal galopava através do portão do cercado com os outros dois cavalos sendo puxados logo atrás.

Quando os cavalos alcançaram a estrada com toda velocidade, a mulher de vermelho saiu da Fortaleza, com sangue do lado de seu rosto. Ela segurava uma garrafa negra em uma das mãos. Era a garrafa que estava na Fortaleza, a garrafa que caiu mas não quebrou.

Ele curvou o corpo para frente sobre o pescoço do cavalo enquanto ele corria pela estrada. Fitch espiou por cima do ombro. A mulher estava correndo pela estrada atrás dele. Ele estava com o cavalo dela, ela estava a pé, um longo caminho até outro cavalo.

Fitch tentou afastar os pensamentos de Morley da sua mente. Tinha a Espada da Verdade. Agora podia ir para casa e usá-la para ajudá-lo a provar que não estuprou Beata, e que fez o que fez com Claudine Winthrop para proteger o Ministro das mentiras horríveis dela.

Fitch olhou por cima do ombro novamente. Ela estava muito mais distante, mas ainda correndo. Ele sabia que não podia ousar parar por nada. Ela estava vindo. Estava vindo atrás dele e não iria parar por nada, nem ninguém.

Ela não desistiria. Não descansaria. Não iria parar. Se ela o pegasse, arrancaria seu coração.

Fitch bateu com os calcanhares no cavalo, fazendo ele correr mais rápido.

CAPÍTULO 55



Kahlan curvou sobre o ombro de Richard e esfregou suas costas enquanto ele ficava sentado na pequena mesa.

– Achou alguma coisa? – ela perguntou.

Ele afastou o cabelo da testa.

– Ainda não tenho certeza. – bateu com um dedo no pergaminho. – Mas tem alguma coisa nisso... Tem mais informação específica do que a maioria das escrituras de Ander na biblioteca da propriedade do Ministro.

Kahlan sorriu. – Espero que sim. Vou esticar minhas pernas, checar os outros.

Um som de assentimento escapou da garganta dele enquanto estudava o pergaminho.

Eles passaram dois dias na biblioteca da propriedade, olhando tudo ali sobre ou de Joseph Ander. Eram mais escrituras sobre ele mesmo, e aquilo que ele acreditava serem percepções que anteriormente não foram descobertas sobre o comportamento humano. Ele falava bastante sobre como as suas observações eram mais relevantes para o curso dos eventos humanos do que eram aquelas de qualquer um dos que vieram antes dele.

A maior parte da leitura foi acompanhada de grande surpresa. Era quase como escutar um adolescente que pensava saber tudo, e falhava em enxergar o quão genuinamente ignorante ele era. A única coisa que podiam fazer era ler silenciosamente as palavras dele, impossibilitados de corrigir algumas das declarações mais

grandiosas que qualquer adulto deveria ter deixado de lado fazia muito tempo.

Joseph Ander acreditava possuir o lugar perfeito onde podia conduzir as pessoas na vida ideal, sem que quaisquer forças exteriores fossem capazes de perturbar sua “comunidade equilibrada”, como ele a chamava. Ele explicava que havia percebido que não precisava mais do apoio ou conselho de outros, referindo-se aos magos na Fortaleza em Aydindril, Richard acreditava, e que até mesmo percebeu que tal contaminação do exterior era profundamente danosa porque corrompia as pessoas na comunidade coletiva dele com o maligno egoísmo.

Nenhum nome além do seu próprio era registrado por Joseph Ander. Referia-se a pessoas como “um homem”, ou “uma mulher”, ou dizia que “o povo” construiu, plantou, reuniu, ou cultuou.

Joseph Ander parecia ter encontrado o lugar perfeito para si mesmo: uma terra onde seus poderes excediam o de qualquer outro, e onde o povo todo o adorava. Richard acreditava que Joseph Ander estava confundindo medo com adoração. Em qualquer evento, a situação permitia que o homem estabelecesse a si mesmo como um estimado e celebrado líder, um Rei virtual, com inquestionável autoridade sobre uma sociedade onde ninguém mais tinha permissão de mostrar individualismo ou exercer superioridade.

Joseph Ander acreditava ter estabelecido uma terra abençoada onde o sofrimento, cobiça, e inveja tivessem sido eliminados, onde a cooperação tomava o lugar da avareza. Purificação da cultura, execuções públicas, deixavam esse harmonioso estado da comunidade coletiva em equilíbrio. Ele chamava isso de “queimar os refugos”.

Joseph Ander havia transformado-se em um tirano. As pessoas professavam sua crença nele e viviam de acordo com os costumes dele, ou morriam.

Richard apertou a mão de Kahlan antes que ela partisse. A pequena construção não era grande o bastante para que os outros ficassem dentro. Era grande o bastante apenas para a pequena mesa e a cadeira de Joseph Ander, a qual, para o horror do idoso cujo dever era tomar conta dos valiosos artefatos, Richard estava ocupando. O velho não teve coragem de recusar o pedido de Richard.

Richard quis sentar na cadeira de Joseph Ander para sentir um pouco do homem. Kahlan já havia conseguido uma boa sensação do déspota totalitário.

Descendo uma certa distância pelo caminho, pessoas da cidade de Westbrook estavam reunidas. Elas observavam admiradas quando Kahlan levantou a mão para acenar, fazendo uma saudação. Muitas ficaram sobre um dos joelhos apenas porque ela olhou na direção delas.

Soldados já haviam transmitido notícia sobre a votação que aproximava-se, assim como levavam as palavras a muitos lugares. Com Richard e Kahlan aqui, o povo esperava ouvir eles falarem sobre o assunto da união com o Império D'Haran assim como a maior parte de Midlands esperava. Para essas pessoas, Midlands, embora eles fossem parte dela, parecia uma terra estranha e distante. Eles viviam suas vidas nesse pequeno lugar, em sua maior parte ouvindo poucas notícias, além de rumores, do mundo exterior.

Guardas D'Haran mantinham a multidão afastada enquanto Richard via os artefatos do notável fundador deles e do qual sua terra ganhou o nome. Mestres da Lâmina Baka Tau Mana ajudavam os guardas. Richard tinha falado para os soldados agirem de forma amigável e serem "gentis".

Descendo pelo caminho, Kahlan avistou Du Chaillu sozinha, fora da trilha, descansando sobre um banco feito de tora partida e colocado na sombra debaixo de uma árvore de cedro. Kahlan passou a respeitar a firme determinação da Mulher dos Espíritos. Ela

parecia ter insistido corretamente em vir por nenhuma outra razão a não ser sua determinação em ajudar Richard, seu “marido”, o Caharin do povo dela. Kahlan, depois que Du Chaillu o ajudou naquele dia quando ele caiu do cavalo, estava menos inquieta com o fato dela estar junto com eles.

Embora Du Chaillu muitas vezes tivesse lembrado Richard de que, como sua esposa, ela estaria disponível caso ele a desejasse, nunca realizou qualquer avanço em seu próprio benefício. De uma forma bizarra, parecia que ela estava sendo apenas educada. Parecia que enquanto Du Chaillu estaria perfeitamente feliz em servir e submeter-se de qualquer maneira como esposa dele, ela oferecia os serviços mais por dever e respeito com as leis do seu povo do que por desejos pessoais.

Du Chaillu cultuava aquilo que Richard representava. Não cultuava Richard, exatamente. Ainda que Richard não encontrasse muito conforto nisso, Kahlan encontrava.

Enquanto as coisas continuassem desse jeito, Du Chaillu e Kahlan mantinham uma desconfortável trégua. Kahlan ainda não confiava na mulher, não quando Richard era o alvo da atenção dela, fosse por dever ou por qualquer outro motivo.

De sua parte, Du Chaillu enxergava Kahlan, em seu papel como líder do povo dela, em sua magia, e como esposa de Richard, não como uma superior, mas simplesmente como uma igual. Kahlan tinha vergonha em admitir para si mesma que entre tudo isso, ficava irritada por causa disso mais do que tudo.

– Importa-se se eu sentar com você?

Du Chaillu inclinou um pouco para trás, esticando-se, para descansar os ombros contra a árvore. Levantou uma das mãos apontando para o espaço vazio ao lado dela, aceitando o pedido. Kahlan segurou o vestido branco de Madre Confessora atrás dos joelhos e sentou.

Enfiadas entre as árvores em uma pequena área ao lado do caminho, elas estavam invisíveis para aqueles que passavam. Era um local particular, mais apropriado para dois amantes do que para duas esposas do mesmo homem.

– Você está bem, Du Chaillu? Parece um pouco... cansada.

Du Chaillu ficou confusa com a expressão de preocupação de Kahlan. Finalmente ela sorriu quando entendeu o significado. Segurou a mão de Kahlan e colocou sobre a barriga arredondada firme, pressionando a mão e segurando-a com as duas mãos dela. A mulher estava ficando bem grandinha.

Kahlan sentiu a vida mover-se dentro de Du Chaillu. Sentiu o movimento da criança. Du Chaillu sorriu orgulhosa. Kahlan afastou a mão.

Kahlan aninhou as mãos no colo. Ficou olhando para as nuvens. Esse não era o jeito como deveria ser. Sempre pensou que esse momento seria alegre.

– Isso desagrada você?

– O quê? Não... de modo algum. É uma coisa maravilhosa.

Os dedos de Du Chaillu seguraram o queixo de Kahlan, fazendo o rosto dela virar.

– Kahlan, você está derramando lágrimas?

– Não. Não é nada.

– Está infeliz, porque eu tenho uma criança?

– Não, Du Chaillu, não, eu não estou infeliz...

– Está infeliz porque eu tenho uma criança, e você não?

Kahlan segurou a língua, ou perderia o autocontrole.

– Não devia ficar infeliz, Kahlan. Você terá uma criança. Algum dia. Isso acontecerá.

– Du Chaillu... eu estou grávida.

Du Chaillu colocou uma das mãos nas costas e esticou o corpo.

– Verdade? Estou surpresa. Jiaan não disse para mim que você e nosso marido estiveram juntos desse jeito.

Kahlan estava chocada em saber que Du Chaillu estava recebendo relatórios desse tipo. De certa maneira, estava aliviada que não houvesse nada para relatar, e de certo modo ela desejava que houvesse, só para irritá-la em sua competição como uma esposa.

– Nosso marido deve estar muito feliz. Parece que ele gosta de pequeninos. Ele será um bom...

– Richard não sabe. Tem que prometer, Du Chaillu, que não vai contar para ele.

A mulher franziu a testa.

– Porque eu faria uma promessa dessa?

Kahlan inclinou chegando um pouco mais perto.

– Porque fui eu quem fez Richard permitir que você viesse conosco. Porque fui eu quem disse que você podia ficar conosco mesmo depois que nossos homens chegaram. Você prometeu a Richard que partiria quando nossos homens chegassem, mas então você quis ficar conosco, e eu fiz ele deixar. Lembra?

Du Chaillu balançou os ombros.

– Se você quer assim, então eu não contarei para ele. De qualquer modo, você deveria guardar o segredo e fazer uma surpresa para ele na hora certa. – ela mostrou um sorriso para Kahlan. – As esposas do Caharin devem continuar unidas.

– Obrigada. – Kahlan sussurrou.

– Mas quando...?

– Durante a noite do nosso casamento. Quando estávamos com o Povo da Lama, pouco antes de você aparecer.

– Ah. Isso explicaria porque não recebi essa notícia.

Kahlan deixou essa passar.

– Mas porque não quer que Richard fique sabendo? Ele ficaria feliz.

Kahlan balançou a cabeça.

– Não, ele não ficaria. Isso será um grande problema. – Kahlan levantou o colar com a pequena pedra. – Nós ganhamos isso de uma

feiticeira, para nos impedir de concebemos uma criança por enquanto. É uma longa história, mas por enquanto, não devemos ter uma criança ou teremos problemas.

– Então porque você está com uma criança?

– Por causa das Notas. A magia falhou. Mas antes que nós soubéssemos... Bem, não sabíamos que o colar não funcionaria na noite em que nos casamos. A magia devia nos impedir de concebemos uma criança, mas a magia dele falhou. Isso não devia acontecer.

Kahlan teve que se esforçar para não permitir que as lágrimas retornassem.

– Mesmo assim Richard ainda ficaria feliz. – Du Chaillu declarou em um sussurro consolador.

Kahlan balançou a cabeça.

– Você não entende tudo que está envolvido. A vida dele estaria em grande perigo se as pessoas descobrissem. A feiticeira jurou matar essa criança, mais ainda, eu a conheço; ela decidirá que para evitar o problema futuro terá que matar a mim ou Richard.

Du Chaillu pensou naquilo.

– Bem, logo acontecerá essa votação tola, onde as pessoas falarão para ele o que ele já devia saber, que ele é o Caharin. Depois disso, tudo ficará bem. Então vocês poderão se esconder para terem o bebê. – a Mulher dos espíritos colocou uma das mãos no ombro de Kahlan. – Vocês virão comigo, de volta até os Baka Tau Mana. Protegeremos vocês até que você tenha a criança do Caharin. Protegeremos vocês e sua criança.

Kahlan deu um suspiro para evitar um gemido.

– Obrigada, Du Chaillu. Você é uma boa pessoa. Mas isso não ajudaria. Preciso fazer alguma coisa para... me livrar disso. Encontrar uma mulher das ervas, ou uma parteira. Preciso retirar essa criança antes que seja tarde demais.

Du Chaillu esticou o braço e segurou a mão de Kahlan novamente e colocou-a sobre o bebê. Kahlan fechou os olhos com força quando sentiu o movimento da criança.

– Não pode fazer isso com a vida dentro de você, Kahlan. Não com a vida que vem do seu amor. Não deve. Seria pior.

Richard saiu da pequena construção, segurando o pergaminho. – Kahlan? – ele chamou. Ela podia vê-lo através de uma fenda entre as árvores, mas ele não viu Kahlan no banco.

Kahlan virou para Du Chaillu. – Deu sua palavra que guardará esse segredo.

Du Chaillu sorriu e tocou na bochecha de Kahlan do jeito que uma avó poderia tocar uma neta, cheia de compaixão. Kahlan sabia que acabara de ser tocada não por Du Chaillu, a primeira esposa de Richard, mas por Du Chaillu, Mulher dos Espíritos dos Baka Tau Mana.

Kahlan levantou, ao mesmo tempo assumindo sua expressão de Confessora. Richard avistou-a e aproximou-se rapidamente. Ficou olhando para ela e para Du Chaillu. Finalmente, deixou de lado sua confusão e mostrou o pergaminho para Kahlan.

– Nunca imaginei que isso tivesse algo a ver com a palavra “ensinar”.

– O quê? – Kahlan perguntou.

– A *Dominie Dirtch*. Veja aqui. – ele deu um tapinha no pergaminho. – Diz que ele não temia a intervenção de colegas invejosos uma vez que estava... – Richard passou um dedo debaixo das palavras enquanto lia bem alto. – “protegido pelos demônios”.

Kahlan não tinha a menor ideia sobre o que ele estava falando.

– E isso é importante porque...?

Richard estava lendo o pergaminho outra vez.

– O quê? Oh, sim. Bem, quando você disse o nome para mim pela primeira vez, *Dominie Dirtch*, eu pensei que era Alto D’Haran, mas não consegui entender o significado. É uma daquelas

enganadoras frases multidimensionais sobre as quais eu falei para você.

– De qualquer modo, “*Dominie*” é uma palavra que tem relação com *educação*, como em *ensinar*, ou *treinar*, ou, mais importante ainda, *controlar*. Agora que eu vi essa outra parte, isso estimulou minha mente na tradução da coisa.

– “*Dominie Dirtch*” significa “*Controlar os demônios*”.

Kahlan só conseguiu ficar olhando durante um momento.

– Mas... o que isso quer dizer?

Richard levantou os braços.

– Não sei, mas tudo está se encaixando, tenho certeza.

– Bem, está certo. – Kahlan disse.

Ele fez uma careta para ela.

– Qual é o problema? Seu rosto está, eu não sei... com uma aparência estranha.

– Bem, obrigada.

Ele ficou vermelho. – Não queria dizer que parece ruim.

Kahlan balançou uma das mãos.

– Não, não é nada. Só estou cansada. Estivemos fazendo uma viagem dura e tendo conversas intermináveis com pessoas.

– Você conhece um lugar chamado As Fornalhas?

– Fornalhas. – Kahlan franziu a testa, pensativa. – Sim, lembro do lugar. Não fica longe daqui, de fato. Subindo um pouco mais acima do Vale Nareef.

– Qual a distância?

Kahlan balançou um ombro.

– Poderíamos chegar até lá em duas horas, no meio da tarde, se por alguma razão isso for importante.

– Ander fala sobre isso nesses pergaminhos. Menciona isso obliquamente em conjunto com os demônios, a *Dominie Dirtch*. Foi nessa passagem que eu juntei as duas coisas.

Richard olhou descendo o caminho, para o grupo de pessoas reunidas, aguardando pacientemente.

– Depois que falarmos com essas pessoas, gostaria de subir até lá e dar uma olhada.

Kahlan segurou o braço dele. – É um lugar bonito. Não me importaria em vê-lo de novo. Agora, vamos dizer a essas pessoas porque precisamos que eles marquem o círculo e juntem-se a nós.

Os rostos ansiosos eram em maior parte Haken. A maioria trabalhava em fazendas ao redor da pequena cidade de Westbrook. Como todas as pessoas que vieram para vê-los quando viajaram por Anderith, essas estavam atentas e preocupadas. Sabiam que a mudança estava no vento. Para a maioria das pessoas, mudar era considerado perigoso.

Ao invés de falar com eles de modo frio, Richard caminhou entre eles, perguntando seus nomes, sorrindo para suas crianças, passando a mão ou um dedo na bochecha dos pequeninos. Porque era desse desse jeito que Richard realmente era, porque isso era sincero e não apenas uma ação, dentro de alguns minutos estava com um monte de crianças agitadas ao redor dele. Mães sorriam enquanto ele tocava cabeças jovens, de cabelos negros e vermelhos da mesma maneira. As expressões de preocupação nos rostos de pais também aliviaram.

– Bom povo de Anderith, – Richard começou a fala no meio deles. – a Madre Confessora e eu viemos falar com vocês, não como governantes, mas como seus defensores. Não viemos para ditar, mas para ajudá-los a entenderem as escolhas diante de todos nós, e sobre a chance que vocês possuem para decidirem por si mesmos qual será o seu futuro.

Acenou com um braço, e Kahlan abriu caminho através da multidão de crianças sorridentes para ficar ao lado dele. Ela pensou que elas podiam temer um homem grande como Richard, vestido como ele estava com aquela roupa negra e dourada que fazia ele

parecer muito mais imponente, mas muitas delas aproximavam-se dele como se ele fosse um tio favorito.

Era do vestido branco da Madre Confessora que elas tinham medo, pois como a maioria em Midlands foram avisadas sobre a Madre Confessora e seu poder. Elas abriam caminho para ela, fazendo o melhor que podiam para não entrarem em contato com o vestido branco dela enquanto tentavam permanecer perto de Richard. Kahlan sofria desejando que elas ficassem perto dela do modo como ficavam de Richard, mas ela entendia. Passou uma vida toda entendendo aquilo.

– A Madre Confessora e eu nos casamos porque nos amamos. Também amamos o povo de Midlands e D’Hara. Da mesma maneira que desejamos nos unir no casamento para que pudéssemos olhar adiante em uma vida juntos, queremos que o povo de Anderith junte-se a nós e aos outros povos de Midlands, que sigam junto conosco dentro de um futuro forte e seguro, um que forneça a vocês e suas crianças a esperança de uma vida melhor.

– A tirania está marchando vindo do Mundo Antigo. A Ordem Imperial escravizaria vocês. Eles não oferecem escolha a não ser submeterem-se ou a morte. Somente se vocês unirem-se a nós, terão uma chance de ficarem em segurança.

– A Madre Confessora e eu acreditamos que se juntarmos o povo de Midlands e D’Hara, todos unidos para sustentarmos nossa liberdade, podemos repelir essa ameaça aos nossos lares e segurança... e ao futuro de nossas crianças.

– Se nos submetermos timidamente sob a tirania, nunca teremos chance de testarmos nossas asas. Nunca mais nossos espíritos se elevarão orgulhosamente nos ventos da esperança. Ninguém terá chance de criar uma família em paz, ou será capaz de sonhar que seus filhos farão melhor, ou conseguirão alcançar mais.

– Se não enfrentarmos a Ordem Imperial, viveremos sob a sombra da escravidão. Uma vez que isso aconteça, mergulharemos

para sempre na escuridão da opressão.

– Foi por isso que viemos falar com vocês. Precisamos que vocês fiquem do nosso lado, que fiquem com as pessoas que desejam a paz, com aqueles que sabem que o futuro pode ser brilhante e cheio de esperança.

– Precisamos que vocês juntem-se a nós e marquem um círculo para completar nossa aliança pela liberdade.

Kahlan escutou, como tinha feito durante semanas, enquanto Richard falava do fundo do coração sobre o que significaria juntar-se a eles na causa da liberdade.

No início, o povo estava tenso e cauteloso, pouco tempo depois, a natureza de Richard havia conquistado a maioria. Fez eles rirem, e então quase derramarem lágrimas enquanto ele estimulava neles a vontade de obterem a liberdade para alcançarem a grandeza, mostrando a eles o simples poder que poderiam ter se eles e suas crianças tivessem permissão para aprenderem, para lerem.

No começo, isso deixou as pessoas nervosas, até Richard colocar em termos que eles podiam entender: uma carta escrita a um parente que morava em algum outro lugar, ou para uma criança que partiu em busca de uma vida melhor. Ele fez as pessoas entenderem o valor do conhecimento e como isso poderia tornar as vidas deles melhores das maneiras que tinha falado para eles com oportunidades de trabalho melhor, ou realizar mais do que conseguiam no trabalho.

– Mas a Ordem Imperial não permitirá que vocês aprendam, porque o conhecimento é perigoso para opressores. Para aqueles que os dominariam, o conhecimento deve ser destruído, porque pessoas que entendem são pessoas que ficarão contra a injustiça da elite.

– Eu permitiria que todos aprendessem, para que possam decidir por si mesmos o que desejam. Essa é a diferença: eu confio que vocês aprendam, para fazerem melhor, para lutarem por seus objetivos, simples e grandes. A Ordem Imperial não confia, e ditará tudo.

– Juntos, teremos uma só terra, com um conjunto de leis que a torne segura para todos as pessoas, onde nenhum homem, seja ele Magistrado, Ministro ou Imperador, esteja acima da lei. Somente quando todos devem baixar as cabeças para as mesmas leis é que cada uma das pessoas é livre.

– Entrei nisso não para governar, mas para apoiar o princípio da liberdade. Meu próprio pai, Darken Rahl, era um ditador que governava através da intimidação, tortura, e assassinato. Nem mesmo ele estava acima da lei pela qual espero que todos nós vivamos. Tomei o governo dele para que ele não pudesse mais abusar do seu povo. Eu lidero pessoas livres, eu não governo súditos.

– Não quero dizer a vocês como devem viver, ao invés disso quero que todos vocês vivam em paz e segurança as vidas que escolherem para si mesmos. Não gostaria de nada mais para mim e para a Madre Confessora, minha esposa, do que criarmos uma família juntos, em paz e segurança, com pouca necessidade de devotar o meu tempo para assuntos de governo.

– Peço a vocês que marquem um círculo, e juntem-se a nós, para o seu próprio bem, pelo bem daqueles que ainda nascerão.

* * *

Dalton encostou um ombro contra o canto da construção e cruzou os braços enquanto escutava. O Diretor Prevot, do Escritório de Relações Culturais, falava de uma sacada acima de uma grande multidão em uma das praças da cidade. Estava falando fazia um bom tempo.

A multidão, a maioria Haken, reuniu-se para ouvir sobre os eventos que viriam. Rumores estavam correndo pela cidade. Pessoas estavam assustadas. Eles vieram, em sua maior parte, não para

verem como evitar uma calamidade, mas para verem se precisavam se preocupar com os boatos.

Dalton via a situação com preocupação.

– Vocês sofrerão enquanto aqueles poucos especiais são recompensados? – o Diretor gritava para a multidão. Eles responderam com um “não” coletivo.

– Vocês trabalharão até a morte enquanto os escolhidos de D’Hara apenas ficam mais ricos?

Novamente a multidão gritou. – Não!

– Devemos permitir que nosso bom trabalho de ajudar todos os Hakens a elevarem-se acima de sua natureza seja colocado de lado por esse homem? Permitiremos que nosso povo seja conduzido novamente para fora do caminho pela cruel enganação da educação?

A multidão gritou mostrando concordar com o Diretor Prevot, alguns balançando seus chapéus, como Dalton os havia instruído para fazerem. Haviam talvez cinquenta dos mensageiros Haken dele na multidão, usando suas roupas antigas, fazendo o melhor que podiam para aumentar a emoção nas respostas ao discurso do Diretor Prevot.

Algumas pessoas estavam capturadas pela paixão das palavras, sem dúvida, mas a maior parte da multidão observava silenciosamente, julgando se as suas próprias vidas seriam alteradas por aquilo que escutavam. A maioria das pessoas pesava os assuntos em uma escala, com a vida deles de um lado, e os eventos diante deles do outro. A maioria das pessoas estava satisfeita com a forma que as coisas eram, então ficavam preocupados apenas se os eventos do outro lado da escala ameaçavam pesar mais ou mudar suas vidas.

Dalton não estava contente. Essas pessoas, mesmo concordando, não enxergavam os eventos do outro lado da escala como algo que fosse afetar a vida delas. Dalton sabia que eles tinham um problema. A mensagem estava sendo enviada, mas estava caindo em pouco mais do que ouvidos indiferentes.

– Ele está fazendo muitas declarações boas. – Teresa disse.

Dalton abraçou os ombros dela. – Sim, ele está.

– Acho que o homem está certo. Os pobres Hakens irão apenas sofrer se não continuarmos a cuidar do bem estar deles. Não estão preparados para lidar com a crueldade da vida sozinhos.

O olhar de Dalton moveu-se entre as pessoas paradas como estátuas enquanto observavam o Diretor colocar para fora sua paixão.

– Sim, querida, você tem razão. Devemos fazer mais para ajudar o povo.

Então, Dalton percebeu o que estava faltando, e o que deveria fazer.

CAPÍTULO 56



– Não. – Richard disse para Du Chaillu.

Ela cruzou os braços, com raiva. O modo como a grande barriga arredondada projetava-se fez a pose dela parecer quase engraçada.

Richard inclinou em direção a ela e baixou a voz.

– Du Chaillu, não consegue entender que eu gostaria de ficar sozinho com minha... com Kahlan, só um pouquinho? Por favor?

A raiva de Du Chaillu fraquejou. Sua expressão aliviou.

– Oh, entendo. Quer fazer intimidade com a sua outra esposa. Isso é bom. Faz bastante tempo.

– Isso não... – Richard colocou os punhos nos quadris. – E afinal de contas, como você saberia?

Ela não respondeu a pergunta, mas sorriu.

– Bem, então está certo. Se prometer não demorar demais.

Ele quis dizer que isso levaria o tempo que fosse necessário, mas teve medo de qual poderia ser a resposta dela. Richard endireitou o corpo e simplesmente falou.

– Nós prometemos.

O Capitão Meiffert, um grande oficial louro D'Haran no comando das tropas enviadas para escoltarem Richard e Kahlan até Anderith, não gostou da ideia deles ficarem sozinhos mais do que Du Chaillu, mas ele era mais cuidadoso em expressar suas objeções. O General Reibisch aparentemente tinha falado para o homem que ele poderia declarar sua opinião para Lorde Rahl, se fosse um assunto importante, sem temer punição.

– Lorde Rahl, nós estaríamos longe demais para responder caso você precise que nós... ajudemos a proteger a Madre Confessora. – ele adicionou, pensando melhor, considerando que isso poderia ter efeito na decisão de Richard.

– Obrigado, Capitão. Só tem essa trilha subindo até lá. Uma vez que ninguém sabia para onde estávamos seguindo, ninguém poderia estar aguardando. Não fica longe e não ficaremos fora muito tempo. Você e seus homens patrulharão aqui embaixo enquanto Kahlan e eu vamos dar uma olhada.

– Sim, Senhor. – o Capitão Meiffert falou com resignação. Imediatamente ele começou a transmitir ordens para seus homens, espalhando-os em postos e enviando alguns para explorar o terreno.

Richard virou para os dois mensageiros que foram enviados pelo General Reibisch.

– Digam ao General que estou contente com a velocidade dele, e que estou feliz em saber que ele acredita conseguir cobrir a distância antes que as forças de Jagang cheguem. Digam a ele que as mesmas ordens que ele já recebeu ainda estão valendo; quero que ele mantenha distância.

Quase todos os dias mensageiros chegavam e partiam, entrando por uma *Dominie Dirtch* diferente na fronteira para chamarem menos atenção. Richard havia fornecido ordens ao General Reibisch para ficar bem ao norte, além da peneira de batedores, sentinelas e espões de Jagang. Se houvesse luta, a surpresa era um dos elementos mais valiosos que o exército D’Haran podia ter. O General concordou com essa parte, mas era contrário em deixar Richard com apenas mil homens em um terreno potencialmente hostil.

Richard havia explicado, nas cartas que escreveu para o homem, que mesmo entendendo a preocupação do General, eles precisavam manter sua força escondida até que fossem chamados. Richard tinha explicado com horrível detalhe a morte terrível e fútil que aguardava por eles na fronteira se o exército tentasse passar pela *Dominie Dirtch*.

Até que eles conseguissem o apoio do povo Anderith, não ousavam forçar aproximação na fronteira.

Além disso, Richard não confiava no Ministro Chanboor. A língua do homem era macia demais. A verdade não usava uma língua macia assim; as mentiras sim.

A *Dominie Dirtch* era uma teia de aranha esperando para capturar os descuidados. A ilusão de uma conquista fácil poderia ser uma armadilha para atrair a força D'Haran para a morte. Mais do que tudo, Richard temia que todos aqueles bravos jovens fossem mortos diante da *Dominie Dirtch*. Especialmente quando sabia que esse sacrifício não poderia realizar nada. Eles morreriam e a *Dominie Dirtch* ainda continuaria intocada.

O General Reibisch tinha escrito em resposta, prometendo a Richard que, assim que eles estivessem posicionados ao Norte, eles correriam para o Sul sem pausa caso Richard os chamasse, mas prometeu aguardar até ser chamado.

– Sim, Lorde Rahl. – o mensageiro mais alto disse quando batia um punho sobre o coração. – Levarei suas palavras ao General. – Os dois deram meia-volta nos cavalos e trotaram descendo a estrada.

Richard verificou que seu arco e aljava estavam firmes antes de subir na sela. Kahlan mostrou o sorriso especial dela quando eles viraram os cavalos subindo a trilha. Ela também, Richard sabia, estava aliviada que eles finalmente ficassem sozinhos, mesmo que fosse apenas durante uma breve cavalgada subindo a trilha lateral.

Era desgastante ter pessoas em volta deles constantemente. Quando eles davam as mãos, olhos observavam. Se eles fizessem isso na frente do povo enquanto falavam com eles, Richard podia afirmar pelos olhares que aquilo era algo que visitaria mil ouvidos antes de poucos dias. Ela sabia pelos olhares fixos que falaria sobre isso durante os anos seguintes. Pelo menos era uma coisa favorável sobre a qual as pessoas podiam fofocar. Era melhor eles falarem sobre o

Lorde Rahl e a Madre Confessora, casados, de mãos dadas, do que algo terrível.

Richard observou Kahlan balançando na sela, encantado pelas formas do corpo dela até a cintura, a grossura de suas coxas. Pensou que ela possuía as formas mais atraentes que ele já tinha visto. Às vezes ele considerava incrível que uma mulher como essa pudesse amá-lo, um homem que cresceu em um pequeno lugar chamado Hartland.

Richard sentia saudade do seu lar. Ele imaginou que esses sentimentos vieram à superfície porque a trilha na floresta subindo a montanha fazia ele lembrar de lugares que conhecia. Haviam colinas e montanhas ao Oeste de onde ele cresceu, lugares remotos, que eram muito parecidos com as florestas e montanhas nas quais eles se encontravam.

Ele gostaria que pudessem retornar para visitar seu lar em Hartland. Tinha visto coisas memoráveis desde o dia em que partiu no outono, mas ele imaginava que nada disso ficava guardado no coração como o lugar onde você cresceu.

Quando a trilha passou perto de uma inclinação escarpada permitindo uma boa visão, Richard olhou para Noroeste, através de aberturas nos picos. Provavelmente eles estavam mais perto do lugar onde ele cresceu do que estiveram desde que ele partiu. Passaram por essas mesmas montanhas entrando em Midlands, através da Fronteira quando ela ainda estava de pé, em um lugar chamado *Porto do Rei*. Não ficava muito longe a noroeste.

Independente do quanto pudesse estar perto, por causa do peso de suas responsabilidades, o lar em Hartland agora era um lugar muito distante.

Além da responsabilidade de ser Lorde Rahl e que todos dependiam dele, havia Jagang, que, se tivesse uma chance, escravizaria o Mundo Novo como tinha escravizado o Antigo. Pessoas dependiam de Richard para tudo desde a ligação que os

protegia do Andarilho dos Sonhos, até unir todos em uma força para enfrentar os enormes exércitos de Jagang.

Às vezes, quando ele pensava nisso, parecia que estava vivendo a vida de alguma outra pessoa. Às vezes sentia-se como uma fraude, como se as pessoas um dia fossem acordar e dizer, *“Espere um minuto, esse Lorde Rahl é só um guia florestal chamado Richard. E nós estamos ouvindo ele? Estamos seguindo ele para a guerra?”*.

E então lá estavam as Notas. Richard e Kahlan estavam inevitavelmente envolvidos com as Notas. Eles eram responsáveis pelo fato das Notas estarem no mundo dos vivos. Embora isso não fosse intencional, eles invocaram as Notas da Morte.

Nas suas viagens por Anderith para conversar com as pessoas, ouviram histórias das estranhas mortes. As Notas estavam aproveitando bastante sua visita ao mundo dos vivos. Estavam passando um tempo maravilhoso matando pessoas.

Em resposta ao perigo, as pessoas voltaram-se para antigas superstições. Em alguns lugares pessoas reuniam-se para homenagear os espíritos malignos soltos sobre o mundo. Oferendas de comida e vinho eram deixadas em clareiras nas florestas, ou em campos vazios. Alguns pensaram que a humanidade tinha violado limites morais, tornou-se corrupta demais, e que os espíritos da vingança foram enviados pelo Criador para punir o mundo.

Algumas pessoas deixavam oferendas de pedras no centro de estradas, e empilhavam mais pedras ainda em encruzilhadas. Ninguém podia explicar a Richard exatamente porque, e eles ficavam irritados por que ele questionava os antigos costumes. Alguns colocavam flores mortas na frente de suas portas à meia-noite. Feitiços de boa sorte estavam sendo bastante procurados.

As Notas matavam de qualquer jeito.

A única coisa que tornava o peso de tudo isso tolerável era Kahlan. Ela tornava o esforço da luta suportável. Por ela, ele aguentaria qualquer coisa.

Kahlan levantou um braço. – Ali em cima.

Richard desmontou junto com ela. A maior parte das árvores eram abetos ou pinheiros. Richard olhou ao redor até que encontrou um bordo jovem com folhas prateadas e enrolou as rédeas dos cavalos em um galho baixo. Atar rédeas a um pinheiro ou abeto, ou pior, a um bálsamo, geralmente resultava em rédeas pegajosas.

Richard levantou os olhos quando ouviu algo bufar. Não muito longe, uma égua, com suas orelhas inclinadas para frente, os observava. Grama pendia de cada um dos lados da sua boca, mas tinha parado de mastigar.

– Bem, olá garota. – Richard falou. – cautelosa, a égua balançou a cabeça e recuou alguns passos para aumentar sua distância. Quando Richard tentou aproximar-se, ela recuou mais ainda, então Richard parou. Com uma cor castanha, a égua tinha uma estranha mancha negra com pernas em sua parte traseira. Quando Richard falou novamente, tentando atrair a égua para que chegasse perto, ela virou e correu.

– Fico imaginando o que significa isso. – ele disse para Kahlan.

Kahlan esticou a mão, fazendo um convite. Richard a segurou.

– Não sei. Talvez o cavalo de alguém tenha fugido. Parece que não tem interesse algum em chegar perto de nós.

– Acho que não. – Richard falou enquanto deixava ela conduzi-lo pela mão.

– Esse é o único caminho de entrada. – ela disse enquanto eles caminhavam pela margem do rio, ao redor de um pequeno grupo de abetos.

As nuvens estiveram se reunindo o dia todo, ameaçando tempestade. Agora, enquanto eles caminhavam saindo por uma pequena saliência de rochas que projetavam-se no final de um pedaço de terra plano, o sol emergia entre as grandes nuvens.

Era uma vista maravilhosa, um feixe de luz solar cruzando através de nuvens âmbar, descendo inclinado entre as montanhas

para tocar no lago parado. Do outro lado do caminho, água desabava por cima de uma proeminência rochosa, enviando para cima dentro do ar morno uma névoa que cintilava na luz do sol acima da água dourada. Richard respirou fundo, saboreando o doce aroma de floresta e do lago. Era quase como estar em casa.

– Esse é o lugar. – ela apontou. – Ali em cima, mais alto, está o lugar desolado onde a planta Paka cresce, e onde a mariposa Gambit vive. Essas águas puras são originadas naquela área envenenada.

O ar brilhou na luz da tarde.

– É lindo. Eu poderia ficar aqui para sempre. Quase tenho a sensação de que deveria estar explorando novas trilhas.

Ficaram parados algum tempo, de mãos dadas, saboreando a vista.

– Richard, eu só queria dizer a você que as últimas duas semanas quando falávamos com as pessoas... eu realmente fiquei orgulhosa de você. Orgulhosa com a maneira que você mostrou ao povo esperança para o futuro.

– Aconteça o que acontecer, só quero que saiba disso. Que estou orgulhosa da maneira como você tratou isso.

Ele franziu a testa.

– Está parecendo que você não pensa que venceremos.

Ela balançou os ombros.

– Não importa. O que tiver de ser, será. As pessoas nem sempre fazem o que é certo. Às vezes elas não reconhecem o mal. Às vezes as pessoas escolhem o mal porque isso os satisfaz ou porque estão com medo, ou porque acham que ganharão algo para si mesmas.

– A coisa mais importante é que fizemos o melhor, e você mostrou ao povo a verdade. Colocou o bem estar, a segurança deles, acima de tudo, e assim se nós triunfamos, será pelas razões corretas. Você deu a eles uma chance de provarem o que está em seus corações.

– Nós venceremos. – Richard contemplou a água tranquila. – As pessoas enxergarão a verdade.

– Espero que sim.

Ele colocou os braços em volta do pescoço dela e beijou a testa dela. Ele suspirou com o prazer do lago na montanha, da calmaria.

– Tem lugares entre as montanhas a Oeste de onde eu cresci que eu acho que ninguém além de mim já visitou. Lugares onde a água cai de rochas bem alto, mais alto do que aqui, e cria arco-íris no ar da tarde. E depois que você nada nas piscinas cristalinas, pode ficar sobre as rochas atrás da cachoeira e observar o mundo através da água caindo.

– Sonhei muitas vezes em levar você até lá.

Kahlan passou o braço ao redor da cintura dele.

– Algum dia, Richard, visitaremos seus lugares especiais.

Enquanto eles ficavam juntos, observando a cachoeira, Richard estava relutante em quebrar o feitiço do sonho, especialmente em falar sobre o objetivo deles, mas finalmente ele fez isso.

– Então, qual o motivo do nome Fornalhas?

Kahlan levantou o queixo para apontar.

– Atrás da cachoeira está uma caverna que é quente. Às vezes, bastante quente, ouvi dizerem.

– Porque será que Joseph Ander mencionou esse lugar?

Kahlan repousou uma das mãos no ombro dele.

– Talvez até mesmo Joseph Ander apreciasse um lugar lindo.

– Talvez. – ele murmurou enquanto procurava na cena um sinal do porque um mago teria interesse nesse local. Richard não acreditava muito nas sensibilidades de Joseph Ander ou que ele apreciasse tanto uma beleza natural dessas. Sempre que o homem falava bastante sobre a beleza da natureza, isso estava relacionado com a construção submissa de uma sociedade.

Richard notou que toda rocha das montanhas ao redor deles tinha uma cor cinza esverdeada, exceto a rocha do penhasco do

outro lado do lago, onde estava a cachoeira. Aquela rocha era mais escura. Não muito, mas era definitivamente diferente. Tinha mais cinza do que verde nela, provavelmente porque os fragmentos do granito tinham manchas negras, embora fosse difícil afirmar de longe.

Richard levantou o braço, apontando do outro lado do lago, para a parede da qual a água descia em uma cascata formando um arco majestoso.

– Olhe para aquela rocha, e diga o que acha dela.

Kahlan, com seu vestido branco de Madre Confessora brilhando na luz do sol, quase parecia como a imagem de um bom espírito do sonho de Richard. Ela piscou, confusa.

– O que você quer dizer? É uma rocha.

– Eu sei, mas olhe para ela. Diga o que chama sua atenção nela.

Ela olhou para o penhasco e novamente para ele.

– É uma grande rocha.

– Não, vamos lá, fale sério.

Kahlan suspirou e estudou o penhasco por algum tempo. Olhou ao redor, para as montanhas, especialmente a mais próxima um pouco à esquerda, aquela que erguia-se tão proeminente da borda da água.

– Bem, – finalmente ela falou. – é mais escura do que a rocha ao redor daqui.

– Bom. O que mais chama sua atenção?

Ela estudou a parede um pouco mais.

– É uma cor incomum. Já vi isso antes. – de repente ela olhou para ele. –

A Dominie Dirtch.

Richard sorriu. – É o que eu acho também. *A Dominie Dirtch* tem aquela mesma tonalidade de cor daquela rocha ali, mas nenhuma das montanhas em volta tem.

O rosto dela mostrou uma expressão incrédula. – Está querendo dizer que a *Dominie Dirtch* foi cortada dessa rocha, aqui em cima nas montanhas, e transportada o caminho todo descendo até o local onde está hoje?

Richard balançou os ombros. – Poderia ser, eu acho, embora eu não saiba muito sobre transportar coisas feitas de pedra com uma escala tão grande. Estudei a *Dominie Dirtch*; parece ter sido entalhada em uma peça de rocha. Não foram montadas. Pelo menos aquela que nós vimos.

– Então... o quê?

– Joseph Ander era um mago, e os magos da época dele eram capazes de fazer coisas que até mesmo Zedd acharia surpreendentes. Talvez Joseph simplesmente tenha usado essa rocha como um ponto de partida.

– O que você quer dizer? Como?

– Não sei. Não sei tanto sobre magia quanto você, talvez você pudesse me dizer. Mas e se ele simplesmente pegou uma pequena rocha daqui para cada *Dominie Dirtch* e então, quando chegou no local onde elas estão hoje, fez elas ficarem grandes?

– Fez elas ficarem grandes?

Richard abriu as mão com um gesto defensivo.

– Eu não sei. Usou magia para fazer a rocha crescer, ou até mesmo usou a estrutura do grão na rocha como uma espécie de guia para reproduzi-la com Magia Aditiva na forma da *Dominie Dirtch*.

– Estava achando que você inventaria alguma coisa tola. – Kahlan disse.

– Na verdade isso faz sentido, até onde eu sei a respeito de magia.

Richard estava aliviado por não ter passado vergonha.

– Acho que vou nadar até a caverna, e ver o que tem lá.

– Nada, de acordo com o que aprendi. Apenas uma caverna quente. Ela não vai muito fundo, talvez vinte pés.

– Bem, particularmente não gosto de cavernas, mas acho que não deve machucar ir dar uma olhada.

Richard tirou a camisa. Ele virou para a água.

– Não vai tirar as calças?

Richard olhou para trás, para ver o sorriso dissimulado dela.

– Pensei em tirar o cheiro de cavalo delas na água.

– Oh. – Kahlan disse com exagerado desapontamento.

Sorrindo, Richard virou novamente na direção da água para mergulhar. Pouco antes dele fazer isso, um corvo desceu grasnando para ele. Richard teve que saltar para trás ou o grande pássaro negro o acertaria.

Com o braço esticado atrás dele, Richard fez Kahlan recuar para fora da rocha. A ave grasnou. O som alto ecoou nas montanhas. O corvo mergulhou na frente deles outra vez, errando por pouco a cabeça de Richard. Ganhando altura, o pássaro circulou. O ar assoviava através das suas penas quando ele mergulhou na direção deles, afastando-os da água.

– Esse pássaro está maluco? – Kahlan perguntou. – Talvez esteja protegendo um ninho? Ou todos os corvos se comportam assim?

Richard estava segurando o braço dela, empurrando-a de volta até as árvores.

– Corvos são pássaros inteligentes, e eles protegeriam seu ninho, mas também podem fazer coisas estranhas. Temo que este seja mais do que um corvo.

– Mais? O que você quer dizer?

O pássaro pousou em um galho e agitou suas penas negras lustrosas, parecendo satisfeito consigo mesmo, como era costume dos corvos.

Richard pegou a camisa quando ela ofereceu a ele.

– Eu diria que é uma Nota.

Mesmo de longe, o pássaro pareceu ter ouvido. Bateu as asas, saltando para frente e para trás no galho, parecendo bastante

nervoso.

– Lembra da biblioteca? O corvo do lado de fora da janela, fazendo a maior agitação?

– Queridos espíritos. – ela suspirou preocupada. – Acha que esse poderia ser o mesmo? Acha que ele nos seguiu por todo esse caminho?

Richard olhou para ela. – E se for uma Nota, e nos ouviu, e subiu até aqui para esperar por nós?

Agora Kahlan parecia genuinamente assustada. – O que devemos fazer?

Eles alcançaram os cavalos. Richard pegou o arco da sela. Tirou uma flecha com ponta de aço da aljava.

– Acho que eu deveria matá-la.

No instante em que Richard saiu de trás do cavalo, o pássaro avistou o arco e saltou no ar, quase encolhendo-se, com um alto grasnado, como se não esperasse que ele recorresse a uma arma.

Quando Richard preparou a flecha, o pássaro saiu voando, fugindo com gritos e grasnados frenéticos.

– Bem, – Richard murmurou. – não foi tão estranho assim.

– Pelo menos agora sabemos que era uma Nota. Aquela que você acertou na aldeia do Povo da Lama, a galinha que não era uma galinha, deve ter contado para as outras Notas.

Perplexo, Richard balançou a cabeça.

– Acho que sim.

– Richard, não quero você nadando naquele lago. Podem haver Notas esperando dentro dele. Seria tolice nadar quando as Notas estão soltas.

– Mas parece que elas estão com medo de mim.

Ela colocou a mão do lado do pescoço dele para manter seu olhar concentrado nela.

– E se elas estão apenas querendo fazer você ficar confiante demais, e querem pegar você no meio da água profunda? Conseguem

imaginar? Zedd falou para ficarmos longe da água.

Ela esfregou os braços, parecendo estar repentinamente com frio.

– Richard, por favor, vamos sair daqui? Tem alguma coisa nesse lugar...

Richard vestiu a camisa e puxou-a mais perto.

– Acho que você tem razão. Não há necessidade de abusar de nossa sorte, não depois de um encontro com aquele corvo que não é um corvo. Além disso, Du Chaillu ficaria com tanta raiva se nos matassem que ela teria o bebê antes da hora.

Kahlan agarrou a camisa dele. De repente ela estava com uma aparência muito assustada.

– Richard... você acha que nós poderíamos...

– Poderíamos o quê?

Ela soltou a camisa e deu alguns tapinhas no peito dele.

– Poderíamos sair logo daqui.

– Acho que deveríamos.

Eles voltaram depressa, agora ambos ansiosos para ficarem longe do lago. Ele ajudou-a a subir no cavalo.

– Acho que encontramos o que viemos procurar, de qualquer jeito, a rocha da qual a *Dominie Dirtch* foi feita. Acho que precisamos mudar nossos planos.

– Como assim?

– Acho que seria melhor voltarmos para Fairfield e olhar todos aqueles livros de novo, sob a luz daquilo que sabemos agora.

– Mas e quanto a votação? Os lugares que ainda temos de visitar?

– Nós teríamos que dividir os homens de qualquer modo, e enviá-los para observarem a votação e a contagem e então retornar com os resultados até Fairfield. Podemos enviá-los agora e pedir que os homens falem com o povo em cada lugar primeiro. Tem homens

entre eles em quem eu confiaria para falarem por nós. Eles ouviram o que nós dissemos várias vezes.

– Podemos dividi-los aqui e colocá-los a caminho enquanto voltamos até a propriedade. Além disso, não faria mal algum tentarmos ter certeza de que convencemos todo o povo em Fairfield a votar para unirem-se a nós.

Kahlan assentiu.

– Nossa primeira responsabilidade é com as Notas. Não adiantará muita coisa para nós vencermos a votação se as Notas matarem todos.

Os olhos de Richard foram atraídos por algo. Ele desceu da sela e entregou as rédeas do seu cavalo para Kahlan. Cruzou a grama de volta até o grupo de abetos.

– O que foi? – Kahlan gritou, ansiosa para ir embora.

Richard levantou alguns galhos.

– Uma sela. Alguém deixou suas coisas aqui, e as cobriu para mantê-las secas.

– Provavelmente a sela daquele cavalo que vimos. – ela disse.

– Talvez pertença a alguém que coloca armadilhas, ou algo assim. – Richard falou. – Mas parece que esteve aqui durante algum tempo.

– Bem, a não ser que você esteja planejando roubar as coisas de alguém, Richard, vamos dar o fora daqui.

Quando o corvo soltou um grasnado, Richard voltou rapidamente até o cavalo dele.

– Apenas parece estranho, só isso.

Quando começavam a descer a trilha, Richard olhou por cima do ombro. Ele viu diversos corvos circulando bem alto no céu. Não sabia qual deles era o corvo que não era um corvo. Talvez todos fossem.

Tirou o arco do seu lugar na sela e pendurou no ombro.

CAPÍTULO 57



Dalton olhava pela janela do seu escritório enquanto escutava Stein informar o número e a localização dos soldados da Ordem Imperial agora colocados como tropas da guarda especial Anderith dentro de Anderith. A *Dominie Dirtch* estava praticamente nas mãos de Jagang. Caso Lorde Rahl trouxesse as suas forças, se ele ao menos tinha alguma perto o bastante, em direção a Anderith, rapidamente ele seria um líder sem um exército para liderar.

– O Imperador também também enviou mensagem de que deseja que eu expresse pessoalmente, em seu nome, a satisfação dele com a eficiente cooperação que esteve recebendo. De acordo com os relatórios de meus homens, o Ministro parece ter feito um trabalho excelente arrancando os dentes do exército Anderith. Eles representarão um obstáculo ainda menor do que pensávamos.

Dalton olhou para trás por cima do ombro, mas não viu sorriso algum no rosto do homem. Ele colocou as botas sobre a escrivaninha de Dalton e recostou na cadeira para limpar as unhas com uma faca. Stein pareceu contente.

Dalton esticou-se e pegou o pequeno livro inútil mas valioso que a mulher havia trazido da biblioteca, o livro que um dia pertenceu a Joseph Ander. Colocou-o do outro lado da escrivaninha para que as botas de Stein não o danificasse.

Conforme aquilo que Teresa reportou a ele, Dalton pensou que Stein deveria ter muitas razões para estar contente, com o grande número de mulheres sonhando acordadas tagarelando para ouvidos

ansiosos a excitação rude que encontraram na cama do forasteiro selvagem. Quanto mais ele as tratava de forma ultrajante, mais alegres elas ficavam fofocando sobre isso.

Com o número de mulheres que ofereciam-se, Dalton achava extraordinário que o homem ainda direcionasse o seu desejo tão frequentemente para aquelas que recusavam. Ele imaginou que Stein considerava o prazer de conquistar através da força mais satisfatório.

– Sim, o exército Anderith parece realmente bonito, parado ali atrás da *Dominie Dirtch*. – Stein sorriu. – Mas o falso orgulho deles terá pouca utilidade quando enfrentarem a verdadeira face da guerra.

– Nós cumprimos nossa parte da barganha.

– acredite em mim, Campbell, conheço o seu valor e o valor do Ministro. Agricultura pode ser menos considerada do que a conquista, mas sem comida, um exército para. Nenhum de nós deseja assumir o passatempo de cuidar da terra, mas desejamos continuar comendo. Nós entendemos o valor de vocês em saberem como manter o sistema funcionando. Vocês serão uma valiosa aquisição em nossa causa.

– E o Imperador Jagang quer que eu assegure a vocês que ele está ansioso para recompensar um trabalho tão bom, assim que ele chegar.

Dalton guardou os problemas para si mesmo.

– Quando podemos esperar a chegada dele?

– Em breve. – Stein disse, colocando de lado mais detalhes balançando os ombros. – Mas ele está preocupado a respeito da situação com Lord Rahl. Ele está em alerta sobre o porque de vocês parecerem colocar fé em um resultado tão incerto quanto a voz do povo.

– Eu devo admitir, que compartilho da preocupação dele. – Dalton soltou um suspiro. Ele ainda desejava que Bertrand tivesse escolhido uma estrada menos arriscada, mas como Dalton tinha

aprendido, Bertrand Chanboor saboreava a rota arriscada, de modo parecido como Stein preferia companheiras que o recusavam.

– Mas, como eu tinha explicado, – Dalton prosseguiu. – com essas táticas seremos capazes de colocar Lorde Rahl e a Madre Confessora em uma armadilha. Sem eles para liderar as forças inimigas, a guerra rapidamente cairá em uma rota que transformará Midlands em uma pilhagem para Jagang coletar.

– E então o Imperador está contente em deixar você fazer esse jogo.

– Mas, existem riscos envolvidos.

– Riscos? Posso fazer alguma coisa para ajudar?

Dalton sentou, aproximando sua cadeira da escrivaninha.

– Acredito que devemos fazer mais para desacreditarmos a causa de Lorde Rahl, mas nisso, existe perigo. Afinal de contas, Madres Confessoras governaram Midlands durante milhares de anos. Elas não possuem influência por causa de belos sorrisos. Elas são mulheres com garra formidável.

– Também dizem que Lorde Rahl é um mago. Devemos pisar com cuidado, ou podemos forçá-lo a abandonar essa votação em favor da ação. Se isso acontecesse, poderia arruinar os planos nos quais todos nós investimos tanto.

– Eu disse, nós temos tropas em posição. Mesmo se eles tiverem um exército em algum lugar perto, eles não podem entrar em Anderith, não passando pela *Dominie Dirtch*. – Stein riu sem mostrar humor. – Mas eu ficaria feliz se eles tentassem.

– Assim como eu. A questão é que Lorde Rahl e a Madre Confessora estão aqui, e eles representam bastante problema.

– Eu já falei para você, Campbell, não deveria preocupar-se com magia. O Imperador cortou as garras da magia.

Dalton cruzou os dedos cuidadosamente diante de si, sobre a escrivaninha.

– Você diz isso constantemente, Stein, e independente do quanto eu queira acreditar, encontro pouco conforto em meras palavras. Eu também poderia prometer coisas, mas você espera resultados que podem ser vistos.

Stein balançou sua faca.

– Já falei para você, o Imperador pretende acabar com a magia para que homens de visão possam conduzir o mundo a uma nova era. Você será parte disso. O tempo da magia passou. Ela está morrendo.

– O Soberano também, mas ele ainda não está morto.

Stein voltou a limpar as unhas, prestando atenção exagerada nelas. Ele parecia não estar preocupado com as dúvidas de Dalton e continuava tentando dissipá-las.

– Então você ficará feliz em saber que diferente do seu adorado Soberano, o urso da magia não tem mais presas, está sem dentes. Não é mais uma arma a ser temida.

Stein levantou a ponta da capa feita com escalpos humanos. – Aqueles que possuem talentos mágicos irão contribuir com minha coleção. Eu tiro os escalpos enquanto ainda estão vivos, você sabe. Adoro ouvir os gritos quando estou arrancando eles.

Dalton não estava impressionado com as bravatas do homem e suas tentativas de causar choque, mas gostaria de saber sobre o que Stein estava falando quando mencionava o fim da magia. Por causa da incapacidade de Franca usar o seu Dom ele sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não sabia o que ou, mais importante ainda, a extensão que isso tinha. Não sabia se Stein estava dizendo a simples verdade, ou uma versão ignorante de um desejo apoiada em alguma superstição do Mundo Antigo.

De um jeito ou de outro, a hora de agir havia chegado. Não podiam permitir que isso continuasse do jeito que estava. A medida do quão longe eles ousavam seguir para mostrarem sua oposição na união com Lorde Rahl era o problema que Dalton encarava. Era

necessário assumir uma posição para estimular o povo a dizer não para Lorde Rahl, mas uma posição fraca era tão boa quanto nenhuma posição. Por outro lado, era perigoso demais enfiar o braço entre as barras da jaula e torcer o nariz do urso se ele ainda tivesse seus dentes e as garras.

Dalton ficou imaginando se conseguiria pressionar Stein para que ele fosse mais claro.

– Então parece que temos um sério problema.

Stein levantou os olhos.

– Como assim?

Dalton afastou as mãos em um gesto de confusão.

– Se a magia não é mais uma arma, então a *Dominie Dirtch*, na qual todos nós investimos tanta fé, não tem utilidade, e todos os nossos planos falharão. Eu chamaria isso de um sério problema.

Stein tirou os pés da escrivaninha de Dalton e colocou a faca de volta na bainha. Colocando um cotovelo sobre a escrivaninha, ele inclinou o corpo para frente.

– Não se preocupe. Veja bem, o fato é que o Imperador ainda tem controle das suas Irmãs do Escuro; a magia delas trabalha para ele. Entretanto, pelo que nos disseram, alguma coisa aconteceu. De acordo com o que consegui descobrir, alguma coisa de magia ficou defeituosa e fez o poder daqueles que estão no lado de Lorde Rahl falhar.

– Jagang ficou sabendo que o Lorde Rahl não tem mais a magia apoiando ele. A magia dele falhará. O homem está, ou logo estará, nu diante de nossas lâminas.

Agora Dalton estava prestando bastante atenção. Se isso fosse verdade, mudaria tudo. Significaria que ele poderia implementar toda a extensão de seus planos imediatamente. Significaria que ele poderia efetuar a ação necessária e não teria que se preocupar com as repercussões ou até mesmo represálias de Lorde Rahl.

Melhor ainda, Lorde Rahl e a Madre Confessora teriam que depositar mais ainda sua esperança na votação, enquanto ao mesmo tempo Dalton, sem temer as ações deles, garantiria que eles perdessem.

Se fosse verdade sobre a magia estar falhando. Dalton conhecia uma maneira de descobrir.

Mas primeiro, havia chegado a hora para Dalton fazer uma visita ao Soberano doente. A hora de agir tinha chegado. Faria isso nessa noite mesmo, antes do banquete planejado para o dia seguinte.

* * *

Mesmo faminta como estava, Ann não estava ansiosa para ser alimentada.

Foi presa ao chão fazia bastante tempo e a tenda suja foi levantada ao redor dela, então ela sabia que estava quase na hora. A qualquer momento esperava que um soldado da Ordem Imperial musculoso surgisse com o pão e a água dela. Não sabia o que aconteceu com a Irmã Alessandra; Ann não tinha visto a mulher fazia mais de uma semana.

Os soldados odiavam o dever de alimentar uma velha. Ela suspeitava que os colegas deles faziam piadas sobre a tarefa doméstica deles. Eles entravam, agarravam ela pelo cabelo, e empurravam o pão em sua boca, amassando ele com dedos sujos, como se estivessem engordando um ganso para assar. Enquanto Ann tentava engolir a massa seca antes de sufocar, eles começavam a jogar água em sua garganta para fazer o pão descer.

Era uma experiência desagradável, uma sobre a qual Ann não tinha controle algum. Embora gostasse de comida, estava começando a temer que ela acabasse representando o seu fim.

Uma vez, o soldado que veio alimentá-la simplesmente jogou o pão no chão e colocou uma tigela de madeira com água ao lado dele,

como se ela fosse um cão. Ele pareceu orgulhoso consigo mesmo por ter mostrado falta de respeito por ela e ao mesmo tempo evitar todo aquele considerável trabalho.

Ele não percebeu, mas Ann preferia aquele método. Depois que ele riu e foi embora, ela caiu de lado, arrastou-se chegando mais perto, e comeu o pão no seu próprio ritmo, mesmo se não tivesse o luxo de retirar a terra.

A tenda foi aberta. Uma forma escura entrando bloqueou a luz das fogueiras do acampamento. Ann imaginou como seria: ganso sendo engordado, ou cachorro comendo do chão. Para sua surpresa, era Irmã Alessandra, trazendo uma tigela com o aroma de sopa de linguiça. Ela até mesmo trazia uma vela.

Irmã Alessandra enfiou a vela na terra de um lado. A mulher não estava sorrindo. Não falou nada. Não encarou o olhar de Ann.

Na luz fraca da vela, Ann pode ver que o rosto de Alessandra estava machucado e arranhado. Tinha um corte horrível logo abaixo do olho esquerdo, mas ele parecia estar sarando. Os ferimentos relativamente menores pareciam ter várias idades, desde velho e quase curado até recentemente infligido.

Ann não precisou perguntar como a mulher ficou em tal condição. As bochechas e ambos os lados de sua mandíbula estavam vermelhos e arranhados por causa dos pelos de incontáveis rostos barbados.

– Alessandra, estou aliviada em vê-la... viva. Tive muito medo por você.

Alessandra levantou um ombro com um gesto de aparente indiferença. Ela não perdeu tempo para levar uma colher cheia com sopa de linguiça até a boca de Ann.

Ann engoliu antes que tivesse tempo de saborear o gosto, tal era sua fome. Mas só a sensação calorosa em seu estômago já era um consolo.

– Eu também tive muito medo por mim. – Ann disse. – Temi que aqueles homens estivessem tentando me matar enquanto traziam a comida para me estofar.

– Conheço a sensação. – Alessandra falou baixinho.

– Alessandra, você está... você está bem?

– Estou bem. – ela pareceu ter fugido para um local sem emoções.

– Então não está gravemente ferida?

– Estou melhor do que algumas das outras. Se nós... se nós ficarmos machucadas, um osso quebrado, ou algo assim, Jagang permite que usemos nossa magia para curarmos umas às outras.

– Mas a cura é com Magia Aditiva.

Irmã Alessandra levou a colher até a boca de Ann.

– É por isso que tenho sorte; não tenho ossos quebrados, como algumas das outras. Tentamos ajudá-las, curá-las, mas não conseguimos, e então elas devem sofrer.

– ela encarou o olhar de Ann. – Um mundo sem magia é um lugar perigoso.

Ann queria lembrar a mulher que tinha falado isso, que as Notas estavam soltas, e a magia, pelo menos a Magia Aditiva, não funcionaria.

Quando Alessandra colocou outra colherada na boca de Ann, ela disse. – Mas acho que você tentou me dizer isso, Prelada.

Ann balançou os ombros.

– Quando tentaram me convencer de que as Notas estavam soltas, no início eu também não acreditei. Temos isso em comum. Eu diria que tão excepcionalmente teimosa quanto você é, Irmã Alessandra, existe esperança de que você poderia ser Prelada um dia.

Alessandra, aparentemente contra sua vontade, sorriu com Ann. Ann observou a colher, com um pedaço de linguiça, ficar parada na tigela.

– Prelada, você realmente esperava que as Irmãs da Luz acreditassem que a magia havia falhado e que elas tentariam escapar com você?

Ann olhou dentro dos olhos de Alessandra.

– Não completamente, não. Embora eu tivesse esperança de que elas confiassem na minha palavra, por terem me reconhecido como uma mulher que valoriza a verdade, sabia que a possibilidade existia, o medo delas era tão grande, que acreditando ou não, recusariam a fuga.

– Escravos, escravos de qualquer coisa ou qualquer um, independente do quanto abominem isso, sempre ficarão agarrados nessa escravidão com medo de que a alternativa pudesse ser insuportável. Veja um bêbado, um escravo da bebida, que nos considera cruéis por tentarmos fazer com que ele abandone sua escravidão.

– E o que você estava planejando caso as Irmãs da Luz recusassem abandonar sua escravidão?

– Jagang as usa, usa a magia delas, do mesmo jeito que usa a sua. Quando as Notas forem banidas a magia retornará e as Irmãs terão seu poder de volta. Muitas pessoas morrerão nas mãos delas, não importa o quanto essas mãos recusem isso. Se elas recusassem abandonar sua escravidão e partir comigo, elas deveriam ser mortas.

Irmã Alessandra levantou uma sobrancelha.

– Ora, ora, Prelada. Não somos tão diferentes afinal das contas. Essa também seria a conclusão de uma Irmã do Escuro.

– Apenas o bom senso. As vidas de muitas pessoas estão em risco. – Ann estava faminta, e olhava com desejo a colher com a linguiça enquanto ela pairava sobre a tigela quase cheia.

– Então, porque você foi capturada?

Ann suspirou.

– Porque não pensei que elas mentiriam para mim, não a respeito de algo tão importante. Embora isso não fosse razão para

executá-las, tornaria a tarefa onerosa mas necessária um pouco menos difícil.

Alessandra finalmente deu a colher com a linguiça para Ann. Dessa vez, Ann mastigou lentamente para aproveitar o sabor.

– Você ainda poderia fugir comigo, Alessandra. – Ann disse com um tom tranquilo depois que havia engolido.

Alessandra pegou algo da tigela e jogou para o lado. Ela mexeu a sopa novamente.

– Eu já falei que isso não seria possível.

– Porque? Porque Jagang disse isso? Disse que ele ainda está na sua mente?

– Essa é uma razão.

– Alessandra, Jagang prometeu a você que se tomasse conta de mim, não enviaria você para as tendas, para servir de prostituta dos homens dele. Você falou que foi isso que ele disse.

A mulher fez uma pausa com a colher, seus olhos enchendo de lágrimas.

– Nós pertencemos a Sua Excelência. – com a outra mão, ela tocou no anel dourado enfiado em seu lábio inferior, a marca das escravas de Jagang. – Ele pode fazer conosco o que desejar.

– Alessandra, ele mentiu para você. Disse que não faria aquilo se você cuidasse de mim. Ele mentiu. Não pode confiar em um mentiroso. Não com seu futuro ou sua vida. Esse foi o meu erro, mas eu não daria a um mentiroso uma segunda chance de me ferir. Se ele mentiu sobre aquilo, sobre o que mais ele está mentindo?

– O que você quer dizer?

– Estou falando de como você nunca pode escapar porque ele ainda está em sua mente. Não está, Alessandra. Do mesmo jeito que não pode entrar na minha mente, ele não pode entrar na sua por enquanto. Uma vez que as Notas sejam banidas, sim, mas não agora.

– Se você jurar lealdade a Richard, então estará protegida até mesmo depois que as Notas forem banidas. Você pode fugir,

Alessandra. Nós poderíamos realizar nossa horrível obrigação com as Irmãs que mentiram e escolheram ficar com outro mentiroso, e então fugir.

A voz da Irmã Alessandra estava tão desprovida de emoção quanto seu rosto.

– Prelada, você está esquecendo, eu sou uma Irmã do Escuro, jurada ao Guardião.

– Em troca do quê, Alessandra? O que o Guardião do Submundo ofereceu a você? O que ele ofereceu que poderia ser melhor do que a eternidade na Luz?

– Imortalidade.

Ann ficou sentada observando o olhar firme da mulher. Do lado de fora, homens, alguns dos quais tinham abusado dessa indefesa Irmã do Escuro de quinhentos anos de idade, riam e continuavam com seus prazeres noturnos. Cheiros, tanto agradáveis quanto ruins, deslizavam entrando e saindo da tenda: algo fritando, estrume, carne assando, pelo queimando, o doce aroma de uma tora de vidoeiro em uma fogueira ali perto, suor.

Ann também não fraquejou no olhar.

– Alessandra, o Guardião está mentindo para você.

A emoção retornou aos olhos da Irmã. Ela levantou e derramou a tigela de sopa quase cheia no chão do lado de fora da tenda. Irmã Alessandra, com um pé do lado de fora, outro dentro, virou e disse.

– Por mim você pode passar fome, velha. Eu acharia melhor voltar para as tendas do que escutar suas blasfêmias.

Em seu miserável silêncio solitário, em sua dor de corpo e alma, Ann rezou ao Criador, pedindo que Ele desse para Irmã Alessandra uma chance de retornar para a Luz. Rezou também pelas Irmãs da Luz, agora tão perdidas quanto as Irmãs do Escuro.

De seu lugar sentada, acorrentada na tenda escura e solitária, parecia que o mundo tinha enlouquecido.

– Querido Criador, o que você fez? – Ann gemeu. – Também é tudo mentira?

CAPÍTULO 58



Dalton seguiu rapidamente até a mesa principal e sorriu para Teresa. Ela parecia solitária e abandonada. Ela realmente pareceu aliviada em vê-lo, porém, mesmo que ele estivesse atrasado. Ele encontrava com ela muito pouco ultimamente. Não tinha como evitar isso. Ela entendia.

Dalton beijou a bochecha dela antes de sentar. O Ministro apenas o saudou com um breve olhar. Estava ocupado trocando olhares de luxúria com uma mulher em uma mesa à direita do salão de jantar. Parecia como se ela pudesse estar fazendo gestos sugestivos com um pedaço de carne enrolada. O Ministro estava sorrindo.

Ao invés de serem repelidas pelas indulgências sexuais de Bertrand, na verdade muito mais mulheres ficavam atraídas por ele por causa disso, mesmo se elas não tivessem nenhuma intenção de transformar em ação aquela atração. Parecia ser uma ideia fixa da mente feminina que algumas mulheres eram irresistivelmente atraídas para a evidência tangível da virilidade sexual, sem levarem em conta sua impropriedade. Era um sopro de perigo visceral, algo tentador mas proibido. Quanto mais alguns homens comportavam-se como patifes, mais as mulheres suspiravam.

– Espero que você não tenha ficado entediada demais. – Dalton sussurrou para Teresa, fazendo uma pausa momentânea para apreciar o brilho da fiel afeição dela.

Além de seu breve sorriso para Teresa, ele estava fazendo o melhor que podia para manter seu costumeiro rosto tranquilo com a realização de todo o seu trabalho aproximando-se. Tomou um longo gole de vinho, sem saboreá-lo, mas impaciente para que seu efeito surgisse.

– Senti saudade de você, só isso. Bertrand esteve contando piadas. – Teresa ficou vermelha. – Mas não posso repeti-las. Não aqui, pelo menos. – o sorriso dela, seu sorriso travesso, tomou conta daquele rosto. – Talvez quando chegarmos em casa, eu conte para você.

Ele fingiu um sorriso, sua mente já estava correndo adiante em assuntos mais sérios.

– Se eu chegar cedo o bastante. Tenho que enviar um novo lote de mensagens ainda esta noite. Algo... – fez um esforço para conter-se e parar de tamborilar com os dedos sobre a mesa. – algo importante, momentoso, aconteceu.

Inquieta, Teresa inclinou para frente.

– O quê?

– O seu cabelo está crescendo rápido, Tess. – ele estava tão longo quanto sua posição atual permitia. Ele não conseguiu evitar soltar uma pista. – Mas acredito que ele pode crescer ficando consideravelmente mais longo.

– Dalton... – os olhos dela ficaram arregalados enquanto considerava o que ele poderia estar querendo dizer, mas a confusão também visitou o seu rosto, pois ela não conseguia imaginar como a realização da ambição de longa data dele era possível, dadas as presentes circunstâncias. – Dalton, isso tem alguma coisa a ver com... com aquilo que você sempre me falou...

A expressão sóbria dele cortou o resto das palavras dela.

– Sinto muito, querida, eu não devia me adiantar. De qualquer modo, posso estar tirando conclusões demais nisso tudo. Seja

paciente, você ouvirá em poucos minutos. Será melhor se notícias como essas vierem do Ministro.

Lady Chanboor olhou brevemente para a mulher com a carne enrolada. A mulher, como se não estivesse fazendo nada mais do que dar atenção aos seus colegas de mesa, afastou os cachos do rosto enquanto desviava o olhar para eles. Hildemara lançou um rápido olhar furioso particular para Bertrand antes de inclinar passando por ele em direção à Dalton.

– O que você ouviu?

Dalton enxugou vinho dos lábios e colocou o guardanapo de volta no colo. Achou que primeiro era melhor tirar do caminho a informação superficial. Além disso, isso ajudaria a colocar em perspectiva a importância daquilo que precisava ser feito.

– Lorde Rahl e a Madre Confessora estão trabalhando desde o nascer do sol até o pôr do sol, visitando o máximo de lugares que conseguem. Estão falando com multidões ansiosas para escutá-los.

– No mínimo, a Madre Confessora deixa multidões ansiosas para vê-la. Temo que o povo esteja respondendo a ela com mais calor do que nós gostaríamos. O fato dela ter casado recentemente conquistou os corações e o amor de muitos. As pessoas aclamam o casal recém casado aonde quer que eles apareçam. Pessoas do campo viajam milhas até cidades onde ela e Lorde Rahl falam.

Cruzando os braços, Lady Chanboor resmungou uma praga aos recém casados, expressando isso em uma difamação bastante vulgar, até mesmo para ela. Dalton imaginou quais seriam os atributos obscenos que ela relacionava com ele, quando havia irritado ela sem perceber e não estava por perto. Ele conhecia alguns dos ataques que ela usava com o marido.

Embora alguns dos empregados conhecessem muito bem o lado petulante dela, a maior parte do povo a considerava tão pura que a injúria jamais poderia passar em seus lábios. Hildemara entendia bem o valor de ter o apoio do povo. Quando ela, assim como Lady

Chanboor, adorada esposa do Ministro da Cultura, heroína das esposas e mães por toda parte, viajava pelo campo para promover os bons trabalhos do seu marido, sem falar a respeito de cultivar o relacionamento deles com patrocinadores ricos, ela recebia calorosas acolhidas não muito diferentes daquelas que a Madre Confessora estava recebendo.

Agora, mais do que nunca, ela precisaria representar aquele papel muito bem, se eles desejassem o sucesso.

Dalton tomou outro gole de vinho antes de prosseguir.

– A Madre Confessora e Lorde Rahl encontraram com os Diretores diversas vezes, e ouvi dizerem que os Diretores expressaram a eles seu prazer com os termos justos da oferta de Lorde Rahl, e com o bom senso dele, junto com a declaração do seu objetivo.

Bertrand cerrou o punho com força. Os músculos de sua mandíbula flexionaram.

– Pelo menos, – Dalton adicionou. – na companhia de Lorde Rahl eles expressam prazer. Assim que Lorde Rahl partiu em jornada pelos campos, os Diretores, depois de pensarem melhor, mudaram de opinião.

Dalton encarou os olhares do Ministro e de sua esposa para checar que tinha a atenção deles antes de continuar.

– Isso foi uma grande sorte, considerando aquilo que acabou de acontecer.

O Ministro estudou o rosto de Dalton antes de deixar seu olhar retornar para observar a jovem.

– E o que acabou de acontecer?

Dalton segurou a mão de Teresa por baixo da mesa.

– Ministro Chanboor, Lady Chanboor, sinto muito informar a vocês que o Soberano morreu.

Assustada com o choque da notícia, Teresa arfou, antes de colocar o guardanapo no rosto para que as pessoas não vissem suas

repentinamente lágrimas de pesar. Teresa não gostava de deixar as pessoas verem ela chorar.

O olhar atento de Bertrand travou em Dalton. – Pensei que ele estava melhorando.

Isso foi uma declaração de suspeita, não que ele fosse contra a morte do Soberano. Suspeita porque ele não tinha certeza de que Dalton teria os recursos necessários para realizar algo assim, e mais do que isso, do porque Dalton daria um passo tão ousado, se realmente tivesse feito aquilo.

Embora o Ministro, em particular, sem dúvida ficaria feliz que o velho Soberano tivesse liberado sua posição em uma hora tão apropriada, qualquer pista de que sua morte foi por outro motivo e não morte natural poderia comprometer tudo aquilo por que eles trabalharam justamente quando estavam bem perto da vitória.

Dalton inclinou em direção ao Ministro, sem mostrar surpresa com a insinuação.

– Nós temos problemas. Pessoas demais estão dispostas a marcar um círculo para que todos nos juntemos a Lorde Rahl. Precisamos transformar isso em uma escolha pessoal, entre o nosso adorador Soberano benevolente e um homem que pode ter o mal em seu coração para nosso povo.

– Como discutimos previamente, precisamos ser capazes de cumprir com... nossos patrocinadores, os acordos que fizemos. Não podemos mais aceitar o risco que essa votação representa. Agora devemos assumir uma posição mais firme contra nossa união com Lorde Rahl, independente do risco que esteja nesse caminho.

Dalton baixou a voz mais ainda.

– Precisamos assumir uma posição assim com o peso das palavras do Soberano. Você deve ser o Soberano, e colocar voz nessas palavras.

Um sorriso satisfeito surgiu no rosto de Bertrand. – Dalton, meu assistente leal e cheio de recursos, você acabou de ganhar uma

indicação muito importante para o “em breve vago” Escritório do Ministro da Cultura.

Tudo, depois de muito tempo, estava se encaixando no lugar.

A expressão de Hildemara era de surpresa, descrença, mas também de prazer. Ela conhecia as camadas de proteção ao redor do Soberano; sabia porque havia tentado mas falhou em atravessá-las. Pela expressão no rosto dela, sem dúvida estava enxergando a si mesma como esposa do Soberano, cultuada quase tanto quanto um bom espírito no mundo dos vivos poderia ser, suas palavras profundamente mais poderosas do que as da simples esposa do Ministro, uma posição que apenas momentos antes fora sublime, mas que agora parecia de pouco valor e inadequada para ela.

Hildemara inclinou o corpo para segurar o pulso de Dalton suavemente.

– Dalton, meu rapaz, você é melhor do que eu pensei que fosse, e eu tenho grande consideração por você. Nunca teria imaginado que fosse possível... – ela deixou o feito não pronunciado.

– Eu cumpro meu dever, Lady Chanboor, não importa qual seja a dificuldade. Sei que o resultado é tudo que importa.

Ela deu outro aperto no pulso dele antes de soltá-lo. Ele nunca a tinha visto tão genuinamente contente com qualquer coisa que ele tivesse realizado. O fim de Claudine Winthrop nem mesmo tinha recebido um aceno com a cabeça de aprovação.

Dalton virou para sua esposa. Ele havia sido cuidadoso; ela não ouviu as palavras sussurradas dele. Em sua tristeza, ela não estava ao menos prestando atenção. Ele colocou um braço consolador em volta dos ombros dela.

– Tess, você está bem?

– Oh, Dalton, o pobre homem. – ela gemeu. – Nosso pobre Soberano. Que o Criador mantenha sua alma segura no local exaltado que ele conquistou na vida seguinte.

Bertrand inclinou por trás de Dalton para tocar o braço de Teresa de modo compassivo.

– Bem colocado, minha querida. Bem colocado. Você expressou perfeitamente os sentimentos de todos.

Bertrand fingiu sua expressão mais melancólica quando levantou da sua cadeira. Ao invés de levantar uma das mãos como geralmente ele fazia, ficou em silêncio, cabeça abaixada, as mãos cruzadas diante dele. Hildemara levantou o dedo e a harpa silenciou. Risos e conversas morreram quando as pessoas perceberam que algo fora do normal estava acontecendo.

– Meu bom povo de Anderith, acabei de receber a notícia mais triste. Pois esta noite, somos um povo perdido e sem um Soberano.

A sala, ao invés de ficar cheia de sussurros, como Dalton esperava, caiu em um silêncio mortal. Então, pela primeira vez, Dalton realmente percebeu que havia nascido e vivido toda sua vida sob o reino do velho Soberano. Uma era havia terminado. Muitos na sala deviam estar pensando a mesma coisa.

Bertrand, todos os olhos sobre ele, piscou como se tentasse conter as lágrimas. Sua voz, quando ele continuou, estava triste e suave.

– Agora vamos todos baixar nossas cabeças e rezar para que o Criador leve a alma de nosso adorador Soberano para o local de honra que ele conquistou com seus bons trabalhos. E então eu devo deixar vocês com seu jantar enquanto esqueço do meu para chamar os Diretores, para que eles cumpram seu dever imediatamente.

– Considerando a urgência da situação com o Lorde Rahl e o Imperador Jagang competindo por nossa aliança; e com a nuvem escura da Guerra pairando sobre nós, eu solicitarei, em nome do povo de Anderith, que os Diretores nomeiem um novo Soberano esta noite mesmo, e, quem quer que ele seja, que amanhã esse homem seja consagrado como nosso novo Soberano, conectando nosso povo mais uma vez diretamente ao Criador para que

possamos finalmente ter a orientação que nosso velho e confiável Soberano, por causa da sua idade e morte por doença, foi incapaz de fornecer.

Teresa agarrou a manga dele.

– Dalton. – ela sussurrou enquanto olhava cheia de reverência com os olhos arregalados para Bertrand Chanboor. – Dalton, você percebe que ele poderia muito bem ser o nosso próximo Soberano.

Dalton, não querendo estragar a sinceridade da epifania dela, pousou uma das mãos gentilmente em suas costas.

– Podemos ter esperança, Tess.

– Também podemos rezar. – ela sussurrou, os olhos cintilando com as lágrimas.

Bertrand afastou as mãos diante dos olhos úmidos da multidão assustada.

– Por favor, meu bom povo, baixem suas cabeças comigo em uma oração.

* * *

Dalton, andando de um lado para outro perto da porta, segurou o braço de Franca assim que ela entrou na sala. Ele fechou a porta.

– Minha querida Franca, é muito bom vê-la. E ter uma chance de falar com você. Faz algum tempo. Obrigado por vir.

– Você disse que era importante.

– Sim, é. – Dalton levantou a mão fazendo um convite. – Por favor, sente-se.

Franca ajustou o vestido sob as pernas quando sentava em uma cadeira acolchoada diante da escrivaninha dele. Dalton inclinou o corpo encostando na escrivaninha, querendo ficar perto dela, para que parecesse menos formal do que sentar atrás de sua escrivaninha.

Sentiu algo atrás das costas. Viu o que era e empurrou o pequeno livro negro de Joseph Ander sobre a escrivaninha, para fora

do caminho.

Franca abanou o rosto.

– Poderia abrir uma janela, por favor, Dalton? Está terrivelmente abafado aqui dentro.

Embora ainda fosse madrugada, o sol ainda tivesse que surgir no horizonte, ela estava certa; já estava quente e esse prometia ser um dia sufocante. Sorrindo, Dalton foi para trás de sua escrivaninha e levantou a janela totalmente. Espiou por cima do ombro, e com o gesto insistente dela, abriu mais duas janelas.

– Obrigada, Dalton. Você está sendo gentil atendendo meu pedido. Agora, o que é tão importante?

Ele retornou dando a volta na escrivaninha para encostar contra ela mais uma vez enquanto olhava para Franca.

– Você conseguiu alguma coisa durante o banquete ontem à noite? Foi uma noite importante, com aquele trágico anúncio. Ajudaria bastante se você reportasse o que ouviu.

Franca, parecendo aflita, abriu uma pequena bolsa que estava pendurada em sua cintura, escondida debaixo de uma camada de lã marrom. Ela tirou quatro moedas de ouro e ofereceu a ele.

– Aqui. Isso é o que você me pagou desde que eu... desde que eu tive dificuldade com o meu Dom. Eu não mereci isso. Não tenho direito algum de ficar com o seu dinheiro. Sinto muito você ter que me chamar até aqui porque eu não devolvi o seu pagamento mais cedo.

Dalton sabia o quanto ela precisava do dinheiro. Se o Dom dela não estava trabalhando, ela também não estava. Franca estava quebrada. Sem homem algum em sua vida, tinha que ganhar a vida ou passar fome. O fato dela devolver o dinheiro que ele pagou era uma coisa séria.

Dalton empurrou a mão dela. – Não, não, Franca, eu não quero seu dinheiro...

– Não é meu dinheiro. Não fiz nada para merecê-lo. Não tenho o direito.

Ela ofereceu as moedas novamente. Dalton pegou a mão dela com as suas duas mãos e segurou-a gentilmente.

– Franca, somos velhos e queridos amigos. Vamos fazer o seguinte. Se acha que não mereceu o dinheiro, então darei a oportunidade de merecer ele agora mesmo.

– Eu já disse, não consigo...

– Isso não envolve usar o seu Dom. Envolve algo mais que você tem a oferecer.

Ela recuou assustada.

– Dalton! Você tem uma esposa! Uma linda jovem...

– Não, não. – Dalton disse, pego de surpresa. – Não, Franca. Sinto muito se fiz você acreditar que eu... sinto muito se não fui claro.

Dalton considerava Franca uma mulher atraente, intrigante, mesmo que ela fosse um pouco mais velha, e bastante estranha. Embora isso não estivesse em sua mente, e mesmo que ele não pretendesse fazer tal oferta, estava desapontado que ela achasse a ideia repulsiva.

Ela acalmou no assento.

– Então o que você quer?

– A verdade.

– Ah. Bem, Dalton, existem verdades, e existem verdades. Algumas delas representam mais problema do que as outras.

– Sábias palavras.

– Qual é a verdade que você busca?

– O que há de errado com a magia?

– Ela não funciona.

– Eu sei disso. Quero saber porque.

– Pensando em entrar no ramo dos magos, Dalton?

Ele suspirou e cruzou as mãos. – Franca, isso é importante. Preciso saber porque a sua magia não funciona.

– Porque?

– Porque preciso saber se isso é só com você, ou se tem algo errado com a magia em geral. A magia é um importante elemento da vida de muitos em Anderith. Se ela não funciona preciso saber a respeito para que esse escritório possa estar preparado.

A expressão de confusão dela aliviou.

– Oh.

– Então, o que há de errado com a magia, e até que ponto a dificuldade é universal?

Ela recuou dentro de uma sombra.

– Não consigo dizer.

– Franca, eu realmente preciso saber. Por favor?

Ela olhou para ele.

– Dalton, não pergunte para mim...

– Estou perguntando.

Ela ficou sentada durante algum tempo, olhando para o chão. Finalmente pegou uma das mãos dele e colocou as quatro moedas de ouro nela. Levantou para olhar nos olhos dele.

– Direi a você, mas não aceitarei dinheiro por isso. Esse é o tipo de coisa pela qual eu não aceito dinheiro. Só contarei a você porque eu... porque você é um amigo.

Dalton pensou que ela parecia ter sido condenada à morte por ele. Fez um sinal para a cadeira e ela sentou novamente.

– Valorizo muito isso, Franca. Realmente valorizo.

Ela assentiu sem levantar os olhos.

– Tem algo errado com a magia. Uma vez que não sabe a respeito de magia, não confundirei você com os detalhes. O importante que você deve saber é que a magia está morrendo. Exatamente como a minha magia se foi, o mesmo acontece com toda magia. Morta e extinta.

– Mas porque? Não existe nada que pode ser feito?

Ela pensou durante algum tempo.

– Não. Acho que não. Não tenho certeza, mas posso dizer que tenho certeza de que o Primeiro Mago morreu tentando resolver o problema.

Dalton estava surpreso com aquilo. Era impensável. Embora fosse verdade que ele não soubesse nada a respeito de magia, sabia de muitos dos seus benefícios para as pessoas, como a cura de Franca, não apenas no corpo, mas no conforto que ela trazia para almas inquietas.

Considerou isso mais grave do que a simples morte de um homem que era Soberano. Isso era a morte de muito mais.

– Mas ela voltará? Alguma coisa vai acontecer para, para, sei lá... para consertar o problema?

– Não sei. Como eu disse, um homem com muito mais conhecimento sobre isso do que eu não consegui reverter a dificuldade, então sou levada a crer que isso seja irreversível. É possível que ela pudesse voltar, mas temo que já seja tarde demais para que isso aconteça.

– E quais você acredita que serão as consequências de um evento dessa natureza?

Franca, ficando pálida, disse apenas.

– Não consigo nem imaginar.

– Já avaliou bem isso? Quer dizer, realmente avaliou?

– Estive isolada, estudando tudo que podia, tentando tudo que podia. Ontem à noite foi a primeira noite em que apareci em público durante semanas. – ela levantou o rosto com a testa franzida. – Quando o Ministro anunciou a morte do Soberano, ele falou algo sobre o Lorde Rahl. Do que se trata aquilo?

Dalton percebeu que a mulher estava tão fora de contato com os assuntos do dia a dia da vida em Anderith que ela nem sabia a

respeito do Lorde Rahl e da votação. Com essa notícia, agora ele tinha assuntos urgentes dos quais precisava cuidar.

– Oh, você sabe, sempre tem partidos brigando pelas mercadorias que Anderith produz. – segurou a mão dela e ajudou-a a levantar. – Franca, obrigado por vir e por confiar a mim essa informação. Você ajudou mais do que poderia imaginar.

Ela pareceu frustrada por ser colocada para fora, mas ele não podia evitar. Tinha que voltar ao trabalho.

Ela fez uma pausa, seu rosto a polegadas do rosto dele, e olhou dentro dos seus olhos. Foi um olhar arrebatador, com ou sem poder.

– Prometa, Dalton, que eu não me arrependerei de contar a você a verdade.

– Franca, pode contar...

Dalton virou com o súbito barulho atrás dele. Espantado, empurrou Franca para trás. Um enorme pássaro negro havia entrado pela janela aberta. Um corvo, ele acreditava que fosse, embora nunca tivesse visto um tão perto assim.

A coisa espalhou-se pela escrivaninha dele, as pontas das suas asas quase alcançando cada extremidade dela. Usou as suas grandes asas abertas e seu bico para tentar manter o equilíbrio sobre a cobertura lisa de couro. Solto um grasnado de furiosa frustração ou talvez surpresa com seu poleiro liso e estranho.

Dalton deu a volta rapidamente pelo lado da escrivaninha, até o suporte prateado em forma de pergaminho, e sacou sua espada.

Franca tentou segurar o braço dele. – Dalton, não! Dá má sorte matar um corvo!

A intervenção dela, e o mergulho inesperado do pássaro, fez ele errar um alvo fácil.

O corvo solto um grasnado e guinchou enquanto movia-se até o lado da escrivaninha. Dalton gentilmente, mas com força, empurrou Franca para o lado e preparou sua espada.

O corvo, vendo com seus grandes olhos o que estava vindo, agarrou o pequeno livro em seu bico. Segurando firme o livro que uma vez pertenceu a Joseph Ander, ele abriu as asas dentro da sala.

Dalton fechou a janela atrás de sua escrivaninha, aquela pela qual o pássaro tinha entrado. A ave foi para cima dele. Garras arranharam seu couro cabeludo enquanto ele fechava a segunda janela, e então a terceira.

Dalton deu um golpe no meio da fúria de penas, apenas acertando algo levemente com sua espada. O pássaro, grasnando alto o bastante para machucar os ouvidos dele, disparou em direção à janela.

Dalton e Franca cobriram os rostos com um braço quando a janela estilhaçou, lançando fragmentos de vidro e pedaços da madeira que ficava entre os vidros da janela para todos os lados.

Quando olhou, ele viu a ave planar até o galho de uma árvore próxima. Ela agarrou o galho, tombou, e agarrou novamente, finalmente conseguindo apoio. Parecia que estava ferida.

Dalton atirou a espada sobre a escrivaninha e pegou uma lança do mostrador com as bandeiras de batalha Ander. Com um grunhido de esforço, atirou a lança na ave através da janela quebrada.

O corvo, vendo aquele movimento, levantou voo com o livro. A lança errou por pouco. O pássaro desapareceu no ar do amanhecer.

– Bom, você não matou ele. – Franca disse. – Isso teria sido má sorte.

Dalton, com o rosto vermelho, apontou para a escrivaninha.

– Ele roubou o livro!

Franca balançou os ombros.

– Corvos são aves curiosas. Frequentemente eles roubam coisas, para levar até uma parceira. Eles formam casais para a vida toda, os corvos.

Dalton puxou suas roupas, esticando-as. – É mesmo?

– Mas a fêmea vai trair o macho. Às vezes, enquanto ele está fora coletando ramos para o ninho deles, ela deixará outro macho tomá-la.

– É mesmo? – ele repetiu, irritado. – E porque eu deveria me importar com isso?

Franca encolheu os ombros. – Apenas achei que esse era um fato interessante que você gostaria de saber. – ela chegou mais perto, observando o dano na janela. – O livro era valioso?

Dalton retirou pedaços de vidro dos ombros cuidadosamente.

– Não. Felizmente era apenas um livro velho inútil, escrito em uma língua morta faz muito tempo, que ninguém entende atualmente.

– Ah. – ela disse. – Bem, aí está o lado bom nisso. Fique agradecido porque ele não era valioso.

Dalton colocou as mãos nos quadris. – Olha essa bagunça. Dê uma olhada nisso. – ele pegou algumas penas negras e jogou-as para fora pela janela quebrada. Viu que havia uma gota vermelha sobre a escrivaninha. – Pelo menos ele pagou com sangue pelo seu tesouro.

CAPÍTULO 59



– Chegou a hora, – Bertrand Chanboor, recentemente instalado e consagrado Soberano de Anderith, gritou para a imensa multidão espalhada logo abaixo da sacada, inundando a praça até as ruas ao redor. – de assumir uma posição contra o ódio!

Uma vez que sabia que as aclamações continuariam durante algum tempo, Dalton aproveitou a oportunidade para olhar Teresa. Ela sorriu com bravura para ele enquanto enxugava os olhos. Estivera acordada a maior parte da noite, rezando pela alma do Soberano morto, e por força para o novo.

Dalton estivera acordado a maior parte da noite definindo estratégias com Bertrand e Hildemara, planejando o que diriam.

Bertrand estava em seu elemento. Hildemara estava em sua glória. Dalton tinha as rédeas.

A ofensiva havia começado.

– Como Soberano de vocês, não posso permitir que essa cruel injustiça seja lançada sobre o povo de Anderith! O Lorde Rahl é de D’Hara. O que ele sabe a respeito das necessidades de nosso povo? Como ele poderia vir aqui, pela primeira vez, e esperar que colocássemos nossas vidas sob a dependência da misericórdia dele?

A multidão vaiou e gritou. Bertrand deixou aquilo continuar por algum tempo.

– O que vocês acham que acontecerá com todos vocês bom povo Haken se Lorde Rahl fizer as coisas do jeito dele? Acham que em algum momento ele cuidaria de vocês? Acham que ele se importaria

em pensar se vocês tem roupas, comida, ou trabalho? Nós trabalhamos duro para garantir que vocês encontrem trabalho, com leis como a Lei Winthrop do Emprego Justo planejada para levar a generosidade de Anderith para todos.

Fez uma pausa para deixar o povo ovacioná-lo.

– Estivemos trabalhando contra o ódio. Temos nos esforçado contra pessoas que não se importam se crianças passam fome. Temos trabalhado para tornar a vida de todo o povo de Anderith melhor. O que Lorde Rahl tem feito? Nada! Onde estava ele quando nossas crianças estavam passando fome? Onde estava ele quando homens não conseguiam encontrar trabalho?

– Vocês realmente querem que todo o nosso trabalho duro e avanços sejam repentinamente destruídos por esse homem sem coração e sua esposa privilegiada, a Madre Confessora? Justamente quando estamos atingindo o ponto mais crítico em nossas reformas? Quando ainda temos tanto trabalho a fazer pelo povo de Anderith? O que a Madre Confessora sabe a respeito de crianças que passam fome? Alguma vez ela já cuidou de uma criança? Não!

Quando ele começou novamente, bateu o punho contra o corrimão da sacada para destacar cada afirmação.

– A verdade é que Lorde Rahl se importa apenas com sua magia! Sua própria cobiça é o motivo para ele ter vindo aqui! Ele veio para usar nossa terra para satisfazer sua própria cobiça!

– Ele envenenaria nossas águas com a conjuração vil dele! Não poderíamos mais pescar, porque a magia dele transformaria nossos lagos, nossos rios, e nosso oceano em águas mortas enquanto sua magia venenosa abre caminho para ele criar suas horríveis armas de guerra!

Pessoas estavam chocadas e com raiva ao descobrirem tais coisas. Dalton mediu a reação a cada palavra para que pudesse lapidá-las para os discursos que viriam, e para as mensagens que enviaria por toda a terra.

– Ele cria bestas malignas para conseguir pressionar sua Guerra injustificada. Talvez vocês tenham ouvido falar de pessoas morrendo de formas estranhas e inexplicáveis. Acham que isso é algum evento aleatório? Não! É a magia de Lorde Rahl! Ele cria essas criaturas vis de magia e então as solta para ver como eles matam bem! Essas criaturas mortais queimam até a morte ou afogam pessoas inocentes. Outras são arrastadas impotentes por esses saqueadores da noite para cima dos telhados e atiradas para a morte.

Assustadas, as pessoas gritavam.

– Ele usa nosso povo para aperfeiçoar seu estratagema para a guerra! Sua magia negra encherá o ar com uma neblina vil que entraria em todos os lares! Querem que as suas crianças respirem a magia de Lorde Rahl? Quem sabe como serão agonizantes as mortes de crianças inocentes, respirando os encantos descuidados dele? Quem sabe as deformidades que elas sofrerão caso nadem em um lago que ele usou para lançar um feitiço.

– É isso que teremos caso falhemos em assumir posição contra esse estupro de nossa terra! Ele nos deixaria morrer sufocados para que pudesse trazer seus amigos poderosos para roubarem nossa saúde. Essa é a verdadeira razão pela qual ele vem até nós!

Agora as pessoas estavam adequadamente alarmadas. Dalton inclinou em direção a Bertrand e sussurrou com o canto da boca.

– O ar e a água assustaram eles mais. Reforce isso.

Bertrand assentiu de modo quase imperceptível.

– É isso que significa, meus amigos, deixar esse ditador solto entre nós. O próprio ar que lutamos para respirar ficará maculado com a sinistra magia dele, a água contaminada com sua feitiçaria. Enquanto ele e seus colegas estarão rindo com o sofrimento do povo honesto e trabalhador, tanto Ander quanto Haken, eles ficarão ricos às nossas custas. Ele usará nosso ar puro e nossa água limpa para fazer crescer suas horríveis coisas de magia, para forçar uma guerra que ninguém quer!

As pessoas estavam gritando furiosas, balançando os punhos, ouvindo o Soberano deles revelando essas verdades terríveis. Havia horror, medo, e repulsa, mas em maior parte havia a raiva. Para alguns, somada com sua desilusão com Lorde Rahl e a Madre Confessora estava a indignação de serem tratados como tolos, enquanto para outros as suas suspeitas sobre aquelas pessoas poderosas sem coração estavam sendo apenas confirmadas.

Bertrand levantou uma das mãos.

– A Ordem Imperial ofereceu comprar nossas mercadorias em preços bem acima daqueles que agora recebemos.

Eles aplaudiram e assoviaram.

– Lorde Rahl roubaria de nós! Essa é a sua escolha, bom povo, escutar as mentiras desse mago vil da distante D’Hara que enganaria vocês fazendo com que desistissem dos seus direitos, que usaria nossa terra para propagar as coisas de magia vis dele para forçar uma guerra desnecessária, que deixaria suas crianças passarem fome ou morrerem por causa dos efeitos prejudiciais dos seus feitiços loucos, ou venderem o que vocês plantam e produzem para a Ordem Imperial e enriquecerem suas famílias como nunca antes.

Agora a multidão estava realmente preparada. As pessoas, com fresca boa vontade em relação ao novo Soberano delas, estavam ouvindo pela primeira vez sólidas razões para rejeitarem Lorde Rahl. Mais do que isso, sólidas razões para terem medo dele. Mas o melhor de tudo, sólidas razões para odiá-lo.

Dalton estava marcando alguns itens da lista na sua mão quando via que não eram tão efetivos, e circulando outros que recebiam as maiores reações. Como ele e Bertrand sabiam que aconteceria, a palavra “crianças” provocou a reação mais forte, incitando quase um tumulto por causa das coisas terríveis prestes a acontecerem com eles. A simples menção da palavra “crianças” fazia as pessoas perderem as cabeças.

Guerra, também teve o efeito que eles esperavam. As pessoas estavam apavoradas em descobrirem que era Lorde Rahl quem forçava a guerra, e que não havia necessidade dela. As pessoas desejariam a paz a qualquer custo. Quando descobrissem o custo, elas pagariam. Seria tarde demais para fazerem algo diferente.

– Devemos passar por isso, meu povo, colocar isso no passado, e seguir adiante com os negócios de Anderith. Temos muito trabalho a fazer. Agora não é hora de desistirmos de tudo que realizamos para nos tornarmos escravos desse mago de longe, um homem obcecado com riqueza e poder, um homem que só quer nos arrastar para dentro dessa guerra tola. Poderia haver paz, se ele ao menos desse uma chance para a paz, mas ele não fará isso.

– Eu sei que um homem assim colocaria de lado nossas tradições e religião, deixando vocês sem um Soberano, mas eu temo por vocês, não por mim. Ainda tenho tanto para fazer. Tenho tanto amor para dar ao povo de Anderith. Eu fui abençoado, e tenho tanto para dar em troca para a comunidade.

– Peço a vocês, peço a vocês todos como orgulhoso povo de Anderith, para mostrarem seu desprezo por esse demônio astuto de D'Hara, mostrem a ale que vocês enxergam os costumes malignos dele.

– O próprio Criador, através de mim, exige que vocês enfrentem Lorde Rahl quando votarem com sua consciência marcando um X para o mal dele! Um X para seus truques! Um X para as mentiras dele! Um X para sua tirania! Um X para ele e para a Madre Confessora também!

A praça rugiu. As construções ao redor tremeram enquanto isso continuava e continuava. Bertrand manteve os braços levantados na frente dele, cruzando-os para formar um grande X que todos pudessem ver enquanto ovacionavam.

Hildemara, ao lado dele, aplaudiu enquanto fixava nele seu costumeiro olhar de adoração em público.

No momento em que a multidão finalmente acalmou quando ele levantou uma das mãos, Bertrand apontou para sua esposa, apresentando-a ao seu povo. Eles a ovacionaram quase tanto quanto tinham feito com ele. Hildemara, feliz além da medida com sua nova posição, afastou as mãos pedindo silêncio. Conseguiu isso quase instantaneamente.

– Bom povo de Anderith, não consigo dizer o quanto estou orgulhosa em ser a esposa desse grande homem...

Ela foi interrompida pelo rugido da multidão. Os braços esticados dela finalmente tiveram sucesso em conseguir o silêncio outra vez.

– Não consigo dizer como observei enquanto meu marido tem trabalhado pelo povo de Anderith. Sem importar-se com reconhecimento, despercebido, ele tem trabalhado incansavelmente pelo povo, sem considerar nem mesmo o seu próprio descanso ou alimentação.

– Quando eu pedia a ele para descansar, ele dizia para mim, “Hildemara, enquanto houver crianças famintas, eu não posso descansar”.

Quando a multidão ficou louca outra vez, Dalton precisou virar para tomar um gole de vinho. Teresa agarrou o braço dele.

– Dalton, – ela sussurrou. – o Criador atendeu as nossas preces dando a nós Bertrand Chanboor como Soberano.

Ele quase riu, mas viu a expressão de espanto nos olhos dela quando olhava para o homem. Dalton suspirou. Não foi o Criador quem deu a eles Bertrand, mas o próprio Dalton.

– Tess, enxugue os olhos. O melhor ainda está por vir.

Hildemara continuou.

– E pelo bem dessas crianças, peço a cada um de vocês que rejeite o ódio e a divisão que Lorde Rahl espalharia entre nosso povo!

– Rejeitem a Madre Confessora também, pois o que ela sabe a respeito de pessoas comuns? Ela é uma mulher que nasceu com vantagem, nascida na riqueza. O que ela sabe sobre trabalho duro? Mostrem a ela que o direito de domínio por nascimento dela está acabando! Mostrem a ela que não iremos nos submeter ao tratamento odioso dela com as pobres pessoas trabalhadoras! Mostrem a ela que rejeitamos a vida privilegiada dela! Um X para a Madre Confessora e suas pomposas exigências para pessoas que ela nem conhece!

– Eu digo que Lorde Rahl e a Madre Confessora já possuem riqueza bastante! Não entreguem a ela a de vocês também! Eles não possuem direito algum sobre isso!

Dalton bocejou e esfregou os olhos quando a ovação transformou-se em um canto com o nome Chanboor. Não conseguia lembrar de ter dormido. Teve que torcer o braço de um dos Diretores para que isso fosse unânime. Tal unanimidade significava intervenção divina em nome do Soberano escolhido, e servia para fortalecer o mandato dele.

Quando finalmente Bertrand assumiu novamente a frente e falou com a multidão, Dalton só estava escutando parcialmente até ouvir o seu nome sendo mencionado.

– É por isso, entre outras razões numerosas demais para mencionar, que eu me envolvi pessoalmente no processo de seleção. É com especial orgulho que eu apresento a vocês o novo Ministro da Cultura, um homem que protegerá e servirá tão bem quanto qualquer outro que o precedeu. – Bertrand levantou a mão. – Dalton Campbell.

Ao lado dele, Teresa caiu de joelhos, baixando a cabeça para Bertrand.

– Oh, Soberano, Vossa Grandeza, obrigada por reconhecer meu marido. Que você seja abençoado por tudo que tem feito por ele.

Ao invés de sentir orgulho com a nomeação, Dalton sentiu-se um pouco desapontado. Teresa sabia o trabalho que ele teve para chegar onde havia chegado, mas agora ela relacionava tudo isso com a grandeza de Bertrand Chanboor. Tal era o poder da palavra do Soberano.

Enquanto observava a multidão de pessoas agitadas, e pensava nas palavras que diria para apoiar Bertrand e Hildemara, ele imaginou que isso também era muito bom, pois as pessoas seriam influenciadas pela posição do Soberano na votação que seria realizada.

Mas ainda havia mais por vir. Dalton ainda tinha que liberar o elemento final.

* * *

O cheiro, como um prisioneiro correndo para escapar, atingiu ele com toda força quando a porta foi aberta. Estava escuro demais para ver. Dalton estalou os dedos, e os grandes guardas Ander arrancaram as tochas dos suportes enferrujados e trouxeram elas.

– Tem certeza de que ele ainda está vivo? – Dalton perguntou. – Você checkou?

– Ele está vivo, Ministro.

Dalton ficou momentaneamente confuso, e então surpreso com o título. Sempre que alguém dirigia-se a ele pelo título levava um segundo para perceber que estavam falando com ele. Apenas o som daquilo, Ministro da Cultura, Dalton Campbell, o deixava tonto.

O guarda levantou a tocha. – Aqui, Ministro Campbell.

– Dalton pisou sobre homens tão sujos que pareciam quase invisíveis contra o chão negro engordurado. Água fétida corria através de uma depressão no centro do tijolo enegrecido. No local por onde entrava na sala ela fornecia água para beber. No local por

onde ela saía, era uma latrina. As paredes, o chão, os homens, estavam cheios de vermes.

Do outro lado da sala, passando pela água suja, uma pequena janela com barras, aproximadamente na altura da cabeça e pequena demais para que um homem rastejasse através dela, mostrava um beco. Se a família ou amigos se importassem que os prisioneiros vivessem, eles vinham até o beco e os alimentavam.

Uma vez que os braços e pés dos homens estavam presos em blocos de madeira para refrear seus movimentos, eles não conseguiam brigar uns com os outros por comida. Podiam fazer pouco mais do que deitar no chão. Não conseguiam andar por causa dos blocos; no máximo conseguiam saltar uma curta distância. Se conseguissem esticar o corpo o bastante, podiam colocar a boca perto da janela e receber comida. Se ninguém os alimentasse, eles morriam.

Todos os prisioneiros estavam nus. A luz de tocha refletia corpos negros gordurosos, e ele viu que um dos prisioneiros era uma velha magra sem dentes. Dalton nem tinha certeza se alguns dos homens estavam vivos. Não mostraram reação alguma com os homens pisando em cima deles.

– Estou surpreso que ele esteja vivo. – Dalton falou para o guarda.

– Ele ainda tem aqueles que acreditam nele. Eles aparecem todos os dias e o alimentam. Ele fala com eles, através da janela, depois que eles o alimentam. Eles sentam e escutam ele falando, como se o que ele tinha para dizer fosse importante.

Dalton não fazia ideia de que o homem ainda tivesse os seus seguidores; isso era um bônus. Com seguidores preparados, levaria pouco tempo para colocar o movimento em ação.

Um guarda baixou uma tocha para apontar.

– Ali está ele, Ministro Campbell. Aquele é o homem.

O guarda chutou o homem deitado de lado. A cabeça virou na direção deles. Não depressa, não devagar, mas deliberadamente. Ao invés do olhar assustado que Dalton esperava, um olho feroz levantou.

– Serin Rajak?

– Isso mesmo. – o homem grunhiu. – O que você quer?

Dalton agachou ao lado do homem. Teve que fazer uma segunda tentativa para respirar. O fedor era absurdo.

– Acabei de ser nomeado Ministro da Cultura, Mestre Rajak. Hoje mesmo. Como minha primeira ação, eu vim corrigir uma injustiça cometida com você.

Então Dalton viu que o homem estava sem um olho. Tinha uma ferida profunda mal cicatrizada no local onde ele estivera.

– Injustiça. O mundo está cheio de injustiça. A magia está livre para ferir as pessoas. A magia me colocou aqui. Mas eu não me entreguei a ela. Não, Senhor, eu não me entreguei. Jamais me entregarei para o mal da magia.

– Entreguei um olho alegremente nessa causa. Perdi ele para uma feiticeira. Se espera que eu renuncie da minha guerra sagrada contra os vis fornecedores da magia, pode me deixar aqui. Pode deixar, está ouvindo? Pode me deixar! Nunca me entregarei a eles!

Dalton recuou um pouco quando o homem debateu-se loucamente no chão, forçando a contenção que, até mesmo alguém que estivesse apenas meio louco conseguiria perceber, não soltaria com sua tentativa. Ele lutou até que o sangue fresco cobrisse os seus pulsos.

– Não irei renunciar da luta contra a magia! Está ouvindo? Não me entregarei para aqueles que infligem a magia sobre aqueles de nós que reverenciamos o Criador!

Dalton colocou uma das mãos no ombro gorduroso do homem para contê-lo.

– Entendeu errado, Senhor. A magia está causando grande dano para nossa terra. Pessoas estão morrendo queimadas e afogadas. Pessoas, sem nenhuma razão, estão saltando do alto de casas e pontes.

– Feiticeiras!

– É isso que eu temo.

– Feiticeiras amaldiçoando as pessoas! Se vocês, tolos, tivessem escutado, eu tentei avisá-los! Tentei ajudar! Tentei livrar a terra dessas pessoas!

– É por isso que estou aqui, Serin. Acredito em você. Precisamos de sua ajuda. Eu vim libertá-lo, e implorar que nos ajude.

O branco do único olho do homem quando ele olhou para cima era como uma luz forte na escuridão da sujeira.

– O Criador seja louvado. – ele sussurrou. – Finalmente. Finalmente eu fui chamado para fazer o trabalho dele.

CAPÍTULO 60



Richard estava surpreso com a visão. A rua larga estava cheia de pessoas, quase todas carregando velas, uma enchente cintilante de rostos banhando a larga avenida principal de Fairfield. Eles fluíam ao redor das árvores e bancos no centro entre os dois lados da estrada, fazendo eles parecerem ilhas.

Estava começando a escurecer. A cor do final da tarde no horizonte no céu do Oeste, atrás dos picos de montanhas distantes, surgia através de uma leve brecha entre as nuvens, com uma tonalidade púrpura e um toque avermelhado.

Acima, nuvens pesadas estiveram reunindo-se durante toda a tarde. O ribombar esporádico de um trovão a uma certa distância podia ser ouvido. O ar tinha cheiro úmido enquanto ao mesmo tempo a poeira levantada pelos cascos dos cavalos subia para deixá-lo carregado. Ocasionalmente, uma gota de chuva errante caía, com a promessa de que outras a seguiriam.

Soldados D'Haran cercavam Richard, Kahlan, e Du Chaillu em um anel, de aço. Os homens montados ao redor deles faziam Richard lembrar de um barco, flutuando em um mar de rostos. Os soldados habilidosamente recusavam-se a abrir caminho sem parecerem como se estivessem forçando as pessoas. As pessoas os ignoravam; sua atenção parecia estar em chegar aonde estavam indo, ou talvez apenas estivesse escuro demais para que as pessoas os reconhecessem, pensando que eles fossem parte do exército Anderith.

Os Mestres da Lâmina Baka Tau Mana haviam desaparecido. Às vezes eles faziam isso. Richard sabia que eles simplesmente estavam assumindo posições estratégicas caso houvesse problema. Du Chaillu bocejou. Era o fim de um longo dia de viagem que finalmente os via retornando a Fairfield.

Richard não gostou da aparência daquilo que viu, e conduziu todos para fora da avenida principal cheia de pessoas até uma rua deserta não muito longe da praça principal da cidade. Na escuridão que aproximava-se, ele desmontou. Queria dar uma olhada mais de perto, mas não queria que as pessoas o vissem ali com todos os soldados. Bons como os homens dele fossem, não eram páreo para as dezenas de milhares de pessoas nas ruas. Uma colônia de pequenas formigas, afinal de contas, podia vencer um inseto sozinho que tinha muitas vezes o tamanho delas.

Richard deixou a maioria dos homens para trás para aguardarem e tomarem conta dos cavalos enquanto levou Kahlan e alguns homens para verem o que estava acontecendo. Du Chaillu não perguntou se podia ir junto, simplesmente foi. Jiaan, tendo feito o reconhecimento na área até ficar satisfeito e considerando-a razoavelmente segura, juntou-se a eles. Nas sombras de construções com dois andares em ambos os lados de uma rua Norte-Sul que levava até a praça, eles observaram sem serem notados.

Uma plataforma com um corrimão de pedra estava no ponto principal da praça. Dela, anúncios públicos eram feitos. Antes deles partirem, Richard tinha falado ali para pessoas interessadas, sérias. Richard e Kahlan retornaram a Fairfield em seu caminho de volta, com intenção de falar novamente na praça antes que seguissem adiante até a propriedade. Era urgente iniciar a tediosa tarefa de vasculhar por todos os livros por ou sobre Joseph Ander, buscando uma maneira de parar as Notas, mas Richard queria reforçar as coisas positivas que tinha falado para essas pessoas.

Nos últimos dias as Notas ficaram piores. Pareciam estar em todo lugar. Richard e Kahlan conseguiram impedir alguns dos seus próprios homens, dominados pelo terrível chamado da morte, pouco antes deles saltarem dentro do fogo, ou mergulharem na água. Não chegaram em tempo para alguns outros. Nenhum deles estivera dormindo muito bem.

A multidão começou a cantar. – Chega de guerra. Chega de guerra. Chega de guerra. – Era um som repetitivo, forte e insistente, como o barulho de um trovão distante.

Richard achou que esse era um bom sentimento, um que ele abraçava com todo seu coração, mas estava perturbado com a raiva nos olhos das pessoas, e com o tom nas suas vozes enquanto cantavam. Isso continuou durante alguns minutos, como trovão ribombando nas planícies, ganhando consistência, crescendo.

Um homem perto da plataforma ajudou sua jovem garota a subir em seus ombros para que as pessoas a vissem.

– Ela tem algo a dizer! Deixem ela falar! Por favor! Escutem minha criança!

A multidão gritou encorajando. A garota, com dez ou doze anos, subiu os degraus ao lado e, parecendo determinada, marchou pela plataforma para ficar diante do corrimão. A multidão calou para escutá-la.

– Por favor, querido Criador, escute nossas preces. Impeça que Lorde Rahl faça Guerra. – ela falou com uma voz fortalecida pelo entusiasmo simplista adolescente. Olhou para o pai dela. Ele assentiu e ela continuou. – Não queremos essa guerra. Por favor, querido Criador, faça Lorde Rahl dar uma chance para a paz.

Richard sentiu como se uma flecha de gelo tivesse perfurado seu coração. Queria explicar para a criança, explicar milhares de coisas, mas sabia que ela não entenderia nenhuma delas. A mão de Kahlan em suas costas foi um frio conforto.

Outra garota, talvez um ano ou dois mais jovem, subiu os degraus para juntar-se com a primeira.

– Por favor, querido Criador, faça Lorde Rahl dar uma chance para a paz.

Uma fila estava se formando, pais carregando crianças de todas as idades até os degraus. Todas elas tinham mensagens similares. A maioria caminhou adiante e simplesmente disse. – Dê uma chance para a paz. – algumas não pareciam ao menos compreender as palavras que falaram antes de retornarem para os pais orgulhosos.

Estava claro para Richard que as crianças estiveram ensaiando as palavras o dia todo. Aquelas palavras não eram linguagem de crianças. Sabendo que elas acreditavam naquilo, isso mal suavizava a mágoa.

Algumas das crianças estavam relutantes, algumas nervosas, mas a maioria parecia orgulhosa e feliz em fazer parte do grande evento. Pela paixão nas vozes delas, ele podia dizer que as mais velhas acreditavam que estavam falando palavras profundas que tinham chance de alterar a história, e evitar o que era, para elas, uma perda de vidas sem propósito, um desastre sem nada de bom em troca.

Um jovem perguntou.

– Querido Criador, porque Lorde Rahl quer ferir crianças? Faça ele dar uma chance para a paz.

A multidão enlouqueceu ovacionando ele. Ao ver a reação, ele repetiu, e novamente foi ovacionado. Muitos na multidão estavam chorando.

Richard e Kahlan trocaram um olhar que estava além das palavras. Estava óbvio para eles dois que isso não era nenhuma efusão de sentimentos espontânea; isso era uma mensagem cuidadosa e ensaiada. Eles estiveram recebendo relatórios desse tipo de coisa, mas ver aquilo fez o sangue dele gelar.

Um homem que Richard reconheceu como um Diretor chamado Prevot finalmente subiu na plataforma.

– Lorde Rahl, Madre Confessora, – o homem gritou para a multidão. – se pudessem me ouvir agora, eu perguntaria, porque vocês trariam sua magia vil até nosso povo adorador da paz? Porque tentariam nos arrastar para dentro da sua guerra, uma Guerra que não queremos?

– Escutem as crianças, pois delas são as palavras de sabedoria!

– Não há razão alguma para recorrer ao conflito antes do diálogo. Se vocês se importassem com as vidas de crianças inocentes, sentariam com a Ordem Imperial e resolveriam suas diferenças. A Ordem está disposta a fazer isso, porque vocês não?

Poderia ser porque desejam essa guerra para conquistarem o que não é de vocês? Para que possam escravizar aqueles que os rejeitam?

– Escutem as sábias palavras de todas essas crianças e por favor, em nome de tudo que é bom, deem uma chance para a paz!

A multidão voltou a cantar. – Dê uma chance para a paz. Dê uma chance para a paz. Dê uma chance para a paz. – O homem deixou isso continuar por algum tempo, e então recomeçou.

– Nosso novo Soberano tem muito trabalho a fazer por nós! Precisamos desesperadamente da mão orientadora dele. Porque Lord Rahl insiste em distrair nosso Soberano do trabalho para o povo? Porque Lorde Rahl colocaria nossas crianças em perigo tão grande?

– Por causa da cobiça dele! – o homem gritou respondendo suas próprias perguntas. – Por causa da cobiça dele!

Kahlan colocou a mão confortadora no ombro de Richard. Ele sentiu pouco conforto. Estava observando todo o seu trabalho sendo consumido pelo calor da chama de mentiras.

– Querido Criador, – o Diretor Prevot gritou, levantando suas mãos unidas para o céu. – nós agradecemos por nosso novo

Soberano. Um homem de inigualável talento e devoção incomparável, o Soberano mais ético que já nos governou. Por favor, querido Criador, dê a ele forças contra os costumes malignos de Lorde Rahl.

O Diretor Prevot abriu os braços.

– Eu peço a vocês, bom povo, para avaliarem esse homem de longe. Um homem que tomou a Madre Confessora de toda Midlands como sua esposa.

A multidão resmungou com crescente desgosto, a Madre Confessora, afinal de contas, era a Madre Confessora deles.

– Ainda assim esse homem, esse homem que grita para todos ouvirem sobre a sua liderança ética, sobre o seu desejo por aquilo que é certo, já tem outra esposa! Aonde quer que ele vá, ele a leva também, grávida da criança dele! Mesmo quando essa outra esposa ainda carrega sua criança, ele casa com a Madre Confessora, e arrasta ela junto com ele também, como sua concubina! Quantas mulheres mais esse homem pecador tomará para dar à luz aos seus descendentes malignos? Quantas crianças bastardas ele criou aqui, em Anderith? Quantas de nossas mulheres cederam ao seu desejo sem limites?

A multidão estava genuinamente chocada. Além das implicações morais, isso era uma desgraça para a Madre Confessora.

– Essa outra mulher admite orgulhosamente ser esposa de Lorde Rahl, e mais tarde confirma ser filha dele! Que tipo de homem é esse?

– Lady Chanboor estava tão chocada com essa conduta não civilizada que foi para sua cama, chorando, para recuperar os nervos! O Soberano está fora de si com o escândalo que tal comportamento tenha sido trazido para dentro de Anderith. Os dois pedem a vocês que rejeitem esse porco de D’Hara!

Du Chaillu puxou a manga de Richard.

– Isso não é verdade. Eu vou explicar para eles, para que eles possam ver que isso não é maligno, como esse homem diz. Eu vou explicar.

Richard a segurou.

– Você não vai fazer isso. Essas pessoas não escutariam.

Jiaan falou com palavras aquecidas pela irritação. – Nossa Mulher dos Espíritos não é uma mulher que seria imoral. Ela deve explicar que agiu pela lei.

– Jiaan, – Kahlan disse. – Richard e eu sabemos a verdade. Você, Du Chaillu e os outros com você, vocês todos conhecem a verdade. Isso é o que importa. Essas pessoas não escutam a verdade.

– É assim que tiranos conquistam a vontade do povo: com mentiras.

Tendo visto o bastante, Richard estava prestes a virar para ir embora quando um jato de fogo alaranjado irrompeu no meio da multidão. Uma vela, aparentemente, incendiou o vestido de uma garota. Ela soltou um grito agudo. O cabelo dela pegou fogo.

Pela velocidade do fogo, Richard percebeu que não foi acidente. As Notas estavam entre eles.

Não muito longe, as roupas de um homem pegaram fogo. A multidão ficou terrivelmente assustada, gritando com medo que Lord Rahl estava usando sua magia contra eles.

Era uma visão apavorante, nauseante, ver a garota e o homem contorcendo enquanto as chamas corriam por suas roupas, o fogo chiava como se eles tivessem sido mergulhados em piche fervente, como se o fogo fosse uma coisa viva.

A multidão dispersou em pânico, derrubando tanto velhos quanto jovens. Os pais tentaram cobrir a garota flamejante com uma camisa para apagar o fogo, mas ela também queimou, adicionando combustível para a queima. O homem flamejante desabou no chão. Era pouco mais do que uma figura negra no centro de uma intensa chama laranja amarelada.

Como se os próprios bons espíritos não conseguissem mais suportar aquilo, o céu abriu em um aguaceiro. O rugido da chuva tamborilando no chão seco abafou o rugido do fogo e os gritos do povo. A escuridão desceu quando as velas foram apagadas pela chuva. Na praça, duas figuras continuavam a queimar: a garota e o homem. As Notas dançavam sobre a carne deles em uma luz líquida. Não havia nada a ser feito por aquelas duas almas perdidas.

Se Richard não fizesse algo, não haveria nada a ser feito por ninguém; as Notas consumiriam o mundo dos vivos.

Kahlan puxou Richard. Isso exigiu pouco esforço. Eles correram de volta pela escuridão e pela chuva e encontraram com os cavalos e o resto dos homens. Richard, conduzindo seu cavalo pelas rédeas, os guiou até uma rota lateral através de Fairfield.

– Os relatórios foram precisos. – Richard falou enquanto inclinava em direção à Kahlan. – Está claro que fizeram as pessoas voltarem-se contra nós.

– Felizmente faltam poucos dias para a votação. – Kahlan respondeu em meio ao barulho da chuva. – Podemos perder algumas pessoas aqui, mas pelo menos temos uma chance com o resto de Anderith.

Enquanto eles caminhavam com os cavalos pela chuva, Richard passou as rédeas para a outra mão e colocou um braço ao redor dos ombros de Kahlan.

– A verdade vencerá.

Kahlan não respondeu.

– A coisa importante são as Notas. – Du Chaillu disse. Ela parecia triste e assustada ao mesmo tempo. – Não importa o que mais aconteça, as Notas devem ser detidas. Não quero morrer de novo por causa delas. Não quero que nossa criança morra por causa delas.

– Não importa o que aconteça aqui, esse é apenas um lugar. As Notas estão por toda parte. Não quero trazer meu bebê para um

mundo com as Notas. Não haverá nenhum lugar seguro se elas não forem detidas. Esse é o seu verdadeiro trabalho, Caharin.

Richard colocou o braço em volta dos ombros dela.

– Eu sei. Eu sei. Talvez eu consiga encontrar a coisa que preciso na biblioteca na Propriedade.

– O Ministro e o Soberano passaram para o outro lado. – Kahlan falou. – Eles podem não estar mais interessados que usemos a biblioteca.

– Nós a usaremos, – Richard disse. – de um jeito, ou de outro.

Ele os guiou descendo por uma rua que ficava paralela com a avenida principal, uma rua que, uma vez fora da cidade, faria uma curva para juntar-se com a estrada principal na direção da Propriedade do Ministro. Era naquela estrada, perto da Propriedade, que as tropas deles estavam posicionadas.

Richard notou Kahlan olhando fixamente para alguma coisa. Seguiu o olhar dela na chuva e na escuridão até uma pequena placa visível na luz da lamparina que vinha de uma janela debaixo dela.

A placa oferecia venda de ervas e os serviços de uma parteira.

Du Chaillu estava enorme. Richard imaginou que ela devia estar prestes a ter seu bebê, quer ela quisesse que ele nascesse em um mundo assim ou não.

CAPÍTULO 61



Havia sido um longo dia, a última hora dele passada seguindo com dificuldade através do aguaceiro até onde o restante das tropas deles estavam posicionadas. Mais da metade deles haviam sido enviados através de Anderith para observarem a votação. Sentindo-se enjoada, Du Chaillu não estava em condições de cavalgar; foi uma caminhada miserável e a exaustão finalmente tomou conta dela, o que não era algo que ela teria admitido com facilidade. Richard e Jiaan fizeram turnos carregando-a durante a distância que faltava.

Entretanto, Richard estava agradecido pela chuva por uma razão. Ela havia esfriado os ânimos da multidão em Fairfield e os mandou para casa.

Normalmente Richard teria insistido que Du Chaillu fosse direto para sua própria tenda mas depois dos eventos em Fairfield, ele entendeu o humor deprimido dela e percebeu que ela precisava da companhia deles mais do que precisava descansar. Kahlan devia ter entendido também, pois ao invés de expulsar a Mulher dos Espíritos da tenda deles, como teve que fazer em mais de uma ocasião, deu a ela um biscoito de tava seco para chupar, dizendo que aquilo acalmaria seu estômago. Kahlan sentou Du Chaillu sobre o cobertor acolchoado que era a cama e com uma toalha secou o rosto e o cabelo dela enquanto Jiaan foi buscar algumas roupas secas.

Richard sentou diante da pequena mesa dobrável que usava para escrever mensagens, ordens, e cartas, a maioria para o General Reibisch. Depois de ter ficado na cidade, ele queria

desesperadamente escrever ao General e ordenar que ele entrasse em Anderith.

Do lado de fora da tenda, uma voz abafada pediu permissão para entrar. Quando Richard a forneceu, o Capitão Meiffert levantou a grossa cobertura da entrada, mantendo-a elevada com um bastão para que agisse como um pequeno teto mantendo a chuva afastada da porta deles. Balançou o corpo tirando a água, o melhor que podia, debaixo do pequeno teto antes de entrar.

– Capitão, – Richard falou. – eu gostaria de cumprimentar você e seus homens pelos relatórios. Estão sendo bastante acurados sobre o que está acontecendo em Fairfield. Os espíritos sabem que eu queria poder gritar com você e dispensar os mensageiros por fazerem o serviço errado, ou alterarem os fatos, mas não posso. Eles foram bastante precisos.

O Capitão Meiffert não pareceu feliz por ter feito o trabalho do modo certo. Não havia nada com o que se orgulhar naquela situação. Com um dedo, ele afastou o cabelo louro molhado da testa.

– Lorde Rahl, acredito que agora deveríamos trazer o exército do General Reibisch pelo Sul, para dentro de Anderith. A situação está ficando mais delicada a cada dia. Tenho um punhado de relatórios sobre tropas especiais da guarda Ander. Os relatórios informam que eles não são nada parecidos com o exército Anderith comum que nós vimos.

– Concordo com o Capitão. – Kahlan falou do chão ao lado de Du Chaillu.

– Precisamos entrar na biblioteca, tentar encontrar algo útil contra as Notas. Não temos tempo de desmentir as coisas que estão sendo ditas para que o povo nos rejeite.

– Isso só acontece aqui. – Richard disse.

– Tem certeza? E se não for? Além disso, como eu falei, não temos o luxo do tempo para devotar a isso. Temos coisas mais importantes como que nos preocupar.

– A Madre Confessora está certa. – o Capitão Meiffert insistiu.

– Preciso acreditar que a verdade vencerá. Caso contrário, o que resta para fazermos? Mentir para o povo procurando fazer com que eles se juntem ao nosso lado?

– Parece estar funcionando para aqueles que se opõem a nós. – Kahlan declarou.

Richard afastou o cabelo molhado da testa.

– Vejam, não há nada que eu gostaria mais de fazer do que simplesmente chamar o General Reibisch até aqui. Verdade, não há. Mas não podemos.

O Capitão Meiffert retirou água do queixo. O homem pareceu ter antecipado a razão para a relutância de Richard e tinha uma resposta pronta.

– Lorde Rahl, temos homens suficientes aqui. Podemos enviar recado para o General, e antes que ele esteja ao alcance da vista, podemos tomar a *Dominie Dirtch* do exército Anderith e deixar nossos homens passarem em segurança.

– Esse mesmo pensamento já passou pela minha cabeça mil vezes. – Richard disse. – Uma coisa continua tocando um sinal de alerta em minha mente.

– O que é? – Kahlan perguntou.

Richard virou de lado em seu pequeno banco dobrável para conseguir falar com ela assim como também falava com o Capitão.

– Não sabemos direito como a *Dominie Dirtch* funciona.

– Então, perguntamos para alguém aqui. – Kahlan disse.

– Não é uma arma que eles usam. Não podemos contar com a experiência deles. Sim, eles sabem que se forem atacados eles tocam as coisas e o inimigo será morto.

– Lorde Rahl, temos mil homens, assim que todos eles voltarem da votação. Podemos tomar a *Dominie Dirtch* em uma ampla fileira e o General Reibisch poderá trazer seu exército através daquilo com segurança. Então podemos usar os homens dele para tomar o resto,

por toda a fronteira, e a Ordem Imperial não conseguirá passar. Talvez eles até cheguem perto, pensando que conseguirão, e então teremos oportunidade de usar a *Dominie Dirtch* contra eles.

Richard girou e girou a vela sobre a mesa em seus dedos enquanto escutava, e depois no silêncio que veio em seguida.

– Tem um problema nisso. – ele finalmente falou. – e é aquilo que eu já falei: Não sabemos direito como aquelas coisas funcionam.

– Sabemos a coisa básica. – Kahlan disse, sua frustração crescendo.

– Mas o problema é, – Richard falou. – que não sabemos o bastante. Primeiramente, não podemos tomar todas as *Dominie Dirtch* ao longo da fronteira. Tem muitas, elas seguem por toda a fronteira. Podemos apenas tomar algumas, como você sugeriu, Capitão.

– É nisso que está o problema. Lembra quando nós passamos? Como aquelas pessoas foram mortas quando a *Dominie Dirtch* tocou?

– Sim, mas não sabemos porque elas tocaram. – Kahlan falou. – Além disso, que diferença isso faz?

– E se nós capturarmos uma certa extensão da *Dominie Dirtch*, – Richard disse, olhando para cada um deles. Kahlan e o Capitão Meiffert. – e então avisarmos para o General Reibisch que é seguro trazer o exército dele. E se, quando todos aqueles homens estiverem quase lá, soldados Anderith em algum outro lugar, aqueles que ainda estiverem no controle da *Dominie Dirtch*, tocarem as deles?

– E daí? – Kahlan perguntou. – Estarão longe demais.

– Tem certeza? – Richard inclinou em direção a ela para enfatizar. – E se isso fizer todas elas tocarem? E se eles souberem como fazer tocar a fileira inteira?

– Lembra quando entramos, como eles disseram que todas tocaram, e todos diante da *Dominie Dirtch* foram mortos? Todas tocaram juntas.

– Mas não sabiam como todas tocaram. – Kahlan falou. – Os soldados não as tocaram.

– Como você sabe que uma pessoa em alguma parte na fileira toda não tocou sua *Dominie Dirtch*, e fez com que todas tocassem? Talvez acidentalmente, e ela está com medo demais para admitir temendo a punição, ou talvez algum daqueles jovens posicionados ali, sentindo tédio, simplesmente quis experimentar?

– E se a mesma coisa acontecer enquanto nosso exército estiver lá fora na frente daquelas coisas assassinas? Conseguem imaginar isso? O General Reibisch tem quase cem mil homens, agora talvez mais. Conseguem imaginar todas as forças dele mortas em um instante?

Richard olhou do rosto calmo de Kahlan para o rosto alarmado do Capitão.

– Todo o nosso exército aqui no Sul, de uma vez só, morto. Imaginem.

– Mas eu não acho... – Kahlan começou.

– E você está disposta a arriscar as vidas de todos aqueles jovens baseada no que você acha? Tem certeza disso? Não sei se a *Dominie Dirtch* funciona em conjunto desse jeito, mas e se funcionar? Talvez se uma tocar faça todas tocarem. Você pode afirmar que isso não vai acontecer?

– Não estou disposto a arriscar as vidas daqueles bravos homens em uma aposta mortal assim. Você está? – Richard olhou de volta para o Capitão Meiffert. – Você está? Você é um “apostador”, Capitão? Conseguiria apostar as vidas de todos aqueles homens tão facilmente?

Ele balançou a cabeça.

– Se fosse a minha própria vida, Lorde Rahl, estaria disposto a arriscá-la, mas não à custa de todas aquelas vidas.

O rugido diminuiu quando a chuva aliviou um pouco. Homens passavam do lado de fora diante da abertura na tenda, levando

comida para os cavalos. Em sua maior parte, o acampamento estava na escuridão; fogueiras eram proibidas a não ser onde fossem essenciais.

– Não posso discordar disso. – Kahlan levantou as mãos e então, frustrada, deixou elas caírem de volta sobre o colo. – Mas Jagang está vindo. Se não conquistarmos o povo com nossa causa para que eles se oponham a ele, ele tomará Anderith. Ficará invencível atrás da *Dominie Dirtch* e será capaz de atacar Midlands de acordo com sua vontade e fazer com que sangremos até a morte.

Richard escutou a chuva tamborilando no teto da tenda e caindo do lado de fora da abertura. Soava como o tipo de chuva constante que continuaria com eles durante toda a noite.

Richard falou suavemente. – Pelo que vejo, só temos uma opção. Devemos voltar até a biblioteca na Propriedade e ver se conseguimos encontrar alguma coisa útil.

– Ainda não encontramos. – Kahlan disse.

– E com as pessoas no comando agora contra nós. – o Capitão Meiffert falou. – elas podem resistir a isso.

Richard bateu com o punho sobre a mesa enquanto encarava os olhos azuis do homem. Richard desejou mais uma vez que tivesse a Espada da Verdade com ele.

– Se eles resistirem, Capitão, então você e seus homens serão chamados para fazerem o que são constantemente treinados para fazerem. Se eles resistirem, e nós formos obrigados, cortaremos qualquer um que levantar um dedo para se opor a nós e então deixaremos o lugar. Só precisamos tirar os livros de lá primeiro.

O alívio acalmou a expressão no rosto do homem. Os D’Harans pareciam guardar um temor de que Richard pudesse ficar relutante em agir; o Capitão Meiffert pareceu satisfeito em ouvir o contrário.

– Sim, Lorde Rahl. Os homens estarão prontos de manhã, quando você estiver.

A declaração de Kahlan sobre a possibilidade de que não houvesse algo de valor na Propriedade era preocupante. Richard lembrou dos livros na biblioteca. Embora não conseguisse lembrar os detalhes da informação, lembrava dos assuntos bem o bastante para saber que achar a resposta era um grande tiro no escuro. Mesmo assim, esse era o único tiro que eles tinham.

– Antes que eu vá... – o Capitão Meiffert tirou um papel do bolso. – imaginei que você devia saber que algumas pessoas pediram uma audiência quando tiver tempo, Lorde Rahl. A maioria delas eram comerciantes querendo informações.

– Obrigado, Capitão, mas agora não tenho tempo.

– Entendo, Lorde Rahl. Eu tomei a liberdade de falar isso para eles. – ele remexeu nas pequenas notas. – Havia uma mulher. – ele fechou um pouco os olhos na fraca luz da lamparina para ver direito o nome. – Franca Gowenlock. Ela disse que o assunto dela era extremamente urgente, mas que não daria informações a respeito. Ela ficou aqui a maior parte do dia. Finalmente disse que precisava voltar para casa, mas voltaria amanhã.

– Se for importante, ela voltará e falarei com ela.

Richard olhou para Du Chaillu, para ver como ela estava. Parecia confortada com os cuidados de Kahlan.

Atrás dele houve uma repentina agitação. O Capitão recuou soltando um grito como se tivesse sido ferido por magia. A chama da vela ondulou loucamente com a intrusão de um vento, mas continuou acesa.

Richard girou na direção do som de um baque abafado. A vela balançou por cima da mesa que estremecia, bem perto da borda. Um corvo enorme estava caído sobre a mesa.

Richard recuou, surpreso, sacando sua espada quando levantou, desejando outra vez a Espada da Verdade junto com a magia dela. Kahlan e Du Chaillu levantaram rapidamente.

O corvo tinha alguma coisa negra em seu grande bico. Com toda aquela confusão, o vento, a vela quase caindo, a chama ondulando, a mesa tremendo, e os lados da tenda balançando, ele não reconheceu imediatamente o objeto no bico do corvo.

O corvo colocou aquilo sobre a mesa. O pássaro negro, com água sobre as lustrosas penas como se a própria noite tivesse entrado na tenda deles, parecia exausto. Pelo modo como ele ficava espalhado sobre a mesa com as grandes asas abertas, Richard pensou que ele não devia estar bem, ou que possivelmente estava ferido.

Richard não sabia se uma coisa possuída pelas Notas podia realmente ser ferida. Lembrou da galinha que não era uma galinha sangrando. Viu uma mancha de sangue sobre a mesa.

Sempre que aquela “Nota em uma galinha” estava perto, mesmo se ele não conseguisse enxergá-la, o cabelo na nuca de Richard ficava eriçado, e mesmo assim, com esse corvo que não era um corvo bem na frente dele sobre a mesa, ele não reagiu daquele jeito.

O corvo inclinou a cabeça, olhando Richard nos olhos. Foi um olhar deliberado como ele jamais tinha visto. Com o bico, a ave tocou no meio da coisa que tinha colocado em cima da mesa.

O Capitão Meiffert levantou depressa e girou sua espada. Ao mesmo tempo, Richard levantou os braços, gritando.

– Não!

O corvo, quando a espada baixou, saltou para fora da mesa até o chão e correu entre as pernas do Capitão. Assim que passou pelo homem, bateu as asas e desapareceu.

– Sinto muito, – o Capitão falou. – eu pensei... pensei que estava atacando você com magia, Lorde Rahl. Pensei que fosse uma coisa de magia negra, que veio atacar você.

Richard soltou um forte suspiro quando fez um gesto perdoando o homem. O homem só estava tentando protegê-lo.

– Ele não era maligno. – Du Chaillu disse com voz suave quando ela e Kahlan aproximaram-se.

Richard sentou novamente em seu banco.

– Não, ele não era.

Kahlan e Du Chaillu ficaram perto do ombro dele, observando.

– Que presságio o mensageiro dos espíritos trouxe para você? – a Mulher dos Espíritos perguntou.

– Não acho que ele fosse do mundo dos espíritos. – Richard disse.

Ele pegou o pequeno objeto achatado. Sob a luz fraca, de repente ele percebeu o que era. Ficou olhando fixamente, incrédulo. Era exatamente como aquele que a Irmã Verna costumava carregar. Tinha visto ela usar ele incontáveis vezes.

– É um Livro de Jornada.

Ele abriu a capa.

– Isso tem que ser Alto D’Haran. – Kahlan falou a respeito da estranha escrita.

– Queridos espíritos. – Richard suspirou, quando leu as únicas duas palavras na primeira página.

– O que foi? – Kahlan perguntou. – O que foi? O que diz?

– *Fuer Berglendsch*. Você tem razão. É Alto D’Haran.

– Você sabe o significado?

– Diz, “A Montanha”. – Richard virou e olhou para ela na luz bruxuleante da vela. – Esse era o apelido de Joseph Ander. Esse é o livro de Jornada de Joseph Ander. O outro, aquele que foi destruído, seu gêmeo, era chamado de Gêmeo da Montanha.

CAPÍTULO 62



Dalton sorria diante da mesa octogonal de rara nogueira preta no relicário dentro do Escritório de Relações Culturais, onde, exibidos nas paredes ao redor de toda a sala, estavam objetos que pertenceram a Diretores do passado: mantos; pequenas ferramentas; implementos das profissões deles, como penas e belos talões enfeitados; e escrituras. Dalton estava observando escrituras mais modernas: relatórios que tinha solicitado aos Diretores.

Qualquer ambivalência que os Diretores pudessem sentir, eles guardavam para si mesmos. Publicamente, agora eles se esforçavam na tarefa de apoiar o novo Soberano. Foi deixado bem claro que a simples existência deles agora dependia não apenas da sua fidelidade, mas do entusiasmo naquela devoção.

Enquanto ele lia a programação dos discursos que eles deveriam fazer, Dalton estava irritado com os gritos que vinham através da uma janela aberta com vista para a praça da cidade. Parecia como uma multidão furiosa. A julgar pelo explosivo encorajamento da multidão, concluiu que era alguém fazendo fortes críticas contra Lorde Rahl e a Madre Confessora.

Seguindo a orientação de pessoas importantes como os Diretores, pessoas comuns agora começavam a dar voz para as ideias que foram plantadas entre eles. Embora Dalton já esperasse por isso, nunca deixava de considerar impressionante a maneira como ele precisava apenas dizer uma coisa vezes o bastante, no meio das pessoas, e isso tornava-se a verdade popular, com sua origem

sendo perdida enquanto era reproduzida por pessoas comuns que passavam a acreditar que aquilo era sua própria ideia, como se pensamentos originais rotineiramente surgissem das mentes tolas deles.

Dalton bufou com enfado e desprezo. Eles eram asnos e mereciam o destino que abraçaram. Agora pertenciam à Ordem Imperial. Ou, pelo menos, logo pertenceriam.

Ele olhou para fora pela janela para ver uma multidão seguindo até a praça da cidade. A chuva pesada da noite anterior havia transformado-se em uma leve garoa, então as pessoas estavam saindo de casa novamente. O aguaceiro constante durante a noite falhou em limpar os locais enegrecidos no pavimento da praça onde as duas pessoas queimaram até a morte.

A multidão, é claro, colocava a culpa da tragédia na magia de Lorde Rahl, ventilando seu ódio contra ele. Dalton havia instruído seus homens a fazerem a acusação com tristeza, sabendo que a seriedade da acusação iria superar a falta de evidência, quanto mais da verdade.

O que havia acontecido realmente, Dalton não sabia. Sabia que esse estava longe de ser o primeiro incidente do tipo. O que quer que fosse, foi uma terrível desgraça, mas, se a desgraça aconteceria, não podia ter escolhido melhor hora. Isso tinha reforçado o discurso do Diretor Prevot perfeitamente.

Dalton imaginou se os incêndios tinham alguma coisa a ver com aquilo que Franca disse sobre a magia estar falhando. Não via como, mas também não achava que ela tivesse falado tudo para ele. A mulher estivera comportando-se de modo bastante estranho ultimamente.

Com a batida, Dalton virou em direção à porta. Rowley fez uma reverência.

– O que foi?

– Ministro, – Rowley falou. – a... mulher está aqui, aquela que o Imperador Jagang enviou.

– Onde ela está?

– Descendo o corredor. Está tomando chá.

Dalton arrumou sua bainha no quadril. Essa não era uma mulher com a qual deveria brincar; ouviu dizer que ela possuía poder maior do que qualquer mulher comum desse tipo. Mais poder até do que Franca. Jagang tinha garantido a ele, porém, que diferente de Franca, essa mulher ainda tinha firme controle do seu poder.

– Leve ela até a Propriedade. Dê a ela um dos nossos melhores quartos. Se ela fizer qualquer... – Dalton lembrou do Talento de Franca em ouvir coisas. – Se ela fizer qualquer reclamação, providencie que isso seja resolvido de maneira que a satisfaça. Ela é uma convidada muito importante, e deve ser tratada como tal.

Rowley fez uma reverência. – Sim, Ministro.

Dalton viu Rowley sorrir com um lado da boca. Ele também sabia porque a mulher estava ali. Rowley estava ansioso por isso.

Dalton só queria terminar logo com aquilo. Isso exigiria cuidado. Eles precisavam esperar e agir na hora certa. Não podiam forçar isso, ou a coisa toda poderia ser desfeita. Se cuidassem disso direito, porém, seria um grande feito. Jagang ficaria mais do que agradecido.

– Aprecio sua generosidade.

Dalton virou ao ouvir o som da voz de uma mulher. Ela havia caminhado pelo portal. Rowley recuou saindo do caminho. Ela parecia ter meia idade, com cabelos grisalhos misturados com os pretos. Seu vestido azul escuro simples partia do pescoço, cobrindo sua forma magra, até o chão.

A presença dela era dominada por um sorriso que tocava os seus lábios apenas vagamente, mas nunca estava tão evidente em seus olhos castanhos. Era o sorriso nojento mais afetado que Dalton já tinha visto. Proclamava sem vergonha alguma um aspecto de

superioridade. Por causa das linhas nos cantos da boca e dos olhos dela, o sorriso de autossatisfação parecia resistir gravado em seu rosto. Um anel dourado atravessava o seu lábio inferior.

– E você seria? – ele perguntou.

– Irmã Penthea. Aqui para usar meu talento em serviço de Sua Excelência, Imperador Jagang.

O fluxo suave das palavras dela estava carregado de um gelo cristalino.

Dalton baixou a cabeça.

– Ministro da Cultura, Dalton Campbell. Obrigado por vir, Irmã Penthea. Apreciamos muito sua cortesia em prestar a sua assistência especial.

Ela havia sido enviada para usar seu talento em serviço de Dalton Campbell, mas ele achou melhor não comentar esse detalhe. Dalton não precisava lembrá-la de que era ela quem tinha um anel no lábio; isso era óbvio para os dois.

Como o som de gritos, Dalton olhou através da sala outra vez, pela janela, pensando que deviam ser os pais ou a família que voltaram para verem os sinais das mortes horríveis da noite anterior. Pessoas estiveram aparecendo a manhã toda, deixando flores ou outras oferendas nos locais das mortes até que eles ficassem parecendo um grotesco jardim. Choros frequentes de angústia espalhavam-se no dia cinzento.

Irmã Penthea desviou a atenção dele para os negócios.

– Preciso ver aqueles que foram escolhidos para a tarefa.

Dalton moveu uma das mãos. – Rowley, ali, ele será um deles.

Sem uma palavra ou aviso, ela colocou a palma da mão na testa de Rowley, seus dedos esticados no meio do cabelo vermelho dele, agarrando a cabeça dele como se pudesse arrancá-la como uma pera madura. Os olhos de Rowley giraram. O corpo todo dele começou a tremer.

A Irmã murmurou palavras que não tinham significado para Dalton. Cada uma delas, conforme fluía, parecia enraizar em Rowley. Os braços do jovem curvaram quando ela pronunciou certas palavras.

Com uma última frase, crescendo em entonação, ela aplicou um forte empurrão na cabeça de Rowley. Soltando um leve grito, Rowley desabou como se os seus ossos houvessem dissolvido.

Em um momento, ele sentou e balançou a cabeça. Um sorriso disse a Dalton que ele estava bem. Ele esfregou limpando suas calças marrom escuras quando levantou, não parecendo diferente, independente de sua adicionada letalidade.

– Os outros? – ela perguntou.

Dalton fez um gesto mostrando desinteresse. – Rowley pode levá-la até eles.

Ela fez uma leve reverência.

– Então, bom dia, Ministro. Cuidarei disso imediatamente. O Imperador também queria que eu declarasse o seu prazer em ser capaz de ajudar. De um jeito ou de outro, músculos ou magia, o destino da Madre Confessora agora está selado.

Ela deu um giro e foi embora, Rowley seguindo no seu rastro. Dalton não podia dizer que sentia muito em vê-la partir.

Antes que pudesse voltar a ler seus relatórios, outra vez ouviu o barulho da multidão. A visão quando ele levantou a cabeça para olhar pela janela foi inesperada. Alguém estava sendo arrastado até a praça, uma multidão seguindo logo atrás enquanto o povo que já estava na praça afastava-se para abrir caminho, ovacionando aqueles que entravam, alguns dos quais carregavam pedaços de caixas, galhos de árvore, e fardos de palha.

Dalton foi até a janela e inclinou sobre o peitoril da janela com as duas mãos enquanto espiava a vista lá embaixo. Era Serin Rajak, na frente de cerca de cem dos seus seguidores todos usando mantos brancos.

Quando ele viu quem eles tinham, quem estavam arrastando até a praça, quem estava gritando, Dalton arfou.

Com seu coração pulsando forte de pavor, ficou olhando fixamente pela janela, imaginando o que poderia fazer. Tinha guardas com ele, guardas de verdade, não soldados do exército Anderith, mas eram duas dúzias de homens. Ele percebeu que esse pensamento era fútil mesmo que tivesse isso; mesmo armados como estavam, não tinham chance contra os milhares na praça. Dalton sabia muito bem que não deveria ficar contra uma multidão que tinha intenção de usar a violência, pois essa era apenas uma boa maneira de fazer a violência voltar-se em sua direção. Independente dos sentimentos dele, Dalton não ousava contrariar o povo nisso.

Entre os homens com Serin Rajak, entre os seguidores do homem, Dalton viu um com um uniforme escuro: Stein. Com pavor gélido, Dalton percebeu a razão pela qual Stein estava lá, e o que ele queria.

Dalton afastou-se da janela. A violência não era algo estranho para ele, mas isso era uma atrocidade. Finalmente, ele correu para o corredor que ecoava seus passos, desceu os degraus, e desceu em disparada. Não sabia o que fazer, mas se houvesse algo...

Alcançou a entrada posicionada atrás das colunas de pedra do lado de fora da construção, no topo da cascata de degraus. Ele parou nas sombras do interior, avaliando a situação.

Do lado de fora, na plataforma no meio do caminho descendo os degraus, guardas patrulhavam para impedir as pessoas de terem o pensamento de subirem até o Escritório de Relações Culturais. Isso era um gesto simbólico. Toda essa quantidade de pessoas passariam pelos guardas facilmente. Dalton não ousava dar ao povo com humor tão ruim uma razão para voltar sua fúria contra ele.

Uma mulher segurando a mão de um jovem, o puxava enquanto abria caminho até a frente da multidão.

– Eu sou Nora. – ela proclamou ao povo. – Esse é meu filho, Brace. Ele é tudo que me restou, por causa de feiticeiras! Meu marido, Julian, afogou-se por causa da maldição de uma feiticeira! Minha linda filha Bethany foi queimada viva pelo feitiço de uma feiticeira!

O garoto, Brace, chorou, resmungando que era verdade, chorou por seu pai e pela Irmã. Serin Rajak levantou o braço da mulher.

– Aqui está uma vítima da magia do Guardiã! – ele apontou para uma mulher que chorava perto da frente. – Ali está outra! Muitos de vocês aqui foram prejudicados por maldições e pragas de feiticeiras! Feiticeiras usando o poder maligno do Guardiã dos mortos!

Com uma multidão nesse humor terrível, Dalton sabia que isso não podia acabar bem, mas não conseguia pensar em algo que pudesse fazer para impedir.

Afinal de contas, foi por essa razão que ele soltou Serin Rajak: para provocar fúria contra a magia. Ele precisava que as pessoas ficassem furiosas contra aqueles com magia, que enxergassem eles como algo maligno. Quem melhor do que um fanático para fomentar esse tipo de ódio?

– E aqui está a feiticeira! – Serin Rajak levantou o braço para apontar a mulher cujas mãos estavam amarradas atrás das costas, a mulher que Stein segurava pelo cabelo. – Ela é a ferramenta maligna do Guardiã! Lança feitiços para prejudicar todos vocês!

A multidão estava urrando e gritando por vingança.

– O que deveríamos fazer com essa feiticeira? – Rajak gritou.

– Queime! Queime! Queime! – ouviu-se o coro.

Serin Rajak moveu o braço em direção ao céu.

– Querido Criador, nós entregamos essa mulher aos seus cuidados nas chamas! Se ela for inocente, poupe-a! Se for culpada do crime de feitiçaria, queime-a!

Enquanto homens levantavam um poste, Stein segurou sua cativa com o rosto contra o chão. Levantou a cabeça dela puxando pelo cabelo. Com sua outra mão, levantou a faca.

Dalton, com os olhos arregalados, não conseguia piscar, respirar, enquanto observava Stein cortar de uma orelha até a outra, na parte superior da testa de Franca. O grito dela dilacerou as entranhas de Dalton, quando Stein arrancava o escalpo dela.

Lágrimas desceram pelas bochechas de Dalton enquanto sangue escorria pelo rosto de Franca. Gritando de dor e imensurável terror, ela foi carregada e amarrada ao poste. O branco dos olhos dela destacavam-se no meio de uma máscara de sangue.

Franca não declarou sua inocência ou implorou por sua vida. Apenas gritou com grande pavor.

Palha e madeira foram jogadas ao redor dela. A multidão se espremia, querendo ficar perto, para assistir tudo. Alguns se esticavam e passavam um dedo para roubar um pouco do sangue que escorria pelo rosto dela, ansiosos por uma amostra do sangue de feiticeira nas pontas dos seus dedos, para provarem seu poder, antes que eles a enviassem até o Guardião.

Com o horror apertando sua garganta, Dalton ficou chocado no meio da escada.

Homens com tochas abriram caminho até a frente da multidão que rugia. Serin Rajak, louco de fúria, escalou o amontoado de madeira e palha aos pés dela para gritar no rosto de Franca, para gritar todo tipo de coisas horríveis, e acusá-la de todo tipo de crime maligno.

Dalton, parado impotente nos degraus, sabia que todas as palavras eram falsas. Franca não era uma daquelas coisas.

Então naquele exato momento, uma coisa extraordinária aconteceu. Um corvo mergulhou do céu cinzento, fixando suas garras furiosas no cabelo de Serin Rajak.

Serin gritou que aquilo era um amigo da feiticeira, vindo proteger sua Senhora. A multidão respondeu atirando coisas na ave enquanto ao mesmo tempo Serin tentava afastá-lo. A ave bateu as asas e guinchou, mas continuou segura no cabelo do homem.

Com uma determinação tão assustadora que Dalton começou a pensar que a acusação de que ele era amigo da feiticeira parecia verdadeira, o enorme pássaro negro usou o bico para perfurar o olho bom de Serin.

O homem gritou de dor e fúria quando caiu do amontoado em volta de Franca. Quando isso aconteceu, a multidão lançou as tochas.

Um grito como Dalton jamais tinha ouvido escapou da pobre Franca quando as chamas explodiram através da palha seca e subiram em seu corpo. Mesmo do local onde estava, Dalton podia sentir o cheiro de carne queimando.

E então, em seu terror, em sua dor, em sua morte ardente, Franca virou a cabeça, e viu Dalton parado ali nos degraus.

Ela gritou o nome dele. No meio do rugido da multidão, ele não conseguiu ouvir, mas conseguiu ler nos lábios dela.

Ela gritou novamente, e gritou que o amava.

Quando Dalton leu aquelas palavras nos lábios dela, elas despedaçaram seu coração.

As chamas criaram bolhas na carne dela, até que o grito saindo com toda força dos seus pulmões soou como o lamento das almas perdidas no mundo dos mortos.

Dalton ficou dormente, observando, só então percebendo que as mãos dele estavam segurando sua cabeça, e ele também estava gritando.

A multidão avançou, ansiosa para sentir o cheiro da carne assando, para ver a pele da feiticeira queimar. Eles estavam explodindo de excitação, seus olhos enlouquecidos. Enquanto a multidão pressionava, aqueles que estavam na frente foram

empurrados tão perto que aquilo queimou suas sobrancelhas, e isso eles também saborearam, enquanto a feiticeira gritava e ardia.

No chão, o corvo estava bicando de forma selvagem o cego, quase esquecido, Serin Rajak. Ele balançou os braços, sem enxergar, tentando afastar o pássaro vingativo. Dardejando entre os braços dele, o grande bico do corvo agarrava, torcia, e arrancava pedaços de carne do rosto dele.

A multidão começou outra vez a jogar na ave qualquer coisa que estava à mão. O pássaro, finalmente parecendo estar perdendo força, batia as asas indefeso enquanto tudo desde sapatos até galhos flamejantes arqueavam através do ar em direção a ele.

Por razões que não entendeu, Dalton, chorando, percebeu que estava torcendo pelo pássaro, sabendo que ele também estava prestes a morrer.

Justamente quando parecia que o fim estava próximo para o valente corvo vingador, um cavalo sem cavaleiro entrou correndo na praça. Bloqueado pela multidão ele, empinou loucamente, derrubando pessoas. Ele girou e deu coices, ferindo pessoas, quebrando ossos, partindo cabeças. Pessoas recuavam enquanto o cavalo castanho dourado, com as orelhas para trás, bufando e com um relincho furioso, avançava até o meio da multidão. Pessoas assustadas, tentando recuar, não conseguiam abrir caminho por causa da pressão das outras atrás delas.

O cavalo, parecendo ter ficado louco de raiva, atropelou qualquer um em seu caminho para chegar ao centro da praça. Dalton nunca ouviu falar de um cavalo correndo em direção a uma fogueira.

Quando chegou ao meio da confusão, o corvo, com um último e desesperado esforço, bateu as grandes asas negras e conseguiu saltar para cima do cavalo. Quando o cavalo deu meia volta, por um momento Dalton pensou que havia outro pássaro sobre ele, como se

fossem dois corvos negros, mas então percebeu que o segundo era apenas uma mancha de cor negra na traseira do cavalo.

Com as garras do corvo segurando em sua crina, o cavalo empinou uma última vez antes de descer e avançar partindo em disparada. As pessoas que puderam, saltaram para fora do caminho. Aqueles que não conseguiram foram atropeladas pela besta enfurecida.

Sozinho nos degraus, com os gritos de Franca finalmente encerrados, Dalton acenou para a égua dourada e o corvo vingador enquanto eles fugiam do centro da cidade em veloz galope.

CAPÍTULO 63



Beata forçou os olhos na direção das planícies na luz do amanhecer. Era bom ver que o sol iria brilhar, uma vez que ele apareceu no horizonte. As chuvas dos últimos dias foram desgastantes. Agora haviam apenas algumas nuvens púrpuras, Como os rabiscos de uma criança, através do céu dourado oriental. Lá de cima na base de pedra da *Dominie Dirtch*, sob aquela imensa vastidão de céu acima, parecia que a visão dela não tinha limite, dentro daquelas grandes planícies das terras selvagens.

Beata viu que Estelle Ruffin estava certa por ter chamado ela até ali em cima. Ao longe, um cavaleiro estava chegando. Estava levando uma nuvem de poeira, direto em direção a eles. O cavaleiro ainda estava a uma boa distância, mas pela maneira como estava fazendo seu cavalo correr, não parecia ter intenção de parar. Beata aguardou até que ele estivesse um pouco mais perto, e então colocou as mãos nos lados da boca e gritou.

– Pare! Pare onde você está!

Ele ainda continuava avançando. Provavelmente ainda estava longe demais para escutá-la. As planícies eram enganadoras; às vezes era necessário que um cavaleiro fosse muito mais longe para alcançá-las do que parecia ser necessário.

– O que devemos fazer? – Estelle perguntou, pois nunca viu um cavaleiro aproximando-se tão rápido, parecendo não ter intenção de parar.

Finalmente Beata estava acostumada que Anders dependessem dela e pedissem instruções. Não estava apenas acostumando-se com sua autoridade, começava a sentir prazer nisso.

Isso era irônico. Bertrand Chanboor tinha feito as leis que permitiram a Beata entrar no exército e comandar Anders, e Bertrand Chanboor tinha feito com que ela se beneficiasse com as leis. Ela odiava ele, e ao mesmo tempo ele era seu benfeitor involuntário. Agora que ele era Soberano, ela tentava, como era seu dever não importando o quanto fosse difícil, sentir apenas amor por ele.

Na noite anterior, o Capitão Tolbert apareceu com alguns soldados D'Haran. Eles estavam cavalgando pela fileira da *Dominie Dirtch* para pegarem os votos dos pelotões posicionados em cada arma. Todos eles falaram sobre isso, e embora Beata não tenha visto os votos deles, sabia que todo o pelotão dela marcou um X.

Beata teve uma forte sensação a respeito de Lorde Rahl, tendo encontrado e conversado com ele, de que ele era um bom homem. A Madre Confessora também pareceu muito mais gentil do que Beata esperava. Mesmo assim, Beata e seu pelotão estavam orgulhosos em pertencerem ao exército Anderith, o melhor exército do mundo, o Capitão Tolbert disse para eles, um exército que jamais foi derrotado desde a criação daquela terra, e agora ele era invencível.

Beata tinha responsabilidade. Agora ela era um soldado que tinha respeito, exatamente como a lei de Bertrand Chanboor dizia. Ela não queria que nada disso mudasse.

Muito embora fosse para Bertrand Chanboor, seu novo Soberano, e contra Lorde Rahl, Beata havia marcado um X com orgulho.

Emmeline estava com a mão no aríete, e Karl também estava perto, antecipando que Beata ordenaria que ele fosse retirado.

Ao invés disso, Beata fez sinal para que os dois ficassem longe da coisa.

– Só tem um cavaleiro. – Beata falou com uma calma voz de autoridade, acalmando os nervos deles.

Estelle soltou um suspiro de frustração.

– Mas Sargento...

– Somos soldados treinados. Um homem não é ameaça. Sabemos como lutar. Fomos treinados em combate.

Karl ajeitou a espada no cinto de armas, ansioso pela responsabilidade de fazer alguma coisa real como soldado. Beata estalou os dedos, apontando para os degraus.

– Vá, Karl. Junto com Morris e Annette. Vocês três encontrem comigo lá embaixo na linha de frente. Emmeline, você fica aqui em cima com Estelle, mas quero que as duas fiquem longe do aríete. Não quero vocês tocando essa arma por causa de uma ameaça que não é maior do que um cavaleiro solitário. Cuidaremos disso. Apenas fiquem em suas posições e continuem vigiando.

As duas mulheres fizeram uma saudação com uma das mãos na testa. Karl fez uma versão rápida daquilo antes de correr descendo os degraus, ofegante com a possibilidade de ação real. Beata endireitou sua espada no quadril e desceu os degraus de uma maneira digna mais compatível com seu posto.

Beata ficou ao lado da enorme arma de pedra na fileira, como eles chamavam; além dali, a *Dominie Dirtch* mataria. Ela cruzou as mãos atrás das costas quando Karl correu com Morris e Annette. Annette ainda estava vestindo sua cota de malha.

Beata finalmente entendeu os gritos que vinham do cavaleiro que corria em direção a eles. Ele estava gritando para que eles não tocassem a *Dominie Dirtch*.

Beata pensou ter reconhecido a voz.

Karl estava com a mão no cabo da espada. – Sargento?

Ela assentiu e os dois homens e uma mulher sacaram o aço. Era a primeira vez que eles faziam isso por motivo de uma potencial ameaça. Os três estavam radiantes com a excitação daquilo.

Beata colocou as mãos ao redor da boca outra vez. – Pare!

Dessa vez o cavaleiro escutou. Puxou as rédeas para trás e fez seu cavalo que espumava, parar bruscamente de forma desajeitada a uma certa distância.

Beata ficou de boca aberta.

– Fitch!

Ele sorriu.

– Beata! É você?

Ele desmontou e caminhou com o cavalo até ela. O cavalo parecia em estado deplorável. Fitch não parecia muito melhor, mas ele ainda conseguia andar com arrogância.

– Fitch, – Beata rosnou. – venha até aqui.

Desapontados pelo fato de que Beata conhecia o homem e por causa disso não haveria luta de espadas, Karl, Norris, e Annette colocaram suas armas de volta nas bainhas.

Porém, todos ficaram olhando para a arma que Fitch estava carregando. Ela estava segura em um boldrié passando sobre o ombro direito, do lado oposto da espada e bainha em seu quadril esquerdo, assim ajudando a equilibrar o peso. O couro do boldrié era talhado finamente e parecia antigo; Beata conhecia trabalho em couro, e ainda não tinha visto algo tão bem feito. A bainha estava enfeitada com simples trabalho em prata e ouro inigualável.

A espada era incrível, pelo menos, a parte que ela podia ver. Tinha uma guarda brilhante que fazia uma curva. O cabo parecia estar coberto com fios de prata trançados, com um pouco de ouro também, cintilando na luz da manhã.

Fitch, com o peito tufado, sorriu para ela.

– Bom ver você, Beata. Fico feliz em ver que conseguiu o trabalho que procurava. Acho que nós dois conseguimos realizar nossos sonhos afinal de contas.

Beata sabia que ela havia merecido o seu sonho. Conhecendo Fitch durante bastante tempo, duvidou que o mesmo acontecesse

com ele.

– Fitch, o que você está fazendo aqui, e o que está fazendo com essa arma?

O queixo dele levantou. – Ela é minha. Eu disse que um dia eu seria o *Seeker*, e agora eu sou. Essa aqui é a Espada da Verdade.

Beata ficou olhando para ela. Fitch girou um pouco a arma para que ela pudesse ver o cabo com algo escrito em fios de ouro.

Era a palavra que Fitch havia traçado na terra naquele dia na Propriedade do Ministro. Ela lembrava: VERDADE.

– Os magos deram isso a você? – Beata perguntou, incrédula. – Os magos nomearam você com *Seeker* da Verdade?

– Bem... – Fitch olhou para trás por cima do ombro, para as terras selvagens. – É uma longa história, Beata.

– Sargento Beata. – ela disse, sem querer aceitar que alguém como Fitch a subestimasse.

Ele encolheu os ombros.

– Sargento. Isso é ótimo, Beata. – olhou por cima do ombro outra vez. – Hum... posso falar com você?

Ele lançou um olhar de suspeita para aqueles que ouviam cada palavra deles.

– A sós?

– Fitch, eu não...

– Por favor?

Ele parecia preocupado, como ela nunca tinha visto. Por trás da atitude arrogante ele estava nervoso.

Beata agarrou o casaco sujo de mensageiro dele no colarinho e puxou levando ele junto, para longe dos outros. Todos os olhos os acompanharam. Beata imaginou que não podia culpá-los; essa era a coisa mais interessante que tinha acontecido desde o dia em que a Madre Confessora e Lorde Rahl apareceram.

– O que você está fazendo com essa espada? Ela não é sua.

O rosto de Fitch assumiu aquela familiar expressão suplicante que ela conhecia tão bem.

– Beata, eu tive que pegá-la. Tive que...

– Você a roubou? Roubou a Espada da Verdade?

– Eu precisei. Você não...

– Fitch, você é um ladrão. Eu deveria prendê-lo e...

– Certo, para mim estaria tudo bem. Assim eu poderia provar que as acusações são falsas.

A testa dela franziu.

– Que acusações?

– De que eu estuprorei você.

Beata estava surpresa. Não conseguia ao menos falar qualquer coisa.

– Fui acusado por aquilo que o Ministro e Stein fizeram com você. Eu preciso dessa Espada da Verdade para me ajudar a provar a verdade, que eu não fiz isso, que foi o Ministro quem fez e...

– Agora ele é o Soberano.

Fitch desanimou.

– Então nem mesmo essa espada vai me ajudar. O Soberano. Rapaz, isso é mesmo uma verdadeira bagunça.

– Você está certo.

Pareceu que a vida tinha retornado para ele. Agarrou ela pelos ombros.

– Beata, você tem que me ajudar. Tem uma mulher louca atrás de mim. Use a *Dominie Dirtch*. Faça ela parar. Não pode deixar ela passar.

– Porque? Foi dela que você roubou a espada?

– Beata, você não entende...

– Você roubou aquela espada, mas sou eu quem não entende?

Entendo que você é um mentiroso.

Fitch perdeu a firmeza.

– Beata, ela assassinou Morley.

Os olhos de Beata ficaram arregalados. Ela sabia como Morley era grande.

– Quer dizer, que ela tem magia, ou algo assim?

Fitch levantou os olhos.

– Magia. Sim. Deve ser isso. Ela tem magia. Beata, ela é louca. Matou Morley...

– Imagine que uma pessoa mata um ladrão e isso a transforma em uma assassina louca. Você é um Haken sem valor, Fitch. Isso é tudo que você é, um Haken sem valor que roubou uma espada que não pertence a você e que jamais poderia merecer.

– Beata, por favor, ela vai me matar. Por favor não deixe ela passar.

– Cavaleiros chegando. – Estelle gritou.

Fitch quase deu um pulo. Beata olhou para Estelle, mas viu que ela estava apontando para trás, não para as terras selvagens. Beata relaxou um pouco.

– Quem são eles? – ela falou para Estelle.

– Ainda não consigo dizer, Sargento.

– Fitch, você tem que devolver essa coisa. Quando essa mulher vier, você tem que...

– Cavaleiro chegando, Sargento. – Emmeline gritou, apontando para as terras selvagens.

– Qual é a aparência dela? – Fitch gritou, apavorado como um gato com a cauda em chamas.

Emmeline olhou para as terras selvagens durante um minuto.

– Não sei. Ela está longe demais.

– Vermelha. – Fitch gritou. – Parece que ela usa roupa vermelha?

Emmeline observou mais um minuto.

– Cabelo louro, usando roupa vermelha.

– Deixe ela passar! – Beata ordenou.

– Sim, Sargento.

Fitch levantou os braços, parecendo repentinamente apavorado.

– Beata, o que você está fazendo? Quer que eu morra? Ela é louca! A mulher é um monstro, ela...

– Nós falaremos com ela. Não se preocupe, não vamos deixar que o garotinho seja espancado. Descobriremos o que ela quer e tomaremos conta disso.

Fitch pareceu magoado. Isso não desagradou Beata, não depois de todo o problema que ele estava causando, depois que roubou algo tão valioso como a Espada da Verdade. Uma coisa valiosa de magia. Agora o tolo rapaz tinha envolvido seu amigo Morley em roubo e acabou fazendo ele ser morto por causa disso.

E pensar que um dia ela imaginou estar apaixonada por Fitch.

Ele ficou com a cabeça baixa. – Beata, sinto muito. Só queria deixar você orgulhosa...

– Roubo não é algo do que devemos nos orgulhar, Fitch.

– Você simplesmente não entende. – ele murmurou, quase chorando. – Simplesmente não entende.

Beata ouviu um barulho estranho na *Dominie Dirtch* próxima. Gritos e coisas assim, mas nenhum alarme. Quando virou para olhar, viu os três guardas especiais Anderith, aqueles que Estelle tinha avistado, trotando em seus cavalos. Ficou imaginando o que eles queriam.

Virou para o som do cavalo que aproximava-se galopando. Beata enfiou um dedo no peito de Fitch.

– Agora, apenas fique quieto e deixe que eu fale.

Ao invés de responder, ele ficou olhando para o chão. Beata virou e viu o cavalo passar correndo pela base de pedra. Realmente a mulher estava usando vermelho. Beata nunca tinha visto algo assim, uma roupa de couro da cabeça até a ponta dos pés. Sua longa trança loura estava voando atrás dela.

Beata levantou a guarda. Nunca tinha visto uma expressão de determinação como a que estava no rosto dessa mulher.

Ela nem mesmo preocupou-se em parar o cavalo. Simplesmente atirou-se em Fitch. Beata empurrou Fitch para fora do caminho. A mulher rolou duas vezes e levantou.

– Espere! – Beata gritou. – Eu falei para ele que resolveríamos isso com você, e ele devolveria o que é seu!

Beata estava surpresa em ver que a mulher segurava uma garrafa negra perto do pescoço. Saltar de um cavalo com uma garrafa... talvez Fitch tivesse razão; talvez ela fosse louca. Ela não parecia louca. Mas realmente parecia determinada em levar esse assunto até o mundo seguinte se fosse necessário.

A mulher, com seus olhos azuis fixos em Fitch, ignorou Beata.

– Entregue isso agora, e eu não matarei você. Farei apenas você se arrepender de ter nascido.

Fitch, ao invés de entregá-la, sacou a espada. Ela emitiu um som de aço que Beata, acostumada com o som de lâminas, nunca tinha ouvido.

Fitch estava com uma expressão estranha no rosto. Seus olhos estavam arregalados, como se ele fosse desmaiar, ou algo assim. Seus olhos estavam com uma aparência decididamente estranha, uma luz cintilante que fez Beata sentir arrepios. Era como algum tipo de terrível visão interior.

A mulher levantou o braço segurando a garrafa, como se ela fosse uma arma. Com a outra mão, balançou os dedos, provocando Fitch para que chegasse mais perto, para atacá-la.

Beata entrou no meio para conter a mulher até que pudessem conversar. Em seguida Beata percebeu que estava sentada no chão. Seu rosto estava doendo bastante.

– Fique fora disso. – a mulher falou com uma voz fria como gelo. – Não há necessidade de você ficar machucada. Faça um favor a si mesma e fique no chão.

Os olhos azuis dela desviaram para Fitch. – Vamos lá, garoto. Entregue isso, ou faça alguma coisa com ela.

Fitch fez alguma coisa com ela. Ele girou a espada. Beata conseguiu ouvir a ponta assoviar através do ar.

A mulher recuou um passo e ao mesmo tempo esticou o braço com a garrafa negra. A espada despedaçou-a em milhares de fragmentos que encheram o ar como uma nuvem de tempestade.

– Ha! – a mulher gritou triunfante.

Ela sorriu de forma maldosa.

– Agora, eu ficarei com a espada.

Ela girou o pulso. Quando fez isso, um bastão de couro pendurado em uma corrente dourada em seu pulso pousou em sua mão. No início ela pareceu esperançosamente eufórica, mas aquilo transformou-se em confusão, e então embaraço enquanto olhava para a coisa na sua mão.

– Ele devia funcionar. – ela resmungou para si mesma. – Devia funcionar.

Quando levantou os olhos ela viu algo que a fez recuperar os sentidos. Beata olhou, mas não viu nada estranho. A mulher segurou no ombro do uniforme de Beata e levantou-a.

– Tire o seu pessoal daqui. Tire eles agora!

– O quê? Fitch tem razão. Você é...

Ela esticou o braço, apontando.

– Veja, sua tola!

Os guardas especiais Anderith estavam seguindo em direção a eles, conversando entre si.

– Aqueles são nossos homens. Não há nada para se preocupar...

– Tire o seu pessoal daqui agora mesmo, ou todos vocês morrerão.

Beata bufou de raiva por receber ordens de alguma mulher louca tratando ela como uma criança. Ela gritou para a Cabo Marie Fauvel, que não estava a vinte pés de distância enquanto caminhava para ver o que era toda aquela agitação.

– Cabo Fauvel. – Beata gritou.

– Sim, Sargento? – a mulher Ander perguntou.

– Faça aqueles homens esperarem ali até resolvermos isso. – Beata colocou os punhos nos quadris quando virou para a mulher de vermelho. – Satisfeita?

A mulher cerrou os dentes e agarrou o ombro de Beata outra vez.

– Sua pequena tola! Você e suas outras crianças saiam daqui agora mesmo ou todos vocês morrerão!

Beata estava ficando furiosa.

– Sou uma oficial no exército Anderith, e aqueles homens... – Beata virou para apontar.

Marie Fauvel entrou na frente dos homens, levantando uma das mãos, e disse para eles que teriam de esperar.

Um dos três sacou a espada sem fazer cerimônia e girou-a com poder casual, mas assustador. Acompanhada pelo terrível som da lâmina atingindo osso, aquilo cortou Marie ao meio.

Beata ficou estupefata, sem realmente acreditar no que estava vendo. Por ter trabalhado para um açougueiro, tinha visto tanta matança que dificilmente precisava dar uma segunda olhada. Limpou os intestinos de tantos animais que para ela ver tripas parecia apenas uma coisa natural. Tripas não assustavam Beata nem um pouco.

Ver Marie ali no chão, com as tripas escorrendo para fora da metade superior dela, de certo modo parecia apenas algo curioso, as tripas de um animal humano eram tão parecidas com as de outros animais, mas eram humanas.

Marie Fauvel, separada de seus quadris e pernas, arfou, agarrando-se na grama, seus olhos arregalados enquanto o cérebro tentava compreender o choque do que tinha acabado de acontecer com o seu corpo.

Isso era tão apavorante que Beata não conseguia se mover.

Marie puxava a grama, tentando arrastar-se para longe dos homens, em direção a Beata. Os lábios dela moviam, mas nenhuma palavra escapava, somente baixos grunhidos roucos. Seus dedos perderam a força. Ela parou, contorcendo como uma ovelha recém abatida.

Lá em cima, na *Dominie Dirtch*, Estelle e Emmeline gritaram.

Beata sacou a espada, segurando-a bem alto para que todos vissem.

– Soldados! Atacar!

Beata observou os homens. Eles ainda estavam avançando. Estavam sorrindo.

E então, o mundo ficou verdadeiramente louco.

CAPÍTULO 64



Morris correu avançando, como eles foram treinados, tentando acertar as pernas de um homem. O homem chutou o rosto de Norris. Norris caiu para trás, segurando o rosto, sangue escorrendo entre seus dedos. O homem pegou a espada caída de Morris e enfiou-a no estômago dele, prendendo Norris ao chão, deixando ele contorcer e gritar em grande agonia, cortando os dedos na lâmina afiada.

Karl e Bryce estavam correndo com as armas prontas. Carine avançou saindo da barraca com uma lança. Annette estava logo atrás dela com outra.

Beata sentiu uma onda de convicção. Os homens ficariam cercados. Os soldados dela foram treinados para o combate. Podiam dar conta de três homens.

– Sargento! – a mulher de vermelho chamou. – Volte!

Beata estava apavorada, mas ainda sentia-se irritada com a mulher, que obviamente não sabia nada sobre ser um soldado. Beata também estava envergonhada com a covardia da mulher. Beata e os soldados dela resistiriam e lutariam, protegeriam a inútil mulher de vermelho, que temia enfrentar apenas três dos inimigos.

Fitch, Beata estava orgulhosa ao notar, também correu adiante com sua valiosa espada, pronto para lutar.

Quando todos avançavam, somente o homem que cortou Marie estava com a espada. Os outros dois ainda estavam com suas armas embainhadas. Ela estava furiosa que eles tratassem o pelotão de Beata de forma tão leviana.

Beata, melhor acostumada a cortar carne com uma lâmina do que o resto do seu pelotão, atacou um homem de modo confiante. Ela não entendeu como, mas ele esquivou-se dela sem fazer esforço.

Assustada, ela percebeu que isso não era nada parecido com acertar homens de palha, ou carcaças penduradas em um gancho.

Quando a lâmina de Beata acertou apenas o ar, Annette avançou para acertar a perna do homem por trás. Ele deu um passo para o lado evitando Annette também, mas agarrou-a pelo cabelo vermelho. Sacou uma faca e com um movimento suave, lento, enquanto sorria com maldade para Beata, cortou a garganta de Annette como se estivesse matando um porco.

Outro homem segurou a lança de Carine, partiu ela ao meio com uma das mãos, e enfiou a ponta no estômago dela.

Karl girou sua espada baixo atacando o homem que Beata errou, tentando cortar o tendão dele, e ao invés disso levou um chute no rosto. O homem girou sua espada sobre Karl. Beata saltou adiante e bloqueou o golpe dele.

O poder do golpe de aço contra aço arrancou a arma dela de sua mão. Sua mão latejava tanto que ela não conseguia flexionar os dedos dormentes. Percebeu que estava de joelhos.

O homem golpeou Karl. Karl levantou as mãos de maneira protetora diante do rosto. A espada cortou sua mão até o meio antes de partir o seu rosto até o queixo.

O homem virou para Beata. Em seguida, a espada manchada de sangue dele viria até o rosto dela. Ao ver ela chegando, Beata não conseguiu fazer coisa alguma a não ser gritar.

A mão agarrou o cabelo dela e puxou-a para trás violentamente. A ponta da espada passou assoviando bem perto do seu rosto, atingindo o chão entre as suas pernas. Foi a mulher de vermelho que tinha acabado de salvar a vida de Beata.

A atenção do homem foi atraída por alguma outra coisa. Ele virou para olhar. Beata também olhou, e viu cavaleiros chegando.

Talvez cerca de cem. Mais guardas especiais Anderith, assim como esses três.

A mulher de vermelho puxou Bryce pouco antes dele ser morto. Logo que ela virou para olhar outra coisa, ele correu novamente até o inimigo independente das ordens dela para que ele ficasse afastado. Beata viu uma espada, a lâmina vermelha, projetou-se do meio das costas de Bryce, levantando ele do chão.

O grande homem que tinha cortado Karl agora voltava sua atenção para Beata novamente. Ela tentou rastejar recuando, mas o passo largo dele era mais rápido. Em seu pânico, não conseguia levantar. Beata sabia que morreria.

Quando a espada moveu-se descendo, ela não conseguiu pensar no que fazer. Iniciou uma oração, que ela sabia, não teria chance de concluir.

Fitch saltou na frente dela, sua espada bloqueando o golpe assassino. A lâmina do inimigo estilhaçou na arma de Fitch. Beata piscou, surpresa. Ainda estava viva.

Fitch aplicou um golpe feroz no homem. Ele esquivou, a lâmina de Fitch errou seu estômago por pouco quando ele arqueou as costas.

Com fria eficiência quando a lâmina aproximava-se dele, o homem retirou uma maça com espinhos que estava pendurada no seu cinto de armas. Enquanto Fitch ainda estava girando com o impulso, o homem aplicou um ataque veloz, poderoso.

O golpe arrancou a parte superior do crânio de Fitch. Pedacos rosados do cérebro dele espirraram na roupa de Beata. Fitch desabou no chão.

Beata ficou sentada, em choque, congelada. Podia ouvir os seus próprios gritos, como os de uma criança em pânico. Não conseguia parar. Era como se estivesse observando outra pessoa.

Ao invés de matá-la, ele voltou sua atenção para Fitch, ou melhor, para a espada de Fitch. Arrancou a arma cintilante da mão

mole de Fitch, e então retirou o boldrié e a bainha do peso morto do corpo.

Mais homens montados estavam chegando quando o homem enfiou a Espada da Verdade de volta em sua bainha. Ele sorriu e piscou para Beata.

– Acho que o Comandante Stein gostaria de ficar com isso. O que você acha?

Beata ficou sentada, abalada, o corpo de Fitch logo ali na sua frente, o cérebro dele espalhado sobre ela, o sangue dele escorrendo pelo chão.

– Porque? – foi tudo que Beata conseguiu dizer.

O homem ainda estava sorrindo.

– Agora que todos vocês tiveram a chance de votar, o Imperador Jagang está fazendo o voto decisivo.

– O que você tem aqui? – outro homem gritou quando desmontou.

– Algumas garotas de aparência decente.

– Bem, não mate todas elas, – o homem reclamou de modo afável. – eu gosto das minhas quentes e ainda se movendo.

Todos os homens riram. Beata choramingou enquanto empurrava com os calcanhares, afastando-se dos homens.

– Essa espada é uma coisa da qual ouvi falar. Levarei ela para o Comandante Stein. Ele ficará muito feliz em poder presentear o Imperador com ela.

Por cima do ombro, ela viu outro homem lá em cima, na *Dominie Dirtch* desarmar Estelle e Emmeline tranquilamente enquanto elas tentavam defender seu posto. Emmeline saltou da *Dominie Dirtch* para escapar. A queda quebrou sua perna. Um homem no chão agarrou o cabelo vermelho dela e começou a arrastá-la até a barraca como se tivesse capturado uma galinha.

Estelle estava sendo beijada pelo homem lá em cima na *Dominie Dirtch* enquanto batia nele com os punhos. Os homens acharam a

luta dela algo cômico. Homens usando placas de couro escuras, cintos, faixas cobertas com espinhos, cota de malha e pele, e com espadas robustas, manguais, e machados, estavam desmontando por toda parte. Outros, ainda sobre os cavalos, estavam correndo dando voltas e voltas ao redor da *Dominie Dirtch*, comemorando.

Quando todos os homens voltaram sua atenção para os gritos renovados de dor e terror de Emmeline, e para a risada do captor dela, a mão de alguém agarrou no colarinho de Beata e arrastou-a para trás sobre o traseiro.

A mulher de couro vermelho atrás dela grunhiu.

– Mexa-se! Enquanto você ainda consegue!

Beata, energizada pelo pânico, levantou e correu com a mulher enquanto os homens não estavam olhando. As duas mergulharam em uma falha no chão escondida pela grama alta.

– Pare de chorar! – a mulher ordenou. – Pare ou fará com que sejamos capturadas.

Beata fez um esforço para não fazer barulho, mas não conseguiu conter as lágrimas. Todo o seu pelotão acabou de ser morto, exceto Estelle e Emmeline, e elas foram capturadas.

Fitch, aquele tolo Fitch, tinha acabado de se matar salvando a vida dela.

– Se você não se acalmar, eu mesma cortarei sua garganta.

Beata mordeu o lábio. Sempre foi capaz de evitar chorar. Nunca foi tão difícil assim.

– Sinto muito. – Beata sussurrou.

– Acabei de salvar sua carne do fogo. Em troca pelo menos você pode não fazer com que sejamos capturadas.

A mulher observou enquanto o homem com a Espada da Verdade galopava afastando-se, de volta em direção a Fairfield. Ela soltou uma praga baixinho.

– Porque você apenas me arrastou? – Beata perguntou com amargura. – Porque você ao menos não tentou derrubar alguns

deles?

A mulher balançou uma das mãos. – Quem você acha que fez aquilo? Quem você acha que estava protegendo sua retaguarda? Um dos seus soldados crianças?

Então Beata olhou e viu o que não tinha enxergado antes. Soldados inimigos mortos jogados aqui e ali. Ela olhou novamente para os olhos azuis da mulher.

– Idiota. – a mulher murmurou.

– Você age como se isso fosse culpa minha, como se me odiasse.

– Porque você é uma tola. – ela apontou furiosa para a carnificina. – Três homens simplesmente varreram o seu posto e eles nem mesmo estão cansados.

– Mas... eles nos surpreenderam.

– Acha que isso é algum tipo de jogo? Nem mesmo é esperta o bastante para perceber que você não é nada mais do que um tola.

Aqueles que estão no comando encheram vocês com falsa coragem e enviaram aqui para falharem. Está claro como o dia e você nem consegue ver isso. Cem de vocês garotas e garotos não conseguiriam derrubar um desses homens. Aquelas são tropas da Ordem Imperial.

– Mas e se eles apenas...

– Acha que o inimigo vai jogar pelas regras de vocês? A vida real acabou de matar aquelas jovens, e as garotas mortas estarão melhores do que aquelas que ainda estão vivas, isso eu posso garantir a você.

Beata estava tão apavorada que não conseguia falar. A voz furiosa da mulher suavizou um pouco.

– Bem, isso não é totalmente culpa sua. Acho que você não tem idade suficiente para entender, conhecer algumas das realidades da vida. Não posso esperar que você consiga enxergar o que é verdade e o que não é. Você apenas acha que consegue.

– Porque você quer tanto aquela espada?

– Porque ela pertence a Lorde Rahl. Ele me enviou para buscá-la.

– Porque me salvou?

A mulher olhou para ela. Naqueles olhos azuis frios, calculistas, não parecia haver medo.

– Acho que porque eu, uma vez também já fui uma jovem garota capturada por homens maus.

– O que eles fizeram com você?

A mulher mostrou um sorriso amargo.

– Eles me transformaram no que eu sou: Mord-Sith. Você não teria tanta sorte; esses homens não são nem de perto tão bons no que eles fazem.

Beata nunca ouviu falar em uma Mord-Sith. A atenção delas foi atraída pelos gritos de Estelle lá em cima na *Dominie Dirtch*.

– Preciso ir atrás da espada. Sugiro que você corra.

– Me leve com você.

– Não. Você não pode ser útil e apenas me atrasará.

Beata sabia a horrível verdade daquilo.

– O que eu devo fazer?

– Tire o seu traseiro daqui antes que aqueles homens botem as mãos nele ou você vai se arrepender muito mais.

– Por favor, – Beata disse, as lágrimas surgindo outra vez. – me ajude a salvar Estelle e Emmeline?

A mulher cerrou os lábios com força enquanto pensava um momento.

– Aquela ali. – a mulher finalmente falou, de modo frio e calculista apontando para Estelle. – Como estou partindo, ajudarei você a salvar aquela ali. Então dependerá de vocês duas fugirem.

Beata viu o homem rindo, apalpando os seios de Estelle enquanto ela tentava lutar. Beata sabia como era aquilo.

– Mas temos que buscar Emmeline também. – ela apontou na direção da barraca para onde eles a arrastaram.

– Aquela tem uma perna quebrada. Não pode levá-la; ela fará você ser capturada.

– Mas ela...

– Esqueça ela. O que vai fazer? Carregá-la? Pare de ser uma criança tola. Pense. Quer tentar escapar com aquela ali, ou quer ser capturada com certeza indo atrás das duas? Estou com pressa. Decida.

Beata lutou para respirar, desejando que não conseguisse ouvir os gritos que vinham da barraca. Ela não queria acabar ali dentro com aqueles homens. Já teve uma amostra de um deles.

– Então, aquela ali. Vamos lá. – Beata falou, decidida.

– Bom para você, criança.

A mulher estava chamando ela assim deliberadamente, Beata sabia, para colocá-la em seu lugar, esperando que isso a colocasse na linha e salvasse sua vida.

– Agora, escute e faça exatamente o que eu disser. Não tenho certeza se você vai conseguir fazer isso, mas é a sua única chance.

Desesperada para fugir do pesadelo, Beata assentiu.

– Vou subir ali e derrubar aquele homem. Providenciarei para que você tenha pelo menos dois cavalos. Mandarei a garota descer enquanto você pega os cavalos. Coloque ela em cima de um cavalo junto com você e então siga naquela direção e não pare por nada.

A mulher estava apontando para além da *Dominie Dirtch*, para as terras selvagens.

– Apenas continue em frente, para longe de Anderith, para algum outro lugar em Midlands.

– Como você vai impedir que eles nos peguem?

– Quem disse que eu faria isso? Você apenas pega os cavalos e então vocês duas correm para salvarem suas vidas. Tudo que posso fazer e tentar dar uma vantagem a vocês. – a mulher levantou um dedo diante do rosto de Beata. – Se por alguma razão ela não descer os degraus, ou não subir no cavalo, você a deixa para trás e foge.

Beata, anestesiada pelo terror, assentiu. Ela só queria escapar. Não se importava com mais nada. Só queria sair dessa viva. Beata segurou a manga de couro vermelho.

– Eu sou Beata.

– Está certo. Vamos lá.

A mulher levantou rapidamente, correndo meio agachada. Beata seguiu logo atrás, imitando a corrida dela. A mulher subiu por trás de um soldado que estava no caminho delas e passou uma rasteira nele. Logo que ele bateu de costas no chão, antes que pudesse dar alarme, ela caiu sobre ele, esmagando sua traqueia com um golpe do cotovelo. Mais dois golpes rápidos o silenciaram.

– Como você fez aquilo? – Beata perguntou, espantada.

Ela empurrou Beata fazendo ela abaixar em um arbusto perto do homem.

– Anos de treino sobre como matar. Essa é a minha profissão. – ela checou a *Dominie Dirtch* outra vez. – Espere aqui e conte até dez, então me siga. Não conte rápido demais.

Sem esperar resposta de Beata, ela correu. Alguns homens observaram, confusos com o que estava acontecendo já que ela não estava tentando escapar, mas seguindo direto até o meio de todos os homens. A mulher desviou entre todos os cavalos que corriam ao redor da *Dominie Dirtch*, com seus cavaleiros assoviando e gritando.

O homem perto de Beata estava com sangue borbulhando em seu nariz esmagado, talvez afogando-se nele enquanto jazia ali sobre as costas.

O homem segurando Estelle virou. A mulher de vermelho tirou o aríete do suporte, arrancando-o das correias. As correias adicionaram impulso quando partiram. Quando o aríete acertou o homem na cabeça, Beata conseguiu ouvir o crânio dele partir do lugar onde ela estava, quando finalmente chegou ao fim da contagem até dez. Ele tombou para trás por cima do corrimão e caiu debaixo dos cascos dos cavalos que corriam. Dominada pelo terror,

Beata levantou dando um pulo e começou a correr. A mulher, com um poderoso giro, moveu o aríete, acertando a *Dominie Dirtch*.

O mundo tremeu com o zumbido da arma. O som era poderoso, parecendo que poderia arrancar os dentes de Beata da boca e partir seu crânio com a vibração.

Os homens sobre os cavalos na frente da arma gritaram. Seus cavalos relincharam. Os gritos cessaram abruptamente quando homens e bestas explodiram em uma massa sangrenta. Homens que ainda estavam dando a volta na *Dominie Dirtch* não conseguiram parar em tempo.

Eles derraparam ou caíram ultrapassando o limite para sua morte.

Beata correu o mais rápido que podia mesmo sentindo que suas juntas podiam despedaçar com a terrível vibração da *Dominie Dirtch*.

Usando o aríete, a mulher derrubou homens de seus cavalos. Agarrou Estelle pelo braço e praticamente jogou-a descendo os degraus enquanto Beata pegava as rédeas de dois animais assustados.

Os homens estavam em um estado de confuso pânico. Eles não sabiam o que aconteceria com a arma, se ela tocaria de novo e assim os mataria também. Beata puxou uma Estelle confusa e aterrorizada pelo braço.

A mulher de vermelho saltou do corrimão sobre as costas de um homem ainda montado. A mulher ainda tinha o gargalo quebrado da garrafa negra. Agarrou o homem pela cintura e enfiou o gargalo quebrado nos olhos dele. Ele caiu do cavalo gritando.

Ela deslizou para frente na sela e pegou as rédeas. Esticou-se até o animal cansado no qual havia chegado, agarrou os alforges, e com um grito de fúria fez o cavalo iniciar uma corrida desenfreada em direção a Fairfield.

– Suba! – Beata gritou para uma Estelle impressionada e desnorteada.

Felizmente, a mulher Ander entendeu sua chance de escapar e agarrou-a quando Beata, também, subiu em um cavalo. Os dois animais rodopiaram no meio da confusão.

Homens partiram atrás da mulher em couro vermelho. Beata não era nenhuma amazona, mas sabia o que devia fazer. Bateu os calcanhares contra as costelas do animal. Estelle fez o mesmo.

As duas, uma Haken, outra Ander, correram para salvar suas vidas.

– Para onde vamos, Sargento? – Estelle gritou.

Beata nem sabia para qual direção estava correndo, estava apenas correndo.

Queria tirar o uniforme. Ele era apenas outra piada cruel de Bertrand Chanboor.

– Eu não sou um Sargento! – Beata respondeu, lágrimas descendo pelo seu rosto. – Sou apenas Beata, uma tola, do mesmo jeito que você, Estelle.

Ela gostaria de ter agradecido aquela mulher de vermelho por salvar as vidas delas.

CAPÍTULO 65



Dalton levantou os olhos para ver Hildemara entrando em seu novo escritório. Ela estava usando um vestido revelador de seda com uma cor dourada com enfeite branco, como se alguém estivesse interessado naquilo que ela queria revelar.

Ele levantou atrás de sua nova, expansiva escrivaninha, do tipo que ele nunca imaginou que seria dele.

– Hildemara. Que prazer você ter aparecido para uma visita.

Ela sorriu enquanto olhava para ele como um cão de caça observando uma refeição. Caminhou vagorosamente dando a volta na escrivaninha dele para ficar perto, ao seu lado, apoiando o traseiro contra a borda da escrivaninha para encará-lo de modo íntimo.

– Dalton, você parece maravilhoso nessa roupa. Nova? Deve ser. – ela falou, passando um dedo pela manga bordada. – Você fica muito bem nesse escritório também. Melhor do que meu marido inútil. Você traz a ele uma certa... classe.

– Obrigado, Hildemara. Devo dizer, que você está encantadora.

O sorriso dela cresceu, com verdadeiro prazer ou com zombaria, ele não tinha certeza. Ela não havia sido tímida em expressar sua admiração por ele desde que o velho Soberano morreu inesperadamente. Por outro lado, ele a conhecia muito bem para não relaxar virando as costas para ela, por assim dizer. Ele não conseguia determinar se ela estava sendo calorosa e amigável, ou se escondia

um machado de carrasco atrás das costas. De qualquer modo, ele estava com a guarda levantada.

– A votação na cidade foi contada, e começa a chegar com os soldados que retornam.

Agora ele achou que sabia o motivo do sorriso dela, e o resultado da opinião do povo. Mesmo assim, alguém jamais poderia ter certeza de coisas assim.

– E como o bom povo de Anderith está respondendo ao convite de Lorde Rahl para nos juntarmos a ele?

– Eu temo que Lorde Rahl não seja páreo para você, Dalton.

Um leve sorriso começou a surgir no rosto dele.

– Verdade? E o quanto isso está convincente? Se não for uma rejeição retumbante, Lorde Rahl pode sentir que tem um motivo para pressionar.

Ela balançou os ombros de uma maneira provocante.

– O povo da cidade, é claro, está relutante em acreditar em Lorde Rahl. Sete entre cada dez marcaram um X para ele.

Dalton levantou a cabeça, fechou os olhos, e soltou um suspiro de alívio.

– Obrigado Hildemara. – ele disse com um sorriso. – E o resto?

– Começaram a chegar. Levará algum tempo para que os soldados cavalguem de volta.

– Mas até agora. Como vai até agora?

Ela arrastou um dedo sobre a escrivaninha.

– Surpreendente.

Aquilo o confundiu.

– Surpreendente. Como assim?

Ela virou um sorriso radiante para ele.

– O pior para nós é apenas três entre quatro votos a nosso favor. Alguns lugares tiveram oito e nove entre dez marcando um X para Lorde Rahl.

Dalton colocou uma das mãos no peito quando soltou outro suspiro de alívio.

– Imaginei algo assim, mas nunca podemos ter certeza em coisas desse tipo.

– Simplesmente incrível, Dalton. Você é maravilhoso. – ela virou as palmas para cima. – E você nem precisou trapacear. Imagine só.

Dalton cerrou os punhos de excitação.

– Obrigado, Hildemara. Obrigado por trazer as novidades. Se me der licença, devo ir direto contar para Teresa. Estive tão ocupado, eu mal tenho visto Teresa durante semanas. Ela ficará tão feliz em ouvir as novidades.

Ele começou a mover-se, mas Hildemara colocou um dedo no peito dele. O sorriso dela estava com aquele toque mortal novamente.

– Teresa já sabe, tenho certeza.

Dalton franziu a testa. – Quem teria falado para ela antes que eu falasse?

– Bertrand falou, tenho certeza.

– Bertrand? O que ele estaria fazendo contando notícias como essa para Teresa?

Hildemara mostrou um sorriso afetado.

– Oh, você sabe como Bertrand fala quando está entre as pernas de uma mulher que ele acha excitante.

Dalton congelou. Sinos de alarme tocaram em sua cabeça quando ele começou a lembrar todas as vezes em que estivera ausente para Teresa desde que Bertrand havia sido nomeado Soberano, lembrar do quanto Teresa ficava impressionada com a figura do Soberano. Lembrou de como ela passou a noite acordada rezando depois de encontrar com o velho Soberano. Lembrou da admiração dela quando Bertrand tronou-se Soberano.

Fez um esforço para deixar de especular desse jeito. Esse tipo de especulação era um inimigo insidioso que poderia devorar você por

dentro. Hildemara, sabendo o quanto ele estivera ocupado, provavelmente apenas esperava dar um susto nele, ou causar algum problema. Isso seria típico dela.

– Isso não é nem um pouco engraçado, Hildemara.

Apoiando uma das mãos sobre a escrivaninha, ela inclinou o corpo na direção dele e passou um dedo da outra mão descendo pela mandíbula dele.

– Não era para ser.

Dalton ficou em silêncio, tentando cuidadosamente evitar fazer o movimento errado antes de saber o que realmente estava acontecendo. Isso ainda poderia ser um truque idiota dela, só para deixar ele com raiva de Tess, pensando que de algum modo isso o levaria para os seus braços, ou poderia não ser nada mais do que um mal entendido da parte dela. Porém, ele sabia que Hildemara não costumava entender mal coisas desse tipo. Ela possuía suas próprias fontes e elas eram tão confiáveis quanto as de Dalton.

– Hildemara, não acho que você deveria ficar repetindo boatos difamadores.

– Não é um boato, meu querido Dalton. Verdade. Tenho visto sua boa esposa saindo do quarto dele.

– Você conhece Teresa, ela gosta de rezar...

– Ouvi por acaso Bertrand gabando-se para Stein sobre a ter possuído.

Dalton quase caiu para trás.

– O quê?

O sorriso dela aumentou com perfeição infalível.

– Aparentemente, de acordo com o que Bertrand diz a Stein, ela é uma verdadeira cortesã sem rédeas, e adora ser uma garotinha muito má na cama dele.

Dalton sentiu o sangue queimando em seu rosto. Considerou matar Hildemara ali mesmo. Quando seu dedo tocou o cabo da espada, considerou isso com bastante seriedade. Finalmente, ao

invés disso, manteve-se sob controle, embora pudesse sentir os joelhos tremendo.

– Só achei que você deveria saber, Dalton. – ela complementou.
– Achei isso bastante triste: meu marido está possuindo sua esposa e você não sabe nada sobre isso. Isso poderia ser... vergonhoso. Você poderia inadvertidamente envergonhar a si mesmo, sem saber.

– Porque, Hildemara? – ele conseguiu perguntar em um sussurro. – Porque você sentiria tanta satisfação com isso?

Finalmente o sorriso dela desabrochou em verdadeiro prazer.

– Porque eu sempre odiei a sua orgulhosa superioridade a respeito dos seus votos de fidelidade, o modo como você olhava com o nariz empinado, acreditando que você e sua esposa eram melhores do que todos os outros.

Através de absoluta força de vontade, Dalton conteve-se. Em momentos de teste ou exigência, ele sempre foi capaz de tornar-se analítico para aplicar a melhor solução para a situação que o confrontava.

Com brutal determinação, ele fez isso agora.

– Obrigado pela informação, Hildemara. Isso realmente poderia ter sido embaraçoso.

– Faça-me um favor e não fique deprimido por causa disso, Dalton. Você tem razão para ficar tremendamente satisfeito. É do Soberano que estamos falando. Afinal de contas, é uma honra para qualquer homem entregar sua esposa para uma figura tão reverenciada e sublime como o Soberano de Anderith. Você será amado e respeitado ainda mais porque sua esposa está fornecendo ao Soberano um meio para liberar as tensões da sua grandiosa vocação.

– Você deveria saber disso, Dalton. Além disso, você fez do homem o que ele é: o conselheiro do Criador nesse mundo.

Sua esposa está sendo apenas uma leal súdita. – ela riu. – Muito leal, pelo que ouvi. Uau, seria necessário uma mulher muito

habilidosa para chegar ao nível dela.

Ela inclinou, aproximando-se e beijou a orelha dele.

– Mas eu gostaria de tentar, Dalton, querido. – ela olhou nos olhos dele quando levantou o corpo. – Sempre fui fascinada por você. Você é o homem mais perturbador, perigoso, que eu já conheci, e eu conheci alguns realmente notáveis.

Ela virou para trás ao chegar no portal. – Depois que começar a aceitar isso, vai considerar como algo sem importância, Dalton. Você verá.

– E então, como você sugeriu para mim anteriormente, uma vez que os seus votos sejam quebrados, eu serei a primeira que você irá procurar? Não esqueça, você prometeu.

Dalton ficou sozinho em seu escritório, sua mente trabalhando acelerada, pensando no que deveria fazer.

* * *

Kahlan passou os braços sobre os ombros dele e curvou-se, encostando a bochecha contra a orelha dele. A sensação foi calorosa e confortadora, independente da distração desnecessária. Ela beijou a têmpora dele.

– Como está indo?

Richard espreguiçou com um bocejo. Por onde começaria?

– Esse homem desviou-se completamente do caminho traçado.

– O que você quer dizer?

– Ainda tenho muita coisa para traduzir, mas estou começando a obter uma imagem do que aconteceu. – Richard esfregou os olhos.

– Aqui o homem é enviado para banir as Notas. Ele imediatamente examina o problema, e encontra uma solução simples.

Os magos na Fortaleza pensaram que isso foi uma inspiração genial, e disseram isso a ele.

– Ele deve ter ficado orgulhoso. – ela falou, claramente querendo dizer o contrário.

Ele entendeu o tom mordaz dela, e compartilhava do sentimento. – Você está certa, não Joseph Ander. Ele não diz isso aqui, mas de acordo com aquilo que lemos antes, conheço o modo como ele pensa. Joseph Ander não teria ficado orgulhoso consigo mesmo por entender isso, mas sentiria desprezo por aqueles que não conseguiram.

– Então, – ela disse. – ele tinha a solução. E depois?

– Eles disseram a ele para fazer aquilo imediatamente. Aparentemente eles estavam com problemas similares aos nossos por causa das Notas, e queriam que a ameaça terminasse imediatamente. Ele reclamou que se eles tiveram o bom senso de enviá-lo para cuidar disso, então deviam parar de dizer o que fazer.

– Não foi uma boa maneira de tratar os superiores dele na Fortaleza.

– Eles imploraram que ele detivesse as Notas por causa das pessoas que estavam morrendo. Aparentemente, eles o conheciam muito bem para perceberem que era melhor não ameaçar o homem, pelo menos não com o resto da guerra para se preocuparem. Então, disseram a ele para fazer o que julgasse melhor, mas que por favor, tivesse pressa com uma solução para que as pessoas ficassem livres da ameaça.

– Ele ficou muito mais contente em receber uma mensagem assim, mas usou isso como arma para começar a dar lições para os magos na Fortaleza.

– Sobre o quê?

Richard passou os dedos pelo cabelo. Era frustrante tentar colocar em palavras o que Joseph Ander estava pretendendo.

– Tem bastante coisa aqui para traduzir. Está indo lentamente. Mas não acho que esse livro vai nos dizer como banir as Notas.

Joseph Ander simplesmente não pensava desse jeito, para escrever isso.

Kahlan levantou o corpo e girou ficando de costas para a mesa para ficar de frente para ele. Ela cruzou os braços.

– Está certo, Richard. Conheço você muito bem. O que você não está dizendo para mim?

Richard levantou e virou de costas para ela enquanto pressionava os dedos na têmpora.

– Richard, você não confia em mim?

Ele virou para ela. Segurou a sua mão.

– Não, não, não é isso. É que... apenas que algumas das coisas que ele diz, não sei onde a verdade termina e a loucura de Joseph Ander começa. Isso vai além de qualquer coisa que eu já ouvi falar, que me ensinaram, ou que eu acreditava sobre magia.

Agora ela realmente parecia preocupada. Ele imaginou, de certo modo, que estava aumentando os medos dela desnecessariamente. Por outro lado, ele não conseguiria elevá-los até os níveis de seus próprios medos.

– Joseph Ander, – ele começou. – pensou que era melhor do que os outros magos.

– Nós já sabíamos disso.

– Sim, mas ele podia estar certo.

– O quê?

– Às vezes, na loucura reside a genialidade. Kahlan, eu não sei onde traçar a linha. De certo modo, não saber a respeito de magia é um obstáculo, mas de outro, significa que não estou sobrecarregado com noções preconcebidas, da maneira como os magos na Fortaleza estavam, então eu posso acabar reconhecendo a verdade nas palavras dele que eles não reconheceram.

– Veja bem, Joseph Ander enxergava a magia não apenas como um conjunto de requisitos, você sabe, uma pitada disso, essa palavra

três vezes enquanto gira sobre o pé esquerdo, e todo esse tipo de coisa.

– Ele enxergava a magia como uma forma de arte, um meio de expressão.

Kahlan estava confusa.

– Não estou acompanhando. Ou você lança um feitiço adequadamente para invocá-lo, ou ele não funciona. Como eu invoco o meu poder com um toque. Como a maneira que invocamos as Notas atendendo requisitos específicos da magia, assim liberando-a.

Ele sabia que com a habilidade mágica dela, sua experiência, e seu aprendizado sobre magia, ela devia enfrentar o mesmo problema que os outros magos enfrentavam. Richard sentiu apenas um traço da frustração que Joseph Ander devia ter sentido. Nisso também ele entendia o homem muito melhor, entendia um pouco da frustração de pessoas falando a você os fatos concretos de algo quando você conhece muito bem, e ainda assim não consegue fazer eles enxergarem o conceito abstrato do todo muito maior bem diante deles.

Assim como fez Joseph Ander, Richard pensou em tentar outra vez.

– Sim, eu sei, e não estou dizendo que isso não funciona, mas ele acreditava que havia mais. Que a magia podia ser levada a um nível mais alto, a um plano além do qual a maioria das pessoas com o Dom usavam.

Agora ela estava confusa de verdade.

– Richard, isso é loucura.

– Não, eu acho que não. – ele pegou o Livro de Jornada. – Isso é uma resposta para algo completamente diferente daquilo que os magos perguntaram, mas você precisa ouvir isso para entender a maneira como Joseph Ander pensava.

Ele leu o trecho principal da tradução.

– *“Um mago que não consegue realmente destruir não consegue realmente criar”*. – Richard tocou no livro. – Ele estava falando sobre um mago como os dotados de agora, um mago apenas com a magia Aditiva, como Zedd. Ander nem mesmo reconhecia que um homem tinha o Dom, se ele não tivesse os dois lados. Considerava um homem assim como uma simples aberração, e desesperançosamente em desvantagem.

Richard voltou ao Livro de Jornada e continuou lendo.

– *“Um mago deve conhecer a si mesmo ou corre o risco de usar magia ruim que cause danos, ao seu próprio livre-arbítrio”*. Ele está falando sobre os aspectos criativos da magia além da estrutura dela. *“A magia intensifica e concentra paixões, fortalecendo não apenas tais coisas como alegria, mas paixões destruidoras também, e desse jeito elas podem tornar-se obsessões, e insuportáveis a não ser quando liberadas”*.

– Soa como se ele estivesse tentando justificar ser destrutivo. – ela disse.

– Acho que não. Acho que ele estava atrás de algo importante, atrás de uma forma de equilíbrio superior.

Kahlan balançou a cabeça, claramente não percebendo o que ele via, mas ele não conseguiu pensar em um jeito de explicar para ela, então continuou lendo.

– Isso é importante. *“A imaginação é o que faz um grande mago, pois com ela, ele é capaz de transcender as limitações da tradição e ir além da estrutura daquilo que agora existe, para dentro de um reino mais elevado de criação do próprio tecido da magia”*.

– Era disso que você estava falando? Sobre ele considerar isso como uma... uma forma de arte? Um meio de expressão? Como se ele fosse o próprio Criador, tecendo uma camada de magia do nada?

– Exatamente. Mas escute isso. Isso, eu acredito, pode ser a coisa mais importante que Joseph Ander tem para dizer. Quando as Notas deixaram de ser um problema, os outros magos perguntaram cautelosamente o que ele fez. Você quase pode ler a ansiedade nas

palavras deles. Essa é a resposta resumida dele para a pergunta deles sobre o que ele tinha feito com as Notas. – *“Uma Graça pode elevar-se em obediência a um feitiço inventivo”*.

Kahlan esfregou os braços, claramente perturbada pela resposta.

– Queridos espíritos, o que isso significa?

Richard inclinou, aproximando-se.

– Acho que significa que ele inventou algo, uma nova magia, fora dos parâmetros da conjuração original que trouxe as Notas para dentro desse mundo. Magia adequada para a situação, e para ele mesmo.

– Em outras palavras, Joseph Ander ficou criativo.

Os olhos verdes de Kahlan olharam ao redor. Ele sabia que ela estava considerando a profundidade da aberração com a qual eles estavam lidando. Esse era o homem louco que finalmente havia infligido as Notas sobre eles.

– O mundo está caindo aos pedaços, – ela sussurrou para si mesma. – e você está falando sobre Joseph Ander usar magia como uma forma de arte?

– Só estou falando o que o homem disse. – Richard virou para a última página. – Eu pulei, adiante. Queria ver a última coisa que ele escreveu para os magos.

Richard estudou as palavras em Alto D’Haran outra vez para ter certeza da tradução, e então leu as palavras de Joseph Ander.

– *“No final, eu concluí que devo rejeitar tanto o Criador quanto o Guardião. Ao invés disso criei minha própria solução, meu próprio renascimento e morte, e fazendo isso sempre protegerei meu povo. E então adeus, pois depositarei minha alma em águas revoltas, e desse modo cuidarei para sempre daquilo que eu tão cuidadosamente moldei, e que agora está protegido e inviolado”*.

Richard levantou os olhos.

– Está vendo? Você entendeu? – ele percebeu que não. – Kahlan, eu não acho que ele baniu as Notas como supostamente devia ter

feito. Acho que ao invés disso ele as usou para os seus próprios objetivos.

Ela fez uma careta.

– Usou elas? Para quê você pode usar as Notas?

– *A Dominie Dirtch.*

– O quê! – ela apertou o nariz entre o polegar e o indicador. –

Mas então como foi possível para nós seguirmos uma linha assim tão bem definida, prescrita, estrita, e inadvertidamente invocá-las? Esse tipo de estrutura é exatamente aquilo do qual você está falando que Joseph Ander pensou estar além.

Richard estava esperando aquele argumento.

– Esse é o equilíbrio. Não percebe? A magia deve ser equilibrada. Para fazer algo criativo, ele tinha que equilibrar isso com algo não criativo, uma fórmula bastante estrita. O fato de que os requisitos para libertar as Notas sejam tão estritos é prova da criatividade daquilo que ele fez.

Ele a conhecia muito bem para dizer que ela não concordava, mas não estava com disposição para discutir.

Ela simplesmente falou. – Então como nós banimos as Notas?

Richard balançou a cabeça aceitando a derrota nessa parte.

– Não sei. Temo que não exista resposta para essa pergunta. Os magos da época de Joseph Ander ficaram igualmente frustrados com o homem. No final, eles simplesmente consideraram como um caso perdido. Estou começando a acreditar que Joseph Ander criou uma magia inquebrável dentro de um quebra-cabeças sem uma solução.

Kahlan tirou o livro das mãos dele, fechou, e colocou de volta sobre a pequena mesa.

– Richard, acho que você mesmo está ficando um pouco louco, lendo as maluquices de um lunático. Não é desse jeito que a magia funciona.

Foi isso que os magos na Fortaleza disseram para Ander, que ele não podia converter e controlar um elemento que era incontável

por natureza. Entretanto, Richard não falou aquilo para Kahlan. Ela não estava preparada para pensar na magia naqueles termos. Nem os outros magos estavam.

Joseph Ander não tinha ficado nada contente que suas ideias fossem colocadas de lado de modo tão sumário, esse foi o motivo da sua despedida final.

Kahlan colocou os braços em volta do pescoço dele.

– Sinto muito. Sei que você está tentando fazer o melhor. Só estou ficando nervosa. O resultado da votação deve chegar em breve.

Richard colocou as mãos na cintura dela.

– Kahlan, as pessoas verão a verdade. Elas precisam ver.

Ela olhou para o vazio.

– Richard, – ela sussurrou. – faz amor comigo?

– O quê?

Olhou nos olhos dele.

– Faz tanto tempo. Faz amor comigo.

– Aqui? Agora?

– Podemos fechar a tenda. De qualquer jeito ninguém vai entrar sem pedir permissão. – ela sorriu. – Prometo ficar quieta, e não deixar você embaraçado. – com um dedo, ela levantou o queixo dele. – Prometo que nem vou contar para sua outra esposa.

Isso fez surgir um leve sorriso, mas Richard não conseguiu mantê-lo.

– Kahlan, não podemos.

– Bem, acho que eu poderia. Aposto que poderia fazer você mudar de ideia.

Richard levantou a pequena pedra escura no colar dela.

– Kahlan, a magia falhou. Isso não vai funcionar.

– Eu sei. É por isso que eu quero. – ela agarrou a camisa dele. – Richard, eu não me importo. E se fizermos um bebê? E daí?

– Você sabe o “e daí”.

– Richard, isso seria tão ruim? Verdade? – os olhos verdes dela estavam ficando cheios de lágrimas. – Seria assim tão ruim se fizéssemos uma criança juntos?

– Não, não, claro que não. Não é isso. Você sabe que eu quero. Mas não podemos nesse momento. Não podemos ficar enxergando Shota em toda sombra, esperando para fazer como ela prometeu. Não podemos admitir a distração de nosso dever.

– Nosso dever. E quanto a nós? E quanto ao que nós queremos?
Richard afastou-se.

– Kahlan, você realmente quer trazer uma criança para esse mundo? Quer trazer uma criança para dentro da loucura desse mundo? Da loucura das Notas e da terrível guerra crescente diante de nós?

– E seu eu falasse que sim?

Ele virou para ela e sorriu. Podia ver que estava deixando ela angustiada. Provavelmente o fato de Du Chaillu estar grávida estava fazendo Kahlan pensar em ter sua própria criança.

– Kahlan, eu quero, se você quiser. Está bem? Qualquer coisa que você quiser, nós faremos, e eu cuidarei de Shota. Mas enquanto isso poderíamos até vermos se ao menos haverá um mundo dos vivos, ou até mesmo um mundo com liberdade, no qual poderemos gerar uma criança?

Finalmente ela sorriu.

– É claro. Você tem razão, Richard. Acho que eu só estava... me deixando levar. Temos que cuidar das Notas, e a Ordem Imperial...

Richard segurou-a nos braços para confortá-la, quando o Capitão Meiffert gritou do lado de fora da tenda.

– Está vendo? – ele sussurrou para ela. Ela sorriu.

– Sim, Capitão, entre.

O homem entrou, hesitante. Não seria capaz de encarar o olhar de Richard.

– O que foi, Capitão?

– Ah, Lorde Rahl, Madre Confessora... a votação em Fairfield foi contada. Alguns de nossos homens retornaram com números. Mas não todos eles. – ele adicionou rapidamente. – Ainda tem mais para retornar. Ainda levará alguns dias antes que eles viagem de volta.

– Então, Capitão, quais são os resultados?

O homem entregou um pedaço de papel. Richard leu, mas levou um momento para aceitar aquilo.

– Sete entre dez contra nós. – ele sussurrou.

Kahlan tirou o papel dos dedos dele suavemente e olhou. Sem dizer uma palavra, colocou ele sobre a mesa.

– Está certo, – ele disse. – nós sabemos que eles estiveram falando todas aquelas mentiras na cidade. Só temos que perceber que será diferente em outros lugares.

– Richard, – Kahlan sussurrou. – eles espalharão as mesmas mentiras pela terra toda.

– Mas nós falamos com aquelas pessoas. Passamos algum tempo com elas.

– Richard virou para o Capitão Meiffert. – E quanto aos lugares remotos?

– Bem...

– E quanto, quanto, aquele lugar... – Richard estalou os dedos. – Westbrook. Onde passamos algum tempo olhando as coisas de Joseph Ander. E quanto a Westbrook? Os votos de lá já chegaram?

O homem havia recuado um passo.

– Sim, Lorde Rahl.

– Então, qual foi o resultado?

Kahlan colocou a mão no braço dele.

– Richard, – ela sussurrou. – o Capitão está do nosso lado.

Richard pressionou os dedos nas têmporas quando respirou profundamente.

– Qual foi a votação de Westbrook, Capitão?

O homem, perdendo muito da sua cor, limpou a garganta.

– Nove entre dez marcaram um X contra nós, Lorde Rahl.

Richard ficou surpreso. Tinha conversado com aquelas pessoas. Lembrava de alguns nomes deles, de suas lindas crianças. Richard sentiu como se o chão tivesse desaparecido debaixo dos seus pés, e ele estivesse caindo através da insanidade. Estivera de pé dia e noite, tentando ajudar aquelas pessoas a tomarem as próprias decisões a respeito de suas vidas, para terem liberdade, e elas rejeitaram.

– Richard, – Kahlan falou com suave simpatia. – não foi nada que você fez. Eles falaram mentiras para aquelas pessoas. Assustaram o povo.

Richard levantou uma das mãos fazendo um gesto vago.

– Mas... eu conversei com eles, expliquei que essa guerra era por eles, pelo futuro deles, pela liberdade das crianças deles...

– Eu sei, Richard.

O Capitão Meiffert ficou imóvel, desconfortável. Kahlan fez um sinal com a mão, dispensando-o. Ele fez uma reverência e recuou silenciosamente saindo da tenda.

– Vou dar uma caminhada. – Richard sussurrou. – Preciso ficar sozinho.

– Ele apontou para os cobertores. – Vá para cama sem mim.

Richard caminhou sozinho dentro da escuridão.

CAPÍTULO 66



Ele dispensou silenciosamente a mulher que tirava a poeira de todo o elaborado trabalho em madeira e, depois que ela fechou a porta atrás dela, foi para o quarto. Teresa virou quando ouviu ele entrar.

– Dalton. – ela sorriu. – Aí está você, querido.

– Tess.

Havia passado todos os assuntos da Propriedade em sua mente mil vezes e finalmente havia chegado ao lugar onde podia encarar Tess e saber que seria capaz de controlar a reação dele.

Precisava manter o controle. Ele havia usado o seu método mais confiável de tratar das coisas. Somente ali ele podia ter certeza do seu controle. Ele cuidaria disso, do mesmo jeito que cuidou de tantas outras coisas.

– Não esperava que você entrasse tão cedo.

– Tess, eu ouvi alguma coisa.

Ela estava sentada diante do espelho, penteando seu lindo cabelo.

– Verdade? Alguma novidade interessante?

– Um pouco. Ouvi que você esteve ocupando a cama do Soberano. Isso é verdade?

Agora ele sabia que era. Tinha puxado cada fio de sua teia para confirmar.

Ela parou de pentear e olhou para ele no espelho, o rosto dela era uma mistura de emoções. O desafio predominava entre elas.

– Dalton, não é como se ele fosse outro homem. É o Soberano. – ela levantou e virou para ele, sem ter certeza de como ele reagiria. – Ele está próximo ao Criador.

– Posso perguntar como isso aconteceu?

– Bertrand disse que o Criador falou com ele. – ela ficou olhando para um lugar distante. – O Criador falou para Bertrand que uma vez que eu fui fiel a você, e nunca estive com outro homem, e porque você foi fiel a mim, o Criador tinha me escolhido para ser aquela que poderia liberar as tensões terrenas de Bertrand.

Os olhos dela focaram nele outra vez.

– Então, você deve entender, é uma recompensa para você também Dalton. Pela sua fidelidade a mim.

Dalton fez um esforço para responder. – Sim, eu posso ver isso.

– Bertrand diz que isso é meu dever sagrado.

– Dever sagrado.

– Quando estou com ele, é como... eu não sei. É tão especial. Ajudar o Soberano nesse mundo é uma honra assim como um dever. Pensar que eu o ajudo a livrar-se da horrível tensão que é lançada sobre ele por ser o Soberano.

– É uma responsabilidade incrível, Dalton, ser o Soberano.

Dalton assentiu. – Você tem razão.

Vendo que ele não ficaria zangado e não a machucaria, ela chegou mais perto.

– Dalton, eu ainda amo você do mesmo jeito.

– Fico feliz em ouvir isso, Tess. Isso era o que mais me preocupava. Eu temia perder o seu amor.

Ela agarrou os ombros dele.

– Não, seu bobo. Nunca. Ainda amo você do mesmo jeito. Mas o Soberano me convocou. Você precisa entender isso. Ele precisa de mim.

Dalton engoliu em seco.

– É claro, querida. Mas nós ainda podemos... ainda podemos ficar... ainda podemos ficar juntos na cama?

– Oh, Dalton, é claro que podemos. Era com isso que você estava preocupado? Que eu não tivesse tempo para você também? Dalton, eu te amo, e sempre irei querer você.

– Bom. – ele assentiu. – Isso é bom.

– Venha para cama, querido, e eu mostrarei. Agora você pode até achar que eu estou mais excitante.

– E Dalton, é uma grande honra estar com o Soberano. Todos sentirão ainda mais estima por você.

– Tenho certeza que você tem razão.

– Então venha para cama. – ela beijou a bochecha dele. – Deixe que eu mostre o quanto posso fazê-lo feliz?

Dalton coçou a testa.

– Ah, eu gostaria disso mais do que qualquer coisa, realmente gostaria, mas tenho uma pilha de trabalho urgente. Os votos acabaram de chegar...

– Eu sei. Bertrand disse.

– Bertrand.

Ela assentiu. – O Soberano, seu bobo. Ele disse para mim. Estou tão orgulhosa de você, Dalton. Sei que você teve parte nisso. Isso tudo não foi trabalho apenas de Bertrand. Sei que ele teve a sua mão para ajudá-lo a vencer.

– Apenas um pouquinho. É gentileza do Soberano notar minha contribuição.

– Ele fala muito bem de você, Dalton.

– Fico feliz em ouvir isso. – Dalton limpou a garganta. – Ah, olha, Tess, Tenho que voltar... voltar ao meu, meu trabalho. Tenho assuntos urgentes.

– Devo esperar?

Dalton balançou a mão.

– Não. Não, querida, tenho que fazer uma viagem até Fairfield para cuidar de alguns assuntos.

– Esta noite? Ainda esta noite?

– Sim.

– Dalton, você não devia trabalhar tanto. Prometa que vai tirar algum tempo de folga. Promete? Fico preocupada com você.

– Não devia. Estou bem.

Ela mostrou o sorriso mais íntimo.

– Promete que vai arranjar tempo para fazer amor comigo?

Dalton sorriu.

– É claro. Eu prometo. – Ele beijou a bochecha dela. – Boa noite, querida.

* * *

A mulher segurando o frasco franziu a testa. – Eu conheço você?

– Não. – Kahlan falou, virando o rosto para baixo, para que ele ficasse na sombra gerada pela luz da lamparina. – Não vejo como. Eu sou de longe. Só vim até Fairfield por causa disso.

Kahlan vestia roupas comuns que ela usava para viajar, e uma faixa na cabeça como um xale para esconder o seu longo cabelo. Ela colocou a faixa depois que estava longe do acampamento deles. Com Richard fora, em algum lugar, os soldados insistiram em escoltá-la em sua caminhada para “pegar um pouco de ar”. Ela havia ordenado de modo rude que eles a deixassem em paz e voltassem para seus postos.

Tais ordens jamais teriam funcionado com Cara. Cara teria ignorado elas. Os soldados não eram tão corajosos, ou impulsivos, ou espertos, quanto Cara.

A mulher suspirou.

– Bem, eu entendo, minha querida. Várias mulheres já fizeram uma jornada como essa.

Ela ofereceu o frasco tampada com a rolha, claramente esperando primeiro o pagamento. Kahlan entregou a ela um Soberano de ouro.

– Fique com o troco. Espero o seu silêncio em troca.

A mulher baixou a cabeça.

– Eu entendo. Obrigada, minha querida. Muita generosidade sua. Obrigada.

Kahlan pegou o frasco, segurando-o aninhado em sua palma, olhando através de seu vidro opaco o líquido claro ali dentro. Ela percebeu que sua outra mão estava sobre a barriga. Deixou o braço cair ao lado do corpo.

– Agora, – a mulher disse, apontando para o frasco de vidro. – ele continuará bom durante a noite, uma vez que eu acabei de fazer a mistura para você. Pode tomar quando desejar, mas se esperar até de manhã ele não terá potência suficiente. Sugiro que tome esta noite, antes de ir para cama.

– Vai doer?

Uma expressão de preocupação surgiu no rosto da mulher.

– Não mais do que um ciclo regular, minha querida. Não tão cedo assim. Haverá apenas o sangramento, então fique preparada para isso.

Kahlan estava perguntando se o bebê sentiria dor. Não conseguiu repetir a pergunta.

– Apenas beba tudo. – a mulher continuou. – O gosto não é tão ruim, mas você pode querer tomar um pouco de chá junto com ele.

– Obrigada. – Kahlan virou para a porta.

– Espere. – disse a mulher. Ela aproximou-se e segurou a mão de Kahlan.

– Sinto muito, minha querida. Você é bastante jovem, pode ficar com outro.

Um pensamento lhe ocorreu.

– Isso não vai prejudicar minha habilidade de...

– Não, não, querida. De jeito nenhum. Você ficará bem.

– Obrigada. – Kahlan falou enquanto caminhava até a porta, de repente sentindo-se ansiosa para estar fora da pequena casa, lá fora na escuridão, e sozinha, caso tivesse que chorar.

A mulher agarrou o braço de Kahlan e fez ela virar.

– Geralmente eu não dou sermões para mulheres jovens, porque no momento em que elas me procuram a hora para sermão já passou faz muito tempo, mas espero que você case, querida. Eu ajudo quando sou necessária, mas eu acharia melhor ajudar você a ter o seu bebê do que a livrar-se dele, realmente acharia.

Kahlan assentiu.

– Eu sinto o mesmo. Obrigada.

As ruas de Fairfield estavam escuras, mas ainda havia pessoas cuidando de seus assuntos. Kahlan sabia que quando a Ordem Imperial viesse, os assuntos das vidas deles em breve mudariam.

Naquele momento, porém, ela estava sentindo dificuldade em se importar.

Decidiu que faria isso antes de voltar. Temia que Richard encontrasse o frasco, e ter que explicar para ele. Richard nunca deixaria ela fazer isso, mas já que ele não sabia a respeito da sua condição, ela conseguiu descobrir os verdadeiros sentimentos e desejos dele.

Ele tinha razão. Eles tinham o resto das pessoas com as quais se preocupar. Não podiam deixar o problema pessoal deles prejudicar a todos. Shota manteria sua palavra a respeito de uma coisa assim, e então eles não seriam capazes de cuidar dos deveres deles. Assim seria melhor.

No caminho para fora da cidade, ela viu Dalton Campbell subindo a estrada sobre um cavalo, então ela virou em uma rua escura. Ele sempre pareceu um homem que pensava cuidadosamente. Enquanto cavalgava, Kahlan achou que ele estava com aparência estranha, como se estivesse em outro mundo. Ela

ficou imaginando o que ele estava fazendo em uma parte da cidade que tinha uma péssima reputação.

Esperou ele passar antes de continuar seguindo seu caminho.

Quando alcançou a estrada de volta até a Propriedade do Ministro, onde os homens deles estavam acampados, ela viu o cintilar da luz do luar no corrimão em cima de uma carruagem ao longe. Levaria algum tempo até que a carruagem alcançasse ela, mas ela saiu da estrada do mesmo jeito. Não queria encontrar com ninguém pela estrada, especialmente alguém que poderia reconhecê-la.

O bolo em sua garganta quase a estava sufocando quando entrou caminhando no campo de trigo. Lágrimas silenciosas desceram pelas suas bochechas. A uma certa distância fora da estrada, ela finalmente caiu de joelhos, entregando-se às lágrimas.

Enquanto olhava para o frasco em sua palma, a luz da lua refletiu ondulante no vidro, ela não conseguia lembrar de alguma vez em sua vida já ter sentido a sensação de estar tão pequena. Ela conteve um grito, sufocando o choro, lembrando a si mesma que isso era pelo bem de todos. Era para o bem de todos. Tinha certeza disso.

Ela tirou a rolha, deixando-a cair dos seus dedos. Segurou o frasco no alto, tentando enxergá-lo sob a luz do luar. Pressionou a outra mão sobre a criança deles: a criança dela; a criança de Richard.

Engolindo as lágrimas, colocou o frasco nos lábios. Fez uma pausa, esperando até recuperar o controle da respiração. Não queria esvaziá-lo em sua boca, e depois não conseguir engolir.

Kahlan afastou-o dos lábios. Olhou fixamente para ele na luz do luar, outra vez, e pensou em tudo que aquilo representava.

E então virou, derramando o líquido no chão.

Imediatamente, ela sentiu uma onda de alívio, como se a sua vida tivesse sido poupada e a esperança retornasse ao mundo.

Quando ela levantou as lágrimas eram uma lembrança distante, já secando em suas bochechas. Kahlan sorriu aliviada, com alegria. A

criança deles estava segura.

Jogou o frasco vazio no campo. Quando o fez, Kahlan viu um homem parado no meio do trigo, observando-a. Ela congelou.

Ele começou a andar em direção a ela, decidido, com rapidez. Kahlan olhou para o lado e viu outro homem chegando. Por trás, outros estavam aproximando-se dela. Homens jovens, ela viu, todos com cabelo vermelho.

Sem esperar um instante que a situação ficasse pior ainda, reagiu instintivamente e correu em disparada em direção ao acampamento.

Ao invés de tentar passar entre os homens, ela seguiu diretamente até um deles. Ele agachou, os pés afastados, os braços abertos, esperando.

Kahlan correu até ele e agarrou seu braço. Olhou dentro dos olhos dele, reconhecendo-o como um mensageiro chamado Rowley. Sem esforço ao pensar, e naquele instante, liberou seu poder nele, preparada para o impacto que o tomaria.

No mesmo instante nada aconteceu, ela percebeu que era por causa das Notas, que tinham feito sua magia falhar.

Pensou que a sentia dentro dela como sempre, mas ela havia desaparecido.

Naquele mesmo instante de percepção, reconhecimento, e falha, de repente ela sentiu a magia. Kahlan conhecia a sensação de formigamento causada pela magia, dominadora em sua erupção, serpenteando dentro dela como uma víbora descendo em um buraco, e mortal do mesmo jeito. Ela puxou o braço, mas era tarde demais, ela sabia. Homens aproximaram-se de ambos os lados, menos preocupados agora que estavam com ela. Homens atrás ainda estavam correndo em direção a eles.

Apenas um instante havia passado desde que ela agarrou Rowley e o soltou, naquele tempo ela tomou a única decisão que poderia. Só tinha uma chance: lutar ou morrer.

Kahlan chutou o homem à sua direita no esterno. Ela sentiu o osso estalar sob o salto da sua bota. Ele caiu com um grunhido. Golpeou Rowley na virilha com o joelho. Acertou os olhos do homem na esquerda.

Isso criou uma abertura. Correu para ela, apenas para ser contida quando um homem atrás dela segurou-a pelo cabelo, puxando-a para trás violentamente. Ela girou, chutando o flanco dele, usando os cotovelos enquanto homens aproximavam-se.

Esse foi o último ataque que ela aplicou. Eles seguraram seus braços. Um pesado golpe acertou seu estômago. Instantaneamente soube que aquilo tinha feito algo terrível para ela. Outro no rosto, e então outro, fizeram ela perder a lucidez.

Ela não conseguia recuperar o fôlego. Não sabia diferenciar o lado de cima do lado de baixo. Não conseguia respirar. Tentou cobrir o rosto, mas eles estavam segurando os seus braços. Ela arfou quando mais punhos golpearam seu estômago. Mais jogaram a cabeça dela para um lado e para outro. Tentou engolir o sangue em sua boca antes que ele a sufocasse. Ouviu os homens rosnando, como uma matilha de cães, e grunhirem com o esforço de baterem nela o mais forte que podiam. O feroz pânico da impotência a dominou.

Os golpes choveram. Ela ficou pendurada, indefesa. A dor era surpreendente. Eles a derrubaram no chão.

A escuridão, como a própria morte, engoliu-a. E então a dor enfraqueceu transformando-se em nada, e a misericordiosa paz da Luz a envolveu.

* * *

Desnortado, Richard caminhou através do campo de trigo iluminado pela lua. Tudo estava fora de controle. Sentiu como se tanta coisa estivesse empilhada sobre ele que não conseguiria

respirar. Não sabia o que fazer. As Notas, a Ordem Imperial, nada estava dando certo.

Ainda assim todos dependiam dele, se eles soubessem disso ou não. O povo de Midlands dependia dele para repelir a Ordem Imperial. Os D'Harans dependiam da liderança dele. Todos estavam em perigo por causa das Notas, e elas estavam ficando mais fortes a cada dia.

Além de tudo isso, ter trabalhado e sacrificado tanto por esse povo de Anderith, apenas para que eles virassem as costas para ele, era algo esmagador.

Porém, o pior disso, era que ele e Kahlan tinham que colocar tudo isso como prioridade antes de uma criança. Richard estava disposto a correr o risco com Shota, se Kahlan estivesse. Sabia o perigo que uma criança poderia representar, mas estava disposto a lutar pelo direito deles ao seu próprio futuro. Mas como eles poderiam pensar em uma criança agora, com as Notas e a Ordem querendo acabar com o mundo sem piedade? Adicionar Shota na mistura estaria além da razão. Kahlan enxergava isso também, mas ele sabia que era difícil para ela, colocar o dever antes de toda a sua vida.

Mas se eles não fizessem sua parte, seu dever, o mundo cairia diante da tirania de Jagang, na escravidão. Se as Notas não matassem todos eles antes. Antes de qualquer uma das outras coisas, precisava deter as Notas. As notas não eram culpa de outra pessoa mas dele. Ele era responsável por bani-las.

Ainda assim, mesmo se ele conseguisse descobrir o que Joseph Ander tinha feito, tinham que lidar com Jagang antes que pudessem pensar em terem uma criança. Kahlan entendeu aquilo. Ele agradeceu aos bons espíritos por essa coisa boa em sua vida: Kahlan.

Ele percebeu que devia estar perto de Fairfield. Deveria voltar. Kahlan ficaria preocupada. Ele estava fora fazia bastante tempo. Não queria deixá-la preocupada. Ela já estava com preocupações o

bastante. Ele esperava que ela não ficasse perturbada demais a respeito de não ter uma criança agora.

Quando virou, pensou ter ouvido algo. Ficou ereto e escutou. Não sabia quanto tempo fazia que o barulho havia continuado porque não estivera prestando muita atenção a qualquer coisa a não ser tentar pensar em soluções para os problemas deles. Agora ele inclinava a cabeça para escutar. Soava estranhamente como pancadas abafadas.

Sem parar para pensar, Richard começou a correr em direção ao som. Quando chegou mais perto, percebeu que estava ouvindo homens grunhindo por causa do esforço, arfando.

Richard correu para cima deles, uma gangue de homens, batendo em alguém no chão. Agarrou o cabelo de um deles e puxou-o para trás. Debaixo do homem, ele viu um corpo ensanguentado.

Eles estavam espancando a pobre alma até a morte.

Richard reconheceu o homem que estava segurando. Era um dos mensageiros. Rowley, Richard achava que era o nome do homem. Ele estava com uma expressão selvagem, louca, nos olhos.

Rowley, vendo que era Richard, imediatamente tentou alcançar a garganta dele, gritando.

– Peguem ele!

Richard passou o outro braço em volta do pescoço de Rowley, agarrou o queixo dele, curvou ele, e puxou para trás, quebrando seu pescoço. Rowley desabou flácido como um boneco.

Outro homem saltou adiante. A velocidade do seu impulso foi o seu pior erro. Richard bateu com a parte inferior da palma da mão no rosto do homem.

Ele ainda estava caindo sobre Rowley quando Richard agarrou o cabelo vermelho de outro, puxou-o para frente, e levantou o joelho enfiando na mandíbula do homem. Com a mandíbula quebrada, ele caiu para trás.

Agora todos os homens estavam de pé, e Richard percebeu que logo poderia estar se juntando ao corpo no chão. Sua vantagem era que eles já estavam cansados pelo esforço. Sua desvantagem era que eles estavam em número muito maior, e estavam loucos com o desejo por sangue.

Justamente quando estavam prestes a atacar Richard, eles viram algo e espalharam-se. Richard girou e viu os Mestres da Lâmina Baka Tau Mana surgindo do meio da noite, suas espadas assoviando através do ar noturno.

Richard percebeu que eles deviam estar seguindo ele quando saiu para sua caminhada sozinho. Ele nem havia percebido que eles estavam ali. Quando eles foram atrás do grupo, Richard ajoelhou ao lado dos corpos no trigo amassado.

Quem quer que fossem, eles estavam mortos.

Richard levantou com um suspiro de tristeza. Olhou para a forma machucada que um dia foi uma pessoa, provavelmente pouco tempo antes. Parecia que aquele devia ter sido um fim terrível.

Se ao menos ele estivesse mais perto, mais cedo, poderia ter conseguido impedir. De repente, sem estômago para olhar o corpo ensanguentado, ou para os outros ao redor ali perto, Richard afastou-se.

Não tinha caminhado mais do que alguns passos quando um pensamento fez ele parar. Ele deu meia-volta e olhou. Ficou abatido com a ideia, mas então ele pensou: e se aquilo acontecesse com alguém com que ele se importava? Não iria querer que alguém que estivesse ali fizesse tudo que pudesse? Ele era o único por perto para ajudar, se ele ao menos pudesse. Imaginou que valia à pena tentar, a pessoa já estava morta, não havia nada a perder.

Ele correu de volta e ajoelhou ao lado do corpo. Não conseguia nem dizer se era um homem ou uma mulher, exceto que usava calças, então concluiu que fosse um homem. Colocou uma das mãos

debaixo do pescoço e limpou um pouco da máscara de sangue dos lábios cortados inchados e então colocou os dele sobre eles.

Lembrou do que Denna havia falado, quando ele estava perto da morte. Lembrou de Cara fazendo isso com Du Chaillu.

Lançou um Sopro da Vida dentro do corpo sem vida. Levantou a boca dele e ouviu o sopro sair do corpo. Aplicou outro sopro, e então outro, e outro.

Ficou ajoelhado ao lado do corpo pelo que pareceram horas, ele sabia que poderiam ser apenas minutos, aplicando o Sopro da Vida, desejando com toda esperança que a pobre alma desafortunada ainda estivesse com eles. Rezou aos bons espíritos pedindo ajuda.

Queria tanto que algo bom surgisse da sua experiência nas mãos de Denna, a Mord-Sith. Sabia que Denna iria desejar que a vida fosse o legado dela. Cara já havia trazido Du Chaillu de volta, provando que Mord-Sith podia fazer mais do que tirar a vida.

Ele rezou fervorosamente novamente aos bons espíritos para que o ajudassem, que mantivessem essa alma aqui com essa pessoa, ao invés de a levarem agora.

Com um suspiro, a vida retornou.

Alguém estava chegando. Richard levantou os olhos e viu dois dos Mestres da Lâmina trotando de volta. Richard não precisou perguntar se eles tiveram sucesso. Aquela gangue de jovens não iriam assassinar mais nenhuma pessoa na noite.

Alguém mais estava chegando também. Era um cavalheiro mais velho com roupas escuras. Ele corria com assustadora urgência.

O homem ficou chocado com a visão.

– Oh, querido Criador, mais um não.

– Mais um? – Richard perguntou.

O homem caiu de joelhos, parecendo não escutar Richard. Ele segurou uma das mãos ensanguentadas, encostando-a na bochecha.

– Graças ao Criador. – ele sussurrou. Olhou para Richard. – Eu tenho uma carruagem. – ele apontou. – Está logo ali, na estrada. Me

ajude a levar esse pobre infeliz até a minha carruagem e nós podemos levá-lo para minha casa.

– Onde? – Richard perguntou.

– Fairfield, – o homem disse, observando os Mestres da Lâmina cuidadosamente, suavemente, carregarem a pessoa que respirava, inconsciente.

– Bem, – Richard disse, limpando o sangue da boca. – acho que é muito mais perto do que o acampamento de meus soldados.

Richard pensou que poderia ter que ajudar o homem, mas o homem recusou a oferta de ajuda.

– Então, você é Lorde Rahl?

Richard assentiu. Então o homem parou, segurando a mão de Richard para apertá-la.

– Lorde Rahl, estou honrado em conhecê-lo, embora não sob essas circunstâncias. Meu nome é Edwin Winthrop.

Richard balançou a mão do homem. – Mestre Winthrop.

– Edwin, por favor. – Edwin segurou os ombros de Richard. – Lorde Rahl, isso é simplesmente terrível. Minha amada esposa, Claudine...

Edwin começou a chorar. Richard segurou o braço do homem gentilmente para certificar-se de que o homem não cairia.

– Minha amada esposa Claudine foi assassinada do mesmo jeito. Golpeada até a morte nessa estrada.

– Sinto muito. – Richard disse, agora entendendo a reação de Edwin.

– Permita que ajude esse pobre infeliz. Ninguém estava lá para ajudar minha Claudine como você ajudou essa pessoa. Por favor, Lorde Rahl, permita que eu ajude.

– É Richard, Edwin. Não gostaria de nada mais do que sua ajuda.

Richard observou enquanto Jiaan e seus Mestres da Lâmina ajudavam cuidadosamente a colocar a pessoa na carruagem.

– Eu gostaria que três de vocês fossem com Edwin. Não podemos saber se, seja lá quem for responsável por isso, tentará de novo.

– Não sobrará nenhum para relatar o fracasso deles. – Jiaan disse.

– Eles perceberão isso mais cedo o mais tarde. – Richard virou para Edwin. – Você não deve contar sobre isso para ninguém, ou ficará em perigo. Eles podem aparecer para concluir o trabalho.

Edwin estava assentindo enquanto subia na carruagem.

– Eu tenho uma curandeira, uma amiga de longa data, na qual eu posso confiar.

Richard e dois dos Mestres da Lâmina caminharam pela estrada solitária de volta até o acampamento em silêncio. Anteriormente eles expressaram sua fé absoluta de que ele baniria as Notas que tentaram matar sua Mulher dos Espíritos. Richard não teve coragem de dizer a eles que não estava mais perto de fazer isso do que estava naquele dia.

Quando ele voltou, a maior parte do acampamento estava dormindo. Richard não estava com humor para conversar com os oficiais ou sentinelas. Estava pensando sobre Joseph Ander e nas Notas.

Kahlan não estava na tenda deles. Provavelmente ela estava com Du Chaillu. Du Chaillu começara a valorizar a presença de Kahlan, o conforto de outra mulher. A hora do bebê nascer estava próxima.

Richard pegou o Livro de Jornada de Joseph Ander e uma lamparina e foi até outra tenda usada pelos oficiais para planejamento. Queria trabalhar mais na tradução do Livro de Jornada, mas não queria atrapalhar o sono de Kahlan quando ela voltasse. Richard sabia que se trabalhasse na tenda deles, ela iria querer sentar junto com ele. Não havia necessidade disso.

CAPÍTULO 67



Richard estava concentrado na tradução de um trecho envolvente e confuso, tentando cruzar o labirinto dos possíveis significados, quando Jiaan entrou na tenda. Os soldados teriam pedido permissão para entrar; os Mestres da Lâmina simplesmente assumiram que tinham permissão para irem aonde quer que eles desejassem. Depois da constante formalidade com os soldados, Richard achava isso refrescante.

– Caharin, você deve vir comigo. Du Chaillu me enviou.

Richard levantou rapidamente.

– O bebê? O bebê está nascendo? Chamarei Kahlan. Vamos lá.

– Não. – Jiaan colocou uma das mãos no ombro de Richard. – Não é sua criança. Ela me enviou para buscar você, e ela disse para você vir sozinho.

– Ela não quer que eu chame Kahlan?

– Não, Caharin. Por favor, você deve fazer como sua Mulher dos Espíritos, sua esposa, pede.

Richard nunca tinha visto um olhar de preocupação assim nos olhos escuros de Jiaan. O homem estava sempre parecendo uma rocha com uma espada. Richard esticou uma das mãos, pedindo a Jiaan para mostrar o caminho.

Para surpresa dele, era quase manhã. Richard estivera trabalhando durante a noite toda. Esperava que Kahlan estivesse dormindo; se não estivesse, ela iria reclamar por ele não ter descansado.

Jiaan tinha dois cavalos selados e aguardando. Richard estava surpreso. O homem correria ao invés de cavalgar a não ser que Du Chaillu falasse para ele cavalgar, e isso nunca acontecia.

– O que está acontecendo? – Richard fez um sinal na direção da tenda de Du Chaillu. – Eu pensei que Du Chaillu estivesse me chamando.

Jiaan girou o corpo na sela. – Ela está na cidade.

– O que ela está fazendo em Fairfield? Não tenho certeza se ali é seguro para ela, não depois que eles fizeram todos se voltarem contra nós.

– Por favor, Caharin. Eu imploro, venha comigo, e depressa.

Richard subiu no cavalo.

– Claro. Sinto muito, Jiaan. Vamos lá.

Richard estava começando a ficar preocupado que Du Chaillu já tivesse problemas com pessoas em Fairfield. Eles sabiam que ela estava com Richard e Kahlan. Para dizer a verdade, sabiam que ela era esposa de Richard.

Ele fez o cavalo correr. Ansiedade contorceu o estômago dele.

* * *

A porta de uma casa posicionada entre árvores abriu. Edwin espiou do lado de fora. Richard, agora em um estado de profunda preocupação, relaxou um pouco. A pessoa que eles salvaram provavelmente não estava conseguindo resistir, e eles queriam que ele visse antes que a morte chegasse, uma vez que ele tinha lançado o Sopro da Vida nela.

Richard não entendia o que Du Chaillu estava fazendo ali, mas imaginou que ela devia ter alguma ligação com a pessoa, já que ela mesma foi trazida de volta à vida do mesmo jeito.

Edwin, parecendo preocupado e assustado, os conduziu de volta através de corredores e por quartos bem cuidados na grande

casa. Ela transmitia uma sensação de vazio, quietude, tristeza. Com a esposa de Edwin assassinada, Richard imaginou que isso era esperado.

Eles alcançaram um quarto no final de um corredor curto, fracamente iluminado. A porta estava fechada. Jiaan bateu suavemente, e então escoltou o deprimido Edwin para longe.

Edwin segurou a manga de Richard.

– Qualquer coisa que precisar, Richard, eu estou aqui.

Richard assentiu e Edwin permitiu que Jiaan o levasse. A porta abriu. Du Chaillu olhou para fora. Quando viu que era Richard, ela saiu, colocando uma das mãos no peito dele, afastando-o. Fechou a porta atrás de si.

– Richard, você deve me escutar. Deve escutar muito atentamente, e não ficar louco. – ela manteve a mão no peito dele.

– Louco? Louco por causa do quê?

– Richard, por favor, isso é importante. Você deve escutar, e fazer como eu digo. Prometa.

Richard podia sentir o sangue desaparecendo do rosto. Ele assentiu.

– Eu prometo, Du Chaillu. O que foi?

Ela chegou mais perto. Mantendo a mão no peito dele, colocou a outra no seu braço.

– Richard, a pessoa que você encontrou... era Kahlan.

– Isso não é possível. Eu conheceria Kahlan.

Os olhos de Du Chaillu estavam cheios de lágrimas.

– Richard, por favor, eu não sei se ela viverá. Você trouxe ela de volta, mas eu não sei se... eu queria que você viesse.

Ele estava com dificuldade para respirar. – Mas... – não conseguia pensar.

– Mas... eu saberia. Du Chaillu, você deve estar enganada. Eu saberia se fosse Kahlan.

Du Chaillu apertou o braço dele.

– Eu mesma não sabia até que limpamos um pouco...

Richard moveu-se até a porta. Du Chaillu puxou-o de volta.

– Você prometeu. Você prometeu escutar.

Richard mal estava ouvindo. Não conseguia pensar. Só conseguia ver aquele corpo machucado ensanguentado deitado ali no campo. Não conseguia acreditar que era Kahlan.

Richard passou os dedos no cabelo. Fez um esforço para recuperar sua voz.

– Du Chaillu, por favor, não faça isso comigo. Por favor não faça isso comigo.

Ela balançou o braço dele.

– Você deve ser forte, ou ela não tem chance. Por favor, não fique louco comigo.

– Do que você precisa? Diga. Diga, Du Chaillu. – lágrimas estavam descendo pelo rosto dele. – Por favor, diga para mim do que você precisa.

– Preciso que você escute. Está escutando?

Richard assentiu. Não tinha certeza do que ela estava pedindo, mas assentiu enquanto sua mente acelerava. Poderia curá-la. Ele tinha magia. A cura era Aditiva. As Notas tomaram toda a Magia Aditiva.

Ela o balançou novamente.

– Richard.

– Sinto muito. O que foi? Estou escutando.

Du Chaillu finalmente não conseguiu mais encarar o olhar dele.

– Ela perdeu a criança.

Richard piscou.

– Então você está enganada. Não pode ser Kahlan.

Du Chaillu ficou olhando para o chão e deu um forte suspiro.

– Kahlan estava grávida. Ela me contou quando estávamos no lugar onde você leu as coisas do homem Ander.

– Westbrook?

Du Chaillu confirmou.

– Lá, antes que você fosse cavalgar com ela subindo até o lago da montanha, ela me contou. Pediu minha promessa de não contar para você. Só falou que essa era uma longa história. Acho que agora você tem o direito que a minha promessa seja quebrada.

– Ela perdeu a criança.

Richard caiu de joelhos. Du Chaillu abraçou-o enquanto ele chorava incontrolavelmente.

– Richard, eu entendo a sua dor, mas isso não vai ajudá-la.

Richard, de algum modo, conseguiu fazer um esforço e parou. Encostou contra a parede, dormente e desorientado, esperando que Du Chaillu falasse o que ele poderia fazer.

– Você deve deter as Notas.

Ele levantou rapidamente.

– O quê?

– Você poderia curá-la se tivesse a sua magia.

Tudo se encaixou no lugar. Ele precisava deter as Notas. Isso era tudo. Apenas deter as Notas, e então curar Kahlan.

– Richard, quando estávamos no lugar onde Kahlan me falou que estava com uma criança... – as palavras “com uma criança” mexeram com ele novamente, quando percebeu que Kahlan teria uma criança, e ele não sabia, e agora ela já estava morta. –... Westbrook... Richard, me escute. Quando estivemos lá, as pessoas disseram que houve um vento terrível, chuva, e fogo que destruiu quase tudo daquele homem.

– Sim, acredito que foram as Notas.

– Elas odiavam ele. Você deve ter aquele mesmo ódio em seu coração pelas Notas para conseguir vencer elas. Então poderá ter sua magia de volta e curar Kahlan.

A mente de Richard estava acelerada. As Notas odiavam Joseph Ander. Porquê? Não porque o homem as tinha mandado de volta, ele não fez isso. Ao invés disso tinha escravizado as Notas para que

elas o servissem. De alguma forma a *Dominie Dirtch* estava relacionada com aquilo que ele fez.

Quando Richard e Kahlan libertaram as Notas, elas tiveram sua vingança em alguns dos pertences dele. Mas porque as coisas em Westbrook, e não aquelas na biblioteca da Propriedade do Ministro?

As palavras de Joseph Ander ecoaram na cabeça dele.

"No final, eu concluí que devo rejeitar tanto o Criador quanto o Guardião. Ao invés disso criei minha própria solução, meu próprio renascimento e morte, e fazendo isso sempre protegerei meu povo. E então adeus, pois depositarei minha alma em águas revoltas, e desse modo cuidarei para sempre daquilo que eu tão cuidadosamente moldei, e que agora está protegido e inviolado".

Águas revoltas. Richard finalmente entendeu o que Joseph Ander tinha feito.

– Tenho que ir. Du Chaillu, eu tenho que ir. – Richard agarrou-a pelos ombros. – Por favor, mantenha ela viva até eu voltar. Você tem que mantê-la viva!

– Richard, nós faremos o melhor que pudermos. Você tem minha palavra como sua esposa.

– Edwin!

O homem veio descendo o corredor.

– Sim, Richard. O que posso fazer? Diga.

– Consegue esconder essas pessoas aqui? Minha esposa... – Richard teve que engolir em seco para manter o controle. – Consegue manter Kahlan aqui? E Du Chaillu, e os cinco homens?

Edwin abriu os braços em um grande arco, indicando sua casa.

– É uma casa grande. Tem muitos quartos. Ninguém saberá quem está aqui. Tenho poucos amigos, e confiaria minha vida para aqueles que tenho.

Richard apertou a mão do homem.

– Obrigado, Edwin. Em troca, eu pediria a você que deixe sua casa quando eu voltar.

– O quê? Porquê?

– A Ordem Imperial está vindo.

– Mas você não vai deter eles?

Richard jogou as mãos para cima.

– Como? Melhor dizendo, porquê? Essas pessoas rejeitaram a chance que dei a elas. Edwin, elas assassinaram sua esposa exatamente como tentaram fazer com a minha. E você pediria a mim que arriscasse as vidas de boas pessoas para preservar o bem estar delas?

Edwin encolheu.

– Não, suponho que não. Tem alguns de nós que estavam do seu lado, Richard. Alguns de nós tentaram.

– Eu sei. É por isso que estou avisando você. Diga para seus amigos fugirem enquanto podem. Estou enviando meus homens embora hoje. A Ordem Imperial estará aqui dentro de duas semanas.

– Quanto tempo você levará para ir embora?

– Talvez oito dias, no máximo. Tenho que subir até a terra desolada acima do Vale Nareef.

– Lugar horrível.

Richard assentiu.

– Você não faz ideia.

– Nós cuidaremos da Madre Confessora tão bem quanto qualquer pessoa de bem cuidaria.

– Você tem barris, Edwin?

O homem franziu a testa.

– Sim, lá embaixo no porão.

– Encha eles com água. Junte comida agora. Em poucos dias a água e tudo que cresce pode não estar em segurança.

– Porque isso aconteceria?

Richard cerrou os dentes.

– Jagang está vindo até aqui atrás de comida. Vou dar a ele pelo menos uma dor de barriga.

– Richard. – Du Chaillu falou com uma voz suave, encarando o olhar dele.

– Não tenho certeza... você quer ver ela antes de ir?

Richard reuniu forças. – Sim. Por favor.

* * *

Richard cavalgou todo o caminho de volta até o acampamento. Podia conseguir um cavalo descansado lá, para que não tivesse que poupar o animal. Quando entrava pareceu a ele que o Capitão Meiffert estava com as tropas em um alto estado de alerta. O número de sentinelas foi duplicado, e foram posicionados mais longe do que de costume. Sem dúvida eles ouviram dos Baka Tau Mana que aconteceram problemas.

Richard esperava que o homem não perguntasse por Kahlan. Não achava que conseguiria conter sua emoção se tivesse que falar para ele a respeito dela, se tivesse que descrever a visão dela naquela cama.

Mesmo sabendo que era ela, Richard mal a reconheceria. Aquilo foi uma visão além do terror. Partiu seu coração. Nunca tinha se sentido tão sozinho no mundo, nem conheceria tanta angústia.

Ao invés de cair aos pedaços, Richard lutou para concentrar sua mente na tarefa adiante. Precisava tirar Kahlan da sua mente, se queria ajudá-la. Sabia que isso era impossível, mas tentou manter seus pensamentos em Joseph Ander e no que deveria ser feito.

Ele precisava ser capaz de curá-la. Faria qualquer coisa para remediar o sofrimento dela. Felizmente, ela não estava consciente.

Richard pensou que sabia o que Joseph Ander tinha feito, mas ele não tinha a menor ideia de como desfazer. Percebeu que tinha vários dias até chegar lá para pensar nisso.

Richard ainda tinha o lado Subtrativo do seu poder. Tinha usado aquilo antes e entendia um pouco dele. Nathan, um Profeta e

ancestral de Richard, uma vez tinha falado que o Dom dele era diferente daquele dos outros magos porque ele era um Mago Guerreiro. O poder de Richard funcionava através da necessidade. E, ele era invocado pela fúria.

Agora Richard estava com uma poderosa necessidade. Tinha raiva o bastante correspondente a dez magos.

O pensamento lhe ocorreu, essa era parte da maneira como Joseph Ander descreveu o que ele fez. Ele criou o que precisava. Richard gostaria de saber como essa percepção poderia ajudá-lo.

O Capitão Meiffert bateu com a mão no couro sobre o coração dele quando Richard saltou do cavalo.

– Capitão, preciso de um cavalo descansado. Na verdade, seria melhor eu levar três. Tenho que ir. – Richard pressionou os dedos na testa, tentando pensar. – Quero que faça com que os homens preparem-se para partir, e logo que o resto deles retornar da votação, quero vocês fora daqui.

– Para onde nós vamos, Lorde Rahl, se eu posso perguntar?

– Você e seus homens voltarão até o General Reibisch. Eu não irei com vocês.

O Capitão seguiu Richard quando ele foi juntar as coisas dele e de Kahlan. Enquanto o Capitão Meiffert o seguia, gritava ordens para vários dos seus homens, pedindo cavalos descansados para Lorde Rahl, junto com outros suprimentos. Richard disse para um dos soldados que ele queria as melhores montarias deles para uma longa e árdua jornada. O homem correu para cuidar da tarefa.

O Capitão aguardou do lado de fora enquanto Richard entrou na tenda. Ele começou a juntar as coisas deles. Quando pegou o vestido branco de Madre Confessora, suas mãos começaram a tremer, e ele caiu de joelhos, dominado pela tristeza.

Sozinho na tenda, ele rezou, implorando aos bons espíritos como nunca para que o ajudassem. Prometeu em troca dar a eles qualquer coisa que eles quisessem. Lembrando que a única coisa que

ele sabia que podia fazer era banir as Notas para que pudesse curar Kahlan, concentrou-se em terminar o mais rápido que podia.

Do lado de fora, os cavalos estavam esperando.

– Capitão, quero que você e seus homens voltem até o General Reibisch o mais cedo que puderem.

– E a *Dominie Dirtch*? Com o relatório das unidades da guarda especial Ander, acho que podemos ter problema. Será seguro passar pela *Dominie Dirtch*?

– Não. De acordo com os relatórios, eu suspeitaria que as tropas da guarda são homens da Ordem Imperial. Eu também poderia esperar que eles tomem a *Dominie Dirtch* para manter Reibisch afastado.

– Desse momento em diante, você deve considerar que está em território inimigo. Suas ordens são para fugirem. Se alguém tentar impedir, mate-o e sigam adiante.

– Se a Ordem, como eu suspeito, tomar a *Dominie Dirtch*, podemos usar a única fraqueza que eles terão, estarão espalhados demais para resistirem contra vocês através da força.

– Considere que as tropas da Ordem Imperial estarão manuseando a *Dominie Dirtch*. Concentre sua força em um ataque da cavalaria e rasgue através da linha deles. Uma vez que eles possuem o controle da *Dominie Dirtch*, provavelmente eles não irão oferecer muita resistência, achando que poderão matar vocês assim que passarem.

O homem estava parecendo preocupado.

– Então... você acha que terá desativado as armas de pedra nesse momento, Lorde Rahl? Vai anular a magia delas?

– Espero que sim. Mas posso não conseguir. Na dúvida, quero que você e todos os seus homens tampem os ouvidos e os ouvidos dos seus cavalos com cera e algodão, ou pano. Tampem eles muito bem para que não consigam ouvir até que estejam sobre o horizonte.

– Está querendo dizer que isso nos protegerá?

– Sim.

Richard achava que entendia o modo como a *Dominie Dirtch* funcionava. Du Chaillu tinha falado para eles que quando ela se afogou, ouviu as Notas da Morte. Joseph Ander teria necessitado de uma maneira para controlar e focar o poder assassino das Notas. Ele deu a eles a resposta na forma daquilo que havia criado.

– A *Dominie Dirtch* são sinos. Elas seriam sinos por uma razão: para serem ouvidas. Se você não conseguisse ouvir, então não seria ferido.

O Capitão limpou a garganta.

– Lorde Rahl, não pretendia questionar o seu conhecimento das coisas de magia, mas uma arma com tanto poder destrutivo pode ser derrotada tão facilmente?

– Isso foi feito antes, eu acredito. Acho que as pessoas Haken que uma vez invadiram devem ter descoberto isso também, e assim conseguiram passar.

– Mas, Lorde Rahl...

– Capitão, eu sou a magia contra a magia. Confie em mim. Vai funcionar. Confio em você para ser o aço, confie em mim com a magia.

– Sim, Lorde Rahl.

– Logo que passar, siga até o General Reibisch. Isso é importante. Diga a ele que eu quero que ele recue.

– O quê? Agora que você tem uma maneira de passar pela *Dominie Dirtch*, não quer que utilizemos ela?

– A *Dominie Dirtch* será destruída. Não posso deixá-la para que Jagang se esconda atrás dela, mas não quero que nossas forças desçam até aqui. Jagang também está vindo para cá em busca de comida para o seu exército. Eu espero tirar dele um pouco dessa comida.

– Diga ao General que minhas ordens são para que ele proteja as rotas de entrada para Midlands. Aqui fora nas planícies ele não tem

chance contra os números da Ordem. Ele terá uma chance melhor impedindo que Jagang avance para dentro do resto de Midlands se nossas forças lutarem do nosso jeito, não do jeito que Jagang deseja.

– Sim, Senhor. Sábio conselho.

– Deveria ser, é o conselho do General Reibisch. Também espero reduzir os números da Ordem. Diga a ele para ser discreto.

– E quanto a você, Lorde Rahl? Onde ele deve encontrá-lo?

– Diga para ele preocupar-se com os homens dele, não comigo. Eu... não tenho certeza do local onde estarei. Reibisch sabe o que fazer. Foi por isso que eles o fizeram General. Ele saberia melhor do que eu o que fazer a respeito do trabalho militar.

– Sim, Senhor. O General é um bom homem.

Richard levantou um dedo para dar ênfase. – Isso é importante. Quero que você siga essa ordem, e quero que Reibisch a siga.

– O povo de Anderith fez a sua escolha. Não quero que nenhum de nossos homens levante uma só arma para ajudá-los. Não quero que nenhum dos nossos homens tenha que derramar sangue por essas pessoas. Entendeu? Nenhum!

A cor desapareceu do rosto do Capitão. Ele recuou um passo.

– Nenhuma gota de nosso sangue. – Richard disse.

– Sim, Senhor. Direi ao General as suas exatas palavras.

– Minhas ordens. – Richard subiu na sela. – E eu falo sério. Todos vocês são bons homens, Capitão Meiffert. Algum dia, quero que vocês sigam para casa, para suas famílias, e não que morram por nada.

O Capitão fez uma saudação com um punho sobre o coração.

– Também é a nossa sincera esperança, Lorde Rahl.

Richard respondeu a saudação, e então cavalgou saindo d pela última vez, em seu caminho para realizar seu último dever.

CAPÍTULO 68



– Querida, estou em casa. – Dalton gritou na direção do quarto.

Ele tinha enviado uma garrafa de vinho, junto com uma bandeja com o prato favorito de Teresa, filhotes de coelho assados em um molho de vinho vermelho. O Senhor Drummond ficou muito feliz em conseguir manter o emprego atendendo o pedido incomum.

Velas perfumadas estavam acesas ao redor do quarto, as cortinas estavam fechadas, e todos os servos foram mandados embora.

O Mestre e a Senhora queriam ficar sozinhos.

Teresa encontrou ele na porta do quarto com uma taça de vinho e um sorriso.

– Oh, querido, estou tão feliz que você tenha conseguido voltar cedo esta noite. Estive tão ansiosa por isso o dia todo.

– Assim como eu. – ele disse com seu melhor sorriso.

Ela lançou um olhar travesso para ele.

– Estou tão ansiosa para provar a você o quanto eu te amo, e agradecer a você por ser tão compreensiva sobre meu dever com o Soberano.

Dalton tirou o manto de seda dos ombros dela, beijando sua carne. Ela soltou risadinhas enquanto ele aplicava beijos subindo pelo pescoço dela. Ela fez um leve esforço para reduzir a velocidade dos avanços dele.

Encostou a cabeça no rosto dele. – Dalton, não quer um pouco de vinho?

– Quero você. – ele disse, com um rosnado íntimo. – Faz tempo demais.

– Oh, Dalton, eu sei. Estive sentindo falta de você.

– Então prove. – ele provocou.

Ela soltou outra risadinha com os beijos persistentes dele.

– Ora, mas o que deu em você, Dalton? – ela murmurou. – Seja lá o que for, eu gosto.

– Tess, eu também tirei o dia de folga amanhã. Quero fazer amor com você esta noite, e o dia todo amanhã.

Ela correspondeu as carícias dele enquanto ele a guiava em direção a grande cama com os postes de ferro forjado que pareciam com as colunas do lado de fora do Escritório de Relações Culturais, a cama que pertencia ao Ministro da Cultura, junto com todo o resto nos magníficos aposentos.

Um dia, todo esse esplendor teria fornecido a ele grande prazer. Prazer com o que ele tinha realizado, com o que havia conquistado, e o quão longe havia chegado.

– Dalton, por favor não fique desapontado, mas Bertrand estará me esperando na tarde de amanhã.

Dalton balançou os ombros quando colocou-a gentilmente na cama.

– Bem, nós temos esta noite, e de manhã novamente.

– É mesmo? – ela sorriu. – É claro, querida. Esta noite, e de manhã. Oh, Dalton, estou tão feliz que você entende a respeito do Soberano precisar de mim.

– Mas eu entendo, querida. Você pode achar que isso soa estranho, mas, de certo modo, acho isso... excitante.

– Acha? – ela mostrou seu sorriso travesso. – Gosto da ideia disso. Você ficar excitado, quero dizer.

Ela observou enquanto ele abria seu manto e beijava os seios dela. Ele levantou a cabeça para respirar.

– Saber que o próprio Soberano escolhe minha esposa, minha linda Tess, e pela direta palavra do Criador, é o melhor elogio que um Ander leal poderia receber.

– Dalton, – ela disse, sem fôlego com os beijos e carícias dele. – nunca vi você desse jeito. – ela o puxou mais perto. – Eu gosto disso. Gosto muito. Venha aqui, deixe que eu mostre o quanto.

Antes de começar, ela recuou.

– Dalton, Bertrand também ficou feliz. Ele disse que gostou da sua atitude. Disse que achava isso excitante também.

– Todos precisamos que nosso Soberano nos guie para o futuro e traga para nós as palavras do Criador. Estou tão feliz que você possa ajudar a aliviar a tensão do Soberano nessa vida.

Agora ela estava ofegante.

– Sim, Dalton, eu posso. Realmente posso. É tão... eu não sei, tão maravilhoso ter uma vocação tão grandiosa.

– Porque não fala tudo sobre isso, querida, enquanto fazemos amor. Eu gostaria de ouvir tudo.

– Oh, Dalton, estou tão feliz.

* * *

Dalton permitiu a si mesmo tirar dois dias para recuperar-se depois de estar com Tess. Havia sido uma experiência que um dia ele teria considerado o ponto alto de sua existência. Um dia isso teria sido uma fonte de alegria.

Depois dessa experiência, porém, ele precisou privar-se de Tess durante vários dias para ficar em um estado de elevada necessidade que lhe permitiria levar adiante o passo seguinte.

O corredor estava deserto do lado de fora dos aposentos dela e escritórios. Bertrand estava na ala oposta, com Teresa, aliviando as tensões de sua alta posição. Dalton havia certificado-se que fosse

uma hora em que Teresa estava com Bertrand. Pensar nisso o ajudaria a focar no trabalho adiante.

Bertrand e sua esposa certificavam-se de raramente encontrarem um ao outro. Ter os seus aposentos em alas opostas ajudava.

Entretanto, às vezes ela o visitava. Os gritos durante as brigas deles eram legendários entre os criados. Uma vez Bertrand ostentou um corte sobre o olho. Geralmente ele conseguia se esquivar dos objetos que ela atirava nele, mas naquela ocasião ela o pegou desprevenido.

Por causa da popularidade de Hildemara, mas em maior parte por causa de suas perigosas conexões, Bertrand não ousava confrontar, contrariar, ou livrar-se da sua esposa. Ela o avisara que era melhor ele esperar que ela não morresse de uma repentina morte por causas naturais, ou quaisquer outras causas, ou a própria saúde dele também falharia repentinamente.

Foi uma ameaça que Bertrand levou a sério. Na maioria das vezes, ele simplesmente a evitava. Entretanto, houve algumas vezes em que seu gosto pelo risco fez com que fizesse comentários tolos ou de alguma outra forma a deixasse embaraçada, e então ela o procurava. Não importava onde ele estivesse, fosse em sua cama, seu banheiro, ou em uma reunião com patrocinadores ricos. Bertrand geralmente evitava problemas com ela tentando tomar cuidado, mas algumas vezes ele provocava sua ira.

Era um relacionamento que tinha funcionado nesse nível distanciado durante anos, e tinha gerado para eles uma filha com a qual nenhum deles se importava. Dalton só tinha visto ela recentemente quando eles a trouxeram de volta da escola interna para ficar ao lado deles em discursos em público condenando os horrores de um indiferente Lorde Rahl e da Madre Confessora.

Agora o Lorde Rahl tinha sido rejeitado pelo povo. Agora a Madre Confessora estava... bem, ele não tinha certeza do que aconteceu com ela, mas estava razoavelmente certo de que ela estava

morta. Isso havia custado a Dalton alguns homens bons, mas na guerra sempre aconteciam perdas. Ele os substituiria se houvesse necessidade.

Serin Rajak havia morrido também, uma terrível infecção que transformou seu rosto cego em uma massa pútrida, mas Dalton não podia afirmar que estava totalmente infeliz com aquilo. Os seguidores dele em luto reportaram que foi uma morte lenta e dolorosa. Não, Dalton não estava nem um pouquinho infeliz com aquilo.

A própria Hildemara abriu a porta. Uma boa visão, ele pensou. Ela estava usando um vestido mais revelador do que de costume. Outro bom sinal, ele esperava, uma vez que ela sabia que ele viria.

– Dalton, que gentil da sua parte pedir para fazer uma visita. Estive imaginando como você esteve seguindo adiante e pensei que o período para uma conversa já tinha passado faz muito tempo. Então, como você está, já que sua esposa esteve satisfazendo as necessidades de nosso Soberano?

Ele balançou os ombros.

– Acabei encontrando a minha maneira de lidar com isso.

Hildemara sorriu, um gato vendo um rato.

– Ah... e os presentes adoráveis?

– Obrigado por... eu posso entrar?

Ela abriu mais a porta. Ele entrou, olhando ao redor para a opulência sem rédeas. Ele nunca estivera nos aposentos do Soberano e de sua esposa.

É claro, sua própria esposa estava bastante familiarizada com eles, e tinha feito uma descrição deles, pelo menos, do de Bertrand, com grande detalhe.

– Você estava dizendo? Sobre me agradecer?

Dalton cruzou as mãos atrás das costas.

– Por abrir meus olhos. – ele fez um gesto para trás de si e sorriu. – E sua porta, devo adicionar.

Ela riu educadamente.

– Às vezes eu abro minha porta para homens bonitos. Às vezes eu considero isso uma... experiência recompensadora.

Ele aproximou-se e segurou a mão dela, beijando atrás dela enquanto olhava nos seus olhos. Achou isso um ato pateticamente planejado, mas ela respondeu como se acreditasse que foi sincero, e como se tivesse ficado bastante satisfeita com o sinal de respeito.

Dalton tinha estudado as atividades privadas dela. Isso exigiu cada favor devido a ele, bem como algumas ameaças diretas, e até mesmo uma nomeação considerável. Agora ele sabia do que ela gostava, e do que não gostava. Sabia que ela não gostava de amantes agressivos. Gostava deles no lado jovem, e atenciosos. Gostava de ser tratada com a mais alta reverência.

Gostava de ser bajulada.

Ele executou sua visita como um elaborado banquete, com cada prato em ordem, e montados de acordo com as atrações principais. Desse jeito, com um plano, achou mais fácil prosseguir.

– Minha Senhora, eu temo ser tão apressado com uma mulher da sua posição, mas eu devo ser honesto.

Ela foi até uma mesa incrustada com prata e ouro. De uma bandeja de prata, ela pegou uma garrafa de vidro lapidado e serviu para si mesma um copo de rum. Também serviu um para ele, sem perguntar, e entregou para ele com um sorriso.

– Por favor, Dalton. Nós temos uma longa história. Eu não gostaria de nada mais do que sua honestidade. Afinal de contas, eu fui honesta com você sobre a sua esposa.

– Sim, – ele disse. – você foi, não é mesmo?

Ela tomou um gole e então descansou um pulso sobre o ombro dele.

– E você ainda está triste por causa daquilo? Ou você passou a encarar as realidades da vida?

– Eu devo admitir, Hildemara, que eu estive... solitário, com a minha esposa tão... ocupada. Nunca esperei estar com uma esposa indisponível com tanta frequência.

Ela riu de modo simpático.

– Pobrezinho. Eu sei exatamente como você está se sentindo. Meu próprio marido está sempre tão ocupado.

Dalton virou para outro lado, como se estivesse embaraçado.

– Desde que minha esposa deixou de estar comprometida por nossos votos, descobri que eu tenho... desejos que ela é incapaz de satisfazer. Tenho vergonha em admitir, mas não tenho muita experiência nesse tipo de coisa. A maioria dos homens, eu acho, perceberia que esse tipo de atividade surge naturalmente para eles. Eu não.

Ela aproximou-se por trás dele, colocando a boca perto do ouvido dele.

– Continue, Dalton. Estou escutando. Não seja tímido, somos velhos amigos.

Ele virou para ficar cara-a-cara com ela, dando a ela uma chance para mostrar seu decote, algo que ela acreditava ser amplamente apreciado.

– Já que minha esposa não está mais comprometida pelos votos dela, sendo chamada pelo Soberano, não vejo porque eu deveria estar comprometido com os meus. Especialmente quando eu tenho... desejos.

– Bem, é claro que não.

– E uma vez você disse que eu deveria procurar você primeiro, se alguma coisa mudasse na condição dos meus votos. Bem, se você ainda estiver interessada, as coisas mudaram.

A resposta dela foi beijá-lo. Considerou isso menos repulsivo do que temia. Na verdade, fechando os olhos ele era capaz de gostar, depois de algum tempo.

Porém, ele ficou surpreso quando ela desviou imediatamente para o ponto mais avançado do encontro. Isso faria pouca diferença no resultado final. Se ela queria ir direto a esse estágio, por ele estava tudo bem.

CAPÍTULO 69



Esse era um lugar tão inóspito quanto Richard ouviu dizerem, as terras elevadas acima do Vale Nareef: uma fria desolação. O vento rugia em fortes rajadas. Seria típico de Joseph Ander escolher um lugar assim.

As montanhas que cercavam o lago morto estavam tão mortas quanto ele. Eram rochosas, marrons, e sem vida alguma, seus picos todos coroados com neve. Os milhares de túneis descendo as ladeiras cintilavam na luz do sol, como presas.

Nesse gélido terreno desolado destacava-se o verde das plantas Paka, que pareciam quase como nenúfares nas vastas águas que estendiam-se através do amplo regaço das montanhas ao redor.

Richard havia deixado cavalos mais abaixo e subido a estreita trilha conduzindo até o lago que ele encontrou. Prendeu os cavalos com cordas frouxas e removeu os arreios pois assim, se ele não voltasse, eles poderiam escapar eventualmente.

Somente uma coisa fazia ele seguir adiante, e isso era seu amor por Kahlan. Precisava banir as Notas para que pudesse curá-la. Esse era o seu único propósito na vida. Agora ele estava no solo estéril ao lado das águas venenosas, sabendo o que tinha de fazer. Precisava ser mais inteligente, superar Joseph Ander.

Não havia chave alguma para o enigma das Notas; não havia nenhuma “resposta”. Não havia solução alguma esperando para ser encontrada. Joseph Ander não deixou costuras em sua tapeçaria de magia.

A única chance dele era fazer o que Joseph Ander jamais teria esperado. Richard estudou bastante sobre o homem para entender a maneira como ele pensava. Sabia no que Ander acreditava, e o que ele esperava que o povo tentasse. Richard não podia fazer nenhuma dessas coisas e esperar ter sucesso. Richard faria aquilo que Joseph Ander desafiou os magos a fazerem, mas que eles não conseguiram enxergar.

Ele apenas esperava que tivesse a força para levar isso até o fim. Havia cavalgado arduamente durante o dia, trocando de cavalos para que eles conseguissem aguentar e ainda pudessem levá-lo de volta. Durante a noite ele caminhou levando eles até não conseguir mais.

Ele estava exausto, e esperava apenas conseguir aguentar o bastante. Tempo o bastante por Kahlan.

Da bolsa de couro trabalhada em ouro no cinto ele tirou areia de feiticeira branca. Com a areia, Richard começou a desenhar uma Graça cuidadosamente. Começando com os raios que representavam o Dom, ele a desenhou de maneira exatamente oposta que Zedd falou que ela deveria ser desenhada. Ficou no centro, colocando as linhas do Dom para dentro, em direção a ele mesmo.

Desenhou a estrela, representando o Criador, em seguida, e então o círculo da vida, e o quadrado para o Véu, e por último, o círculo externo para o início do Submundo.

Imaginação, Joseph Ander havia dito, era o que fazia um grande mago, pois somente um grande mago com imaginação era capaz de transcender os limites da tradição.

“Uma Graça pode elevar – se em obediência a um feitiço inventivo”. Richard pretendia fazer mais do que isso.

Do seu lugar dentro da Graça, Richard levantou os punhos para o céu.

– Reechani! Sentrosi! Vasi! Eu as invoco!

Ele sabia do que elas precisavam. Joseph Ander disse para ele.

– *Reechani! Sentrosi! Vasi!* Eu as invoco e ofereço a vocês minha alma!

A água ondulou enquanto o vento aumentou. A água moveu-se com deliberada intenção. O vento passando por cima da água explodiu em chamas.

Elas estavam chegando.

Richard, carregado de necessidade e com fúria, baixou os braços, apontando os punhos em direção à margem do lago, onde ele finalmente fluía sobre o lábio rochoso e descia para dentro do Vale Nareef. Todo o seu ser concentrado ali.

Através da sua necessidade e sua fúria, ele invocou o lado Subtrativo do seu poder, o lado das coisas mais sombrias, o lado do Submundo, das sombras na escuridão eterna do mundo dos mortos.

Raios negros explodiram, os disparos saindo dos seus punhos contorcendo em uma corda de aniquilação focada por sua necessidade, energizada por sua fúria.

A borda do lago da montanha irrompeu com violência. A rocha além desintegrou em um chuveiro de pó e cascalhos com o toque do raio negro. Em um instante, a parte inferior da margem do lago não existia mais. A força destrutiva da Magia Subtrativa vaporizou ela da existência.

Com um rugido trovejante, o lago começou a secar. A água agitou enquanto saltava por cima das bordas do lago. A margem espumou. As plantas Paka rodopiaram com a água, arrancadas do fundo do lago. O vasto lago de água envenenada mergulhou passando sobre a borda.

O fogo atravessando o lago, o vento sobre a água, e a própria água agitada reduziram a velocidade enquanto aproximavam-se. Essas eram a essência das Notas, a síntese que falava por elas.

– Venham até mim. – Richard comandou. – Eu ofereço a vocês minha alma.

Quando as Notas começaram a circular cada vez mais perto, Richard tirou algo mais da bolsa em seu cinto.

E então, ali no lago, enquanto ele esvaziava, deixando um fundo lamacento onde água envenenada recuava, surgiu um brilho no ar logo acima da água que caía. Alguma coisa começou a coalescer. Assumir forma no mundo dos vivos.

Ondulando no ar acima da superfície da água, uma figura começou a aparecer. Uma figura com manto. Um homem idoso formado por fumaça e luz cintilante. Uma figura mostrando dor.

Richard levantou os punhos novamente.

– *Reechani! Sentrosi! Vasi!* Venham até mim!

E elas vieram. Ao redor dele serpenteava a substância da morte. Era quase mais do que Richard podia suportar, em pé ali no centro de um redemoinho de morte. Era uma sensação abominável como ele jamais havia sentido.

As Notas chamavam por ele com sons sedutores de outro mundo. Richard deixou. Ele sorriu para os chamados delas. Deixou que elas viessem, essas ladras de almas.

E então levantou um braço para apontar.

– O seu mestre.

As Notas rugiram em volta dele com fúria. Elas reconheceram aquele que se erguia diante delas.

– Ali está ele, escravas. O seu mestre.

– Quem me chama! – surgiu um grito sobre a água.

– Richard Rahl, descendente de Alric. Eu sou aquele que veio para ser o seu mestre, Joseph Ander.

– Você me encontrou em meu santuário. Você é o primeiro. Eu o parabenizo.

– E eu o condeno, Joseph Ander, ao seu lugar no pós vida, para onde todos devem seguir quando seu tempo aqui estiver terminado.

Sons de risadas ecoaram sobre o lago.

– Me encontrar é uma coisa, me perturbar é outra. Mas dar ordens a mim é uma coisa completamente diferente. Você não tem o poder para começar a fazer algo assim. Não consegue ao menos imaginar o que eu posso criar.

– Ah, mas eu tenho. – Richard gritou sobre a água que caía. – Água, me escute. Ar, veja o que eu mostro. Fogo, sinta a verdade disso.

Ao redor dele, as três Notas viraram e giraram, suspeitando do que ele tinha para oferecer a elas.

Mais uma vez, Richard levantou a mão, apontando.

– Esse é o seu mestre, aquele que tomou posse de vocês para que cumpram as vontades dele, ao invés das suas. Ali está a alma dele, despida para vocês.

A preocupação dominou a expressão no rosto da forma de Joseph Ander.

– O que você está fazendo? O que acha que pode conseguir com isso?

– A verdade, Joseph Ander. Eu retiro de você a mentira de sua existência.

Richard levantou uma das mãos, abrindo-a em direção a Joseph Ander, abrindo a mão que guardava o equilíbrio, a areia de feiticeira negra. Richard deixou um raio negro estalar entre ele e o espírito de Joseph Ander.

– Ali está ele, *Reechani*. Escute ele. Ali está ele, *Vasi*. Veja ele. Ali está ele, *Sentrosi*, sinta ele através do meu toque.

Joseph Ander tentou lançar sua própria magia, mas havia confinado a si mesmo em outro mundo, um de sua própria criação. Ele não podia atravessar aquele vácuo. Mas Richard o tinha chamado, e podia alcançá-lo.

– Agora, minhas Notas, essa é a sua escolha. Minha alma, ou a dele. O homem que não entregaria sua alma ao pós vida. O homem que não iria até o seu mestre no Submundo, mas tornou-se o mestre

de vocês nesse mundo, onde ele as escravizou durante todo esse tempo.

– Ou minha alma, parada aqui, no centro dessa Graça, onde eu puxarei vocês até mim, e vocês servirão a mim nesse mundo como serviram a ele.

– Então, escolham: executar sua vingança; ou retornar para a escravidão.

– Ele mente! – o espírito de Ander gritou.

A tempestade de Notas ao redor de Richard fez a sua escolha. Elas viram a verdade que Richard tinha apresentado.

Elas moveram-se através da ponte que Richard havia criado, o vácuo no mundo dos vivos.

O mundo tremeu com a ferocidade daquilo.

Do outro lado daquela ponte, com um rugido de fúria que só podia vir do mundo dos mortos, elas agarraram a alma de Joseph Ander e o levaram junto com elas de volta para aquele mundo, o lugar de onde elas vieram. Elas o levaram para casa.

Em um instante que durou uma eternidade, o véu entre aqueles mundos estava aberto. Naquele instante, a morte e a vida tocaram-se.

No súbito silêncio que seguiu, Richard levantou as mãos diante de si. Ele parecia estar inteiro. Achou aquilo incrível.

A percepção daquilo que acabara de fazer lhe ocorreu. Havia criado magia. Havia corrigido o que Joseph Ander incorretamente havia corrompido.

Agora precisava voltar para Kahlan, se ela ainda estivesse viva. Fez um esforço para banir aquele pensamento. Kahlan tinha que estar viva.

* * *

Com um suspiro, Zedd abriu os olhos. Estava escuro. Ele tateou e encontrou paredes de rocha. Ele cambaleou adiante, em direção à luz. Em direção ao som.

Percebeu que estava de volta ao seu corpo. Não estava mais no corvo. Não entendeu como aquilo era possível.

Porém, isso era real. Olhou para as mãos dele. Não penas, mãos. Tinha sua alma de volta.

Caiu de joelhos, chorando de alívio. Perder sua alma foi além do que ele havia esperado. E tinha esperado o pior.

Sem a sua alma, ele foi capaz de habitar no corvo. Ficou um pouco animado. Aquela foi uma experiência que ele nunca teve. Nenhum mago jamais teve sucesso em projetar a si mesmo dentro de um animal. E pensar que isso exigiu apenas entregar sua alma.

Decidiu que uma vez era o bastante.

Caminhou em direção à luz, em direção ao rugido da água. Lembrou onde estava. Chegando até a margem, mergulhou dentro do lago e nadou até a terra distante.

Zedd puxou o corpo para fora no banco de terra. Sem pensar, ele passou uma das mãos no manto para secar a roupa.

E então percebeu que seu poder estava de volta. Sua força, seu Dom estava de volta.

Com o som, ele levantou os olhos. *Spider* encostou o focinho nele.

Sorrindo, Zedd acariciou o macio, amigável, focinho.

– *Spider*, garota. É bom vê-la, minha amiga. É bom vê-la.

Spider bufou mostrando seu prazer também.

Zedd achou a sela e o resto dos arreios onde ele havia deixado. Apenas pelo prazer daquilo, ele fez com que o cobertor e a sela flutuarem até o dorso de *Spider*. *Spider* achou isso interessante. *Spider* era uma boa garota, e um bom cavalo.

Zedd virou ao ouvir um som vindo de cima. Algo estava descendo a montanha. Água. O Lago, por alguma razão, havia

derramado. Todo ele estava descendo.

Zedd saltou sobre *Spider*.

– Está na hora de cair fora daqui, garota.

Spider obedeceu.

* * *

Dalton tinha acabado de voltar ao seu escritório quando ouviu alguém entrar atrás dele. Era Stein. Quando o homem virou para fechar a porta, Dalton olhou para a ponta da capa de Stein, e viu o escalpo que ele tinha adicionado.

Dalton foi até a mesa lateral e serviu para si um copo com água. Estava sentindo-se quente e um pouco tonto.

Bem, isso era esperado.

– O que você quer, Stein?

– Apenas uma visita social.

– Ah. – Dalton falou. Ele tomou um gole.

– Belo escritório novo você conseguiu.

Ele era belo. Tudo era do melhor. A única coisa do seu antigo escritório era o suporte em forma de pergaminho prateado ao lado da escrivaninha. Ele gostava do suporte de espada, e trouxe ele. Como se tivesse lembrado disso, tocou no cabo da espada no suporte.

– Bem, – Stein completou. – você mereceu. Não há dúvida nisso. Fez muito bem para você mesmo. Muito bem para você mesmo e para sua esposa.

Dalton fez um gesto. – Nova espada, Stein? Um pouco refinada demais para o seu gosto, eu diria.

O homem pareceu contente que Dalton tivesse notado sua arma.

– Essa aqui, – ele disse, erguendo-a com um dedão pela guarda algumas polegadas fora da bainha. – é a Espada da Verdade. A verdadeira espada carregada pelo *Seeker*.

Dalton achou inquietante que um homem como Stein tivesse aquilo.

– E o que você está fazendo com ela?

– Um dos meus homens trouxe para mim. Também deu bastante trabalho.

– Verdade? – Dalton perguntou, fingindo interesse.

– Eles capturaram uma Mord-Sith quando conseguiram a espada para mim. A verdadeira Espada da Verdade, e uma verdadeira Mord-Sith. Imagine só isso.

– Um grande feito. O Imperador ficará feliz.

– Ele ficará quando eu presenteá-lo com a espada. Ele também está feliz com as notícias que você envia. Ter derrotado Lorde Rahl de maneira tão ressoante é uma grande realização. Não vai demorar muito até nossas forças estarem aqui, e nós capturarmos ele. E a Madre Confessora, você já encontrou ela?

– Não. – Dalton tomou outro gole de água. – Mas com a contribuição do feitiço de Irmã Penthea, não vejo como ela pode ter uma chance. Pela aparência dos punhos dos meus homens, eles fizeram seu trabalho. – ele fez uma pausa, baixou os olhos. – Pelo menos, até que alguém os pegou e matou.

– Não, esse é um encontro ao qual a Madre Confessora não sobreviverá. Se ela ainda estiver viva, ouvirei notícia sobre isso em breve. Se ela estiver morta, – ele balançou os ombros. – então talvez nunca encontremos o corpo.

Dalton encostou contra a escrivaninha.

– Quando Jagang estará aqui?

– Não vai demorar. Uma semana, talvez. Uma guarda avançada, talvez mais cedo. Ele está ansioso para montar residência em sua bela cidade.

Dalton coçou a testa. Tinha coisas a fazer. Não que qualquer uma delas realmente importasse.

– Bem, estarei por perto, se precisar de mim. – Stein falou. Ele virou para trás quando estava na porta. – Oh, e Dalton, Bertrand disse que você foi mais do que compreensivo a respeito da sua esposa e ele.

Dalton balançou os ombros.

– Porque não? Ela é apenas uma mulher. Posso estalar meus dedos e conseguir uma dúzia. Dificilmente isso é uma coisa sobre a qual eu deveria ser possessivo.

Stein pareceu genuinamente satisfeito.

– Fico feliz em ver que você deu a volta por cima. A Ordem será boa para você. Não temos atitudes possessivas sobre as mulheres.

Dalton estava tentando pensar em lugares onde a Madre Confessora poderia ter buscado abrigo.

– Bem, então eu vou adorar a Ordem. Eu não me apego muito a essas noções.

Stein coçou sua barba rala.

– Estou contente em saber que você considera a coisa assim, Dalton. Sendo assim, eu gostaria de parabenizá-lo pela sua escolha de uma prostituta como esposa.

Dalton, virando para olhar por cima de papéis, ficou ereto.

– Sinto muito, o que você disse?

– Oh, Bertrand, ele a empresta para mim de vez em quando. Ele estava se gabando dela, e queria que eu experimentasse. Ele disse a ela que o Criador queria que ela me agradasse. Eu só queria dizer isso para você, ela é bastante fogaosa mesmo.

Stein virou em direção à porta.

– Tem mais uma coisa. – Dalton disse.

– O que foi? – ele perguntou, virando para trás.

Dalton moveu a ponta de sua espada assoviando e cortou a barriga de Stein logo abaixo do cinto de armas dele. Ele fez o corte superficial, para não cortar tudo, apenas profundo o bastante para que as tripas do homem pulassem aos seus pés na frente dele.

Stein gemeu, em choque, sua mandíbula frouxa, seus olhos arregalados enquanto olhava para baixo. Olhou para Dalton quando estava caindo de joelhos. O gemido transformou-se em grunhidos ofegantes.

– Sabe de uma coisa, – Dalton falou. – no final das contas, eu realmente sou do tipo possessivo. Agradeça aos bons espíritos que o seu fim foi rápido.

Stein caiu de lado. Dalton deu um passo por cima dele, ficando por trás de suas costas.

– Mas só porque isso é rápido, não quero que sinta que está perdendo alguma coisa, ou que eu estou negligenciando você de algum modo.

Dalton agarrou o cabelo gorduroso de Stein em uma das mãos. Cortou com a espada na parte de cima da testa de Stein, colocou uma bota nas costas do homem, e arrancou o escalpo dele.

Ele deu a volta e mostrou para o homem que gritava.

– A propósito, isso foi por Franca. Só queria que você soubesse.

Enquanto Stein jazia no chão, suas vísceras espalhadas, a cabeça sangrando abundantemente, Dalton caminhou até a porta casualmente e abriu-a, contente que o novo assistente não tivesse aberto a porta sem permissão independente de toda a gritaria.

– Phil, você e Gregory entrem aqui.

– Sim, Ministro Campbell?

– Phil, o Stein aqui está fazendo uma sujeira no meu escritório. Por favor, ajudem ele a sair.

– Sim, Ministro Campbell.

– E eu não quero que ele estrague os tapetes. – Dalton, quando pegava alguns papéis da sua escrivaninha, olhou para o homem que gritava. – Levem ele até ali e joguem pela janela.

CAPÍTULO 70



Richard entrou correndo pela porta da frente. Viu pessoas ali, mas seguiu direto para Kahlan.

Jiaan agarrou o braço dele.

– Richard, espere.

– O quê? O que foi? Como ela está?

– Ela ainda está viva. Conseguiu passar pelo momento crítico.

Richard quase desabou de alívio. Sentiu lágrimas descenderem pelo rosto, mas manteve o controle. Estava tão cansado que tinha dificuldade de fazer as coisas mais simples. Não conseguiu girar a maçaneta para abrir a porta, e também não conseguiu parar.

– Agora posso curá-la. Meu poder voltou.

Richard virou para o corredor. Jiaan agarrou seu braço outra vez.

– Eu sei. Du Chaillu também tem o poder dela de volta. Você deve falar com ela primeiro.

– Falarei com ela depois. Preciso curar Kahlan antes de qualquer outra coisa.

– Não! – Jiaan gritou no rosto de Richard.

Isso o surpreendeu tanto que ele parou.

– Porquê? Qual é o problema?

– Du Chaillu disse que agora ela sabe porque veio até você. Du Chaillu disse que não devemos permitir que você toque em Kahlan antes de falar com ela primeiro. Ela me fez prometer que usaria

minha espada contra você antes de deixar que chegue perto de Kahlan.

– Por favor, Caharin, não me obrigue a fazer isso. Eu imploro.

Richard deu um suspiro e tentou se acalmar.

– Está certo. Se é tão importante, então onde está Du Chaillu?

Jiaan conduziu Richard pelo corredor até uma porta perto do quarto onde Kahlan estava. Richard olhou durante algum tempo para a porta de Kahlan, mas então seguiu Jiaan e foi até a outra porta.

Du Chaillu estava sentada em uma cadeira segurando um bebê. Ela sorriu para Richard. Ele ajoelhou diante dela e olhou para a trouxa que dormia nos braços dela.

– Du Chaillu, – ele falou em um sussurro. – isso é maravilhoso.

– Você tem uma filha, marido.

Com todas as coisas na cabeça de Richard, discutir com Du Chaillu sobre a paternidade da criança estava em último lugar.

– Dei para ela o nome Cara, em honra daquela que salvou nossas vidas.

Richard assentiu. – Cara ficará contente, tenho certeza.

Du Chaillu colocou uma das mãos no ombro dele.

– Richard, você está bem? Está com aparência como se tivesse visitado a terra dos mortos.

Ele sorriu levemente.

– De certo modo, eu visitei. Jiaan disse que o seu Dom voltou.

Ela assentiu.

– Sim. E você deve acreditar nisso. Meu Dom é sentir um feitiço e silenciar ele.

– Du Chaillu, preciso curar Kahlan.

– Não, você não deve.

Richard passou os dedos no cabelo.

– Du Chaillu, eu sei que você quer ajudar, mas isso é loucura.

Ela agarrou a camisa dele.

– Me escute, Richard. Eu vim até você por uma razão. Essa é a razão, agora eu sei. Eu vim para salvar você da dor de perder Kahlan. Tem magia dentro dela que é uma armadilha. Se tocar nela com sua magia, para curar, isso vai ativar a magia e matar ela. Foi uma maneira de garantir que eles a matariam.

Richard, tentando permanecer calmo, lambeu os lábios.

– Mas você tem o poder de anular feitiços. Quando nos encontramos pela primeira vez, Irmã Verna disse isso para mim. Du Chaillu, você pode anular esse feitiço e então eu posso curá-la.

Du Chaillu manteve o olhar dele concentrado no dela. – Não. Me escute. Você não está escutando como isso é. Está escutando apenas o que você quer que seja. Escute o que isso é.

– Esse feitiço é o tipo de magia que eu não posso tocar com a minha. Não posso fazer ele desaparecer, como outra magia. Isso está dentro dela como uma linha em um anzol. A sua magia que cura vai puxar ela, e você a matará. Está me ouvindo, Richard? Se tocar nela com sua magia vai matar ela.

Richard pressionou uma das mãos na testa. – Então o que vamos fazer?

– Ela ainda está viva. Se ela viveu todo esse tempo, ainda tem uma boa chance. Você deve cuidar dela. Ela deve se recuperar sem magia. Assim que ela melhorar, o feitiço vai desaparecer, do mesmo jeito como um anzol é arrancado de um peixe. Antes que ela fique boa, ele vai desaparecer, mas ela ficará bem o bastante para que a sua magia não seja necessária.

Richard assentiu.

– Está certo. Obrigado, Du Chaillu. Eu falo sério. Obrigado por... por tudo.

Ela o abraçou mesmo com o bebê entre eles.

– Mas temos que cair fora daqui. A Ordem estará aqui a qualquer momento. Temos que sair de Anderith.

– O homem, Edwin, ele é um bom homem. Ele consertou uma carroça para que você leve Kahlan.

– Como ela está? Ela está acordada?

– Acorda e desmaia. Nós alimentamos ela um pouco, fizemos ela beber, demos para ela as ervas e remédios que foi possível. Richard, ela está muito ferida, mas está viva. Mas acho que ela vai ficar boa de novo. Realmente acredito nisso.

Du Chaillu levantou, levando seu novo bebê com ela, e levou Richard até o quarto seguinte. Richard estava exausto, mas seu coração batia tão forte que sentiu-se bem acordado novamente. Porém, estava sentindo-se tão impotente que deixou Du Chaillu conduzi-lo.

As cortinas estavam fechadas, e o quarto estava pouco iluminado. Kahlan estava deitada sobre as costas, com a maior parte do corpo coberto com cobertores.

Richard olhou para o rosto que conhecia tão bem mas não reconheceu. A visão tirou o seu fôlego. Teve que se esforçar para ficar em pé. Também se esforçou para conter as lágrimas.

Ela estava inconsciente. Ele segurou a mão mole dela gentilmente, mas não houve resposta.

Du Chaillu deu a volta até o outro lado da cama.

Richard fez um gesto. Du Chaillu entendeu, e sorriu com a ideia. Colocou suavemente o pequeno bebê Cara no espaço entre o braço dobrado de Kahlan. O bebê, ainda dormindo, encostou o nariz no braço de Kahlan.

Kahlan moveu-se. Sua mão curvou parcialmente sobre o bebê, e um leve sorriso surgiu em seus lábios.

O sorriso foi a primeira coisa que Richard reconheceu como Kahlan.

Do lado de fora, assim que eles colocaram Kahlan na carruagem especial que Edwin havia convertido, eles a retiraram da cocheira, para dentro da luz do sol da manhã. Um homem chamado Linscott,

que uma vez foi um Diretor e ainda era amigo de Edwin, tinha ajudado a fazer a cobertura da carruagem, e alterar a suspensão para que ela seguisse mais suavemente.

Linscott e Edwin eram parte de um grupo que estivera resistindo ao governo corrupto em Anderith. Sem sucesso, no final das contas. Agora, com o aviso de Richard, eles partiriam. Não havia muitos, mas algumas pessoas escapariam.

Ao lado da casa, na sombra de uma cerejeira, Dalton Campbell estava esperando por eles.

Imediatamente Richard ficou tenso, preparado para a batalha. Dalton Campbell, porém, não parecia estar com qualquer vontade de lutar.

– Lorde Rahl, eu vim até aqui para ver você e a Madre Confessora partirem.

Richard olhou para os rostos assustados dos outros. Eles pareciam tão surpresos quanto Richard.

– E como você sabia que estávamos aqui?

O homem sorriu.

– É isso que eu faço, Lorde Rahl. É o meu trabalho saber coisas. Pelo menos, era.

Linscott estava parecendo como se estivesse prestes a pular na garganta do homem. Edwin também parecia pronto para buscar sangue.

Dalton não parecia estar preocupado. Richard fez um sinal com a cabeça, e Jiaan e Du Chaillu fizeram todos recuarem. Com o resto dos Mestres da Lâmina ali perto, nenhum deles parecia preocupado demais a respeito desse homem sozinho.

– Posso dizer, Lorde Rahl, que em outra época, em outro lugar, acho que poderíamos ter sido amigos.

– Eu não acho. – Richard falou.

O homem balançou os ombros.

– Talvez não. – Ele tirou um cobertor dobrado que estava embaixo do braço. – Eu trouxe isso, caso você precise de outro para manter sua esposa aquecida.

Richard estava confuso com o homem, e com o que ele poderia querer. Dalton colocou o cobertor na carruagem. Richard percebeu que Dalton poderia ter causado muitos problemas se ele desejasse, então não era isso que ele pretendia.

– Eu só queria desejar a vocês boa sorte. Espero que a Madre Confessora fique bem, logo. Midlands precisa dela. Ela é uma boa mulher. Sinto muito por tentar matá-la.

– O que você disse?

Ele olhou nos olhos de Richard.

– Fui eu quem enviou aqueles homens. Se você conseguir a sua magia de volta, Lorde Rahl, por favor não tente curá-la com ela. Uma Irmã do Escuro fez um feitiço para matá-la com o lado escuro da magia, se tentarem usar a cura naquilo que foi feito com ela. Você deve permitir que ela melhore por si mesma.

Richard pensou que deveria matar o homem, mas por alguma razão, estava apenas parado ali, olhando para ele enquanto ele confessava.

– Se você quiser me matar, por favor, sintá-se à vontade. Eu realmente não me importo.

– O que você quer dizer?

– Você tem uma esposa que o ama. Cuide bem dela.

– E a sua esposa?

Dalton encolheu os ombros.

– Ah, bem, eu temo que ela não sobreviva.

Richard fez uma careta.

– Do que você está falando?

– Tem uma doença horrível espalhando-se entre as prostitutas em Fairfield. De algum modo, minha esposa, o Soberano, a esposa

dele, e eu, fomos contaminados. Nós já estamos ficando doentes. Muita falta de sorte. É uma morte bastante desagradável, ouvi dizer.

– O pobre Soberano está chorando inconsolável. Considerando que essa era a coisa que ele mais temia, poderíamos imaginar que ele seria mais cuidadoso ao escolher suas companheiras.

– Também ouvi dizer que a *Dominie Dirtch*, caiu aos pedaços. Todo nosso trabalho parece estar sendo desfeito. Acredito que o Imperador Jagang, quando chegar, ficará muito desapontado.

– Podemos esperar que sim. – Richard disse.

Dalton sorriu.

– Bem, eu tenho coisas a fazer, a não ser, é claro, que você queira me matar.

Richard sorriu para o homem.

– Uma sábia mulher disse para mim que o povo é o cúmplice da tirania por sua própria vontade. Eles tornam possível a existência de pessoas como você.

– Farei a pior coisa que eu poderia fazer com você e seu povo, aquilo que meu avô teria feito com vocês.

– Deixarei todos vocês sofrerem as consequências das suas próprias ações.

* * *

Ann estava com tanta câimbra que temia ficar assim pelo resto da vida, nunca mais andar. A caixa na qual ela estava balançava bastante na carroça enquanto ela chacoalhava sobre as pedras do pavimento, aumentando o sofrimento de Ann. Ela sentia como se alguém a tivesse espancado com um porrete.

Se não a soltassem em breve, tinha certeza que enlouqueceria.

Como que em resposta para suas orações, a carroça finalmente reduziu a velocidade, e então parou. Ann relaxou com abençoado alívio.

Estava quase chorando com a dor de bater nos lados e no fundo, estando incapaz de usar as mãos e os pés para ter apoio.

Ouviu o ferrolho sendo movido, e então a tampa abriu, deixando o ar frio da noite entrar. Ann encheu os pulmões agradecida, saboreando aquilo como um doce perfume.

A frente da caixa desceu sobre o piso da carroça. Irmã Alessandra estava parada ali, olhando para dentro.

Ann espiou ao redor, mas não viu mais ninguém. Estavam em uma estreita rua lateral que parecia deserta, em maior parte. Uma velha passou caminhando, mas nem ao menos olhou naquela direção.

Ann franziu a testa. – Alessandra, o que está acontecendo?

Irmã Alessandra juntou as mãos em uma posição de oração.

– Prelada, por favor, eu quero retornar para a Luz.

Ann piscou.

– Onde estamos?

– Na cidade para a qual o Imperador estava viajando. Ela é chamada de Fairfield. Encorajei o seu cocheiro a permitir que eu assumisse o controle da carroça.

– Encorajou ele? Como?

– Com um porrete.

As sobrelhas de Ann levantaram.

– Entendo.

– E então, eu sou tão ruim com direções, nós nos separamos do resto da fila e, bem, acho que estamos perdidas.

– Que má sorte a nossa.

– Acho que isso faz com que eu procure alguma das tropas de Jagang e me entregue, ou que eu volte para a Luz.

– Alessandra, você está falando sério?

A mulher parecia pronta para explodir em lágrimas. A brincadeira tinha acabado.

– Por favor, Prelada, me ajude?

– Alessandra, você não precisa de mim. O caminho para a Luz é através do seu próprio coração.

Irmã Alessandra ajoelhou atrás da carroça enquanto Ann ainda continuava sentada em sua caixa, suas mãos e seus pés acorrentados.

– Por favor, querido Criador. – Alessandra começou.

Ann escutou enquanto a mulher abria seu coração. No final, ela beijou o dedo anelar. Ann prendeu a respiração, esperando que um raio derrubasse Alessandra morta por trair o Guardião do Submundo.

Nada aconteceu. Alessandra sorriu para Ann.

– Prelada, eu posso sentir. Eu posso...

Suas palavras foram cortadas com um som sufocando. Seus olhos ficaram arregalados.

Ann rastejou até ela.

– Alessandra! É Jagang? É Jagang em sua mente?

Alessandra assentiu do melhor jeito que podia.

– Jure lealdade a Richard! Jure em seu coração! É a única coisa que afasta o Andarilho dos Sonhos da sua mente!

Caindo no chão, Irmã Alessandra contorceu em convulsões de dor, ao mesmo tempo murmurando palavras que Ann não conseguia entender.

Finalmente, a mulher ficou mole, ofegando com alívio. Ela sentou e olhou para dentro da carroça.

– Funcionou! Prelada, funcionou. – ela colocou as mãos na cabeça. – Jagang desapareceu da minha mente. Oh, louvado seja o Criador. Louvado seja o Criador.

– Que tal tirar essas coisas de mim, e fazer as orações mais tarde?

Irmã Alessandra foi ajudá-la rapidamente. Pouco tempo depois, Ann estava sem as algemas, e tinha sido curada. Pela primeira vez no que pareciam anos, ela podia tocar novamente seu próprio Dom.

As duas desataram os cavalos e os selaram com arreios que estavam na carroça. Faziam anos que Ann não sentia-se tão feliz. Elas queriam fugir para bem longe do exército da Ordem Imperial.

Quando seguiam seu caminho cruzando a cidade, seguindo para o Norte, chegaram até uma praça cheia com milhares de pessoas todas carregando velas.

Ann curvou-se sobre o cavalo para perguntar a uma das jovens o que estava acontecendo.

– É uma vigília com luz de velas pela paz. – e mulher disse.

Ann ficou chocada.

– O quê?

– Uma vigília com luz de velas pela paz. Nós todos estamos nos reunindo para mostrar aos soldados que estão vindo até a cidade um caminho melhor, para mostrar a eles que o povo insistirá na paz.

Ann mostrou uma expressão de raiva.

– Se eu fosse você, correria para me esconder em algum buraco, porque esse homens não acreditam na paz.

A mulher esboçou um sorriso triste.

– Quando eles nos virem todos reunidos aqui pela paz, verão que somos uma força poderosa demais para vencerem com raiva e ódio.

Quando a jovem marchou para dentro da praça, Ann agarrou a manga de Irmã Alessandra.

– Vamos sair logo daqui. Esse vai ser um campo de matança.

– Mas Prelada, essas pessoas estão em perigo. Você sabe o que os soldados da Ordem farão. As mulheres... sabe o que eles farão com as mulheres. E qualquer homem que resistir será assassinado.

Ann assentiu. – Suponho que sim. Mas não há nada que possamos fazer a respeito. Eles terão paz. Os mortos terão paz. Os vivos também terão paz, como escravos.

Elas conseguiram sair da praça na hora certa. Quando os soldados chegaram, foi pior do que Ann tinha previsto. Gritos de

pânico, então terror, e então dor escaparam da multidão encurralada. Os gritos de homens e crianças cessavam de forma relativamente rápida. Os gritos das garotas mais velhas e mulheres tinham apenas começado.

Quando finalmente elas alcançaram o campo, Ann perguntou.

– Eu falei para você que nós precisávamos eliminar as Irmãs da Luz que não fugiriam. Fez o que você sabia que eu desejava, antes de escapar comigo, Irmã?

Irmã Alessandra ficou olhando para frente enquanto cavalgava.

– Não, Prelada.

– Alessandra, você sabia que isso tinha que ser feito.

– Quero voltar para a Luz do Criador. Não poderia destruir a vida que ele criou.

– E não destruindo aquelas poucas, muitas mais poderiam morrer. Uma Irmã do Escuro iria querer isso. Como posso confiar que está dizendo a verdade para mim?

– Porque não matei as Irmãs. Se ainda fosse uma Irmã do Escuro eu teria feito isso. Estou dizendo a verdade.

Seria maravilhoso se Alessandra tivesse retornado para a Luz. Isso nunca aconteceu antes. Alessandra poderia ser uma valiosa fonte de informações.

– Ou isso mostra que você está mentindo, e ainda tem o juramento com o Guardião.

– Prelada, ajudei você a escapar. Porque você não acreditaria em mim?

Ann olhou para a mulher enquanto elas cavalgavam em direção às terras selvagens, em direção ao desconhecido.

– Jamais posso confiar realmente em você, Alessandra, não depois das mentiras que você falou. Essa é a maldição de mentir, Irmã. Uma vez que colocou a coroa do mentiroso sobre a sua cabeça, você pode retirá-la novamente, mas ela deixa uma marca para sempre.

* * *

Richard virou quando ouviu o cavalo aproximando-se por trás. Checou Kahlan, que estava deitada dentro da carruagem, enquanto ele caminhava ao lado dela. Ela estava dormindo, ou possivelmente inconsciente. Pelo menos agora ele conseguia reconhecer um pouco do rosto dela.

Richard olhou outra vez quando o cavalo estava mais perto, e viu uma pessoa de vermelho. Cara trotou aproximando o cavalo e então desmontou. Segurou as rédeas e caminhou ao lado dele. Ela estava mancando.

– Lorde Rahl, levei muito tempo para alcançar você. Para onde você vai?

– Casa.

– Casa?

– Isso mesmo, casa.

Cara olhou para a estrada.

– Onde fica “casa”?

– Hartland. Talvez a oeste, nas montanhas. Tem alguns lugares bonitos lá, lugares aonde sempre quis levar Kahlan.

Ela pareceu aceitar isso e caminhou silenciosamente ao lado dele durante algum tempo, conduzindo seu cavalo que vinha logo atrás.

– Lorde Rahl, e quanto a todo o resto? D’Hara. Midlands. Todos os povos.

– O que tem eles?

– Bem, eles estarão esperando por você.

– Eles não precisam de mim. Eu desisto.

– Lorde Rahl, como pode dizer uma coisa assim?

– Violen todas as Regras do Mago que conheço. Eu...

Ele deixou aquilo de lado. Não se importava.

– Onde está Du Chaillu? – Cara perguntou.

– Mandei ela para casa, para o povo dela. A conversa dela conosco estava acabada. – Richard olhou para ela. – Ela teve o bebê. Um linda garotinha. Deu a ela o nome de Cara, como o seu.

Cara sorriu.

– Então fico feliz que ela não era feia. Alguns bebês são feios, você sabe.

– Bem, essa era linda.

– Ela parecia com você, Lorde Rahl?

Richard fez uma careta para ela.

– Não.

Cara espiou dentro da carruagem. A trança loura dela escorregou para frente por cima do ombro.

– O que aconteceu com a Madre Confessora?

– Ela quase foi morta.

Cara não falou nada.

– Ouvi dizer que você foi capturada. Você está bem? – ele perguntou.

Cara jogou a trança para trás, por cima do ombro.

– Eles eram tolos. Não pegaram meu Agiel. Quando você consertou a magia, fiz com que todos eles amaldiçoassem suas mães por terem ao menos conhecido os pais deles.

Richard sorriu. Essa era a Cara que ele conhecia.

– E então matei eles. – ela completou.

Mostrou a parte superior de uma garrafa negra quebrada. Ainda tinha a rolha com filigrana dourado.

– Lorde Rahl, eu falhei. Não trouxe a sua espada. Mas... mas consegui quebrar a garrafa negra da Fortaleza do Mago com a espada, pelo menos. – ela parou, seus olhos azuis cheios de lágrimas. – Lorde Rahl, sinto muito. Eu falhei. Eu tentei o melhor que pude, eu juro, mas eu falhei.

Então Richard parou. Colocou os braços em volta dela.

– Não, você não falhou, Cara. Por você ter quebrado aquela garrafa com a espada, nós conseguimos fazer com que a magia voltasse ao normal.

– Verdade?

Ele assentiu enquanto olhava nos olhos dela.

– Verdade. Você fez muito bem, Cara, estou orgulhosa de você.

Eles começaram a andar novamente.

– Então, Lo rde Rahl, qual é a distância até a “casa”?

Ele pensou durante alguns minutos.

– Acho que Kahlan é minha família, então isso transforma em casa qualquer lugar onde nós estamos. Enquanto eu estiver com Kahlan, estou em casa.

– Cara, acabou. Agora você pode ir para casa. Eu libero você.

Ela parou. Richard continuou andando.

– Mas eu não tenho família. Todos eles estão mortos.

Ele olhou para ela, parada lá atrás na estrada, parecendo mais miserável do que qualquer coisa que já tinha visto. Richard voltou, colocou um braço em volta dos ombros dela, e começou a caminhar junto com ela.

– Nós somos a sua família, Cara, Kahlan e eu. Nós amamos você. Então acho que deveria vir conosco.

Isso pareceu satisfazê-la.

– Haverá pessoas que precisam ser mortas nesse lugar que você chama de “casa”?

Richard sorriu.

– Acho que não.

– Então porque nós iríamos querer ir para lá?

Quando ele apenas sorriu, ela falou.

– Pensei que você queria conquistar o mundo. Estava ansiosa que você fosse um tirano. Eu digo que você deveria fazer isso. A Madre Confessora concordaria comigo. Isso significa duas contra um. Nós ganhamos.

– O mundo não me aceitou. Eles fizeram uma votação e disseram “não”.

– Uma votação! Esse foi o seu problema.

– Não farei isso de novo.

Cara mancou ao lado dele durante algum tempo e então disse.

– Eles encontrarão você, sabe disso. Os D’Harans estão ligados a você. Você é Lorde Rahl. Todos encontrarão você.

– Talvez. Talvez não.

– Richard? – surgiu uma voz fraca.

Ele parou os cavalos e foi para o lado da carruagem. Kahlan estava acordada. Ele segurou a mão dela.

– Quem é? – ela perguntou.

Cara inclinou o corpo para dentro.

– Sou eu. Tive que voltar. Está vendo o tipo de problema em que vocês se metem quando não estou tomando conta de vocês?

Kahlan mostrou um leve sorriso. Soltou a mão de Richard e segurou a de Cara.

– Fico feliz que você está em casa. – Kahlan sussurrou.

– Lorde Rahl disse que eu salvei a magia. Consegue imaginar isso? No que estava pensando? Tive a chance de ficar livre da magia, e ao invés disso eu a salvei.

Kahlan sorriu outra vez.

– Como você está se sentindo? – Richard perguntou.

– Horrível.

– Você não parece tão ruim. – Cara disse para ela. – Eu já estive muito pior.

Richard acariciou a mão de Kahlan gentilmente.

– Você vai melhorar. Eu prometo. E magos sempre cumprem suas promessas.

– Frio. – ela disse. Seus dentes estavam começando a bater.

Richard viu o cobertor que Dalton Campbell tinha colocado no lado da carruagem e puxou-o para perto.

A Espada da Verdade caiu do cobertor. Ele ficou parado, olhando para ela.

– Acho que a espada também voltou para casa. – Cara disse.

– Acho que voltou.

Fim